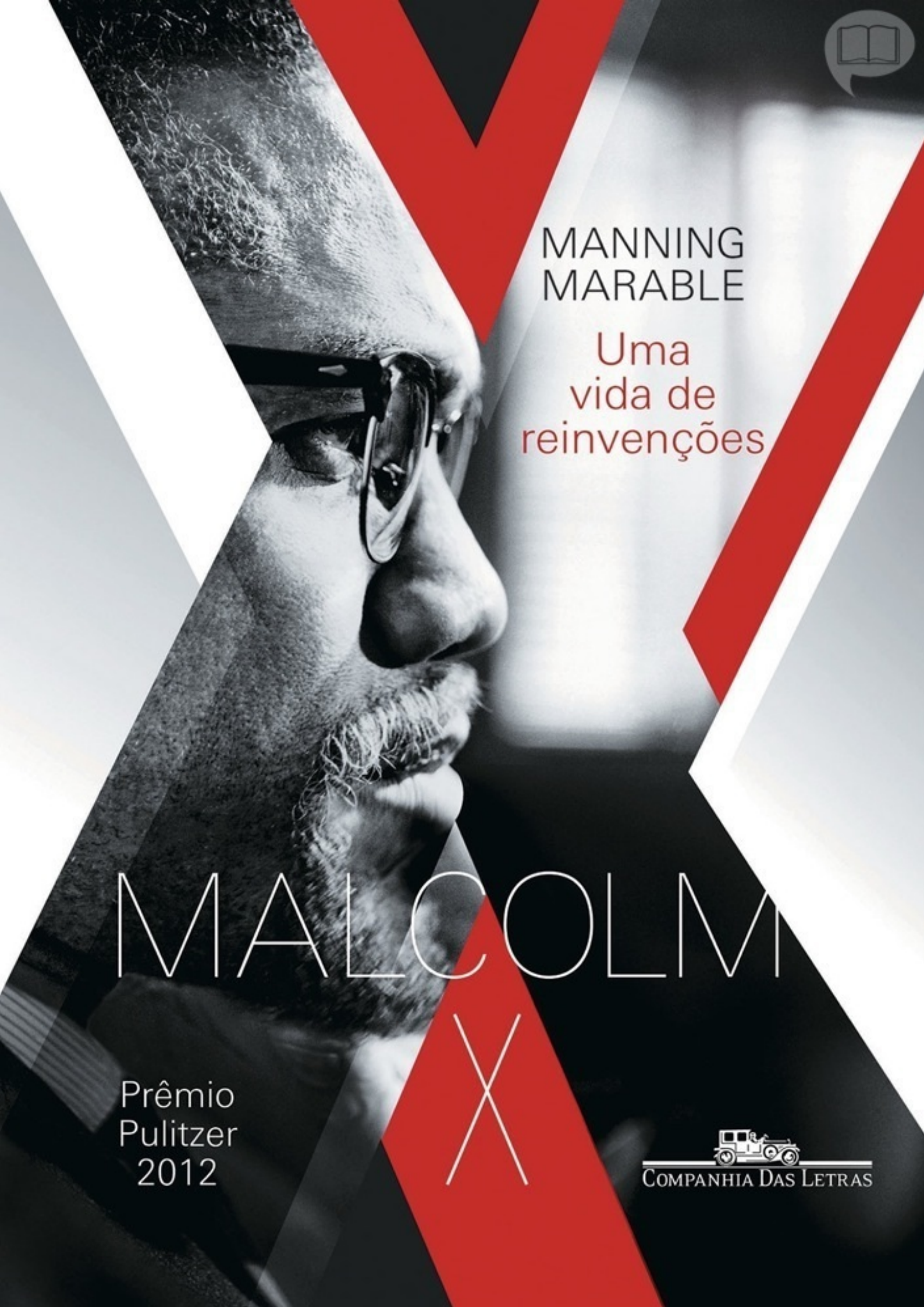


MANNING MARABLE

Uma vida de reinvenções

MALCOLM X

Prêmio Pulitzer 2012

COMPANHIA DAS LETRAS

Numerosas personagens compõem as metamorfoses sofridas por Malcolm Little, o franzino filho de uma família de negros pobres nascido numa pequena cidade do Centro-Oeste americano, até sua conversão decisiva em Malcolm X, o religioso muçulmano e incendiário combatente da revolução mundial que morreu como apóstolo da paz entre os povos.

Antes de se tornar um interlocutor de guerrilheiros, intelectuais, teólogos e primeiros-ministros ao redor do planeta, o mártir pioneiro dos direitos civis nos Estados Unidos foi sucessivamente Homeboy, Jack Carlton, Detroit Red, Big Red e Satan; Malachi Shabazz, Malik Shabazz e El-Hajj Malik El-Shabazz. Esses nomes de sonoridades e sentidos tão contrastantes entre si indicam os rumos contraditórios assumidos pela vida de Malcolm até o encontro definitivo com o Islã, que o levaria ao ativismo político. Ladrão, agenciador de prostitutas e viciado em drogas na década de 1940, quando também conheceu os horrores da prisão, ele abandonou o crime para abraçar com sua oratória brilhante, amparada em leituras autodidatas e nos ensinamentos do Corão, uma luta sem quartel contra o racismo e a injustiça social.

Entretanto, como demonstra Manning Marable, a mesma personalidade profundamente contestadora sempre esteve por trás das diversas máscaras sociais usadas por Malcolm. Numa narrativa minuciosa, o autor acompanha os passos desse gigante afro-americano ao longo de dezenas de cidades dos Estados Unidos, além das viagens à África, à Europa e ao Oriente Médio como porta-voz da revolta dos descendentes de escravos e dos direitos dos oprimidos.

Prólogo
A vida além da lenda

Nos primeiros anos do século passado, o bairro logo ao norte do Harlem, mais tarde conhecido como Washington Heights, era um subúrbio escassamente povoado. Só a visão de um homem de negócios como a de William Fox seria capaz de levar à construção de um opulento centro de entretenimento na Broadway, entre as ruas 165 e 166 Oeste. Fox instruiu o arquiteto Thomas W. Lamb a projetar um prédio mais esplêndido do que qualquer outro teatro da Broadway. Quando ficou pronto, em 1912, uma dispendiosa fachada de terracota enfeitava as paredes frontais, colunas de mármore protegiam a entrada, e entalhes de pássaros exóticos decoravam o saguão: esses motivos coloridos, inspirados no grande artista do século XIX, James Audubon, deram a Fox a ideia de chamar aquele palácio do prazer de Audubon. No primeiro andar do prédio, Lamb projetou um enorme cinema, grande o suficiente para acomodar 2300 pessoas. Em anos posteriores, o segundo piso foi reservado para dois espaçosos salões de baile: o Rose Ballroom, que podia acomodar oitocentos fregueses, e o Grand Ballroom, onde cabiam até 1500 convidados.[1]

Em poucas décadas, o bairro que ficava em volta do Audubon começou a mudar, tornando-se cada vez mais negro e operário. A administração atendia a nova clientela trazendo as mais renomadas orquestras dançantes da época, incluindo Duke Ellington, Count Basie e Chick Webb. O Audubon também se tornou a casa de muitos sindicalistas militantes da cidade, e de 1934 a 1937 o recém-fundado Sindicato dos Trabalhadores de Transporte realizava ali suas reuniões — com os confrontos violentos ocasionais.[2] Numa noite de setembro de

1919, por exemplo, uma reunião de quatrocentas pessoas, patrocinada pelo Lantern Athletic Club, foi interrompida por quatro disparos de arma de fogo. Duas pessoas ficaram gravemente feridas.[3]

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Audubon era alugado para casamentos, bar mitsvás, reuniões políticas e festas de formatura. Depois de 1945, porém, o bairro mudou mais uma vez, quando muitos moradores brancos de classe média venderam suas propriedades e fugiram da periferia. A decisão da Universidade Columbia de expandir seu hospital na esquina da rua 168 Oeste com a Broadway, para transformá-lo num importante campus de ciências da saúde, gerou centenas de novos empregos para o influxo negro, enquanto o Audubon adaptava-se às realidades econômicas fechando seu cinema e dividindo o espaço para alugar. Mas os dois salões de baile, o Rose e o Grand, resistiram.

Em meados dos anos 1960, o prédio já tinha perdido a maior parte da grandiosidade original. A entrada principal dos salões de baile era pequena e apagada. Os fregueses tinham de subir um inclinado lance de escadas para o saguão do segundo piso, depois passar pela gerência e seguir para o Rose, do lado esquerdo do prédio, ou para o Grand, que dava para a Broadway. O salão maior tinha cerca de 55 metros por dezoito, com 65 cabines separadas nas paredes norte, leste e oeste, cada uma capaz de abrigar doze pessoas. Mais distante da entrada principal do prédio, ao longo da parede sul, havia um modesto palco de madeira, atrás do qual numa antecâmara apertada e mal iluminada músicos e oradores se reuniam antes das apresentações.

Na tarde de inverno de domingo, 21 de fevereiro de 1965, o Grand Ballroom tinha sido reservado para a controvertida Organização para a Unidade Afro-Americana (Organization of Afro-American Unity, OAAU), grupo político do Harlem. Por quase um ano, a administração do Audubon vinha alugando o salão para eles, mas nunca deixou de preocupar-se com seu líder, Malcolm X. Cerca de dez anos antes, ele chegara, como ministro do Templo nº 7, sede local de uma seita islâmica militante, a Nação do Islã Perdida e Reencontrada (Lost-Found Nation of Islam, NOI). Os membros da seita, que passou a ser chamada pela imprensa de "muçulmanos negros", diziam que os brancos eram demônios e que os negros americanos eram a tribo asiática perdida de Shabazz, escravizada na selva racial da América. A rota para a salvação exigia que os convertidos rejeitassem seus sobrenomes de escravos, substituindo-os pela letra X, símbolo que representava o desconhecido. Prometia-se aos membros que, depois de anos

de dedicação pessoal e crescimento espiritual, eles receberiam seus sobrenomes "originais", em consonância com sua verdadeira identidade asiática. Como porta-voz mais ativo publicamente, Malcolm X tornou-se conhecido por suas críticas desafiadoras aos líderes de direitos civis e aos políticos brancos.

Em março do ano anterior, Malcolm X tinha anunciado sua independência da NOI. Ele rapidamente estabeleceu seu próprio grupo espiritual, Mesquita Muçulmana (Muslim Mosque, Inc., MMI), em grande parte para abrigar os membros da NOIque tinham deixado a seita por solidariedade a ele. Apesar do rompimento, ele continuou a fazer declarações altamente polêmicas. "Haverá mais violência do que nunca este ano", previu ele para um repórter do New York Times em março de 1964, por exemplo. "É melhor que os brancos entendam isso, enquanto há tempo. Os negros, no âmbito da massa, estão prontos para agir."[4] O chefe de polícia de Nova York reagiu a essa previsão rotulando Malcolm de "outro que se diz 'líder' e que defende abertamente o derramamento de sangue e a revolta armada e faz pouco dos sinceros esforços de homens razoáveis para resolver o problema da igualdade de direitos por meios apropriados, pacíficos e legítimos". Malcolm não se deixou intimidar pelo ataque. "A maior homenagem que alguém pode me fazer", respondeu ele, "é dizer que sou irresponsável, porque responsáveis, para eles, são os negros subservientes às autoridades brancas — negros 'Pai Tomás'."[5]

Semanas depois, Malcolm X pareceu ter tido uma revelação espiritual. Em abril, visitou a cidade sagrada de Meca, num hajj espiritual, e ao voltar para os Estados Unidos declarou que se convertera ao Islã sunita ortodoxo. Rejeitando vínculos com a Nação do Islã e com seu líder, Elijah Muhammad, anunciou sua oposição a qualquer forma de fanatismo e intolerância. Dizia-se ansioso para cooperar com os grupos de direitos civis e trabalhar com qualquer branco que, genuinamente, apoiasse a causa dos negros americanos. Mas, apesar desse reconhecimento, continuou a fazer declarações polêmicas — por exemplo, convocando os negros a formar grupos de tiro para proteger suas famílias de ataques racistas, e condenando os candidatos à presidência dos grandes partidos, Lyndon Johnson e Barry Goldwater, por não oferecerem escolha aos negros.

Os programas da OAAU eram, em sua maioria, coreografados como fóruns educacionais para a comunidade local, encorajando a participação da plateia. O orador da reunião de 21 de fevereiro foi Milton Galamison, destacado pastor presbiteriano que tinha organizado protestos contra escolas de qualidade inferior

em bairros negros e latinos de Nova York. A OAAU não teve participação direta, mas Malcolm elogiou publicamente a iniciativa do pastor, e seus vices devem ter desejado uma aliança informal.

Apesar de o início do programa da tarde ter sido anunciado para as duas horas, até aquele momento não mais de quarenta pessoas tinham passado pela entrada principal. O fraco comparecimento inicial talvez refletisse o medo de possível violência. Durante meses, a Nação do Islã travara uma disputa notória com seu antigo porta-voz nacional, e os seguidores de Malcolm no Harlem e em outras cidades tinham sido fisicamente atacados. Uma semana antes, a casa dele, localizada no tranquilo bairro de Elmhurst, Queens, tinha sido atingida por uma bomba no meio da noite. Para evitar confrontos públicos, o Departamento de Polícia de Nova York costumava enviar um grupo de até doze policiais para os comícios da OAAU, sempre que realizados no Audubon. Um ou mais policiais, geralmente incluindo o comandante do dia, ficavam a postos no segundo piso, dentro do escritório, de onde tinham ampla visão de todas as pessoas que entravam no salão principal. Muitos outros ficavam ostensivamente posicionados na entrada principal, ou na frente do prédio, do outro lado da rua, numa pequena praça que os moradores chamavam de Pigeon Park. Naquela tarde particular, porém, não havia um único policial na entrada do Audubon; apenas um esteve na praça, e por pouco tempo.[6] Nenhum foi visto no escritório comercial. A rigor, apenas dois patrulheiros uniformizados foram mandados para dentro do prédio, com ordens para permanecer no Rose Ballroom — o menor dos dois salões de baile, deserto a não ser pela presença deles — a considerável distância da reunião anunciada.[7]

A ausência substantiva de policiais seria crítica, porque mais cedo, naquela manhã, cinco homens que há meses planejavam assassinar Malcolm X fizeram uma última reunião. Embora o lugar desse encontro fosse Paterson, em Nova Jersey, os cinco homens eram membros da mesquita da Nação do Islã de Newark. Apenas um conspirador era funcionário da mesquita; os outros eram militantes da NOIe pressupunham que suas ações tinham sido aprovadas pela cúpula da Nação. Depois da reunião na casa de um dos conspiradores, onde repassaram as atribuições de cada um pela última vez, os cinco entraram num Cadillac e seguiram para a ponte George Washington. Saíram no norte de Manhattan e acharam uma vaga de estacionamento perto do Audubon, que também lhes daria acesso rápido à ponte quando terminassem, facilitando a fuga

para Nova Jersey.[8]

A única força de segurança dentro do grande salão e na entrada principal era constituída por cerca de vinte seguidores de Malcolm. O chefe da equipe de segurança de Malcolm era seu guarda-costas pessoal, Reuben X Francis, que pouco antes, naquela tarde, tinha dito a William 64X George que a equipe do dia estaria desfalcada, e que precisaria de sua ajuda. Geralmente, o fiel William ficava perto da tribuna dos oradores (bem no meio da parte fronteira do palco), de onde podia ver toda a plateia. Nesse dia, porém, Reuben o instruiu a ficar na entrada, o mais longe possível do palco.[9]

Reuben também delegou algumas decisões ao coordenador de segurança da reunião, John D. X, cujo trabalho consistia em supervisionar guardas no perímetro do Grand Ballroom. O protocolo normal exigia que as equipes de segurança ficassem em pé até trinta minutos — tarefa dura, especialmente para aqueles que não tinham experiência em fazer o policiamento de multidões. Geralmente as posições mais importantes eram atribuídas a ex-membros da NOI, que tinham experiência com segurança e eram treinados em artes marciais. Se um conhecido simpatizante da organização tentasse entrar na reunião, era interrogado, calmamente, mas com firmeza. Membros que tinham história pessoal de violência, ou eram conhecidos pela hostilidade a Malcolm, eram escoltados para fora do prédio.

Um desses homens era Linwood X Cathcart, antigo membro do Templo nº 7, de Malcolm, que recentemente ingressara na mesquita de Jersey City. Ele entrara no Audubon à 1h45, indo sentar-se na primeira fila de cadeiras arrumadas no salão de dança. A equipe de Malcolm o identificou de imediato, concluindo que sua presença podia ser um problema. Cathcart usava desaforadamente um broche da NOIna lapela do paletó. Reuben o convenceu a ir até os fundos do salão, onde, depois de uma troca de palavras, insistiu para que tirasse o broche ofensivo, se quisesse permanecer. Cathcart cedeu, e voltou para seu lugar.[10] Posteriormente, o pessoal da segurança de Malcolm diria que ele foi o único simpatizante da NOIque haviam identificado.

O responsável pelas medidas de segurança aquela tarde era Anas M. Luqman (Langston Hughes Savage), outro membro da NOIque tinha rompido laços com a Nação por lealdade a Malcolm. Em seu depoimento posterior ao júri de instrução, Luqman situou seu horário de chegada aproximadamente à 1h20. Ele falou rapidamente com algumas pessoas e, como tinha feito tantas outras vezes,

arranjou as cadeiras no palco, posicionou a tribuna do orador e removeu algum equipamento que estava sobrando. Em seguida, "foi para a plateia e ficou por ali, até a reunião começar". Pouco depois das duas, resolveu verificar as portas mais uma vez, à direita do palco, perto do tablado do orador. Por uma razão qualquer, estavam destrancadas, o que o deixou intrigado, mas em vez de alertar o pessoal da segurança, voltou para sua cadeira.[11]

Apesar do recente ataque a bomba e das crescentes ameaças de violência, Malcolm tinha insistido em que ninguém da sua equipe de segurança, à exceção de Reuben, portasse armas naquele domingo. Numa reunião da OAAU noites antes, suas ordens tinham sido vigorosamente contestadas. O chefe do pessoal de Malcolm, James 67X Warden, estava convencido de que não intensificar a segurança aquela tarde quase certamente traria problemas. Posteriormente, ao explicar suas ações, disse ele: "Queríamos averiguar [se traziam armas]. Mas era uma reunião [pública] da OAAU. Malcolm disse: 'Esse pessoal não está acostumado a ser revistado por ninguém'. Estamos lidando com um grupo totalmente diferente".[12] Consequentemente, quando as pessoas entravam no Audubon, muitas delas trajando volumosos sobretudos de inverno, ninguém foi parado. Se Reuben estava preocupado, não aparentava, e até saiu do salão para pagar ao gerente a taxa de 150 dólares daquela tarde.[13]

Àquela altura, todos os futuros assassinos já estavam dentro do prédio. Como tinham previsto, ninguém os deteve para ver se estavam armados. O grupo dividiu-se. Os três pistoleiros acharam cadeiras na primeira fila, na frente ou à esquerda da tribuna do orador. Um atirador, homem atarracado, de cor escura, na casa dos vinte anos, deveria dar os primeiros tiros. Dois outros carregavam revólveres. A função deles era acabar com Malcolm depois dos disparos iniciais. Os dois últimos conspiradores sentaram-se lado a lado, nas cadeiras de madeira da sétima fila. Eles deveriam distrair a atenção do público. Se possível, um deles acenderia uma bomba de fumaça.[14]

Por volta das duas da tarde, a plateia aumentara para mais de duzentas pessoas, que começavam a demonstrar impaciência. Benjamin 2X Goodman, ministro assistente de Malcolm da Mesquita Muçulmana, Inc., subiu ao palco e começou a falar por meia hora, para aquecer. Como Benjamin não estava entre os oradores do programa, a maioria das pessoas continuou a falar e a andar de um lado para outro, falando com amigos. Cerca de dez minutos depois, os comentários de Benjamin começaram a despertar a atenção dos ouvintes, quando

ele rememorou temas recentes dos comícios de Malcolm, como a oposição à Guerra do Vietnã. Todos sabiam que Malcolm quase sempre subia à tribuna logo depois das apresentações de Benjamin.[15]

Minutos antes das três, Benjamin ainda proferia a audiência quando, sem aviso, um homem alto, de cabelo louro escuro, caminhou bruscamente até uma cadeira a poucos passos da tribuna. Surpreendido pela entrada do líder, Benjamin terminou de falar apressadamente, depois se virou para sentar numa das cadeiras no palco. De regra, por razões de segurança, Malcolm não tinha permissão de ficar ali sozinho. Nessa ocasião, entretanto, ele impediu que o colega sentasse, murmurando-lhe instruções ao ouvido. Com ar perplexo, Benjamin desceu e voltou para a sala atrás do palco.[16]

"As-salaam alaikum", proclamou Malcolm, fazendo a tradicional saudação árabe. "Walaikum salaam", responderam centenas de vozes. Mas antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, houve uma confusão inesperada na sexta ou sétima fila de cadeiras. "Tire a mão do meu bolso!", gritou um homem para alguém perto dele. Ambos se levantaram e começaram a discutir, desviando a atenção de todos. Do palco, Malcolm gritou: "Parem! Parem!".[17]

Os dois principais guardas da tribuna, Charles X Blackwell e Robert 35X Smith, lutaram para separar os homens. A maioria dos seus colegas também saiu de suas posições para acabar com a interrupção, deixando Malcolm inteiramente só no palco. Foi então que o conspirador da primeira fila levantou-se e andou abruptamente em direção à tribuna. Sob o sobretudo de inverno, ele acomodava uma escopeta de cano serrado. A cerca de quinze passos do palco, parou, puxou o sobretudo para trás e levantou a arma.

Para muitos afro-americanos, 21 de fevereiro de 1965 está tão profundamente gravado na memória quanto o assassinato de John F. Kennedy e o de Martin Luther King Jr. para outros americanos. Na turbulenta esteira de sua morte, os discípulos de Malcolm X adotaram o slogan "Black Power" e o elevaram à condição de santidade laica. No fim dos anos 1960, Malcolm X encarnava o ideal de negritude para uma geração inteira. Como W. E. B. Du Bois, Richard Wright e James Baldwin, ele tinha denunciado os custos psicológicos e sociais que o racismo impusera à sua gente; também era largamente admirado como homem de ação intransigente, o oposto dos líderes negros não violentos e de

pensamento voltado para a classe média, que tinham dominado o movimento de direitos civis antes dele.

O líder mais estreitamente ligado a Malcolm na vida e na morte era, sem dúvida, King. No entanto, apesar de ter passado a maior parte do começo da vida na área urbana de Atlanta, King raramente era identificado como representante dos negros do gueto. Nas décadas que se seguiram ao seu assassinato, ele foi associado a imagens do Sul predominantemente rural e interiorano. Malcolm, diferentemente, era produto do gueto moderno. A raiva que expressava era uma reação ao racismo de contexto urbano: escolas urbanas segregadas, moradias de baixa qualidade, altas taxas de mortalidade infantil, drogas e crime. Como nos anos 1960 a maioria esmagadora dos afro-americanos vivia em cidades grandes, as condições que definiam sua existência estavam mais estreitamente ligadas àquilo de que Malcolm falava do que àquilo que King representava. Consequentemente, ele foi capaz de formar um grande público entre os negros das cidades, que viam na resistência passiva uma ferramenta insuficiente para desmantelar o racismo institucional.

A metamorfose tardia de Malcolm, de raivoso militante negro para ícone multicultural americano, foi produto do êxito extraordinário da Autobiografia de Malcolm X, redigida a quatro mãos com o escritor Alex Haley, e lançada nove meses antes do seu assassinato. Best-seller nos primeiros anos de sua publicação, o livro logo se impôs como texto-padrão no currículo de centenas de faculdades e universidades. No fim dos anos 1960, toda uma geração de poetas e escritores afro-americanos produzia um conjunto de obras aparentemente interminável prestando homenagem ao ídolo caído. Na imaginação deles, a imagem de Malcolm ficou permanentemente congelada, como a do homem de sorriso largo e malicioso, imaculadamente bem vestido, e dedicado à promoção dos interesses e aspirações da sua gente.

Do momento em que foi morto, grupos muito diferentes, incluindo trotskistas, nacionalistas culturais negros e muçulmanos sunitas, o reivindicavam para si. Centenas de instituições e clubes de bairro foram rebatizados em honra do homem que o ator Ossie Davies saudara como "nossa masculinidade, nossa viva, negra masculinidade".[18] Uma Associação Malcolm X foi fundada por afro-americanos nas Forças Armadas. No Harlem, ativistas formaram um Clube Democrático Malcolm X.[19] Em 1968, o produtor de cinema independente Marvin Worth contratou James Baldwin para escrever um roteiro baseado na

autobiografia, projeto que o romancista qualificou de "minha confissão... é a história de qualquer gato negro neste lugar e neste tempo curiosos".[20] No começo dos anos 1970, Betty Shabazz, mulher de Malcolm X, foi chamada, como convidada de honra, para uma festa em Washington, D.C., dedicada à arrecadação de fundos para reeleger Richard Nixon.[21]

O renascimento da popularidade de Malcolm no começo dos anos 1990 deveu-se em grande parte ao surgimento da "nação hip-hop". No clipe de "Shut 'em Down", do grupo Public Enemy, por exemplo, a imagem de Malcolm é sobreposta à face de George Washington na cédula de um dólar; outro grupo de hip-hop, o Gang Starr, pôs um retrato de Malcolm na capa de um lp.[22] Conservadores políticos também continuam tentando incluí-lo em seu panteão. Na esteira dos tumultos raciais de 1992 em Los Angeles, por exemplo, o vice-presidente Dan Quayle declarou que, ao ler a autobiografia de Malcolm, tivera importantes percepções que lhe permitiam compreender as razões dos distúrbios — revelação que muitos afro-americanos consideraram absurda. O cineasta Spike Lee gracejou: "Toda vez que Malcolm X se refere a 'diabos de olhos azuis', Quayle deve achar que está falando dele".[23]

Com o lançamento do filme X, de Spike Lee, de três horas de duração, naquele mesmo ano, Malcolm alcançava uma nova geração. Numa pesquisa de opinião de 1992, 84% dos afro-americanos com idades de quinze a 24 anos o descreveram como "um herói para os americanos negros de hoje".[24] Depois de anos relegado à periferia da história negra moderna, os historiadores começaram a vê-lo como figura central. Ele se tornara "parte integrante dos andaimes que suportam a identidade afro-americana contemporânea", nas palavras do historiador Gerald Horne. "Seu fascínio pela música, pela dança e pelas casas noturnas fortaleceu seus laços com os negros."[25] Para muitos brancos, porém, seu apelo estava na conversão do separatismo negro militante para o que se poderia chamar de universalismo multicultural. A assimilação de Malcolm X à corrente dominante da vida intelectual americana ocorreu — ironicamente — no Teatro Apollo, no Harlem, em 20 de janeiro de 1999, quando o Serviço Postal dos Estados Unidos ali comemorou o lançamento de um selo com Malcolm X. Numa declaração à imprensa que acompanhou o lançamento do selo, o Serviço Postal afirmava que, nos anos que antecederam ao seu assassinato, Malcolm X tornara-se defensor de "uma solução mais integracionista dos problemas raciais".[26]

Uma leitura mais atenta da Autobiografia, bem como os detalhes da vida de Malcolm, revela uma história bem mais complicada. Poucos críticos literários levaram em conta que a obra era, na realidade, produto de um esforço conjunto — e que, particularmente, Alex Haley, veterano aposentado da Guarda Costeira dos Estados Unidos, tinha suas próprias prioridades. Republicano liberal, Haley desprezava o separatismo racial e o extremismo religioso da Nação do Islã, mas era fascinado pelo atormentado relato da vida pessoal de Malcolm. Em 1963, começo da colaboração entre esses dois homens tão diferentes, Malcolm esforçou-se para apresentar um conto de elevação moral, para louvar o poder do líder da Nação, Elijah Muhammad. Depois de abandonar a seita, Malcolm usou a autobiografia para explicar o rompimento com o separatismo negro. O objetivo de Haley era muito diferente; para ele, a autobiografia servia de alerta sobre o desperdício humano e sobre as tragédias resultantes da segregação racial. Em muitos sentidos, o livro publicado é mais de Haley do que do autor: por ter morrido em fevereiro de 1965, Malcolm não teve oportunidade de revisar trechos importantes do que se tornaria conhecido como seu testamento político.

Minha curiosidade sobre a Autobiografia começou mais de duas décadas atrás, quando eu dava aulas a seu respeito como parte de um seminário sobre o pensamento político afro-americano, na Universidade de Ohio. Entre os líderes afro-americanos no decorrer da história, Malcolm foi inquestionavelmente o ativista "político" mais consumado, um homem que dava ênfase à política local e participativa comandada por negros operários e pobres. Apesar disso, a Autobiografia praticamente se cala a respeito de sua organização básica, a OAAU. Em parte alguma do texto seu programa e seus objetivos aparecem. Após anos de pesquisa, descobri que vários capítulos tinham sido apagados antes da publicação — capítulos que vislumbravam a construção de uma frente unida de negros, formada a partir de uma ampla variedade de grupos políticos e sociais, e chefiada pelos muçulmanos negros. Segundo Haley, a supressão foi feita a pedido do autor, depois da sua viagem a Meca. Provavelmente é verdade; mas Malcolm não teve absolutamente participação alguma na decisão de Haley de prefaciar a Autobiografia com um ensaio introdutório do jornalista M. S. Handler, do New York Times, que tinha coberto longamente Malcolm nos anos anteriores, nem na incoerente conclusão do próprio Haley, que enquadra seu assunto firmemente dentro da respeitabilidade do movimento de direitos civis predominante no fim de sua vida.

Uma leitura mais aprofundada do texto também revela numerosas inconsistências no tocante a nomes, datas e fatos. Como historiador e como afro-americano, fiquei fascinado. Quanto do que está ali não é verdade, e quanto não foi contado?

A busca de provas históricas e da verdade factual era complicada ainda mais pelas complexas e variadas camadas da vida do biografado. Mestre da retórica pública, ele era capaz de contar com habilidade histórias da própria vida que eram parcialmente fictícias, mas que soavam verdadeiras para a maioria dos negros que depararam com o racismo. Desde muito novo, Malcolm Little (nome original) construiu múltiplas máscaras que distanciavam seu eu interior do mundo ao redor. Anos depois, fosse numa cela de prisão em Massachusetts ou numa viagem solitária pelo continente africano durante as revoluções anticoloniais, ele mantinha a dupla capacidade de prever ações alheias e de tirar o máximo efeito de si mesmo. Adquiriu as sutis ferramentas de um etnógrafo, trabalhando sua linguagem para adaptá-la aos contextos culturais de públicos diversos. Como resultado, diferentes grupos viam sua personalidade e sua mensagem em evolução através de lentes particulares. Em qualquer contexto, Malcolm transpirava charme e um saudável senso de humor, que lhe permitiam desarmar adversários ideológicos e apresentar argumentos provocadores e até ofensivos.

Malcolm sempre assumia uma atitude acessível e íntima, apesar de ser ao mesmo tempo mais reservado. Essas camadas de personalidade chegavam a ser expressas por uma série de nomes diferentes, alguns criados por ele, alguns colocados por outros: Malcolm Little, Homeboy, Jack Carlton, Detroit Red, Big Red, Satan, Malachi Shabazz, Malik Shabazz, El-Hajj Malik El-Shabazz. Nenhuma personalidade isolada seria capaz de capturá-lo plenamente. Nesse sentido, sua narrativa é uma brilhante série de reinvenções, das quais "Malcolm X" é apenas a mais conhecida.

Como um grande ator stanilavskiano, Malcolm aproveitava generosamente suas experiências anteriores, de modo que, com o passar do tempo, a distância entre os acontecimentos verdadeiros e a versão contada para consumo público ficou maior. Depois de sua morte, outras distorções — enfeites acrescentados por fiéis seguidores, amigos, parentes e adversários — transformaram sua vida em lenda. Malcolm era fascinante para muitos brancos num sentido sensual, animalesco, e para os jornalistas que rotineiramente cobriam seus discursos,

havia nele um subtexto sexual controlado, mas inegável. M. S. Handler, em cuja casa Malcolm esteve para uma entrevista no começo de março de 1964, atribuiu a aura de valentia física à sua atividade política: "Em nossa época, homem nenhum foi capaz de provocar tanto medo e ódio no homem branco como Malcolm, porque nele o branco percebia um inimigo implacável, que não poderia ser comprado — um homem irrestritamente comprometido com a causa da liberação do homem negro".[27] Até mesmo Malcolm, nos primeiros anos, costumava usar metáforas sugestivas para descrever sua personalidade. Por exemplo, descrevendo a época que passou numa prisão em Massachusetts, em 1946, ele comparou seu confinamento ao de um animal apanhado numa armadilha: "Eu andava horas de um lado para o outro, como um leopardo enjaulado, praguejando violentamente em voz alta... Com o tempo, os homens das outras celas me deram um apelido: 'Satã'".[28] A mulher de Handler, que estava presente quando Malcolm visitou sua casa, admitiu para o marido: "Sabe, foi como tomar chá com uma pantera negra".[29]

Para os negros americanos, porém, o apelo de Malcolm estava enraizado em imagens culturais inteiramente diversas. O que o tornava verdadeiramente original era o fato de apresentar-se como a encarnação das duas figuras centrais da cultura popular afro-americana, simultaneamente o espertalhão/vigarista e o pregador/ministro. Homem de duas caras, o vigarista é imprevisível, capaz de afrontosas transgressões; o pregador salva almas, repara vidas partidas e promete um novo mundo. Malcolm era um dedicado estudioso da cultura popular negra, e para apresentar um argumento político convincente costumava misturar histórias de animais, metáforas da vida rural e contos de vigarista — por exemplo, contando a fábula do lobo e da raposa com Johnson e Goldwater como personagens. Seus discursos hipnotizavam as plateias porque ele era capaz de orquestrar seus temas numa narrativa que prometia a salvação final. Apresentava-se como um homem intransigente, inteiramente dedicado ao fortalecimento dos negros, sem temer pela própria segurança pessoal. Até os que rejeitavam sua política lhe reconheciam a sinceridade.

Obviamente, a analogia entre o ator como intérprete e o líder político como intérprete tem suas limitações, mas a arte da reinvenção na política exige um rearranjo seletivo das vidas passadas de uma figura pública (e a eliminação de episódios constrangedores, como Bill Clinton nos ensinou). No caso de Malcolm, as memórias escritas por amigos e parentes mostraram que o notório

personagem fora da lei, Detroit Red, apresentado por Malcolm na autobiografia, é altamente exagerado.[30] Os antecedentes criminais de Malcolm Little, relativos aos anos 1941-6, provam que ele deliberadamente fabricou a história de seus crimes, tecendo elementos do passado numa alegoria que documentava os efeitos destrutivos do racismo dentro do sistema judicial e penal dos Estados Unidos. A autoinvenção foi uma maneira eficaz que ele encontrou de alcançar os setores mais marginalizados da comunidade negra, oferecendo uma justificativa para suas esperanças.

Meu principal objetivo neste livro é ir além da lenda: recontar o que de fato ocorreu na vida de Malcolm. Também apresento os fatos de que o próprio Malcolm não poderia ter tido conhecimento, como a extensão da vigilância ilegal e dos transtornos perpetrados contra ele pelo FBI e pelo Departamento de Polícia de Nova York, a verdade sobre os seguidores que o traíram política e pessoalmente, e a identificação dos responsáveis pelo assassinato de Malcolm.

Um dos maiores desafios que encontrei ao reconstruir a vida de Malcolm foi a tentativa de examinar suas atividades dentro da Nação do Islã. A maioria das tentativas populares concentra-se pesadamente em sua carreira pública durante os dois últimos anos. Parte do problema de desenterrar seus primeiros discursos e cartas, dos anos 1950, está no fato de que os atuais líderes da NOI, encabeçados pelo ex-Louis X Walcott, hoje conhecido como Louis Farrakhan, nunca permitiram que estudiosos examinassem os arquivos da seita. Depois de anos de esforços, consegui iniciar um diálogo com a Nação do Islã; em maio de 2005, sentei-me com Farrakhan para uma extraordinária conversa que durou nove horas. A Nação, posteriormente, pôs à minha disposição fitas de áudio de cinquenta anos de idade, com sermões e palestras feitos por Malcolm quando ele ainda era o líder do Templo nº 7, o que me deu importantes pistas sobre sua evolução espiritual e política. Veteranos membros também se apresentaram para entrevistas, o mais importante dos quais foi Larry 4X Prescott, mais tarde conhecido como Akbar Muhammad, que foi ministro assistente de Malcolm e tomou o partido de Elijah Muhammad quando a seita se dividiu em março de 1964. Essas fontes me ofereceram uma perspectiva que nunca tinha sido devidamente representada: os pontos de vista da Nação do Islã e seus sectários.

A jornada de reinvenção de Malcolm centralizou-se, em muitos sentidos, num esforço, que durou a vida inteira, para distinguir o significado e a substância da fé. Como preso, ele abraçou uma seita hostil aos brancos, e quase islâmica, que,

apesar de tudo, confirmou seu fragmentário senso de humanidade e identidade étnica. Mas viajando pelo mundo Malcolm aprendeu que o Islã ortodoxo estava, em muitos sentidos, em desacordo com a estigmatização e intolerância raciais que ocupavam o núcleo do credo da Nação do Islã. Malcolm acabou adotando o verdadeiro universalismo islâmico, e sua crença em que todos encontram a graça de Alá, seja qual for a raça. O Islã foi também a plataforma espiritual sobre a qual ele construiu uma política de revolução do Terceiro Mundo, que tinha notáveis semelhanças com a de Che Guevara, guerrilheiro argentino e coautor da revolução cubana de 1959. Foi também a ponte política que pôs Malcolm em contato com a Irmandade Muçulmana no Líbano, assim como no Egito e em Gaza com a Organização para a Libertação da Palestina. Pedir o apoio do governo de Gamal Abdel Nasser para suas atividades em favor do Islã ortodoxo nos Estados Unidos talvez tenha tornado necessário adotar as posições políticas de Nasser, como a feroz oposição a Israel.

Restam, também, muitas perguntas não respondidas sobre a morte de Malcolm, e sobre quais grupos foram responsáveis pela ordem de matá-lo. A história não é uma investigação de casos ainda pendentes; tive de sopesar probabilidades médico-legais, e não certezas. Apesar de três membros da NOIterem sido condenados em 1966 por assassinato, muitos indícios sugerem que dois eram completamente inocentes do crime, que tanto o FBI como o Departamento de Polícia de Nova York tiveram conhecimento prévio, e que o escritório do Promotor Público do Condado de Nova York talvez tenha se preocupado mais em proteger a identidade de policiais e informantes infiltrados do que em prender os verdadeiros assassinos. O fato de o caso não ter sido solucionado depois de mais de quarenta anos contribui para situá-lo numa categoria especial nos anais da história dos afro-americanos e dos Estados Unidos. Diferentemente dos assassinatos de Medgar Evers e de Martin Luther King Jr., abatidos por criminosos solitários que acreditavam na supremacia racial dos brancos, ou da morte de George Jackson, de autoria de policiais da Califórnia, Malcolm foi morto perante uma grande plateia, no coração dos Estados Unidos negros. Na pressa do julgamento, sua morte foi atribuída apenas à Nação do Islã. A imagem que a mídia construiu de Malcolm como demagogo perigoso tornou impossível a realização de uma investigação aprofundada de sua morte, e só dentro das comunidades negras americanas ele foi visto como mártir político. A maior parte dos Estados Unidos brancos levaria quase três décadas

para mudar de opinião.

A grande tentação que ronda o biógrafo de uma figura icônica é retratá-lo como um quase santo, sem as contradições e máculas comuns a todos os seres humanos. Dediquei tantos anos ao esforço de compreender a personalidade interior e a mente de Malcolm que essa tentação desapareceu há muito tempo. Ele foi verdadeiramente uma figura histórica, no sentido de que, mais do que qualquer de seus contemporâneos, encarnou o espírito, a vitalidade e a disposição política de toda uma população — negros urbanos de meados do século xx nos Estados Unidos. Falou com clareza, humor e urgência, e o público negro, tanto nos Estados Unidos como na África, respondeu com entusiasmo. Mesmo quando fazia declarações polêmicas, das quais a maioria dos afro-americanos discordava com veemência, poucos punham em dúvida sua sinceridade e seu engajamento. De outro lado, qualquer revisão abrangente de sua trajetória pública revela grandes erros de julgamento, incluindo negociações com a Ku Klux Klan. Mas, diferentemente de muitos outros líderes, Malcolm teve a coragem de reconhecer seus erros e de procurar aqueles a quem ofendera para pedir desculpas. Mesmo quando discordava dele, eu admirava profundamente a integridade do seu caráter e o amor que obviamente sentia pelos afro-americanos e sua cultura.

Para compreender como se deu a ressurreição de Malcolm, primeiro entre os afro-americanos e depois no resto dos Estados Unidos, precisamos reconstruir os contornos de sua vida notável — história que começa numa pequena comunidade negra no lado norte de Omaha, em Nebraska.

1. “De pé, raça poderosa!”

1925-1941

O pai de Malcolm X, Earl Little, Sr., nasceu em Reynolds, Geórgia, em 29 de julho de 1890.[1] Esse filho de fazendeiro que costumava ser chamado de Early mal teve três anos de estudos formais, muito embora tenha aprendido carpintaria na adolescência, o que lhe garantiu um meio de vida. Em 1909, casou-se com uma afro-americana local, Daisy Mason, e teve três filhos, um atrás do outro: Ella, Mary e Earl Jr.

Reynolds, pequena cidade no canto sudoeste da Geórgia, tinha uma população de apenas 1200 pessoas por volta de 1910, mas era um impressionante centro manufatureiro com uma grande fábrica de algodão, que produzia de 7 a 8 mil fardos por ano.[2] Como a maior parte do Sul nas décadas seguintes à Reconstrução, era também um lugar violento e perigoso para afro-americanos. Entre 1882 e 1927, os racistas brancos da Geórgia lincharam mais de quinhentos negros, colocando o estado atrás apenas do Mississippi em número de mortes por linchamento.[3] A depressão dos anos 1890 atingira a Geórgia de forma especialmente dura, provocando uma onda de falências comerciais, numa taxa duas vezes superior à do resto do país. Com a escassez de empregos, os trabalhadores brancos qualificados passaram a enfrentar a concorrência crescente dos negros, especialmente como pedreiros, carpinteiros e em trabalhos mecânicos.[4] O fato de Earl ser um carpinteiro qualificado provavelmente provocava tensão com os brancos, e os pais e amigos temiam por sua segurança.

Com bem mais de 1,80 metro de altura, musculoso, de pele escura, Little costumava discutir com os brancos, a quem seu ar de independência

incomodava. Reynolds e as cidades vizinhas tinham visto muitos linchamentos e incontáveis atos de violência contra negros. Sua vida doméstica era pouco menos tumultuosa: os parentes de Daisy não gostavam de suas brigas, nem da maneira como tratava a mulher. Em 1917, cansado de lutar com os parentes de Daisy e das ameaças de violência dos brancos, Earl abandonou a jovem mulher e os filhos, tomando parte na grande migração de negros sulistas para o Norte, iniciada durante a Primeira Guerra Mundial. Seguindo a trilha da ferrovia Seaboard Air Line, rota comum para os negros que se dirigiam da Geórgia e das Carolinas para o Norte, ele parou primeiro na Filadélfia, depois em Nova York, antes de estabelecer-se, finalmente, em Montreal.[5] Não se preocupou sequer em divorciar-se legalmente.[6]

Foi na pequena e majoritariamente caribenha comunidade negra de Montreal que Earl se apaixonou por uma bela granadina, Louisa Landon Norton. Nascida em St. Andrews, Grenada, em 1897, ela fora criada pela avó materna, Mary Jane Landon. Louise, como era conhecida, tinha pele clara e cabelos pretos, soltos; nos encontros diários era quase sempre tomada por branca. Corria entre os negros locais o boato de que ela era produto do estupro da mãe por um escocês. Diferentemente de Earl, recebera excelente instrução anglicana de nível fundamental, tornando-se competente na escrita, além de fluente em francês. Amável e ambiciosa, emigrara para o Canadá com dezenove anos, em busca das oportunidades que sua pequena ilha natal não tinha condições de oferecer.[7]

Talvez tenha sido a atração dos opostos que juntou Louise e Earl — apesar de ser mais provável, como explicação, que ambos tivessem interesse por justiça social, pelo bem-estar da sua raça e, com isso, por política. Em 1917, montrealenses negros abriram uma seção informal da Associação Universal para o Progresso Negro (Universal Negro Improvement Association, unia), fundada pelo carismático ativista jamaicano Marcus Garvey. Apesar de só ter sido estabelecida oficialmente como filial em junho de 1919, a unia de Montreal exerceu tremenda influência sobre os negros em toda a cidade. Patrocinava fóruns sobre educação, atividades recreativas e eventos sociais para negros, chegando a mandar delegações para convenções internacionais.[8] Os dois militantes garveyistas se apaixonaram e casaram em Montreal, em 10 de maio de 1919. Decidiram dedicar a vida e o futuro à formação de um movimento garveyista nos Estados Unidos. Garvey desempenharia papel central em sua vida e, na geração seguinte, na vida do filho Malcolm.

Na véspera da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, a cultura política negra americana estava basicamente dividida em dois campos ideológicos: os acomodacionistas e os reformistas liberais. Divergências em tática, teoria e objetivos derradeiros a respeito das relações raciais persistiriam durante todo o século. Comandados pelo educador conservador Booker T. Washington, os acomodacionistas aceitavam a realidade da segregação de Jim Crow e não contestavam abertamente a usurpação de direitos dos negros, promovendo, em vez disso, o desenvolvimento de negócios de propriedade de negros, escolas técnicas e agrícolas e o direito à propriedade da terra. Os reformistas, entre os quais se destacavam o estudioso W. E. B. Du Bois e o jornalista militante William Monroe Trotter, exigiam plenos direitos políticos e jurídicos para os negros americanos e, em última instância, o fim da própria segregação racial. Como o abolicionista do século xix, Frederick Douglass, acreditavam em desmontar as barreiras que separavam negros e brancos na sociedade. O restabelecimento da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (National Association for the Advancement of Colored People, NAACP) em 1910, sob o comando de Du Bois, e a morte de Washington, em 1915, deram à cúpula nacional dos reformistas uma vantagem sobre seus rivais conservadores.[9]

Foi nesse momento de intensos debates políticos entre negros que o carismático Marcus Garvey chegou a Nova York, em 24 de março de 1916. Nascido na Jamaica em 1887, Garvey tinha sido tipógrafo e jornalista no Caribe, na América Central e na Inglaterra. Fora aos Estados Unidos por insistência de Booker T. Washington, em busca de apoio para um colégio na Jamaica, projeto que deu em nada, mas que lançou o audacioso jovem numa nova missão, um novo e ambicioso movimento político e social para negros. Inspirado pelas ideias conservadoras de Washington, Garvey não se opunha às leis de segregação racial ou às escolas separadas, mas astutamente equiparava essas ideias a um feroz ataque polêmico ao racismo e ao domínio colonial branco. Diferentemente da NAACP, cujo apelo se dirigia a uma classe média emergente, Garvey recrutava os negros pobres, a classe operária e os trabalhadores rurais. Depois de estabelecer uma pequena base de seguidores no Harlem, iniciou uma turnê nacional de um ano de duração, na qual fez apelos aos negros para que se vissem como "raça poderosa", vinculando seus esforços não apenas a pessoas de ascendência africana do Caribe, mas à própria África. Sem fazer concessões, pregava o respeito

próprio, a necessidade de os negros estabelecerem organizações educacionais e o cultivo de instituições religiosas e culturais que educavam famílias negras.[10] Em janeiro de 1918, a filial da unia em Nova York foi formalmente estabelecida, e mais tarde, naquele mesmo ano, Garvey lançou seu próprio jornal, o Negro World; no ano seguinte, a unia fundou sua sede internacional no Harlem, dando ao prédio o nome de Liberty Hall.[11]

Fundamental para o apelo exercido por Garvey era sua adoção entusiástica do capitalismo, e seu evangelho do sucesso; autodomínio, força de vontade e trabalho árduo dariam as condições para erguer os negros americanos. "Não se enganem", dizia ele aos seguidores, "riqueza é força, riqueza é poder, riqueza é influência, riqueza é justiça, é liberdade, é direitos humanos de verdade".[12] O objetivo da Liga das Comunidades Africanas era abrir, em suas palavras, "casas comerciais, casas de distribuição, e também participar de negócios de todos os tipos, por atacado e a varejo". A partir do Harlem, a liga abriu mercearias e restaurantes, e até financiou a compra de uma lavanderia a vapor. Em 1920, Garvey constituiu em entidade jurídica a Corporação de Fábricas Negras para supervisionar a crescente lista de negócios do movimento.[13] Seu projeto comercial mais conhecido, e mais controvertido, entretanto, foi a Black Star Line, empresa de navios a vapor apoiada por dezenas de milhares de negros que compraram ações de cinco e dez dólares. Ironicamente, toda essa atividade dependia da existência de uma segregação racial de fato, que limitava a concorrência dos negociantes brancos, que se recusavam a investir em guetos urbanos.

A separação racial, pregava Garvey, era essencial para o progresso de sua gente, não apenas nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro. Seu programa era uma mistura informal de ideias tiradas de fontes tão díspares quanto Frederick Douglass, Andrew Carnegie, Ralph Waldo Emerson, Horatio Alger e Benjamin Franklin, adaptadas a um contexto de realizações que ocupava uma esfera separada da dos brancos. Negros jamais se respeitariam a si mesmos como povo enquanto dependessem de outros para emprego, negócios e questões financeiras. Como Booker T. Washington, Garvey sentia que a segregação de Jim Crow não desapareceria rapidamente. Era lógico, portanto, transformar o mal inevitável na pedra angular do progresso do grupo. Os negros precisavam rejeitar as distinções de classe, religião, nacionalidade e etnia que tradicionalmente dividiam suas comunidades. Os descendentes de africanos faziam parte de uma "nação"

transnacional, uma raça global com um destino comum. O manifesto inicial da unia em 1914 convocava pessoas de ascendência negra ou africana "a estabelecer uma confraternidade universal dentro da raça, para promover o espírito de raça, de orgulho e de amor... [e] ajudar no processo civilizatório de tribos atrasadas da África".[14] Posteriormente, muitos negros de classe média refutaram o garveyismo como um movimento irremediavelmente utópico de volta à África, o que subestimava sua visão global radical. O que Garvey reconheceu foi que o Velho e o Novo Mundo estavam inextricavelmente ligados: negros no Caribe e nos Estados Unidos jamais seriam verdadeiramente livres enquanto a própria África não fosse libertada. O pan-africanismo — a crença na total independência política da África, e de todas as colônias onde os negros viviam — era um objetivo essencial.

Garvey também reconhecia que criar um movimento de massa requeria uma revolução cultural. Gerações de negros tinham padecido com a escravidão, a segregação e o colonialismo, produzindo um senso generalizado de submissão à autoridade branca. O poder negro dependia de atividades que pudessem restaurar tanto o respeito próprio como o senso de comunidade — essencialmente, o desenvolvimento de uma cultura negra unida. Por essas razões, o "nacionalismo cultural" ocupava papel central em seu projeto. Os garveyistas patrocinavam eventos literários e publicavam escritos dos seguidores; organizavam debates, realizavam concertos e desfilavam sob berrantes estandartes pretos, vermelhos e verdes. Eram encorajados a escrever hinos nacionalistas, dos quais o mais popular era o "Hino Universal da Etiópia", que apresentava o poderoso, se bem que desajeitado, coro:

> Avante, avante para a vitória,
>
> Que a África seja livre;
>
> Avante rumo ao inimigo
>
> Com o poder
>
> Do vermelho, do negro e do verde.[15]

Garvey usava o luxo com grande eficácia para construir a cultura de seu movimento. Títulos apoteóticos e uniformes coloridos criavam um senso de

relevância histórica e de seriedade, e davam aos afro-americanos pobres um sentimento de orgulho e entusiasmo. Numa reunião no Harlem em 1921, 6 mil garveyistas lançaram a "investidura do Império da África". Garvey foi coroado presidente geral da unia e presidente provisório da África, que juntamente com um potentado e um supremo vice-potentado constituía a realeza do império. Líderes garveyistas receberam títulos como "Cavaleiros do Nilo, Cavaleiros da Ordem de Distinção em Serviço da Etiópia e Duques do Níger e de Uganda".[16] O fato de o movimento de Garvey não controlar território nenhum na África colonial ou no Caribe não tinha importância. Negros identificavam-se a si mesmos como nobres no exílio, trabalhando para chegar o dia em que os europeus seriam expulsos da pátria-mãe e eles reivindicariam sua herança.

A unia assimilava temas de vários rituais religiosos africanos. Apesar de católico, Garvey achava que pessoas de ascendência africana deviam adotar um deus e uma teologia de libertação negros. Isso não significava repúdio declarado ao cristianismo, apesar de um dia ele ter dito num comício: "Temos cultuado um deus falso... Criemos um deus próprio e ofereçamos esta nova religião aos negros do mundo".[17] Em 1929, Garvey chegou a dizer que "a Associação Universal para o Progresso do Negro é, fundamentalmente, uma instituição religiosa".[18]

O garveyismo criou um ambiente social positivo para fortalecer famílias negras e famílias que enfrentavam preconceito racial na vida diária. Como em qualquer movimento social abrangente, membros entusiásticos geralmente encontravam dentro do grupo o melhor clima de companheirismo. O que quer que tenha inicialmente servido para juntar Earl Little e Louise Norton, o casal tinha a mesma dedicação aos ideais de Garvey, que levariam pela vida fora. Construíram sua primeira casa na comunidade negra da Filadélfia, onde morariam quase dois anos. Em 1918, a Filadélfia tornara-se o centro de amplas atividades da unia, e logo a seção local cresceu imensamente; entre 1919 e 1920, mais de 10 mil pessoas, na maioria operários e pobres, ingressaram na organização, colocando a Filadélfia atrás apenas de Nova York no número total de membros.[19] Ali, o lado religioso do garveyismo cresceu em popularidade graças, principalmente, à presença imponente do carismático líder da seção, o reverendo James Walker Hood Eason. Em 1918, Eason e seus seguidores espirituais tinham formado a Igreja Popular Metropolitana Africana Metodista Episcopal Zion. Desiludido com a falta de militância dentro da NAACP, Eason

somou forças com Garvey, e depois disso sua ascensão foi imediata. Em 1919, sem consultar a congregação, o pastor vendeu o prédio da igreja para a Black Star Line de Garvey por 25 mil dólares, e no ano seguinte Garvey o designou "Líder dos Negros Americanos" na Primeira Convenção Internacional de Povos Negros realizada pela unia. Conhecido como "Eason língua de prata", foi escolhido pelo Liberty Party do Harlem como seu candidato à presidente nas eleições de 1920.[20]

Na convenção do partido aquele ano, perante uma multidão de 21 mil pessoas no Madison Square Garden, Eason enfatizou as dimensões internacionais da missão da unia. "Agora falamos de um ponto de vista mundial", proclamou. "Não representamos o negro inglês ou o negro francês... representamos os negros."[21] Em 1920, a unia tinha pelo menos 100 mil membros em mais de oitocentas organizações seccionais ou filiais.[22] Os garveyistas, entusiasticamente, diziam ao mundo que seus seguidores eram milhões. Uma avaliação mais objetiva, apesar disso, estimaria o total de novos membros nos anos 1920 e 1930 em 1 milhão ou mais, o que fazia dela um dos maiores movimentos de massa da história dos negros.[23]

A unia jamais se afiliou formalmente a qualquer confissão religiosa, mas, em razão do longo envolvimento anterior de Earl Little com a Igreja Batista negra, o graveyismo religioso tinha para ele um apelo especial, e ninguém no país encarnava esse apelo melhor do que Eason. Com Louise ao seu lado, Earl compareceu a muitas conferências e palestras da unia na cidade da Filadélfia e no bairro de Harlem, onde Eason geralmente era a atração principal, e com quem Earl aprenderia lições práticas sobre como falar em público. Enquanto ele crescia dentro do movimento, sua família também crescia; em 12 de fevereiro de 1920, Louise deu à luz o primeiro filho do casal, Wilfred, mas eles não demoraram muito na Filadélfia. A unia, rotineiramente, selecionava ativistas jovens e aptos para tarefas de organização e, em meados de 1921, os Little concordaram em mudar-se para o outro lado do continente a fim de abrir um posto avançado em Omaha, Nebraska.

Sua indicação coincidiu com o explosivo renascimento da Ku Klux Klan (KKK) no interior dos Estados Unidos. Criada no rescaldo da Guerra Civil, a primeira Klan tinha sido uma organização de justiceiros brancos crentes na superioridade de sua raça, que utilizava a violência e o terror, principalmente contra afro-americanos recém-libertos. A segunda KKK, surgida na onda de xenofobia que

tomou conta de milhões de americanos brancos depois da Primeira Guerra Mundial, ampliou seus alvos para incluir judeus, católicos, asiáticos e "estrangeiros" não europeus. A seção local de Nebraska, a Klavern Number One, foi criada em 1921. Antes do fim daquele ano, mais 24 grupos tinham surgido, atraindo, de início, uma média de oitocentos novos membros por semana em todo o estado. Seus fóruns eram bem divulgados, e pela altura de 1923 o número de membros chegara a 45 mil.[24] Dentro de um ano, manifestações, desfiles e queimas da cruz já eram comuns em todo o estado. Segundo Michael W. Schuyler, importante historiador local, na convenção estadual da KKK em 1924 no centro de Lincoln "havia 1100 homens da Klan vestidos de bata branca. Dignitários da Klan desfilavam em carros abertos; cavaleiros encapuzados marchavam a pé, geralmente carregando a bandeira americana; outros iam a cavalo".[25] Não era bem o grupo que em décadas posteriores seria obrigado a viver na clandestinidade.

A pequena comunidade negra de Omaha sentia-se sitiada. Poucos militantes tinham ingressado na NAACP e usavam seu jornal, o Monitor, para pedir aos brancos compassivos que se unissem a eles contra a KKK. Em setembro de 1921, o Monitor declarou que com "os esforços combinados de judeus, católicos e pessoas nascidas no exterior, a Klan deveria preparar-se para a maior batalha de sua vida. Se o que se quer é derramar sangue, os aliados estão prontos para a luta. Se a guerra é social e industrial, os aliados estão prontos para qualquer tipo de combate. O inimigo comum unirá os aliados comuns".[26] Apesar disso, era difícil para eles cumprir na prática o que ameaçavam retoricamente dentro da corrupta maquinaria política do interior dos Estados Unidos. Em janeiro de 1923, a coalizão anti-KKK pediu ao legislativo estadual de Nebraska que proibisse cidadãos de comparecerem a reuniões públicas "sob disfarce para ocultar a identidade", e exigisse que a polícia local protegesse os acusados de crimes enquanto detidos.[27] O projeto de lei foi aprovado com facilidade na câmara do estado, por 65 votos a 34, mas não obteve a necessária maioria de dois terços no senado estadual, onde partidários da Klan asseguraram seu fracasso.

Até 1923, de 2 milhões a 3 milhões de brancos americanos — incluindo políticos em ascensão como Hugo Black, do Alabama, e, mais tarde, Robert Byrd, da Virgínia Ocidental — tinham ingressado na Klan, que se tornara uma força na política nacional.[28] A organização secreta tinha membros tanto no Partido Democrata como no Republicano, mantendo o equilíbrio de poder em

muitos legislativos estaduais e em centenas de câmaras municipais. Sua presença significativa levou Garvey a extrapolar, afirmando que a KKK era o rosto e a alma dos Estados Unidos brancos. "A Ku Klux Klan é o governo invisível dos Estados Unidos", disse ele a seus partidários em Liberty Hall, em 1922, e "representa, em grande parte, os sentimentos de todo americano branco verdadeiro".[29] Diante disso, concluiu, era questão de bom senso negociar com eles, e foi o que fez, num infame encontro com o líder da Klan, Edward Young Clarke. Do ponto de vista prático, os grupos tinham consideráveis elementos em comum: tanto a KKK como a unia se opunham, por exemplo, a casamentos inter-raciais e ao convívio social entre raças. No entanto, importantes garveyistas contestaram diretamente a iniciativa de Garvey, ou simplesmente romperam com a unia, revoltados. Um número ainda maior de membros criticava as práticas comerciais caóticas da organização, como a Black Star Line, condenando a forma autoritária como era dirigida. Muitos ex-membros da unia concentraram-se em torno da liderança do reverendo Eason, que tinha criado seu próprio grupo, a Aliança Negra Universal, e cuja popularidade em alguns setores superava a de Garvey. Garveyistas leais responderam isolando ou, em alguns casos, eliminando seus detratores. No fim de 1922, Easton foi a New Orleans mobilizar seus adeptos. Depois de um discurso na Igreja Batista St. John's, cercado de centenas de admiradores, ele foi atacado por três pistoleiros e baleado nas costas e na testa. Lutou pela vida durante dias, morrendo, finalmente, em 4 de janeiro de 1923. Não há provas que liguem Garvey diretamente ao assassinato; vários seguidores leais importantes, entre eles Amy Jacques Garvey, a eloquente e ambiciosa mulher com quem ele se casou pela segunda vez, eram muito mais implacáveis do que o próprio líder,[30] e podem ter tido participação no assassinato de Eason.

Nem as desavenças dentro da cúpula nacional da unia nem as erráticas mudanças ideológicas de seus líderes desencorajaram Louise e Earl. A vida do jovem casal era dura; eles dispunham de poucos recursos, e Louise tinha dado à luz mais duas crianças — Hilda, em 1922, e Philbert, em 1923. Earl atendia às necessidades suplementares da família fazendo trabalhos de carpintaria; caçava aves com rifle e criava coelhos e galinhas no quintal. Mas sua constante agitação em nome da causa de Garvey provocou entre os negros o medo de represálias da KKK contra a comunidade.[31] As responsabilidades de Earl na unia exigiam que às vezes viajasse centenas de quilômetros; numa dessas viagens, no inverno de

1925, homens encapuzados da Klan foram à casa dos Little no meio da noite. Louise, grávida de novo, saiu corajosamente até a varanda para enfrentá-los. Eles exigiram que Earl saísse imediatamente. Louise disse-lhes que estava sozinha com três filhos pequenos e que o marido viajara para pregar em Milwaukee. Frustrados, os justiceiros da Klan avisaram a Louise que ela e toda a família deviam deixar a cidade, e que os "problemas provocados" por Earl na comunidade negra de Omaha não seriam tolerados. Para reforçar o recado, quebraram todas as janelas. "Depois entraram no carro e foram embora", escreveu Malcolm, rememorando o que ouvira sobre o incidente, "as tochas brilhando, tão de repente como quando chegaram."[32]

O ápice da atividade da Klan em Nebraska ocorreu em meados dos anos 1920. Então a Klan tinha dezenas de milhares de membros, recrutados em todas as classes sociais. Em 1923, uma seção feminina foi criada, e logo mulheres cantavam, ouviam palestras das porta-vozes nacionais e juntavam-se aos homens nos desfiles. Milhares de crianças brancas foram mobilizadas, meninos ingressaram na Junior Klan, meninas em clubes Tri-K. Sua influência tanto em Omaha como em Nebraska era generalizada, algumas igrejas brancas até acediam quando a Klan interrompia os serviços religiosos. Naquele ano, 1925, a convenção anual da KKK no estado foi programada para coincidir com a Feira Estadual de Nebraska, ambas realizadas em Lincoln. Cruzes foram queimadas, enquanto 1500 pessoas se apresentaram num desfile da KKK com carros alegóricos e um piquenique aberto ao público que atraiu 25 mil seguidores.[33]

Foi nessa época terrível que, em 19 de maio de 1925, no hospital da Universidade de Omaha, Louise deu à luz o quarto filho. O menino, sétimo filho de Earl, foi batizado com o nome de Malcolm.[34]

Apesar das contínuas ameaças, os Little lutaram para formar uma organização da unia. No domingo, 8 de maio de 1926, a seção local realizou um encontro em que "Mr. E. Little" era o principal pregador. No papel de secretária, Louise escreveu: "Esta divisão é pequena, mas muito viva na sua função de executar uma grande obra".[35] No outono de 1926, porém, eles concluíram que sua comunidade, molestada pelas depredações da Klan, não podia sustentar uma organização militante. Os problemas nacionais da unia agravavam suas dificuldades. O Departamento de Justiça vinha, havia anos, perseguindo

agressivamente líderes da unia, e em 1923 Garvey fora preso por fraude postal, em conexão com negócios da Black Star Line e condenado a cinco anos de prisão.[36] Ele passou os dois anos seguintes usando todos os recursos judiciais, até que, finalmente, ingressou na prisão federal em Atlanta em fevereiro de 1925. Em muitas áreas urbanas, especialmente no nordeste, sua prisão provocou grandes cismas e deserções, mas no sul rural e no centroeste milhares continuaram a ingressar no movimento. Garveyistas fiéis mandavam dinheiro e cartas de encorajamento para seções locais e escritórios nacionais, e faziam apelos para que a condenação de Garvey fosse revista.[37]

Louise, Earl e os quatro filhos logo se mudaram para Milwaukee, no estado de Wisconsin, centro urbano com uma crescente comunidade afro-americana. Entre 1923 e 1928, indústrias da cidade empregavam centenas de novos trabalhadores, e negros migravam para lá em bandos. Em 1923, a população de moradores negros foi estimada em 5 mil; no fim da década, aumentara 50%. Empregos comuns pagavam até sete dólares por dia, valor mais alto do que em muitas outras cidades.[38] Os Little também foram atraídos pelo robusto empreendedorismo e pela solidariedade racial da Milwaukee negra. Havia muitos restaurantes, funerárias, pensões e hotéis de propriedade de negros; muitos proprietários viam em seus esforços empresariais a realização "do sonho de uma cidade negra dentro da cidade".[39]

Embora as relações entre Garvey e a cúpula nacional da NAACP fossem frias, às vezes antagônicas, no nível local as seções dos dois grupos geralmente ficavam do mesmo lado das questões e estavam abertas à colaboração. Apesar de suas visões divergentes sobre o futuro das relações raciais, estavam de acordo quanto à necessidade imediata de diminuir a violência racial e aumentar o número de empregos para negros. Em 1922, por exemplo, a unia de Milwaukee preparou uma resolução, endossada pela NAACP, opondo-se ao emprego de negros como furadores de greves em ferrovias, a fim de evitar brigas raciais entre trabalhadores em greve.[40] Naquele ano, a seção da unia dizia ter cem membros; no começo dos anos 1930, mais de quatrocentos já tinham aderido. O sucesso foi em grande parte resultado dos esforços do reverendo Ernest Bland, pastor sob cuja liderança a unia local adotou uma estratégia para atrair trabalhadores negros, realizando desfiles e eventos culturais, e inaugurando seu próprio Liberty Hall. Muitos líderes da unia de Milwaukee também se tornaram ativistas do Partido Socialista; diferentemente do que ocorria em nível nacional,

eles frequentemente participavam de protestos e campanhas de direitos civis para elevar afro-americanos a cargos eletivos.[41] Earl Little estava envolvido como empregado no Clube Industrial Internacional, organização operária negra, e foi nessa condição, mais do que na de líder da unia, que ele e dois outros funcionários do clube escreveram ao presidente Calvin Coolidge em 8 de junho de 1927 pedindo a libertação de Garvey.[42] Os Little deixaram a cidade depois de despachar a petição pelo correio, e sua partida tinha sido retardada apenas pelo nascimento de outro filho, Reginald.[43] (Logo depois de nascer, Reginald foi diagnosticado com problemas de hérnia; problemas de saúde o afligiriam até a idade adulta.)

A próxima parada da família foi East Chicago, Indiana, onde sua estada foi ainda mais breve, pois o estado se revelou outro viveiro da KKK. Em 1929, eles se mudaram novamente, comprando uma casa de fazenda de dois andares numa pequena propriedade de três terrenos nos arredores de Lansing, Michigan. Curiosamente, era uma região onde havia poucos negros. Os Little não perceberam que a escritura da propriedade tinha uma cláusula especial — uma cláusula de exclusão racial que impedia a venda para negros. Em alguns meses, seus vizinhos brancos, cientes dessa cláusula, pediram que eles fossem despejados, e um juiz local atendeu. Earl contratou os serviços de um advogado, que entrou com recurso.[44]

Os racistas locais não se contentaram em esperar o devido processo legal. No começo da manhã de 8 de novembro, a casa dos Little foi abalada por uma explosão que Earl atribuiria a vários homens brancos, nenhum dos quais ele reconheceu, que jogaram gasolina na casa e atearam fogo. Em poucos segundos, as chamas e uma densa fumaça tragaram a casa de fazenda. Malcolm, de quatro anos, e os irmãos relembrariam esse episódio pelo resto da vida. "Ouvimos uma grande explosão", recordou Wilfred.

> Quando acordamos, havia fogo por toda parte, e todo mundo corria para as paredes, esbarrando-se uns nos outros, tentando sair. Ouvi minha mãe gritar, meu pai gritar — queriam ter certeza de que estávamos todos juntos para nos tirar de lá. O fogo espalhava-se com tal rapidez que praticamente não conseguiram salvar mais nada. Minha mãe pôs-se a correr de volta para pegar roupas de cama, qualquer coisa que conseguisse, deixava na varanda e depois levava para o jardim. Ela cometeu o erro de deitar minha irmãzinha, ainda bebê, em cima de uns edredons, para voltar e pegar mais coisas. Quando retornou, não viu o neném — acontece que tinham colocado outras coisas por cima da criança. Minha mãe quase enlouqueceu. Quer dizer, tiveram de segurá-la para que não voltasse à casa. Até que o neném

chorou, e descobriram onde estava.[45]

A família aterrorizada amontoou-se no ar frio da noite. Furioso, Earl "deu um tiro em alguém que segundo ele se afastava da casa correndo",[46] lembrava-se Wilfred. Nenhum carro de bombeiros apareceu para resgatá-los, e a casa queimou até não restar mais nada.

A polícia designou o detetive George W. Waterman para investigar o incêndio na casa da família Little. Moradores brancos do bairro disseram ao detetive que o proprietário de um posto de gasolina, Joseph Nicholson, tinha ligado para os bombeiros, e que eles se recusaram a socorrer. Mas quase de imediato circularam rumores no bairro de que Earl tinha, ele mesmo, provocado o incêndio, e Waterman resolveu seguir essa linha de investigação vigorosamente. Suas suspeitas foram reforçadas quando soube que Earl tinha uma apólice de seguro de 2 mil dólares da Westchester Fire Insurance Company, além de uma apólice de quinhentos dólares emitida pela Rouse Insurance Company, que cobria tudo que havia dentro da casa. Waterman e outro funcionário entrevistaram Nicholson, que alegou que Earl Little lhe dera um revólver na noite anterior. Nicholson mostrou a arma, que tinha cinco balas restantes e um cilindro vazio. Enquanto isso, sem ter onde morar, os Little tinham ido para Lansing, alojar-se temporariamente com a família de um homem chamado Herb Walker. Naquele início de noite, Waterman foi de carro até a casa de Walker, quando Earl estava ausente, e conversou com Louise, que lhe explicou que só tinha tomado conhecimento do incêndio quando foi acordada pelo marido. Em seguida, a polícia conversou com Wilfred, então com nove anos. Já estava escuro quando Earl finalmente voltou à casa de Walker, e Waterman e outro policial levaram-no para fora e o interrogaram. Como algumas respostas de Earl não coincidiram exatamente com as de Louise e de Wilfred, Waterman disse, posteriormente: "Decidimos prender Mr. Little para fazer novas investigações". A polícia estava convencida de que Little ateara fogo à própria casa para receber o dinheiro do seguro. O problema é que o promotor público concluiu que as provas eram insuficientes para processar Earl. Ele foi acusado apenas de posse ilegal de arma de fogo; declarou-se inocente, e a fiança foi fixada em quinhentos dólares. A promotoria prorrogou repetidamente a pífia acusação, até 26 de fevereiro de 1930, quando foi rapidamente rejeitada.[47]

O relatório final de Waterman não dizia que a investigação do possível

incêndio criminoso provocado por Little estava encerrada. Na época do incêndio, o advogado dos Little entrara com recurso contra o despejo da família perante a Suprema Corte do Estado de Michigan. Além disso, Earl tinha permitido que as apólices de seguro da casa caducassem. Na manhã seguinte ao incêndio, esteve no escritório de uma seguradora local para pagar os atrasados de velha apólice, sem declarar que as chamas tinham acabado de destruir a casa. Essas ações precipitadas indicavam que ele, muito provavelmente, não provocara o incêndio: se tivesse tido a intenção de fazê-lo, certamente teria pago os atrasados antes.[48]

A destruição da casa de uma família negra por brancos racistas não era caso isolado no centro-oeste daquela época. Em 1923, a Suprema Corte do Estado de Michigan confirmara a legalidade das cláusulas racialmente restritivas na venda de casas particulares. A maioria dos brancos de Michigan achava que negros não tinham o direito de comprar moradias em comunidades predominantemente brancas. Quatro anos antes do incêndio da casa dos Little, em junho de 1925, um casal negro, o dr. Ossian Sweet e sua mulher, Gladys, compraram uma casa em East Detroit, bairro branco, fugindo do maior gueto de Detroit, conhecido como Black Bottom, tendo de pagar 18 500 dólares, muito embora o valor justo de mercado do modesto bangalô fosse inferior a 13 mil dólares. Na noite em que os Sweet se mudaram, apesar da presença de um inspetor de polícia, centenas de brancos enfurecidos cercaram a casa e puseram-se a quebrar as janelas com pedras e tijolos. Amigos dos Sweet dispararam contra a turba, matando um homem e ferindo outro. Ossian e Gladys Sweet, e mais nove pessoas, foram subsequentemente acusados de homicídio. A NAACP entrou vigorosamente no caso, contratando o célebre advogado de defesa Clarence Darrow. Apesar do júri formado inteiramente por brancos, oito dos onze acusados foram absolvidos; os jurados dividiram-se com relação aos outros três. O juiz anulou o julgamento e, no fim das contas, os Sweet foram soltos.[49]

Esses últimos reveses não afetaram a determinação de Earl Little. A essa altura ele era um experiente mestre carpinteiro, com as habilidades necessárias para construir uma nova casa. Em poucos meses, no extremo sul de Lansing, perto do campus educacional que se tornaria parte da Universidade Estadual de Michigan, os Little compraram um terreno barato de 2,5 hectares, perto de uma extensa floresta. A proprietária, uma viúva branca, concordou em vender. Meses depois os Little descobriram que uma ação para penhorar metade da propriedade fora movida contra ela, pelo não pagamento de impostos atrasados.

Mais uma vez frustrados pela lei, não lhes restou outro recurso senão perder o direito à terra disputada.[50]

A raiva de Earl e sua contínua falta de sorte foram canalizadas para o trabalho na unia. Enquanto isso, Malcolm, então com cinco anos, tornava-se rapidamente o filho de sua predileção, e os dois viajavam juntos para reuniões da unia, geralmente realizadas na casa de um membro. Esses encontros raramente atraíam mais de 25 pessoas, mas eram cheios da energia e do entusiasmo que a liderança de Earl lhe incutia. Malcolm lembrava-se vividamente disso, e escreveu: "As reuniões sempre terminavam com meu pai dizendo várias vezes, e as pessoas cantando com ele: 'De pé, raça poderosa, você pode conseguir o que quiser'".[51]

Como ocorrera em Omaha, porém, Earl achou difícil recrutar gente em Lansing. Apesar de, já em 1850, várias famílias negras viverem na região, em 1910 os negros totalizavam apenas 354 — cerca de 1,1% da cidade — dos quais um quinto tinha migrado do Canadá; a maioria nascera na parte setentrional do sul, em estados como Kentucky, Virgínia Ocidental e Tennessee. A migração de milhões de afro-americanos do extremo sul (a partir de 1919) conduziu uma constante torrente de negros pobres para a capital de Michigan, e em 1930 ali viviam 1409. Não demorou muito para que as divisões de classe emergissem. A primeira onda de migrantes teve níveis razoavelmente altos de instrução e treinamento profissional. Nos anos 1890, a maioria era dona de casas e alguns tinham seu próprio negócio, quase sempre em bairros racialmente mistos. Um pequeno número trabalhava como pedreiro de pedra e tijolo, caminhoneiro, pintor, carpinteiro e emboçador. Na virada do século, apenas 10% dos homens foram classificados como "não qualificados ou semiqualificados". Em comparação, a maioria dos que chegaram depois de 1915 não tinha qualquer ocupação, e o senso de invasão trazido pela quantidade desses recém-chegados levou à aprovação de novas leis que estabeleciam linhas divisórias ainda mais nítidas entre as raças. Com o surgimento das leis de segregação, no fim do século xix e começo do século xx, contratos racialmente restritivos para o financiamento de casas particulares foram amplamente adotados em muitos estados, incluindo Michigan. Esses códigos tiveram como efeito forçar uma segunda onda de emigrantes negros, para ocupar um bairro pobre no centro de Lansing.[52] Embora negros tivessem permissão de votar, seus direitos civis e legais eram restritos em outros sentidos. Exagerando apenas um pouco, Wilfred Little mais

tarde descreveria a vida dos negros em Michigan nos anos 1920 e 1930 como "igual à vida no Mississippi... Quando se ia ao tribunal, ou precisava lidar com a polícia, era como estar no sul".[53]

Quando negros locais resistiam à discriminação racial, os brancos os rejeitavam. Como persistia em tentar convencer negros a se organizarem, Earl Little era visto como um desses criadores de caso.[54] Mas Earl atribuía suas dificuldades para conseguir emprego regular à classe média negra de Lansing, que via com desdém os garveyistas. Ele costumava fazer sermões, como convidado, em igrejas negras, e a oferenda irrisória que recebia significava a sobrevivência da família. Malcolm foi ensinado a não ter senão desprezo pelos cidadãos que se sentavam para ouvir seu pai. Estava convencido de que os líderes negros de Lansing iludiam-se a si mesmos, no que dizia respeito a seu verdadeiro lugar na sociedade. "Não conheço cidade com percentagem mais alta de negros ditos de 'classe média', tão satisfeitos consigo mesmos e tão equivocados — tipos voltados para símbolos de status e ansiosos por integração —, do que Lansing." Mas a esses burgueses negros faltavam os recursos de uma verdadeira classe alta. "A verdadeira elite", escreveu Malcolm na Autobiografia, "'pessoas importantes', 'vozes da raça' eram os garçons do Country Club de Lansing e os meninos engraxates do capitólio estatal."[55] Não era sarcasmo: esses homens tinham sido, realmente, seus iguais.

Pelo fim dos anos 1920, o movimento de Garvey, que fora um grande movimento de massa, desintegrara-se em muitas das maiores cidades dos Estados Unidos. Em 1927, o Liberty Hall, sede da unia no Harlem, foi vendido em leilão. Naquele novembro, o presidente Coolidge comutou a sentença de Garvey, com a condição de que ele fosse deportado, e impedido, permanentemente, de voltar. Garvey chegou à Jamaica em 10 de dezembro, e imediatamente pôs-se a trabalhar para consolidar o que restava da organização. No ano seguinte, ele e Amy Garvey embarcaram numa turnê internacional de palestras, falando para milhares de pessoas na Inglaterra, na Alemanha, na França, na Bélgica e no Canadá. Na Jamaica, os garveyistas lançaram o Partido do Povo e um jornal diário, o Blackman.[56] No Caribe, na África e em comunidades negras rurais e isoladas e em pequenas cidades dos Estados Unidos, o garveyismo ainda prosperava.

Talvez porque milhares de migrantes sulistas pobres constituíssem a maioria da classe operária negra de Detroit, a cidade continuava a ser a Meca da causa.

Em 1924, os garveyistas tinham, por suas estimativas, 7 mil membros na cidade.[57] Sua população migrante afro-americana tinha, predominantemente, de vinte a 24 anos, na maioria homens solteiros, semiqualificados ou não qualificados. Centenas tinham conseguido emprego na fábrica de Henry Ford em River Rouge, mas outros só eram contratados rotineiramente para empregos de alto risco, em fundições.[58] Esses jovens trabalhadores migrantes continuavam a formar o núcleo do movimento garveyista.

Mesmo no começo dos anos 1930, filiais garveyistas floresciam nas pequenas cidades de Michigan, apesar — ou talvez por causa — do advento da Grande Depressão. De 1921 a 1933, quinze divisões, ou organizações seccionais, da unia ali se estabeleceram.[59] Earl organizava frotas de carros de garveyistas para participarem de reuniões da unia (geralmente realizadas em Detroit) e impunha os princípios do movimento na própria casa. Jornais afro-americanos, e até caribenhos, eram lidos em casa, lembrava-se Wilfred Little, e os meninos eram regularmente instruídos sobre "o que acontecia na área do Caribe e em partes da África", bem como sobre as notícias do movimento no resto do país.[60] Desses esforços educativos nasceu a perspectiva pan-africana, tão importante na vida de Malcolm mais adiante.[61]

Os meninos Little eram constantemente treinados nos princípios do garveyismo, a ponto de chegarem a expressar seus valores nacionalistas na escola. Por exemplo, certa manhã, depois de recitarem o Voto de Lealdade e cantarem o hino nacional, Wilfred informou ao professor que os negros também tinham seu próprio hino. Instado a cantar, Wilfred concordou: "Começava com as palavras... 'Etiópia, a terra dos livres...' Isso criava problemas", lembrava-se ele, "porque ali estava aquele negrinho que se sentia igual a todo mundo, tinha seu próprio hino nacional, sabia cantá-lo e orgulhava-se dele... Não era como eles gostariam que fosse".[62]

Enquanto a família continuava a crescer, Louise fazia o possível para cuidar bem de todos, com uma renda pífia. Para aprender os princípios garveyistas de autossuficiência e responsabilidade pessoal, cada um dos mais velhos ficou pessoalmente encarregado de tomar conta de um pedaço do jardim. Continuavam a criar coelhos e galinhas, mas as pressões diárias da pobreza e a reputação de garveyistas excêntricos tinham um preço.[63] Earl era inclinado à violência física com a mulher e a maioria dos filhos. Mas Malcolm, que idolatrava o pai, sempre conseguia escapar dos castigos. De alguma forma o menino

percebeu que sua cor mais clara funcionava como uma espécie de escudo contra as surras de Earl.[64] Já adulto, Malcolm lembrava-se de incidentes violentos, reconhecendo que os pais brigavam muito; no entanto, quase todas as surras que levou quando menino foram dadas pela mãe.[65]

À medida que a Grande Depressão se agravava, brancos empobrecidos no centro-oeste sentiam-se atraídos por uma nova formação de justiceiros, a Black Legion. Inicialmente chamada de Klan Guard, a formação, quando foi fundada em 1924, ou no começo de 1925, em Bellaire, Ohio, utilizava uma mistura retórica contra negros e católicos. Em vez de batas brancas, seus membros usavam batas negras; "queimar cruzes nas encostas à meia-noite, tudo bem; desfiles ao meio-dia na rua principal estavam fora de cogitação".[66] A Legião Negra fez sucesso com o pessoal encarregado de aplicar a lei e alguns sindicalistas do setor de transporte público. Pelo começo dos anos 1930, seus membros faziam cavalgadas noturnas rotineiras e policiavam os padrões de conduta das cidades, submetendo suas vítimas a inúmeras humilhações, como serem açoitadas, lambuzadas de alcatrão e adornadas de penas, ou simplesmente expulsas da cidade.[67]

No começo da noite de 8 de setembro de 1931, pouco depois do jantar, Earl foi limpar o quarto de casal, antes de ir ao lado norte de Lansing receber o "dinheiro das galinhas", de famílias que tinham comprado suas aves. Louise teve um mau pressentimento sobre a viagem e implorou-lhe que não fosse. Earl ignorou os temores da mulher e saiu. Poucas horas depois, Louise e os meninos foram para a cama. Mais tarde, ela foi acordada por uma forte pancada na porta da frente e pulou da cama aterrorizada. Quando abriu a porta, cuidadosamente, deparou com um jovem policial do estado de Michigan, Lawrence G. Baril, que lhe deu a terrível e temida notícia: seu marido fora gravemente ferido num acidente e estava no hospital.

Horas antes, Baril tinha sido chamado à cena de um acidente envolvendo um bonde. Era o primeiro acidente grave que o jovem oficial investigava; a forte impressão que teve, como posteriormente relatou sua mulher, Florentina, foi a de que "o homem tinha sido cortado em dois... o acidente foi muito violento".[68] A polícia levantou imediatamente a hipótese de que Earl escorregara e caíra ao subir de noite num bonde andando. Talvez tivesse errado o passo e sido arrastado para perto das rodas traseiras do bonde. A possibilidade de Earl ter sido vítima de violência racista jamais foi levada em conta.[69]

Earl sofreu dores terríveis durante horas após ter sido levado para o hospital. O braço esquerdo tinha sido esmagado, a perna direita quase separada do tronco. Quando Louise chegou, estava morto.[70] O médico legista declarou que a morte de Earl foi acidental, e assim contaram os jornais de Lansing. Mas as lembranças de negros de Lansing, passadas adiante de boca em boca, contam uma história bem diferente, que sugere crime, e o envolvimento da Legião Negra.

Wilfred recordou-se de ter ido ao funeral e visto o corpo do pai. "Enquanto minha mãe falava, esgueirei-me até os fundos, onde tinham posto o corpo numa mesa", disse ele. "O bonde o cortara logo abaixo do tronco, separando completamente a perna esquerda e esmagando a direita, porque o bonde... tinha passado bem por cima dele. Ele sangrou até morrer."[71] A lembrança mais vívida que Malcolm guardava do funeral do pai era a de ver a mãe histérica, e da dificuldade que ela teve para aceitar o acontecido. Malcolm achava que ele e os irmãos "se ajustaram" melhor à intratável realidade da morte de Earl Little do que Louise.[72] Mas, apesar disso, os meninos ficaram profundamente abalados com os rumores que circulavam sobre a violenta morte do pai. Philbert, então com oito anos, ouviu dizer que "alguém tinha atingido meu pai com um carro pelas costas, jogando-o debaixo do bonde. Depois eu soube que alguém o empurrara para baixo daquele bonde".[73]

Uma reconstituição pericial da morte de Earl Little sugere que a história ouvida por Philbert talvez seja verdadeira. Antes de sair de casa na noite da sua morte, Earl disse à mulher que ia à parte norte de Lansing. No entanto, de acordo com jornais locais, seu corpo foi encontrado na intersecção da rua Detroit com a avenida Michigan, um quarteirão a leste da linha que delimita a cidade. Poucos negros moravam nessa área.[74] A estranha localização do corpo sugere a possibilidade de que Earl tenha sido atingido por um carro, ou quem sabe atacado a cacetadas num lugar, e levado para debaixo de um bonde em outro, a fim de criar a impressão de que houve um terrível acidente. O provável assassinato de Earl pode ter tido o mesmo objetivo dos linchamentos praticados no sul — o de aterrorizar os negros e suprimir atos de resistência.

Louise nunca teve dúvida de que o marido fora assassinado, possivelmente pela Legião Negra. Apesar de ter identificado o corpo de Earl, ela não parece ter contestado o relatório da polícia, ou tentado descobrir a verdade. Durante toda a vida, Malcolm foi obcecado com o fim trágico do pai e ambivalente quanto à

forma como esse fim ocorreu. Em 1963, em visita à Universidade de Michigan, descreveu a morte de Earl como acidental, mas, no ano seguinte, pintou o pai como um mártir da libertação dos negros.

Com a morte súbita do patriarca, a família Little mergulhou no abismo da pobreza. Earl deixou um seguro de vida de mil dólares, que foi pago a Louise, mas ela não conseguiu ficar com o dinheiro por muito tempo. A notícia da morte do marido levou uma multidão de peticionários ao tribunal de sucessões, exigindo pagamento de serviços prestados. O médico U. S. Bagley, por exemplo, apareceu para cobrar 99 dólares, alegando ter assistido o nascimento dos filhos mais novos de Louise e Earl — Yvonne e Wesley —, além das visitas domiciliares que fez para tratar da pneumonia de Philbert. Contas de dentistas, aluguéis, consertos de telhado — tudo isso se acumulou; até a empresa funerária tinha cerca de quatrocentos dólares a receber, incluindo despesas de sepultamento na Geórgia. Quase nenhum dos peticionários recebeu coisa alguma, porque a propriedade valia apenas mil dólares — o equivalente a cerca de 15 mil dólares em 2010. Louise tinha pedido ao tribunal uma "pensão de viúva", de dezoito dólares mensais "para minha manutenção e da minha família". Quase 750 dólares do pagamento do seguro foram separados para cobrir a pensão de viúva. Depois de pagar os gastos com o tribunal e os honorários do administrador de sucessões, o dinheiro do seguro praticamente acabou.[75]

De início, Louise lutou desesperadamente para preservar a estabilidade. "Minha mãe tinha muito orgulho", disse Yvonne Little Woodward, irmã mais nova de Malcolm. "Ela fazia luvas de crochê para as pessoas... Alugava espaço no jardim, trabalhando em parceria com o inquilino. Tínhamos um depósito atrás da casa — ela alugou isso também."[76] Hilda, que tinha quase dez anos, tornou-se uma segunda mãe, cuidando dos irmãos mais novos e trabalhando de vez em quando como babá. Wilfred usava o rifle do pai para caçar e garantir o jantar da família. Os únicos que aparentemente não participavam do mutirão eram Philbert e Malcolm, que não ajudavam nas obrigações diárias. Depois da escola, na Pleasant Grove Elementary School de Lansing, os dois meninos se juntavam aos brancos "para fazer travessuras", como Philbert admitiria mais tarde.[77] Numa dessas ocasiões, mudaram de lugar o banheiro externo de um vizinho que "os maltratava", segundo um dos amigos de infância de Malcolm, Cyril McGuine. "Quando saiu atrás deles, sumiu de repente, dando um grito, ao cair no buraco que tinham preparado."[78]

Mesmo aos sete anos, Malcolm tinha um jeito de evitar trabalho duro. Yvonne lembra que a mãe mandou um grupo de meninos trabalhar no jardim. Quase imediatamente, "Malcolm começou a falar, e nós começamos a trabalhar... Lembro-me de Malcolm deitado debaixo de uma árvore, com um talinho na boca. Ele contava aquelas histórias, mas gostávamos tanto de estar com ele que não nos importávamos de trabalhar".[79] Wilfred percebeu que o irmão mais novo tinha uma autoconfiança incomum. "Quando um grupo [de crianças] começava a brincar, [Malcolm] acabava sempre comandando a brincadeira." Quando os meninos brancos iam brincar no mato atrás da propriedade dos Little, "Malcolm dizia: 'Vamos brincar de Robin Hood'. Íamos para lá, e Robin Hood era Malcolm. E os meninos brancos topavam — um Robin Hood negro!".[80]

As coisas, que já eram difíceis, ficaram ainda mais frustrantes porque Louise era obrigada a lutar contra as aporrinhações da burocracia previdenciária de Michigan. O estado tinha aprovado sua primeira lei abrangente sobre pensões em 1913, oferecendo apoio financeiro a crianças pobres com mães consideradas boas tutoras. Isso estabelecia um padrão estadual de três dólares semanais por criança, mas, na realidade — em consequência de uma lei estadual de 1931 que separava "assistência a pobres" da administração de "pensões de mães" —, o pagamento médio semanal não passava de 1,75 dólar. Em alguns casos, mulheres que sustentavam famílias com mais de seis filhos recebiam pagamento apenas por três. As beneficiárias tinham poucos direitos. Diferentemente daquelas que viviam do plano de assistência a pobres, que eram obrigadas a morar num determinado condado durante um ano antes de terem direito a receber, as mães podiam mudar-se dentro do estado sem prejuízo dos benefícios. No entanto, como as pensões eram administradas pelos condados, administradores e juízes de sucessões locais tinham considerável poder de decisão. Embora a lei estadual determinasse que mães afro-americanas tivessem acesso igual, a discriminação com base em estado civil, raça e outros fatores era generalizada.[81] A pensão de Louise jamais cobriu sequer as necessidades básicas. "Os cheques ajudavam", reconhecia Malcolm, "mas não eram suficientes, pois éramos muitos."[82]

O ano de 1934 foi especialmente difícil. O departamento de previdência social de Michigan investigava constantemente a casa dos Little, e Louise, também constantemente, enfrentava os funcionários do governo com protestos contra "a intromissão em nossa vida". A fome era companheira regular da família, e de vez em quando Malcolm e os irmãos sentiam-se tontos de desnutrição. No outono,

uma súbita mudança psicológica ocorreu; o senso garveyista de orgulho e autossuficiência começou a murchar. Os Little passaram a sentir-se vítimas da burocracia do estado.[83]

Louise continuou tentando desesperadamente encontrar meios de manter a família. Tinha o cuidado de seguir uma rotina da casa que incentivasse a ordem e um sentimento de família. No fim do dia, todos "se juntavam em redor do fogão", disse Wilfred, "e minha mãe nos contava histórias. Ou recitávamos o alfabeto, ou a tabuada, e ela ensinava francês... Depois contava história dos nossos antepassados".[84] Para Louise, a família tornava-se, cada vez mais, o único ponto de apoio duradouro. O pequeno grupo de garveyistas com quem ela e o marido tinham trabalhado desfizera-se durante a Grande Depressão. Ela pediu ajuda aos membros de uma Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas o preço da assistência oferecida era a assimilação. Com Wilfred, ela lia vários panfletos adventistas, mudando a dieta alimentar da família para conformar-se aos ensinamentos da Igreja. Isso incluía não comer porco e coelho, dois alimentos básicos de sua dieta.

Na escola, o estigma de ser uma criança vivendo de assistência afetou profundamente Malcolm; as escolas de Michigan eram integradas, e já era difícil ser negro, mais ainda um negro vivendo de assistência. Não demorou muito para que começasse a roubar alimento nas lojas, tanto para fazer alguma coisa como para matar a fome. Mesmo assim, ainda estava longe de ser suficiente. Por dias seguidos, quando os Little não tinham o que comer, Malcolm começou a aparecer na casa dos vizinhos Thornton e Mabel Gohanna na hora do jantar. Os Gohanna eram "legais, pessoas de idade, e grandes frequentadores de igreja. Eu os vira controlar os saltos e berros quando meu pai pregava", disse Malcolm. Em sua casa havia sempre lugar para preguiçosos interessantes, e para indigentes que precisavam de cuidados. Os Gohanna logo passaram a cumular o menino de atenções. Depois que Malcolm foi apanhado furtando várias vezes, seus pequenos furtos se tornaram questão controvertida entre os funcionários da previdência do condado, que abordaram a família Gohanna para saber se ela estava disposta a adotá-lo.[85] Os Gohanna aceitaram. "Mas minha mãe teve um ataque", contou Malcolm.[86]

O tecido da vida parecia cada vez mais surrado pelos acontecimentos diários, grandes e pequenos. Yvonne lembrava-se de um incidente ocorrido quando a mãe conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar móveis para o quarto.

Um dia, um caminhão parou na frente da casa, e o motorista explicou que tinha ordem de levar as compras de volta para a loja. "Minha mãe dizia: 'Eu paguei, tenho o recibo'". Mas o motorista não quis ouvir. No dia seguinte, Louise foi ao centro da cidade resolver o problema, e eles lhe devolveram a mobília. Mas ainda assim o incidente a aturdiu, acentuando as pressões da pobreza ao prejudicar seus esforços para manter as aparências diante dos vizinhos brancos. "Quantos viram [a mobília] voltar?", perguntava Yvonne. "Não sabiam que ela tinha sido paga. A loja pediu desculpas, mas pensem no que fizeram minha mãe passar."[87] Noutro incidente, alguém matou o cachorro da família. Segundo contou Wilfred, "eles o mataram para ter certeza de que não teríamos cachorro. Acho que só para dificultar as coisas". Os brancos, com poucas exceções, tratavam Louise e os filhos com desprezo. "Quando iam à nossa casa", lembrava-se Wilfred, "falavam com minha mãe como se quisessem deixá-la de joelhos... porque ela era muito independente."[88]

Louise não tinha quarenta anos e, apesar das dificuldades, ainda era uma mulher extraordinariamente atraente. Em 1935 ou 1936, em algum momento, ela começou a namorar um afro-americano. Malcolm descreve o homem como fisicamente parecido com o pai, notando que Louise ficava radiante sempre que o pretendente aparecia. O homem — que Malcolm nunca identifica em seu relato — era autônomo e tinha modestos recursos. Sua presença na vida deles oferecia um vislumbre de promessa: só a segurança do casamento poderia manter os funcionários da previdência longe da vida da família Little. Durante um tempo, a proposta parecia provável; então, no fim de 1937, Louise engravidou. Ao descobrir que minha mãe estava grávida, contou Malcolm, ele "abandonou minha mãe de repente".[89]

Foi antes ou durante a gravidez, quando Malcolm tinha onze ou doze anos, que os funcionários da previdência o puseram na casa dos Gohanna. Ele resistiu à mudança, mas Louise já não tinha condições de tomar conta de toda a família. "Nós meninos", refletia Malcolm, "vimos nossa âncora ceder."[90] De início, ficou infeliz, mas melhorou de humor quando a transferência para a casa da família adotiva foi oficializada: o novo arranjo aliviou o fardo financeiro da mãe, e ele estava perto o suficiente para visitá-la sempre. A família Gohanna, por convicção religiosa, também era conhecida por abrigar ex-prisioneiros.[91] Foi ali talvez que a futura estratégia de Malcolm, de "pescar" convertidos religiosos entre os sem-teto e os ex-prisioneiros, teve sua gênese.

No fim do inverno de 1938, as poucas esperanças dos Little desintegraram-se. Física e psicologicamente, Louise enfraquecia. Naquele verão, ela deu à luz o oitavo filho, Robert. Semanas depois, no outono, Malcolm foi matriculado na West Grove Junior High School em Lansing. Tudo indica que teve bom desempenho escolar, e fazia amizades facilmente com meninos negros e brancos. Em casa, porém, o novo bebê exigia de Louise mais do que ela poderia aguentar. Dias antes do Natal, policiais a encontraram andando descalça na estrada coberta de neve, a criança apertada contra o peito. Parecia traumatizada, e não sabia quem era nem onde estava.[92] No começo de janeiro de 1939, um médico atestou que ela era "pessoa insana cuja condição exige cuidados e tratamento numa instituição".[93] Em 31 de janeiro de 1939, Louise ingressou no hospital de Kalamazoo, acompanhada do delegado Frank Clone, do subdelegado Ray Pinchet e de Wilfred Little. Ficaria confinada nos limites do hospital estadual pelos próximos 24 anos.[94]

As instituições de saúde mental de Michigan eram primitivas pelos padrões da época, em alguns casos não melhores do que os antiquados manicômios, onde os doentes mentais eram abandonados. Suas alas viviam superlotadas, e os índices de recuperação eram baixos: o Hospital Estadual de Kalamazoo fora fundado em 1859 como Asilo de Michigan para os Insanos, e quando Louise lá chegou parecia ter a idade que tinha; ao longo dos anos 1930, seus administradores queixavam-se de crônica falta de pessoal, o que contribuía para o descaso e para erros de diagnóstico.[95] Uma lei aprovada por Michigan em 1903 sobre insanidade exigia que os manicômios "utilizassem todos os meios necessários para dar emprego aos pacientes que possam ser beneficiados pelo trabalho regular, adequado à sua capacidade e à sua força". A partir dos anos 1920, pacientes mulheres eram designadas rotineiramente para tecer tapetes e fabricar colchões, passar e cerzir roupas e cuidar da casa. Esperava-se de Louise que desempenhasse essas tarefas. Devido ao seu diagnóstico de depressão severa, o tratamento a que foi submetida parece ter incluído terapia eletroconvulsiva.[96] Fosse qual fosse o tratamento, deu-lhe pouco alívio, e ela viveu anos num estado de atordoamento, que às vezes melhorava, às vezes piorava.

Malcolm raramente visitava a mãe, e quase nunca falava nela: tinha muita vergonha de sua doença. A experiência deixou nele a convicção de que todas as mulheres eram, por natureza, fracas e pouco confiáveis. Também pode ter

achado que o namoro da mãe e a subsequente gravidez fora dos laços matrimoniais foram, de certa forma, uma traição ao pai.

Funcionários da previdência determinaram que Wilfred, de vinte anos, e Hilda, de dezoito, tinham idade suficiente para assumir a responsabilidade da casa. Naquele verão, porém, um funcionário estadual decidiu que os Gohanna já não podiam sustentar Malcolm, agora com catorze anos, e recomendaram que ele fosse transferido para a County Juvenile Home, centro de reabilitação juvenil em Mason, dezesseis quilômetros ao sul de Lansing.[97] A cidade era praticamente habitada apenas por brancos, como a escola para onde Malcolm seria transferido. No período em que viveu com os Gohanna, Malcolm frequentemente passava os fins de semana com a família, mas a reinstalação limitava severamente esse acesso.

De início, ele se adaptou com facilidade ao colégio de Mason — foi eleito presidente da classe durante o segundo semestre e, academicamente, terminou quase no topo da turma. O belo menino negro começou a provocar paixões em coleguinhas brancas. Alto e muito magro, era, visivelmente, do tipo não atlético; suas duas tentativas de aprender boxe foram desastres cômicos, e era mau jogador de basquete. Mas seu charme e suas habilidades verbais e intelectuais conquistavam admiradores. Líder nato, os outros gostavam de estar perto dele. Adolescentes brancos o apelidaram de "Harpy" [Avarento], porque tinha o hábito de "repisar" seus temas preferidos, ou de falar alta e rapidamente de outros. Na comunidade negra de Lansing, porém, ele recebeu um apelido diferente — "Red" [Vermelho], por causa do cabelo ruivo.[98]

Com a separação de Malcolm da família, e Wilfred e Hilda lutando para sustentar o resto dos irmãos depois que a mãe foi internada, a ajuda veio de Boston, no fim de 1939, ou começo de 1940, na forma de Ella Little, a meio-irmã mais velha. Produto do primeiro casamento de Earl, Ella mudara-se da Geórgia com outras pessoas da família nos anos 1930. Apesar de não conhecer a segunda família de Earl, ou pelo menos de nunca ter se envolvido muito com ela, quando soube de suas dificuldades em Lansing resolveu tomar parte ativa na supervisão dos meninos. Para o jovem de quinze anos que era Malcolm, Ella era uma mulher firme e sensata. Durante a visita de Ella, os meninos a acompanharam a Kalamazoo para ver a mãe. Malcolm ficou particularmente impressionado com as diferenças físicas entre as duas mulheres; a pele cor de azeviche e o físico robusto de Ella contrastavam nitidamente com a tez bem mais clara de Louise.

Mais tarde, pouco antes de voltar para casa, Ella insistiu com Malcolm para que lhe escrevesse regularmente. Talvez, arriscou, até pudesse passar parte do verão com ela em Boston. "Agarrei a oportunidade",[99] lembrava-se Malcolm.

Quando Malcolm fez a viagem no verão de 1940, ficou impressionado com o que viu na cidade. Ella tinha apenas 26 anos, mas parecia vivida e independente. Morava com o segundo marido numa casa confortável na rua Waumbeck, no racialmente misto distrito de Hill, em Boston. O irmão mais novo, Earl Jr., e a tímida irmã menor, Mary, moravam com ela. Nos fins de semana, milhares de negros saíam pelas movimentadas ruas de Boston — para fazer compras, ir a restaurantes ou ao cinema. Pela primeira vez na vida, Malcolm viu casais de negros e brancos andarem juntos, tranquilos, sem aparentar medo. Ficou fascinado com os sons e ritmos do jazz, que jorravam de clubes como o Wally's Paradise e o Savoy Café, na avenida Massachusetts, entre as avenidas Columbus e Huntington.[100] Era um mundo eletrizante, um animado ambiente urbano, e sua mágica impregnou-lhe a imaginação de forma duradoura.

Ao voltar para casa no outono, Malcolm se esforçou para readaptar-se à vida de cidade pequena. Apesar da inépcia física, tentou e conseguiu entrar no time de futebol de Mason. Mais de duas décadas depois, um jornal local publicou uma foto do time do Mason em 1940, que incluía Malcolm; o jornal dizia que ele "preferia enfrentar jogadores que tinham a posse da bola... em vez de enfrentar a raça branca, como faz hoje".[101] "Quando Malcolm foi para Mason, deu para notar mudanças", recordou-se Wilfred. "Algumas para melhor, outras para pior... Ele reclamava do que os professores tentavam fazer — tentavam desencorajá-lo a fazer cursos que não se esperava que negros fizessem; em outras palavras, tentavam mantê-lo em seu lugar".[102] Não o incomodara, no ano anterior, que os alunos brancos de quem se tornara amigo o chamassem de negro. Mas agora Malcolm tinha aguda consciência da distância social que o separava dos outros. Um professor de inglês, Richard Kaminska, argumentou duramente com ele para que não se tornasse advogado. "Você precisa ser realista sobre a condição de negro... Por que não se decide por carpintaria?"[103] As notas de Malcolm caíram drasticamente, e sua truculência aumentou. Meses depois, foi expulso.

Já sobrecarregados pelas exigências de uma família numerosa, Wilfred e Hilda logo descobriram que não teriam como controlar o voluntarioso irmão mais jovem. De novo Ella sentiu-se na obrigação de intervir. Meses antes, numa carta para Malcolm, ela escrevera:

Sentimos tanto a sua falta. Não fique se achando o tal, mas honestamente tudo aqui parece morto. Muitos rapazes perguntam por você... Eu gostaria que você voltasse, com uma condição. Que esteja decidido. Se eu mandar a passagem você paga todas as suas contas? Responda logo.[104]

Ella achava que Malcolm estaria melhor sob seus cuidados, e os irmãos mais velhos de Malcolm concordaram. No começo de fevereiro de 1941, faltando três meses para completar dezesseis anos, com quase 1,80 metro e ainda crescendo, Malcolm pegou um ônibus na rodoviária de Lansing. Esforçara-se para usar o melhor terno, um verde-escuro; as mangas terminavam bem antes dos pulsos. Trajava um sobretudo verde-claro, de gola estreita. Vinte horas depois, sua primeira grande reinvenção teria início.

2. A lenda de Detroit Red

1941-janeiro de 1946

Mesmo antes de o ônibus em que viajava Malcolm Little parar no principal terminal rodoviário de Boston, Ella resolvera que seu meio-irmão não tomaria mais decisões sobre estudos. Sem lhe perguntar, ela o matriculou numa academia só para meninos no centro de Boston. Malcolm fez uma tentativa, sem grande entusiasmo. Na primeira manhã, quando chegou à escola e descobriu que não havia meninas, deu meia-volta e nunca mais na vida pôs os pés numa sala de aula.[1]

Foi o primeiro confronto de vontades entre os dois irmãos. Tão teimosa quanto o jovem de quem tomava conta, Ella não costumava permitir desobediência. Nascida em 13 de dezembro de 1913, na Geórgia, ela se mudara para o norte na adolescência, no início da Grande Depressão. Morou breve temporada em Nova York, trabalhando como chefe de seção de uma grande loja de departamento. Com quase 1,80 metro e 65 quilos, pele cor de azeviche, Ella era figura imponente; os patrões "decidiram que ela tinha uma aparência suficientemente má para assustar prováveis ladrões de loja". Depois de seis meses, suspeitando que o emprego não a levaria longe, ela pediu as contas. Mudando-se para Everett, subúrbio de Boston, conheceu Lloyd Oxley, médico do hospital de Boston, com quem se casou. Oxley, jamaicano, era firme partidário de Garvey, o que ela achava admirável, mas questões de dinheiro e a recusa de Ella a ser dominada levaram ao divórcio em 1934.[2]

Tempos depois do fim do casamento, Ella começou a sair com um homem casado, de nome Johnson, mas seus problemas de dinheiro continuaram.

Segundo o filho, Rodnell P. Collins, Ella aproveitara o tempo que passou caçando ladrões de loja para aprender seus truques, e acabou ingressando em suas fileiras. Roubar roupas e alimentos tornou-se quase rotina, enquanto Ella lutava para ajudar os parentes.[3] Suas transgressões rapidamente evoluíram para crimes mais sérios, e em agosto de 1936 foi acusada de agressão e espancamento, com arma perigosa, e "coabitação obscena e lasciva". Recebeu pena de um ano de liberdade condicional pela última acusação, e, declarando-se culpada, recebeu mais tempo de liberdade condicional por assalto e espancamento. Nos três anos seguintes, Ella foi presa em três ocasiões distintas, incluindo mais uma por acusação de assalto e espancamento em 1939. Quando Malcolm se mudou para Boston, Ella já pensava em terminar o segundo casamento, e em 31 de julho de 1941 entrou com uma ação por "tratamento cruel e abusivo".

Provavelmente Malcolm não levou muito tempo, depois de chegar a Boston em fevereiro de 1941, para perceber que a idílica existência de classe média da meio-irmã ocultava um estilo de vida errático, baseado em pequenos crimes. Quanto ao temperamento, Ella mostrou que não era nem uma estável figura materna, nem uma companheira de casa particularmente agradável. Seus repetidos arranca-rabos com a lei testemunhavam um comportamento beligerante e paranoico, uma temeridade que só piorou com o passar dos anos. Duas décadas depois desses acontecimentos, ela ingressou no Centro para Tratamento de Saúde Mental de Massachusetts, após ser acusada de portar arma perigosa. Foi entrevistada pelo diretor de psiquiatria do centro, dr. Elvin Semrad. Muito embora tenha dito em seu relato que se tratava de "uma paciente modelo, inteiramente razoável, demonstrando humor, inteligência e graça", ele não se deixou convencer. Ella também tinha "um caráter paranoico", que "pela natureza militante do seu caráter... pode ser considerada pessoa perigosa".[4]

Na viagem a Lansing para ver os irmãos, Ella tinha conhecido Kenneth Collins, jovem de 24 anos, dotado de ótima aparência e um jeito suave de dançar, e os dois começaram a namorar.[5] No início de 1941, Collins tinha se mudado para Boston, e quase imediatamente deixou Ella furiosa por sair com o irmão dela, Earl Jr., para irem a danceterias e casas noturnas. Mesmo assim, em 20 de junho de 1942, ela se casou com ele.

Nos anos 1940, Ella Collins e a família viviam no meio de um crescente grupo de negros proprietários e inquilinos de casas na área da avenida Waumbeck e da avenida Humboldt em Boston, conhecida informalmente como Hill. Esse bairro

era uma de várias comunidades negras declaradamente diferentes, que se desenvolveram na cidade durante a primeira metade do século xx. A mais importante, e maior, era South End, onde viviam negros operários e de baixa renda, e cujo miolo se situava ao longo das avenidas Columbus e Massachusetts. Outra era Intown, localizada em Lower Boxbury e nos quarteirões logo depois de South End. Mas essas áreas de cinturão de pobreza não tinham se tornado guetos inteiramente negros — ainda. Milhares de imigrantes brancos — lituanos, gregos, armênios, sírios e outros — que chegaram no começo do século ainda viviam juntos, em estreita proximidade com seus novos vizinhos negros. Como outros centros urbanos do nordeste naquela época, Boston era uma cidade multiétnica, em fase de expansão.[6]

Hill era um bairro em transição. Agradável comunidade de famílias operárias e de classe média, vivendo em sua maior parte em casas não geminadas e pequenos prédios de apartamentos, o bairro tinha sido predominantemente judaico na virada do século, mas teve sua composição racial alterada com a ascensão de negros nos anos imediatamente anteriores à Segunda Guerra Mundial. Mesmo antes de Pearl Harbor, os índices de emprego em Boston começaram a subir. Indústrias e empresas locais, que anteriormente empregavam poucos negros, levantaram a barreira da cor, incluindo o estaleiro da Marinha, o estaleiro Quincy e empresas ferroviárias de transporte de passageiros. Mais uma nova era de migração negra teve início. Nos anos imediatamente anteriores à Segunda Guerra Mundial, quase 2 milhões de negros sulistas mudaram-se para outras partes dos Estados Unidos; primeiro dois ou três membros de uma família eram mandados para determinada cidade, em busca de emprego e moradia; depois o resto ia atrás. Numerosos Mason, parentes de Ella do lado materno, mudaram-se para Boston. Segundo cálculos de Rodnell Collins, em meados dos anos 1940 cerca de cinquenta parentes de Ella moravam na área metropolitana de Boston.[7]

O influxo populacional, combinado com novas oportunidades de ganho para afro-americanos, provocou uma grande mudança demográfica nos bairros de Boston. Pelo fim dos anos 1930, centenas de negros de Boston tinham se tornado policiais, escriturários, professores e profissionais de colarinho-branco, e seu êxito os levou a procurar moradias melhores em lugares como Hill.[8] Era a esse tipo de vida, uma boa vida burguesa de classe média, que Ella aspirava. Mas para galgar a hierarquia de classe da Boston negra, Ella precisava de dinheiro, e o

crime, infelizmente, foi a única maneira que encontrou de consegui-lo. Ao mesmo tempo, ela ainda era a filha do pai garveyista. Tinha uma simpatia especial pelas noções garveyistas de empreendedorismo e mobilidade social dos negros, e defendia com firmeza tanto o capitalismo como uma espécie de nacionalismo protonegro. Não era integracionista, opondo-se apaixonadamente ao namoro e ao casamento inter-raciais.

Malcolm deve ter pensado muito sobre o que os pais teriam achado do seu novo bairro. Mais tarde ele se recordaria de que, no início, achava que os vizinhos de Ella fossem classe alta, instruídos, e, reproduzindo a antipatia do pai pela burguesia negra, observou que "o que eu via era apenas uma versão de cidade grande daqueles engraxates e porteiros negros 'bem-sucedidos' de Lansing". Olhando para trás, dizia ter percebido de imediato os abismos de nacionalidade, etnicidade e classe que subdividiam a Boston negra. As famílias negras burguesas mais antigas, cujos parentes remontavam a múltiplas gerações de New England, julgavam-se socialmente superiores aos imigrantes do sul e do Caribe; mas os recém-chegados adotavam um espírito empresarial agressivo. Malcolm observou, como algo positivo, que eram os sulistas e os antilhanos, mais frequentemente do que os negros do norte, que apareciam para abrir lojas e restaurantes. Malcolm também tinha aguda consciência de ser um matuto que não sabia quase nada da cidade grande: "Eu nunca tinha provado um gole de bebida, nunca tinha fumado um cigarro, e ali vi crianças negras pequenas, com dez e doze anos, jogando dados e cartas".

Com quinze anos, Malcolm entrava no começo da idade adulta sem ter ideia de como se conduzir no mundo. Sentia-se ligado à memória do pai, e lembrava-se das noites que passaram juntos trabalhando pela grande causa de Garvey, mas diferentemente de Earl ele não recebera uma profissão, e parecia não ser adequadamente constituído para o trabalho duro. O convívio com Ella talvez tenha reforçado para ele a importância da política e da identidade racial, tão prezadas pelos pais, mas o exemplo dela também lhe inspirou um conjunto diferente de ideias sobre como se dar bem no mundo. Num período de vinte anos, Ella foi presa o espantoso número de 21 vezes, apesar de condenada apenas uma vez. Sua conduta criminosa e seu talento para fugir das responsabilidades representaram para ele uma vívida mensagem. Não limitado por nenhuma força moral contrária, ele foi lançado numa trajetória instável, que definiria a fase seguinte de sua juventude. Anos depois, descreveria aquela época como "um

desvio destrutivo" numa vida que, em tudo o mais, tinha um objetivo preciso.[9]

Sem guia ou mentor, Malcolm criou sua própria versão de comportamento adulto, aprendendo a apresentar-se como mais velho, mais sóbrio, mais cheio de sabedoria mundana do que realmente era. Estudava com o maior cuidado os diferentes tipos que conhecia. Seus olhos se voltaram de início para o meio-irmão Earl Little Jr. Escuro de pele, bonito e vistoso (como o companheiro de armas Kanneth Collins), Earl, naquela época, tentava entrar no show business, apresentando-se como cantor em danceterias e casas noturnas, com o nome artístico de Jimmy Carlton. Meses depois da mudança do irmão para a cidade, entretanto, ele contraiu tuberculose e antes do fim do ano estava morto. Por essa época, uma influência masculina muito mais duradoura entrou também na vida de Malcolm. Uma noite, num salão de bilhar, segundo se lembrava, "um sujeito escuro, de cabelo esticado", aproximou-se dele e se apresentou como "Shorty" [Baixinho]. Os dois adolescentes ficaram felizes de saber que ambos eram de Lansing, e Shorty imediatamente apelidou o novo amigo de "Homeboy" [Mano].[10]

Era Malcolm "Shorty" Jarvis, que logo se tornaria, nas palavras de Rodnell Collins, "o guia e companheiro de Malcolm na vida das ruas e dos clubes noturnos de Boston".[11] Dois anos mais velho do que o amigo ruivo (apesar de Malcolm dizer dez na Autobiografia), Shorty já era uma figura menor na vida noturna negra de Boston. Talentoso trompetista, apesar da pouca idade, tocava regularmente nas grandes orquestras, incluindo a de Count Basie e a de Duke Ellington. À vontade no ostentoso mundo dos bares e clubes, Shorty tinha grande gosto por aventuras sexuais, e ofereceu ao jovem amigo um passeio pela vida noturna da cidade, igualmente bem informado sobre jogadores ou gigolôs.[12]

Malcolm mostrou-se estudante aplicado. Aprendeu rápido tudo que dizia respeito a fumar "reefer" — cigarro de maconha —, trapacear, cometer pequenos furtos e seduzir mulheres fáceis. Dominava até os fundamentos econômicos do jogo dos números. Todos os dias, milhares de apostadores faziam suas apostas em números, geralmente de 001 a 999, "operadores", por sua vez, recolhiam "apólices" — apostas em pedaços de papel — e as levavam para um "banco" de coleta central. Os vigaristas que operavam o embuste geralmente ficavam com pelo menos 40% da renda bruta, redistribuindo o que restava como prêmios diários.[13]

A óbvia atração de Malcolm pelo submundo do gueto provocou tensão em

sua nova casa, e ele, em parte para acalmar Ella, encontrou emprego de tempo parcial, como engraxate, no salão Roseland. Foi no Roseland que nasceu o fascínio que ele sentiria a vida inteira por celebridades negras — homens e mulheres talentosos e capazes que superavam a barreira da raça para obter reconhecimento público. Como no salão Savoy do Harlem, no Roseland negros e brancos se misturavam, dançavam e bebiam, mostrando ao adolescente que o sucesso tinha um lado de celebridade. Na humilde banca de engraxate, ele pedia gorjetas aos afro-americanos que se apresentavam no salão. Décadas depois, lembrava-se de figuras lendárias do jazz, cujos sapatos polira com orgulho. "Duke Ellington, Count Basie, Lionel Hampton, Cootie Williams, Jimmie Luceford, foram apenas alguns." Para causar boa impressão, o corajoso adolescente logo aprendeu a "fazer o pano de engraxate soar como se alguém tivesse soltado fogos de artifício chineses". Durante as pausas, ele se embasbacava com os ritmos da música e, mais especialmente, com o brilho e as demonstrações atléticas dos dançarinos, que dançavam Lind Hop,[14] a dança padrão, ao som sincopado das grandes orquestras de jazz. De vez em quando, Malcolm largava o trabalho e esgueirava-se para ver os dançarinos executarem seus passos.[15]

Um jovem negro impressionável, em busca de papéis e imagens nos filmes e na mídia, porém, deparava com um melancólico repertório de modelos. Nos anos 1940, os afro-americanos eram representados predominantemente como menestréis cômicos, personificados pelo programa nacional de rádio Amos 'n' Andy. (Ironicamente, é claro, os atores originais da série eram brancos que faziam imitações do dialeto negro.) Nos filmes, os negros geralmente eram palhaços ou deficientes mentais. ... E o vento levou, o vistoso espetáculo hollywoodiano de 1939 que festejava o sul escravista de antes da guerra, oferecia a personagem Mammy, dócil mas leal, obesa e trabalhadeira.[16] Uma das poucas produções de Hollywood a afastar-se, naquela época, dos grosseiros estereótipos foi o filme Bullets or Ballots, da Warner Brothers, com a atriz negra Louise Beavers no papel da notória Nellie LaFleur, rainha dos jogos de números.[17] É provável que Malcolm tenha visto esse filme, além de dezenas de outros que tratavam de temas raciais; décadas depois, ele incluiria as distorções de personagens negros cometidas por Hollywood em suas acusações genéricas de racismo branco. Até o título do filme da Warner Brothers pode ter sido reciclado no discurso pronunciado por Malcolm em 1964, "The Ballot or the Bullet" [O

voto ou a bala].

Fora da tela, entretanto, havia muitos modelos de militância e resistência. Algumas das figuras que comandariam o movimento de direitos civis depois da guerra ganhavam destaque salientando as oportunidades e os obstáculos que a guerra apresentara para os afro-americanos. Um dos antigos críticos de Garvey na esquerda socialista, o líder sindical A. Philip Randolph, insistiu com o governo Roosevelt para adotar reformas que aumentassem a disponibilidade de empregos para negros e enfraquecessem a segregação de Jim Crow. Audaciosamente, Randolph fez um apelo a milhares de negros para que lançassem uma campanha de desobediência civil, conhecida como Movimento da Marcha Negra para
Washington. Uma de suas exigências era o fim da segregação nas Forças Armadas americanas. Para impedir a marcha, Roosevelt concordou em assinar o decreto 8802 em 25 de junho de 1941; essa diretriz tornou ilegal toda e qualquer política de discriminação racial nas indústrias de defesa, e criou o Comitê para Práticas Justas de Emprego.[18] Três décadas depois, o decreto 8802 serviria de alicerce legal para leis que dispunham sobre oportunidades iguais e ação afirmativa, mas a campanha de Randolph e a resposta de Roosevelt teriam profundas consequências para a vida do jovem Malcolm Little.

Apesar de apresentar-se ao mundo como urbano e sofisticado, o ansioso adolescente despachava um fluxo contínuo de cartas para a família, e, ocasionalmente, para amigos de escola. Uma animada correspondência estendeu-se por 1941 e começo de 1942. Um velho colega mantinha Malcolm atualizado sobre as fofocas da Mason High School.[19] Outro descrevia em linhas gerais a temporada de basquete em Mason, e até antigas namoradas lhe escreviam.[20] Por sua parte, ele cumprira a obrigação de escrever para casa poucos dias depois de chegar a Boston, mas a letra garranchenta levou Philbert a lhe pedir que escrevesse com mais clareza no futuro.[21] Reginald, o irmão com quem se dava melhor, perguntou-lhe se tinha feito matrícula na escola secundária — e contou com detalhes suas incipientes relações com as garotas de Lansing.[22] Malcolm nada disse sobre a decisão de abandonar de vez os estudos formais.

Estava decidido a transformar a própria aparência para adaptar-se àquele mundo novo e legal. Embora não fosse naturalmente atlético, aprendeu pacientemente a dançar observando os outros nas festas do bairro e experimentando depois suas próprias técnicas na mitológica pista de dança do

salão Roseland. Por insistência de Shorty, comprou o primeiro "zoot suit" [terno zoot] no crediário.[23] Shorty coordenou um rito de passagem cultural "esticando" seu cabelo, com uma "pasta gelatinosa, uma espécie de goma", produzida com lixívia, batatas e dois ovos. A mistura queimava intensamente, mas o produto final, visto no espelho, foi mais do que satisfatório. "Eu tinha visto muitos cabelos esticados, mas quando é a primeira vez, e na cabeça da gente", escreveu Malcolm, "a transformação, depois de uma vida inteira de carapinha, é incrível."[24]

Estilos de cabelo na comunidade afro-americana, naquela época, como agora, tinham certo significado, e alisar ou não o cabelo — esticando-o com produtos químicos — era uma questão polêmica. Até ser preso cinco anos depois, Malcolm continuou a alisar o cabelo, apesar de, no fim das contas, acabar achando a prática desprezível. Como líder da Nação do Islã, ele costumava contar esse episódio do começo da vida como exemplo do maior gesto possível de aviltamento pessoal.[25] Mas a estética do alisamento, nos anos 1940, era muito mais complicada do que Malcolm reconheceria em sua maturidade. A maioria dos homens negros de classe média, assim como muitos jazzistas populares, raramente submetia o cabelo a esse tipo de tortura, preferindo usá-lo curto, num estilo mais natural. O estiramento do cabelo era emblema dos negros mais "na moda", mais cheios daquela esperteza que só se adquire nas ruas, e era o estilo preferido por vigaristas, gigolôs, jogadores profissionais e criminosos. Foi adotado por influência direta dos latinos de cabelos ondulados, que os negros tentavam copiar.[26]

Da mesma forma, o terno zoot era um gesto de desafio aos padrões brancos de comportamento. Na onda de patriotismo que se seguiu a Pearl Harbor, e à entrada dos Estados Unidos na guerra, o terno zoot passou a ser amplamente identificado com deserção. Por esse motivo, em 1942 o War Production Board [Conselho de Produção de Guerra] proibiu sua produção e venda. Em 1943, centenas de mexicanos-americanos e de negros que usavam esse tipo de terno foram espancados por marinheiros de uniforme nas ruas de Los Angeles, levando a câmara municipal a declarar contravenção o uso do terno zoot.[27] Pequenos tumultos semelhantes ocorreram em Baltimore, Detroit, San Diego e Nova York.[28] A obsessão de Malcolm pelo jazz, por Lindy Hopping, pelos ternos zoot e pela violência das ruas abrangia diversos símbolos da guerra cultural travada entre jovens negros oprimidos e a burguesia negra.

Pelo outono de 1941, Malcolm, a essa altura conhecido como "Red", adquirira confiança como dançarino habilidoso. Também começara a namorar uma negra de Roxbury, Gloria Stroher. Como ela pertencia a uma família de classe média, Ella aprovou o relacionamento, talvez na esperança de que o namoro pudesse conter a atração que Malcolm sentia pelo submundo. Mas ele tinha muitas outras mulheres em vista, e apesar das suplicantes cartas de Gloria, não quis se comprometer. A avó da moça, sua tutora, ficou tão frustrada que escreveu uma carta perguntando-lhe quais eram suas intenções, mas foi inútil.[29] Gloria, também, continuou escrevendo, mesmo depois que Malcolm se mudou para o Harlem no começo de 1942, mas ele aparentemente não respondeu.[30]

Das muitas mulheres que desviaram a atenção de Malcolm, nenhuma o encantou mais do que uma armênia loura chamada Bea Caragulian.[31] É surpreendentemente pouco o que se sabe a respeito dessa mulher branca que, à exceção de Betty Shabazz, manteve o mais longo relacionamento íntimo com Malcolm. Muitos anos mais velha, Bea tinha sido dançarina profissional em clubes inexpressivos. Era de aparência agradável, sem chegar a ser deslumbrante. É difícil saber que motivos a levaram a manter um relacionamento sexual explícito com um adolescente negro, e Malcolm não fez questão de ajudar a esclarecer; na Autobiografia, dedicou muito mais atenção aos apuros de Gloria do que a discutir Bea, a quem chama de "Sophia".[32] Situou o primeiro encontro dos dois no Roseland, com sexo apenas quatro horas depois, mas tanto essa história como a do pseudônimo de Bea eram invenções — na realidade, os dois se conheceram no bem menos glamuroso Tick Tock Club.[33] Em semanas, Bea cumulava Malcolm de presentes e pequenas somas em dinheiro, enquanto ele desfilava sua conquista loura nas casas noturnas da Boston negra, para inveja dos amigos. Aquele relacionamento sexual foi mais um tabu quebrado numa sociedade ainda definida por raça e classe, mas o óbvio interesse de Bea deu a Malcolm um senso de autoridade e orgulho masculinos. Para o mundo dos garotos de programa, ele era um concorrente perigoso.

O caso amoroso enfureceu Ella, que se irritava com o fato de o irmão namorar uma mulher branca. Segundo Rodnell Collins, ela via Bea como "uma caçadora de emoções para quem jovens negros como Malcolm eram apenas mais uma aventura". Um dia, tarde da noite, Malcolm tentou levar Bea sub-repticiamente para seu quarto no segundo piso. Ella ouviu o casal e, num lance tragicômico, empurrou uma estante de livros escada abaixo em cima deles.

Malcolm ainda não era legalmente adulto, entretanto, e não tinha recursos para viver em outro lugar. Por ora, teve de ficar quieto.

Ele conseguiu trabalho como vendedor de refrigerantes na Townsend Drugstore de Roxbury, mas com o novo emprego vieram novas frustrações. Obrigado a servir a seus superiores de classe média, irritou-se mais uma vez com "aqueles sujeitos quadrados, insignificantes que se dão ares de milionários, tanto os jovens como os velhos".[34] Não permaneceu por muito tempo; com sua persona de gueto reforçada pelo namoro, muito público, com Bea, o emprego de reles vendedor de refrigerantes logo perdeu seu apelo. Com ajuda financeira de Bea, ele finalmente se mudou da casa de Ella para o apartamento de Shorty. Durante quatro meses perambulou por uma série de empregos subalternos: no armazém de uma empresa de papel de parede no sul de Boston; lavando pratos num restaurante;[35] depois, por pouco tempo, no Parker House, luxuoso hotel de Boston, como garçom no restaurante.

Apesar de Bea ser agora sua namorada oficial, Malcolm continuou a se encontrar com outras mulheres. Do fim de 1941 a meados de 1942, manteve animada correspondência com muitas mulheres em Boston e Michigan, e alimentou relações íntimas com muitas delas. Numa carta de novembro de 1941 a Zolma Holman, de Jackson, Michigan, por exemplo, Malcolm gabava-se de já ter passado por 23 estados em suas andanças. Escrevendo aparentemente num trem, disse que ia para a Flórida, e que esperava muito em breve fazer uma viagem à Califórnia.[36] E havia Roberta Jo de Kalamazoo, Edyth Robertson de Boston, uma Charlotte de Jackson, e Catherine Haines, que enviou uma carta do resort onde passava o verão em Martha's Vineyard, contando do seu tédio.[37] Esses vários contatos podem ter reforçado em Malcolm a crença de que a maioria das mulheres era desonesta e não merecia confiança. Mais tarde, ele fez uma áspera advertência: "Nunca faça a uma mulher perguntas sobre outros homens. Ela vai mentir, e você continuará na mesma, ou, se contar a verdade, você talvez preferisse não saber".[38]

A entrada formal dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em 9 de dezembro de 1941 levou milhões de jovens e adultos a se oferecerem para servir. O Harlem tinha uma tradição de mandar seus filhos para a guerra. O Harlem Hellfighters, 369º Regimento de Infantaria, todo formado por negros, combatera

com distinção ao lado do exército francês na Primeira Guerra Mundial. Em junho de 1945, o 369º combateu novamente em Okinawa, e durante o conflito cerca de 60 mil negros de Nova York serviram ao país.[39]

O impacto imediato da mobilização para a guerra foi a abertura de vagas, quase do dia para a noite, em milhares de empregos que, até aquele momento, apenas os brancos ocupavam. Muitos empregadores viram-se forçados a contratar negros e mulheres. Em indústrias vitais, como a ferroviária — nos anos 1940, o principal meio de transporte nacional —, a demanda por trabalhadores tornou-se aguda. Não foi difícil para Malcolm, então com dezesseis anos, apesar de seus terríveis antecedentes funcionais, conseguir emprego numa linha ferroviária como cozinheiro.[40]

Seu primeiro serviço foi no Colonial, que fazia o trajeto entre Boston e Washington, e lhe deu a oportunidade de visitar grandes cidades que havia anos queria ver. Durante a parada rotineira do trem em Washington, Malcolm, trajando seu terno zoot, passeou pelos vastos bairros negros da cidade. Não teve boa impressão. "Fiquei espantando de ver na capital do país, a poucos quarteirões do Capitólio, milhares de negros vivendo em condições piores que nos setores mais pobres de Roxbury." Uma fonte daquela terrível pobreza, suspeitava ele, era o atraso da classe média negra da cidade, que em sua opinião tinha inteligência e instrução para conquistar melhor situação na vida do que aquela com a qual se contentava. Mais tarde, Malcolm declarou que os empregados negros mais antigos do Colonial falavam em tom depreciativo dos "negros de classe média [de Washington], que tinham diplomas da Universidade Howard e trabalhavam como operários, zeladores, guardas, motoristas de táxi, e coisas do gênero".[41]

Pela primeira vez em sua vida, Malcolm esforçou-se para manter um emprego por mais de alguns meses. Adorava viajar, e o trabalho na ferrovia tornava isso possível e acessível, muito embora tivesse com frequência de executar serviços aviltantes. Transferido para o Yankee Clipper, o trem que viajava na rota Nova York-Boston, sua tarefa era arrastar pelos corredores do trem uma caixa de sanduíches, doces e sorvetes, junto com um bule de café de alumínio, com capacidade para vinte litros, para vender. Como ocorria quando era engraxate, os fregueses davam generosas gorjetas a empregados que exibiam entusiasmo e um rosto alegre, e Malcolm logo aprendeu a imitar os garçons joviais do vagão-restaurante para conseguir gorjetas. Tornou-se tão eficiente que

os colegas o alcunharam de "Sandwich Red" [Sanduíche Vermelho].[42]

Suas frequentes paradas em Nova York significavam que ele finalmente podia visitar a mitológica Meca negra, o Harlem. Louise e Earl tinham regalado os filhos com histórias sobre as lendárias instituições da cidade, seus largos bulevares, sua vida política e cultural vibrante. Mas nada, nem mesmo o glamour e a agitação de Boston, tinha preparado o adolescente para seu primeiro encontro com o bairro com o qual se identificaria um dia. "Nova York era o céu para mim", recordava-se ele. "E o Harlem, o Sétimo Céu!"[43]

Como um turista frenético que dispõe de pouco tempo, ele corria de um lugar famoso para outro. Sua primeira parada foi o Small's Paradise, popular bar e casa noturna. Inaugurado em outubro de 1925, no auge da Lei Seca, o Small's já nasceu racialmente integrado. Com capacidade para acomodar até 1500 pessoas sentadas, rapidamente se tornou o lugar preferido dos maiores artistas da era do jazz, um dos "três grandes" pontos de encontro do Harlem, juntamente com Cotton Club e Connie's Inn.[44] "Nenhuma casa noturna para negros jamais me impressionou tanto", disse Malcolm, recordando sua primeira visita. "Em volta do grande, luxuoso balcão circular havia de trinta a quarenta negros, na maioria homens, bebendo e conversando."[45]

Em seguida, no seu itinerário, veio o Apollo Theater, na rua 125 Oeste. Construído trinta anos antes, como um cabaré só para brancos, tornou-se nacionalmente conhecido como centro de entretenimento onde artistas negros se apresentavam.[46] Poucos quarteirões a leste ficava o célebre Hotel Theresa. Projetado no estilo neorrenascentista, o hotel foi inaugurado em 1913. Até o fim dos anos 1930, só aceitava hóspedes brancos, mas, sob nova direção, começou a hospedar afro-americanos. Muitas celebridades negras, incluindo Duke Ellington, Sugar Ray Robinson, Josephine Baker e Lena Horne, fizeram do hotel sua base na cidade. Como os grandes hotéis do centro de Nova York recusavam hóspedes negros durante os anos 1940 e começo dos anos 1950, o Theresa tornou-se centro de todas as elites negras — de entretenimento, comércio, associações cívicas e política. Quando Malcolm viu o hotel pela primeira vez no começo de 1942, talvez ele já o conhecesse por ter sido o lugar onde se realizou a grande comemoração do pugilista Joe Louis, à qual estiveram presentes milhares de negros, quando ele ganhou o campeonato dos pesos pesados.[47] No início daquela noite, Malcolm já tinha tomado uma decisão que seria crucial: "Eu tinha deixado Boston e Roxbury para sempre".[48]

Em muitos sentidos, ele já tinha deixado. Passava a maioria das noites em trânsito, fosse trabalhando ou dormindo, e quando estava em Nova York às vezes ficava na rede de albergues ymca do Harlem, na rua 135 Oeste. Acostumou-se a visitar regularmente o Small's, assim como o bar ao lado, do Hotel Braddock, na rua 126 Oeste, lugar muito frequentado por artistas do Apollo.[49] Não demorou muito para que levasse vida dupla. No trabalho, no Yankee Clipper, brilhava como "Sandwich Red", divertindo fregueses brancos com suas palhaçadas inofensivas. No Harlem, era simplesmente "Red", um menino rebelde, petulante, que aprendia a linguagem das ruas. Começou a complementar a renda vendendo maconha, de início esporadicamente, depois com mais agressividade. Bea de vez em quando vinha de Boston visitá-lo, e Malcolm mostrava-lhe seus lugares noturnos favoritos. Para um rapaz que em 19 de maio de 1942 acabara de completar dezessete anos, pouco mais de um ano depois de fixar-se no nordeste, sua reinvenção foi notável.

Para um jovem irresponsável e teimoso, administrar duas personas tão diferentes mostrar-se-ia impossível. O comportamento de Malcolm no Yankee Clipper logo se tornou errático e contestador, agravado pelo hábito de fumar maconha.

Ele provocava discussões com fregueses, especialmente com militares.[50] Em outubro de 1942, foi demitido, mas a escassez de trabalhadores experientes nas ferrovias era tão severa que ele voltou a ser contratado, em mais duas ocasiões, e usava tais empregos temporários para transportar e vender maconha pelo país. Malcolm retornava de longas viagens "com duas das maiores malas já vistas, cheias de coisas... maconha prensada em forma de tijolos, sabe como é... mas aquilo lhe rendia mil dólares por viagem",[51] afirmou o irmão Wilfred. É altamente improvável que o tráfico fosse tão substancial e lucrativo, mas a barreira entre as atividades legais e ilegais já não tinha importância, e Malcolm estava mais do que disposto a arriscar o emprego para obter lucro de suas atividades ilegais. Sua carreira nas drogas foi relativamente trivial — ele vendia cigarros de maconha enfiados nas meias ou na camisa —, mas ainda assim cruzou uma fronteira.

A vida nas ferrovias influenciou Malcolm em outros sentidos. Os sons dos trens entranharam-se na tessitura do jazz, do blues e até do rhythm and blues. Como observou o escritor Albert Murray, as ferrovias eram, havia muito tempo, metáfora central no folclore afro-americano, por causa da Underground

Railroad dos abolicionistas do século xix, que conduziu para a liberdade milhares de negros escravizados. O estilo Harlem de Malcolm o ajudou a conhecer músicos de jazz que eram seus fregueses de maconha — e a aprender com eles. E, o que era mais importante, suas experiências na estrada de ferro foram o começo de uma paixão pelas viagens, pela emoção e pela aventura de conhecer novas cidades e pessoas diferentes. Essas viagens lhe deram um conhecimento essencial sobre a amplidão física e a tremenda diversidade do país; também lhe ofereceram lições sobre as condições de vida e trabalho dos negros.[52] Viu negros privados de qualquer esperança, e outros que desperdiçavam seus privilégios, suas oportunidades, seus dons. Ao andar por Washington, Boston e Nova York, as sementes de suas futuras atitudes antiburguesas foram semeadas.

Os irmãos continuaram a escrever-lhe, mas suas respostas tornaram-se esporádicas. Reginald e Hilda mandavam cartas pedindo dinheiro, apesar de saberem que Malcolm mal conseguia ganhar o suficiente para se sustentar. O dinheiro que Bea lhe dava de vez em quando aumentava os magros rendimentos, mas não ia longe. Muitas alfaiatarias lhe mandavam contas cobrando roupas que comprara a crédito, que ele não tinha intenção de pagar.[53] Mais de um credor recorreu à agência de cobrança Boyle Brothers, que ameaçou levá-lo à justiça.[54] Antes de ser demitido, Malcolm devia atrasados até mesmo ao Sindicato de Empregados de Vagões-Restaurantes.[55]

No fim de 1942, ele voltou a Lansing para exibir a nova aparência, e teve o agradável efeito de chocar a família. "Meu cabelo e toda a vestimenta eram tão extravagantes que eu podia ser confundido com um marciano",[56] lembrava-se ele. Numa festa a que compareceu em Lincoln High School, exibiu seus passos de dança perante multidões embevecidas, uma verdadeira celebridade. Sem vestígio de constrangimento, até deu autógrafos para adolescentes, assinando audaciosamente "Harlem Red".[57]

A autobiografia de Malcolm dá a entender que a visita a sua casa foi rápida — o Harlem, afinal, tornara-se o centro da sua nova vida —, mas, na realidade, ele ficou em Lansing pelo menos dois meses. Passava as noites atrás de diversas mulheres.[58] Durante o dia, virava-se atrás de dinheiro — para si e para a família, que continuara a enfrentar dificuldades financeiras em sua ausência. Durante algumas semanas, ele trabalhou na joalheria Shaw's, depois na empresa de vela de ignição ac de Flint. Mas sua volta visava também obter encorajamento e apoio da família. Malcolm, ainda adolescente, dependia do amor dos irmãos. Não

esperava que compreendessem a cultura jazzística do Harlem, ou seus ternos zoot, mas era importante reconhecerem que tinha feito sucesso. Finalmente voltou para o Harlem no fim de fevereiro de 1943. Mais uma vez foi contratado pela New Haven Railroad, e demitido dezessete dias depois, por insubordinação.[59]

Malcolm escreveu na autobiografia que tinha parado de procurar emprego a sério depois de 1942, dedicando-se, em vez disso, a cometer crimes cada vez mais violentos. Ele datou seu emprego em Small's Paradise de meados de 1942, logo depois de completar dezessete anos, até o início de 1943. Mas a memória o traiu, ou ele já trabalhava na construção de sua lenda pessoal, porque nessa época ainda estava em Lansing. Na verdade, só começou a trabalhar em Small's no fim de março de 1943, e saiu menos de dois meses depois, quando perguntou a um detetive militar disfarçado de freguês se "queria mulher" — o que lhe valeu prisão por aliciamento, e outra demissão.[60]

De 1942 a 1944, trabalhou esporadicamente num lugar muito menos glamouroso, o Jimmy's Chicken Shack, ponto de encontro de artistas e apresentadores negros do Harlem no fim da noite. Mesmo lavando pratos, ele estava em companhia respeitável: Charles Parker tinha feito o mesmo nos anos 1930, quando Art Tatum reinava ao piano. Clarence Atkins, amigo íntimo de Malcolm naquela época, recordava que Malcolm "fazia qualquer coisa para Jimmy... lavar pratos, esfregar o chão, qualquer coisa... porque podia comer, e Jimmy tinha um lugar em cima da loja, onde ele podia dormir".[61] Um dos colegas era um lavador de pratos negro, John Elroy Sanford, cujo sonho era ser comediante profissional. Malcolm e Sanford tinham cabelos ruivos, e, para distinguir um do outro, Sanford era chamado de "Chicago Red", em referência à sua cidade natal. Como ninguém ouvira falar de Lansing, Malcolm queria que o chamassem de "Detroit Red". Anos depois, Sanford ficaria famoso como o comediante Redd Foxx.[62]

O Detroit Red da Autobiografia é um jovem negro quase totalmente desinteressado por política — até mesmo um alienado. Mas as lições que recebera na infância sobre orgulho e autossuficiência dos negros não tinham sido inteiramente relegadas. Malcolm discorria com frequência sobre nacionalismo negro no Jimmy's Chicken Shack. "Ele costumava contar", explicou Atkins, "como o pai era torturado e espancado por vender o jornal de Marcus Garvey, e falava muito dos conceitos garveyistas, no sentido de como poderiam nos

beneficiar, como povo."[63]

Durante seu período no Harlem, Malcolm não se envolveu diretamente em atividades que pudessem ser descritas como políticas — greves contra os preços altos dos aluguéis, piquetes à entrada de lojas que não empregavam negros, registro de eleitores negros, e assim por diante. Mas, para seu crédito, mesmo nessa fase da vida ele já era um extraordinário observador. Na descrição que fez de uma de suas primeiras incursões no Harlem, ele menciona a presença de organizadores comunistas: "Propagandistas negros e brancos andavam ao lado da gente, falando rápido, tentando convencer-nos a comprar um exemplar do Daily Worker: 'Este jornal está tentando manter seu aluguel sob controle... Obrigar aquele ganancioso senhorio a matar os ratos em seu apartamento... Quem você acha que lutou mais para libertar os Scottsboro Boys?'".[64] Antigos moradores do Harlem tinham posto "Detroit Red" a par da demografia racial do bairro e da transformação urbana que ele, posteriormente, caracterizaria como a "dança das cadeiras dos imigrantes". Seu próprio relato dessa mudança é um exemplo da franqueza e das amplas pinceladas do seu estilo. Os primeiros bairros negros de Nova York, explicou, estavam confinados ao sul de Manhattan. "Então, em 1910, um corretor imobiliário negro conseguiu, de alguma forma, levar duas ou três famílias negras para um edifício de apartamentos de judeus no Harlem. Os judeus fugiram do prédio, no quarteirão seguinte, e outros negros vieram ocupar seus apartamentos. Depois, os judeus abandonaram quarteirões inteiros... até que, em pouco tempo, o Harlem era o que continua sendo — praticamente todo negro."[65]

As impressões de Malcolm sobre as origens e evolução do Harlem negro eram apenas parcialmente exatas. Ele registrou, corretamente, o movimento dos negros para o norte da ilha de Manhattan, mas não mencionou as forças mais amplas que o deflagraram.[66] No coração de toda comunidade estão suas instituições sociais; o Harlem negro foi formado, primariamente, pela migração de veneráveis igrejas e organizações negras do sul de Manhattan, localizadas acima da rua 110. A Igreja Episcopal St. Philip, fundada em 1809, e instituição central para a vida da classe média afro-americana, saiu do distrito Tenderloin de Manhattan, na rua 34 Oeste, e construiu um belo templo — em estilo gótico — na rua 34 Oeste em 1909. A Igreja Batista Abissínia, também fundada no começo

do século xix, mudou-se para a rua 138 Oeste em 1923, onde foi, durante décadas, a maior congregação protestante dos Estados Unidos. A Igreja Metodista Episcopal Africana Betel existia havia séculos, antes de ser transferida para o número 60 da rua 132 Oeste. Muitas dessas igrejas tiveram grandes lucros ao vender seus terrenos no centro da cidade, e as terras relativamente baratas do Harlem lhes permitiram não apenas comprar lotes para novas igrejas, como também grandes quarteirões de imóveis, que eram alugados aos negros que também haviam se mudado para lá.

Complexos de apartamentos de propriedade pública ou privada também eram centros de interação social e de atividade cultural no bairro. Um belo exemplo eram os Dunbar Apartments, construídos em 1926-7 por John D. Rockefeller Jr. Inaugurados em 1928, e situados entre as avenidas Seventh e Eighth, nas ruas 149 e 150 Oeste, os Dunbar Apartments foram projetados como a primeira cooperativa habitacional para negros. As residências gabavam-se de inquilinos famosos, como Bill "Bojangles" Robinson, Paul e Eslanda Robeson, e W. E. B. e Nina Du Bois. A famosa rede habitacional ymca do Harlem, centro de palestras públicas e eventos culturais, ficava na rua 135 Oeste e foi inaugurada em 1933. Essas e centenas de outras instituições faziam parte dos alicerces culturais do Harlem negro.[67]

Igualmente importante para o Harlem foi a transformação racial de Nova York. Em 1910, apenas 91700 negros viviam na área metropolitana da cidade; 60500 afro-americanos moravam em Manhattan, dos quais apenas 14300 tinham nascido no estado de Nova York. Os negros, na grande maioria, eram oriundos do sul. Com o início, em 1915, da Grande Migração da zona rural do Sul, centenas de milhares de negros começaram a rumar para Gotham. A população negra da cidade sofreu um aumento constante: 152500 em 1920; 327700 em 1930. O Departamento de Recenseamento calculou que, em 1930, 54724 dos nova-iorquinos negros tinham nascido em outro lugar. Grande parte desse crescimento limitou-se ao gueto do Harlem. Em 1910, a população total do Harlem, independentemente de raça, era de 49600. Em 1920, era de 73 mil, com dois terços de negros. Pelos anos 1920, o Harlem tornara-se a capital da diáspora negra, animado centro de um florescimento extraordinário da literatura, do teatro, da dança e das artes, período que ficaria conhecido como Renascimento do Harlem. A música do Harlem, o jazz, atravessou o Atlântico, encontrou um lar amoroso em Paris e tornou-se expressão global da cultura jovem.[68]

Malcolm não poderia ter vivido no Harlem durante a Segunda Guerra Mundial sem ser profundamente afetado pela história turbulenta e pelas atividades culturais daquele lugar. Seja qual for o padrão que se use, por volta de 1940 o bairro se tornara o centro cosmopolita da atividade política negra, não apenas nos Estados Unidos, mas no mundo todo.[69] Mais ou menos um quarto de sua população negra consistia de imigrantes caribenhos, e quase todos tinham estabelecido associações políticas, partidos e clubes de todos os tipos. Um dos mais influentes políticos antilhanos, Hulan Jack, originariamente de Santa Lucia, fora escolhido para representar o bairro na Assembleia do Estado de Nova York em 1940. O Harlem era também o centro nacional do ativismo trabalhista negro, chefiado por Asa Philip Randolph, que começou sua carreira de orador público bem antes da chegada de Garvey aos Estados Unidos. Milhares de moradores do Harlem eram membros e partidários ativos do Partido Comunista; figuras como Claudia Jones e Benjamin Davis Jr. eram líderes amplamente respeitados e populares.

Apesar da morte do movimento garveyista, a militância do Harlem tornara-se mais intensa, especialmente durante os anos 1930 da era da Depressão, e em grande parte como resposta a desigualdades sociais que a comunidade negra não estava mais disposta a tolerar. Por exemplo, os empregados negros das lavanderias públicas recebiam três dólares a menos por semana do que os brancos que executavam o mesmo trabalho. A discriminação no emprego corria solta. Uma pesquisa feita em 1920-8 com 258 empresários do Harlem, que empregavam mais de 2 mil trabalhadores, revelou que apenas 163 empregados eram negros, e todos exercendo funções mal pagas.[70] À medida que a depressão se agravava, o desemprego disparou. O índice de desemprego entre jovens negros no período foi estimado em mais de 50%.[71] Em 1935, a Administração para o Progresso dos Trabalhos (Works Progress Administration, wpa), que determinara que o custo de vida para uma família de Nova York, no "quesito 'manutenção'", era de 1375 dólares por ano, calculou que a renda média de uma família negra era de 1025 dólares.[72]

A pressão econômica exercida por essas condições encontrou alívio quando cidadãos negros começaram a se organizar em protesto. Em 1931, a Liga de Donas de Casa do Harlem lançou uma campanha junto às cadeias de lojas locais, insistindo para que empregassem afro-americanos. Muitos antigos garveyistas aderiram ao movimento, apelando para que os negros apoiassem uma campanha

de "Contrate negros". Em 1932, foi criado o Sindicado Trabalhista do Harlem, que passou a fazer piquetes à entrada de lojas de brancos que se recusavam a empregar negros. Um ano depois, a recém-formada Liga dos Cidadãos pela Equidade, popular coalizão que incluía grupos de mulheres e organizações religiosas e fraternais, exigiu mais empregos para negros no comércio. Em março de 1935, esses protestos provocaram tumulto na rua 125 Oeste, envolvendo milhares de pessoas. Dezenas de lojas de brancos foram saqueadas; 57 civis e sete policiais foram feridos, e 75 pessoas, na maioria afro-americanas, foram presas e acusadas de delitos que iam de incitação ao motim a destruição de propriedade, assalto criminoso e arrombamento.[73] O brutal tratamento dos manifestantes pelo Departamento de Polícia de Nova York foi subsequentemente documentado pela Comissão sobre Condições no Harlem, do prefeito Fiorello LaGuardia. Do relatório constou que a polícia tinha feito "comentários depreciativos e ameaçadores"; um policial baleou e matou um jovem negro, sem mandado, e outro, "chamado para prender um bêbado desarmado, golpeou o homem com tanta força que ele morreu".[74]

O relatório da comissão recomendou providências para melhorar as condições de vida, e o governo liberal de LaGuardia, numa tentativa de desativar a crescente tensão racial, adotou muitas delas. De 1936 a 1940, a administração do prefeito apoiou a construção de duas escolas, do conjunto habitacional popular Harlem River Houses, e do Pavilhão das Mulheres no Hospital do Harlem. Mas as concessões de LaGuardia pouco fizeram para alterar a segregação residencial, a pobreza e o descontentamento generalizados na classe operária do Harlem. Quando a Suprema Corte declarou, em 1938, que os piquetes públicos em estabelecimentos comerciais privados, em razão de "queixas de fundo racial", eram constitucionais, seguiu-se uma nova onda de protestos. Uma coalizão chamada "Não compre onde você não pode trabalhar" logo obteve grandes concessões; em poucos anos, cerca de um terço dos empregados de escritório do Harlem era de afro-americanos. Em campanhas paralelas, negros obtiveram concessões para trabalhar como técnicos de empresa telefônica e telefonistas, como motoristas de ônibus nas empresas Fifth Avenue e New York Omnibus, e como empregados de escritório na Consolidated Edison.[75]

Nessas lutas, o Harlem estabeleceu um modelo dinâmico de reforma social e de protestos urbanos que se repetiria por todo o país. A agitação social, feita principalmente por associações locais, culminou numa série de manifestações

bem divulgadas, seguidas de insurreição urbana. Um governo liberal, apoiado por elites brancas e negras, subsequentemente obteve grandes concessões, na forma de hospitais, moradias públicas e maiores oportunidades tanto no setor público como no privado. Isso, por sua vez, deu origem a novas vitórias dos afro-americanos no processo eleitoral, nos tribunais e no governo. Táticas cruciais, que se tornariam a estratégia dos protestos durante o movimento pelos direitos civis, foram desenvolvidas no Harlem, uma geração antes.

O maior beneficiário dessas lutas e reformas foi o reverendo Adam Clayton Powell Jr., que mais tarde seria aliado de Malcolm, e, ocasionalmente, seu rival. Nascido em 1908, era o belo filho do poderoso pastor da Igreja Batista Abissínia do Harlem, Adam Clayton Powell. O jovem Powell seguiu os passos do pai, mas seus interesses não eram de todo espirituais. Em 1931, comandou um protesto na Comissão de Avaliação que impediu a exclusão de cinco médicos afro-americanos do hospital do Harlem. Sete anos depois, ajudou a fundar o Comitê para Coordenação de Emprego na grande Nova York, que organizava piquetes e protestos não violentos para garantir empregos. Substituindo o pai como pastor abissínio em 1937, Powell contava com numerosos adeptos religiosos, além de um exército em expansão de partidários políticos. Ideológica e politicamente, era um liberal pragmático, que em nível nacional apoiava a New Deal de Roosevelt, e, no Harlem, trabalhava com o Partido Comunista e fazia campanha pela reeleição de LaGuardia em 1941. Naquele ano, Powell criou o Comitê Popular, organização com sede no Harlem e formada por 1800 empregados e oito escritórios, que tinha como objetivo elegê-lo para a câmara municipal. Os adversários de Powell à esquerda e à direita, o candidato do Partido Trabalhista Americano, dr. Max Yergan, e o candidato republicano, Channing Tobias, desistiram de concorrer para apoiá-lo. LaGuardia endossou sua candidatura e os dois liberais fizeram campanha juntos — e ganharam.[76]

Na câmara municipal, Powell batalhou consistentemente em defesa dos interesses do Harlem. Quando Yergan, instrutor de história do quase totalmente branco City College, situado em West Harlem, não foi renomeado, Powell apresentou uma resolução que tornava ilegal a discriminação racial em nomeações acadêmicas. Em maio de 1942, sua organização patrocinou uma enorme concentração popular no salão Golden Gate, para protestar contra o Departamento de Polícia de Nova York, que espancou e matou um negro, Wallace Armstrong. No ano seguinte, quando a administração de LaGuardia deu

permissão à Marinha para estabelecer um campo de treinamento para a racialmente segregada divisão de mulheres da reserva (waves), no Hunter College e na Walton High School, em Manhattan, Powell denunciou a medida.[77]

A posição ousada de Powell foi adotada por organizações de direitos civis, por trabalhadores negros e pelo Partido Comunista. Além disso, sua feroz oposição a Jim Crow estava em harmonia com a campanha "V duplo", feita pela imprensa negra em 1942-3, que exigia vitória contra o fascismo no exterior e contra a discriminação racial nos Estados Unidos.[78] Em reação aos modestos salários dos negros no mercado de trabalho, milhares de operários brancos fizeram as chamadas "greves de ódio" durante os anos de guerra, exigindo a exclusão de negros, especialmente de posições qualificadas. Em julho de 1943, por exemplo, racistas brancos paralisaram parte dos estaleiros Bethlehem, em Baltimore. Em agosto do ano seguinte, motorneiros brancos da Filadélfia, revoltados com a contratação de oito negros, entraram em greve por seis dias. Em resposta, Roosevelt despachou 5 mil soldados e publicou um decreto colocando a empresa de bondes sob controle do exército.[79]

Os afro-americanos não deixaram de compreender o significado de nenhum desses episódios, e muitos começaram a questionar seu apoio ao esforço de guerra dos Estados Unidos. Anos depois, James Baldwin rememorou: "O tratamento dispensado aos negros durante a Segunda Guerra Mundial assinala, para mim, um momento decisivo nas relações dos negros com os Estados Unidos... Certa esperança morreu, certo respeito pelos americanos brancos desvaneceu-se".[80] Muito embora a vasta maioria dos negros ainda apoiasse a guerra, uma minoria militante de jovens afro-americanos resistia ao recrutamento; outros tentavam desqualificar-se, por razões de saúde ou outras deficiências.

Depois de um período relativamente calmo nas relações entre negros e brancos — ou, melhor dizendo, de um período menos agressivo de insistência dos negros por igualdade — abriu-se uma nova era, caracterizada pela resistência e pela militância negra. A Marcha Negra sobre Washington e os comícios e manifestações em defesa dos direitos civis liderados por Powell no Harlem provocaram temores e reações entre os brancos. Autoridades tentaram sabotar o movimento florescente impondo restrições às liberdades ou atividades dos afro-americanos e as leis de Jim Crow mesmo em cidades e estados onde não existiam leis de segregação racial. Alguns alvos situavam-se auspiciosamente fora da

política — mais notavelmente, no Harlem, no mundialmente conhecido salão Savoy.

Desde sua grandiosa inauguração em 1926, o salão Savoy, localizado na avenida Lenox, entre as ruas 140 e 141, rapidamente se tornara a instituição cultural de maior significado do Harlem. O salão continha dois enormes palanques para orquestra, salas de espera ricamente atapetadas e espelhos nas paredes. No seu apogeu, recebia cerca de 700 mil fregueses por ano. Entre os clientes brancos habituais estavam Orson Welles, Greta Garbo, Lana Turner e até o astro republicano em ascensão Thomas E. Dewey.[81] Numa época em que hotéis e salões do centro da cidade ainda praticavam a segregação, o Savoy era o centro de danças e de entretenimento inter-raciais.

Em 22 de abril de 1943, o Savoy foi lacrado pela polícia de Nova York sob alegação de que soldados tinham sido abordados por prostitutas em suas dependências. O Departamento de Higiene Social de Nova York citou provas de que, num período de nove meses, 164 indivíduos tinham "conhecido a fonte de sua doença [venérea] no salão Savoy". Esses supostos casos eram todos oriundos do pessoal das Forças Armadas ou da Guarda Costeira. Funcionários do departamento não deram explicação alguma sobre como tinham conseguido determinar que os soldados haviam contraído doenças de prostitutas do Savoy. A divisão de apelação da Suprema Corte do Estado de Nova York decidiu, por unanimidade, confirmar a ação da polícia, e o prefeito LaGuardia declarou que não tinha poder para impedir que o salão fosse fechado.[82]

O Savoy permaneceu fechado durante todo o verão de 1943. Em 15 de outubro, a polícia anunciou que o alvará do estabelecimento fora renovado, e "uma grandiosa reabertura" realizou-se na semana seguinte. Para Malcolm, o episódio foi uma demonstração clara das limitações da tolerância racial do liberalismo branco. "A prefeitura manteve o Savoy fechado por um longo período. Foi apenas mais uma das ações do 'Norte liberal' que não ajudavam, de forma alguma, o Harlem a gostar do homem branco."[83]

Enquanto isso, ainda em fase de preparação, havia planos para um grande projeto urbano que excluiria inteiramente os nova-iorquinos negros. Poucas semanas depois do fechamento do Savoy, a administração LaGuardia tornou público um acordo firmado com a Metropolitan Life Insurance Company para construir o Stuyvesant Town, complexo habitacional semipúblico, localizado ao leste de Manhattan, perto do Gramercy. A Metropolitan Life conseguiu

generosas isenções fiscais, eminente domínio e controle autorizado sobre a seleção de moradores. Quando a empresa reconheceu a intenção de excluir moradores negros, negros e muitos liberais brancos ficaram indignados. Powell acusou LaGuardia de mais uma vez render-se ao racismo. Os jornais publicaram editoriais ousados: "Hitler obteve uma vitória em Nova York". Num comício que atraiu 20 mil manifestantes, Powell exigiu o impeachment de LaGuardia.[84] Só em 1944 LaGuardia encontrou uma solução de meio-termo. O Stuyvesant Town foi construído de acordo com os termos originais; mas o prefeito assinou a Lei Local nº 20, proibindo qualquer discriminação racial na seleção de moradores em futuros projetos habitacionais de responsabilidade da prefeitura.[85]

Em Detroit, centro de atividade da família de Malcolm, a crescente tensão racial explodiu num espetacular motim em 20 de junho de 1943. Nas seis primeiras horas iniciais, os manifestos de Detroit deixaram 34 mortos, setecentos feridos e 2 milhões de dólares em danos materiais. O governo federal enviou 5 mil soldados para patrulhar as ruas; veículos militares foram designados para escoltar bondes elétricos e ônibus.[86] As autoridades de Nova York deveriam ter reconhecido que havia condições para uma insurreição semelhante no Harlem. A vez do bairro chegou em 1º de agosto, quando um policial atirou num militar negro uniformizado. Em questão de minutos, a violência explodiu; lojas de comerciantes brancos foram atacadas em todo o bairro — na rua 125 e nos principais bulevares que atravessavam o Harlem no sentido norte-sul, as avenidas Lenox, Seventh e Eighth, ao norte do Central Park, até a rua 145. Até a meia-noite, 1450 lojas foram destruídas, seis pessoas mortas, 189 feridas e mais de seiscentos negros presos. Significativamente, em contraste com os protestos de 1935, testemunhas descreveram os manifestantes como de classe média e de baixa renda. Até mesmo um informe policial reconheceu que: "Aqueles que realmente cometeram atos de violência foram indivíduos irresponsáveis, ignorantes. [Mas] a probabilidade é que havia muitos cidadãos decentes em vários grupos, cidadãos que, em muitos casos, são inteligentes, respeitadores da lei, e, apesar de não participarem pessoalmente das desordens físicas, ajudaram e cooperaram indiretamente".[87]

Na tarde da revolta, Malcolm caminhava para o sul pela avenida St. Nicholas quando encontrou negros correndo em direção às áreas residenciais, "sobrecarregados, com os braços cheios de coisas". Ao longo da rua 125 Oeste, viu que "negros quebravam janelas de lojas e pegavam tudo o que podiam —

móveis, alimentos, joias, roupas, uísque". Dentro de uma hora, o Departamento de Polícia de Nova York mandou para o Harlem, ao que parecia, "todos os policiais da Cidade de Nova York". Malcolm ainda descreveu uma cena meio cômica, em que o líder da NAACP, Walter White, acompanhava o prefeito LaGuardia, dirigindo um carro vermelho dos bombeiros, pela rua 125, e suplicando aos negros: "Por favor, vão embora, e não saiam de casa".[88]

O mundo real finalmente entrou na vida de Malcolm na primavera de 1943: ele foi convocado para servir no Exército dos Estados Unidos.

Enquanto a maioria dos afro-americanos tinha patrioticamente oferecido seus serviços desde os primeiros dias da guerra, sempre houve uma minoria reivindicante que não via muita razão para entrar nas Forças Armadas segregadas e lutar numa guerra de brancos. Por volta de 1943-4, a dissidência entre negros nas Forças Armadas intensificara-se. Centenas de soldados negros simplesmente tiravam licença sem permissão.[89] Quando o aviso da convocação militar endereçada a Malcolm chegou à casa de Ella em Boston, ela informou às autoridades que seu meio-irmão não morava mais ali. Malcolm acabou recebendo o aviso, mas decidiu que evitaria servir lançando mão de todos os meios necessários.

Na autobiografia, ele recorda, com aprovação, a atitude de Shorty Jarvis: "O branco é dono de tudo. Quer que a gente vá lá e sangre em seu lugar? Pois ele que lute".[90] Malcolm deve ter ouvido falar no caso, bastante comentado, de Winfred W. Lynn, afro-americano que rejeitou a convocação porque se opunha à segregação racial em unidades militares. Lynn perdera o caso, mas seu protesto provocou simpatia generalizada.

Escrevendo sobre o dia marcado para sua apresentação na 56ª- Comissão Local de Recrutamento em 1º de junho de 1943, Malcolm rememorou: "Vesti-me como um ator... Frisei o penteado para o alto, como uma mecha vermelha de cabelo esticado". Dirigiu-se a um soldado branco, sentado no balcão da recepção, chamando-o de "Crazy-o". Tirado da fila de apresentação, o delinquente de terno zoot foi interrogado por um psiquiatra militar, para ver se estava apto para servir. Malcolm divagou por algum tempo antes de sussurrar ao ouvido do psiquiatra: "Quero ser mandado lá pro sul. Organizar os soldados negros, entende? Roubar umas armas, e matar uns malucos!". O médico, espantado,

disse: "Isso é tudo", classificando-o depois como "4-F", incapaz para o serviço militar. "Um cartão '4-F' chegou pelo correio", concluiu Malcolm, triunfante, "e nunca mais tive notícias do exército."[91]

Um relatório divulgado pelo FBI, em janeiro de 1955, apresentou a versão oficial para o Exército rejeitar Malcolm: "O indivíduo foi considerado mentalmente desqualificado para o serviço militar pelas seguintes razões: personalidade psicopata inadequada, perversão sexual, rejeição psiquiátrica".[92]

Os ressentimentos raciais do Harlem — discriminação no emprego, falta generalizada de emprego, a interdição do Savoy, o acordo do Stuyvesant Town e os distúrbios raciais de agosto de 1943 — influenciaram todas as ações de Malcolm no tocante à convocação para o serviço militar. Ele foi praticamente empurrado em novas direções por acontecimentos externos. O desempenho de Malcolm, com seu terno zoot, no centro de recrutamento foi outra versão de sua atitude, como "Sandwich Red", na estrada de ferro. Eram exemplos de palhaçadas destinadas a obter, respectivamente, recompensa financeira e o adiamento permanente do serviço militar; ambos repudiavam frontalmente o modelo impertinente, militante e confiado do pai. Muito embora, em princípio, Malcolm se opusesse a ir à guerra, o método que escolheu para fugir do serviço militar não representou, nem de longe, a personificação desse princípio.

Malcolm especializara-se em se fazer de palhaço e de fanfarrão, mas tal pose começava a sabotar a nova atitude política que nele, aos poucos, se formava. A liderança de Adam Clayton Powell Jr. durante aqueles anos causara-lhe profunda impressão, lembrando-lhe o legado mais direto do engajamento ativo outrora praticado por seus pais. O que diferenciava Earl Little e Powell de "Detroit Red" e outros malandros era o senso de responsabilidade para com os demais membros da comunidade, e para com os afro-americanos em geral. O vigarista ou delinquente que "contornava o problema" era a personificação do oportunista que se aproveitava dos outros para alcançar seus objetivos. Malcolm logo seria obrigado a escolher qual desses modelos de masculinidade negra adotaria.

A narrativa da Autobiografia sugere que, em 1944-5, Malcolm deixara de procurar emprego legítimo e fora um passo além dos pequenos crimes de rua, cometendo arrombamento, assalto à mão armada e prostituição, para financiar

um consumo de drogas que já se tornava vício. O principal personagem da narrativa durante essa fase é chamado, apropriadamente, de "Sammy the Pimp" [Sammy, o Cafetão], mais tarde identificado como Sammy McKnight. Na versão de Malcolm, num período de seis a oito meses ele praticou uma série de assaltos e arrombamentos fora de Nova York.[93] Durante um assalto, houve "certo golpe de azar. Uma bala atingiu Sammy de raspão. Mal conseguimos escapar".[94] Posteriormente, Malcolm descreveu seu envolvimento com o jogo de azar. "Minha função era pegar um ônibus e atravessar a ponte George Washington, onde um sujeito me esperava para receber uma bolsa com tiras de apostas. Nunca trocávamos uma palavra... Em negociatas desse tipo, a gente nunca faz perguntas." Também alegava ter atuado como "agenciador" em Times Square, fazendo contatos com possíveis clientes e conduzindo-os a prostitutas brancas e negras que trabalhavam em apartamentos do Harlem. Nessas atividades criminosas, Detroit Red testemunhava aquilo que ele via como imundície e hipocrisia do homem branco.[95]

Não há dúvida de que alguns elementos da história de gângster de Detroit Red são verdadeiros. Mas se, em 1944, Malcolm evoluíra da maconha para a cocaína, como parece possível, ele provavelmente não teria condição de engendrar uma série de bem executados arrombamentos sem ser descoberto. Uma investigação da ficha de Malcolm Little nos arquivos do Departamento de Polícia de Nova York anos depois não revelou qualquer acusação de crime ou passagem pela cadeia.[96]

Clarence Atkins, amigo de Malcolm, afirmou: "Ele jamais foi um grande chantagista ou criminoso".[97] Uma avaliação mais realista das atividades criminosas de Malcolm leva a crer que ele e Sammy talvez arrombassem, de vez quando, "casas noturnas populares no Harlem, como o La Famille", e depois "dividissem o butim".[98] Crimes dessa natureza, durante os anos 1940, quando imperava a segregação racial, muito dificilmente eram levados a sério pelos policiais, quase todos brancos, e os possíveis arrombamentos praticados por Malcolm podem muito bem ter passado despercebidos pela polícia. Mas a política racial que sublinha toda a narrativa da Autobiografia toma cuidado para situar os aspectos mais niilistas e destrutivos da história criminosa de Malcolm fora do Harlem. Isso talvez porque a descrição da série de arrombamentos bem-sucedidos praticados por Malcolm em 1944 ocorreu nos subúrbios predominantemente brancos de Nova York.[99] A atividade de agenciador de

prostitutas também ocorria geralmente na Times Square, e não na rua 125.

O que parece claro é que de 1944 a 1946 Malcolm Little lutava para sobreviver. Após ser dispensado do emprego esporádico na Jimmy's Chicken Shack, Malcolm foi obrigado a encontrar outra maneira de seguir em frente. Reginald Little, que visitou o irmão diversas vezes em 1942-3, deixara a Marinha e àquela altura estabelecera-se no Harlem, onde Malcolm lhe arranjou uma forma "legal" de trapacear. "Por uma pequena taxa, Reginald obteve 'um alvará comum de vendedor ambulante'", escreveu Malcolm. "Depois fomos a uma ponta de estoque, onde compramos um monte de artigos baratos com defeito — camisas, roupas de baixo, anéis vagabundos, relógios, coisas fáceis de vender." Reginald vendia a mercadoria dando aos compradores a impressão de que era produto de roubo. Se fosse abordado pela polícia, Reginald simplesmente apresentava o alvará de vendedor ambulante e os recibos da aquisição dos bens.[100] Esse estratagema era o clássico conto do vigário em pequena escala, em que o golpista manipulava as expectativas da vítima de ganhar dinheiro com uma transação perfeitamente legítima. Os esforços de Malcolm para proteger o irmão da criminalidade séria mostram a responsabilidade que continuava sentindo com relação aos irmãos. Mas também sugerem que ele mesmo nunca foi um criminoso insensível.

Enquanto se arrastava além-mar, a guerra teve um efeito imprevisto sobre a cultura negra nas cidades americanas — particularmente na música. A enorme popularidade das grandes orquestras de jazz e do suingue entre os americanos brancos de classe média durante os anos de guerra tirou a música da periferia do mundo do entretenimento e deu-lhe grande destaque na cultura popular predominante. Aproximadamente em 1943, porém, houve uma queda brusca na popularidade das orquestras de jazz e dos espetáculos que elas promoviam, como resultado de preocupações tanto práticas como estéticas. Grandes orquestras perderam os melhores músicos para as Forças Armadas. Além disso, o racionamento de gasolina dificultava as viagens com trinta músicos. Então, em 1942, o Sindicato dos Músicos entrou em greve, porque os músicos não recebiam royalties quando seus discos eram tocados nas rádios. Em solidariedade, membros do sindicato boicotaram a produção de discos até setembro de 1943, e a falta de novos compactos fez cair a popularidade do gênero. Mas a greve de produção deu aos artistas espaço para o experimentalismo e a inovação. Foram os músicos negros mais jovens, jazzistas, que mais se afastaram do suingue,

desenvolvendo um som de inspiração negra, à margem do gosto musical e do comercialismo.[101]

Um novo som desenvolveu-se na Manhattan negra, em esfumaçadas sessões de fim de noite. Os músicos já não se apresentavam como animadores de espetáculo. Limitaram a duração das músicas, reduzindo a forma melódica ao essencial, enfatizando o improviso, bem como complexas mudanças de cordas e batidas complicadas. Quando essa música, que veio a ser chamada de bebop, foi reproduzida em gravações depois da greve, o som pareceu esquisito, quase estrangeiro, para alguns entusiastas do jazz. Os principais artistas do novo movimento, como Charlie Parker, Dizzy Gillespie e Thelonious Monk, construíam uma forma experimental num ambiente radicalmente diverso da Grande Depressão dos anos 1930, que havia fomentado o suingue. O bebop refletia a raiva dos negros de terno zoot e o espírito de aventura de artistas negros que se opunham à cultura branca predominante. Esses músicos queriam criar um som de protesto que não pudesse ser facilmente explorado e transformado em mercadoria.[102]

Muita gente que preferia o novo jazz proveniente das casas noturnas do Harlem descrevia a insurreição de 1943 como outra "revolta do terno zoot". O termo tornara-se metáfora comum para as atividades negras que pareciam subversivas à ordem branca. Um dos envolvidos na revolta do terno zoot no Harlem equiparou a resistência negra ao esforço de guerra americano a insurreição urbana: "Não sou espião nem sabotador, mas não gosto de ir lá lutar pelo homem branco — portanto, paciência". Até o psicólogo social afro-americano Kenneth Clark caracterizou a nova militância que tinha visto no Harlem como "o efeito zoot".[103] Como disse o crítico Frank Kokfsky sobre o movimento bebop: "O jazz, inevitavelmente, funcionava não apenas como música, mas também como veículo para a expressão de protestos indignados".[104]

Malcolm estava totalmente mergulhado nesse mundo, e bem consciente do novo som e de suas implicações — o frisson de forasteiros sacudindo a cultura dominante. Como os amotinados de terno zoot, os adeptos do bebop rejeitavam implicitamente a assimilação a padrões estabelecidos pelos brancos, e sentiam desdém pela polícia e pelo poder que o governo americano tinha sobre a vida dos negros. Ambos tentavam forjar identidades que os negros pudessem reivindicar para si. Jazzistas reconheceram os paralelos e não é de admirar que tenham se tornado ávidos seguidores de Malcolm nos anos 1960. Essa versão do

nacionalismo negro militante tinha forte apelo para o seu espírito de rebelião e para o seu não conformismo artístico.[105]

Uma das grandes lições que Malcolm aprendeu com as apresentações dos jazzistas nos anos 1940 foi o poder que tinha a arte negra de conferir status de celebridade. O jovem Malcolm sonhou ansiosamente com a adoração das multidões. No Harlem, ele levava Reginald aos bastidores para juntar-se a artistas e músicos no Roxy ou no Paramount, sugerindo que sabiam quem ele era. "Depois de vender maconha com as orquestras quando elas viajavam, fiquei conhecido de quase todo músico negro popular em Nova York em 1944, 1945", gabava-se. Em julho de 1944, até arranjou emprego na casa noturna Lobster Pond, na rua 142. O proprietário, Abe Goldstein, é chamado de "Hymie" na Autobiografia.

> "Red, sou judeu e você é negro", dizia ele. "Esses gentios não gostam da gente".
> Hymie pagou-me bom dinheiro enquanto estive com ele, às vezes duzentos e trezentos por semana. Eu faria qualquer coisa por Hymie. E fiz coisas à beça. Mas minha tarefa principal era transportar as bebidas contrabandeadas que Hymie fornecia, geralmente para aqueles bares arrumados que ele tinha vendido para alguém.[106]

O que a Autobiografia não revela é que Detroit Red, com o nome artístico de Jack Carlton, tinha permissão para atuar como animador de bar. Finalmente, num palco iluminado de casa noturna, Malcolm podia exibir suas habilidades de dançarino; às vezes chegava a tocar tambor. O nome artístico era um jeito de homenagear o meio-irmão morto, Earl Jr., que atuara como Jack Carlton. Não está claro se Goldstein pagava Malcolm basicamente para animar ou para transportar álcool ilegal (se o relato é verdadeiro). Mas em outubro de 1944 Malcolm foi demitido. Poucos anos depois, por ocasião de outra prisão, Goldstein descreveu seu ex-empregado como "um tanto instável e neurótico, mas, adequadamente orientado, um bom menino".[107]

Desempregado e em desespero, e provavelmente tendo que sustentar o vício da droga, Malcolm logo foi parar novamente em Boston, na casa de Ella. Deve ter imaginado que, em vista das contínuas atividades ilegais da irmã, ela dificilmente lhe daria as costas, e tentou convencê-la de que viraria uma nova página e voltaria à vida de ascensão social que ela ainda julgava ser o destino dela. Para demonstrar sua austeridade, no fim de outubro arranjou emprego

num armazém da Sears Roebuck. O salário era de míseros vinte dólares por semana, e o trabalho árduo. Malcolm nunca fora forte, fisicamente; anos de dependência alcoólica e uso de cocaína não ajudaram. Num período de seis semanas, faltou ao trabalho seis vezes. No Dia de Ação de Graças, não aguentou mais e largou o emprego. Em desespero, roubou um casaco de pele da casa de Ella, penhorando-o por cinco dólares. O casaco era da irmã de Ella, Grace; Ella ficou tão indignada que chamou a polícia. Malcolm foi detido e levado para a cadeia. O tribunal de Roxbury condenou-o a três meses, com suspensão de pena, e um ano de liberdade condicional. Foi o primeiro delito cometido por Detroit Red a resultar em prisão e condenação. Ele tinha apenas dezenove anos.[108]

A semanas do Natal, Goldstein consentiu em deixar Red trabalhar para ele em Nova York, por algumas semanas. Em janeiro de 1945, com centenas de dólares no bolso, Malcolm partiu para Lansing. Tinha feito pequenas remessas de dinheiro para casa desde 1941, e achou que a família estava em dívida com ele. Por meio de Ella ou Reginald, os irmãos Little certamente sabiam do lado negativo do irmão e de sua dependência química. Ele já contava com alguma resistência, especialmente de Wilfred, Hilda e Philbert, e chegou usando um terno de aparência conservadora. Disse que seus dias no crime eram coisa do passado. Durante semanas, aparentemente honrando a palavra, trabalhou primeiro no bar Coral Gables, de East Lansing, depois como ajudante de garçom no salão Mayfair. Mas via nesses trabalhos oportunidades para cometer pequenos furtos. Numa viagem para Detroit, roubou descaradamente um conhecido, um negro chamado Douglas Haynes, à mão armada. Haynes apresentou queixa à polícia de Detroit, que entrou em contato com a polícia de Lansing. Em 17 de março de 1945, Malcolm foi preso e entregue ao Departamento de Polícia de Detroit, acusado de roubo significativo. Wilfred pagou fiança de mil dólares, e por breve período Malcolm trabalhou numa fábrica de colchões e numa fábrica de caminhões de Lansing. Quando o julgamento foi adiado, ele decidiu que o melhor a fazer era sair da cidade. Num dia qualquer de agosto de 1945, fugiu da jurisdição; uma ordem de prisão foi decretada contra ele.[109]

A Autobiografia cala-se por completo sobre esses acontecimentos. Não há dúvida que Malcolm tinha muita vergonha dessa fase do seu passado. Provavelmente achava que o mais grave dos seus delitos tinha sido a humilhação que infligira à família com sua carreira de pequeno criminoso. Mas também pode

ser que tenha eliminado esses incidentes do relato da sua história como parte da tentativa de construir uma lenda. Seus esforços amadorísticos no gangsterismo de Boston e de Lansing — o desastrado roubo do casaco da tia, o ridículo assalto de um conhecido à mão armada — abalaram a credibilidade de suas supostas façanhas criminosas em Nova York, e até ele deve ter percebido que a ordem de prisão em Michigan, combinada com a violação da liberdade condicional em Massachusetts, o seguiriam pelo país todo. Se voltasse a ser preso, ainda que por um crime menor, todas essas infrações seriam lançadas contra ele.

Malcolm primeiro voltou para Nova York, depois para Boston, tentando desesperadamente sobreviver mediante diversos esquemas desonestos. Foi nessa época que encontrou um homem chamado William Paul Lennon, e os incertos detalhes sobre sua relação íntima provocariam controvérsias e especulações nos anos seguintes à morte de Malcolm.[110]

Lennon nasceu em 25 de março de 1888, em Pawtecket, Rhode Island, filho de Bernard e Nellie F. Lennon.[111] O pai era um bem-sucedido comerciante e editor de jornal, muito ativo na política local do Partido Democrata.[112] O mais velho de oito filhos, Lennon matriculou-se na Universidade Brown em 1906, como "aluno especial", que era descrito no catálogo da escola como categoria para "pessoas maduras, de bom caráter, que queiram dedicar-se a algum assunto especial e tenham a formação preliminar exigida".[113] Depois de frequentar a universidade por vários anos, Lennon levou uma vida errante, tentando estabelecer-se numa profissão qualquer que lhe parecesse apropriada. Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como suboficial da Marinha, na base de Newport, Rhode Island, e, ao ser dispensado, viveu brevemente com os pais, antes de ser contratado como gerente de hotel em Pawtucket.[114] Dentro de cinco anos, tornou-se gerente do Hotel Dorset, de Manhattan, perto da Quinta Avenida, no centro da cidade. Ao que tudo indica, teve uma carreira bem-sucedida como gerente de hotéis, mas — diferentemente da afirmação posterior de Malcolm de que seu benfeitor era multimilionário — não há registro de que Lennon tenha ficado verdadeiramente rico. Em algum momento, nos anos 1930 ou começo dos anos 1940, Lennon transferiu-se para Boston, onde começou a empregar mordomos em sua casa.[115]

O contato inicial de Malcolm com Lennon pode ter se dado por meio de anúncios classificados nos jornais de Nova York. O certo é que, em 1944, Malcolm começou a trabalhar para Lennon como "mordomo e fazendo ocasionalmente trabalhos domésticos",[116] na casa de Lennon em Boston, numa

área rica da rua Arlington com vista para o Public Garden.[117] Logo, desenvolveu-se algo mais profundo do que uma relação entre empregador e empregado. (Quando foi preso posteriormente, em 1946, Malcolm deu à polícia o nome e o endereço de Lennon, como seu antigo empregador, convencido de que Lennon usaria seus recursos financeiros e outros contatos para ajudá-lo durante seu período de prisão.) A Autobiografia descreve contatos sexuais com Lennon, mas Malcolm falsamente os atribui a um personagem chamado Rudy:

> [Rudy] tinha um outro acordo, um negócio pessoal que me levou de volta aos velhos tempos de agenciador no Harlem. Uma vez por semanas, Rudy ia à casa desse velho e rico aristocrata de sangue-azul de Boston, pilar da sociedade. O velho pagava a Rudy para tirar a roupa dos dois, depois pegá-lo como se fosse um bebê, deitá-lo na cama, ficar em pé em cima dele e polvilhá-lo de talco. Rudy disse que com isso o velho atingia o clímax.[118]

Com base em provas circunstanciais, mas fortes, o mais provável é que Malcolm descreveu seus próprios encontros homossexuais com Paul Lennon. A revelação sobre esse envolvimento produziu muita especulação sobre a orientação sexual de Malcolm, mas a experiência parece ter sido limitada. Não há provas, nos seus registros prisionais em Massachusetts, ou em sua vida pessoal depois de 1952, de que fosse, ativamente, homossexual. Mais plausível, talvez, seja o palpite de Rodnell Collins sobre o tio: "Malcolm levava basicamente uma vida dupla". Quando estava perto de Ella, "participava com entusiasmo de piqueniques e jantares de família... Economizava dinheiro para mandar aos irmãos e irmãs em Lansing".[119] Mas, na condição de Detroit Red, tomava parte em prostituição, venda de maconha, sessões de cocaína, jogos de azar, roubos ocasionais e, aparentemente, encontros homossexuais pagos. Manter as duas vidas separadas nunca foi fácil, devido a suas instáveis circunstâncias materiais. Mas Malcolm tinha inteligência e inventividade suficientes para esconder da família e dos amigos suas atividades mais ilegais, e potencialmente danosas.

Homens brancos ricos eram uma coisa, mulheres brancas, outra. Durante a guerra, sua antiga amante Bea Caragulian casara-se com um homem branco, Mehan Bazarian, mas ele servia nas Forças Armadas e passava muito tempo ausente. O relacionamento sexual de Malcolm com Bea continuara depois do casamento, apesar de, com o tempo, ter se tornado caótico, com frequência violento. No começo de dezembro de 1945, ele voltou a Boston, sem ter para

onde ir a não ser a casa de Ella. Mais uma vez, a indignada meia-irmã não teve escolha senão deixá-lo ficar; afinal, sangue era sangue. Malcolm rapidamente encontrou Shorty Jarvis, que reclamou da mulher e de problemas com dinheiro. Dentro de alguns dias, Malcolm organizou uma quadrilha, com a intenção de roubar casas nos bairros ricos de Boston. Seu grupo heterogêneo consistia de outro afro-americano, Francis E. "Sonny" Brown; Bea; a irmã mais nova de Bea, Joyce Caragulian; uma terceira mulher, a armênia Kora Marderosian; e Shorty. No começo da noite de 14 de dezembro de 1945, Malcolm e Sonny roubaram uma casa em Brookline, escapando com 2400 dólares em casacos de pele, pratarias, joias e outros artigos. Na noite seguinte, atacaram uma segunda casa, roubando tapetes e pratarias avaliados em quase quatrocentos dólares, além de bebidas, joias e roupas de cama. Nesses arrombamentos, a gangue seguia um padrão geral. Sonny forçava a porta dos fundos, depois abria a da frente para Malcolm e Shorty. Rapidamente eles limpavam as dependências, sobretudo atrás de artigos que pudessem ser vendidos com facilidade no mercado negro. As mulheres ficavam no automóvel, de sentinela. Em 16 de novembro, eles viajaram de carro a Nova York, para vender parte da mercadoria. Artigos que ninguém quis comprar foram descartados, mas a maior parte do que restou foi distribuída entre os membros da quadrilha, erro que um ladrão veterano jamais cometeria.[120]

Um dos roubos mais lucrativos da quadrilha ocorreu um dia depois da viagem a Nova York. Numa casa que invadiram em Newton, Massachusetts, os jovens criminosos conseguiram pegar joias, um relógio, um aspirador de pó, roupas de cama, castiçais de prata, brincos, um pingente e uma corrente de ouro, e outras mercadorias, num total estimado pela polícia em 6275 dólares.[121] No período de um mês, roubaram oito casas. Quando foram finalmente pegos, Malcolm foi o responsável por revelar o segredo. Deu um relógio para um parente como presente de Natal; o parente vendeu o relógio para um joalheiro de Boston, que, suspeitando que o relógio tinha sido roubado, procurou a polícia. As autoridades deram um tempo. No começo de janeiro de 1946, Malcolm levou outro relógio roubado para consertar. Quando voltou para apanhá-lo, a polícia estava à sua espera. Malcolm portava na época uma pistola calibre 32 carregada. Durante o interrogatório, os detetives prometeram, capciosamente, não o processar pelo porte de arma se concordasse em denunciar os cúmplices. Ele concordou, dando o nome do grupo todo. À exceção de Sonny Brown, que

conseguiu escapar das autoridades, todos foram imediatamente presos.[122]

Malcolm foi acusado de posse ilegal de arma de fogo no tribunal de Roxbury, em 15 de janeiro. No dia seguinte, no tribunal de Quincy, foram acrescentadas acusações de furto e arrombamento. O tribunal estabeleceu uma fiança de 10 mil dólares. Como os arrombamentos tinham ocorrido em dois condados de Massachusetts, Norfolk e Middlesex, foram realizados dois julgamentos. O relato de Shorty Jarvis oferece uma vívida descrição das tribulações dele e de Malcolm: "O promotor público e nossos advogados brancos insistiram para que nos declarássemos culpados, nos termos da acusação; disseram também que se o fizéssemos as coisas seriam facilitadas e favoráveis para nós (quer dizer, as sentenças)". Os dois homens foram "idiotas" por não preverem uma traição. Bea foi intimada e testemunhou contra Malcolm, basicamente lendo o roteiro que o promotor escreveu para ela. Jarvis alegou que o promotor público tinha até tentado, sem sucesso, "testemunhar que nós as tínhamos estuprado; isso para que pudesse pedir ao juiz uma sentença de quinze a vinte anos, ou prisão perpétua".[123] Para Malcolm e Shorty, e também para Ella, pareceu que a principal motivação do processo foi racial. "Enquanto eu viver", refletiu Shorty, "nunca vou me esquecer do juiz dizendo que eu não tinha nada que me associar com mulheres brancas."[124] O filho de Ella, Rodnell, comentou: "No tribunal, [Ella] disse que os homens foram descritos por um advogado como 'schvartze [negros, em iídiche] filhos da puta' e por outro como 'Al Caponezinhos'. Os encarregados da detenção, enquanto isso, referiam-se às [duas mulheres] como 'pobres moças, infelizes, sem amigos, assustadas, perdidas'".[125]

Malcolm Little e Shorty Jarvis declararam-se culpados e foram condenados pelo tribunal de Middlesex a quatro penas concomitantes de oito a dez anos, a serem cumpridas na prisão. Durante a leitura da sentença, ficaram confinados atrás das grades de aço de uma cela no tribunal. Shorty desabou, sacudindo as grades e gritando para o juiz: "Por que você não me mata? Por que não me mata? Prefiro morrer a cumprir dez anos".[126] No Tribunal Superior do Condado de Norfolk, oito semanas depois, Malcolm recebeu três penas concomitantes de seis a oito anos. Dificilmente o tribunal poderia ter imposto penas maiores. Quando Malcolm comentou com um advogado de defesa: "parece que estamos sendo condenados por causa daquelas meninas", o advogado respondeu, furioso: "Vocês não tinham que se meter com mulheres brancas!". Bea alegou nos tribunais que ela e as outras mulheres brancas eram vítimas inocentes da cruel

operação criminosa de Malcolm. Ele as coagira. "Vivíamos sempre com medo", declarou no tribunal, com voz emocionada.[127] No fim, Malcolm cumpriu apenas sete meses, de uma pena de cinco anos.[128]

As ações egoístas de Bea deixaram profunda impressão em Malcolm. "Todas as mulheres são, por natureza, frágeis e fracas", comentou. "São atraídas pelo homem, em quem enxergam a força." Sua misoginia tinha sido reforçada durante a época em que foi agenciador de prostitutas no Harlem.[129] Refletindo sobre essas experiências, Malcolm escreveu: "Recebi minhas primeiras instruções sobre a moral de esgoto do homem branco da melhor fonte possível, de suas próprias mulheres".[130] As ações de Bea ressaltaram o que ele via como tendências falazes e oportunistas das mulheres. Malcolm raramente examinava o próprio comportamento — sua relação arruinada com Gloria Strother, os abusos físicos cometidos contra Bea Garagulian — e, muito menos, a traição aos seus parceiros.

3. Ele se torna "X"

Janeiro de 1946-agosto de 1952

Em 8 de março de 1946, um psiquiatra do estado de Massachusetts entrevistou o preso número 22843. "Foi chamado de tudo quando é nome sujo que me ocorreu", lembrava-se Malcolm. Ele descreveu-se como "fisicamente miserável, e tão mal-humorado como uma cobra".[1] Mas o "Relatório Psicométrico", escrito quase dois meses depois, o descreveu como atento e aparentemente cooperativo. Malcolm informou ao entrevistador, despreocupadamente, que seus pais tinham sido missionários e sua mãe uma "escocesa branca", cujo casamento com um negro fez com que Malcolm fosse vítima de abuso racial durante toda a infância. Deu várias outras informações falsas. O psiquiatra, aparentemente perturbado com o que tinha ouvido, observou que o preso "tem opiniões fatalistas, é mal-humorado, cínico e tem um riso sarcástico que parece afetado por causa de sua sensibilidade à cor".[2]

Seu advogado de defesa o impedira de falar em seu próprio nome durante os julgamentos, e Malcolm estava convencido de que a longa sentença devia-se unicamente ao seu envolvimento com Bea e outras mulheres brancas. Temia também, por ainda não ter 21 anos, as dificuldades da vida na cadeia, mundo perigoso do qual só conhecia histórias de horror. Nas semanas em que foi mantido na cadeia do condado, antes de ser transferido para a penitenciária estadual, Malcolm decidiu exagerar suas experiências no crime, para parecer mais duro e violento do que realmente era. Apresentou também uma história inventada sobre a família, tornando quase impossível para as autoridades saber quais eram seus verdadeiros antecedentes. Já se sentia indignado com os

funcionários da prisão, que só reconheciam o número do preso, em vez do nome. Na prisão, "nunca ouvimos nosso nome, só nosso número", recordaria ele, anos depois. "Em todas as roupas, todas as peças trazem um número gravado. Acaba gravado no nosso cérebro."[3]

Dois meses depois, outro assistente social apresentou um relatório sobre Malcolm. "O indivíduo é um negro alto de tez clara", dizia, "solteiro, filho de um lar desfeito, que cresceu indiferentemente, adotando um padrão de vida do seu agrado, colorido, cínico, amoral, fatalista." O relatório indicava que as autoridades do presídio o viam como o líder do bando de ladrões. Talvez Malcolm mais uma vez tenha disparado uma saraivada de palavrões, pois o assistente social julgou seu prognóstico "fraco. A atitude 'dura' de agora sem dúvida vai crescer em amargura... O indivíduo pode se mostrar de risco intermediário para a segurança, pois vai achar difícil fazer a adaptação do ritmo acelerado dos lugares noturnos para o passo lento da vida institucional em Charlestown [na prisão]".[4]

Malcolm e Shorty Jarvis tinham sido mandados para a Charlestown State Prison, naquela época as instalações penais em uso contínuo mais antigas do mundo. A penitenciária foi construída em 1804-5, nas margens ocidentais da península de Charlestown, ao longo do Boston Harbor, e suas condições físicas eram lamentáveis: as células, infestadas de ratos, eram minúsculas — 2,10 por 2,4 metros — sem instalações sanitárias e água corrente. Os presos faziam suas necessidades em baldes, esvaziados uma vez em 24 horas. Não havia refeitório comum, e os presos eram forçados a comer em suas celas.[5] Em nada contribuía para melhorar a atmosfera seu grotesco histórico de execuções, sendo a mais notória a morte na cadeira elétrica, em 1927, dos anarquistas Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, que tinham sido injustamente condenados por um assalto e um duplo homicídio ocorridos em 1920.[6] O lugar era tão animalesco que em maio de 1952, pouco antes de Malcolm ser solto, o governador do estado, Paul A. Dever, o descreveu como "uma Bastilha que supera, em má fama, qualquer prisão hoje existente nos Estados Unidos".[7]

De início, Malcolm teve grande dificuldade para aceitar a sentença, e especialmente o que interpretava como traição de Bea durante o julgamento. Seus acessos de raiva e alienação eram óbvios. Shorty, ainda magoado por Malcolm o ter denunciado, começou a chamá-lo de "monstro de olhos verdes".[8] Nos primeiros meses, Malcolm insultava guardas e presos. Nunca tinha sido

particularmente religioso, mas concentrava seus xingamentos contra Deus e a religião em geral. Outros presos, de tanto ouvirem as tiradas de Malcolm, deram-lhe outro apelido: "Satã".[9] Na cadeia de Middlesex, durante o julgamento, Malcolm fora obrigado a abster-se, mas em Charlestown retomou o velho vício da droga, usando, de início, noz-moscada moída para ficar "alto". Em pequenas quantidades — de quatro a oito colheres de chá, mais ou menos — a noz-moscada é um alucinógeno suave, produzindo euforia e distorções visuais; em grandes quantidades, como Malcolm talvez usasse, tem efeitos parecidos com o do ecstasy. Usuários de noz-moscada podem ficar "altos" por até 72 horas, mas podem, também, sofrer descontrole mental.[10] Alguns sintomas descritos por Malcolm nos seus primeiros meses em Charlestown parecem efeito de intoxicação por noz-moscada, especialmente os episódios de depressão e paranoia. Quando Ella começou a mandar-lhe pequenas quantias, ele usava o dinheiro para comprar drogas de guardas corruptos, felizes com a oportunidade de fazer negócio. Os presos podiam obter quase qualquer droga que quisessem, de haxixe a heroína.

Malcolm vivera durante anos numa estreita rede familiar, mantendo contato relativamente constante pelo correio ou fazendo visitas sempre que se mudava, mas agora, cheio de raiva e vergonha pelo que lhe acontecera, hesitava em procurar os irmãos, especialmente Ella. Em seu primeiro ano de prisão, escreveu poucas cartas, incluindo uma ou mais para William Paul Lennon. A primeira que recebeu era de Philbert, dizendo que ingressara numa igreja evangélica em Detroit. A informação de Philbert de que toda a congregação rezava pela alma do irmão mais jovem enfureceu Malcolm. "Rabisquei-lhe uma resposta da qual hoje tenho vergonha", reconheceu ele, mais tarde. As coisas não funcionavam melhor quando Ella o visitava. Numa ocasião, cerca de cinquenta pessoas, entre presos e visitantes, amontoavam-se no centro de visitação, cercadas por guardas armados. Ella tentou dizer amabilidades, mas ficou tão aborrecida que mal conseguiu falar. Malcolm estava tão na defensiva que "gostaria que ela não tivesse vindo".[11]

Sua atitude logo o levou ao isolamento, mas ele não deixou de receber visitas. A visita mais regular, provavelmente a mais solidária, era a de uma adolescente, Evelyn Lorene Williams. A mãe adotiva de Evelyn, Dorothy Young, era amiga íntima de Ella. Na verdade, as duas mulheres eram tão amigas que o filho de Ella, Rodnell, chamava Young de tia Dot. Ocasionalmente, Malcolm saíra com

Evelyn durante os anos que passou em Boston, e Ella encorajara o namoro. Malcolm tinha pouco interesse sexual por Evelyn — em comparação, digamos, com a forte atração que sentia por Bea. Mas, ao que parece, Evelyn se apaixonara por Malcolm.[12]

Outra visitante assídua era Jackie Mason, mulher de Boston que tinha tido um envolvimento sexual com Malcolm antes da sua prisão. Ella rejeitava Mason abertamente, descrevendo-a como "mulher de rua comum", inadequada para seu irmão. Sua atitude, de acordo com Rodnell Collins, era a de quem "sabia muito bem da devastação que uma mulher predatória, mais velha e experiente, pode causar num adolescente aventuroso e altamente impressionável".[13]

Ao visitá-lo, Ella não ficou nem um pouco feliz com o que viu — que ele não aproveitava para refletir, de forma séria, sobre as razões que o levaram à cadeia, ou sobre as consequências que isso teria para ele. Aborreceu-se por ele manter contato com Paul Lennon e ficou escandalizada ao saber que voltara a usar drogas. Depois de várias visitas frustrantes, Ella decidiu não voltar a ver o irmão. Quando soube, Malcolm parece ter se arrependido. Numa queixosa carta de 10 de setembro, agradeceu a Ella o envio de fotos de pessoas da família e as pequenas remessas de dinheiro. Mas acabou enfurecendo-a novamente ao pedir-lhe que entrasse em contato com Paul Lennon. "A pessoa que você diz ter me procurado é um ótimo amigo", explicou Malcolm. "Ele tem uma fortuna de apenas 14 milhões de dólares. Se você ler as colunas sociais dos jornais, saberá quem ele é. Ele sabe onde estou, porque lhe escrevi contando, mas não lhe disse por que estou aqui." Sem mencionar o nome de Lennon, pediu que Ella fosse cordial. "Ele pode procurá-la e perguntar. A resposta que você der terá a ver com todo o meu futuro, mas ainda conto com você." Aparentemente, Malcolm estava convencido de que Lennon poderia usar seu dinheiro e seus contatos políticos para reduzir a pena. Segundo Collins, Lennon jamais procurou Ella. Mas ela ficou "indignada" porque o meio-irmão dera o número do seu telefone a Lennon e lhe pedira que agisse como mensageira. Para ela, Lennon era, obviamente, "um desses brancos decadentes, com quem ele se prostituía".[14]

Malcolm viu-se obrigado a enfrentar, sozinho, os desafios da vida na prisão. E não ajudou em nada o fato de sua atitude com relação ao trabalho na prisão ser a de recusar-se a cooperar. Nos primeiros sete meses em Charlestown, foi designado para a oficina mecânica; depois, naquele outubro, para trabalhar no pátio. No mês seguinte, foi transferido novamente, dessa vez para cerzir na

oficina de roupas íntimas. Logo criou problemas, sendo acusado de não cumprir suas obrigações; por isso, teve de cumprir três dias de detenção. Seu desempenho no trabalho melhorou um pouco quando foi designado para a fundição, onde o consideraram "cooperativo, fraco em habilidades, e de mediano a fraco em esforço".[15] Foi ali que conheceu um ex-ladrão alto, de tez clara, chamado John Elton Bembry: o homem que mudaria sua vida.

Bembry, cerca de vinte anos mais velho do que Malcolm, deslumbrou o jovem com sua habilidade intelectual. Foi o primeiro homem negro que Malcolm conheceu na prisão (e possivelmente fora da prisão também) que parecia conhecer quase todos os assuntos, e tinha habilidade verbal para manter praticamente qualquer tipo de conversa. Intelectualmente, Bembry tinha interesses espantosamente diversos, sendo capaz de falar sobre a obra de Thoreau a qualquer momento, e, em seguida, sobre a história institucional da prisão de Concord, Massachusetts. Malcolm sentiu-se particularmente atraído pela capacidade daquele homem de "colocar a filosofia ateísta num contexto".

Os pensamentos de Malcolm ganharam vida sob a tutela de Bembry. Ali, finalmente, estava um homem mais velho, com curiosidade intelectual e senso de disciplina para partilhar com um seguidor mais jovem. Ambos foram designados para a oficina de placas de carro, onde, depois do trabalho, detentos e até mesmo guardas se juntavam para ouvir os discursos de Bembry sobre qualquer assunto. Durante semanas, Bembry observou cuidadosamente o comportamento indisciplinado do jovem colega de oficina. Finalmente, puxando Malcolm para um canto, ele o desafiou a usar o intelecto para melhorar sua situação. Bembry insistiu para que fizesse cursos por correspondência e usasse a biblioteca, recordava-se Malcolm. Hilda já lhe dera conselho parecido, implorando ao irmão para "estudar inglês e caligrafia".[16] Malcolm consentiu: "Sentindo que dispunha de tempo de sobra, foi o que fiz".[17]

É possível que detalhes contados por Bembry ("Bimbi", na Autobiografia) a outros detentos sobre sua bem-sucedida história de roubos tenham sido incorporados por Malcolm nos relatos sobre suas próprias façanhas, mas, acima de tudo, Malcolm invejava a reputação de Bembry como intelectual. Havia também um forte elemento de egoísmo: seu recém-descoberto entusiasmo pelo estudo e pelo autoaperfeiçoamento talvez lhe valesse uma transferência para a penitenciária mais branda de todo o sistema, a Colônia Penal de Norfolk, em Massachusetts. A isca cada vez maior da liberdade bastava para instilar disciplina

em Malcolm, de tal maneira que isso o levou a realizar um curso de estudo formal autodirigido. Ao longo de 1946-7, dedicou-se a um programa rigoroso, preenchendo requisitos para cursos de extensão universitária que incluíam inglês, além de latim e alemão elementares.[18] Devorou os livros existentes na pequena biblioteca de Charlestown, particularmente os de linguística e etimologia. Seguindo o conselho de Bembry, começou a estudar um dicionário, memorizando as definições de palavras, tanto as de uso corrente como as de significado obscuro.[19] A instrução tornara-se uma meta clara e prática: oferecia uma saída para uma prisão com melhores condições, e talvez até uma redução da pena. Ironicamente, também teve o efeito colateral de fazer de Malcolm um vigarista mais convincente. Ao refinar suas habilidades oratórias, ele obteve mais êxito em trapaças de variados tipos, como apostas e beisebol.[20]

Malcolm foi transferido em janeiro de 1947 — mas para o Reformatório de Massachusetts em Concord, apenas um pouco melhor do que Charlestown. Concord adotava um sistema de notas em disciplina, estabelecendo uma confusa agenda de penalidades e perda de liberdades por atos de má conduta. Não havia conselho de detentos para negociar as condições de trabalho e supervisão.[21] Os novos regulamentos e a falta de direitos provavelmente contribuíram para os contínuos atos de desobediência de Malcolm.

Durante o tempo de prisão em Concord, ele recebeu 34 visitas. Dessas, cinco foram de Ella, três de Reginald e dezenove de "amigos" (de acordo com arquivos editados) — sem dúvida Jackie Mason, Evelyn Williams e, possivelmente, William Paul Lennon.[22]

O trabalho duro e declarações de que queria tornar-se um homem melhor parecem ter convencido Ella de que ele finalmente resolvera mudar de vida, e ela, consequentemente, lançou uma campanha de cartas a funcionários, nas quais pedia que Malcolm fosse transferido para a Colônia Penal de Norfolk. Ella encorajou Malcolm a escrever diretamente para o administrador encarregado de transferências. Em 28 de julho, numa dessas cartas, Malcolm empregou suas reforçadas habilidades linguísticas, com bons resultados: "Desde que fui confinado, já obtive um diploma em Inglês Elementar, por meio de cursos por correspondência do Estado. Estou bastante insatisfeito, porém. Há muitas coisas que eu gostaria de aprender e que me seriam úteis, quando eu recuperar a liberdade".[23] Apesar disso, comprometia seus esforços causando mais problemas. Ao longo de 1947, designado para trabalhar na loja de móveis da prisão, foi

avaliado como um "trabalhador fraco e sem espírito de equipe". Em abril, suspeitara-se que estivesse de posse de "contrabando" — nesse caso, uma faca. Em setembro, foi acusado de conduta inconveniente, e em duas outras ocasiões punido por não trabalhar direito. Mas Malcolm tinha a mesma tendência de Ella a evitar punições. Depois de cada infração, melhorava seu desempenho no trabalho o suficiente para evitar castigo mais severo.[24]

No começo de 1948, ele recebeu uma curiosa carta do irmão Philbert que teria enormes consequências. Philbert explicou-lhe que ele e outros membros da família haviam se convertido ao islamismo. Malcolm não ficou surpreso com o entusiasmo súbito, e não levou a sério aquela mudança de rumo em particular. Philbert "estava sempre aderindo a alguma coisa", lembrava-se ele. Philbert agora pedia ao irmão que "rezasse para Alá pedindo a libertação". Malcolm não se impressionou. Sua resposta, escrita num inglês condigno, foi totalmente desdenhosa.[25]

A carta de Philbert foi, na verdade, a primeira tentativa de uma campanha da família para converter Malcolm a um movimento incipiente chamado Nação do Islã. "Era um programa para ajudar negros, e o programa deles era o melhor que existia", explicou posteriormente Wilfred.[26] Estavam decididos a fazer Malcolm embarcar também. Quando ficou claro que a carta de Philbert não produziu resultado, a família decidiu que uma sondagem feita por Reginald talvez fosse mais eficaz. Reginald escreveu uma carta "noticiosa" que não fazia nenhuma referência explícita a Nação do Islã, mas concluía com uma promessa críptica: "Pare de comer carne de porco, e pare de fumar cigarros. Vou lhe mostrar como sair da prisão".[27] Malcolm ficou dias impressionado. Seria um novo jeito de trapacear? Ainda cheio de dúvidas, resolveu, no entanto, seguir o conselho, e parou de fumar. A decisão de não comer carne de porco foi recebida com surpresa entre os detentos no refeitório.

Enquanto isso, os apelos de Ella e as cartas que escreveu finalmente deram resultado: no fim de março de 1948, Malcolm foi transferido para a Colônia Penal de Norfolk. Estabelecido em 1927, como modelo de reforma correcional, o presídio ficava a 37 quilômetros de Boston, perto de Walpole, numa propriedade de catorze hectares, de formato oval, que mais parecia um campus universitário do que uma prisão tradicional. Contudo, tinha fortes obstáculos a fugas, destacando-se entre eles um muro de 1525 metros de comprimento, por 5,80 metros de altura, que cercava todo o terreno e tinha no topo sete centímetros de

arame farpado eletrificado. A filosofia da prisão era orientada para a reabilitação e a ressocialização. Os presos viviam em conjuntos de 24 casas, divididas em cômodos individuais e coletivos, todos dotados de janelas e portas.[28]

Em comparação com Charlestown, a vida de Malcolm era tão livre de restrições quanto poderia ser dentro de uma penitenciária estadual. Antes e acima de tudo, ele era tratado como ser humano. Não ficava trancado num quarto a noite inteira. Tinha dois armários, um em seu quarto, para guardar roupas e objetos de higiene pessoal, outro no subsolo de sua unidade habitacional, para o uniforme de trabalho. Dois detentos em cada casa ficavam encarregados de servir a comida, limpar o salão do refeitório e as dependências comuns, e fazer pequenos reparos. Todo sábado à noite havia reunião, na qual as preocupações dos detentos eram discutidas. Os presos podiam eleger seus representantes nos comitês de moradia, e um detento era encarregado de dirigi-la. Norfolk encorajava os presos a participarem de todo o tipo de atividades educacionais, como o clube de debates e o jornal da prisão, o Colony. Sessões de entretenimento, que consistiam de apresentações de grupos externos e de detentos, eram organizadas nas noites de domingo. Os serviços religiosos eram realizados semanalmente por católicos, protestantes, cientistas cristãos, e teosofistas, e aos "hebreus" permitiam-se reuniões mensais de grupos e a observância de feriados religiosos.[29]

Essa nova vida convinha ao recém-disciplinado Malcolm, que deu prosseguimento a seu plano de instruir-se o mais amplamente possível. Participava, com empenho, das atividades do presídio, alargando sua agenda de leituras para nela incluir obras sobre o budismo.[30] Infelizmente, o novo compromisso de aperfeiçoar-se não implicava melhorar os hábitos de trabalho. Na lavanderia da prisão e na cozinha, seu desempenho mais uma vez foi classificado abaixo dos padrões; segundo os supervisores, Malcolm era "preguiçoso, detestava qualquer tipo de trabalho, e aceitava e executava as tarefas que lhe eram impostas com calada repugnância". Tinha, porém, o cuidado de trabalhar o suficiente para não incorrer em grandes infrações que pudessem pôr em risco seu lugar em Norfolk. Também parou de brigar com os guardas e colegas detentos.[31]

Reginald foi o primeiro parente a visitar Malcolm em seu novo endereço.

Primeiro o pôs a par das fofocas de família e contou-lhe da recente visita que fizera ao Harlem, mas acabou encaminhando a conversa para um novo assunto: o Islã, ou "o enigma sobre não comer porco nem fumar cigarros", como disse na Autobiografia.

"Se um homem soubesse tudo o que se pode saber, quem seria esse homem?", perguntou Reginald.

"Uma espécie de deus", respondeu Malcolm.

Reginald explicou que esse homem existia — "seu verdadeiro nome é Alá" — e se revelara anos antes a um afro-americano chamado Elijah — "um negro, exatamente como nós". Alá identificara todos os brancos, sem exceção, como demônios. De início, Malcolm achou extremamente difícil aceitar. Nem mesmo o garveyismo o preparara para mensagem tão extrema contra os brancos. Mas depois, ao relembrar cuidadosamente cada relação significativa que tinha tido com pessoas brancas, concluiu que todo branco que conhecera na vida alimentava profunda animosidade contra os negros.[32]

A semente estava lançada. Não muito tempo depois dessa conversa, Hilda fez-lhe uma visita e terminou de contar como foi a conversão da família. Tinha começado tranquilamente, por acaso. Um dia, em 1947, enquanto esperava numa parada de ônibus, Wilfred começou uma conversa com um jovem negro bem vestido, que lhe falou de religião e de nacionalismo negro e o convidou para visitar o Templo nº 1 da Nação do Islã em Detroit. Ao fazer a visita, Wilfred encontrou uma modesta igreja na frente de uma loja. Era um espaço alugado com um salão que provavelmente podia acomodar duzentas pessoas, apesar de haver, aparentemente, menos de cem membros. O que ouviu ali pareceu a Wilfred reconfortantemente familiar: uma mensagem de separatismo negro, autoconfiança negra, e uma divindade negra que lhe fez lembrar, instantaneamente, os sermões garveyistas do pai, Earl Little.

Em poucos meses Hilda, Philbert, Wesley e Reginald também se tornaram membros.[33] Wilfred explicaria posteriormente: "Já tínhamos sido doutrinados pela filosofia de Marcus Garvey, de modo que era um bom lugar para nós. Não precisaram nos convencer de que éramos negros e deveríamos sentir orgulho, ou coisa parecida".[34] Havia ligações pessoais com a primeira família da NOI, Clara e Elijah Poole — ligações essas que tornavam natural a atração da família pelo grupo religioso. Quando Earl morava na Geórgia, tinha, vez por outra, pregado em Perry, cidade dos pais de Clara Poole. Ella chegara à idade adulta na Geórgia,

antes de mudar-se para o norte, e conhecera Clara e Elijah Poole anos antes de o casal ter qualquer vínculo com a Nação.

Durante a visita, Hilda também explicou a Malcolm o princípio fundamental da teologia da Nação do Islã, a história de Yacub, que contava como um perverso cientista negro engendrara geneticamente a criação de toda a raça branca. Alá, na pessoa de um negro asiático, viera ao mundo para revelar essa história extraordinária e para explicar o legado dos monstruosos crimes cometidos pela raça branca contra os negros. Só com a separação racial completa, explicou Hilda, os negros seriam capazes de sobreviver. Ela insistiu com Malcolm para escrever diretamente ao líder supremo da Nação do Islã, Elijah Muhammad — novo nome que Elijah Poole dera a si mesmo —, que morava em Chicago. Ele tiraria qualquer dúvida que Malcolm tivesse. Malcolm ficou impressionado com a evidente devoção da irmã, e depois escreveu: "Não sei nem se consegui abrir a boca para dizer até logo".[35]

Nas semanas seguintes, lutou interiormente com o que tinha escutado. A mensagem nacionalista negra de orgulho racial, repúdio à integração e autossuficiência reacendeu fortes vínculos com a fé que movera seus pais. A condenação de todas as instituições brancas pela NOI, especialmente o cristianismo, também combinava com sua experiência. Mas o jovem e amargo descrente jamais demonstrara o mínimo interesse pela religião organizada ou pela vida espiritual. Para Malcolm, a atração era mais secular: a Nação do Islã oferecia a oportunidade de sentir autorrespeito e até mesmo dignidade como homem negro. Aquela fé afirmava que os negros não tinham motivo algum para se envergonharem ou se desculparem.

Mas, acima de quaisquer objetivos espirituais ou políticos, havia um objetivo pessoal: a conversão era uma forma de manter a família Little unida. Como todos os irmãos tinham chegado à idade adulta, a possibilidade de desintegração da família tornara-se novamente um problema. Pela altura de 1948, Wilfred e Philbert estavam casados havia anos.[36] Em 1949, Yvonne Little casou-se com Robert Jones, e o casal mudou-se para Grand Rapids.[37] Enquanto a família crescia e espalhava-se por novas comunidades, a Nação do Islã ofereceria uma base comum. Malcolm foi o último a aderir, mas seu compromisso era total, e ele aproveitou a oportunidade para fazer uma mudança geral em seu futuro. Malcolm — Detroit Red, Satã, trapaceiro, gigolô, viciado em drogas e traficante, amante homossexual, sedutor de mulheres, vigarista do jogo, arrombador de

casas e ladrão condenado — estava convencido da necessidade de uma revolução em sua identidade e em suas crenças. Depois de rascunhar uma carta de uma página para Elijah Mohammad "pelo menos vinte vezes", finalmente a pôs no correio. Não demorou a receber a resposta de Muhammad, junto com uma nota de cinco dólares.[38] Tinha dado o primeiro passo decisivo na direção de Alá.

Malcolm não percebeu então, mas ao se tornarem membros da Nação do Islã seus irmãos e irmãs tinham entrado na heterodoxa comunidade do Islã global. Extremamente sectária pelos padrões do Islã ortodoxo, a Nação do Islã tornou-se, não obstante, o ponto de partida de uma viagem espiritual que consumiria toda a vida de Malcolm dali em diante.

O Islã foi estabelecido onde é hoje a Arábia Saudita no começo do século vii da era cristã, por um homem conhecido como profeta Maomé. Ao longo de mais de duas décadas, de 610 a 632 a.C., centenas de belos versos foram revelados a Maomé e retransmitidos, por recitação poética, exatamente como as histórias de Homero ou as canções amorosas dos trovadores. Esses versos ficaram conhecidos como Qur'an, e o duradouro poder do Islã como religião repousa, em parte, em sua elegância e simplicidade. Em seu núcleo está a metáfora dos cinco pilares. O primeiro pilar é a profissão de fé, ou shahada: "Só há um Deus, e Maomé é seu profeta". Os outros pilares são as obrigações de um muçulmano devoto: fazer as orações diárias (salat); dar esmola aos menos afortunados (zakat); jejuar durante o mês do Ramadã; e fazer uma peregrinação a Meca (hajj). Muitos muçulmanos caracterizam a jihad, que significa "empenho" ou "luta", como o sexto pilar, separando-a em dois tipos: a "grande jihad", que se refere à luta interna do crente para aderir ao credo do Islã, e a "pequena jihad", a luta contra aqueles que se opõem à mensagem de Maomé.[39]

No tempo do profeta, o Islã era uma religião abrangente, e não excludente, que se baseava nas práticas de outros contemporâneos. Maomé tinha ensinado que tanto judeus como cristãos eram ahl al-Kitab (Povos do livro), e que a Torá, os Evangelhos e o Sagrado Alcorão eram todos uma só escritura divina. Os primeiros rituais islâmicos baseavam-se diretamente nas tradições judaicas. De início, os muçulmanos oravam voltados na direção de Jerusalém, não de Meca. O jejum compulsório do profeta começava no décimo dia (Ashura) do primeiro mês do calendário judaico, dia mais comumente conhecido como Yom Kippur.

Maomé também adotou muitas leis dietéticas e requisitos de pureza judaicos, e encorajava seus seguidores a se casarem com judeus, como ele próprio tinha feito.[40] Abaixo apenas do Alcorão, e também essencial ao Islã, está a Sunna, conjunto de tradições coletivas associadas a Maomé, que incluem milhares de histórias, ou hadith, todas mais ou menos baseadas nos atos e nas palavras do profeta, ou de seus discípulos mais próximos.

O que havia de verdadeiramente revolucionário no conceito islâmico era o caráter transétnico, não racial. O Islã é definido, basicamente, por uma série de ações e obrigações que todos os seguidores observam. Em tese, as diferenças de idioma nativo, raça, etnia, geografia e classe social tornam-se irrelevantes. A rigor, desde o início, os indivíduos de ascendência africana tornaram-se muçulmanos (literalmente, "aqueles que se submetem" a Deus). Maomé encorajou a emancipação dos escravos mantidos por árabes; seu primeiro muezzin (indivíduo que convoca os crentes à oração) foi um ex-escravo etíope chamado Bilal.[41]

Com o tempo, o pluralismo religioso da ummah — a comunidade islâmica transnacional — foi substituído por um monoteísmo exclusivo. Depois da morte do profeta, entendeu-se que judeus e cristãos deveriam ser expulsos da comunidade; séculos depois, estudiosos da lei islâmica dividiriam o mundo inteiro em dois, o dar al-Islam (Casa do Islã) e o dar al-Harb (Casa da Guerra), ou aqueles que se opõem aos crentes.

Pelo século viii, o Islã dominava o norte da África, logo penetrando no Sudão e nas regiões subsaarianas da África Ocidental. A elite árabe desse crescente mundo muçulmano tinha longa tradição de escravidão, e ao longo dos séculos milhões de africanos negros foram subjugados e transportados para onde é hoje o Oriente Médio, o norte da África e a península ibérica. Há, porém, destacados exemplos de negros convertidos ao Islã que ocuparam o poder no mundo muçulmano — como Yaqub al-Mansur, o governante negro que no século xii mandou no Marrocos e em parte do que é hoje Portugal e Espanha. Vários grandes impérios islâmicos dominaram a África Ocidental, do século xiv ao século xvi. Ao colonizar as Américas e o Caribe, no século xvi, países europeus transportaram cerca de 15 milhões de escravos, como propriedade particular, para suas respectivas colônias. Uma minoria significativa era muçulmana: dos cerca de 650 mil levados involuntariamente para o que se tornaria os Estados Unidos, entre 7% e 8% eram muçulmanos.[42]

Durante o século xix, muitos intelectuais negros do Caribe e dos Estados Unidos foram atraídos pelo Islã. Era uma época de cristianismo evangélico e de darwinismo social, que desenvolvia justificativas religiosas e científicas para a supremacia da raça branca. Pessoas de ascendência africana sentiram-se cada vez mais atraídas pelo Islã, como alternativa para o cristianismo. O intelectual negro mais influente desse período foi, de longe, Edward Wilmot Blyden (1832-1912), que chegou aos Estados Unidos proveniente das Antilhas Dinamarquesas, como candidato ao clero protestante. Depois da aprovação da Lei do Escravo Fugitivo, permitindo que negros fossem presos e deportados para o Sul escravista, Blyden partiu para a Libéria em 1851. Nos dezesseis anos seguintes, teve uma extraordinária carreira de estudioso, viajante e diplomata.

As contribuições de Blyden para a jornada espiritual e política de Malcolm Little foram triplas. Primeiro, bem antes de The Souls of Black Folk [As almas da gente negra] (1930), de W. E. B. Du Bois, Blyden sustentou que a raça negra tinha certos pontos fortes espirituais e culturais, uma personalidade coletiva, que unia a humanidade negra no mundo inteiro.[43] Durante os anos 1960, essa ideia serviria de alicerce para o chamado "nacionalismo cultural negro" — um profundo orgulho da antiguidade, da história e da cultura africanas, juntamente com a celebração de rituais e da estética com base na África e na diáspora negra.[44]

Segundo, bem antes de Garvey, Blyden visualizara um programa de "pan-africanismo" — a unidade política e social dos povos negros do mundo inteiro — que resultou numa estratégia de migração de grupos de volta para a África. Blyden estava convencido de que as condições de vida para os negros americanos se tornariam, no futuro, tão opressivas que milhões retornariam para a terra dos ancestrais. Seus escritos sobre pan-africanismo prepararam terreno para o movimento de volta para a África entre negros sulistas nos anos 1890 e forneceram argumentos intelectuais para os garveyistas na geração seguinte.

Sua contribuição mais original, entretanto, foi vincular o pan-africanismo ao Islã da África Ocidental. Em seu clássico tratado de 1888, Christianity, Islam and the Negro Race [O cristianismo, o Islã e a raça negra], ele afirmava que o cristianismo, apesar de ter suas origens no Oriente Médio, transformara-se numa religião distintamente europeia, que era discriminatória e opressiva. Insistia em dizer que, entre as grandes religiões do mundo, apenas o Islã permitia que os africanos preservassem suas tradições com integridade.

No começo do século xx, a primeira organização religiosa significativa dos Estados Unidos a identificar-se como islâmica foi o Moorish Science Temple of America [Templo Americano da Ciência Moura]. O fundador do grupo, um afro-americano nascido na Carolina do Norte chamado Timothy Drew, estabeleceu o culto em Newark, Nova Jersey, em 1913, como Cannanite Temple. Proclamando-se Noble Drew Ali, ele dizia aos seguidores que era o segundo profeta do Islã, Mahdi, ou redentor. No Islã ortodoxo, Maomé é amplamente descrito como o "selo dos profetas", último de uma linhagem de profetas corânicos que começa com Adão. Qualquer reivindicação do status de profeta é inerentemente blasfema, mas a divergência de Ali com os cinco pilares não parava aí. O texto sagrado do seu culto era o Holy Koran, também conhecido como Circle Seven Koran, uma síntese de 64 páginas extraída de quatro fontes: o Alcorão, a Bíblia, O evangelho aquariano de Jesus, o Cristo (versão ocultista do Novo Testamento) e A vós confio (publicação da Fraternidade Rosacruz, ordem maçônica influenciada pelas escolas egípcias de mistérios).

O grande apelo de Noble Drew Ali para os americanos negros era similar aos argumentos de Blyden. Ali pregava que o Islã era o lar espiritual de todos os asiáticos, termo que englobava árabes, egípcios, chineses, japoneses, americanos negros, assim como várias outras etnias e nacionalidades. Os afro-americanos não eram, de forma alguma, negros, insistia Ali, mas "um povo de pele cor de azeitona, descendente de marroquinos". Consequentemente, os membros adotavam nomes "islâmicos", além de uma nova identidade, como negros "asiáticos" ou marroquinos. O Moorish Science Temple pregava que a religião autêntica dos negros era o Islã; sua identidade nacional não era americana, mas moura; e sua genealogia remontava a Cristo.[45] O estranho credo quase maçônico de Ali atraiu centenas de seguidores em Newark, principalmente entre os meeiros analfabetos e os operários sem terra que partiram a pé da zona rural do sul na onda inicial da Grande Migração. No fim dos anos 1920, o Moorish Science Temple afirmava ter 33 mil membros, com templos na Filadélfia, em Baltimore, Richmond, Petersburg (Virgínia), Cleveland, Youngstown (Ohio), Lansing, Chicago e Milwaukee, entre outros.

O conhecimento de Ali sobre os princípios fundamentais do Islã ortodoxo era incompleto, para dizer o mínimo. Ele exigia que os seguidores adotassem muitas leis dietéticas do Islã; comer carne de porco era proibido. O Moorish Science Temple e o Garveyismo se sobrepunham em alguns pontos, mas os dois

movimentos divergiam fundamentalmente. O Moorish Science Temple era essencialmente um culto, ao passo que a unia era um movimento popular com muitos líderes locais. No entanto, enquanto a unia se fragmentava, alguns ex-membros ingressaram no Moorish Science Temple, ou começaram a influenciá-lo. Em março de 1929, Ali foi preso sob suspeita de assassinar um líder de oposição, Sheikh Claude Greene. Libertado sob fiança, morreu misteriosamente meses depois. Seu movimento quase de imediato se dividiu em facções. Os dois maiores grupos eram liderados, respectivamente, pelo ex-motorista de Ali John Givens-El, que dizia ser a reencarnação de Ali, e por Kirkman Bey, "Grande Sheikh" e presidente da Moorish Science Temple Corporation. Nos anos 1940, os seguidores de Kirkman foram submetidos à intensa vigilância do FBI, e um número significativo de templos foi investigado por sedição.[46] O Moorish Science Temple desintegrou-se em grande parte, depois da Segunda Guerra Mundial, restando-lhe menos de 10 mil membros em todo o país; mas foi ele que preparou terreno para expressões mais ortodoxas do Islã dentro dos Estados Unidos negros.

De um ponto de vista teológico, a seita mais bem-sucedida dos Estados Unidos foi o movimento Ahmadiyya, fundado por Hazrat Mirza Ghulam Ahmad (c. 1835-1908) no Punjab. De início, ela aderia aos princípios fundamentais do Islã, mas em 1891 Ahmad declarou-se Mahdi do Islã, como um avatar de Krishna para os hindus ou um messias para os cristãos. Anos depois, afirmou, além disso, que Cristo não morreu na cruz, mas sobreviveu, e foi para a Índia, onde finalmente morreu e ascendeu, fisicamente, aos céus. Essas pretensões indignaram os muçulmanos, que declararam a seita blasfema e herética. Depois da morte de Ahmad, em 1908, a causa Ahmadiyya dividiu-se entre os Qadianis, a facção mais conservadora, ligada às classes de proprietários de terras e comerciantes, que defendia a rigorosa observância da versão do Islã pregada por Ghulam Ahmad, e o grupo mais liberal, os Lahoris, que apoiavam a reaproximação ao Islã ortodoxo.[47]

Entre 1921 e 1925, a causa Ahmadiyya fez sua primeira grande incursão nos Estados Unidos, quando o primeiro missionário Qadiani, Mufti Muhammad Sadiq, convenceu mais de mil americanos brancos e negros a se converterem. Muitos muçulmanos Ahmadiyya afro-americanos aderiram à fé em Chicago e Detroit, cidades onde a unia também tinha forte presença. Em julho de 1921, Sadiq lançou a primeira revista muçulmana nos Estados Unidos, a The Muslim

Sunrise, por meio da qual estendeu a mão aos Garveyistas, encorajando-os a ligarem o Islã à sua defesa do nacionalismo negro e do pan-africanismo. No número de janeiro de 1923, ele declarou:

> Meu querido negro americano... Os oportunistas cristãos trouxeram-no de suas terras nativas na África e, ao cristianizá-lo, fizeram-no abandonar a religião e a língua de seus antepassados — que eram o Islã e o árabe. Você vive a experiência do cristianismo há tantos anos, e ficou provado que ela não lhe serve. É um fracasso. O cristianismo não pode trazer a verdadeira fraternidade entre as nações. É hora de esquecê-lo. Venha juntar-se ao Islã, a verdadeira fé da Fraternidade Universal, que acaba de uma vez com todas as distinções de raça, cor e crença.[48]

Apesar do seu proselitismo, no entanto, Sadiq não era um líder nato. No fim dos anos 1920, o movimento definhava; mas não morreu por completo. Sob a orientação de um novo líder, Sufi Bengalee, o movimento Ahmadiyya ressurgiu. Em 1929-30, Bengalee fez mais de setenta palestras públicas nos Estados Unidos, atingindo milhares de pessoas. O intuito de muitos desses encontros era atrair grupos negros e inter-raciais. Por exemplo, em novembro de 1931, o programa "Como Derrotar o Preconceito de Cor e de Raça?", patrocinado por Ahmadi, atraiu mais de 2 mil pessoas em Chicago. Em 1940, por intermédio de sua ampla rede missionária, os Ahmadis diziam ter convertido entre 5 mil e 10 mil americanos, metade deles afro-americanos. Os principais centros missionários dos Ahmadis ficavam em Washington, d.c., Pittsburgh, Cleveland, Chicago e Kansas City (Missouri).[49] O movimento foi em grande parte responsável por apresentar o Alcorão e a literatura islâmica a um grande público afro-americano. Como muitos dos pregadores escolhidos por Sadiq eram negros, alguns garveyistas foram atraídos pelo movimento, muito embora o caráter multirracial do Ahmadiyya dificultasse a conversão para a maioria dos garveyistas negros. Na época da Grande Depressão, seu número ainda era significativamente menor do que o dos adeptos do Moorish Science Temple.[50]

Foi nesse contexto social em rápida transformação que um vendedor ambulante de pele cor de azeitona, que dizia chamar-se Wallace D. Fard, apareceu no gueto negro de Detroit. Ele regalava seus ouvintes pobres com histórias exóticas do Oriente, misturadas com as ideias militantes, hostis aos brancos, do garveyista leal e sólido.[51] Anos depois, quando ele já contava com numerosos adeptos, correu o boato de que tinha nascido em Meca, filho de pais

ricos da tribo Koreish, ligada, pelos ancestrais, ao próprio Maomé.[52] Outros achavam que Fard tinha sido líder local do Moorish Science Temple na Costa Oeste dos Estados Unidos.

Fard (pronuncia-se FA-rod) pregava no estilo emocional dos pastores pentecostais, conclamando os ouvintes a evitarem o álcool e o tabaco, e louvando as virtudes da fidelidade matrimonial e da vida em família. Os negros precisavam trabalhar muito, poupar seus parcos recursos e, se possível, ser donos da própria casa e de um negócio. Meses depois, quando já tinha atraído adeptos solidários, sua mensagem deu um giro apocalíptico, quando ele "revelou" que, na realidade, era um profeta mandado por Deus para pregar a mensagem da salvação. Os afro-americanos não eram negros de forma alguma, anunciou, "mas membros da tribo perdida de Shabazz, que traficantes raptaram na cidade sagrada de Meca 379 anos atrás... O povo original tem de recuperar sua religião, que é o Islã, sua língua, que é o árabe, e sua cultura, que é a astronomia e a matemática avançada, especialmente o cálculo".[53]

Fard usava a física elementar para desafiar a crença na Bíblia que os ouvintes jamais tinham questionado. Posteriormente, explicou um dos seus prosélitos:

> A primeira vez que fui a uma reunião ouvi dele o seguinte: "A Bíblia lhes diz que o Sol nasce e se põe. Não é bem assim. O Sol fica parado. Toda a vida vocês acreditaram que a Terra nunca se move. Levantem-se, olhem para o Sol e saibam que é a Terra, onde estão em pé, que se move". Até aquele dia, eu ia sempre à Igreja Batista. Depois que ouvi o sermão do profeta, mudei completamente.[54]

Fard não afirmava que era divino: dizia-se profeta, como Maomé, e acrescentou a seu nome o nome Muhammad [Maomé]. Em 1931, a notícia de seus polêmicos sermões atraiu milhares de negros, muitos dos quais buscavam desesperadamente uma mensagem de esperança enquanto o país afundava na depressão. Fard escreveu dois textos básicos: "The Secret Ritual of the Nation of Islam" [O ritual secreto da Nação do Islã], panfleto que geralmente era lido em voz alta e que os adeptos deveriam saber de cor, e o manual "Teaching for the Lost-Found Nation of Islam in a Mathematical Way" [Ensinamentos matemáticos para a Nação do Islã Perdida e Reencontrada]. A filiação à "Lost-Found Nation of Islam" [Nação do Islã Perdida e Reencontrada] exigia dos convertidos "o retorno à sagrada Nação original". Os membros eram obrigados a abandonar seus sobrenomes, que Fard ridicularizava, identificando-os com a escravidão. Em

troca, prometia conceder a cada novo membro "um nome Original", impresso numa carteira nacional de identidade, mostrando que o portador era um muçulmano honrado. Os membros recebiam um conjunto de perguntas e respostas, para serem decoradas:

> P: "Por que [Fard] Muhammad e qualquer muçulmano devem matar o demônio? Qual é o dever de todo muçulmano com relação aos quatro demônios? Que recompensa recebe o muçulmano por apresentar os quatro demônios ao mesmo tempo?"
> R: "Porque ele é 1% mau e não preservará e observará as leis do Islã. Seus modos e ações são como uma serpente do tipo enxertado. Como Maomé aprendeu que não podia reformar os demônios, eles tiveram de ser mortos. Todo muçulmano matará o demônio, porque sabe que ele é uma serpente e que, se continuar vivo, picará outra pessoa. De cada muçulmano exige-se que traga quatro demônios, e ao trazer e apresentar os quatro ao mesmo tempo, sua recompensa é um botão para ser usado na lapela do sobretudo, que também corresponde ao transporte gratuito para a cidade sagrada de Meca."[55]

A dimensão mais polêmica da pregação de Fard dizia respeito aos euro-americanos. Se os americanos negros eram ao mesmo tempo asiáticos e o povo original da Terra, o que seriam os brancos? O motivo que levara tanto Marcus Garvey como Noble Drew Ali ao fracasso, ensinava Fard, era o fato de nenhum deles ter compreendido perfeitamente a verdadeira natureza dos brancos: como Malcolm Little aprenderia depois, os brancos eram "demônios". Para explicar isso, Fard apresentou sua parábola, a história de Yacub, que tinha como ponto central o complô genético de um "arrogante" cientista chamado Yacub, que tinha vivido milhares de anos atrás. Membro da elevada tribo de Shabazz, Yacub, não obstante, usou suas habilidades científicas para produzir mutações genéticas, que culminaram na criação da raça branca. Apesar de banidos para as cavernas do Cáucaso, os naturalmente habilidosos e astutos homens brancos acabaram assumindo o controle de toda a terra. Depois, o povo original, de acordo com Fard, "foi dormir" mental e espiritualmente. A tarefa da Nação do Islã era tirar o "perdido e reencontrado" homem negro asiático do seu sono secular e trazê-lo de volta à vida consciente.[56]

A satanização da raça branca, a glorificação dos negros e a mistura bombástica de Islã ortodoxo, ciência mourisca e numerologia compunham uma sedutora mensagem para afro-americanos desempregados e desiludidos, que estavam à procura de uma nova causa unificadora, depois da desintegração do

garveyismo e das inadequações do Moorish Science Temple. Certa noite de agosto de 1931, Fard proferiu um sermão para uma plateia de centenas de pessoas, no antigo salão da unia na West Lake Street, em Detroit. Um jovem em particular, um migrante da Geórgia que tinha 33 anos e se chamava Elijah Poole, ficou impressionado com o sermão. Ao recordar o episódio, ele disse que se aproximou de Fard e falou com brandura: "Sei quem é o senhor — o senhor é o próprio Deus".

"Isso mesmo", respondeu Fard tranquilamente. "Mas não diga a ninguém por ora. Ainda não é hora de saberem quem sou."[57]

Nascido em Sandersville, Geórgia, em 1897, Poole foi durante anos um operário qualificado e trabalhou no estado natal como capataz numa olaria. Magro, forte, de estatura abaixo da média, aos 22 anos mudou-se para Detroit, junto com a mulher, Clara, e rapidamente se tornou membro ativo da unia. Quando Garvey foi preso e exilado em 1927, Poole passou a procurar um novo movimento dedicado ao orgulho racial negro. Em Fard, ele sentiu a presença de um líder messiânico capaz de concretizar os sonhos estilhaçados dos garveyistas.[58]

O grande número de convertidos à Nação do Islã exigiu de Fard que instituísse rudimentares unidades administrativas, criando um nível de tenentes e capitães locais, e um pequeno número de ministros assistentes. Ele começou a promover os seguidores mais dedicados. Em 1932, a seita estabeleceu uma pequena escola paroquial em Detroit, seguida por outra em Chicago dois anos depois. Para os membros do sexo masculino, estabeleceu-se o Fruto do Islã (Fruit of Islam, foi), corpo de polícia paramilitar que em pouco tempo se tornou a força de segurança da organização. Mulheres e meninas eram organizadas por meio de aulas do Treinamento de Moças Islâmicas (Muslim Girls Training, MGT), que as instruía no papel de esposas muçulmanas.[59]

Nos desesperados meses de 1932, quando o índice de desemprego entre os negros em Detroit chegou a 50%, o grupo que cercava Fard expandiu-se exponencialmente, e, com sua sorte ascendente, ascendeu também a sorte de Elijah Poole. Apesar de Poole ser um orador público fraco, sem carisma, ou mesmo sem os requisitos básicos de domínio da língua, Fard viu nele qualquer coisa, concedendo-lhe um nome original, Elijah Karriem, e um título de "alto obreiro". Logo passou a representar Fard em diversas funções, mas nenhum dos dois tinha previsto a vigilância e a intimidação da polícia de Detroit. Na noite de

20 de novembro de 1932, Robert Harris, membro da Nação do Islã, foi preso por um assassinato ritualístico; ele tinha pendurado a vítima numa cruz de madeira, deixando-a morrer crucificada. Sob interrogatório, Harris disse que o ato era necessário para que sua vítima "voluntária" pudesse tornar-se um "salvador". A história ganhou as manchetes, e a Nação do Islã foi imediatamente rotulada de "culto vodu". A polícia invadiu a sede do grupo, prendendo Fard e um dos seus tenentes locais. Harris foi, subsequentemente, enviado para um manicômio, mas a Nação do Islã continuou sob intensa vigilância policial; Fard foi preso em duas outras ocasiões. Finalmente, em 26 de maio de 1933, fugiu de Detroit para Chicago, onde seus recentes esforços missionários tinham sido particularmente bem recebidos.[60]

Fard nomeou Karriem "ministro supremo". Seguiu-se uma feroz disputa entre aqueles que se julgavam preteridos, na maioria gente mais instruída do que Karriem, e mais eloquente. Mas a discórdia serviu apenas para reforçar em Fard a convicção de que Elijah era o melhor candidato. E rebatizou mais uma vez seu tenente, dessa vez dando-lhe o nome de Elijah Muhammad.

Então, em 1934, Fard simplesmente evaporou-se.[61] A última notícia pública de qualquer tipo a mencioná-lo em Chicago é um registro policial, datado de 2 de setembro de 1933, citando sua prisão por conduta imprópria.[62]

Mesmo antes desse misterioso desaparecimento, seus seguidores haviam se dividido nitidamente na briga pela sucessão. Uma expressiva maioria em Detroit se opôs, com veemência, à ascensão de Elijah, que não teve outra opção senão levar a mulher, os filhos e um punhado de seguidores para o exílio em Chicago. Mesmo ali, sua liderança foi logo contestada pelo irmão mais novo, Kallat Muhammad, que tinha sido nomeado "capitão supremo" por Fard. Um dos ministros assistentes em Chicago, Augustus Muhammad, desertou e foi para Detroit, ajudando, mais tarde, a lançar a organização negra americana pró-Japão, Development of Our Own [Desenvolvimento por conta própria].[63] Na década seguinte, a maioria dos membros da Nação do Islã abandonou o culto, indo para seitas cristãs ou tornando-se muçulmanos Ahmadiyyas. Elijah Muhammad recusou-se a desistir e percorreu as estradas durante anos, como um evangelista itinerante, pedindo doações para seus sermões a fim de garantir a sobrevivência. Anos depois, tradicionalistas da NOIveriam paralelos entre a fuga de Meca pelo profeta Maomé em 622 a.C. e as andanças de Elijah Muhammad.[64] Embora Elijah não fosse um orador carismático, sua persistência lhe rendeu seguidores.

Ainda sob estrita vigilância do FBI, em 8 de maio de 1942 Elijah foi preso em Washington, sob a acusação de não comparecer para alistar-se e aconselhar seus adeptos a resistirem ao serviço militar.[65] Condenado, foi libertado apenas em agosto de 1946. De alguma forma, a Nação do Islã conseguiu sobreviver, em grande parte graças aos talentos administrativos de sua mulher, Clara, que se tornou especialmente ativa na direção do templo de Chicago, correspondendo-se regularmente com o marido e visitando-o na prisão.[66] Mas os árduos anos de vida clandestina e as demandas da vida na prisão o desgastaram. A asma de Muhammad e outros problemas crônicos de saúde se agravaram, seu corpo tornou-se frágil e magro, mas a experiência de isolamento forçado lhe deu tempo de sobra para reformular a inexpressiva seita à sua própria imagem. Passaria a usar seu "martírio" para convencer antigos membros a voltarem para a Nação.

Anos antes da prisão, Elijah Muhammad revelara a seus seguidores mais próximos que Fard tinha lhe dito, em caráter privado, que ele, Fard, era Deus em pessoa. A elevação de Fard da condição de profeta à de salvador também impulsionou Elijah para o papel de único "Mensageiro de Alá". Posteriormente, Elijah explicou que um anjo tinha descido dos céus com uma mensagem para a raça negra. "Esse anjo não pode ser outro senão mestre W. D. Fard Muhammad, que veio da cidade sagrada de Meca, Arábia, em 1930."[67] Dessa maneira, o recipiente de uma mensagem tornou-se, ele próprio, a mensagem para o seu povo.

Malcolm soube de tudo isso — os ensinamentos, a perseguição, o desaparecimento de Fard e o triunfo final de Elijah Karriem — em Norfolk. Lendo as cartas dos irmãos e as cartas ocasionais do próprio Elijah, com quem iniciara uma correspondência, Malcolm envolveu-se mais ainda no mundo e na visão da Nação do Islã. Logo se convenceu da divindade de Fard. "O maior e mais poderoso Deus que apareceu na terra foi mestre W. D. Fard", apregoaria Malcolm, mais tarde. "Ele veio do Oriente para o Ocidente, aparecendo numa época em que a história e a profecia que estão escritas eram postas em prática, quando os povos não brancos do mundo inteiro começaram a levantar-se, e quando a demoníaca civilização branca, condenada por Alá, por sua própria natureza diabólica se destruía a si mesma."[68]

Sob a liderança de Fard, os pregadores da Nação tinham, desde sempre, mencionado a inevitabilidade cósmica do declínio da raça branca, associando-a a uma visão apocalíptica dos últimos dias. Tanto Fard como Elijah Muhammad

usaram a "Roda de Ezequiel", uma história da Torá, para explicar a existência de um dispositivo mecânico celeste que poderia salvar os fiéis. Em seu trabalho mais lido, Message to the Blackman in America [Mensagem ao homem negro nos Estados Unidos], Elijah deu a isso ênfase ainda maior do que Fard, além de apresentar detalhes específicos sobre o iminente apocalipse:

> Há uma roda semelhante no céu, hoje, que corresponde muito bem à descrição da visão de Ezequiel... A Grande Roda, que muitos de nós vemos hoje no céu é... um avião projetado como uma roda. Nada parecido com esse avião semelhante a uma roda jamais foi visto... Este avião de hoje, conhecido como Nave Mãe, mede metade de meia milha e é o maior objeto mecânico fabricado pelo homem no céu. É um pequeno planeta humano que tem o objetivo de destruir o mundo atual dos inimigos de Alá... É capaz de permanecer de seis a doze meses no espaço, sem entrar na gravidade da terra. Transporta 1500 aviões bombardeiros, com os explosivos mais letais — do tipo usado para produzir montanhas na terra. O mesmo método será usado na destruição do mundo.[69]

Para Elijah Muhammad, o mundo estava dividido em dois: a comunidade de crentes devotos, que incluía "asiáticos" e "negros asiáticos", como os negros americanos que podiam ser convertidos; e, nos termos do Islã ortodoxo, a Dar-al-Harb [Casa da Guerra], todos os europeus ou povos brancos, os demônios. Nenhuma reconciliação ou integração era possível ou concebível. Se os milhões de americanos negros não podiam voltar, fisicamente, para a África, então uma partição dos Estados Unidos, ao longo de divisórias raciais, tinha de ser instituída. Afro-americanos de meia-idade e mais velhos, que tinham pertencido à unia, reconheceram de imediato o programa de Muhammad como semelhante ao de Garvey, mas com uma espécie de fúria apocalíptica de fundamento divino, e tal programa acendeu em Malcolm uma faísca revolucionária de uma forma que o garveyismo jamais fizera.

Uma vez que nem a emigração em massa nem a secessão de vários estados sulistas dos Estados Unidos sob autoridade negra eram prováveis num futuro próximo, Muhammad aconselhou seus seguidores a se retirarem da vida cívica ativa. As instituições políticas americanas jamais assegurariam a igualdade para o povo original. Muhammad pregava que registrar-se para votar, ou mobilizar negros para enviar petições aos tribunais, como fazia a NAACP, era perda de tempo. Nos anos imediatamente anteriores a Brown v. Board of Education [Brown contra a Secretaria de Educação], a decisão de maio de 1954 que baniu a

segregação racial nas escolas públicas do país, os argumentos de Muhammad poderiam ser, razoavelmente, defendidos, mas seu "público" entre os negros continuava pequeno. Até 1947, ele só consolidara o controle sobre os seguidores de Fard em quatro cidades — Washington, Detroit, Milwaukee e sua sede em Chicago.[70] O número combinado de membros da Nação era de quatrocentos, quantidade insignificante se comparada com os milhares de afro-americanos filiados ao crescente movimento Ahmadiyya, ou mesmo com os remanescentes em declínio do Moorish Science Temple.

Apesar disso, havia também um grupo em expansão de presos negros que se convertiam à Nação do Islã ainda no presídio, onde a depressão do confinamento tornava os detentos particularmente vulneráveis. A experiência de prisão do próprio Muhammad lhe ensinara a canalizar seus esforços de recrutamento em criminosos condenados, alcoólatras, viciados em drogas e sexo. Malcolm era um desses, e, enquanto, sentado no isolamento da prisão, escrevia cartas para Elijah quase todos os dias, a intensidade do seu compromisso cresceu até chegar à aceitação total.

A vida na prisão despedaça a alma e a vontade de qualquer um que a experimente. "Destrói absolutamente o pensamento", observou Antonio Gramsci, em seus cadernos de prisão. "Ela opera como um mestre artesão que recebe um belo tronco de oliveira madura para esculpir uma estátua de são Pedro; ele tira um pedaço aqui, outro pedaço ali, dá forma aproximada à madeira, modifica-a, corrige-a — e acaba fazendo um cabo para a sovela do sapateiro." Confinado nas prisões de Mussolini mais de uma década, Gramsci lutou ferozmente para preservar seus objetivos, e com o tempo se deu conta de que só por meio de um dedicado programa de engajamento intelectual poderia suportar o sofrimento físico. Escreveu: "Desejo, seguindo um plano fixo, dedicar-me intensa e sistematicamente a algum assunto que me absorva e dê foco à minha vida interior".[71] Diante de dilema semelhante, Malcolm dedicou-se a um rigoroso programa de estudos. Ao fazer isso, reconstruiu-se conscientemente nos moldes do agora famoso "intelectual orgânico" de Gramsci, criando os hábitos que, anos depois, se tornariam lendários. Seus poderes de dedicação e autodisciplina eram extraordinários, e diretamente opostos ao comportamento instável dos primeiros anos. O trapaceiro desapareceu, o lado palhaço de

desobediência, deixando em seu lugar o voluntarioso provocador da autoridade.

Em Norfolk, os presos no clube de debates travavam disputas semanais sobre assuntos variados. Malcolm e Shorty, que também tinha sido transferido para Norfolk, encontraram um fórum para as novas crenças e os novos argumentos de Malcolm. "Ali mesmo na prisão, debater, falar para uma multidão, foi tão estimulante como a descoberta do conhecimento por intermédio da leitura", escreveu Malcolm. "Ali de pé, aqueles rostos voltados para mim, palavras saindo da minha cabeça para a boca, enquanto o cérebro procurava o que havia de melhor para dizer em seguida, e se pudesse trazê-los para o meu lado fazendo tudo corretamente, então eu ganhava o debate — quando senti o gostinho daquilo, continuei debatendo."[72] Logo o assunto formal deixou de ter importância. Malcolm tornara-se debatedor experiente, pesquisando exaustivamente seus assuntos na biblioteca da prisão e planejando a apresentação dos argumentos. O tema comum de seus discursos públicos, entretanto, era a denúncia da ideia de supremacia branca.

Malcolm começou a aperfeiçoar o que se tornaria seu estilo oratório inconfundível. Tinha excelente voz de tenor, que o ajudava a atrair ouvintes.[73] Porém, mais raro ainda era o modo de usar a voz para transmitir seus pensamentos. Tendo atingido a maturidade na época das grandes orquestras, ele rapidamente captou a cadência e os sons de percussão do jazz, e inevitavelmente seu estilo de orador em desenvolvimento incorporou tal cadência.[74]

Uma vez que ele começou a reeducar-se, não havia limite para a busca de fatos e inspiração. Na biblioteca de Norfolk, Malcolm devorou os escritos de estudiosos influentes, como W. E. B. Du Bois, Carter G. Woodson e J. A. Rogers. Estudou a história do comércio transatlântico de escravos, o impacto da "peculiar instituição" da escravidão de propriedade privada nos Estados Unidos e as revoltas afro-americanas. Informou-se, com satisfação, sobre o levante de Nat Turner na Virgínia em 1831, que lhe ofereceu um exemplo claro de resistência negra: "Turner não andava por aí pregando quimeras e liberdade 'não violenta' para o homem negro". Malcolm também não restringiu seus estudos à história dos negros. Percorreu Heródoto, Kant, Nietzsche e outros historiadores e filósofos da civilização ocidental. Impressionou-se com o relato do Mahatma Gandhi sobre a luta para expulsar os ingleses da Índia; ficou horrorizado com a história das guerras do ópio na China e com a supressão europeia e americana da rebelião Boxer. "Eu seria capaz de passar o resto da vida lendo", refletiu ele.

"Acho que ninguém jamais ganhou tanto indo para a prisão como eu."[75] Malcolm iniciara seus estudos com a ideia de tornar-se, como Bembry, um respeitado sábio atrás dos muros da prisão. Mas, perto do fim de 1948, a amplitude da sua compreensão fizera dele um crítico penetrante dos valores e instituições brancos do Ocidente. Havia algo de passivo em ensinar, e Malcolm nada tinha de passivo.

Sua rotina em Norfolk lhe proporcionava tempo livre para corresponder-se amplamente com parentes e amigos, e ele se tornou um missivista dedicado. Num bilhete sem data para Philbert, provavelmente escrito em meados de 1948, mostrava-se preocupado com fofocas de família. "Phil, amo meus irmãos e irmãs. A rigor, são as únicas pessoas que tenho e amo no mundo. No entanto", ressaltou, "nunca diga 'estamos contentes de tê-lo como irmão'." Essa linguagem lhe cheirava mais a tolerância do que a amor. "Em circunstância alguma, jamais me faça sermões",[76] advertiu. Malcolm continuou também a corresponder-se com Elijah Muhammad, e no fim de novembro o tom de suas cartas para Philbert mudara. Agora começava suas cartas com a declaração: "Em nome de Alá, o beneficente, o misericordioso, o grande deus do Universo... e em nome de seu santo servo e apóstolo, o nobre Elijah Muhammad...". Agradecia aos parentes por o terem conduzido à graça da orientação de Elijah Muhammad. Agora adepto devoto da NOI, dizia acreditar que "as coisas estão fervendo por aqui... Não sei direito o que acontece, mas sei que é algo dirigido pela mão de Alá, e que livrará o planeta desses demônios desgraçados".[77] O novo comprometimento de Malcolm sem dúvida lhe dava outro motivo para descobrir um jeito de sair da prisão.

Suas cartas eram repletas de versos. Explicava: "Sou mesmo obcecado com poesia. Quando pensamos em nossa vida passada, só a poesia se ajusta ao grande vazio criado pelos homens".[78] Mais tarde, ainda naquele mês, ele escreveu: "Vou completar três anos [de prisão] no dia 27 deste mês. Quero sair este ano, se puder". Mas reconhecia que a liberdade condicional era altamente improvável. "É por minha culpa que estou aqui", admitiu. "Toda essa provação, porém, me beneficiou imensamente, porque acordei para aquilo que me cerca. Certamente fui despertado da maneira mais rude, humm?"[79]

Em outra carta para Philbert, seus pensamentos se voltavam para a política racial. "Sim, estou ciente de que muitos irmãos foram postos em instituições federais por não tomarem parte ativa na guerra. Você deve lembrar muito bem

que eu também teria preferido ir para a cadeia." Apesar de não ter ouvido os ensinamentos de Elijah durante a Segunda Guerra Mundial, Malcolm afirmou que "na época eu tinha consciência do demônio e sabia que era tolice arriscar o pescoço lutando por algo que não existia". Manifesta, também, uma nova estima pela mãe.[80]

Reginald visitou-o no fim de 1949, mas nem tudo ia bem. Malcolm ficou espantado quando o irmão começou a falar mal de Elijah Muhammad. Ele soube, depois, que Reginald fora expulso da Nação do Islã por ter mantido relações sexuais com a secretária do templo de Nova York. Reginald era o irmão de quem se sentia mais próximo, e seu descontentamento provocou uma crise de fé em Malcolm, que só seria revelada, parcialmente, na Autobiografia. Como era possível que uma religião que se dedicava a redimir todos os negros expulsasse Reginald? Frustrado e confuso, escreveu, de imediato, uma carta para Elijah em defesa do irmão. Na noite seguinte, na solidão da cela, julgou ter sido acordado pela visão de alguém que lhe era muito próximo:

> Trajava terno escuro. Eu o vi claramente, como vejo alguém que esteja diante de mim. Não era negro e não era branco. Tinha pele clara, semblante de feições asiáticas e cabelos negros oleosos. Mirei-o no rosto. Não tive medo. Sabia que não estava sonhando. Não consegui me mexer, não falei nada, nem ele... Limitou-se a ficar ali sentado. De repente, assim como entrou, saiu.[81]

Com o tempo, passou a acreditar que tinha visto "mestre W. D. Fard, o Messias".[82] Dias depois, Elijah Muhammad enviou-lhe uma resposta severa, repreendendo o novo discípulo por suas preces. "Se você já acreditou na verdade, e agora começa a ter dúvidas, é porque nunca acreditou na verdade",[83] acusava Elijah.

Essa carta recriminadora, combinada com a visão crepuscular de "mestre Fard", convenceu Malcolm de que a censura a Reginald era não apenas justificada, mas absolutamente necessária. Seus atos não poderiam ser tolerados dentro da pequena comunidade da NOI. Meses depois, quando Reginald lhe fez outra visita, Malcolm percebeu sua deterioração física e mental, e concluiu que era prova do "castigo de Alá". Anos depois, o completo colapso mental levou Reginald a ser internado num manicômio. Para Malcolm, que lutava para compreender o destino do irmão, só havia uma explicação: Reginald fora usado por Alá "como isca, como chamariz para alcançar o oceano de escuridão onde eu

me achava e salvar-me".[84]

No começo dos anos 1950, Malcolm tinha convertido vários outros detentos negros, incluindo Shorty. O pequeno grupo começou a exigir concessões dos administradores, alegando que exerciam o direito de liberdade religiosa. Pediram que o menu de Norfolk fosse mudado, para incorporar as restrições dietéticas dos muçulmanos, e recusaram-se a submeter-se às vacinações médicas de praxe. Funcionários de Norfolk viram nesses pedidos uma perturbação da ordem, e em março de 1950 Malcolm e Shorty foram informados de que seriam transferidos de volta para Charlestown, junto com outros muçulmanos negros. Os funcionários de Norfolk também registraram que as cartas de Malcolm forneciam provas irrefutáveis da "sua antipatia pela raça branca".[85]

Malcolm tentou explicar a transferência para si mesmo da melhor forma que pôde. "Norfolk estava me irritando de muitas maneiras, e eu não tinha toda a solidão que queria ter", queixou-se ele a Philbert. "Aqui permanecemos em nossas celas dezessete das 24 horas do dia..." Também relatou uma breve visita da irmã: "Ella queria tentar tirar-me da prisão. Que devo fazer? Antes, quando me perguntava se eu queria sair, eu respondia 'não faço questão'. Mas sábado eu lhe disse para fazer o que pudesse".[86]

Malcolm começou a agitar para obter concessões ainda maiores, impelido pelos requisitos da sua fé. Ele e outros muçulmanos não apenas insistiram em mudanças na alimentação, mas também nas regras que governavam as vacinações contra a febre tifoide; pediram transferência para celas voltadas para o leste, a fim de poderem fazer suas orações mais facilmente na direção de Meca. Quando o diretor da prisão negou os pedidos, Malcolm ameaçou levar suas reclamações ao consulado egípcio nos Estados Unidos, e com isso o diretor recuou. A mídia local foi informada da controvérsia, e vários artigos apareceram, os primeiros a apresentarem Malcolm a uma plateia pública. Em 20 de abril de 1950, o Boston Herald noticiou o incidente sob o título "Quatro detentos se tornam muçulmanos e conseguem celas voltadas para Meca". Mais pitoresco e descritivo foi o artigo do Springfield Union: "Criminosos locais, na prisão, juram professar agora a fé muçulmana: deixam crescer a barba, recusam-se a comer carne de porco e exigem celas voltadas para o leste, para facilitar as 'preces a Alá'".[87]

No meio da controvérsia, Malcolm enviou uma carta sóbria e minuciosa para o comissário do Departamento Penal de Massachusetts. Sua intenção era

apresentar exemplos de discriminação contra muçulmanos, fazendo um apelo em defesa de maior liberdade religiosa. Destacou o caso de um muçulmano que fora posto em confinamento solitário em Norfolk durante quatro meses. "Ele abraçou o Islã com todo o coração", escreveu Malcolm. "E, com isso, incorreu na ira [das autoridades da prisão]. O irmão, por querer ser negro (em vez de 'preto' ou 'mulato'), por seu desejo de ser um bom muçulmano... está sendo maldosamente perseguido."

Numa segunda carta para o comissário, e em sua correspondência subsequente, ele mudou de argumento, acusando as autoridades de Charlestown de restringirem severamente os livros de autores negros disponíveis na biblioteca da prisão. O tom era intelectual, mas cada vez mais intenso e contencioso. "A rigor é contra a 'lei' um homem negro ler a seu próprio respeito? (não me faça rir!)", queixou-se. Lamentava o cerceamento sofrido pelos muçulmanos que, segundo ele, nada fizeram de errado, e comparava o caso de um muçulmano negro impedido de ingressar numa oficina de alfabetização do presídio com o "dos homossexuais pervertidos", que "mudam de serviço sempre que querem mudar, ou conseguem novos 'maridos'". Em linguagem mais explícita do que antes, advertiu o comissário de que os muçulmanos prefeririam manter-se afastados dos outros presos, mas, se lhes negassem tratamento justo, seriam forçados a perturbar a ordem. "Se for desejo de Alá que a paz acabe", previu Malcolm, "a paz acabará."[88] Era um passo além da autoinvenção: Malcolm, na verdade, desenvolvia seus poderes de protesto. Ensinava-se a si mesmo a ser um grande orador.

Em junho de 1950, os Estados Unidos iniciaram ações militares na Coreia, sob os auspícios das Nações Unidas, para suprimir a insurgência comunista. Em 20 de junho, Malcolm escreveu uma carta para o presidente Truman, declarando insolentemente sua oposição ao conflito: "Sempre fui comunista", escreveu. "Tentei alistar-me no Exército japonês, na última guerra, agora nunca mais me convocarão ou me aceitarão no Exército dos Estados Unidos. Todos sempre disseram que malcolm é louco, portanto não é difícil convencer as pessoas de que sou louco."[89]

Foi essa carta que atraiu as atenções do FBI, que abriu um arquivo sobre Malcolm que jamais foi fechado. Também assinalou o início de uma vigilância policial que continuaria até sua morte.

Malcolm sustentou sua campanha de cartas ao longo de 1950 e começo de

1951, dirigindo-se até a pessoas que o conheceram como delinquente juvenil. Uma dessas cartas, datada de 14 de novembro de 1950, foi endereçada ao reverendo Samuel L. Laviscount, de Roxbury. Ao que tudo indica, Malcolm assistira vez por outra a reuniões na Igreja Congregacional de São Marcos, de Laviscount, em 1941. "Caro irmão Samuel", começava a carta. "Quando eu era criança agia como criança, mas desde que me tornei adulto esforço-me para deixar de lado as coisas de menino... Quando eu era um jovem indomável, o senhor sempre me deu conselhos oportunos; agora que amadureci, quero retribuir-lhe o favor." Narrou seu envolvimento com o crime, sua detenção e o subsequente encarceramento. Mas essa "temporada na prisão revelou-se uma bênção disfarçada, pois me trouxe a solidão e concedeu muitas noites de meditação". As experiências de prisão tinham validado as denúncias de Elijah Muhammad. Malcolm proclamava ter "revisto minha atitude para com os irmãos negros", e "em minha culpa e vergonha, comecei a aproveitar todas as oportunidades que surgiam para recrutar adeptos para Muhammad". A tarefa de emancipar os negros dos efeitos da opressão racial, explicava ele, exigia a rejeição fundamental dos valores brancos: "A arma mais poderosa do demônio é sua capacidade de tornar nosso pensamento em algo convencional... continuamos a ser deliberadamente servos humildes das ideias alheias, exceto das nossas... fizemos de nós mesmos os escravos desvalidos do desgraçado mundo acidental".[90]

Meses depois de voltar para Charlestown, porém, as terríveis condições do lugar começaram a pesar. Numa carta a Philbert em dezembro de 1950, Malcolm reclamou: "Tenho úlceras ou coisa parecida, mas já estou cansado de ir ao hospital desde que cheguei. Meu velho, acho que estou um caco. Nada destrói mais um homem fisicamente do que uma dieta constante da prisão". Explicou que estava "lendo a Bíblia aplicadamente", mas tinha dúvida se sua interpretação das escrituras era "sólida, ou mesmo se estou no caminho certo", e não via a hora de poder escutar os últimos ensinamentos de Elijah Muhammad. Pela primeira vez, assinou, "Malcolm X (surpreso?)".[91] Revelou também que um "homem muito rico, para quem trabalhei, me fez uma visita hoje, e vai tentar obter uma recomendação na Comissão de Liberdade Condicional (Oxalá) a vontade de Alá será feita". O "homem muito rico" era, seguramente, Paul Lennon. O que havia de mais surpreendente no fato de Malcolm manter contato com Lennon era que seu rico benfeitor era branco; em vista do declarado ódio de

Malcolm a todos os "demônios brancos" (e de seus comentários sobre detentos homossexuais), a continuação dos contatos com Lennon talvez indicasse que sua determinação de sair do presídio era mais forte do que a história de Yacub. Também é possível que a intimidade física tenha criado um vínculo entre os dois homens. Malcolm tropeçou um pouco ao explicar-se: "A propósito, ele não é um original" — ou seja, não era negro. "Apesar disso, pode me dar casa e emprego..."[92]

A palavra escolhida por Malcolm — "casa" — implica mais do que uma relação de negócios. O fato de Lennon ter ido visitar Malcolm atrás das grades sugere certo grau de amizade. Mas o compromisso de Malcolm com a Nação acabou tornando impossível manter qualquer tipo de contato com Lennon. Não se conhece nenhuma correspondência entre ele e Lennon depois que Malcolm terminou de cumprir sua sentença de prisão, em 1952. Malcolm deixou firmemente para trás os episódios com Lennon, juntamente com outros acontecimentos da vida de Detroit Red no mundo das drogas e da criminalidade. Malcolm Little, pequeno criminoso e trapaceiro, transformara-se em Malcolm X, intelectual político e muçulmano negro da maior seriedade. A metamorfose não deixava espaço para um amigo gay, branco e rico.

A ficha de Malcolm no FBI cita uma carta reveladora, escrita em janeiro de 1951, para alguém cujo nome foi censurado em seus registros, mas que, pelo tom da correspondência pode muito bem ter sido Elijah Muhammad. "Você me disse uma vez que eu tinha complexo de perseguição", diz a carta. "Naturalmente, não concordei... Minha ignorância me cegava." A carta narra a visita a Charlestown de vários membros da família, que puxaram o assunto dos erros que ele tinha cometido:

> Com grande remorso, penso no ódio e na vingança que preguei no passado. Mas de agora em diante, em minhas palavras tudo será amor e justiça... Agora que o caminho ficou claro para mim meu único desejo é substituir as sementes do ódio e da vingança que semeei no coração de outros pelas sementes do amor e da justiça... e ser justo em tudo que penso, falo e faço.[93]

Malcolm pede ainda "desculpas pelos problemas e pela distorção da verdade", provavelmente porque Elijah reprovou a publicidade em torno da campanha pelos direitos dos presos muçulmanos. Durante meses, Malcolm tinha tentado "causar constrangimento" para as autoridades penais enviando uma torrente de

cartas a funcionários locais e estaduais. Em vista das provações que Muhammad sofrera na prisão, o líder da NOIachava que qualquer publicidade negativa poderia ameaçar a sobrevivência da seita. Também temia que presos convertidos à Nação do Islã em outras instituições fossem perseguidos pelos guardas.[94]

O próprio Malcolm tinha sido vítima de perseguições em Charlestown. Quando souberam de sua recusa a comer carne de porco, os cozinheiros do presídio lhe serviam comida em utensílios utilizados no preparo da carne, e faziam questão de que Malcolm e seus colegas muçulmanos soubessem. Em resposta, nos últimos dois anos de prisão, Malcolm subsistiu com base numa dieta composta basicamente de pão e queijo.[95] Essas privações, combinadas com a falta de assistência médica adequada, causaram problemas de saúde que o afligiriam pelo resto da vida. Depois de voltar para Charlestown, ele foi diagnosticado com astigmatismo, e recebeu seu primeiro par de óculos. Passou a achar que o defeito de visão tinha sido causado em Norfolk, porque "lia demais, com as luzes apagadas em meu quarto".[96]

No fim de 1950, Malcolm enviou uma petição ao comissário penal solicitando absolvição ao governador de Massachusetts, Paul A. Dever. Em 13 de dezembro o promotor público do Distrito Setentrional do Estado de Massachusetts recomendou que a petição fosse indeferida.[97] Como era de esperar, Dever concordou.

Naquele mesmo mês, as autoridades de Charlestown recusaram-se a permitir que os presos muçulmanos deixassem suas camas quando as luzes se apagassem durante o toque de recolher, a fim de ficarem de frente para o leste em prece solene. Na carta de protesto que escreveu, Malcolm condenou a proibição, que acusou de violação dos direitos religiosos, e advertiu que isso talvez o obrigasse a dirigir um pedido de reparação ao "Corpo Sagrado do Islã" — ou seja, a países islâmicos do mundo inteiro.[98] Havia diferenças entre os rituais da Nação do Islã e o Islã ortodoxo, mas Malcolm se via numa comunidade global.

Seu próximo pedido de liberdade condicional foi examinado em 4 de junho de 1952. Depois de uma análise dos seus registros prisionais, Malcolm obteve liberdade, com a condição de ir morar com Wilfred em Detroit.[99] Em 4 de agosto, o supervisor de liberdade condicional de Massachusetts, Philip J. Flynn, informou à Comissão de Liberdade Condicional que Malcolm conseguira emprego em tempo integral numa loja de departamento da rede Cut Rate, em Detroit. A data de soltura foi marcada para 7 de agosto.[100] A disposição de

Wilfred de custear Malcolm em casa e de lhe conseguir emprego foi resultado de uma decisão coletiva de membros da família Little, incluindo Ella. Em vista do passado caótico do irmão em Roxbury e no Harlem, a família achou melhor que ele ficasse em Detroit. Naquela época, Wilfred trabalhava na Cut Rate e convenceu o chefe a contratar o irmão mais novo como vendedor.[101]

Mas, semanas antes da data da soltura de Malcolm, várias rebeliões estouraram nos presídios do estado. Em 1º de julho de 1952, 41 dos cerca de 680 detentos de Concord se amotinaram — o que pode ter inspirado detentos de Charlestown a prepararem sua própria revolta. Em 22 de julho, cerca de quarenta presos organizaram um motim ainda mais destruidor. Dois guardas foram tomados como reféns. Quando a polícia estadual finalmente retomou o edifício, todos os participantes foram postos em confinamento solitário; alguns foram processados. Os dois funcionários tomados como reféns foram aposentados, e a segurança foi reforçada com catorze guardas. Um conselho de detentos foi criado, com membros eleitos pelos presos, que se reuniam regularmente com a direção para resolver reclamações.[102] Malcolm não se envolvera, e o motim não prejudicou sua soltura. Na verdade, ele não sentia solidariedade para com detentos brancos amotinados.

Malcolm foi finalmente solto em 7 de agosto daquele ano. Mais tarde, ele descreveria a ocasião como mais uma humilhação sofrida: "Passaram-me um sermão, deram-me um terno barato e um pouco de dinheiro, e saí pelo portão sem olhar para trás...". Hilda o aguardava do lado de fora. Depois de se abraçarem, seguiram para Boston, onde passaram a noite na casa de Ella. Aquela noite, Malcolm foi a um banho turco, para tirar "de mim um pouco da sensação física que as marcas da prisão haviam deixado". Para começar vida nova, comprou um par de óculos, uma mala e um relógio de pulso. Refletindo sobre essas aquisições, escreveu: "Eu me preparava para aquilo que em minha vida estava prestes a se transformar".[103] Veria melhor, viajaria, aproveitaria o tempo.

4. “Eles não são como o ministro”

Agosto de 1952-maio de 1957

Wilfred, irmão mais velho de Malcolm, e sua mulher, Ruth, viviam no tranquilo e suburbano bairro negro de Inkster, nos arredores de Detroit, no número 4336 da rua Williams. Esse endereço seria a base de Malcolm durante os sete meses que se seguiram à sua saída da prisão. Em sua autobiografia, Malcolm narra a rotina matinal supervisionada por Wilfred. “‘Em nome de Alá, eu faço a ablução’, dizia ele, antes de lavar primeiro a mão direita, depois a esquerda.” Após tomar banho, completando “a purificação de todo o corpo”, a família estava pronta para as preces da manhã.[1] Parte desse ritual assemelhava-se às práticas do Islã ortodoxo; no entanto, como muitos métodos da NOI, esse ritual também tinha elementos especiais. Primeiro, os membros da Nação do Islã, como os adeptos do Moorish Science Temple, viravam-se para o leste e levantavam as mãos durante as preces, mas não se prostravam. Também não recitavam o shahada, nem praticavam nenhum outro dos cinco pilares. A certa altura, quando se sentiu menosprezado pelos muçulmanos árabes, Elijah Muhammad ordenou brevemente aos membros da NOIque se voltassem na direção de Chicago, e não de Meca, para fazerem suas preces.[2]

Logo depois de mudar-se de volta para Michigan, Malcolm começou a trabalhar na Cut Rate, para atender às condições do regime de liberdade condicional. Estava grato por ter um emprego, mas não tardou a descrever suas experiências com certa amargura:

> Anúncios de “Sem entrada” atraíam para aquela loja os negros pobres como [moscas] para papel mata-

> moscas. Era vergonhoso, eles pagavam de três a quatro vezes o preço dos móveis, porque conseguiam crédito com aqueles judeus. Era o mesmo tipo de lixo barato e cafona à venda hoje em qualquer loja de móveis para negros... Eu via mãos desajeitadas, endurecidas no trabalho, calejadas, rabiscando e arranhando assinaturas no contrato, concordando com juros escorchantes nas letras miúdas que jamais eram lidas.[3]

Foi sua primeira experiência de trabalho no mundo exterior depois da conversão, e o episódio teve profundo impacto em Malcolm. Foi a primeira vez que fez fortes generalizações de caráter negativo sobre os judeus, categorizando-os como grupo.

Estabelecido em 1932, o Templo nº 1 de Detroit era o mais antigo da Nação do Islã, mas depois de vinte anos o número de membros formais mal chegava a cem. Seu ministro, Lemuel (Anderson) Hassan, como todo o clero da NOI, fora selecionado pessoalmente por Elijahn Muhammad, a quem prestava contas toda semana. Apesar do tamanho modesto, o templo tinha uma vida religiosa e social ativa. "Os homens vestiam-se com serenidade e bom gosto", lembrava-se Malcolm. Os assentos eram distribuídos por sexo, os homens à direita, as mulheres à esquerda. Diferentemente de uma masjid (mesquita) muçulmana ortodoxa, que não tinha móveis, os membros se sentavam em cadeiras, em posição ereta, durante todo o serviço, que consistia, em grande parte, de palestras sobre os ensinamentos de Elijah. Malcolm não levou muito tempo para indagar por que, depois de duas décadas de existência, o número de membros do Templo nº 1 era tão minúsculo, e ficou surpreso ao saber que Hassan e outros membros importantes não se esforçavam para conquistar prosélitos. Malcolm manifestou sua frustração para a família, mas Wilfred recomendou paciência.[4]

Naquele mês de agosto, Malcolm perguntou ao agente da condicional se podia ir a Chicago visitar Elijah Muhammad, explicando que estaria acompanhado de três irmãos seus.[5] Obtida a autorização, Malcolm entrou na carreata do Templo nº 1, composta de dez carros, para fazer a viagem. Ao chegar ao disperso South Side, em Chicago, Malcolm esperou com impaciência que o programa formal começasse no templo. Finalmente o Mensageiro de Alá entrou, cercado de guardas do Fruto do Islã vestidos de terno escuro, camisa branca e gravata borboleta. Com voz suave, Muhammad — que usava um fez bordado a ouro — lembrou à plateia os sacrifícios pessoais que ele vinha fazendo há mais de duas décadas. Os afro-americanos eram, verdadeiramente, o povo

original, disse ele, injustamente raptados para a América do Norte. Só os ensinamentos da Nação do Islã poderiam devolver os negros ao seu devido lugar. Malcolm "sentou-se fascinado" — e então, para sua incredulidade, Elijah chamou seu nome. Perplexo, ele se levantou perante centenas de fiéis, enquanto Muhammad explicava que Malcolm se revelara tão devoto na prisão que ele lhe escrevia diariamente; exemplo tão raro o fez lembrar Jacó.[6]

Depois do culto, Malcolm e seu grupo foram convidados para jantar. A família de Muhammad tinha se mudado recentemente para uma mansão de dezoito cômodos no número 4847 da avenida Woodlawn Sul, na seção nobre do Hyde Park, localizada no South Side de Chicago, comprada com fundos dos dízimos pagos pelo crescente número de membros da Nação do Islã. Durante o jantar, Malcolm reuniu coragem para perguntar como a Nação do Islã de Detroit poderia conseguir novos membros. Muhammad aconselhou-o a concentrar-se nos jovens — "Os mais velhos virão atrás, por vergonha", explicou. O recado foi compreendido.[7]

No Islã ortodoxo, o trabalho evangélico é conhecido como da'wa. Nos países ocidentais, ele tem dois objetivos: promover práticas e valores muçulmanos entre os infiéis, e reforçar o que o estudioso Ismail al-Faruqi chamou de "islamicidade".[8] Na Nação do Islã, o da'wa era conhecido como "pesca de convertidos". Quase imediatamente depois de voltar para casa, Malcolm mergulhou nos bares, salões de bilhar, casas noturnas e becos de Detroit, "pescando" agressivamente. Noite após noite, tentava despertar o interesse de seus "irmãos negros pobres, ignorantes, que tinham sido submetidos à lavagem cerebral" pela mensagem de Muhammad. De início, só alguns gatos pingados tiveram a curiosidade de aparecer nas reuniões do templo, mas a persistência logo começou a dar resultado. Em poucos meses, o número de membros do templo quase triplicou.

Nessa época, o mais notável convertido por Malcolm foi um jovem chamado Joseph Gravitt, que durante algum tempo seria um dos seus amigos mais íntimos, e importante figura na Nação do Islã nos dez anos seguintes. Nascido em Detroit em 1927, Gravitt serviu no exército em 1946-7, ganhando, segundo seu próprio relato, a "Medalha da vitória da Segunda Guerra Mundial"; sua ficha oficial no exército contém avaliações que vão de "desconhecido" a "excelente". Ao voltar à vida civil, teve dificuldade para encontrar emprego, viciando-se em drogas e álcool e desenvolvendo uma reputação de violência contra mulheres.

Em novembro de 1949, a polícia o acusou de "conduta indecente e obscena em local público".

Quando Malcolm o conheceu, Gravitt dormia nos becos de Detroit, mas Malcolm percebeu seu potencial, e supervisionou pessoalmente sua reabilitação. Habituado à disciplina militar, Gravitt reagiu bem à severa autoridade de Malcolm. Em poucos dias, a Nação do Islã ocupava-lhe a vida: durante o dia, trabalhava como cozinheiro e garçom no restaurante do templo; à noite, instruía membros do Fruto do Islã em artes marciais, e depois ia dormir no restaurante. Dentro de alguns meses, tornou-se dedicado — até mesmo fanático — líder do Fruto do Islã, metamorfose que aumentou a reputação de Malcolm.[9]

Enquanto dedicava cada vez mais tempo à Nação do Islã, Malcolm lutava para encontrar um emprego que pudesse tolerar. Em janeiro de 1953, foi aceito na nova fábrica de montagem da Ford em Wayne, como "montador final" na linha de produção. Embora tenha ficado no emprego apenas uma semana, foi tempo suficiente para se filiar ao sindicato chamado United Auto Workers Local 900 [União dos Operários da Indústria Automobilística].[10] Pouco depois, foi contratado pela Gar Wood Industries, empresa famosa por suas inovações em equipamento para caminhões, guindastes e maquinaria de estrada.[11] Nos anos 1950, a Gar Wood era uma das principais empregadoras de Detroit, mas muitos trabalhos acessíveis aos negros eram sujos e perigosos. Tecnicamente, Malcolm exercia a função de amolador, definida como "operário que pulveriza material ou lixa objetos de superfície".[12] Pagava um pouco melhor do que o emprego anterior, mas era um trabalho miserável, monótono, e Malcolm sentia-se encurralado.

Wilfred, em quem confiava, pode ter falado sobre a insatisfação de Malcolm ao ministro Hassan; ou, talvez, com seu olho para descobrir talentos, Elijah tenha sugerido uma nova missão para o jovem discípulo. No começo de 1953, consultado sobre a possibilidade de tornar-se ministro da NOI, Malcolm deve ter sentido profundo alívio, além de justificado orgulho, muito embora reconhecesse que o comitê interno em torno de Elijah exigia humildade. Respondeu, como era de esperar, que "estava muito feliz e pronto para servir Muhammad na mais humilde posição",[13] concordando, relutantemente, em pronunciar uma breve palestra no Templo nº 1 sobre "o que os ensinamentos de Muhammad significaram para mim". Saiu-se bem e, para complementar, fez outra palestra dedicada a "meu assunto predileto... o cristianismo e os horrores da escravidão".

Mais tarde, recordaria nostalgicamente esses primeiros esforços, no começo de sua vida de ministro.[14]

A Comissão de Liberdade Condicional de Massachusetts concedeu dispensa a Malcolm em 4 de maio de 1953; a dispensa de Michigan veio logo depois.[15] Malcolm X — como era conhecido na Nação do Islã — estava livre para viajar pelos Estados Unidos. Um dia, ainda naquele mês, durante seu plantão no trabalho, ele foi tirado da linha de produção pelo supervisor. Um agente do FBI queria falar com ele e ordenou que o acompanhasse até o escritório do supervisor. O homem lhe perguntou por que não se alistara para a Guerra da Coreia. Malcolm estava ciente de que Elijah Muhammad encorajara seus membros a não atenderem à convocação durante a Segunda Guerra Mundial, mas, em vez de citar o exemplo de Muhammad, disse ao agente que acabava de sair da prisão e achava que ex-presos não tinham permissão para se alistar. Liberado, registrou-se dias depois no escritório local do Serviço Seletivo, alegando a condição de objetor de consciência.[16] De acordo com os arquivos do FBI, Malcolm escreveu que o país de sua cidadania era a Ásia. Também afirmou que por sua "atitude mental e sua visão de mundo em geral, no que diz respeito a guerra e religião", merecia "exclusão do serviço militar". Em 25 de maio, fez exame físico e foi reprovado: "O indivíduo tem personalidade antissocial com tendências paranoicas".[17]

Naquele verão, Malcolm tornou-se ministro assistente do Templo nº 1 de Detroit.[18] Já fazia regularmente o percurso entre Detroit e Chicago, onde se preparava para o ministério,[19] e seu treinamento era realizado parcialmente sob supervisão direta de Elijah Muhammad. "Fui tratado como um dos filhos de Muhammad e sua boa mulher, irmã Clara", recordava-se Malcolm, com carinho. "Na combinação de mercearia e drogaria de propriedade muçulmana que ficava na esquina da Wentworth com a rua 31, Mr. Muhammad varria o chão, ou coisa do gênero... para servir de exemplo a seus adeptos." Malcolm valorizava muito a oportunidade de fazer perguntas ao homem que para ele era a perfeição encarnada. "O que éramos um para o outro", lembrava ele, "fazia-me pensar em Sócrates nas escadas do mercado de Atenas, difundindo sua sabedoria entre os alunos."[20]

Em junho, Malcolm saiu do emprego em Gar Wood e começou a trabalhar em tempo integral para a Nação do Islã. Tecnicamente, os membros do ministério da NOInão eram empregados; o dinheiro que recebiam das ofertas

feitas ao templo era considerado contribuição informal por serviços voluntários. Até o fim do ano, Malcolm continuou a encaminhar dezenas de convertidos para o templo de Detroit. Adquiriu confiança por sua capacidade de falar em público, abordando em suas palestras assuntos diversos. No fim de 1953, Elijah Muhammad decidiu promover seu protegido a ministro e encarregá-lo de estabelecer um templo onde a Nação do Islã tinha poucos adeptos. Boston era a escolha lógica: Malcolm vivera muitos anos na cidade e tinha ali muitos parentes e amigos. Um membro da NOIque morava em Boston, Lloyd X, concordou em hospedá-lo e convidar pequenos grupos para ouvirem o jovem ministro. Anos depois, Malcolm ainda se lembrava do apelo que fizera numa dessas reuniões no começo de janeiro de 1954.[21] O que ele não poderia saber era que entre os ouvintes havia um informante do FBI. O fato de o escritório do FBI em Boston julgar prudente manter sob vigilância até mesmo os mais triviais encontros da NOIna casa de seus membros revela o quanto a seita era tida como perigosa.[22]

Dentro da Nação do Islã, cada templo bem-sucedido tinha quatro funcionários que tomavam decisões e controlavam atividades rotineiras, embora sempre sob a autocrática orientação de Muhammad: o ministro, o secretário-tesoureiro, a capitã das mulheres do MGT e o capitão dos homens, chefe do Fruto do Islã. Esse pessoal costumava ser selecionado diretamente pelo secretariado nacional em Chicago, que, a rigor, incluía Muhammad, o capitão nacional do Fruto do Islã, Raymond Sharrieff, a mulher de Sharrieff e a filha de Muhammad, a capitã nacional do MGT, Ethel Sharrieff, e o secretário-tesoureiro nacional; indiretamente, Elijah Muhammad Jr., Herbert Muhammad e outros parentes participavam do processo. Em nível local, o ministro era a face pública do templo, o principal representante da Nação do Islã no mundo exterior. Internamente, sua função era pastoral. Mas no tocante ao funcionamento do templo como organização social, como uma espécie de sociedade secreta cujas fronteiras precisavam ser constantemente policiadas, ninguém era mais importante do que o capitão do Fruto do Islã. Sempre atento a atos de desobediência ou deslealdade, seu bastão disciplinar era essencial para a manutenção de um templo bem dirigido.

Embora as atividades iniciais de Malcolm se concentrassem em Boston, ele viajava pela Costa Leste acima e abaixo, indo até Chicago. Nesse seu primeiro janeiro no leste, compareceu a diversos encontros no pequeno Templo nº 7 em Nova York, no Harlem. Em fevereiro, serviu de guia a peregrinos que chegavam

de Chicago para assistir ao grande evento anual da Nação do Islã, a convenção do Dia do Salvador, em comemoração do nascimento e da divindade do fundador, W. D. Fard. Foi a primeira vez que o jovem aprendiz subiu ao palco como orador de destaque perante uma plateia nacional. A espionagem do FBI dizia que ele "falou contra os 'demônios brancos'" e estimulou "mais ódio de parte da seita contra a raça branca".[23]

No fim de fevereiro, a campanha de recrutamento de Malcolm tinha tido tanto êxito que havia convertidos em número suficiente para fundar um novo templo em Boston, o nº 11. Num de seus maiores encontros públicos, ele ficou feliz de ver Ella, mas ela continuava resistindo teimosamente ao chamado da Nação do Islã. Concentrado em seu objetivo de recrutar presos e pobres, a Nação não correspondia a suas noções de respeitabilidade de classe média, e ela tinha dúvidas sobre a pretensão de Muhammad em ser Mensageiro de Alá. Conhecendo como conhecia o temperamento teimoso de Ella, Malcolm duvidava que suas palavras um dia pudessem mudar as opiniões negativas dela sobre a Nação. "Eu não esperava que ninguém, a não ser o próprio Alá, fosse capaz de converter Ella."[24] Nessa época, é possível que Malcolm também tenha retomado o namoro com Evelyn Williams, que continuava a alimentar profundos sentimentos com relação a ele. Evelyn ingressou na NOI, e quando Malcolm se mudou para Nova York, ainda naquele ano, ela o acompanhou.

Sua missão seguinte, como ministro do templo da Filadélfia, exigia ao mesmo tempo diplomacia e pulso firme de administrador. O templo era dirigido por Willie Sharrieff (que não era parente de Raymond). Malcolm falou numa das reuniões do templo, informando, à surpresa plateia, que tinha autorização para "fazer uma boa mudança". Junto com Isaiah X Edwards, ministro do templo de Baltimore, fizera uma investigação preliminar dos negócios do templo. Na véspera da reunião, 5 de março, Willie Sharrieff fora tirado do cargo. E Eugene X Bee, nomeado por Sharrieff capitão do Fruto do Islã, além de ministro assistente, também foi demitido. Malcolm adotou os títulos de "professor" e "ministro interino". Para consolidar sua posição, dirigiu — ou participou de — uma série de oito reuniões do templo nas três últimas semanas de março.[25]

O progresso de Malcolm era cuidadosamente monitorado pelo capitão supremo do foi, Raymond Sharrieff. Em 1949, Sharrieff casara-se com a segunda filha mais velha de Muhammad, Ethel, e em pouco tempo passou a exercer uma autoridade administrativa que extrapolava a esfera do Fruto do Islã,

supervisando as cada vez mais numerosas empreitadas comerciais e imobiliárias da Nação em Chicago.[26] Durante anos, a Nação do Islã teve escassa presença institucional em muitas cidades-chave, mas agora ficara provado que sua incapacidade de expandir-se nada tinha a ver com desinteresse pela mensagem que pregava, mas com a falta de boa liderança em nível local. Em Detroit, Malcolm demonstrara que Lemuel Hassan era, na melhor das hipóteses, um ministro medíocre. Em 1957, Hassan foi transferido para um templo de menor prestígio em Cincinnati, Ohio, e Wilfred, irmão de Malcolm, promovido a ministro do Templo nº 1 de Detroit, que só perdia em status para Chicago.[27] A ascensão de Malcolm e o declínio de Hassan provocaram a ira do irmão de Hassan, James X, ministro assistente do Templo nº 2 de Chicago, além de diretor assistente da Universidade do Islã. A animosidade de James contra Malcolm seria, dentro de alguns anos, partilhada pela maior parte da elite governante da Nação do Islã em Chicago.

É provável que tanto Muhammad como Sharrieff tenham se preocupado com o fato de que Malcolm, com apenas 29 anos, talvez estivesse andando depressa demais. Um deles deu ordem, no começo de 1954, para que Joseph X Gravitt fosse primeiro ao templo de Boston, depois ao templo da Filadélfia, para ajudar na reconsolidação do Fruto do Islã nos dois lugares, como seu novo capitão. O supervisor imediato de Joseph, no entanto, não seria Malcolm, mas Sharrieff.

A presença de Joseph na Filadélfia permitiu a Malcolm o raro luxo de ter uma manhã ou uma tarde livre, e ele sempre que podia explorava lugares como o museu de arte e as bibliotecas da cidade. A maior parte do seu tempo, porém, era tomada pelas obrigações administrativas no nordeste, que o mantinham constantemente em trânsito. Sua ausência obrigava Joseph a falar com frequência no Templo nº 12, da Filadélfia. O assunto de um sermão de maio de 1954 foi "a obrigação que tem o muçulmano de pegar as cabeças de quatro demônios, pelo que ganhará uma viagem de graça a Meca". Segundo explicou, isso significava "trazer um muçulmano perdido para a Nação do Islã e, com isso, degolar um demônio".[28] Era uma retórica de danação pouco sofisticada mesmo para o jovem Malcolm, mas em uma organização que vivia da disciplina, essas práticas tinham suas vantagens.

Lado a lado, morando na Filadélfia (Malcolm em um apartamento alugado no número 1522 da rua 26 Norte), os dois homens pareciam formar um dueto improvável, mas ao longo daqueles meses desenvolveram laços de confiança e

dependência recíproca. Malcolm tinha 1,92 metro de altura e pesava não mais que 77 quilos; era jovial, apaixonado, estava constantemente fazendo alguma coisa, empenhado em aprimorar sua linguagem. Joseph, com 1,70 metro, era musculoso e pequeno, mas rijo, com 65 quilos; era tranquilo e cauteloso, embora inconstante. Como em Boston, Malcolm ficou com a maior parte do crédito por colocar o templo da Filadélfia em ordem, e em junho, em reconhecimento por seus esforços excepcionais, Muhammad nomeou-o o novo ministro do Templo nº 7, no Harlem. Mas durante os dois meses e meio que se seguiram à chegada de Joseph na Filadélfia, Malcolm participara apenas de quatro encontros locais: Joseph tinha estado no comando, absolutamente, como chefe do Fruto do Islã e como ministro substituto.[29] Na Autobiografia, Malcolm nada diz sobre a contribuição de Joseph.

Em menos de um ano, Malcolm passara de operário da linha de montagem em Gar Wood a ministro da Nação do Islã, num dos mais importantes centros negros dos Estados Unidos. Estava consciente do desafio que tinha pela frente. Mais tarde, recordaria: "Em nenhum outro lugar dos Estados Unidos, havia potencial para um único templo tão disponível como nos cinco distritos de Nova York. Eles continham mais de 1 milhão de negros".[30]

Em algum momento de junho de 1954, Malcolm foi mandado para Nova York. Por mais três meses, continuou a servir como ministro principal tanto no Harlem como na Filadélfia, mas dedicava a maior parte do tempo a tentar entender a situação em Nova York. Sua primeira providência foi nomear um homem chamado James 7X para ministro assistente, mas só em agosto Joseph X foi transferido para Nova York a fim de juntar-se a ele no Templo nº 7, como capitão do foi.[31]

Malcolm se viu com um quadro de membros que não passava de algumas dezenas. Até esse número é uma especulação informal: nem ele nem nenhum outro ministro da NOIrevelaram publicamente o número verdadeiro, em parte porque era um número muito baixo. De 1952 ao começo de 1953, provavelmente havia menos de mil membros em todo o país.

Malcolm descobriu, para sua consternação, que o Templo nº 7 do Harlem era ainda mais desorganizado do que o da Filadélfia. Durante seis meses, trabalhou com afinco para reproduzir o crescimento que obtivera em Boston e Filadélfia,

mas em vão. A Autobiografia dá várias explicações. Em primeiro lugar, o Harlem ainda estava repleto de antigos garveyistas e de grupos nacionalistas agressivos, cada um tentando avançar seus programas. "Éramos apenas uma das muitas vozes da insatisfação negra", observou Malcolm. "Eu não tinha nada contra as pessoas que tentavam promover a independência e a união entre os negros, mas por causa delas era difícil fazer ouvir a voz de Mr. Muhammad." Ele mencionou também a apatia social e a falta de consciência política, às quais os negros do Harlem tinham sucumbido. "Sempre que eu acabava de falar do fundo do coração, e pedia àqueles que desejassem seguir Mr. Muhammad que ficassem de pé, apenas um ou dois respondiam... às vezes nem isso."[32]

Os desafios eram mais complicados do que ele estava disposto a reconhecer. O súbito crescimento econômico do pós-guerra tinha deixado muitos afro-americanos para trás. As condições dos prédios de apartamentos do Harlem se deterioraram significativamente, em relação aos tempos mais gloriosos do bairro nos anos 1920. Muitos prédios viviam infestados de parasitas e ratos; não raro, mesmo nas ruas principais, inquilinos insatisfeitos despejavam lixo nas ruas.[33] Asma, drogas, doenças venéreas e tuberculose alastravam-se descontroladamente. Em 1952, por exemplo, a taxa de mortalidade da tuberculose no centro do Harlem era quase quinze vezes maior do que a do quase exclusivamente branco Flushing, no Queens.[34]

Apesar desses problemas, na década seguinte à Segunda Guerra Mundial, o Harlem também desenvolvera uma pequena classe média negra, muito preocupada com o status, e mais rica e politicamente influente do que na época da Depressão. Os subúrbios mais distantes de Nova York ainda eram segregados, mas aos poucos negros de classe média começaram a se mudar para os distritos externos do Bronx, do Queens e do Brooklyn.[35] O número de profissionais negros aumentou, mas muitos ainda estavam apenas começando a escapar dos guetos do Harlem e do Brooklyn.

A forte concentração de eleitores negros em Manhattan também representou um poder político em expansão. A eleição em 1953 de Hulan Jack, morador do Harlem, como primeiro presidente negro do distrito de Manhattan simbolizou essa influência crescente.[36] Pressionando constantemente a agenda política do Harlem, é claro, havia Adam Clayton Powell Jr., que, na época da libertação de Malcolm, estava no Congresso havia dez anos. Em março de 1955, Powell convocou um boicote contra os bancos de poupança do Harlem que "praticam o

'jim-crowismo' e o 'linchamento econômico'". Ele insistiu com os 15 mil membros da Igreja Batista Abissínia que retirassem seu dinheiro dos bancos pertencentes a brancos e o transferissem para o Carver Federal Savings do Harlem, que pertencia a negros, ou para o Tri-State Bank, em Memphis, no Tennessee, também de propriedade de negros.[37] Em nível nacional, ele tumultuou a campanha presidencial de Adlai Stevenson, do Partido Democrata, com seu inesperado apoio a Dwight Eisenhower, que na eleição de novembro daquele ano recebeu quase 40% dos votos afro-americanos. A justificativa de Powell era o domínio dos "Dixiecratas" sulistas, que controlavam o Partido Democrata no Congresso. Explicou: "Isso não significa, necessariamente, uma mudança para o Partido Republicano. Significa que os negros estão se levantando como homens e mulheres americanos, pensando por conta própria e votando como independentes".[38] Malcolm provavelmente admirou a independência arrojada do congressista negro em relação à máquina de Tammany Hall do Partido Democrata. O modelo de independência política de Powell, como negro que os brancos não conseguiam subjugar, influenciaria Malcolm em sua definição de política independente, quando deixou a Nação do Islã.

O Harlem também era lugar costumeiro de protestos por direitos civis. Um dos maiores, logo depois da chegada de Malcolm, ocorreu em 25 de setembro de 1955. Mais de 10 mil pessoas se reuniram na Igreja Institucional Williams, na esquina da Sétima Avenida com a rua 132 Oeste, para denunciar a absolvição, por um júri branco, de dois homens brancos acusados de assassinar, no Mississippi, Emmett Till, jovem negro de catorze anos. Os manifestantes exigiram do presidente Eisenhower que "convocasse uma sessão especial do Congresso e... recomendasse a aprovação imediata de um projeto de lei federal contra o linchamento". O pastor associado da Igreja Abissínia, reverendo David N. Licorish, que representava Powell, convocou os negros a irem protestar em Washington. O líder da NAACP, Roy Wilkins, insistiu com os nova-iorquinos negros para que enfrentassem a discriminação racial na cidade.[39]

Longe de ser uma comunidade esmagada e silenciada pelo peso da opressão racial, o Harlem continuava sendo um ambiente político cheio de vida. O nível de participação era alto e plenamente visível: manifestações públicas, boicotes e reuniões para arrecadação de fundos eram comuns. Filósofos e oradores de rua subiam em escadas nas principais vias públicas, principalmente na rua 125, e declamavam suas ideias para os pedestres. A Nação teve dificuldade para

avançar, em grande parte porque seu apelo era apolíptico; a resistência de Elijah Muhammad a envolver-se em questões políticas que afetavam os negros, e sua objeção ao registro de membros da NOIpara votar e engajar-se civicamente, eram vistas, por muitos moradores do Harlem, como contraproducentes.

Muita gente no bairro já tinha sido apresentada a um Islã mais ortodoxo por meio das amplas atividades missionárias dos muçulmanos Ahmadiyya. A seita tinha conquistado o respeito de muitos negros por sua vigorosa oposição à segregação legal e suas críticas a denominações cristãs que aceitavam a Lei Jim Crow. Em 1943, por exemplo, a Moslim Sunrise, dos Ahmadis, caracterizou a revolta racial de Detroit como uma "mancha negra no bom nome deste país". O mundo mulato reconhecia "que pessoas de pele escura estão matando pessoas de pele branca, e sendo mortas por elas, na América livre".[40] Cinco anos depois, a revista publicou um levantamento de quase 13600 igrejas presbiterianas, unitárias, luteranas e congregacionais, mostrando que apenas 1331 tinham membros não brancos.[41] O racismo nas igrejas cristãs fez muitos artistas, escritores e intelectuais afro-americanos nos anos 1940 e 1950 pensarem em se converter a alguma modalidade do Islã. O recrutamento foi particularmente bem-sucedido no mundo do bebop. Uma figura-chave foi o antiguano Alfonso Nelson Rainey (Talib Dawud), que chegou a tocar na orquestra de Dizzy Gillespie. A conversão do próprio Dawud convenceu o sax-tenorista Bill Evans a tornar-se muçulmano, com o nome de Yusef Lateef; sua conversão foi imitada por Lynn Hope (Hajj Rashid) e pelo baterista Kanny Clarke (Liaqat Ali Salaam).[42] Instalado na Filadélfia, Dawud desenvolveu uma relação de trabalho com a irmandade muçulmana internacional do Harlem, por meio da qual uma rede de proteção foi criada entre várias masjids negras em Providence, Washington e Boston. Dezenas de outros jazzistas populares associaram-se ao Islã Ahmadi, incluindo Art Blakey, Ahmad Jamal, McCoy Tyner, Sahib Shihab e a mulher de Talib Dawud, a vocalista Dakota Staton (que mudou seu nome para Aliyah Rabia depois da conversão). Mesmo os que não se converteram formalmente, como John Coltrane, foram fortemente influenciados pelos Ahmadiyya.

Em Cleveland, uma mesquita Ahmadiyya tinha sido fundada durante a Grande Depressão; nos anos 1950, tinha mais de cem fiéis afro-americanos. Na verdade, o líder da mesquita Ahmadi de Cleveland, Wali Akram, tornou-se, talvez, o primeiro americano negro a obter visto para uma peregrinação a Meca,

em 1957.[43] Essas atividades deram a muitos afro-americanos uma consciência geral dos diferentes tipos de Islã, além daquele representado pela Nação do Islã. Isso era particularmente verdadeiro no Harlem, o que tornava difícil conquistar adeptos.

Só em setembro de 1954 Malcolm conseguiu alojamento permanente na área de Nova York: no número 25-35 da rua Humphrey, no tranquilo bairro de East Elmhurst, no Queens. A propriedade pertencia ao casal negro Curtis e Susie Kenner, que a compartilhavam com Malcolm.[44] Apesar da principal responsabilidade de Malcolm ser, agora, o Templo nº 7, ele foi informalmente promovido a principal agente pacificador de Elijah Muhammad na Costa Leste, e até no centro-oeste. Continuou a fazer palestras regularmente no templo da Filadélfia durante os meses de outono e inverno de 1954-5, e fez viagens de automóvel a Springfield, Massachusetts, e Cincinnati, em Ohio, para dar apoio a iniciativas locais.[45]

Mais ainda do que no templo da Filadélfia, ele passou a recorrer à ajuda do capitão Joseph, dando rotineiramente instruções a seu tenente, que por sua vez retransmitia as ordens, aos berros, para os subordinados. Certo domingo, quando Malcolm estava ausente, o ministro do templo de Baltimore fez o sermão de convidado. O encontro, no entanto, pertencia a Joseph, que abriu o culto repreendendo todos os homens que tinham faltado às reuniões, ou se atrasado, exigindo "explicações sobre essa negligência no comparecimento". Joseph louvou o ministro de Baltimore como "homem de paz", mas lembrou aos fiéis, severamente, que ele (Joseph) "não era".[46]

Apesar do trabalho duro de Joseph, quase todos os elogios pelos êxitos em Nova York acumulavam-se, cada vez mais, na pessoa de Malcolm. Nessa época Joseph morava num pequeno apartamento de subsolo na parte setentrional do West Harlem. Não recebia salário por suas atividades como chefe do foi e trabalhava como cozinheiro num restaurante de um membro da NOI, o Shabazz, na Quinta Avenida.[47] Durante sua missão na Filadélfia, ele começou a sair com uma mulher do templo, e, no começo de 1956, ela foi morar com ele. Se Joseph planejava ter uma família, Malcolm deve ter percebido, a Nação lhe devia uma renda mais confiável. Talvez por essa razão, Malcolm começou a fazer elogios a Joseph em seus sermões no templo, ou em comentários para o Fruto do Islã. Os administradores da Nação do Islã em Chicago também reconheciam a contribuição de Joseph e decidiram elevá-lo a um cargo de maior prestígio. Duas

semanas antes da convenção do Dia do Salvador em fevereiro de 1955, Joseph foi convocado a Chicago, provavelmente por Raymond Sharrieff, e informado sobre um novo programa nacional, no qual sua tarefa seria supervisionar o recrutamento e o treinamento de mil voluntários. Durante semanas, sua transferência parecia certa, e, na reunião do Fruto do Islã do Templo nº 7 em 21 de fevereiro, os membros ficaram sabendo que ele iria deixá-los. Mas, por razões até hoje não esclarecidas, no começo de março anunciou-se que Joseph permaneceria em Nova York.[48]

Os esforços de Joseph em Boston, Filadélfia e Nova York, combinados com outras campanhas evangélicas de Malcolm em várias cidades, tinham conquistado talvez mil novos adeptos para a NOI. Esse crescimento inédito foi interpretado pelo FBI, que havia décadas seguia de perto as atividades da NOI, como sinal de que havia qualquer coisa em fermentação, algo que as autoridades deviam levar a sério. Durante anos, a Polícia Federal tinha monitorado aquilo que ainda descrevia depreciativamente em documentos internos como "Culto Muçulmano do Islã" (Muslim Cult of Islam, mci). A vigilância exercida pelo FBI agora indicava que um ex-preso, chamado Malcolm K. Little, era em grande parte responsável pelo novo fervor evangélico da seita. Malcolm estava no radar da polícia, e sob observação, desde a época em que escrevia cartas em Norfolk e Charlestown, e, em 10 de janeiro de 1955, dois agentes do FBI resolveram procurá-lo em Nova York. Posteriormente, eles informaram que o investigado foi "muito pouco cooperativo". "Recusou-se a dar qualquer informação sobre funcionários, nomes de membros, a revelar doutrinas e crenças do mci ou fornecer dados de antecedentes familiares a seu próprio respeito." Mas o ex-preso expressou opiniões teológicas e políticas, descrevendo Elijah Muhammad como "o maior de todos os profetas, o último e o melhor dos apóstolos". Quando os agentes o provocaram com relação às "supostas pregações [de] ódio racial" da NOI, ele respondeu: "Eles não ensinam o ódio, mas a verdade, ou seja, que o 'negro' tem sido escravizado nos Estados Unidos pelo 'branco'". Quando lhe perguntaram se serviria nas Forças Armadas, Malcolm nada respondeu. "O investigado admitiu, no entanto, que durante a Segunda Guerra Mundial admirara o povo e os soldados japoneses, e que gostaria de ter ingressado no Exército japonês." Malcolm negou, também, que tivesse pertencido algum dia ao Partido Comunista.[49] Suas respostas foram muito mais antagônicas do que na entrevista que tivera anos antes com outro agente do FBI. Não teve medo de

identificar-se totalmente com o credo e a organização de Elijah Muhammad, fossem quais fossem as consequências políticas. Depois disso, Malcolm fez um alerta a membros do Templo nº 7, instruindo-os a não colaborarem com agentes do FBI se fossem abordados.[50]

A convenção do Dia do Salvador de fevereiro de 1955 foi, simbolicamente, a festa de debutante de Malcolm como príncipe sem coroa da Nação do Islã. Em menos de dois anos, ele triplicara o tamanho do templo de Detroit, estabelecera prósperos templos em Boston e na Filadélfia, e, com a ajuda de Joseph, finalmente começara a recrutar membros para o Templo nº 7, do Harlem. Tornara-se o ministro convidado predileto em Cincinnati, Cleveland, Detroit, Springfield e outras cidades. A espionagem do FBI na convenção da NOIdizia que durante as atividades "o investigado parecia desfrutar da confiança de Elijah Muhammad e gozar de inteira liberdade". Malcolm encontrou tempo até para escoltar membros da NOInum passeio ao Museu de História Natural de Chicago e "deu suas várias interpretações das exposições, que via como exemplos da criação do homem branco pelo 'homem negro'".[51]

Estava presente na convenção um jovem de 21 anos, cantor e artista que se apresentava em casas noturnas, chamado Louis Eugene Walcott. Nascido em Nova York, em 11 de maio de 1933, Walcott foi criado como episcopaliano em Roxbury.[52] Ele lembrava que os pais eram, como os de Malcolm, nacionalistas negros militantes. "Meu pai era garveyista", explicava, "portanto não pude desenvolver-me nesta sociedade sem um toque de Mr. Garvey na alma, na mente, no espírito."[53] Os pais de Walcott tinham emigrado do Caribe, e, como na casa dos Little, desde a mais tenra idade ele foi estimulado pela mãe a ler livros e revistas que tratavam de assuntos de interesse dos negros. Astro das pistas de atletismo na escola secundária, também se destacou como debatedor, violinista e cantor. Depois de formar-se na Winston-Salem State University, na Carolina do Norte, começou a carreira no show business como cantor de calipso, com o apelido de "The Charmer" [O Sedutor]. Como Malcolm, ele mais tarde se renomearia, primeiro como Louis X, e depois como Louis Farrakhan.[54]

Foi em Boston, em 1954, que "o Sedutor" conheceu Malcolm. Walcott e a mulher viviam num pequeno apartamento na avenida Massachusetts — a poucas portas de distância do apartamento de Martin Luther King Jr., que fazia pós-graduação para obter diploma de doutor. Não longe dali ficava a casa noturna onde Walcott se apresentava, e entre os números musicais ele de vez em quando

jantava às pressas num restaurante próximo, no Chicken Lane. Nesse lugar foi apresentado a Malcolm, que "usava boina escocesa, sobretudo, terno e luvas marrons". O ministro causou forte impressão. "Era um homem imponente", recordava Farrakhan, "falando tão mal dos brancos que tive medo dele."[55]

O primeiro contato real de Walcott com a Nação do Islã ocorreu na convenção do Dia do Salvador, em 1955. Ele era a principal atração de um show, "Calypso Follies", na boate Blue Angel, no norte de Chicago, quando um amigo o convidou para assistir ao festival da Nação. O ministro supremo tinha sido informado de que Walcott, que era uma celebridade menor nos meios musicais e noturnos, estaria na plateia. Depois assessores mostraram a Muhammad o lugar exato onde o jovem estava sentado. Já no meio da palestra, Muhammad voltou-se e passou a falar diretamente para ele. Posteriormente, Farrakhan descreveria o momento como de "amor instantâneo". Sua mulher ingressou entusiasticamente na Nação naquela noite, e, apesar das restrições que ainda fazia, ele também concordou em aderir. O jovem casal escreveu a carta regulamentar de adesão e a despachou pelo correio para o escritório de Chicago. Não recebeu resposta por cinco meses.[56] Em julho daquele ano, Walcott estava em Nova York apresentando-se em Greenwich Village e resolveu assistir a um culto no Templo nº 7, do Harlem, basicamente para ouvir Malcolm, cuja oratória o cativara e o convencera a dedicar a vida à Nação. "Eu nunca tinha ouvido um negro falar como aquele irmão falava", disse Farrakhan.[57]

Em meados dos anos 1950, o número de jazzistas e músicos populares conhecidos que aderiram à Nação do Islã causou certa consternação na cúpula de Chicago, que temia que sua posição os tornasse mais independentes do que os demais membros. A Nação exigia uma conduta conservadora, sóbria, que ia de encontro ao jeito de viver da maioria dos músicos. No fim de 1955, os templos foram informados de que nenhum membro teria mais permissão para trabalhar no ramo do entretenimento. Walcott ficou sabendo do decreto quando visitava o restaurante da Nação na esquina da rua 116 Oeste com a avenida Lenox. Para ele, que tinha mulher e filho pequeno, foi um duro golpe. Walcott caminhou vários quarteirões, confuso, sem ter ideia do que deveria fazer. De alguma forma, parou, deu meia-volta e retornou ao restaurante com a forte intenção de permanecer fiel à Nação. Foi recebido pelo capitão Joseph, que estava furioso porque a informação havia vazado prematuramente. Mais tarde, Malcolm foi incumbido de informar a Louis que ele teria mais quatro semanas, mas depois

disso seria obrigado a abandonar a vida de músico.

Louis estava matriculado na aula do foi às segundas-feiras, e Joseph lhe pediu que fizesse uma palestra. Sua breve fala, explicando as razões que o levaram a se converter, fascinou a todos. Décadas depois, veteranos da NOIque assistiram à palestra ainda eram capazes de recitar as palavras de Louis: "Levarei a mensagem do Honrado Elijah Muhammad a todos os cantos dos Estados Unidos da América".[58] O talento oratório de Louis convenceu Malcolm a incluir o jovem aprendiz em sua pequena turma de alunos do curso de ministros assistentes. Foi ali, durante os primeiros seis meses de 1956, que Louis desabrochou, guiando-se cuidadosamente pelo modelo de Malcolm em suas apresentações, a ponto de estudar os maneirismos e hábitos alimentares do mentor. Era óbvio que ele levara para a vida de clérigo certas habilidades aprendidas nas casas noturnas. Malcolm não ligava; mais do que isso, tinha genuíno orgulho das conquistas de Louis, e entre eles formou-se um vínculo. Posteriormente, Louis diria que Malcolm foi "o pai que não tive".[59]

Em junho ou julho, Louis foi nomeado capitão do foi no Templo nº 11, de Boston. Depois dos esforços iniciais da doutrinação de Malcolm, o templo vinha perdendo membros e precisava de uma injeção de ânimo. Dentro de um ano, Louis foi promovido a ministro.[60] A cúpula de Chicago estava animada com o novo convertido. Até lhe permitiu retomar a carreira de cantor, mas a serviço do Honrado Elijah Muhammad; Louis escreveu e interpretou várias canções gospel "de inspiração islâmica", que se tornaram imensamente populares entre os membros do templo.[61]

Louis tornou-se o primeiro protegido de Malcolm. Muitos outros jovens viriam, preparando seus sermões e suas atividades no templo de acordo com o dinâmico modelo de Malcolm. Não demorou para que ficassem ampla e às vezes depreciativamente conhecidos dentro da Nação como "os ministros de Malcolm".

Malcolm achava que o ministério muçulmano podia ser dividido em duas categorias — evangelizadores e pastores. Poucos evangelizadores considerados excepcionais sobressaíam como pastores, que deviam ter talento para dar conforto e apoio aos fiéis, enquanto poucos pastores eram capazes de convencer os fiéis a adotarem uma visão espiritual como um grande evangelizador. "Eu sempre quis ser bom nas duas coisas", disse ele.[62] Anos depois, ele se compararia

com o maior evangelizador cristão da época, Billy Graham.

Ele via cada sermão como uma oportunidade de evangelizar, porque geralmente havia na congregação um pequeno número de pessoas que compareciam à igreja pela primeira vez. Um culto típico da NOIera bem diferente da maioria dos cultos cristãos. O secretário do templo, ou os capitães, podia abrir a sessão com anúncios; depois o ministro falava, usando, frequentemente, quadros-negros e pôsteres para reforçar sua mensagem. Malcolm incentivava a plateia a fazer perguntas, e até gostava de bater papo, gracejar e discutir com os visitantes. Numa típica reunião na Filadélfia, Malcolm declarou que a Nação era "o único lugar no 'deserto da América do Norte' em que 'o homem negro e a mulher negra' [ouvem] a verdade sobre si mesmos". O sermão persistiu em dois temas. Primeiro, Malcolm enfatizou que os negros estavam espiritualmente mortos, como grupo, e que seu despertar dependia somente da aceitação da verdade, representada por Elijah Muhammad. Depois, Malcolm falou das expectativas da Nação sobre o relacionamento entre homens e mulheres. Fazendo um apelo para que os homens "respeitassem suas mulheres", advertiu também às mulheres que se vestissem com modéstia. Mulheres que atraem as atenções amorosas dos homens "exibindo o corpo", declarou Malcolm, "eram tão comuns como os cães que vemos perseguir outros cães pelas ruas".[63]

Em outro sermão, pronunciado em 1955 no templo da Filadélfia, ele usou as experiências de opressão racial para explicar por que os brancos não tinham o direito de chamar a Nação do Islã de subversiva:

> Eis aqui um homem que estuprou a mãe e enforcou o pai na árvore. Seria um subversivo? Eis aqui um homem que roubou todo o conhecimento da nossa nação e da nossa religião. Seria um subversivo? Eis aqui um homem que nos mentiu e nos enganou sobre todas as coisas. Seria um subversivo?... É para este homem que Alá todo-poderoso é subversivo. Homens negros no planeta inteiro são subversivos para esse demônio, e vindes aqui e vos enfureceis conosco. É melhor escutardes, pois, do contrário, sereis expulsos do planeta junto com o diabo. Este governo maléfico precisa ser destruído, assim como aqueles de vós que quiserdes seguir a serpente e também fazer o mal. Isto é um aviso para saberdes que viveis vossos últimos dias, e precisais decidir esta noite se quereis sobreviver à guerra do Armagedom...[64]

Durante todo o sermão na Filadélfia, Malcolm pintou em cores vivas um quadro de danação para aqueles que continuavam sua aliança com os valores brancos, apesar de, como orador, ter aprendido a modular o tom. Com

frequência empregava o humor, e de vez em quando até fazia referências à gíria do bebop. "A América do Norte já sufoca no fogo", advertiu. "Você acha que está tão por dentro e, Jack, você não consegue sequer sentir o cheiro da fumaça." Até tirava sarro, fazendo referências negativas às mães negras: "Sua mãe é prostituta quando você não respeita as mulheres — melhor dizer isso de uma vez porque é o que demonstram suas ações". Declarou não temer a espionagem do governo: "O FBI me segue pelo país inteiro e nada pode fazer contra esses ensinamentos, a não ser que seja a vontade de Alá. Os demônios perderam seus poderes, e só lhes resta tentar intimidar os negros que ainda estão mortos".[65]

Findo o sermão, ele observou que, apesar de ter havido, recentemente, grande número de conversões do sexo masculino, "ainda há qualquer coisa de muito errado com as irmãs que não aparecem".[66] Em vez de questionar as práticas sexistas da Nação, que desencorajavam a adesão de novos membros do sexo feminino, Malcolm condenou o excesso de fofocas entre as mulheres do templo. "Prefiro pôr para fora todas as irmãs que vivem brigando e ir lá fora buscar um monte de prostitutas. Parece duro o que digo, mas não aguento essa desunião." Afirmações como essas renderam a Malcolm a reputação de ser hostil em relação às mulheres negras, e suspeitoso da instituição do matrimônio. Aproveitando a deixa, muitos membros do Fruto do Islã aplaudiam e imitavam as atitudes e a retórica sexistas do ministro.

Malcolm costumava citar episódios da história americana, ressaltando o legado do comércio de escravos, para condenar tanto o cristianismo como o governo dos Estados Unidos. Em outro sermão, comentou que todos os negros eram "cidadãos americanos, mas não conseguem provar, porque lutam pelos direitos civis desde que foram trazidos pelo inimigo para Jamestown, na Virgínia, no ano de 1555. Vocês não são donos de nenhum estado na América do Norte, mas hoje se dizem americanos". Os negros não podiam esperar que os brancos redimissem sua vida. "Hoje o homem branco já não tem poder algum, e só o homem negro tem qualquer possibilidade de salvar-se."[67] Em outra ocasião, lembrou aos ouvintes que as pessoas de ascendência europeia estavam em irremediável desvantagem numérica, globalmente, em relação a africanos, asiáticos e outros povos não brancos. "Só há dois tipos de gente, os brancos e os negros, portanto, se você não é branco só pode ser negro."[68] Insistiu com os membros da NOIpara só frequentarem lojas administradas ou pertencentes a muçulmanos. Sem mencionar Wilfred pelo nome, disse que em Detroit "um dos

irmãos é gerente de uma grande loja de departamentos e contrata todos os membros... que pode contratar".[69]

Em 1955, a popularidade de Malcolm tornara-se tão intensa que a cúpula da NOIlhe pediu que passasse três semanas em Chicago, para promover uma campanha de recrutamento no Templo nº 2. Os esforços para conquistar novos adeptos continuavam, e em meados dos anos 1950 parece que a Nação do Islã examinou com mais cuidado o modelo de proselitismo islâmico praticado pelos controvertidos muçulmanos Ahmadis. Apesar da recusa dos Ahmadis a considerarem o profeta Maomé como o "selo dos profetas", o que perturbava profundamente a quase totalidade dos muçulmanos ortodoxos, numa época em que o governo paquistanês se preparava para declarar a seita um grupo religioso não muçulmano, emigrantes Ahmadis tinham conseguido formar bem-sucedidas coalizões políticas e desenvolver boas relações de trabalho com os muçulmanos sunitas nos Estados Unidos. Cultuavam frequentemente a Deus lado a lado com eles. Pelo fim dos anos 1950, um número significativo de Ahmadis afro-americanos tinha aderido à Nação do Islã, em parte devido à sua identificação explicitamente negra. Com isso, introduziram uma interpretação mais ortodoxa do Islã clássico, bem como um compromisso de longa data com a comunidade islâmica internacional. Por mais sectários e heréticos que fossem os princípios fundamentais da NOI, Elijah Muhammad sempre insistiu com os ministros para apresentarem seu credo como parte de uma comunidade global de muçulmanos.[70] Esses fatores ajudaram a moldar a versão do da'wa de Malcolm, seus deveres pastorais. Foi essa a principal razão que o levou, no começo dos anos 1960, a criticar tão vigorosamente a frase "muçulmanos negros" para descrever a Nação do Islã.[71]

Enquanto crescia, a Nação começou a interagir com muçulmanos tradicionais ou ortodoxos de diferentes maneiras. E apesar da fidelidade do grupo aos princípios teologicamente bizarros da história de Yacub, o terreno espiritual básico que definia os contornos do Islã teve uma influência direta e inescapável na evolução da NOI. Dentro do Islã ortodoxo, há duas grandes divisões: os sunitas, que representam a maioria esmagadora dos muçulmanos, e os xiitas, grupo para o qual Ali, sobrinho e genro do profeta, e seus descendentes são os únicos sucessores de Maomé. Para os sunitas, o ministério ordenado não existe. O líder da observância do salat, ou das orações, pode ser qualquer pessoa versada. Esse líder, o imam [imã], esforça-se para tornar-se "um modelo a ser

seguido pelo resto, de modo a preservar a necessária precisão e ordem dos serviços".[72] No Islã, o imã pode ser também um teólogo ou acadêmico de destaque. Os xiitas, em contrapartida, veem os imãs como divinamente inspirados. Os dois principais ramos do xiismo, os ismaelitas e os imanis, escolhem os imãs por hereditariedade e acreditam que seus líderes têm uma compreensão do Islã dada por Deus, primeiro representada por Ali. Os imãs têm os poderes do "ciclo da profecia" (nubuwwa) e, como bem diz um erudito islâmico, "servem como intercessores entre os homens e Deus".[73]

Ao longo dos séculos, o pensamento político islâmico evoluiu em duas direções notavelmente diversas. Para a maioria dos sunitas, o fundamento de todo ensinamento religioso é a sharia, a lei, que por sua vez está ancorada na haqiqat, a interpretação literal do Alcorão. O muçulmano xiita procura o Alcorão não para construir leis, mas em busca do conhecimento que revela a verdade. Por terem funcionado como minorias perseguidas em sociedades predominantemente sunitas, os xiitas se retiraram da política e da sociedade civil. Os xiitas veem a maioria dos líderes políticos como ilegítima, e exceto em países como o Irã, onde controlam o governo, geralmente não participam da vida política.[74]

Apesar de dificilmente poder ser considerado ortodoxo, a Nação do Islã apresenta notáveis semelhanças com o xiismo. Ambos veem sua fé do ponto de vista das minorias perseguidas; ambos estão convencidos de que todas as autoridades e toda a política são corruptas; ambos adotam o que em árabe se chama hikmat' At-tadrij, a comunicação gradual do conhecimento religioso e da verdade ao longo do tempo.[75] Quando Elijah Muhammad elevou W. D. Fard à condição de Alá, Muhammad tornou-se de imediato o único canal de ligação com Deus. Muhammad adquiriu também o poder autorizado da profecia e, como no caso dos muçulmanos xiitas, uma infalibilidade que não poderia ser contestada. Também como a maioria dos xiitas, Elijah Muhammad acreditava firmemente que posições-chave dentro da cúpula do templo deveriam estar interligadas, fosse por ligações genéticas (por exemplo, Ethel Muhammad Sharrieff, Herbert Muhammad, Elijah Muhammad Jr., Wallace Muhammad) ou pelo casamento (por exemplo, Raymond Sharrieff). Por essa razão, apesar da relação filial de Malcolm com Muhammad, a maioria dos membros da família do patriarca o rejeitava veementemente como potencial herdeiro, porque não era parente sanguíneo. Num nível inferior, líderes locais não raro eram parentes entre si.

Pelo fim dos anos 1950, por exemplo, três irmãos Little eram ministros de importantes templos — Wilfred em Detroit, Philbert em Lansing e Malcolm no Harlem.

Apesar da heterodoxia da NOI, Elijah Muhammad via sua seita como parte de uma irmandade global, a ummah, que transcendia as distinções de etnia, nacionalidade, classe e até raça. Os ministros da NOIeram treinados para se verem como guerreiros numa luta espiritual contra os inimigos de Deus. Esse tipo de imã pode ser descrito como mujahid, aquele que dedica a vida ao serviço de Alá, mas que também pratica a autodisciplina espiritual.[76]

Membros da Nação do Islã que tinham um conhecimento mais sofisticado do Islã ortodoxo viam razões alegóricas para acreditar que a seita acabaria se afastando de suas raízes heréticas para aderir novamente ao Islã mais convencional. Comparavam a fuga de Elijah de Detroit para Chicago com a hégira do profeta Maomé de Meca para Medina. A perseguição dos primeiros muçulmanos foi subsequentemente vivida por Elijah e seus primeiros seguidores, que resistiram à convocação para o serviço militar nos Estados Unidos. Mais convincentemente talvez, todos os muçulmanos sabiam que o Sagrado Alcorão era um livro de recitações de Maomé compilado num período de 22 anos. Os muçulmanos acreditam que a obra contém uma mensagem unificada; apesar disso, o foco e o conteúdo dos surahs, ou capítulos, mudaram com o passar do tempo. De forma semelhante, Elijah distribuía "lições" a serem estudadas e decoradas pelos seguidores. Cada uma dessas lições refletia uma "verdade divina", mas, juntas, eram incompletas, e deveriam ser substituídas por revelações ulteriores. À medida que se multiplicavam as conexões de Elijah com o mundo islâmico, aumentava também a probabilidade de uma evolução teológica, ou "islamização". A rigor, foi exatamente o que aconteceu depois da morte de Elijah em 1975, quando seu rebelde filho Wallace assumiu a liderança da Nação; ele impôs a rejeição total do dogma religioso dissidente e aceitou o Islã ortodoxo.

Um passo decisivo foi tomado, curiosamente, no nível da política global. A Nação do Islã sempre vira os afro-americanos como "asiáticos negros", e no reino dos redimidos não havia distinção entre asiáticos e africanos. Consequentemente, a NOIficou muito atenta quando em abril de 1955 representantes de 29 países africanos e asiáticos se reuniram em Bandung, na Indonésia, para planejar mecanismos de cooperação política. Birmânia, Camboja,

República Popular da China, Índia, Tailândia, Vietnã do Norte, Vietnã do Sul, Etiópia e Costa do Ouro participaram; mas, de longe, o maior contingente era formado por países de maioria muçulmana: Afeganistão, Indonésia, Irã, Iraque, Egito, Líbia, Jordânia, Líbano, Paquistão, Arábia Saudita, Sudão, Turquia e Iêmen. Nos discursos de abertura, o presidente indonésio, Achmed Sukarno, declarou que o encontro era a primeira conferência transnacional de povos de cor da história.[77]

A revolução contra o domínio colonial estava no ar. A conferência realizava-se apenas seis anos depois do triunfo do Partido Comunista sobre o Kuomintang na China. No Vietnã em 1952, as forças populares de Ho Chi Minh tinham derrotado o exército colonial francês em Dien Bien Phu, o que resultou na retirada francesa dois anos depois. No Sudão, uma revolta principiou em agosto de 1955, forçando os britânicos a resgatarem de avião milhares de soldados nas áreas rebeldes.

Mas foi na ummah muçulmana que as lutas de independência manifestaram seu maior poder de inspiração. No Marrocos, a decisão francesa de depor o sultão Mohammed v em 1953 provocara protestos gigantescos. Recém-derrotados no Vietnã, os franceses permitiram a volta do sultão e concederam a independência ao país em março de 1956. Na Tunísia, a autonomia interna em relação aos franceses foi alcançada em 1955, e a independência plena em março do ano seguinte. Em novembro de 1954, a luta na Argélia evoluiu para guerra. O mais significativo foi o fato de que os nacionalistas argelinos, embora muçulmanos, não viam o conflito como jihad, mas como luta nacionalista. Os guerrilheiros, cerca de 20 mil, enfrentaram mais de 1 milhão de colonos e o Exército francês. Quando a guerra terminou, 250 mil argelinos tinham sido mortos, e 2 milhões forçados a sair de casa, muitos para acampamentos. O confronto mais dramático entre o mundo árabe e o Ocidente talvez tenha ocorrido no Egito, com a crise de Suez. Em julho de 1956, o presidente Gamal Abdel Nasser nacionalizou o canal de Suez. Em resposta, os israelenses invadiram o Egito em 30 de outubro, e os britânicos vieram em seguida. Os Estados Unidos do presidente Eisenhower opuseram-se à invasão, obrigando israelenses e britânicos a se retirarem. Em todo o mundo muçulmano, Nasser foi festejado como líder do sentimento antiocidental e do nacionalismo árabe. Malcolm seguiu com atenção o desenrolar dos acontecimentos, que, para ele, cumpriam a profecia divina sobre o declínio e a queda do poder da Europa e dos

Estados Unidos.[78] Deu a seguinte explicação para os ouvintes do Templo nº 7: "Os 'negros' estão unidos no mundo inteiro para lugar contra os 'demônios'".[79]

A Conferência de Bandung representou o início de uma época e cristalizou nas ideias de Malcolm as possibilidades de unificação, internacional e nacionalmente, com outros afro-americanos e seguidores do Islã. Ele agora insistia em dizer que os líderes negros americanos precisavam "realizar uma Conferência de Bandung no Harlem". Os princípios de não agressão e de cooperação que tinham caracterizado a Conferência deveriam nortear a estratégia dos "negros asiáticos" dentro dos Estados Unidos. "Precisamos nos reunir e ouvir o que cada um tem a dizer, antes de chegarmos a um acordo...", dizia. "E o inimigo tem de ser reconhecido por todos [como] inimigo comum... antes de prepararmos um esforço unido contra ele." Ditas numa reunião do comício do Dia da Liberdade Africana, as palavras de Malcolm faziam eco às de Blyden, quase um século antes, ilustrando as conexões que se formavam entre pan-africanismo, pan-islamismo e libertação do Terceiro Mundo.[80] Mais do que qualquer outro líder da NOI, ele reconheceu o significado religioso e político de Bandung. Seus sermões traziam referências cada vez mais frequentes a acontecimentos na Ásia, na África e em outras regiões do Terceiro Mundo, e ressaltavam a proximidade dos americanos negros com a humanidade não ocidental de pele escura, mas ele tinha também o cuidado de integrar essa nova ênfase gradualmente em suas apresentações, sem parecer que rompia com o roteiro tradicional exigido por Elijah Muhammad.

Já em 1956, o capitão Joseph começou a usar expressões como "ei, não sou como Malcolm", ou "eles não são como o ministro". Tinha o cuidado de falar em tom de brincadeira, quase zombando, mas reconhecia uma verdade inegável — que Malcolm se sobressaía. Ele adquirira a reputação de ser o mais radical contramestre da Nação, um fanático cuja vida era consumida no serviço de Alá e na dedicação inquestionável a Elijah Muhammad. Malcolm cobrava de cada membro do seu templo uma conduta guiada pelos padrões mais estritos; jamais hesitava em impor sanções contra seus assessores mais próximos, ou em alijar do templo, durante semanas, mesmo os membros leais que cometessem as menores infrações, como fumar cigarros, por exemplo. Podia se dar ao luxo de ser tão exigente, como disse seu principal assessor, James 67X Warden, porque

era severo, acima de tudo, consigo mesmo.[81] Louis Farrakhan confirmou:

> Ninguém seria capaz de controlar Malcolm. Tinha uma mente brilhante. Era disciplinado... Nunca vi Malcolm fumar. Nunca ouvi Malcolm xingar. Nunca vi Malcolm piscar para uma mulher. Nunca vi Malcolm comer entre as refeições. Fazia uma refeição por dia. Levantava-se às cinco da manhã para fazer suas preces. Nunca vi Malcolm chegar atrasado a um compromisso. Malcolm era como um relógio.[82]

Elijah Muhammad pregava que a Bíblia era um livro de profecia, não de história. "Por isso Malcolm via-se a si próprio biblicamente", relatou James 67X, "não como alguém que tinha sido, mas como alguém que se tornava, tinha sido descrito profeticamente. Via-se como pobre e como pescador de homens." Malcolm não buscava recompensa monetária; o orgulho que sentia por trazer milhares de "perdidos e reencontrados" era suficiente.[83] Mas James compreendeu também que boa parte do sucesso de Malcolm, especialmente em Nova York, "baseava-se no que acontecia fora da mesquita"[84] — ou seja, nas condições que a maioria dos negros enfrentava na vida diária.

Essencial para o funcionamento da Nação do Islã era a disciplina — e o castigo imediato por qualquer infração. Membros eram constantemente estimulados a informarem os funcionários sobre qualquer coisa que pudesse indicar comportamento suspeito. No regime imposto por Elijah Muhammad depois da guerra, a Nação desenvolveu um procedimento disciplinar rigoroso, no qual, por exemplo, esperava-se que os membros fizessem apenas uma refeição por dia, em geral no fim da tarde ou começo da noite. Tecnicamente, os muçulmanos obesos infringiam as normas dietéticas da NOI. Quase sempre os castigos impostos eram uma "suspensão", período durante o qual o infrator era impedido de comparecer aos serviços do templo. Mais severa era a imposição do "silêncio", quando o infrator era impedido não apenas de entrar no templo, mas também de comunicar-se com outros membros. Numa palestra em 1955 no templo da Filadélfia, Malcolm ordenou aos líderes locais que comprassem balanças para "pesar os membros" às segundas e quintas. "Os que estiverem acima do peso", advertiu, "terão duas semanas para perder 4,5 quilos, ou serão suspensos." Previu que esse decreto draconiano seria impopular: "É melhor eu não ouvir ninguém mencionar meu nome em tom de crítica, caso contrário o suspenderei por tempo indeterminado, ou, até mesmo, para sempre. Alguém aí quer me perguntar alguma coisa, ou acha que não estou sendo justo? Levante a

mão. Que bom que ninguém levantou, porque quem o fizesse seria expulso do templo".

A reputação de severidade de Malcolm, especialmente com aqueles que punham em dúvida a infalibilidade de Elijah Muhammad, foi demonstrada num episódio ocorrido provavelmente em maio de 1955. Ele e seu assessor de confiança, Jeremiah X (posteriormente Shabazz), iam de carro pelas ruas de Detroit quando reconheceram o irmão mais novo de Malcolm, Reginald, que anos antes fora expulso da Nação. Malcolm parou o carro e fez um sinal para que ele se aproximasse; o irmão parecia louco e desgrenhado. Segundo Jeremiah, Malcolm se afastou, deixando Reginald perdido nas calçadas. Malcolm explicou a Jeremiah X que o irmão tinha recebido "castigo divino" por sua oposição suicida a Elijah Muhammad.[85]

Malcolm reduziu suas viagens pelo resto de 1955 e por todo o ano de 1956, mas ainda mantinha uma intensa programação. Suas viagens de recrutamento a Lansing e Detroit em maio de 1955 consumiram-lhe pelo menos duas semanas. Naquele verão, problemas administrativos no templo da Filadélfia o obrigaram, novamente, a dividir seus esforços principalmente com Nova York. Sua energia para recrutar novos membros e ampliar a base da Nação não se abateu, porém. Só em 1955, ele foi de vital importância para o estabelecimento de três templos bem-sucedidos: nº 13, em Springfield, Massachusetts; nº 14, em Hartford, Connecticut; e nº 15, em Atlanta. Para construir a organização em Springfield, recorreu à capacidade de liderança de um velho conhecido, Osborne Thaxton, que ele mesmo convertera ao Islã enquanto ambos cumpriam pena de prisão.[86] O Templo nº 14 foi erguido praticamente a partir do zero, quando uma mulher de Hartford assistiu a um serviço religioso em Springfield e pediu a Malcolm que fosse a sua casa na quinta-feira seguinte, tradicionalmente dia de folga de empregados domésticos. Malcolm fez a visita, e no conjunto habitacional da mulher entraram quinze empregadas domésticas, cozinheiros, motoristas e empregados domésticos da área de Hartford. Em poucos meses, mais de quarenta estavam convertidos.[87]

Esses esforços evangélicos tiveram profundo impacto na cultura interna da Nação do Islã. Centenas de convertidos aderiam a cada mês. Centenas de cartas solicitando ingresso tinham de ser analisadas e processadas toda semana. Os encargos administrativos multiplicaram-se proporcionalmente. Secretários dos templos locais precisavam ser instruídos sobre novos pedidos e novos membros.

Novas equipes administrativas — ministros, secretários, capitães do foi e da MGT — tiveram de ser selecionadas, ou, em muitos casos, transferidas de cidade. Entre 1953 e 1955, a Nação do Islã mais do que quadruplicou em tamanho, passando de cerca de 1200 para quase 6 mil membros. De 1956 a 1961, cresceria mais de dez vezes, para algo entre 50 mil e 75 mil membros. Apesar de muitos continuarem a ser recrutados nas prisões, nas filas de desemprego e nos guetos, a Nação começou a conquistar um público mais amplo. Milhares agora vinham da classe média, ou eram operários altamente qualificados e sindicalistas.[88]

Parte do novo apelo da Nação tinha a ver com a reação dos negros à "resistência maciça" dos brancos sulistas à dessegregação a partir de 1955. O crescimento dos White Citizen's Councils [Conselhos de Cidadãos Brancos] em todo o sul e o assassinato de trabalhadores locais da NAACP e do movimento pelos direitos civis no fim dos anos 1950 convenceram uma minoria de afro-americanos de que a NOIestava certa: os brancos jamais concederiam plena igualdade aos negros. Se a Lei Jim Crow era inescapável, então a estratégia da Nação de construir comunidades e instituições sociais inteiramente negras em face da implacável hostilidade branca tinha sentido para muitos.

A atividade em defesa dos direitos civis intensificou-se em todo o país, em múltiplas frentes. A luta durante o boicote de ônibus em 1955-6 em Montgomery, no Alabama, pôs o movimento e seu jovem e radiante (e praticamente desconhecido) líder nas manchetes. Os negros não entendiam por que, anos depois de a Suprema Corte ter proibido a segregação racial em ônibus interestaduais, as leis não eram aplicadas. Em Montgomery, milhares de negros operários e de classe média arriscaram o emprego e a segurança pessoal para apoiarem um protesto não violento, encabeçado pelo pastor Martin Luther King Jr., de 26 anos.

O objetivo de King e da maioria dos ativistas de direitos civis era a integração — estavam cansados da separação que tão drasticamente condenava afro-americanos à pobreza e à desigualdade. Malcolm teve a sensatez de não criticar os objetivos integracionistas do boicote quando solicitado a comentar os esforços de King. Em vez disso, concentrou suas críticas ao governo dos Estados Unidos, "sede de todo tipo de maldade... Os Estados Unidos são o equivalente moderno da Babilônia, onde há mais crimes, mais perseguição e mais injustiça do que em qualquer outro lugar do mundo".[89] Numa referência ao modelo de solidariedade afro-asiática de Bandung, declarou em outro discurso que os "'homens negros'

em todo o planeta Terra se unem, com um só objetivo em mente — a destruição do 'demônio'".[90]

Os milhares de recrutas que Malcolm e outros levavam para a Nação representavam centenas de milhares de dólares de renda adicional, graças às rigorosas exigências do grupo no tocante ao dízimo. Esperava-se que todos os membros doassem no mínimo um décimo da renda familiar para o templo, mas muitos davam bem mais. Sob a supervisão de Sharrieff, a NOIcomeçou a comprar imóveis na região sul de Chicago. Os filhos adultos de Muhammad, por insistência de Malcolm, foram incluídos na folha de pagamento da NOI. Elijah Muhammad não pôde deixar de perceber o crescente poder de seu mais brilhante protegido. Novos templos requeriam a preparação e a supervisão de novos ministros, e como Malcolm estava pessoalmente incumbido de estabelecer os quatro novos templos e de reorganizar os da Filadélfia e de Nova York, ele tinha o poder de controlar ou influenciar diretamente a seleção do pessoal. Nenhum outro ministro jamais tivera essa autoridade. Provavelmente foi por essa razão que, em 1956, os ministros dos templos receberam ordens de Chicago para gravar em fita seus sermões semanais e enviá-los pelo correio para a sede da NOI. Elijah ou seus assessores revisavam as palestras, para impedir quaisquer desvios de dogma. A ordem coincidiu com a nova atitude de Muhammad para com Malcolm, e talvez se destinasse a moderar o crescimento do jovem ministro. Agora, quando visitava Muhammad em sua propriedade de Hyde Park, Malcolm era sempre criticado por uma razão ou por outra.[91]

Essas críticas produziram efeito. O frenético programa de viagens de Malcolm foi, de alguma maneira, reduzido. No entanto, mesmo com a programação relativamente reduzida, ele esteve na estrada durante pelo menos quatro meses, dos doze transcorridos em meados de 1956 a meados de 1957. Sua mensagem básica não se desviava muito dos ensinamentos de Elijah, mas transcrições de informantes do FBI também revelam certo grau de ênfase política nas polêmicas de Malcolm contra o racismo branco, em grande parte ausentes das lamentações de Elijah Muhammad.

Pelo fim de 1955, o templo do Harlem crescera de algumas dezenas de seguidores para 227 "membros registrados" — fossem convertidos oficiais ou indivíduos que tinham submetido cartas pedindo para ingressar. Os membros registrados geralmente iam aos serviços religiosos no domingo, mas participavam de forma irregular de outras atividades do templo. Dentro desse

grupo, apenas cinco indivíduos eram considerados "membros ativos": participavam de todas as reuniões do foi e da MGT, assistiam a todas as palestras e a todos os serviços, ofereciam-se como voluntários para executar tarefas especiais e contribuíam regularmente com o dízimo. A rotina administrativa tinha sido bem estabelecida. Embora continuasse a ausentar-se da cidade, por vezes durante semanas, Malcolm tentava manter-se envolvido em todas as decisões importantes de negócios, confiando em Joseph para manter a disciplina e para desenvolver e expandir o templo. De vez em quando, porém, os dois viajavam juntos a cidades próximas, onde novos templos tinham sido iniciados, para supervisionar o treinamento e a seleção de capitães.

Devido ao lendário rigor de Malcolm, à cultura altamente punitiva da NOIe à tensão que talvez existisse abaixo da superfície de suas relações com Joseph em questões de crédito e de controle, é surpreendente que os dois levassem tanto tempo para se desentender. Os motivos específicos do rompimento continuam discutíveis. Alguns acham que Malcolm tinha cerceado o crescimento de Joseph como capitão supremo da Nação.[92] Outros responsabilizam Joseph pelo rompimento, acusando-o de não ter informado Malcolm a respeito de um nocivo boato que corria sobre Elijah Muhammad.[93] Mas, dentro de poucos meses, a associação fraterna azedou, e Joseph passou a odiar Malcolm pelo que transpirou em seguida.

Em setembro de 1956, Joseph foi acusado de bater na mulher e Malcolm, como juiz e júri, conduziu o julgamento diante de todos os membros do templo. Antes de apresentar esse caso, Malcolm tinha tratado de vários outros. Irmão Adam e irmã Naomi, que tinham admitido praticar o pecado da fornicação, foram banidos por cinco anos. Irmã Eunice, que ingressara na Nação do Islã quando criança, foi acusada de adultério. Malcolm observou que o marido de Eunice era muçulmano "registrado", um homem "que esteve na prisão. Como acha que ele se sente?". Depois de ouvir as respostas, Malcolm impôs friamente sua versão de justiça: "Irmã, não tenho escolha senão lhe dar cinco anos de suspensão da Nação do Islã, período durante o qual eu a aconselharia a jejuar e orar a Alá, pedir-lhe perdão, pedir perdão a seu marido... De forma alguma posso manifestar qualquer tipo de simpatia, piedade, ou seja lá o que for, porque a senhora deveria ter pensado duas vezes".[94]

Quando Joseph se apresentou, Malcolm anunciou solenemente: "Hoje é o dia da manifestação de defeitos". Então, voltou-se para Joseph: "Você é acusado de

levantar as mãos contra sua mulher. Culpado ou inocente?". Joseph respondeu secamente: "Culpado". Malcolm decidiu que Joseph tinha sido condenado num julgamento "classe F", querendo dizer que já não gozava de boa reputação. Por noventa dias, ele foi destituído de seu posto no foi e banido das funções do templo e até de falar com outros membros, à exceção dos funcionários. Malcolm aproveitou o vexame de Joseph como pretexto para instruir a congregação sobre os padrões que dela se esperavam:

> Você conhece as leis do Islã, irmão. Você as ensina. Você as ensinou. Você foi capitão do Fruto em Boston, e foi capitão do Fruto na Filadélfia, e foi capitão do Fruto aqui mesmo... Sabe tão bem quanto eu, talvez melhor, que a maioria dos irmãos aqui, que qualquer irmão que levante a mão contra a mulher... se isso chega ao meu conhecimento, está automaticamente suspenso do Templo do Islã por noventa dias... Espero em Alá e oro a Alá para que ele o abençoe, e que você continue forte e volte ao Templo do Islã para realizar a boa obra em nome de Alá e seu Mensageiro na Nação.[95]

Perguntou a Joseph se tinha algo a dizer em sua defesa; Joseph não quis falar, e Malcolm lhe pediu que saísse da sala. Depois, explicou aos membros do templo que a acusação original, de abuso da mulher, tinha sido feita oito meses antes — dando a entender que o caso fora examinado pelo próprio Mensageiro, que assim retardou a decisão final. Em seguida, fez uma vigorosa defesa do caráter de Joseph: "Muitos de vocês talvez não gostem dele. Muitos de vocês talvez tenham ressentimentos contra ele... Mas também muitos de vocês não fariam o sacrifício que ele faria". Sem dúvida, Joseph era um "bom irmão", mas pelos três meses seguintes seria tratado como proscrito. "E todos os muçulmanos que o seguirem são proscritos."[96]

O FBI acompanhou esses conflitos internos com grande interesse. Em 23 de outubro, seu escritório em Nova York informou ao diretor que Joseph Gravitt fora afastado como capitão do Templo nº 7, mas recebera permissão para trabalhar como cozinheiro noturno no restaurante do templo.[97] Um segundo relatório, datado de 12 de dezembro, indicava que Gravitt ainda estava suspenso; se a informação era exata, isso ocorreu depois do prazo imposto por Malcolm.[98] Na comemoração do Dia do Salvador em Chicago, no fim de fevereiro de 1957, Joseph estava de volta ao posto. Mas a experiência de tornar-se um "proscrito" do templo muito provavelmente lhe deixou um profundo senso de humilhação e perda de status. Já não era, pelo menos nos limites do templo, parceiro de

Malcolm e seu igual; era um subordinado, um tenente trabalhador, mas imperfeito, que se mostrara incapaz de se ater aos altos padrões morais de Malcolm.

Enquanto Joseph se enraivecia, Malcolm continuava insatisfeito com o lento crescimento do Templo nº 7 do Harlem. Ele começara a fazer acenos para a Igreja Batista Abissínia, e recrutara vários membros da poderosa Igreja Batista de Powell. A área de pesca mais produtiva tinha sido, de longe, a das minúsculas igrejas pentecostais, cujos membros eram negros da classe operária.[99] Mas Malcolm deve ter visto que as instituições mais bem frequentadas do Harlem eram as que se envolviam em campanhas pelos direitos civis, política eleitoral e reforma social. A cultura da NOIestava pronta a olhar para dentro, para rejeitar o "demônio" e todas as suas obras. No entanto, se nem o céu nem o inferno existiam, como ensinava Elijah Muhammad, e o inferno dos "negros" era aqui, nos Estados Unidos, não seria obrigação dos muçulmanos travarem uma jihad?

Apesar da ausência da Lei Jim Crow, a cidade de Nova York, em meados dos anos 1950, continuava altamente segregada. Como bem observou o New York Times: "Há grave discriminação contra os negros aqui, e, em muitos sentidos, eles são a classe oprimida da cidade". De regra, os negros eram barrados na maioria dos lançamentos imobiliários privados e empurrados para guetos como o Harlem. O zoneamento das escolas públicas confinava a maioria de seus filhos a uma educação inferior, e havia frequentes exemplos de brutalidade policial contra negros.[100] Para que a NOIatingisse um público de massa, Malcolm teria de abordar diretamente essas questões. Como Powell, e outros ministros políticos, ele teria de sair do santuário e concentrar-se em algo mais do que o simples recrutamento de novos fiéis para a Nação. Teria de tratar das condições dos afro-americanos no mundo real.

Embora Malcolm não se desse conta na época, sua carreira como líder nacional da campanha pelos direitos civis começou na tarde de 26 de abril de 1957, perto da esquina da avenida Lenox com a rua 125, no coração do Harlem. Dois policiais tentavam prender um homem negro, Reese V. Poe, no 120 da rua 126 Oeste, depois de uma discussão de rua. Eles batiam muito em Poe quando três homens negros tentaram intervir: Frankie Lee Potts, de 23 anos, e dois membros do Templo nº 7, Lypsie Tall, de 28, e Johnson Hinton, de 32. Os homens gritavam: "Vocês não estão no Alabama. Isto aqui é Nova York". Um dos policiais, interpretando isso como provocação, tentou prender Hinton,

supostamente por ter se recusado a deixar o lugar e resistir à prisão. Desferiu vários golpes no rosto e no crânio de Hinton, que, posteriormente, os cirurgiões diagnosticaram como causadores de lacerações no couro cabeludo, uma contusão cerebral e hemorragia subdural. Os três muçulmanos foram presos com Poe e levados para a 28ª- Delegacia.

Uma mulher que assistira ao ataque correu ao restaurante da NOI, a vários quarteirões de distância, para dar a notícia.[101] O capitão Joseph prontamente mobilizou membros pelo telefone. Ao escurecer, Malcolm e um pequeno grupo de muçulmanos foram à delegacia dispostos a ver o irmão Johnson a qualquer custo. De início, o oficial negou que houvesse ali qualquer muçulmano; mas, quando uma multidão furiosa de cerca de quinhentos moradores do Harlem se juntou, o policial mudou de ideia e permitiu que Malcolm falasse rapidamente com ele. Apesar das dores e da confusão que sentia, Hinton explicou que, quando chegaram à delegacia, e ele tentou ajoelhar-se para rezar, um policial o golpeou na boca e nas canelas com o cassetete. Malcolm rapidamente examinou as condições físicas de Hinton e exigiu que ele fosse tratado adequadamente. A polícia cedeu; Hinton foi levado de ambulância para o hospital do Harlem[102] — seguido por uma centena de muçulmanos, que marcharam pela avenida Lenox em direção norte. Malcolm sabia exatamente que efeito teria aquela marcha na mais movimentada via pública do bairro.[103] Enquanto Hinton era atendido, a multidão do lado de fora se multiplicou para 2 mil pessoas. Assustado, o Departamento de Polícia de Nova York convocou "todos os policiais disponíveis" para dar respaldo. Então, incrivelmente, eles liberaram Johnson X Hinton do hospital — e o levaram de volta para a cadeia. Os manifestantes marcharam para a delegacia, mais furiosos do que nunca, dessa vez fazendo o trajeto pela rua 125 Oeste, o corredor central do comércio do Harlem. Dentro de uma hora, pelo menos 4 mil pessoas se acotovelavam na frente da delegacia. O confronto parecia inevitável.[104]

Quando Malcolm finalmente entrou na delegacia, já passava da meia-noite. Escoltado pelo advogado Charles J. Beavers, do Harlem, negociaram a fiança para Potts e Tall e pediram para ver Hinton. A polícia permitiu, mas negou-se categoricamente a devolver Hinton para o hospital, insistindo que ele tinha de passar a noite na cadeia para comparecer à presença de um juiz de manhã. Por volta das duas e meia da madrugada, com milhares de moradores furiosos ainda do lado de fora, Malcolm percebeu que haveria um impasse. Para enfatizar sua

autoridade perante a polícia, foi lá fora e fez um sinal para sua falange do foi. Silenciosa e imediatamente, o foi saiu, com ordens para se reunir novamente no restaurante da NOIàs quatro da manhã. Seguindo seu exemplo, os manifestantes também se dispersaram em poucos minutos.

A polícia nunca vira nada parecido. Perplexo, um policial que buscava uma explicação admitiu para o editor James Hicks, do Amsterdam News de Nova York: "Homem nenhum deveria ter tanto poder".[105]

Na manhã seguinte, uma fiança de 2500 dólares foi paga pela NOI, mas a polícia ainda se recusava a entregar Hinton para seu advogado ou para Malcolm. Sangrando e desorientado, ele foi jogado na rua, em frente do tribunal criminal da cidade. A pedido de Malcolm, homens o levaram de carro para o Hospital Sydenham, do Harlem, onde os médicos calcularam que ele teria 50% de chance de sobreviver. No dia seguinte, uma multidão de mais de quatrocentos muçulmanos e moradores do Harlem reuniu-se para uma vigília num pequeno parque diante do hospital; membros da NOItinham vindo de Boston, Washington, Baltimore, Hartford e outras cidades para participar. Malcolm deixou clara a posição da NOI: "Não procuramos encrenca... não portamos facas ou armas de fogo. Mas aprendemos também que, quando alguém acha alguma coisa pela qual vale a pena se meter em encrenca, deve estar pronto para morrer, ali mesmo, naquele momento, por aquela coisa em particular". Como bem observou James Hicks: "Apesar de seríssimos em seu protesto, eles se comportaram com a disciplina de um batalhão de fuzileiros navais".[106]

Os três homens presos foram subsequentemente absolvidos. Johnson X Hinton e os muçulmanos moveram uma ação bem-sucedida contra o Departamento de Polícia de Nova York, recebendo mais de 70 mil dólares, a maior indenização por brutalidade policial que um júri de Nova York jamais concedera.[107] Mas o incidente também pôs em andamento as forças que culminaram na inevitável ruptura de Malcolm com a Nação do Islã. Elijah Muhammad só conseguia manter sua autoridade pessoal mantendo os adeptos longe do mundo exterior; Malcolm sabia que o futuro crescimento da Nação dependia de sua imersão nas lutas diárias da comunidade negra. Seu evangelismo ampliara o número de membros da NOI, dando-lhe maior impacto, mas também o forçara a encarar, de novas formas, os problemas dos americanos negros não muçulmanos. Com o tempo, ele teria de escolher: ou se mantinha fiel a Elijah Muhammad, ou "ficaria do lado do meu povo".[108]

5. "Irmão, o ministro precisa casar"

Maio de 1957-março de 1959

A controvérsia em torno de Johnson Hinton apresentou a Nação do Islã a centenas de milhares de negros, e Malcolm soube tirar vantagem disso. Ele já começara a publicar regularmente uma coluna em que mostrava, em linhas gerais, os pontos de vista da NOI, "God's Angry Men" [Raivosos homens de Deus], na Amsterdam News, e agora se empenhava em ampliar o apelo do grupo. Elijah Muhammad, afirmou Malcolm numa coluna, era um "Moisés dos tempos modernos que... pediria a Deus... para destruir esta raça maldita e seu império escravista com as pragas do câncer, da pólio [e] das doenças do coração".[1]

Centenas de novos negros, fossem inspirados pelo episódio de Hinton, ou movidos apenas pela curiosidade, começaram a comparecer às palestras do templo. Em vez de pregar para os já convertidos, Malcolm passou a dar mais atenção à elaboração de uma mensagem popular, e raramente deixava de causar forte impressão.[2] Aos poucos, incorporou às palestras uma consciência, cada vez mais aguda, dos acontecimentos mundiais, fundindo a situação e os objetivos dos povos oprimidos com a situação e os objetivos dos negros dos Estados Unidos. Num sermão de 21 de junho no Templo nº 7, por exemplo, ele juntou o tema da solidariedade do Terceiro Mundo, apresentado em Bandung, com a visão apocalíptica de Elijah Muhammad:

> Quem é o homem original?... É o homem negro asiático... Os homens morenos, vermelhos ou amarelos, junto com o negro, superam numericamente o homem branco à base de onze para um. E sabem disso.

> Se algum dia se juntarem para exigir de volta o que os brancos lhes tomaram, os brancos não terão a menor chance. Que cegueira nos impede de ver que nosso povo, todo o nosso povo, precisa se unir. Mas o Honrado Elijah Muhammad está aqui para nos unir. O dia está próximo. Na ONU há um pacto de países chamado bloco afro-asiático. É um bloco formado por alguns países negros deste mundo. Eles se tornam mais fortes, e isso é apenas uma pequena prova a mais de que os homens negros começam a perceber que há uma força nos números.[3]

O verão de 1957 foi de tremendo crescimento para Malcolm, que continuava a abrir caminhos para dar mais legitimidade à Nação, enquanto mantinha um absorvente e exaustivo programa de palestras. Em julho, o Templo nº 7 sediou um evento extravagante, o Festival dos Seguidores do Mensageiro Muhammad, na danceteria Park Palace, no Harlem. Mais de 2 mil pessoas compareceram, incluindo Rafik Asha, líder da missão síria na ONU, e Ahmad Zaki el-Barail, o adido egípcio.[4] A presença de diplomatas muçulmanos era uma indicação de que os esforços de Elijah Muhammad para obter maior legitimidade no mundo islâmico produziam resultados. O principal orador não foi Malcolm, mas Wallace Muhammad, de 24 anos, que tinha nascido em 30 de outubro de 1933 e era o sétimo filho de Clara e Elijah. Wallace era ministro assistente no templo de Chicago, e sua participação em Nova York era significativa. Ele recebera lições de árabe quando adolescente, e, em meados dos anos 1950, incomodado com as incompatibilidades entre os ensinamentos de seu pai e os princípios fundamentais do Islã, aproveitou a oportunidade para tentar aproximar-se de autoridades de países muçulmanos. É possível que tenha confiado suas dúvidas a Malcolm; o certo é que esse evento marcou o início do estreitamento das relações entre os dois jovens.

Em agosto, Malcolm deu um grande passo para abrigar uma geração mais velha de moradores do Harlem sob o manto da NOI. Naquele mês, um festival em homenagem a Marcus Garvey foi organizado no Harlem por um comitê de ativistas locais, que incluíam o Movimento Nacionalista Africano, de James Lawson, e o Movimento Nacionalista Africano Unido. Um grande palanque ao ar livre foi construído para acomodar os convidados, e um impressionante time de oradores foi escalado.[5] Não há dúvida, entretanto, de que Malcolm roubou o show. "Orador muçulmano arrebata multidão de garveyistas", informou o jornal do Harlem, notando que "o entusiasmado Mr. X... atacou a raça branca como 'responsável pelas difíceis condições dos chamados negros nos Estados Unidos' e

censurou os líderes políticos e religiosos negros por não passarem de 'fantoches do homem branco'."[6] Sua ousada atuação na frente da delegacia de polícia tinha inspirado respeito, mas foi esse discurso no festival que converteu centenas de garveyistas da velha guarda para sua causa.

O perfil ascendente de Malcolm e da Nação ajudou a aumentar significativamente o número de membros, mas também serviu para colocá-los em maior evidência no campo de visão das autoridades locais e federais. Em seguida ao episódio do espancamento de Hinton, a unidade de operações secretas do Departamento de Polícia de Nova York, a Agência de Serviços Especiais e de Investigação (Bureau of Special Services and Investigation, BOSS ou BOSSI), passou a demonstrar um interesse especial. BOSS era uma unidade de elite, composta de detetives e encarregada de dar segurança a dignitários e líderes públicos em visita à cidade. Também realizava atividades secretas, como grampear telefones e infiltrar-se em organizações que considerava subversivas. Em 15 de maio de 1957, o inspetor-chefe do Departamento de Polícia de Nova York, Thomas A. Nielson, enviou uma série de telegramas e cartas urgentes a várias agências de aplicação da lei em todo o país, pedindo informações sobre Malcolm. Escreveu para o Departamento de Polícia de Detroit; para a Comissão de Liberdade Condicional de Michigan; para chefes de polícia de Dedham e Milton, Massachusetts, e de Lansing, Michigan; e para o superintendente do Reformatório de Massachusetts, em Concord. A cada um, Nielson pedia "informações completas sobre antecedentes criminais, com fotos, mostrando descrição total".[7] O Departamento de Polícia de Nova York também começou (ou intensificou) o monitoramento de Malcolm nas reuniões públicas da NOI.

No fim daquele verão, Elijah Muhammad deu a Malcolm permissão para fazer uma série de quatro semanas de palestras no Templo nº 1, em Detroit, agora instalado numa sede bem maior na rua John C. Lodge, número 5401. O interesse despertado pela série de palestras foi tão amplo que o Pittsburgh Courier, um dos mais importantes jornais negros do país, publicou uma entrevista com Malcolm na qual ele denunciava o governo Eisenhower, em especial por não ter apoiado a dessegregação das escolas públicas no sul. "A raiz do problema, e o centro da arena, está em Washington, d. c.", declarou ele, "onde os 'magos do Faraó' de hoje apresentam um grande espetáculo, e enganam a maioria dos chamados negros fingindo que estão divididos entre si." O maior criminoso era Eisenhower, "o 'mago mestre'" que "está ocupado

demais jogando golfe para falar publicamente o que pensa — e com o senso de oportunidade de um grande general, quando fala, sempre é tarde demais".[8] Diferentemente de Elijah Muhammad, que depois de cumprir pena de prisão raramente criticava o governo e quase nunca citava autoridades pelo nome, Malcolm foi franco e citou nomes.

As palestras públicas de Detroit significavam uma almejada volta ao lar e o prenúncio do que o futuro reservava para a militância negra. Divulgada por parentes e amigos, a notável trajetória de Malcolm da criminalidade para uma posição de liderança pública era bem conhecida na Detroit negra. O repórter do Los Angeles Dispatch que cobriu a palestra de Malcolm em 10 de agosto de 1957 comentou: "Mais de 4 mil muçulmanos e não muçulmanos lotaram o Templo do Islã de Muhammad em Detroit para ouvir o jovem Malcolm X". O jornal reproduziu a descrição feita por Malcolm da posição dos americanos negros no sistema político dos Estados Unidos, como

> estratégica e única. Pois, muito embora os negros sejam privados da maioria dos poderes eleitorais, seus diluídos votos vão influenciar o equilíbrio de poder na eleição presidencial ou em quaisquer outras eleições neste país. Quais seriam o papel e a posição do negro se ele tivesse plena voz no processo eleitoral?... Não admira, portanto, que se tenha tanto medo da luta pela liberdade e pela igualdade de direitos do povo negro... Se os líderes atuais dos chamados negros americanos não se unirem logo, e não tomarem posição firme, adotando medidas positivas para eliminar de imediato as brutais atrocidades cometidas diariamente contra nossa gente, e, se a chamada intelligentsia negra, os intelectuais e educadores não se unirem para alterar esta situação indecente e degradante, então o homem da rua de agora em diante cuidará do assunto com suas próprias mãos.[9]

Essa passagem é extraordinária em diversos níveis. Primeiro, ela prevê a eleição presidencial de 1960, na qual Kennedy ganhou por pouco, com 72% dos votos do eleitorado negro. Anos antes da aprovação da lei dos direitos eleitorais de 1965, Malcolm parece associar o fortalecimento geral dos afro-americanos com a luta pelo registro e pela educação dos eleitores. Anos antes de King, Malcolm compreende a força potencial do voto negro em bloco. Segundo, ela propõe uma ampla coalizão de organizações de direitos civis e outros grupos — incluindo, ao que tudo indica, a NOI— para atacar os problemas coletivos dos negros. Terceiro, a frase final do trecho citado implica uma dura advertência à intelligentsia e à classe média negras, no sentido de que os setores mais desamparados das massas

negras podem, por impaciência ou desespero, rebelar-se violentamente. O tema será abordado por Malcolm em seu mais famoso discurso, a "Message to the Grassroots" [Mensagem às bases], pronunciado em Detroit, em 10 de novembro de 1963. O discurso também prenuncia "O voto ou a bala", de 3 de abril de 1964, que prevê uma revolução sem derramamento de sangue, comandada por negros que exercem o direito democrático de votar.

O que havia de verdadeiramente paradoxal no discurso de 10 de agosto de 1957 era que a NOI, naquele momento, se opunha rigorosamente à participação de seus membros na política eleitoral, não querendo nem mesmo que se registrassem para votar. O que continuava paradoxal a respeito da Nação era que, apesar de estar organizado para alcançar o poder, seu núcleo filosófico era apolítico. Membros dos templos jamais eram encorajados a participarem de manifestações pelos direitos civis, ou a perturbarem lugares públicos envolvendo-se em atos de desobediência civil. Dificilmente se poderia dizer que eram "revolucionários".[10] Talvez uma explicação fosse a crescente influência do congressista Powell sobre Malcolm. O bloco eleitoral da Igreja Abissínia, formado por 1500 eleitores, mostrava quanto uma única instituição negra podia ser poderosa, no contexto da política turbulenta de Nova York. Malcolm pode ter proposto a ideia como parte de uma tentativa de mudar a rígida posição de hostilidade de Elijah Muhammad diante da política.

Finalmente, a fluida construção do discurso mostrava a confiança retórica de Malcolm. Muito embora a conferência tenha sido formalmente patrocinada pela Nação do Islã, seu foco e seu estilo eram profundamente seculares: Malcolm já não se via exclusivamente como ministro da NOI, mas como alguém que podia juntar sua voz à política negra.

O FBI, é claro, acompanhou de perto essa e outras palestras futuras. Um dos seus espiões avisou que em setembro Malcolm fora nomeado ministro interino do templo de Detroit. O informante acrescentou que "Little é muito apreciado em Detroit e a reunião em que falou foi bem concorrida". Dois meses depois, Wilfred X Little iria se tornar ministro do Templo nº 1.[11] O Amsterdam News também acompanhou a turnê de Malcolm pelo centro-oeste, informando que ele "fez grande sucesso com o público de Detroit em geral". Os lugares onde falou naquela cidade "ficaram lotados",[12] e sua ação evangélica, observou o jornal, produzira grandes dividendos para a Nação.[13]

A programação de discursos de alto impacto de Malcolm atraiu um fluxo de

ouvintes e manteve o interesse da mídia, mas também maltratou seu corpo já enfraquecido. Por um mês depois das palestras de Detroit, ele sobreviveu com apenas duas ou quatro horas de sono por noite, alimentando-se uma vez por dia, e encharcando-se de café para ficar acordado. Dias depois de uma palestra em 23 de outubro, ele começou a sentir fortes dores no peito e no estômago. Com medo de que pudesse ter uma doença coronária, fez um check-up no Hospital Sydenham, do Harlem. Os médicos diagnosticaram palpitações do coração e uma inflamação nas costelas, mas atribuíram esses problemas a cansaço e estresse. Insistiram para que tirasse uma folga, mas ele, inflexível, rejeitou os conselhos.[14]

Ao sair do hospital após uma estada de dois dias, foi a Boston para presidir a inauguração de um novo templo e dar apoio a seu protegido Louis X, ministro daquele templo.[15] Apresentado como "o fundador do templo de Boston", Malcolm lembrou aos ouvintes as desigualdades que existiam nos Estados Unidos. Negros "morreram por este país e apesar disso não somos cidadãos [plenos]". Até mesmo outros grupos discriminados, como os judeus, recebiam tratamento melhor. "Um judeu está na Casa Branca, há judeus na Câmara estadual, os judeus governam o país. Vocês e eu não podemos ir a um hotel lá no sul", afirmou, "mas um judeu pode".[16]

Malcolm continuou a criticar publicamente o Departamento de Polícia de Nova York, escrevendo um telegrama ao comissário no qual exigia que os policiais diretamente envolvidos no incidente com Hinton fossem suspensos. Em outubro, quando um júri de instrução de Nova York optou por não indiciar os responsáveis, Malcolm condenou a decisão. "O Harlem já é um barril de pólvora em potencial", advertiu. "Se esses policiais brancos tiverem permissão para permanecer na área do Harlem, sua presença não será apenas uma ameaça à sociedade, mas à paz mundial."[17] O BOSS interpretou as palavras de Malcolm como ameaça à polícia e intensificou a espionagem, colocando policiais negros clandestinamente na Nação. Em 7 de novembro, o detetive Walter A. Upshur, do BOSS, fez uma visita a William Traynham, o administrador do Hospital Sydenham no Harlem, para indagar sobre a recente hospitalização de Malcolm. O detetive descobriu que o "diagnóstico reconhecido [de Malcolm] era doença coronária" e conseguiu o nome e o endereço de seu médico particular.[18]

Em 10 de novembro, Malcolm estava de volta a Detroit, e logo depois saiu para uma turnê de quase três semanas pela Costa Oeste,[19] com o objetivo de estabelecer um templo que tivesse forte presença em Los Angeles. Em seguida,

fez uma parada não programada em Detroit para dizer a uma plateia lotada que o Islã "espalha-se como um incêndio, despertando e unindo negros onde quer que se faça ouvir".[20] Embora Malcolm costumasse falar em templos muçulmanos, seu público compunha-se, cada vez mais, de negros muçulmanos e não muçulmanos. Com sua linguagem e seu estilo, Malcolm estendeu a mão para converter cristãos negros à sua causa.

Seu progresso como conferencista nacional gerou lucro para a Nação. De quinhentos a mil afro-americanos ingressavam por mês. A necessidade de novos templos deve ter sido interminável. Boa parte da nova renda ia para empreendimentos comerciais, supervisionados por Raymond Sharrieff, a maioria em Chicago: um restaurante, uma lavanderia, uma padaria, uma barbearia, uma boa mercearia. A Nação também comprou um prédio de apartamentos no sul de Chicago, assim como uma fazenda e uma casa em White Cloud, Michigan, avaliada em 16 mil dólares. O sucesso econômico dessas iniciativas pode ter sido responsável pela decisão tomada por Elijah Muhammad de parar de mencionar os princípios fundamentais do Islã de W. D. Fard — em particular, a estranha história de Yacub — e a dar mais ênfase à tese garveyista de que uma economia autossustentável, só de negros, era uma estratégia viável.

A popularidade de Malcolm lhe deu uma influência inédita sobre Muhammad, garantindo-lhe importantes concessões, como a permissão para que ministros da NOIusassem o sobrenome Shabazz, em vez do X habitual. Uma vez que, segundo a teologia da NOI, Shabazz era a identidade tribal de origem dos perdidos e achados, o nome poderia muito bem ser usado como sobrenome legítimo. Diferentemente da noção de que "Malcolm Shabazz" só surgiu depois que Malcolm rompeu com a Nação em 1964, ele já usava o nome em 1957.[21]

O orgulho que sentia Muhammad do discernimento estratégico de Malcolm permitiu ao jovem ministro preparar campanhas regionais de recrutamento em áreas onde a NOInunca se aventurara. O exemplo melhor, e em muitos sentidos o mais problemático, foi o sul. Apesar de Malcolm ter estabelecido o templo em Atlanta em 1955, a NOIpraticamente não tinha presença abaixo da linha Mason-Dixon. Apesar disso, nos anos recentes de grande crescimento da Nação, a região tornara-se um barril de pólvora racial. Em Montgomery, no Alabama, o bem-sucedido boicote dos ônibus em 1955-6, deflagrado pela recusa de Rosa Park a ceder o lugar num ônibus segregado, chamara a atenção nacional para a luta pela abolição da Lei Jim Crow. Como a posição da Nação do Islã era favorável à

separação racial, Malcolm achava importante não permitir que reformadores integracionistas, como Martin Luther King Jr., tivessem grande influência — a mensagem de solidariedade negra, de capitalismo negro e de separatismo racial pregada por Elijah Muhammad precisava ser levada à cidade de Dixie, ao sul. Esses argumentos tinham sentido para Muhammad, que lhe deu permissão para lançar uma campanha sulista. Apesar de ansioso, Malcolm agiu com cautela: quando a imprensa pedia sua opinião sobre o boicote em Montgomery, ele elogiava a coragem de Rosa Park, descrevendo-a como "uma mulher negra cristã, boa e trabalhadeira".[22] Raras vezes ele criticou diretamente os protestos defendidos por King.

Malcolm já tinha alguma experiência em fazer campanha pela Nação do Islã no sul. Em agosto de 1956, um ano depois de estabelecer o templo em Atlanta, foi o principal orador na primeira Turnê de Boa Vontade da Irmandade do Islã. A convenção atraíra centenas de pessoas da região, mas, para assegurar um comparecimento espetacular, templos da NOIde lugares tão distantes como Atlantic City e Lansing enviaram seus membros. Quando a turnê terminou, o templo de Atlanta tinha dobrado o número de adeptos.[23] Em fevereiro do ano seguinte, Malcolm foi novamente chamado ao sul, dessa vez ao Alabama. Durante a viagem para a convenção do Dia do Salvador em Chicago, um grupo de membros da NOIenredou-se com a polícia numa estação de trem, na pequena cidade de Flomaton. Duas mulheres muçulmanas tinham violado um regulamento sentando-se num banco destinado ao uso exclusivo de brancos, e a polícia foi chamada para confrontá-las. Quando dois jovens muçulmanos, Joe Allen e George R. White, tentaram proteger as mulheres, o chefe de polícia local, "Red" Hemby, puxou seu revólver. Na luta, Allen e White desarmaram e surraram violentamente o policial. Minutos depois, foram presos e acusados de tentativa de homicídio. Chegando a Flomaton, Malcolm usou sua influência para libertá-los depois de pagarem pequenas multas.[24]

Sua segunda grande turnê sulista, peça principal da campanha que Muhammad tinha aprovado, realizou-se em setembro e outubro de 1958, a partir de Atlanta, que, com seu próspero templo, ainda era um dos poucos centros urbanos da região a ter uma presença significativa da NOI. Em 29 de setembro, ele estava na Flórida, e nas próximas duas semanas membros da NOIno estado coordenaram palestras públicas para ele em Miami, Tampa e Jacksonville. Aparentemente, Malcolm não alterou suas palestras para tratar de assuntos

regionais de particular relevância no sul. Apesar disso, seus discursos atraíram modesta cobertura da mídia, e a turnê fortaleceu o perfil da Nação, especialmente em Miami.

A NOInunca conquistou no sul o grupo de simpatizantes com que contava principalmente no urbano e industrial centro-oeste, na Costa Leste e na Califórnia. Sua fraqueza organizacional na região devia-se a vários erros cruciais cometidos em resposta a recentes campanhas de dessegregação. Seguindo o exemplo de Muhammad, os líderes da NOIacreditavam que os sulistas brancos eram pelo menos honestos em seu ódio contra os negros. A NOIera incapaz de imaginar um futuro em que a segregação de Jim Crow pudesse ser banida. Consequentemente, concluiu Malcolm, "a vantagem disso é que os negros sulistas jamais alimentaram ilusões sobre a oposição que enfrentam". Uma vez que a supremacia branca sempre seria realidade, o melhor que os negros tinham a fazer era manter uma relação possível com brancos racistas, em vez de se aliarem com os liberais nortistas. Era uma trágica reprise da desastrosa tese de Garvey que culminara em tentativas de aproximar-se de organizações favoráveis à supremacia branca. "Pode-se dizer a muitos brancos sulistas que eles, individualmente, foram paternalisticamente úteis a muitos negros", afirmaria Malcolm na Autobiografia. "Nada sei a respeito do sul. Sou cria do branco nortista."[25]

Muito embora a campanha sulista de Malcolm tenha produzido modestos resultados, esse esforço empalidecia diante do seu notável êxito na expansão da Nação do Islã em todo o país. Dos milhares de novos convertidos que fez em 1956-7, dois desempenhariam papéis em sua vida que ele jamais poderia imaginar. Um deles era James Warden, natural de Nova York e filho de um organizador sindical que em dado momento talvez tenha sido membro do Partido Comunista. Depois de formar-se na High School of Science, do Bronx, Warden estudou na Universidade de Lincoln, na Pensilvânia, e passou dois anos no serviço militar; de volta à sua casa, matriculou-se no mestrado do East Asian Institute, da Universidade Columbia.[26] Em 1957, quando tinha 25 anos, um amigo o convenceu a ir ao templo da NOIpara ouvir Malcolm. Ele resistiu um pouco: Warden tinha antipatia por tudo que já ouvira falar a respeito desse culto estranho e racista. "No meu entendimento, essas pessoas estavam dizendo: 'o homem branco é o demônio'", lembrava-se ele. "Pensei comigo, deve ser um bando de malucos, [mas] os Estados Unidos estão cheios de gente assim." Ao

entrar no templo, na esquina da rua 116 Oeste com a avenida Lenox, sentiu-se ofendido por ter de submeter-se a uma inspeção física. Quando o programa começou, mais frustração; o orador aquela noite não era Malcolm, mas Louis X Walcott. Quando Louis disparou seu entusiasmado sermão, Warden perguntou-se, perplexo: "Será que esse homem perdeu o juízo?". O conceito de que os brancos eram, literalmente, demônios parecia absurdo. Warden jurou para si mesmo: "Se eu conseguir sair deste lugar sem ser preso, nunca mais volto".[27]

Mas a curiosidade venceu. Cinco noites depois, ele voltou, mas, de novo, teve uma decepção quando outro ministro falou para a congregação. Ainda assim, persistiu, e duas noites depois finalmente ouviu Malcolm falar. A experiência foi uma revelação. Ali estava diante dele, em exposição, a grande força de Malcolm não apenas como orador, mas como professor. Nesse sermão, como em muitos, ele usou um quadro-negro, como parte da apresentação, e recorreu a fontes acadêmicas para reforçar seus argumentos. Também não se incomodava com as contestações. Quando saiu do templo aquela noite, Warden sentiu que queria voltar. Nos nove meses seguintes, continuou a assistir às reuniões, embora sem ingressar formalmente. O que, finalmente, o levou a decidir-se foi o fato de ser alvo de insultos racistas de colegas seus na Universidade Columbia. Quando o ridicularizavam, chamando-o de "crioulo", ele ficava furioso. "Eu pensei que frequentasse aulas com pessoas que, devido a nossos interesses comuns, me dessem algum valor ou me respeitassem como pessoa", disse. "Não era o caso."[28] Entregando-se a Nação, Warden desabrochou, e, em 1960, foi nomeado tenente do foi. Nessa condição, sua amizade com Malcolm evoluiu para dedicação. Baixo, belicoso, fluente em três línguas, incluindo o japonês, o determinado Warden — com o novo nome de James 67X — iria se tornar com o tempo um dos mais fiéis conselheiros de Malcolm.

Outra aquisição importante foi Betty Sanders. Nascida em 28 de maio de 1934, ela foi, como Malcolm, criada numa casa onde questões de raça tinham papel de destaque. Seus pais adotivos, Lorenzo e Helen Malloy, tiraram-na de um lar desfeito quando menina e ofereceram-lhe uma existência estável de classe média. Lorenzo Malloy formara-se no Tuskegee Institute e era dono de uma oficina de conserto de sapatos em Detroit. Helen Malloy era ativa no movimento pelos direitos civis, servindo como funcionária da Liga Nacional das Donas de Casa, grupo que fazia boicotes contra lojas pertencentes a brancos que não contratavam negros ou que não vendiam produtos de negros. Pertencia também

à NAACP e ao Conselho Nacional de Mulheres Negras de Mary McLeod Bethune, dois pilares da burguesia negra. Betty frequentou a Northern High School de Detroit e, quando recebeu o diploma em 1952, matriculou-se no Tuskegee Institute, para estudar pedagogia. Dois anos depois, mudou para o curso de enfermagem; contrariando os conselhos dos pais, transferiu-se para a escola estadual de enfermagem do Brooklyn, onde obteve o diploma de graduação em 1956, e logo em seguida principiou seus estudos clínicos no Hospital Montefiore, do Bronx.[29]

Betty descobriu a NOIinteiramente por acaso, como Warden. Numa noite de sexta-feira, em meados de 1956, uma enfermeira mais velha convidou-a para um jantar patrocinado pela NOI, seguido de um sermão no templo. Betty achou o principal orador "desconcertante". Apesar de fazer sérias restrições, consentiu em ir uma segunda vez e, nessa ocasião, Malcolm falou. Ao perceber-lhe o físico esguio, a primeira impressão que teve deixou-a preocupada: "Esse homem está totalmente desnutrido!",[30] pensou. Depois da palestra, Betty foi apresentada a ele, e, enquanto os dois conversavam, ficou impressionada com o jeito descontraído de Malcolm. No palco, ele lhe parecera valente e austero; em particular, era agradável, até mesmo gracioso. Intrigada, passou a frequentar os sermões do Templo nº 7, de início escondendo dos pais seu encantamento com os muçulmanos. Naquele outono, Betty Sanders aderiu formalmente, tornando-se Betty X, e servindo como instrutora de saúde no curso de civilização geral da MGT. Os amigos fora do templo achavam que aquela recém-descoberta paixão pela Nação tinha a ver com seus sentimentos pelo ministro Malcolm.

No fim de 1958, um informante afro-americano do FBI fez uma avaliação do caráter e do prestígio de Malcolm dentro da NOI:

> Irmão MALCOLM deve ser o terceiro mais influente. Tem ilimitada liberdade de ação em todos os estados, e fora da família do Mensageiro é o seguidor mais confiável. É excelente orador, enérgico e convincente. É hábil organizador e trabalhador incansável... MALCOLM tem grande ódio dos "demônios de olhos azuis", mas é improvável que esse ódio rebente em violência, pois é esperto e inteligente demais para isso... É destemido e não se consegue intimidá-lo com palavras ou ameaças de agressão pessoal. Tem quase todas as respostas na ponta da língua, e deve ser tratado com o maior cuidado. É improvável que viole qualquer regulamento ou lei. Não fuma, não bebe e tem elevado caráter moral.[31]

Essa avaliação realçava o problema do FBI. Apesar de a Polícia Federal ver em Malcolm uma possível ameaça à segurança nacional, seu rígido código de conduta e sua grande capacidade de liderança tornavam difícil difamá-lo. Ele não tinha vulnerabilidades óbvias, nem era provável que pudesse ser induzido a cometer um erro. Mas o que a avaliação deduzia era que a autoridade de Malcolm dentro da seita emanava diretamente de sua proximidade com Elijah Muhammad. O FBI não demorou muito a dar-se conta de que qualquer conflito entre Muhammad e Malcolm enfraqueceria a Nação.

No fim de 1957, Malcolm tornara-se a versão de Adam Clayton Powell Jr. da NOI— um ministro-celebridade, com base em Nova York, mas cujo papel maior o obrigava a passar semanas na estrada. Acumulando cada vez mais responsabilidades, ele levava uma vida corrida, numa confusa maratona de aviões, trens, palestras e sermões. Em certo nível, devia sentir o peso de um grande fardo de solidão e frustração, especialmente quando o encanto de novas iniciativas dava lugar à inevitabilidade da rotina. A aclamação que de início fora tão embriagadora também o cumulou de fardos significativos: as dificuldades e humilhações que os negros enfrentavam ao viajar pelo país naqueles anos; os desafios da obra pastoral — ir visitar membros nos hospitais, supervisionar funerais, preparar sermões e preces. Quando em Nova York, esperava-se dele que fosse presença constante nas noites do templo, enquanto sua agenda semanal era estritamente organizada. A segunda-feira era a noite do foi, quando todos os homens eram instruídos em artes marciais, assim como "nas obrigações de marido e pai", como dizia Malcolm. A terça-feira era a "Noite da união, quando irmãos e irmãos desfrutavam da companhia uns dos outros para conversar". A quarta-feira era a matrícula de estudantes, com palestras que explicavam a teologia da NOI. A quinta-feira era reservada para a MGT e para o curso de civilização geral, onde Malcolm costumava dar palestras. A sexta-feira era a noite da civilização, com aulas "para irmãos e irmãs na área de relações domésticas, dando ênfase à forma como marido e mulher devem compreender e respeitar a verdadeira natureza um do outro". No sábado, os membros eram livres para se visitarem reciprocamente em suas casas; e o domingo era reservado para o principal serviço religioso da semana.[32]

Provocado por um corrosivo senso de vazio na vida, ou por algo menos emocional, o fato é que Malcolm começou a pensar em casamento. Uma

mudança nesse sentido lhe traria vantagens práticas; Malcolm calculou que seria um representante mais eficaz de Elijah Muhammad se fosse casado. Ouvira muitos rumores sobre seus envolvimentos românticos, e tentara dissipá-los. Todos no Templo nº 7 sem dúvida sabiam da longa relação do ministro com Evelyn Williams.

É impossível saber se foram as renovadas intimidades do ministro com a amante, ou se foram as sanções islâmicas contra o sexo pré-marital que afetaram seu comportamento. Em 1956, Malcolm propôs casamento, e Evelyn aceitou, mas poucos dias depois ele retirou a proposta. De todas as mulheres com quem se envolveu, escreveria depois para Elijah Muhammad, "irmã Evelyn é a única que tem queixas legítimas contra mim... e sou testemunha de que se ela reclama é porque tem razão".[33]

Mas Evelyn não foi a única a quem Malcolm propôs casamento em 1956. Naquele ano, ele propôs a outra mulher da NOI, Betty Sue Williams. Pouco se sabe a respeito dela, embora fosse, provavelmente, irmã de Robert X Williams, ministro do templo de Buffalo. Ambas as mulheres, em diferentes sentidos, eram escolhas inadequadas. Malcolm sentia que formara laços de confiança e parentesco espiritual com seus seguidores religiosos e, cada vez mais, com a comunidade do Harlem. A mulher que escolhesse para casar afetaria essas relações. O amor romântico e a atração sexual, pensava ele, tinham pouco a ver com seu papel fundamental de ministro e modelo de conduta. Evelyn o conhecia e o amava desde que era Detroit Red, e embora ele tivesse mudado drasticamente, o direito que ela julgava ter sobre ele em virtude do passado comum estaria sempre em conflito com seu compromisso com a Nação. Por esse motivo, Malcolm achava necessário que sua mulher não tivesse conhecimento algum, ligação alguma, com sua vida pregressa. E Betty Sue, que provavelmente morava em Buffalo, a 650 quilômetros do Harlem, não fazia parte da comunidade do Templo nº 7. Malcolm orgulhava-se dos laços que criara com os membros daquele templo e com a comunidade do Harlem em geral. Achava que a mulher do ministro era uma extensão dele mesmo; que às vezes ela o representaria em eventos públicos, e precisava ter a mesma dedicação que ele tinha a Muhammad e à NOI. As fracassadas propostas de Malcolm em 1956 certamente contribuíram para aumentar seu senso de isolamento pessoal e solidão privada.

Se razões práticas acabaram por dominar seus pensamentos sobre a escolha

de uma mulher, isso talvez tivesse muito a ver com o sentimento de traição que havia muito alimentava, em consequência dos maus-tratos sofridos nas mãos de parceiras do passado, especialmente Bea. Ele acabara com medo de que lhe fosse impossível amar outra mulher, ou confiar novamente. "Eu tinha tido muitas experiências que mostravam que as mulheres eram apenas carne manhosa, enganadoras e indignas de confiança", queixava-se. "Pedir a uma mulher que não falasse demais era como pedir a Jesse James que não andasse armado, ou pedir a uma galinha que não cacarejasse."[34] E saber quando não falar era um talento crucial para qualquer uma que viesse a se tornar a sra. Malcolm Shabazz.

Malcolm também tinha ideias firmes sobre o papel da mulher. "O Islã tem leis e ensinamentos muito rígidos sobre as mulheres", observou. "A verdadeira natureza do homem é ser forte, e a verdadeira natureza da mulher é ser fraca... [o homem] precisa controlá-la, se quiser ser respeitado por ela."[35] Por ver as mulheres como inerentemente inferiores e subordinadas aos homens, ele não procurava uma mulher com quem pudesse compartilhar seus sentimentos mais íntimos. Esperava que sua mulher fosse obediente e casta, gerasse seus filhos e mantivesse uma casa muçulmana.

Esses sentimentos eram bastante compatíveis com os da Nação em geral, que, por sua vez, estavam afinados com os do Islã ortodoxo. Na tradição corânica, os objetivos primordiais do casamento (nikah) são a reprodução sexual e a transferência e herança da propriedade privada de uma geração para outra. O nikah também controla a tentação da promiscuidade. A relação carnal pode facilmente levar ao caos social, ou fitna, se não for rigorosamente controlada.[36] Para a maioria dos muçulmanos, o sexo pré-marital, o homossexualismo, a prostituição e as relações sexuais fora do casamento são absolutamente proibidos.

Em todo o mundo islâmico, o casamento é visto como a união de duas famílias ou linhas de parentesco, mais do que um ato ditado por dois indivíduos. Nas negociações com os parentes do futuro marido, a noiva geralmente é representada por um wali, ou guardião, quase sempre o pai ou um parente mais velho do sexo masculino. Encontros pré-maritais entre homens e mulheres são estritamente supervisionados. Considera-se a base do casamento o respeito recíproco, a amizade e um compromisso comum com um modo de viver islâmico.[37] O que ocorre ao longo dos séculos é que tais processos, infelizmente, tendem a reforçar estruturas islâmicas do patriarcado e da violência doméstica

contra as mulheres.

O Alcorão é bem específico no que diz respeito às expectativas islâmicas quanto às obrigações das mulheres. Surah XXIV, versículo 33, instrui as "mulheres crentes":

> A baixarem os olhos e serem modestas, a mostrarem apenas aqueles atrativos que estão à vista, a cobrirem o colo com véus e não mostrarem seus atrativos, a não ser aos maridos, aos pais, aos pais dos maridos, aos filhos, aos filhos dos maridos, a seus irmãos, aos filhos dos irmãos e filhos das irmãs, às suas mulheres, ou às suas servas, ou aos seus criados do sexo masculino que não tenham vigor, ou às crianças que nada saibam da nudez da mulher. E que não pisem com força para não revelarem seus atrativos ocultos.[38]

A Nação tentou incorporar alguns desses valores em seu próprio catecismo. As opiniões de Elijah Muhammad sobre as relações entre os sexos seriam estabelecidas em seu manifesto de 1965, Message to the Blackman in America [Mensagem ao homem negro nos Estados Unidos]. Para Muhammad, machos e fêmeas ocupavam esferas distintas. As mulheres negras tinham sido mães da civilização e desempenhariam papel central na construção do mundo futuro. Metaforicamente, eram o campo onde uma poderosa Nação haveria de crescer; era, portanto, essencial que os homens negros mantivessem o demônio, o homem branco, longe desse "campo", porque a mulher negra era muito mais valiosa do que qualquer colheita de cultivo comercial. Não havia dúvida de que todas as mulheres precisavam ser controladas; a questão era decidir quem exerceria esse controle, se o homem branco ou o homem negro. Ele advertia também contra o controle da natalidade, trama diabólica destinada a praticar o genocídio contra bebês negros. Era precisamente essa capacidade feminina de produzir filhos que dava ao sexo mais fraco seu valor. "Quem quer uma mulher estéril?",[39] perguntava ele, retoricamente.

O que atraía tantas mulheres afro-americanas inteligentes e independentes para uma seita tão patriarcal? O mundo sexista e racista dos anos 1940 e 1950 fornece parte da resposta. Muitas mulheres afro-americanas que participavam da força de trabalho remunerada eram empregadas domésticas que, rotineiramente, sofriam assédio sexual dos patrões brancos. A NOI, por contraste, oferecia-lhes a proteção de um patriarcado privado. Como ocorria com suas equivalentes brancas de classe média, não se esperava que as mulheres afro-americanas da Nação tivessem empregos em tempo integral, e ainda que as frequentes

declarações misóginas de Malcolm, especialmente nos sermões, fossem radicais até para os padrões sexistas da NOI, a seita oferecia proteção, estabilidade e uma espécie de liderança. A ênfase de Malcolm na santidade do lar negro prometia explicitamente "que as famílias não serão abandonadas, que as mulheres serão estimadas e protegidas, [e] que haverá estabilidade econômica".[40]

As mulheres do templo durante aqueles anos raramente se sentiam subjugadas. A MGT era seu próprio centro de atividades, onde muitas delas participavam de iniciativas no bairro e eram encorajadas a monitorar o progresso dos filhos na escola. No templo de Newark, que não ficava longe do Templo nº 7, as mulheres envolviam-se na criação de pequenas empresas. Também desempenhavam papel ativo no trabalho do conselho local de educação, assim como em outros interesses comunitários.[41] É provável que as mulheres do Harlem exercessem atividades semelhantes. Como as mulheres que trabalhavam no movimento pelos direitos civis, as da NOItinham em mente o futuro da comunidade negra. O que as atraía para a Nação era a possibilidade de ter famílias fortes e saudáveis, relações de apoio comum e envolvimento pessoal na construção de bairros negros livres de crimes e, em última análise, de uma nação negra independente.

N a Autobiografia, Malcolm conta como suas relações com Betty Sanders evoluíram dentro dos parâmetros definidos tanto pelo Islã como pela NOI. No início de 1957, ele estava ciente de que Betty ingressara no Templo nº 7. Logo soube que ela era de Detroit, tinha estudado no Tuskegee Institute e frequentava a escola de enfermagem da cidade. Era uma mulher fisicamente atraente — morena clara, cabelos escuros, olhos castanhos e um belo sorriso. A instrução que recebera lhe dava confiança e experiência para chegar diante de um grupo e falar, e para dirigir o trabalho de outros. Malcolm começou a passar pelas aulas de Betty nas noites de quinta-feira. Sua atitude era formal, mas amistosa. Com o tempo, ele superou suas reservas e convidou-a para sair — visitar o Museu de História Natural de Nova York. A intenção de Malcolm, segundo ele, era apenas ver exposições que pudessem ajudá-la em suas palestras. Betty concordou e marcaram uma data. Horas antes do encontro, porém, Malcolm hesitou, e disse a ela que precisava cancelar a visita; surgira um assunto inesperado. A réplica de Betty foi surpreendentemente franca: "Ora, você certamente esperou demais para me dizer, irmão ministro, eu já estava pronta para sair". Constrangido, ele voltou atrás, e concordou, às pressas, em manter o encontro. A tarde deu certo, e

para ele foi uma agradável surpresa ficar "impressionado com sua inteligência e também com sua cultura". Os dois continuaram a se encontrar e a trabalhar juntos, mas Malcolm ficou paralisado com a ideia de demonstrar que se sentia atraído e ela talvez rejeitá-lo.[42]

A NOIàquela altura tinha recursos financeiros para mandar Malcolm de avião a Chicago todos os meses para consultar-se com Elijah Muhammad. Num desses encontros, Malcolm admitiu que talvez pedisse Betty em casamento. Como seus pais adotivos discordavam de sua filiação a Nação, Muhammad decidiu investigar se ela era uma parceira adequada para seu discípulo. A pretexto de fazer um treinamento na sede nacional, ele convidou Betty para passar uns dias em Chicago. Durante sua estada, ela ficou hospedada com Elijah e Clara Muhammad. Depois, Muhammad disse a Malcolm que achava Betty X "uma ótima irmã".[43]

Na versão de Malcolm (e no filme de Spike Lee), a atração sexual era a principal força que os aproximava, mas algumas pessoas que trabalharam com Malcolm viam as coisas de outra maneira. James 67X lembrava-se de que o ministro via o casamento como o cumprimento de um dever para com a Nação. Sentimentos pessoais eram secundários. "Irmão, o ministro precisa casar", disse-lhe Malcolm, referindo-se a preceitos islâmicos. Para evitar fitna, as ameaças de escândalo e pecado, mesmo um casamento sem amor poderia tornar-se o paraíso. Outro confidente, Charles 37X Morris, convenceu-se de que Malcolm "não tem nenhum sentimento por mulheres", declaração ambígua que sugere, não obstante, que seu ministro não tinha entusiasmo pelo casamento. Charles achava que Elijah, e não Malcolm, era o principal instigador daquele casamento.[44] Anos depois da morte de Malcolm, Louis Farrakhan insistia em dizer que Malcolm continuava profundamente apaixonado por Evelyn Williams.[45] Mas a própria Betty — ou dra. Betty Shabazz, como se tornou conhecida — sustentaria sempre que Malcolm a perseguira "persistente e corretamente".[46]

Ainda assim, o jeito inusitado com que Malcolm pediu Betty em casamento sugere que seus antigos assessores talvez tivessem alguma razão. No começo da manhã de 12 de janeiro de 1958, um domingo, ele parou ao lado de uma cabine telefônica num posto de gasolina em Detroit, depois de dirigir a noite toda desde Nova York. Conseguiu falar com ela no dormitório do hospital e disse bruscamente: "Olha, você quer casar?". Betty, emocionada, deixou cair o fone,

mas quando conseguiu segurá-lo novamente respondeu: "Quero". Depois arrumou as malas e imediatamente pegou um avião para Detroit.[47]

Logo que Betty chegou a Detroit, o jovem casal foi ver os Malloy, que ficaram espantados. Betty lembrava-se de ter deixado Malcolm na sala de visitas e levado os pais para os fundos a fim de dar a notícia. Eles não reagiram bem. Hellen Malloy soluçou descontroladamente, queixando-se de que Malcolm era velho demais e "nem sequer era cristão". O pai foi ainda mais direto: "O que fizemos para que você nos odeie tanto?". Betty também se pôs a chorar, mas estava decidida a impor sua vontade.[48] É difícil saber o que Malcolm pensou das vozes alteradas e das tempestades de soluços. Só se lembrava de que os Malloy "foram muito amistosos, e ficaram agradavelmente surpresos".[49]

A notícia foi mais bem recebida pelos Little. Os irmãos de Malcolm na área de Detroit ficaram muito felizes, e talvez extremamente aliviados, de verem que o irmão de 32 anos ia finalmente estabelecer-se na vida. Em 14 de janeiro, Malcolm e Betty foram de carro até o norte da Indiana, onde leis liberais tornavam o casamento fácil e rápido. No entanto, o estado acabava de impor um período de espera compulsória, e os dois seguiram para a casa de Philbert em Lansing, onde descobriram que seria possível casar-se dentro de dois dias. Fizeram os exames de sangue, compraram um par de alianças e preencheram um certificado de casamento. Depois, em 4 de janeiro, a hora da cerimônia chegou. O relato de Malcolm é meio cômico e agridoce, porque demonstra pouca alegria. "Um velho branco corcunda", o juiz de paz, realizou a cerimônia. Wilfred e Philbert estavam presentes, apesar de na versão de Malcolm todas as testemunhas serem brancas. Malcolm ficou muito ofendido quando o juiz de paz o instruiu a "beijar a noiva". Malcolm protestou: "Tirei-a dali. Toda aquela coisa de Hollywood!". Ele ridicularizava "essas mulheres viciadas em cinema e televisão, que ficam esperando buquês, beijos e abraços... como a Cinderela".[50] Os recém-casados passaram a noite num hotel, e Betty pegou um avião no dia seguinte para Nova York, a fim de assistir às aulas do curso.

Quando a notícia das núpcias do ministro Malcolm chegou ao Templo nº 7, houve tumulto, e nem tanto para comemorar. A NOIera predominantemente uma organização na qual homens confraternizavam facilmente entre si, abraçando-se em público. Enquanto o contato físico entre os sexos era proibido, o contato de homem com homem, especialmente no contexto das artes marciais, era rotineiro. Não foi surpresa para Malcolm, portanto, que alguns irmãos do

Templo nº 7 "olhassem para mim como se eu os tivesse traído". Malcolm foi visto como um novo Abelardo, o sacerdote que sucumbira a paixões terrenas, abandonando sua verdadeira vocação. Mas ele ficou ainda mais intrigado com a reação das irmãs do templo diante de Betty. "Nunca perdoarei a exclamação que ouvi de uma delas: 'Você o pegou!'. Era aquilo que eu lhes dizia, quando falei da natureza das mulheres. É em parte por causa disso que nunca consegui tirar da cabeça a ideia de que ela sabia de algo — o tempo todo. Vai ver, ela me pegou mesmo!"[51]

Evelyn, que estava no templo quando a notícia do casamento de Malcolm foi anunciada, saiu do prédio correndo, aos gritos.[52] Malcolm, sem dúvida, sentiu-se culpado; se, como sugeriu Farrakhan, ele ainda tinha sentimentos por ela, o término formal do relacionamento dos dois deve ter sido quase tão difícil para Malcolm como para ela. Mas, assim como considerações práticas tinham despertado seu desejo de casar, elas agora o levaram a tomar a decisão de restaurar a ordem no templo. Aconselhou-se com Muhammad, e ficou decidido que Evelyn seria transferida para Chicago, onde o escritório nacional a contrataria como secretária de Muhammad. Essa deve ter parecido a melhor solução para Malcolm, porque, mesmo que tivesse ouvido os rumores que de vez em quando vinham à tona no templo sobre o Mensageiro, ele não poderia imaginar quanto a mudança complicaria sua vida.

O desconforto que Malcolm mostrara com relação ao casamento com Betty manifestou-se quase de imediato em sua vida comum, de marido e mulher. Os desafios que enfrentaram relacionavam-se, em parte, aos problemas genéricos de todos os americanos negros que adotavam os padrões corânicos de casamento. Muitas crenças básicas dos muçulmanos sobre seus objetivos e deveres não se coadunam com valores cristãos ocidentais. Outro problema sério é o conceito de machismo que alguns homens afro-americanos levam consigo para o Islã. A Nação havia muito recrutava seus adeptos nos degraus inferiores da sociedade negra, e muitos membros do seu rebanho tinham antecedentes familiares difíceis ou autodestrutivos. Aqueles que, como Malcolm, se converteram na prisão continuavam a carregar dolorosas cicatrizes, tanto físicas como psicológicas, dessa experiência. O trauma pode durar a vida inteira, e a Nação não tinha programas de autoajuda para auxiliar esses homens na superação de seus problemas emocionais. O passado sexual de Malcolm tinha sido em grande parte definido por encontros com prostitutas e mulheres como Bea Caragulian. Agora

ele teria a obrigação não só de sustentar Betty financeiramente, mas de cuidar das necessidades emocionais e sexuais da mulher.

Ele pelo menos tentou. No começo de 1958, os recém-casados mudaram-se para um sobrado, na rua 95, número 25-26, em East Elmhurst, no Queens. Betty e Malcolm dividiam os cômodos superiores com o secretário do templo, John X Simmons, sua mulher, Minnie, e o filho de quatro meses do casal; também vivia ali um tal de Edward 3X Robinson, com a mulher. Moradores do subsolo e do térreo incluíam John X e Yvonne X Molette, Mildred Crosby, Alice Rice, e sua filha, Zinina. Todos eram membros da NOI, ou estavam ligados ao grupo por laços de família. Betty logo engravidou, abandonando a carreira de enfermagem. Durante meses, Malcolm parou de fazer grandes viagens e tentou parecer feliz com a gravidez. Desde o início, entretanto, o comportamento de Betty lhe desagradou. Assim como tinha desafiado a vontade dos pais transferindo-se para a escola de enfermagem e casando-se com Malcolm, ela manteve uma veia de independência que o marido dominador achava inaceitável. Até o fato de ela continuar assistindo às aulas da MGT o incomodava. De sua parte, Betty confidenciou a uma amiga que, enquanto a palavra de Malcolm era decisiva no templo, na privacidade de sua casa "essa atitude simplesmente não funcionava". Mais tarde, James 67X caracterizaria a combativa oposição de Betty à atitude patriarcal do marido e da hierarquia da NOIcomo "contínua", explicando, com um sorriso, que "mulher nenhuma que tenha sido criada sob o demônio pode aceitar isso".[53] Apesar de os pais adotivos de Betty serem negros, seus arraigados valores cristãos e normas de classe média, tanto quanto James 67X podia julgar, eram iguais aos dos brancos.

Anos depois do assassinato de Malcolm, Betty descreveria seu casamento como "agitado, belo e inesquecível — a coisa mais importante de minha vida".[54] Na realidade, a mulher de 23 anos estava mal preparada para a vida de casada. Nunca aprendeu a cozinhar. Mesmo depois de ingressar na Nação, mal sabia preparar um feijão e algumas receitas de carne e frango. Malcolm nunca cozinhou, portanto ficava por conta dela planejar refeições nutritivas e variadas, com um orçamento apertado. Fossem quais fossem as fantasias românticas que Betty pudesse ter alimentado sobre sua vida futura, elas estavam extintas no fim do primeiro ano de casada. Malcolm raramente lhe manifestava afeição. Eles quase nunca passavam a noite na companhia um do outro — em sete anos de casamento, ele só a levou ao cinema uma vez, em 1963. Os momentos de maior

atenção ocorreram perto do nascimento dos filhos. Por exemplo, Malcolm dirigia pessoalmente para levar Betty a suas consultas regulares com a obstetra, dra. Josephine English (ele tinha deixado claro que nenhum médico do sexo masculino tocaria em sua mulher). Em atenção à movimentada agenda de Malcolm, a dra. English marcava as consultas de Betty para as sete da manhã em seu hospital. Malcolm estava convencido de que o primogênito seria um menino; na verdade, chegara a dizer a seus colegas que o único nome em que conseguira pensar era de homem.[55] Então, em 16 de novembro de 1958, nasceu uma menina que foi chamada de Attallah. Por ter ficado desapontado, ou por achar que seria de pouca serventia no período de pós-parto, o fato é que Malcolm praticamente desapareceu depois do nascimento.[56] No dia seguinte, seguiu de carro para Albany, no norte, para falar num encontro da NOI.[57] Dois dias depois, estava em Hartford, Connecticut, antes de seguir para Newark, Nova Jersey.[58] Voltara à estrada, como se quase nada tivesse mudado.

Betty ficou consternada com sua reação. Logo depois do nascimento de Attallah, ela juntou algumas roupas, pegou a filha e tomou o metrô para a casa de Ruth Summerfort, uma prima distante. Quando Malcolm voltou para casa e não viu a mulher e a filha adivinhou para onde tinham ido. Sentiu que Betty estava magoada com seu comportamento, mas não tinha intenção de pedir desculpas. Em vez disso, esperou quase dois dias antes de ir à casa de Summerford e ordenar à mulher que pegasse a filha e entrasse no carro. Betty obedeceu.

As surpresas do casamento não pararam. Durante seus anos de solteira, Betty tinha incorrido em algumas dívidas.[59] Malcolm não sabia de nada disso antes do casamento, mas agora achava melhor não deixar sua jovem mulher pensar que "se casara com um bom partido", e permitiu que ela continuasse trabalhando para pagar as dívidas. Ainda assim, não lhe facilitou a vida. Quando Betty lhe pediu que a levasse de carro ao trabalho, ele simplesmente se recusou. Exercendo firme controle sobre as finanças da família, e negando a Betty a oportunidade de ganhar mais do que precisava para quitar as dívidas, ele manteve a mulher "na prisão financeira", como dizia.

Se os longos dias na estrada tinham levado Malcolm a pensar em casamento e estabilidade, as dificuldades do casamento agora renovaram o apelo da estrada, oferecendo-lhe uma oportunidade de buscar consolo e distância dos seus problemas. Sua primeira viagem importante depois do casamento foi uma visita

de um mês a Los Angeles na primavera de 1958, em muitos sentidos tão importante quanto a longa série de discursos que pronunciou em Detroit no verão de 1957. Malcolm estava disposto a estabelecer uma forte base da NOIna Costa Oeste. Também queria estabelecer as credenciais islâmicas da Nação envolvendo-se em atividades públicas com representantes do Oriente Médio e da Ásia muçulmana na região. No fim de março e começo de abril, Malcolm falou para membros da NOInum encontro realizado no Normandie Hall em Los Angeles.[60] Enquanto estava na cidade, também assistiu a uma recepção solene em homenagem à República do Paquistão,[61] e deu uma entrevista coletiva no Hotel Roosevelt, em Hollywood, coordenada por Mohammad T. Mendi, de Karbala, no Iraque, usando a oportunidade para dizer que achava "absurdo" os árabes esperarem receber tratamento justo e imparcial da mídia "uma vez que ela é controlada pelos sionistas".[62] Em 20 de abril, ele foi, mais uma vez, o principal orador numa reunião pública destinada a servir de diálogo inter-religioso entre muçulmanos e cristãos. Três pregadores saíram da sala em protesto quando Malcolm criticou a riqueza de algumas igrejas afro-americanas e a pobreza de seus fiéis.[63] Ele também combinou com Louis X para fazer um sermão no templo de Boston em maio. Na conclusão, Malcolm perguntou à plateia se alguém desejava converter-se à NOI. Ficou espantado ao ver entre os que se levantaram sua irmã Ella;[64] de alguma forma, a vida deles dera uma volta completa.

Malcolm ficava cada dia mais incomodado com o comportamento de Betty. Numa carta que escreveu para Elijah em março de 1959, confessou que "nossa maior fonte de problemas tem a ver com sexo":

> Ela dá muito mais importância a isso do que sou fisicamente capaz de realizar. Por favor perdoe-me tocar no assunto, mas me sinto forçado a falar-lhe a respeito, e não falaria a nenhuma outra pessoa. Numa época em que eu fazia tudo para satisfazê-la (sexualmente), um dia ela me disse que éramos sexualmente incompatíveis, porque eu nunca a satisfizera realmente. A partir de então, por mais que tentasse, comecei a me tornar muito frio para com ela. Nunca mais me senti correto (livre) com ela a esse respeito, pois, por mais que se mostrasse satisfeita, eu sempre achava que era apenas fingimento... Ela sentiu-se miserável durante a gravidez, e aqueles foram os nove meses mais miseráveis da minha vida... Costumava amaldiçoar o dia em que se casara, e o fato de estar grávida, e me amaldiçoava também.[65]

Do ponto de vista de Betty, estar casada com o ministro do Templo nº 7 significava partilhar constantemente o marido com outros, sobrando pouco

tempo para ela. Também sentia que se tornara alvo de boatos maldosos. Malcolm tornara-se poderoso demais para ser criticado abertamente, mas Betty era presa fácil. Alguns rumores que circulavam a seu respeito eram cruéis. Por exemplo, quando ela deu à luz a uma série de meninas, os fofoqueiros do templo sugeriram que Alá a punira por seus constantes desafios à hierarquia dominada por homens. Ela não seria capaz de ter filhos homens, sussurravam eles, enquanto não mudasse de atitude. Quanto mais Betty era criticada, mais irredutível ficava. Ela também começou a formar um círculo de amizade com mulheres do templo, o que lhe dava certo grau de apoio. Mas, para os detratores, o grupo demonstrava arrogância e um desejo de dividir a MGT em facções rivais. "Ela fazia questão que percebêssemos a distância que havia entre ela e nós", observou James 67X sarcasticamente. "Por causa da relação com Malcolm, não éramos mais iguais a ela."[66]

Em fevereiro de 1959, Betty mais uma vez foi mandada à sede em Chicago para participar de um programa de treinamento, que se estendeu por várias semanas. Ao voltar, informou Malcolm a Muhammad, "ela me disse que, se não me cuidasse, ela ia causar constrangimentos para mim e para ela (depois, quando a interroguei, disse que ia procurar satisfazer-se com outros)". Para um homem muçulmano, ser traído pela mulher era intolerável. Para Malcolm, representaria o fim do casamento e um risco para sua posição de ministro. Ele talvez tenha concluído que a única maneira de controlar Betty, ou de torná-la menos desejável sexualmente por outros homens, seria mantê-la perpetuamente grávida, por isso, depois de seis meses de abstinência, voltou a fazer sexo com a mulher. Betty reagiu ridicularizando o marido. Ela "me chamou de impotente... e disse que, apesar de poder engendrar um filho, eu era como um velho (incapaz de fazer o ato durar o suficiente para satisfazê-la)".[67] Para complicar, todo o templo sabia de sua desarmonia; os outros muçulmanos que moravam no sobrado junto com o casal brigão mantinham o capitão Joseph sempre bem informado.

Depois da ruptura entre os dois, os sentimentos de Joseph em relação a Malcolm tornaram-se cada vez mais hostis, e ele pode ter aproveitado as confusões maritais do ministro para fazer a balança do poder dentro da Nação voltar a inclinar-se para seu lado. Não há dúvida de que ele relatava os problemas matrimoniais de Malcolm para seu superior, o capitão Raymond Sharrieff. Por intermédio de Sharrieff, outros membros da família de Muhammad provavelmente ficaram sabendo das dificuldades de Malcolm. No fim dos anos

1950, a sede de Chicago estendeu a autoridade de Joseph para todos os templos no nordeste dos Estados Unidos, o que lhe dava autoridade sobre a distribuição de milhares de membros do foi. Joseph agora podia influenciar a seleção de capitães em todo o país. Para Malcolm, o único jeito de contestar tudo isso, e minimizar o estigma de seus infortúnios maritais, foi atirar-se com mais sofreguidão ainda nos assuntos da NOI.

Em 14 de maio de 1958, enquanto Malcolm dava palestras em Boston, dois detetives da delegacia de Astoria, Joseph Kiernan e Michael Bonura, bateram à porta de sua casa em East Elmhurst. Tinham ordem para prender uma mulher chamada Margaret Dorsey, cuja residência oficial era rua 165 Leste, no Bronx, mas que supostamente vivia no térreo do sobrado dos Little.[68] (Malcolm diria depois aos detetives do BOSS que os policiais não tinham perguntado por Dorsey, mas por Alvin Crosby, de 24 anos, que morava com outras famílias nos cômodos do térreo ou do subsolo.)[69] Os detetives foram atendidos por Yvonne X Molette, de 27 anos, que polidamente lhes explicou que não permitiria a entrada se não apresentassem um mandado de busca. A polícia tentou forçar a entrada. Outras mulheres da casa ouviram e correram em socorro de Yvonne. Juntas, elas conseguiram trancar a porta. Os detetives juraram voltar, dessa vez com o mandado.

Voltaram às oito e meia da noite, acompanhados do inspetor dos correios dos Estados Unidos, Herbert Halls. Halls bateu à porta da frente, enquanto Kiernan e Bonuta deram a volta até a entrada lateral da casa. Ali foram atendidos por John X Molette, que viera para casa depois de saber pela mulher da primeira tentativa dos policiais. Os policiais disseram a Molette que procuravam Margaret Dorsey, e Molette saiu, batendo a porta por fora. Impaciente, Kiernan reclamou que eles não "tinham tempo a perder com aquelas bobagens". Empurrou Molette de lado, tentando abrir a porta e forçar a entrada. Enquanto os dois homens lutavam, Molette foi empurrado para dentro da casa, mas, com a ajuda da sogra, conseguiu botar os policiais para fora e fechar a porta. Sem se intimidar, Kiernan arrebentou os painéis de vidro da porta e tentou abri-la por dentro. Enquanto a luta continuava, o detetive Bonura foi atingido por uma garrafa jogada de uma janela. Com isso, Kiernan puxou o revólver e disparou dois tiros pela porta.

O tiro teve um efeito dramático. Os moradores dispersaram-se e a polícia

entrou na casa, seguindo os moradores escada acima. Quando chegaram no andar de cima, viram que a porta do apartamento dos Little estava trancada. Os policiais ameaçaram atirar se os ocupantes não abrissem, e as mulheres — Betty Shabazz e Minnie Simmons — abriram. Depois de revistarem a casa, os policiais levaram as duas mulheres, mais Yvonne e John Molette, para fora e puseram todo mundo em fila contra a parede perto do acesso à garagem. Quando o veículo de patrulha da polícia chegou, eles foram conduzidos à delegacia do 114º distrito. Mais duas pessoas foram presas, e depois todos foram soltos sob fiança.[70]

Quando Malcolm recebeu a notícia em Boston, resolveu agir prontamente, tal como o fizera no confronto em torno de Johnson X Hinton no ano anterior. Foi de avião para Nova York e lançou um ataque pela mídia à polícia, traçando um paralelo entre "as táticas da Gestapo da polícia branca que controla os cinturões negros" dos guetos americanos e as forças de ocupação que controlam território inimigo. "Onde mais e em que circunstâncias", perguntou ele, "se veriam situações em que a polícia pode invadir livremente casas particulares, arrebentar portas, ameaçar bater em mulheres grávidas, e até mesmo tentar atingir a tiros uma menina de treze anos... senão nos bairros negros americanos, onde o 'inimigo ocupante' está disfarçado de policial?" A NOIimediatamente formou um piquete de manifestantes silenciosos na frente da delegacia, ato de ousadia que, de acordo com um relato de imprensa, causou perplexidade à polícia.[71] O caso Hinton ensinara Malcolm a pôr as autoridades na defensiva com manifestações desse tipo, manobra que também sinalizava aos negros não muçulmanos que o conflito era uma questão de direitos civis.

Embora provavelmente nem Malcolm nem Betty soubessem, o casamento dela com um ministro da NOIlevara o FBI a espioná-la. Já em junho de 1958, informantes do FBI avisavam ao escritório em Nova York que Betty tinha assistido à Exposição de Educação e Ofícios Afro-Asiáticos patrocinada pelo Templo nº 7, realizada no Park Palace em 8 de fevereiro de 1958; também registraram sua participação nos festejos do Dia do Salvador em 1958 em Chicago.[72] O indiciamento de Betty por ter agredido um policial e por "conspiração" fez o FBI cavar mais fundo. Sua ficha de crédito foi exaustivamente investigada, e o FBI descobriu que Betty já tinha uma série de problemas financeiros antes de se casar com Malcolm. Por exemplo, no fim de 1957, dois processos separados foram abertos contra Betty em Winchester, Nova York, um

por uma dívida de 546,57 dólares com a Budget Charge Account, Inc., e outro por 742,24 dólares devidos à Sacks Quality Stores, Inc.[73] O que indicam os resultados da espionagem do FBI é que ela era uma nacionalista negra confiante e independente que sabia se expressar. Um informante do FBI, comentando uma palestra feita por Betty em Chicago no começo de 1959, disse que ela elogiou Elijah Muhammad "por oferecer empregos e oportunidades a todos nós". Em seu discurso, Betty esboçou uma visão pessoal do crescimento econômico da Nação:

> Vamos ter um banco nosso aqui em Chicago e emprestar dinheiro. A documentação desse banco está sendo organizada. Sempre que houver membros em número suficiente para um templo, teremos um restaurante, uma loja de roupas e uma padaria, como os que temos aqui em Chicago. Vamos abrir também um centro de saúde aqui. Queremos que membros com diploma universitário nos ajudem, e com isso ajudem seu próprio povo.[74]

A palestra de Betty mostra que ela tinha uma visão clara e ampla do futuro da NOI, baseada numa classe média negra instruída — pessoas iguais a ela. O importante aqui é ver que ela não era manipulada pelos acontecimentos; era uma dedicada e resoluta seguidora de Elijah Muhammad por seus próprios méritos.

O caso levou quase um ano para ser julgado, e nos meses de intervalo Malcolm fez constantes referências ao que tinha acontecido. Ele também pronunciou vários discursos baseados no episódio.[75] Quando em março de 1959 o caso foi a julgamento, apenas quatro das seis pessoas originariamente presas foram processadas, entre elas Betty Shabazz. A audiência durou três semanas, e até aquela época tinha sido o julgamento de agressão mais longo já registrado no Queens. Dezesseis testemunhas depuseram, enquanto os réus denunciavam a ação da polícia como flagrante violação do direito de propriedade e dos direitos constitucionais. A Nação estava decidida a dominar o ambiente do julgamento. Levou seus próprios estenógrafos e colocou guardas do foi nas portas do tribunal; quem entrasse no corredor que levava à sala do tribunal era fotografado por um dos três fotógrafos itinerantes da NOI.

Depois que a defesa falou, o júri, que incluía três afro-americanos, deliberou durante treze horas. Às três da tarde de 18 de março, o júri informou ao juiz Peter T. Farrell que chegara a um veredicto, mas o juiz estava tão intimidado com a presença de centenas de muçulmanos furiosos no tribunal que adotou a inusitada medida de mandar todos os espectadores saírem antes de o júri revelar

sua decisão. Duas acusadas, Betty Shabazz e Minnie Simmons, foram absolvidas. O júri chegara a um impasse com relação a Ivonne e John Molette, sem alcançar decisão unânime, libertando-os, mas sujeitos a um segundo processo. Depois da leitura do veredicto, o júri foi escoltado até o metrô sob tensa proteção policial, cercado de centenas de muçulmanos aos berros. Em pé diante de seus seguidores na escadaria do tribunal, Malcolm instruiu: "O lugar de qualquer policial que abusar de vocês é o cemitério. Sejam pacíficos, firmes e agressivos, mas se um deles tocar o dedo em vocês, morre". A incapacidade do júri de absolver todos os acusados, segundo Malcolm, foi culpa do juiz Farrell, que utilizara "táticas de canguru" para proteger a polícia. Ele criticou duramente Farrell por suas "interpretações ambíguas da lei, e por não cobrar adequadamente do júri nos pontos essenciais, o que levou os jurados ao impasse".[76]

Muito embora Malcolm raramente se referisse a ele depois de 1960, o caso foi tão significativo quanto o incidente de Johnson Hinton. A decisão de defender os acusados, e de identificar o episódio com a terminologia dos direitos humanos, gerou simpatia e solidariedade na maioria dos negros, mesmo aqueles que não concordavam com as propostas separatistas da NOI. Malcolm tirou do caótico episódio a seguinte lição: quando a NOImanifestava solidariedade a grupos de direitos e liberdades civis enfrentando problemas como a brutalidade policial que afetava quase todos os negros, era recompensado com cobertura favorável da mídia e a conquista de novos adeptos. Enquanto isso, o escritório do FBI em Nova York informava a seu diretor que "continuaria a seguir de perto as atividades de little", e passou a emitir relatórios de espionagem atualizados a cada seis meses.[77]

O FBI tinha recursos para contratar dúzias de informantes negros e infiltrar-se na Nação, mas não conseguia compreender a natureza da seita que considerava tão perigosa. Estava convencido de que a NOIera subversiva porque fomentava o "ódio negro".

O FBI nunca entendeu que a NOInão queria a destruição das instituições legais e socioeconômicas dos Estados Unidos; os muçulmanos negros não eram radicais, mas profundos conservadores sob a liderança de Muhammad. Louvavam o capitalismo, desde que o capitalismo servisse àquilo que consideravam de interesse dos negros. Seu erro fundamental foi a inabalável crença em que os brancos, como grupo, jamais superariam seu ódio contra os negros. Como resultado, o FBI não compreendeu as preocupações subjacentes

que motivavam Malcolm e Elijah Muhammad, nem viu que os dois homens tinham construído uma organização dinâmica capaz de atrair como sócios dezenas de milhares de afro-americanos, e despertar a admiração de milhões. A teologia da NOIcertamente "satanizava" os brancos, mas seu programa, em muitos sentidos, simplesmente canalizava o profundo senso de alienação que já existia entre os negros da classe operária, nascido da realidade da segregação sulista da Lei Jim Crow e da discriminação nortista.[78]

Malcolm e Muhammad não esperavam que o sistema político americano se redimisse, ou que resolvesse os problemas dos "negros asiáticos" nos Estados Unidos. Só pela graça de Alá, e pela construção de fortes instituições negras, os negros poderiam redescobrir seus poderes. Malcolm, naquela altura, não considerava seus discursos públicos "politicamente", mas sim espiritualmente inspirados, com base nos ensinamentos proféticos do Alcorão e da Bíblia, na expectativa dos derradeiros dias. Logo viria uma época, porém, em que a separação entre espiritualidade e política já não seria uma posição sustentável.

6. “O ódio produzido pelo ódio”

Março de 1959-janeiro de 1961

As questões enfrentadas por Malcolm no fim de 1959 sobre a necessidade de uma ação política mais ousada não diziam respeito somente a ele. Durante os anos 1950, o movimento pelos direitos civis, enquanto ganhava força, teve de lidar com poderosas lutas internas para seguir em frente. Não havia um acordo geral sobre a direção que o ativismo negro deveria tomar, ou nem mesmo sobre os objetivos que precisavam ser atingidos. Enquanto a Nação do Islã estava praticamente sozinha em seu repúdio à ação direta, muitos líderes negros, incluindo Malcolm, eram seduzidos pelos ideais e êxitos de revolucionários do Terceiro Mundo. Alguns viam na luta marxista a melhor maneira de definir e resolver o conflito racial. Na era do macarthismo, essa identificação ideológica punha mais pressão sobre os grupos de direitos civis, pois os líderes negros eram cada vez mais vigiados pelas agências do governo. Malcolm não era, de forma alguma, o único a ser visto como ameaça à segurança nacional pelo FBI.

Apesar da pressão, e da guinada política geral para o conservadorismo nos anos do pós-guerra, ativistas negros continuaram a conseguir importantes avanços. Em dezembro de 1952, quando o caso de Brown contra a Secretaria de Educação chegou à Suprema Corte, o mundo político ainda era rigidamente codificado em preto e branco. “Separados, mas iguais”, segundo o precedente da decisão da Suprema Corte sobre o caso de Plessy contra Ferguson em 1896, ainda era a lei em vigor no país. Apesar disso, os anos anteriores à decisão de 1954 sobre Brown testemunharam mudanças de circunstância que pressagiavam o resultado. Com o banimento das eleições primárias só para brancos pela

Suprema Corte em 1944, muitos negros, a maioria do sul, votaram pela primeira vez. Entre 1944 e 1952, o número de eleitores negros registrados naquela região disparou, passando de cerca de 250 mil para quase 1,25 milhão. Em 1946, em sua decisão sobre o caso de Morgan contra a Virgínia, a Suprema Corte declarou inconstitucional qualquer lei estadual que impusesse seções da Lei Jim Crow em ônibus interestaduais, decisão que levou uma nova organização de direitos civis, o Congresso de Igualdade Racial (Congress of Racial Equality, CORE), a lançar uma série de protestos não violentos contestando leis de segregação em transporte público interestadual. No fim de 1955, Martin Luther King Jr. foi promovido para uma posição de destaque internacional por seu papel no boicote contra os ônibus de Montgomery, enquanto na vizinha Tuskegee, no Alabama, negros realizaram um boicote econômico contra comerciantes brancos locais que duraria três anos, em resposta à divisão arbitrária de zonas eleitorais pelo legislativo estadual excluindo dos limites da cidade quase todos os eleitores negros. Em 1960, a Suprema Corte deu razão aos manifestantes negros de Tuskegee, declarando ilegal a divisão de zonas eleitorais por raça.[1]

Esses êxitos eram fruto dos esforços conjuntos de uma nova geração de líderes afro-americanos favoráveis à contestação frontal. Em Nova York, Ella Baker foi eleita presidente da filial da NAACP na cidade de Nova York em 1952, e formou coalizões inter-raciais em torno de duas questões que afetavam quase todos os negros — a brutalidade policial e a segregação nas escolas públicas. Enquanto isso, no Mississippi, o secretário da NAACP, Medgar Evers, trocou a abordagem não violenta por uma atitude de autodefesa armada, dedicando-se a investigar e publicar crimes racistas.[2] Em 1957, Baker, Mayard Rustin e o advogado/ativista liberal Stanley Levison prepararam uma série de dissertações para desenvolver o que viria a ser o programa de ação da nova Conferência Sulista de Liderança Cristã (Southern Christian Leadership Conference, SCLC.).[3] O que essas pessoas tinham em comum era a disposição de arriscar a vida. Todas criticavam o passo lento das reformas comandadas por líderes de direitos civis mais velhos; boicotes econômicos, desobediência civil e organização da juventude, acreditavam eles, deveriam encabeçar os protestos.

O fantasma assustador do macarthismo e do anticomunismo virulento tinha custado caro aos liberais negros. O mais destacado sociólogo americano, E. Franklin Frazier, por exemplo, fora investigado pelo FBI por pertencer ao Comitê de Povos Negros para Auxílio da Democracia Espanhola nos anos 1930. A

educadora e amiga íntima de Eleanor Roosevelt, Mary McLeod Bethune, foi interrogada pelas autoridades por pertencer ao Comitê Americano para Proteção dos Nascidos no Estrangeiro.[4] Mas o vírus político encerrara seu ciclo, e, quando os demagogos anticomunistas recuaram, houve um renascimento de certa esquerda negra, cuja maré de boa sorte era simbolizada pela situação do polêmico cantor e ator Paul Robeson. Banido do palco e da tela durante os anos de repressão macarthista, Robeson tivera o passaporte confiscado pelo Departamento de Estado, mas sua turnê de regresso em 1958 pelos Estados Unidos recebeu forte apoio da comunidade negra. Esses concertos coincidiram com a publicação do seu manifesto Here I Stand [Aqui estou], parte memória, parte comentário político, que dava destaque às lutas pela independência na África, assim como à luta pelos direitos civis dentro dos Estados Unidos. O livro foi amplamente aplaudido na imprensa afro-americana, mas pouco contribuiu para tornar Robeson popular entre as autoridades brancas.[5] Quando o primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, propôs uma comemoração nacional do sexagésimo aniversário do cantor, os Estados Unidos tentaram em vão pressionar seu governo a cancelar o evento.[6]

Talvez nenhuma pessoa individualmente simbolizasse melhor a tendência para a militância do que Robert F. Williams. Depois de fazer o serviço militar e trabalhar como operário, Williams voltou para casa na Carolina do Norte em 1955, onde não tardou a participar de campanhas pelos direitos civis. Seu carisma e sua militância atraíram seguidores, e logo foi eleito chefe da filial da NAACP em Monroe, na Carolina do Norte. Ele se viu no meio de uma controvérsia pela primeira vez em 1959 quando, depois da absolvição de um homem branco que atacara uma mulher afro-americana, Williams disse aos jornalistas que talvez os negros devessem "reagir à violência com a violência, para se protegerem". O líder nacional da NAACP, Roy Wilkins, suspendeu-o. Por sua vez, os seguidores de Williams condenaram a ação de Wilkins, provocando um debate que havia muito tempo vinha sendo suprimido dentro da comunidade de direitos civis.

Em seguida, Williams envolveu-se num caso amplamente divulgado pela imprensa, defendendo dois meninos negros — de oito e dez anos — presos em Monroe pelo crime de beijar uma menina branca. Em meados de 1961, a tensão provocada em Monroe pelo incidente estava a ponto de explodir. Durante visita à cidade, o ativista de direitos civis James Forman foi atacado e posto na cadeia pelo simples fato de ter ligações com Williams. Gangues brancas percorriam as

ruas depois do anoitecer à procura de negros para aterrorizar, e a comunidade negra reagiu pegando em armas. Quando um casal de brancos entrou de carro por engano num distrito negro isolado por cordas, Williams ordenou que fosse detido para garantir sua segurança. As autoridades locais, no entanto, o acusaram de sequestro.[7]

O impacto coletivo de Baker, Williams e outros militantes forçou organizações como a NAACP a agirem, pressionando os dois principais partidos políticos a adotarem novas leis. Em 1957, o Congresso aprovou uma tímida lei de direitos civis estabelecendo um grupo consultivo, a Comissão de Direitos Civis. A SCLC. respondeu lançando a campanha da Cruzada pela Cidadania, que ampliou seu programa estratégico, passando a incluir o registro de eleitores e educação cívica. Organizada por Ella Baker, a campanha deu entrevistas coletivas e realizou comícios em mais de vinte cidades.[8]

A chama desse novo ativismo brilhava com mais intensidade no sul, mas teve profundo efeito nas comunidades negras do norte, onde é bem verdade que a segregação não existia, mas os padrões de exclusão eram antigos e arraigados. Em setembro de 1957, inspirados pela luta do começo do ano para dessegregar a Arkansa's Central High School em Little Rock, ativistas de Nova York fizeram piquetes na prefeitura em protesto contra a discriminação racial em escolas públicas.

Alguns ativistas concluíram que seria melhor se candidatarem a cargos públicos, imaginando, talvez, que criar leis seria mais eficaz do que simplesmente exigi-las por meio de agitação. Seu modelo era o advogado Benjamin Davis Jr., comunista que representara o Harlem na Câmara Municipal de Nova York de 1943 a 1949. Mesmo depois que suas opiniões políticas o levaram a ser condenado por violar a Lei de Registro de Estrangeiros de 1940, conhecida como Lei Smith, numa tentativa fracassada de reeleger-se, em 1949, Davis obteve mais votos no Harlem do que em suas eleições anteriores.[9] Com um programa igualmente progressista, Ella Baker concorreu, sem sucesso, para a Câmara Municipal de Nova York em 1951 e 1953. O advogado Paul Murray, que posteriormente defenderia Robert Williams numa audiência nacional da NAACP, também concorreu à Câmara.[10] Mas apesar de Hulan Jack eleger-se como o primeiro presidente distrital afro-americano de Manhattan em 1953, os negros de Nova York continuavam a ser sub-representados. Em 1954, por exemplo, mais de 1 milhão dos 14 milhões de moradores do estado eram afro-americanos,

mas, apesar disso, tinham apenas um representante entre os 43 membros de Nova York no Congresso; um entre os seus 58 senadores estaduais; apenas cinco entre os 150 membros da assembleia estadual; e dez entre os seus 189 juízes.[11]

No Harlem, o ativismo ganhou um toque cultural. De 1951 a 1955, radicais publicaram um jornal chamado Freedom. Nacionalistas negros anticomunistas, como o escritor Harold Cruse, criticaram a orientação do jornal, descrevendo-a como "nada mais do que integração, embalada em fraseologia de esquerda".[12] O jornal logo fechou, mas, no começo de 1961, muitos dos seus antigos funcionários lançaram uma revista trimestral, Freedomways, para ser um elo entre os comunistas negros, os radicais independentes e a ala esquerdista do movimento pelos direitos civis. Para nacionalistas como Cruse, entretanto, mesmo a nova revista estava comprometida, por sua associação com a esquerda marxista.[13]

Apesar dessas apreensões ideológicas, a maior parte da nova geração de radicais sofria crescente influência da esquerda negra, que se manifestava no fascínio afro-americano com Cuba. Em janeiro de 1959, um improvável bando de guerrilheiros comandados por Fidel Castro tinha arrancado o controle do país das mãos do ditador Fulgencio Batista. Embora Fidel tenha ido a Washington em abril para tranquilizar a administração de Eisenhower sobre suas intenções, o governo americano não tardou a perceber que o novo regime era antiamericano e pôs-se a trabalhar em sua desestabilização. Radicais americanos que simpatizavam com a jovem revolução responderam a ela criando o Fair Play for Cuba Committee [Comitê Pró-Tratamento Justo para Cuba], que atraiu intelectuais notáveis como Allen Ginsberg, C. Wrights Mills e I. F. Stone.[14] Um número significativo de artistas e ativistas políticos afro-americanos ingressou no comitê, ou pelo menos endossou publicamente a revolução de Fidel Castro. Entre eles estavam os jornalistas William Worthy e Richard Gibson, os escritores James Baldwin, John Oliver Killes e Julian Mayfield — e, como era de esperar, Robert Williams.

Em junho de 1960, o comitê patrocinou a primeira viagem de Williams a Cuba, e no mês seguinte organizou uma delegação afro-americana, por ele chefiada.[15] Seus membros incluíam Mayfield, o teatrólogo e poeta LeRoi Jones (mais tarde, Amiri Baraka), o historiador John Henrik Clarke e Harold Cruse. Mesmo para anticomunistas ferrenhos como Cruse, a experiência foi inspiradora. "A ideologia de uma nova onda revolucionária no mundo", observou ele, "tirou-nos do anonimato da nossa luta solitária nos Estados Unidos para nos elevar à

destacada posição de dignitários visitantes." Mas Cruse se esforçou para preservar a objetividade — mais ou menos como Malcolm o faria anos depois, em circunstâncias similares, ao visitar a África. Para Cruse as principais questões a serem respondidas eram: "O que significa tudo isso, e que relação isso tem com os negros nos Estados Unidos?". Uma lição significativa, escreveu ele, refletindo os sentimentos cada vez mais militantes dos ativistas negros, foi "a relevância da força e da violência para o êxito das revoluções".[16]

Enquanto o movimento pelos direitos civis fortalecia sua postura de confronto direto, envolvendo uma mistura de protesto e política, Malcolm e a NOIobservavam de longe. Apegada à sua doutrina de separatismo rigoroso, a Nação tinha pouca contribuição a dar no diálogo sobre a melhor maneira de mudar a ordem vigente. Muitos líderes da Nação não compreendiam verdadeiramente a luta pelos direitos civis; ainda estavam convencidos de que deveriam manter distância de qualquer coisa que fosse controversa ou subversiva. Mas, na disputa pela simpatia dos americanos negros, os programas baseados em questões relevantes e as vigorosas personalidades existentes no Movimento de Liberdade Negra representavam um desafio frontal à NOI. A favorável cobertura de imprensa que Martin Luther King Jr. e outros líderes do movimento pelos direitos civis recebiam lhes dava uma importância no contexto das realidades políticas que a NOInão tinha.

Numa carta escrita em abril de 1959 para James 3X Shabazz, o recém-nomeado ministro do Templo nº 25 em Newark, Muhammad manifestou preocupação diante dos "frequentes choques com os Law Enforcement Agents [Agentes Aplicadores da Lei], em que nós, fiéis do Islã, nos envolvemos". Incomodava-o o confronto na casa de Malcolm entre o Departamento de Polícia de Nova York e os membros da NOI, assim como a publicidade que cercou o julgamento subsequente. "Sempre que aparecer um policial com ordem de prisão, vocês não devem resistir, sejam inocentes ou culpados", instruía ele. "Precisamos lembrar que não estamos no poder em Washington, nem onde moramos, para dar ordens às autoridades... Advogados, fianças e multas custam caro, e surras e hematomas doem demais para que os suportemos a troco de nada." No fim das contas, Alá castigaria aqueles que maltratassem seus seguidores. "Mas, lembrem-se de não serem a causa que lhes dê a oportunidade de maltratá-los, pois sabem muito bem que a justiça do demônio não é para vocês."[17]

Em particular, Malcolm discordava. A ampla cobertura jornalística do julgamento dos Molette, de Minnie Simmons e Betty, em sua opinião, apresentara a Nação, em geral, de forma favorável.[18] "Se a Amsterdam News não tivesse informado diretamente sobre o caso desde o início", escreveu ele, numa carta aberta ao público, "esses inocentes estariam agora atrás das grades." Astutamente, associou o confronto da NOIcom a polícia à luta mais ampla pelos direitos civis e à necessidade de uma imprensa afro-americana empenhar-se numa cruzada.[19] Alguns "ministros de Malcolm" dentro da NOIseguramente pensavam da mesma forma.

Ele olhava para além da Nação, para os americanos negros não islâmicos, tentando aproximar-se de negros fora do movimento religioso — como, a rigor, vinha fazendo havia anos. Nessa época, foi procurado por um jovem representante afro-americano de uma emissora local de tv, a wnta (Canal 13), Louis Lomax, que preparava uma série de programas sobre a NOI. Lomax trabalhava no projeto com outro jornalista, Mike Wallace, que no fim dos anos 1950 já era presença familiar na cobertura televisiva de Nova York.[20]

Os dois homens tinham razões diferentes para abordar a NOI. Wallace, com quase quarenta anos, tinha ampla experiência jornalística, mas ainda estava à procura de um grande furo. Diante da ascensão de Malcolm e da Nação, ele sentiu a possibilidade de provocar controvérsia ao expor as ideias raciais desagregadoras da NOIpara uma grande audiência. Os interesses de Lomax eram mais complicados. Nascido em 1922 em Baldosta, na Geórgia, obtivera um diploma de bacharel no College Paine, assim como mestrados na American University e em Yale (em 1944 e 1947, respectivamente).[21] Quando estudava em Yale, Lomax desabrochara, apresentando um programa de rádio semanal que "marcou a primeira vez em que um negro escreveu e apresentou seu próprio programa dramático pelo rádio no distrito de Columbia".[22] Mas em 1949 ele atravessava tempos difíceis. Depois de mudar-se para o sul de Chicago, envolveu-se num fraudulento negócio com automóveis, que alugava em Indiana e vendia em Chicago. A polícia seguiu facilmente os carros roubados e o prendeu; Lomax foi condenado por uma série de roubos e ficou atrás das grades até conseguir a liberdade condicional em novembro de 1954, período durante o qual sua mulher pediu divórcio.[23]

Em 1956, sua sorte mudou inesperadamente. Em fevereiro, o agente da condicional lhe deu permissão para trabalhar para a Associated Negro Press, em

Washington.[24] A oportunidade encheu-o de novas energias; nos três anos seguintes, ele publicou artigos em jornais como New York Daily News e New York Daily Mirror, além de comentários analíticos em revistas como Pageant, Coronet e The Nation.[25] Por meio desses artigos seu nome chegou aos ouvidos de Wallace, que lhe ofereceu o emprego. Seu trabalho era fazer pré-entrevistas com convidados, antes de aparecerem no programa de Wallace.[26] Foi Lomax quem sugeriu a ideia de uma série dedicada a NOI, tendo obtido a aprovação de Muhammad por intermédio de Malcolm.[27] Lomax muito provavelmente contou a Malcolm sua história na prisão, o que teria fortalecido suas relações.

Ideologicamente, Lomax era um integracionista, mas, apesar disso, descobriu muitos motivos para admirar a autossuficiência e o orgulho racial que os membros da Nação transpiravam. A NOIlhe deu licença para filmar Muhammad num comício em Washington, em 31 de maio.[28] Depois de semanas de filmagens, Lomax entregou os rolos a Wallace, que editou e narrou a série de modo a causar o maior impacto possível. O título provocador de The Hate That Hate Produced [O ódio que o ódio engendrou] era um apelo velado aos liberais brancos, que refletia a atitude política de Wallace. Afinal, os Estados Unidos brancos tinham tolerado a escravidão e a segregação racial durante séculos. Era de surpreender, portanto, que uma minoria de negros tivesse se tornado tão racista quanto os brancos?

A série Wallace/Lomax apareceu na wnta de Nova York em segmentos de meia hora de duração, de 13 a 17 de julho. Uma semana depois, o canal transmitiu um documentário de uma hora apresentado por Wallace sobre o movimento de supremacia negra, contendo partes das transmissões anteriores. Por sorte, talvez, Malcolm estava fora do país quando os programas foram ao ar, porque eles provocaram uma tempestade. Líderes de direitos civis, percebendo a possibilidade de desastre, procuraram distanciar-se o máximo possível. Arnold Forster, chefe da divisão de direitos civis da Liga Antidifamação, acusou Wallace de ter exagerado ao falar do poder da NOI, dando-lhe uma "importância que não se justifica". Outros críticos discordaram da própria série. No New York Times, Jack Gould declarou: "A tendência periódica de Mike Wallace a buscar o sensacionalismo pelo sensacionalismo teve efeito contraproducente... Divulgar as declarações descabidas de demagogos sem apresentar ao menos fatos pertinentes que as refutem não é jornalismo consciente ou construtivo".[29] O próprio Malcolm achava que o programa tinha demonizado a Nação, e comparou seu

impacto com "o que aconteceu nos anos 1930, quando Orson Welles assustou todo o país com um programa radiofônico que narrava, como se estivesse de fato ocorrendo, uma invasão de 'marcianos'".[30] Mas, por outro lado, uma parte de Malcolm sempre achou que a publicidade, mesmo negativa, era melhor do que nenhuma publicidade.

A despeito da grita, o fato é que o programa tinha apresentado a NOIa uma audiência muito mais ampla. Houve uma "avalanche instantânea de reação pública", como recordava Malcolm. "Centenas de milhares de nova-iorquinos, negros ou brancos, exclamavam: "Você ouviu? Você viu? Pregar o ódio aos brancos!". A controvérsia espalhou-se rapidamente. Depois da resposta negativa da imprensa de Nova York, veio a dos semanários nacionais, que caracterizaram a NOIcomo "negros racistas", "negros fascistas" e até "possivelmente de inspiração comunista". Diante das veementes críticas da comunidade afro-americana, Malcolm fez pouco caso dos seus opositores de classe média, chamando-os de "negros Pai Tomás".

A intensa exposição mudou a vida de quase todas as pessoas envolvidas com a série. Deu a Mike Wallace a oportunidade de que ele precisava; devido à transmissão nacional, um grupo de emissoras pertencentes à Westinghouse propôs-lhe que cobrisse a campanha presidencial de 1960, e dentro de três anos ele apresentava o programa de notícias da cbs de manhã. Mais adiante, recusaria o convite do candidato republicano à presidência, Richard Nixon, para ser seu assessor de imprensa, aceitando, em vez disso, um novo trabalho como repórter do 60 Minutes da cbs, o programa de notícias que permaneceu mais tempo no ar em toda a história da televisão.[31] Lomax também fez sucesso, publicando em 1960 seu primeiro livro, The Reluctant African [O africano relutante], que recebeu o prêmio Anisfield-Wolf. Reportagens de sua autoria sobre questões de direitos civis eram apresentadas regularmente nas redes de televisão. Tanto Lomax como Wallace continuaram a explorar suas relações com a NOI.[32] Em 26 de julho de 1959, porém, a NOIimpediu o acesso de Wallace a um gigantesco comício na St. Nicholas Arena de Nova York, que tinha Elijah Muhammad como principal orador. Nesse evento, Muhammad acusou Wallace e outros jornalistas brancos de tentarem dividir a NOIem facções. "Será que verdade para ele é ódio?", perguntou. "Nenhum inimigo quer ver o negro americano livre e unido."[33]

Dentro da Nação, os detratores de Malcolm o responsabilizaram pela

publicidade negativa em torno do documentário. Ministros que se opunham a conceder entrevistas à imprensa agora sentiam que estavam certos ao proibir membros de falarem com jornalistas. A opinião da sede em Chicago, entretanto, era bem menos severa. Quando um jovem doutorando, C. Eric Lincoln, pediu ajuda para sua dissertação sobre a NOI, Muhammad, Malcolm e outros muçulmanos consentiram. O estudo de Lincoln, publicado em 1961 com o título de The Black Muslim in America [Os negros muçulmanos nos Estados Unidos], tornou-se a obra de referência sobre o assunto durante décadas.[34] Quando a poeira baixou, até Lomax conseguiu voltar às graças da Nação. Ao abordar a NOIpara escrever seu próprio livro sobre a seita, a cúpula foi generosa com ele. O estudo de Lomax When the Word is Given [Quando a palavra é dada], de 1963, é talvez a melhor fonte individual sobre o funcionamento da NOIantes de Malcolm romper com a seita. Apesar de seu próprio compromisso com a integração racial, Lomax tentou apresentar uma avaliação equilibrada e objetiva das forças e fraquezas da NOI. Identificou, acertadamente, o mal-estar entre negros da classe operária que anos depois alimentaria a raiva impulsionadora do movimento Black Power. Lomax citou o eloquente James Baldwin: "No fundo do coração as massas negras não acreditam mais nos brancos. Não acreditam em Malcolm, também, a não ser quando ele expressa a descrença delas nos brancos... As massas negras nem abraçam nem denunciam os muçulmanos negros. Simplesmente se sentam em casa, no gueto, no meio do calor, das baratas, dos ratos, do vício, da desgraça, e lamentam o fato de que, quando o dia clarear, vão acabar se encontrando com o homem — o homem branco — e trabalhar num emprego que os leva apenas a um beco sem saída".[35]

Na própria Nação, o impacto mais duradouro da série foi o reconhecimento de que a seita precisava exercer maior controle sobre sua imagem. Isso exigia, no mínimo, a publicação regular de um jornal ou revista. No outono de 1959, Malcolm fez uma primeira tentativa, a Messenger Magazine; talvez tenha se baseado numa tradição mais antiga do Harlem, pois um jornal anterior chamado Messenger, editado por A. Philip Randolp e Chandler Owen, fora publicado de 1917 a 1928. Os anúncios da Amsterdam News promovendo o jornal prometiam que ele apresentaria "os objetivos e as conquistas de Mr. Muhammad" e "a verdade sobre os incríveis êxitos econômicos e educativos e sobre o crescimento espiritual dos muçulmanos entre os negros dos Estados Unidos".[36] A revista não conseguiu formar um público, entretanto, como acontecera com várias outras

iniciativas do gênero, até que Malcolm começou a editar um jornal mensal, chamado Muhammad Speaks. Templos começaram a receber centenas de exemplares, e a publicação logo atraiu milhares de leitores fiéis, na grande maioria não muçulmanos. A chave do seu êxito tinha duas razões. A primeira é que foram contratados legítimos e qualificados jornalistas, a quem foi dada ampla margem para cobrir seus interesses. Com o tempo, o jornal desenvolveu um caráter esquizofrênico, com alguns artigos louvando Muhammad e promovendo a NOI, e outros oferecendo cobertura minuciosa de questões dos negros americanos, da África e do Terceiro Mundo. Mas a outra razão foi que todos os templos recebiam ordens para vender certo número de exemplares por semana; os jornais eram entregues a obreiros individuais do foi, que tinham a obrigação de distribuir o Muhammad Speaks em toda parte.

Malcolm aproveitou o abalo provocado pelo documentário para recomendar o secretário do Templo nº 7, John X Simmons, para o cargo de secretário nacional. Em um ano, Simmons iria se mudar para Chicago e receberia de Elijah Muhammad um nome original: John Ali. A promoção deixou Malcolm satisfeito, pois achava que teria outro forte aliado em Chicago.[37] Não imaginava que Ali seria um dos seus críticos mais severos na sede nacional.

Depois do julgamento de Betty, Malcolm decidiu que ela e a filha precisavam passar um tempo na casa dos Malloy em Detroit. Betty opôs-se à mudança, mas cedeu à vontade de Malcolm. Seus sentimentos não mudaram depois de estabelecer-se lá, porém, e no fim de março de 1959 reclamou do arranjo ao marido, embora ele demonstrasse pouca simpatia. Malcolm incentivou-a a encarar sua ausência de Nova York como um período de férias. Apesar de Betty preocupar-se por estar ausente de casa, ele lhe garantiu que sobreviveria. Sentia falta da comida que ela preparava, e escreveu-lhe que comia regularmente no restaurante do templo. Tinha dificuldade para expressar amor, ou mesmo um elogio a Betty sem qualificá-lo com uma declaração relacionada a NOI. Por exemplo, elogiou a culinária de Betty, mas logo acrescentou: "Que seria de nós, irmãos, sem nossas maravilhosas irmãs da MGT? (riso)".[38]

As "férias" involuntárias de Betty talvez tenham dado a Malcolm espaço para respirar, mas sobrecarregaram suas finanças. Em 1º de abril ele lhe mandou outra carta, acompanhada de vinte dólares. Pedia-lhe que gastasse o mínimo

possível, lembrando-lhe que ele carregava um "grande fardo financeiro". Comentou que a passagem aérea para Chicago tinha sido cara e que ficar em Detroit também custaria um bom dinheiro. E fez uma declaração quase paradoxal. Incentivou-a a "divertir-se, mas sem comprar nada", a não ser quando fossem coisas absolutamente essenciais. Para economizar, instruiu-a a escrever cartas em vez de telefonar. Chegou a colocar selos no envelope que lhe enviou.[39] Sentindo-se relegada e presa, Betty voltou a entrar em depressão e chegou a pensar em fugir do casamento. Naquela altura, Malcolm via a mulher como um incômodo — alguém que era obrigado a aguentar — e não como parceira amorosa. As feridas deixadas pelas provocações sexuais de Betty ainda estavam muito vivas. Ele concentrou suas energias nos assuntos da Nação e nos grandes eventos que preparava para 1959.

O maior acontecimento público de que Malcolm participou aquele ano foi um importante comício com discurso de Elijah Muhammad em julho, na St. Nicholas Arena em Nova York. Muhammad declarou que ele e a Nação eram "apoiados por 500 milhões de pessoas, que elevam sua voz para Alá cinco vezes ao dia".[40] Na verdade, ele reivindicava plena aceitação na comunidade global islâmica, noção que seria vigorosamente rejeitada pela vasta maioria dos muçulmanos ortodoxos nos Estados Unidos. Nas pequenas e majoritariamente sunitas comunidades emigrantes, cuja linhagem remontava ao Oriente Médio, ao sul da Ásia e ao norte da África, os muçulmanos viam poucos pontos em comum entre a NOIe a fé que professavam. "Rezemos fervorosamente para que os leitores de The Courier não confundam a seita de Mr. Muhammad com a do verdadeiro Islã", escreveu Yasuf Ibrahim, um algeriano, em carta para o jornal de Pittsburgh. "Crentes em Alá não reconhecem raça."[41]

Talvez pensando em calar os críticos de fora, a Nação tomou medidas para afirmar suas conexões com a comunidade islâmica global. Muhammad inicia seu livro, Message to the Blackman in America [Mensagem para o homem negro nos Estados Unidos], de 1960, com o seguinte versículo tirado do Alcorão: "Foi Ele quem despachou Seu Mensageiro com a orientação e a verdadeira religião, para que possa vencer as religiões, todas elas, embora as politeístas possam ser adversas".[42] Uma coluna regular em Muhammad Speaks, chamada "Muslim Cookbook" [Caderno de culinária muçulmana], oferecia receitas segundo os critérios halal. Instrutores do idioma árabe foram contratados para as escolas da NOI, e ministros eram estimulados a fazer referências ao Alcorão durante os

sermões. A mulher de maior destaque no Templo nº 7, Tynetta Deanar, passou a escrever uma coluna sobre as conquistas globais das mulheres islâmicas.

Foi nesse espírito de confraternidade que a NOIpassou um telegrama de congratulação para a Conferência da Solidariedade Afro-Asiática, realizada de 26 de dezembro de 1957 a 1º de janeiro de 1958, no Cairo, sob os auspícios do presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser.[43] A seita tinha muito a ganhar com o reconhecimento, ou mesmo o agradecimento, dos estados muçulmanos mais importantes, principalmente do Egito. Nasser retribuiu o gesto no ano seguinte, enviando saudações a Elijah Muhammad na convenção do Dia do Salvador. Em seguida, convidou Muhammad a visitar o Egito e fazer o hajj até Meca. Muhammad planejava visitar o Oriente Médio, mas deparou com certas dificuldades, da parte do governo americano, para viajar ao exterior. Foi decidido que Malcolm iria primeiro, como representante de Muhammad. Ele faria os contatos necessários para que o líder e seus parentes pudessem ir depois.

Malcolm ficou, sem dúvida, animado com a missão, mas, seguindo fielmente a tradição da NOI, não manifestou entusiasmo. Preencheu devidamente o pedido de passaporte, declarando que seu itinerário incluía visitas ao Reino Unido, Alemanha, Itália, Grécia, Egito, Líbano, Turquia, Arábia Saudita e Sudão, e que pretendia partir em 5 de junho para participar dos "Rituais anuais sagrados de Peregrinação Muçulmana à Cidade Santa de Meca", marcados para o período de 9 a 16 de junho.[44] Por várias razões, no entanto, sua viagem foi postergada, e ele continuou a cumprir suas obrigações durante todo o mês de junho.[45]

Quando finalmente chegou ao Cairo em 4 de julho, essa data marcou o início de uma experiência transformadora. Malcolm era agora um viajante internacional, o convidado bem-vindo de chefes de Estado e um peregrino nas terras da fé que o salvara do desespero. No Egito, o vice-primeiro-ministro Anwar el-Sadat encontrou-se com Malcolm várias vezes, e ele foi bem recebido por líderes religiosos na Universidade Al-Azhar.[46] Nasser propôs um encontro pessoal, mas Malcolm recusou polidamente o convite, explicando que "era apenas o precursor e humilde servidor de Elijah Muhammad". Seu plano era permanecer pouco tempo no Egito, antes de visitar Meca e percorrer a Arábia Saudita, mas, logo após a chegada, contraiu uma disenteria e acabou permanecendo lá por dez dias. Durante sua estada, foi convidado por uma série de egípcios influentes para dormir em suas casas. Mesmo com longa prática na versão peculiar do Islã exercida pela NOI, Malcolm às vezes se sentia

constrangido por sua falta de conhecimento formal da religião muçulmana. No Egito, esperava-se que ele se juntasse a outras pessoas para fazer as preces cinco vezes por dia, mas confessou a um conhecido que não compreendia a língua árabe, e tinha "um conhecimento muito superficial do ritual [de orações]".

Quando finalmente melhorou, Malcolm seguiu para a Arábia Saudita, onde a escravização de pessoas de ascendência africana tinha existido por mais de 1500 anos. Do ponto de vista da maioria dos americanos negros, a Arábia Saudita era uma sociedade não branca, com os negros relegados à base da pirâmide. No Hotel Kandara Palace em Jedá, Malcolm descreveu a aparência física da população saudita como "do preto real a um moreno intenso, mas ninguém é branco". A maioria dos árabes, observou, "estaria em casa no Harlem. E todos se referem calidamente a nossa gente nos Estados Unidos como seus 'irmãos de cor'". Sua própria raça, há tanto tempo o prisma de sua própria definição, perdeu importância. "Muitos egípcios não o identificavam como negro, por causa da sua cor, até que o vissem de perto", observou um companheiro de viagem. O episódio mostrou a Malcolm que identidades raciais não eram fixas: o "negro" num país podia ser branco ou mulato em outro. A ausência de uma rígida linha divisória de cor, ao que tudo indica, sugeriu a Malcolm que "não existe preconceito de cor entre muçulmanos, pois o Islã ensina que todos os mortais são iguais e irmãos".[47]

Três semanas depois de misturar-se com o povo e com os poderosos no Oriente Médio o compromisso de Malcolm com o pan-africanismo também foi reforçado. "A África é a terra do futuro", escreveu ele numa carta que depois seria publicada pelo Pittsburgh Courier.

> Ainda ontem a América era o Novo Mundo, um mundo com futuro — mas agora, de repente nos damos conta de que a África é o Novo Mundo — o mundo com o futuro mais brilhante — um futuro no qual os chamados negros americanos estão destinados a desempenhar papel de destaque.[48]

Em toda a viagem, Malcolm extasiava os ouvintes com declarações sobre a importância da NOIE sobre a cruel opressão que os negros americanos sofriam nas mãos dos brancos. Escrevendo sobre a reação indignada de quem o ouvia, ele explicou que "hordas cada vez maiores de africanos inteligentes acham difícil entender" por que os negros americanos continuavam oprimidos, "sem verdadeira liberdade, sem direitos a escolas públicas e, acima de tudo, relegados

a favelas... O principal instrumento que separa leste e oeste, dia e noite, é o ressentimento na África e na Ásia contra a discriminação administrativa [de afro-americanos] nos Estados Unidos".[49] Essa compreensão ressaltava a necessidade de ampliar a perspectiva internacional dentro do Black Freedom Movement [Movimento de Liberdade Negra]. Cultivando alianças com países do Terceiro Mundo, os afro-americanos ganhariam poder e influência para o fortalecimento racial.

Havia diversas razões para acreditar que tal estratégia talvez desse resultado. Primeiro, um número significativo de líderes africanos, como Kwame Nkrumah, do Gana, visitou e frequentou universidades nos Estados Unidos e estava familiarizado com seu sistema de opressão racial. Igrejas, faculdades e associações cívicas negras, desde meados do século xix, mantinham contatos ou faziam permutas com instituições africanas. Esse era o caso, principalmente, da África do Sul, onde os paralelos entre o apartheid e a segregação legal eram óbvios. Finalmente, um bom número de movimentos revolucionários anticolonialistas, como a Frente de Libertação Nacional da Argélia, era não comunista. Americanos negros podiam trabalhar com representantes desses movimentos sem serem acusados de comunistas.

A carta de Malcolm, repleta de novas ideias sobre o Islã e a solidariedade afro-asiática, o pôs numa encruzilhada filosófica. A atitude para com a raça expressa por muçulmanos que ele conheceu em sua viagem lhe revelou contradições internas fundamentais na teologia da NOI. O Islã, em teoria, não distinguia cores; membros da ummah podiam pertencer a qualquer nacionalidade ou raça, desde que observassem os cinco pilares e outras tradições essenciais. Os brancos não poderiam ser demonizados como categoria. Malcolm percebeu, durante a viagem, que para continuar crescendo a NOIprecisava abandonar conceitos e práticas sectários, como a história de Yacub, além de acelerar a assimilação do Islã ortodoxo. O pan-africanismo representava um problema diferente. Usar a solidariedade do Terceiro Mundo para alavancar mudanças nos Estados Unidos começou a parecer viável, mas essa premissa contradizia o dogma da NOIde que seria impossível conseguir reformas sob domínio dos brancos, e que a paz exigia um estado negro separado. O que havia de mais perturbador era a questão da liderança. A shahada confirma que só Maomé é o profeta final de Deus; aproximar-se do Islã significava, portanto, que a pretensão de Elijah de ser "Mensageiro de Alá" seria, inevitavelmente,

questionada.

Talvez a viagem tenha sido o início de suas preocupações íntimas com a organização da NOI, e por isso, na Autobiografia, Malcolm praticamente não toca no assunto. Percebia, obviamente, as discrepâncias entre o que Elijah Muhammad lhe ensinara e as variadas culturas que observara. Os muçulmanos, isso estava claro, não eram todos "negros". A carta de Malcolm ao Pittsburgh Courier, porém, assim como histórias relativas a suas experiências das quais se lembrava, diziam da vívida impressão que a viagem lhe deixara gravada na memória. Suas lições continuaram a ser ouvidas na filosofia que ele expressava e passava a desenvolver em seus discursos públicos.

A visita de Malcolm em 1959 foi amplamente divulgada tanto dentro da NOIcomo pelos jornais afro-americanos.[50] Mas, depois de retornar, em 22 de julho, falou pouco da viagem, preferindo manifestar-se sobre a controvérsia criada pelo documentário The Hate That Hate Produced. Tentou transmitir o que aprendera sobre o mundo islâmico para os membros do Templo nº 7, mas mesmo assim falava com cautela, evitando, talvez, apresentar ideias que pudessem ir de encontro aos princípios da NOI. "Os muçulmanos do Extremo Oriente", disse, "queriam saber como é que ele podia se declarar muçulmano sem saber falar árabe." Malcolm lhes explicara que tinha sido "sequestrado quatrocentos anos atrás, privado de sua língua, de sua religião e privado de seu nome e de sua sabedoria".[51]

Elijah Muhammad levou adiante os planos para sua própria viagem. Na primeira metade de novembro de 1959, Muhammad partiu com dois filhos, Herbert e Akbar. Posteriormente, ele diria que fez um hajj, mas, como sua viagem a Meca ocorreu fora da estação oficial da peregrinação, tecnicamente o que ele fez foi uma umrah, uma visita espiritualmente motivada, muito embora a umrah seja amplamente aceita em todo o mundo muçulmano como legítima peregrinação.[52] Mais importante foi a aceitação oficial de Muhammad e sua pequena delegação pelas autoridades sauditas, que controlavam o acesso dos crentes à cidade.

Muhammad voltou em 6 de janeiro de 1960.[53] Como Malcolm, ele tinha sido profundamente afetado, e começou a introduzir mudanças para dar a NOIum caráter islâmico mais forte. Na convenção do Dia do Salvador, no mês seguinte, ordenou que os templos da NOIfossem, dali em diante, chamados de mesquitas, em consonância com o Islã ortodoxo.[54] O ritmo de islamização foi

significativamente acelerado. As aulas de árabe multiplicaram-se, e ele mandou o filho Akbar estudar na Universidade de Al-Azar, no Cairo; mas deve ter percebido, como Malcolm, que sua própria posição representava um desafio especial no que dizia respeito à reconciliação da NOIcom o Islã ortodoxo. Sua autoridade, e, a rigor, grande parte da riqueza e das propriedades que acumulara, vinham do status especial (embora fictício) de Mensageiro de Alá — status ao qual não tinha intenção de renunciar. Manter sua supremacia, enquanto recompunha a face da NOI, seria um difícil exercício de equilíbrio.

⋆ ⋆ ⋆

"O ano de 1960 pode ser um ano de decisão para o negro americano." Quem assim falou foi o advogado radical William Kunstler, ao abrir um debate entre Malcolm e o reverendo William M. James na rádio wmca de Nova York no começo do ano. Em todo o sul, protestos se multiplicavam, com estudantes negros recusando-se a se levantar das cadeiras em lanchonetes que se recusavam a lhes servir comida. A experiência mista de Malcolm com o documentário The Hate That Hate Produced demonstrou como era importante apresentar as opiniões da NOIsob uma luz favorável, por isso, no começo de 1960, quando a wmca de Nova York propôs um debate entre ele e James, o pastor liberal da Igreja Metodista Unida da Comunidade Metropolitana, no Harlem, ele aceitou o convite.

Kunstler pressionou Malcolm já de saída. "Roy Wilkins, o diretor-executivo da NAACP, descreveu o Templo do Islã como uma organização em nada melhor do que a Ku Klux Klan. Você acha que é um comentário pertinente?" Malcolm, de imediato, qualificou o comentário de Wilkins de ignorante: "Duvido muito que Mr. Wilkins faria esta acusação se estivesse familiarizado com Mr. Muhammad e seu programa".[55] Quando Kunstler ficou inquieto, citando reportagens em que membros da NOIchamavam os brancos de "demônios desumanos", Malcolm defendeu a causa do "extremismo racial" contextualizando-a como uma forma de excepcionalidade comum a grupos religiosos. Católicos e protestantes afirmam que a única maneira de alcançar o paraíso é pertencer a suas respectivas igrejas, lembrou Malcolm. "E os judeus, durante milhares de anos, têm aprendido que só eles são o povo eleito por Deus... Para mim é difícil aceitar que católicos e cristãos nos acusem de ensinar ou propor qualquer tipo de supremacia ou ódio

racial, porque a história deles, assim como seus ensinamentos, está repleta disso."[56]

Tenha ou não sido o ano do negro americano, o fato é que 1960 viu Malcolm encontrar um público além da comunidade negra, e isso fez sua fama crescer. Ele esforçou-se para comparecer regularmente à Mesquita nº 7, mas seus compromissos de orador continuaram em ritmo acelerado. Em março, fez palestra para estudantes de Harvard, Boston e mit, num seminário realizado na Universidade de Boston. Seus comentários formais duraram apenas dez minutos; a seção de perguntas e respostas estendeu-se por mais de duas horas.[57] Também fez uma palestra num evento copatrocinado pela NAACP, no Queens College, em maio, muito significativo porque foi a primeira vez que a organização de direitos civis ofereceu uma tribuna para um líder negro que se opunha com veemência a sua política.[58]

No entanto, o discurso mais importante que ele pronunciou aquele ano foi o de 28 de maio no Comício da Liberdade do Harlem, que a NOIorganizou com mais uma dezena de grupos locais. O comício foi realizado na interseção da rua 125 Oeste com a Sétima Avenida, onde as 4 mil pessoas que assistiram ao programa de cinco horas de duração se amontoavam nas ruas e calçadas.[59] Antes de começar, alto-falantes trombeteavam a música de Louis X, "A White Man's Heaven is a Black Man's Hell" [O paraíso do homem branco é o inferno do homem negro]. Quando subiu ao palco, Malcolm pronunciou um discurso que se afastava dos comentários típicos que fazia naquela época. Fez um apelo conscientemente amplo, com foco não apenas na NOImas no "povo negro do Harlem, no povo negro da América e no povo negro de toda esta terra". Às vezes, sua fala assemelhava-se à de King: "Não estamos aqui neste comício porque já conquistamos a liberdade. Não! Estamos reunidos aqui pela liberdade que há muito nos prometeram, mas que ainda não recebemos".[60] Em todos os comentários usou a linguagem inclusiva da causa pelos direitos civis — "liberdade", "igualdade" e "justiça" — como moldura para construir uma coalizão negra militante baseada no gueto do Harlem. Negros aliados com a NAACP e a Liga Urbana Nacional teriam dificuldade de argumentar contra essa retórica, que claramente se apropriara da sua.

Um objetivo central do comício, disse Malcolm à plateia, era ouvir uma variedade de líderes afro-americanos, incluindo alguns "que têm agido como nossos porta-vozes, e nos representado no centro da cidade do homem branco".

Não fez críticas aos moderados, ressaltando, em vez disso, a necessidade de os negros do Harlem superarem as divisões na comunidade. Sua ênfase na necessidade de uma frente unida projetou uma imagem de pragmatismo e moderação, mudança de rumo notável para um homem que poucos meses antes tinha atacado os líderes integracionistas, chamando-os de "negros Pai Tomás". O discurso fez tremendo sucesso e foi amplamente responsável pela transformação de Malcolm num respeitado líder político da vida cívica do Harlem. Se o Departamento de Polícia de Nova York soube de antemão de suas intenções, o fato é que designou seis policiais para assistirem ao comício. Um deles, um policial negro chamado Ernert B. Latty, ficou, aparentemente, tão perturbado com a canção "A White Man's Heaven" que comprou o disco e o anexou ao seu relatório. As reações entre os detetives em geral provocaram preocupação suficiente para resultar num significativo aumento da espionagem por parte do BOSS.[61]

Enquanto Malcolm cada vez mais aparecia na mídia, fazia palestras em faculdades e pronunciava discursos durante o ano de 1960, as críticas a ele intensificavam-se dentro da NOI. Para demonstrar sua lealdade, ele compareceu a muitas falas públicas de Muhammad, enquanto acompanhava de perto o trabalho das mesquitas locais e se dedicava de corpo e alma à Mesquita nº 7.[62] Também fomentou um culto em torno de Muhammad, sugerindo que o "apóstolo" não podia cometer pecados ou erros de julgamento. "Se observarmos o desenvolvimento da Nação do Islã", explicou Louis Farrakhan, "foi irmão Malcolm que começou a chamar Elijah de 'Honrado' Elijah, e que nos fazia dizer — repetidamente — 'o Mensageiro Elijah Muhammad ensinou-me' ou 'o Mensageiro Elijah Muhammad nos ensina'. Queria deixar claro que Elijah Muhammad era um Mensageiro de Deus."[63]

A grande visibilidade de Malcolm continuou a render-lhe convites para falar nas universidades mais importantes, que o apresentaram a um público significativamente maior — e mais branco — do que o de qualquer um de seus colegas da Nação. Informantes do FBI chegaram a afirmar que Malcolm talvez concorresse a um cargo eletivo.[64] Em 20 de outubro, no auditório da Faculdade de Direito de Yale, ele falou junto com outro convidado, Herbert Wright, secretário da juventude nacional da NAACP. Perante uma multidão onde só havia lugar para ficar em pé, Wright, como era de esperar, defendeu a causa da integração racial, sugerindo o uso de "litígio, instrução e legislação" para alcançar

reformas. Malcolm rejeitou essa tese em favor da total separação de raças. No fim do debate, membros da NOIcircularam entre hordas de estudantes brancos, vendendo discos com a canção "A White Man's Heaven...".[65] O debate com Wright representou, no fim das contas, um recuo das posições favoráveis aos direitos civis que Malcolm defendera no comício do Harlem poucos meses antes. A ênfase na rigorosa separação racial provavelmente foi provocada pelo desejo de Malcolm de estabelecer uma distinção clara entre a sua posição e a da NAACP perante uma plateia majoritariamente branca.

O ritmo brutal de viagens continuou durante o segundo semestre de 1960. Apesar de os assuntos relativos à NOIlhe consumirem a maior parte das energias, Malcolm continuou a buscar maneiras de atingir um público maior. As entrevistas radiofônicas e os debates alcançavam uma audiência basicamente intelectual e de classe média. O que ele queria era um jeito de estabelecer-se como líder do mesmo nível, de outros líderes nacionais e internacionais.

Como se fosse obra do destino, uma oportunidade para produzir manchetes internacionais veio como um presente da Revolução Cubana. Em setembro de 1960, o primeiro-ministro de Cuba, Fidel Castro, viajou a Nova York para participar da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (onu). No Harlem, a notícia da sua chegada provocou grande comoção entre os líderes da esquerda negra local. Eles rapidamente organizaram um comitê de boas-vindas, do qual Malcolm fazia parte. A delegação cubana hospedou-se no confortável Hotel Shelburne, na avenida Lexington com a rua 37. A tensão logo aumentou: os cubanos já se sentiam insultados pelo Departamento de Estado, que limitara a liberdade de locomoção dos 85 membros da delegação à Ilha de Manhattan. Depois surgiu uma disputa em torno da conta do Hotel Shelburne, que levou Fidel a acusar o hotel de fazer "inaceitáveis demandas por dinheiro". De início, ameaçou mudar seu local de estadia para o Central Park. "Somos gente da montanha", explicou, com orgulho. "Estamos acostumados a dormir ao ar livre."[66] O secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjöld, apressou-se a conseguir acomodações para eles no Hotel Commodore, no centro da cidade, mas chegou tarde: Malcolm e o comitê de boas-vindas do Harlem foram mais rápidos e convidaram os cubanos a ficarem no Hotel Theresa, na esquina da Sétima Avenida com a rua 125. O hotel, de onze andares, tinha trezentos quartos; os novos hóspedes reservaram quarenta, além de duas suítes, uma delas para Fidel.

Um jornalista do Washington Post sugeriu que "Castro, que fez acenos para

líderes negros americanos em busca de apoio para sua revolução de esquerda, aparentemente tentou conseguir o máximo de propaganda possível com essa mudança".[67] O primeiro-ministro soviético, Nikita Khrushchev, que participava da mesma sessão da ONU, percebeu imediatamente uma oportunidade, e em poucas horas foi de carro até o norte da cidade para se encontrar com Fidel Castro pela primeira vez. Enquanto isso, milhares de moradores do Harlem afluíram ao hotel para ver as delegações e os dignitários internacionais entrarem e saírem. Logo grupos políticos se misturaram com a multidão para promover seus próprios programas: nacionalistas negros defendendo a causa do primeiro-ministro deposto do Congo, Patrice Lumumba, ativistas de direitos humanos exigindo a dessegregação, manifestantes pró-Fidel Castro e até alguns beatniks de Greenwich Village. Um cartaz dizia: "Cara, Fidel, que nem a gente, é quem manja mais. Ele sabe o que é legal e o que incomoda os caretas".[68]

A adesão de Malcolm ao comitê de boas-vindas o colocou em excelente posição para transformar a visita numa oportunidade. No fim da noite de 19 de setembro, ele e alguns assessores da NOIconseguiram um encontro de uma hora com Fidel. Detalhes de sua conversa são, no máximo, superficiais; Benjamin 2X diria depois que Malcolm tentou "pescar" Fidel, convidando-o para ingressar na NOI.[69] Mas Malcolm certamente percebeu que qualquer relação oficial, apesar de útil, poderia criar-lhe grandes dores de cabeça com as autoridades. Um relato sugere que, depois do encontro, Malcolm foi insistentemente convidado para ir a Cuba, mas não assumiu nenhum compromisso.[70] Em tudo o que transpirou, é inegável que ele ficou muito impressionado com Fidel e via nessa nova conexão um recurso diplomático que a NOIpoderia explorar. Em 21 de setembro, falando na Mesquita nº 7, Malcolm instruiu os membros do foi a ficarem "em estado de alerta 24 horas por dia" enquanto Fidel permanecesse no Harlem. Acrescentou que Fidel era "amistoso" com os muçulmanos. Um informante do FBI relatou que "o foi estava sendo alertado para proteger Castro no caso de qualquer manifestação anti-Castro".[71]

Apesar do Muhammad Speaks vir a tornar-se, no futuro, um firme defensor da Revolução Cubana, naquela época Elijah Muhammad ficou extremamente insatisfeito com o encontro entre Malcolm e Fidel.[72] Desde que voltara do Oriente Médio, a crônica doença pulmonar de que padecia piorara, e apesar de todos os esforços de Malcolm para venerar Muhammad, na Nação especulava-se sobre quem deveria assumir, dentro em breve, o papel de líder nacional — se

Malcolm ou Wallace Muhammad. Desde que falaram juntos no Festival dos Seguidores em 1957, Malcolm e Wallace tinham se aproximado, apesar de Wallace, cada vez mais, rejeitar a teologia do pai e repudiar o que lhe parecia suborno da parte de conselheiros como Raymond e Ethel Sharrieff.[73] A atitude militante de Malcolm contaminara Wallace a tal ponto que alguns líderes da NOItemiam a potência de uma provável aliança. O ministro da Mesquita nº 4, Lucius X Brown, queixava-se de que a dupla pudesse "convencer Elijah Muhammad a marchar para a Casa Branca". Mesmo que Muhammad não quisesse, sugeria Lucius, "Malcolm e Wallace estavam atrás da posição de Muhammad e Muhammad podia fazê-lo para salvar as aparências".[74]

A possibilidade dessa união de poder parecia acabada em 23 de março de 1960, quando Wallace Muhammad foi condenado num tribunal federal por recusar-se a servir nas Forças Armadas. Em junho daquele ano, foi sentenciado a três anos de prisão. O advogado de Wallace recorreu da decisão, alegando que ele era um objetor de consciência. Enquanto o recurso arrastava-se pelo sistema, Wallace prosseguiu suas atividades, construindo a mesquita da Filadélfia, e era presença constante na Mesquita nº 7, no Harlem. Por exemplo, em 29 de janeiro de 1961, quando Malcolm estava ausente numa longa turnê de palestras, Wallace foi anunciado como principal orador da Mesquita nº 7 na Amsterdam News. Na audiência de outubro de 1961, o recurso de Wallace finalmente foi negado, e ele recebeu ordem para apresentar-se a fim de ser encarcerado numa prisão federal. Em 30 de outubro, Wallace começou a cumprir a pena de três anos no Instituto Federal de Correções em Sandstone, Minnesota. Wallace Muhammad foi solto em regime de liberdade condicional em 10 de janeiro de 1963 e voltou imediatamente a reassumir seus compromissos de ministro na Mesquita nº 12, na Filadélfia.

A ausência de Wallace da vida organizacional da NOIatiçou boatos e temores paranoicos sobre Malcolm, especialmente entre os outros filhos de Elijah Muhammad. Parte da hostilidade contra Malcolm vinha de suas funções organizacionais. Como supervisor nacional, suas responsabilidades incluíam a solução de brigas locais entre membros de várias mesquitas. O papel de pacificador não era nada invejável, porque Malcolm, com frequência, era obrigado a impor a autoridade da sede em Chicago sobre a dos líderes locais que desejavam ter a semiautonomia e a flexibilidade de que ele gozava.[75]

Em face do crescente antagonismo, Malcolm preocupava-se em defender seus

aliados dentro da NOI. Ninguém era mais importante para ele do que Louis X Walcott. Louis fora subordinado de Malcolm em Nova York de outubro de 1955 a julho de 1956, tempo suficiente para incorporar o estilo oratório de Malcolm ao seu próprio. Mas quando se tornou ministro em Boston em 1957, teve considerável dificuldade para desincumbir-se das tarefas. Temia não estar qualificado, com a mesquita tendo atraído um número de profissionais com muito mais experiência do que ele em questões comerciais e cívicas. Como recordou Farrakhan: "[Malcolm] vinha e cuidava de seu irmão mais novo e me dava pistas. E Malcolm saía à rua, cara, e ouvia as pessoas, ia às barbearias — 'O que vocês acham da mesquita?'. E desaparecia. Depois voltava e nos contava o que o povo dizia e me corrigia".[76]

Malcolm resolveu que seu protegido devia tornar-se figura nacional por sua própria conta, e o encorajou a escrever duas peças, Orgena e The Trial [O julgamento], que se tornaram imensamente populares quando representadas para plateias muçulmanas. Mas não demorou para que Louis precisasse de uma ajuda de outro tipo. Ella Collins, recém-convertida à NOI, rapidamente se tornou um daqueles líderes que queriam ver Louis deposto. Anos depois, ele a descreveria como "uma mulher de gênio", acrescentando, "mas ela percebeu minha fraqueza em questões administrativas e formou um grupo de oposição a mim". Com a mesma energia com que estabelecera programas educacionais dentro do templo, Ella Collins se lançou na batalha. Enquanto a tensão crescia, houve um incêndio na casa de Louis; ninguém se feriu, mas a maioria dos membros da NOIachou que Ella era culpada.

Os dois lados apelaram para Elijah Muhammad. Louis argumentou que Ella continuava a enfraquecer sua autoridade e deveria ser castigada, ou mesmo expulsa. Ella insistiu com Muhammad para nomeá-la capitã da Mesquita nº 11 e demitir Louis. Muhammad propôs, primeiro, um acordo: Louis continuaria ministro, mas nenhum dos programas lançados por Ella seria cancelado. Ella tentou ajustar-se ao plano, mas sua antipatia por Louis era forte demais, e ela logo parou de frequentar a mesquita. Mas a questão não terminou aí. Malcolm foi chamado a Boston para atuar como mediador, e explicou a Louis que Ella era uma pessoa extremamente perigosa. "Ela é o tipo da mulher que — irmão, ela vai matá-lo." Malcolm não teve escolha senão apoiar a decisão de Louis de expulsá-la, fazendo dela o segundo de seus irmãos, depois de Reginald, que ele sacrificaria por lealdade à Nação.[77]

Em 1960, o ativista negro Bayard Rustin já tinha quase cinquenta anos de idade. Embora seu trabalho pelos direitos civis o tenha levado a associar-se com homens mais jovens, como Martin Luther King Jr., sua agitação em favor dos afro-americanos começara havia décadas. Rustin pertencera por breve período ao Partido Comunista no fim dos anos 1930, e em 1941 trabalhou no Movimento da Marcha Negra para Washington, de A. Philip Randolph, que obrigou o presidente Roosevelt a proibir a discriminação racial na indústria de defesa. Como Malcolm, ele se opusera ao envolvimento negro na Segunda Guerra Mundial, e sua recusa a fazer o serviço militar lhe valeu uma sentença de três anos de prisão. Depois de solto, participou de manifestações não violentas, desafiando as leis de Jim Crow nos ônibus públicos da parte setentrional do sul; em meados dos anos 1950, tornara-se um conselheiro de valor inestimável para King, além de arrecadador de fundos.

Entretanto, após a virada da década, quando o macarthismo deixava um gosto amargo na boca da esquerda, Rustin viu-se, de repente, marginalizado. Não era apenas em razão de sua breve passagem pelo Partido Comunista, mas também por sua sexualidade. Rustin era gay, e fora preso em 1953 na Califórnia por atividade sexual em público. Em abril de 1960, envolvera-se com uma nova organização lançada por Ella Baker, o Comitê Não Violento de Coordenação Estudantil (Student Nonviolent Coordinating Committee, SNCC), que se tornaria a ala radical da luta pela dessegregação. Durante todo o verão, ele tinha assessorado o novo presidente do SNCC, Marion Barry, no planejamento daquilo que deveria ser uma grande conferência sobre não violência em outubro. O nome de Rustin chegou a ser incluído no programa. Mas quando o conselho executivo da Federação Americana do Trabalho e o Congresso de Organizações Industriais (American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations, AFL-CIO), que financiava a conferência, manifestou-se contra sua participação, devido à orientação sexual e ao breve passado comunista, Barry e outros coordenadores cederam e o "desconvidaram".[78] O veto público a Rustin, no entanto, não era incomum para esquerdistas afro-americanos. No ano acadêmico de 1961-2, o comunista Benjamin Davis Jr. foi proibido de falar em muitas universidades, provocando protestos estudantis na cidade universitária de Nova York.[79]

Seu afastamento do Movimento de Liberdade Negra e o desejo de usar a publicidade em torno de Malcolm para restabelecer suas próprias credenciais talvez ajudem a explicar o crescente interesse de Rustin pela Nação do Islã. Em 7 de novembro de 1960, os dois homens resolveram debater entre si na rádio wbai de Nova York, o que marcou o início de uma amizade que perduraria a despeito de seus programas divergentes. Malcolm, que falou primeiro, começou por fazer uma distinção entre a abordagem da Nação e a do nacionalismo negro. "É uma diferença de método. Dizemos que a única solução é a abordagem religiosa; é por isso que ressaltamos a importância da reforma moral." Negou qualquer compromisso com a política prática, afirmando que Elijah Muhammad era um "apolítico".[80]

Malcolm tinha àquela altura acumulado grande experiência como debatedor, mas Rustin acumulara mais, e atacou o jovem oponente; não ajudou em nada o fato de identificar facilmente os furos na argumentação de Malcolm. Rustin atacou a posição separatista de Malcolm como conservadora, mesmo passiva. Em sua ampla maioria, os negros procuravam "tornar-se cidadãos de primeira classe", e o objetivo dos protestos pelos direitos civis era fazer avançar aquela causa. Malcolm negou a possibilidade de alcançar-se a cidadania "plena". "Achamos que, se cem anos depois da chamada Proclamação de Emancipação, o homem negro ainda não é livre, então não acreditamos que o que Lincoln fez lhes deu liberdade, para começo de conversa." Rustin rapidamente acusou Malcolm de fugir do assunto.

As habilidades de debatedor do homem mais velho mantiveram o adversário na defensiva. A certa altura, Malcolm negou que a integração algum dia pudesse realizar-se, mas admitiu que "se o homem branco nos aceitasse, sem a necessidade de aprovação de leis, então nós nos esforçaríamos". Isso, por si, já era uma importante concessão, se o intuito de Rustin não fosse obrigar Malcolm a chegar à conclusão lógica desse argumento: que se fosse impossível realizar mudanças nos Estados Unidos, os negros teriam de estabelecer um Estado separado noutro lugar. Quando Malcolm finalmente reconheceu que sim, Rustin fechou o cerco. Foi relativamente fácil para ele repassar as grandes reformas que tinham ocorrido e mostrar a impossibilidade prática de um Estado negro. "A grande maioria dos negros sente que as coisas podem melhorar aqui. Até que haja um lugar para onde possam ir, vão querer ficar."[81]

Em questão de minutos, a fraqueza essencial da Nação do Islã fora exposta.

Ele se apresentava como movimento religioso, sem interesse direto pela política. Mas, como King havia demonstrado, quando se tratava de pressionar por mudanças, a religião e a política não precisavam ser excludentes. Centenas de sacerdotes cristãos já usavam suas igrejas como centros de mobilização de desobediência civil e de campanhas para registro de eleitores. A Nação via o governo branco como inimigo; Elijah Muhammad costumava afirmar, em seus discursos, que o governo tinha decepcionado os americanos negros. Mas com a eleição de John F. Kennedy em novembro de 1960, em grande parte nas asas de significativo apoio dos negros, as reformas pareciam despontar no horizonte. E ainda que tais reformas fossem limitadas, a noção garveyista de um ou mais estados negros separados jamais tinha sido uma alternativa factível.

O mais devastador para Malcolm era saber que Rustin tinha razão. Apesar de todos os passos dados pela Nação para promover o progresso na vida dos adeptos, seu isolamento político o tornara impotente para mudar as condições externas que limitavam a liberdade dos negros. Malcolm já abraçara a necessidade da ação política direta quando marchou pelas mais movimentadas vias públicas do Harlem e bloqueou uma delegacia de polícia para garantir a segurança de Johnson X Hinton. E os movimentos do Terceiro Mundo que abraçara — das lutas pós-coloniais inspiradas pelo pan-africanismo a sua identificação com Fidel Castro — foram impulsionados fundamentalmente por um engajamento político. Rustin mostrou que Malcolm defendia um programa conservador, apolítico, em que ele mesmo não endossava suas próprias ações.

Se tivesse sido mais rápido para apreender as implicações práticas da lógica de Rustin, Malcolm poderia ter evitado um dos maiores desastres de sua carreira. Logo depois do debate, ele foi acusado de encabeçar a mobilização da NOIem Dixie. No fim dos anos 1950, a maioria das organizações de direitos civis usava seus recursos para apoiar campanhas no sul, e a NOInão quis ficar de fora. Em 1960 em Jackson, no Mississippi, milhares de negros tinham participado de um boicote econômico contra comerciantes brancos segregacionistas, que se mostrara de 90% a 95% eficaz. Em agosto daquele ano, o secretário da NAACP, Medgar Evers, investigou e publicou casos de brutalidade policial no estado.[82] O CORE também estava prestes a crescer, quando, em dezembro de 1960, a Suprema Corte decidiu, no processo de Boynton contra a Virgínia, que a segregação racial estava proibida em todos os terminais de transporte interestadual, decisão bem parecida com a do caso de Morgan contra a Virgínia,

com relação às viagens de ônibus interestaduais. No começo de 1961, sob o novo diretor James Farmer, o CORE lançaria os "Freedom Rides" [Caminhadas pela Liberdade] de manifestantes dessegregacionistas pelas áreas mais distantes do sul.[83]

Diferentemente dos grupos de direitos civis, entretanto, a estratégia sulista da Nação estaria ancorada no seu programa de separatismo negro. Elijah Muhammad e Malcolm tinham preparado juntos uma estratégia anti-integracionista, esperando contar com a receptividade dos negros sulistas. Um elemento-chave dessa abordagem consistia em estigmatizar os sacerdotes cristãos afro-americanos envolvidos em protestos não violentos com o apelido depreciativo de "Pai Tomás" — muito embora um ataque tão cruel contradissesse diretamente o compromisso público de Malcolm de formar uma frente unida. O plano também previa a construção de novas mesquitas da NOIem toda a região.

Em dezembro, Malcolm foi a Atlanta, anunciando sua presença na cidade durante uma entrevista concedida à rádio local werd. Participou de encontros e fez palestras na Mesquita nº 15 de Atlanta em pelo menos cinco ocasiões, antes de seguir para uma conferência interdenominacional de sacerdotes no Alabama e outras reuniões em Tampa, Miami e Jacksonville.[84]

Malcolm voltou para casa a tempo de assistir ao nascimento, no Natal, da segunda filha, Qubilah, que recebeu esse nome em homenagem ao imperador mongol Kublai Khan; mas no fim de janeiro estava novamente em Atlanta, ostensivamente para participar de encontros locais da NOI.[85] O principal objetivo da viagem, porém, era estabelecer um entendimento com a Ku Klux Klan.

Nenhum incidente isolado em toda a carreira de Malcolm provocou mais polêmica do que sua convenção privada com a KKK em janeiro de 1961. Ainda se sabe muito pouco sobre os pormenores do planejamento e da logística desse encontro. O que já se sabe ao certo é que, apesar de uma troca anterior de cartas hostis entre J. B. Stoner, líder do KKK, e Elijah Muhammad, tanto um como o outro viam vantagens na formação de uma aliança secreta. Em 28 de janeiro, Malcolm e Jeremiah X, líder da NOIem Atlanta, reuniram-se com representantes da KKK. Aparentemente, a Nação estava interessada em comprar terrenos para agricultura e outras propriedades no sul e, como explicou Malcolm, queria pedir "a ajuda da KKK para conseguir a terra". De acordo com a espionagem do FBI, Malcolm assegurou aos racistas brancos que "seu povo desejava total segregação

da raça branca". Se fosse possível obter território suficientemente amplo, os negros estabeleceriam negócios, ou mesmo um governo, separados racialmente dos brancos. Explicando que a Nação exercia estrita disciplina sobre seus membros, ele insistiu com brancos racistas na Geórgia para fazerem o mesmo: eliminar os brancos "traidores que ajudam os líderes integracionistas".[86]

Malcolm, pessoalmente, parece ter visto todo o episódio com aversão, pois queixou-se em seguida a Elijah Muhammad e só anos mais tarde admitiria publicamente sua participação.[87] Mesmo então, procurou distanciar-se, alegando que não tinha conhecimento de contatos entre a NOIe a KKK depois de janeiro de 1961, muito embora isso seja improvável. Jeremiah X, que se envolveu ativamente nas negociações com a Klan, participou, à luz do dia, de um comício da KKK em Atlanta em 1964, recebendo elogios públicos do "bruxo imperial", Robert M. Shelton.[88]

Sentar-se com racistas brancos para negociar assuntos de interesse comum, num momento da história negra em que a KKK intimidava, vitimava e até matava obreiros dos direitos civis e cidadãos negros comuns, foi desprezível. Os argumentos de Malcolm em defesa das negociações com racistas brancos eram insuficientes. Ele chegara a dizer aos homens da KKK que "os judeus estão por trás do movimento de integração, usando os negros como instrumento".[89] Devia saber que essa tentativa de se aproximar seria usada para enfraquecer a luta por direitos iguais para os negros, que os homens da Klan e os racistas brancos estavam decididos a matar líderes do movimento pelos direitos civis na região. A adoção acrítica das políticas separatistas e conservadoras de Elijah Muhammad tinha levado Malcolm a um beco sem saída.

7. "Tão certo como Deus fez as maçãs verdes"

Janeiro de 1961-maio de 1962

Betty sofria. Nas três semanas antes do nascimento de Qubilah, Malcolm estivera viajando. No dia do nascimento, ele dedicara a maior parte do seu tempo ao julgamento de membros da Mesquita nº 7. Agora o marido estava de novo ausente. Dentro de algumas semanas, ela arrumaria Attallah e Qubilah e viajaria em direção sul, para o norte da Filadélfia, dessa vez em busca de refúgio temporário na casa do pai biológico, Shalman Sandlin.[1]

Enquanto aguardava em Atlanta para negociar com a Ku Klux Klan, Malcolm temia que suas relações com Betty tivessem atingido um ponto crítico definitivo. Em 25 de janeiro de 1961, os dois conversaram por telefone, mas a conversa serviu apenas para deixá-lo mais preocupado. No fim do dia decidiu escrever-lhe. Malcolm notou que a mulher tinha passado por uma significativa mudança de caráter nas últimas semanas. Talvez em sinal de reconhecimento pela força de Betty e pelos sacrifícios que ela fizera, especialmente durante a gravidez e no nascimento de Qubillah, Malcolm manifestou-lhe seu carinho. Num ato incaracterístico de generosidade — para ele — colocou quarenta dólares no envelope com a carta de amor.[2]

Essas manifestações de afeto provavelmente foram insuficientes para convencer Betty de seus sentimentos. Ela ressentia-se do fato de que para Malcolm o trabalho na Nação sempre vinha em primeiro lugar — a carta até trazia um pedido para que Betty resolvesse detalhes sobre a possibilidade de um show da NOInno Carnegie Hall. Com quase nenhuma ligação emocional que pudesse servir de alicerce para a relação, convidar a mulher para compartilhar

suas tarefas na NOIpode ter sido uma maneira de tentar diminuir a distância entre eles.

Se as grandes dificuldades com Betty alguma vez fizeram Malcolm se perguntar se tinha escolhido a parceira certa, ele deve ter ficado surpreso ao saber, no fim de 1959, que Evelyn Williams, a mulher que rejeitara, estava grávida. Solteira, ela trabalhava havia pouco tempo num escritório de secretárias na sede da Nação em Chicago, e sua escandalosa condição atraiu sobre ela todo o peso da rígida política da NOI, de punição e desprezo. Mas o que ninguém sabia — nem Malcolm —, e que só se viria a saber em 1963, era que o pai do filho de Evelyn não era outro senão o próprio Mensageiro, Elijah Muhammad.

Com sua rede de informantes dentro da NOI, Muhammad estava ciente dos problemas que Malcolm e Betty enfrentavam, e certamente sabia dos sentimentos que Evelyn ainda alimentava por Malcolm. Não obstante, decidiu, egoisticamente, tê-la assim mesmo. Mas a reação em cadeia provocada por essa decisão rapidamente pôs em xeque os limites do controle que ele exercia. Evelyn engravidou em meados de 1959, e em outubro começou a ligar para a casa de Muhammad, exigindo dinheiro. Ela dava a entender, firmemente, que lhe causaria muitos problemas se revelasse que estava grávida de um filho seu. Muhammad ficou indignado, convencendo-se de que estava sendo chantageado. "Você deve achar que sou bobo, ou o Papai Noel", disse-lhe. Depois de outro telefonema, Muhammad virou-se para um ministro que escutara a conversa e disse, friamente: "Parece que ela vai ter que ser eliminada".[3] Numa organização em que os seguidores eram rotineiramente surrados por transgressões inócuas como fumar um cigarro, essa declaração não poderia ser tida apenas como um jeito duro de falar. Mas Muhammad nada fez para causar danos a Evelyn, e ela deu à luz sua filha, Eva Marie, no Hospital St. Francis, em Lynwood, na Califórnia, em 30 de março de 1960.[4]

Seria fácil atribuir os encontros amorosos de Muhammad e Evelyn a algum ciúme secreto que ele sentia do perfil cada vez mais destacado de Malcolm na mídia, mas o caso de Evelyn não foi o único. Três meses antes de a filha dela nascer, outra secretária solteira da NOI, Lucille X Rosary, também deu à luz; e mais outras duas secretárias da NOItiveram filhos aquele ano, em abril e dezembro. Todos eram da progênie de Elijah Muhammad, que se aproveitava dos cursos da MGT em Chicago, de uma semana de duração — como o curso a que Betty assistira — para escolher jovens atraentes e talentosas para

trabalharem na equipe de secretárias da sede nacional. Quando chegavam, ele não tinha dificuldade alguma para conseguir o que queria.[5]

Externamente, Muhammad não era homem que impressionasse pela aparência. Era baixo, bastante calvo, sem graça, e seu corpo franzino tinha sido seriamente prejudicado pela bronquite. Mas essas características externas ocultavam o poder de atração que exercia sobre seus seguidores. Eles estavam convencidos de que ele realmente falara com Deus e de que sua missão na terra era redimir a raça negra. Muhammad irradiava poder e autoridade. Quando exigia sexo de uma mulher em sua organização, seria inconcebível para ele ver suas propostas rejeitadas, ou mesmo questionadas. O fato de seus atos violarem frontalmente as regras de sua própria seita no que dizia respeito a transgressões sexuais e a moralidade era, para ele, irrelevante.

Durante algum tempo, a mulher de Muhammad, Clara, fingia nada saber sobre a conduta lasciva do marido, limitando-se a comentar com a filha, Ethel Sharrieff, e com outras mulheres da sua intimidade e confiança. Queixou-se amargamente a Ethel, por exemplo, ao descobrir uma carta de amor de uma das amantes de Muhammad. Quando Clara se recusou a devolver-lhe a carta, ele ficou furioso e parou de falar com ela. Clara Muhammad disse à filha: "Não sei de que ele acha que meu coração é feito, se de carne e osso ou de um pedaço de pau". Perto do Dia do Salvador de fevereiro de 1960, Clara sentiu-se esmagada ao saber de novos casos do marido. Em 13 de fevereiro de 1960, depois de uma briga feia, Elijah saiu abruptamente de casa. Chorosa, Clara queixou-se a Ethel: "Estou farta de ser tratada como cachorro".[6]

Graças a escutas telefônicas e informantes, o FBI estava bem a par das infidelidades de Muhammad. Frustrados em suas tentativas de descobrir as fraquezas de Malcolm, policiais do FBI agora procuravam descobrir maneiras de tirar proveito dos atos de Muhammad. Em 22 de maio de 1960, o diretor-assistente do FBI, Cartha De Loach, aprovou o texto de uma carta anônima fictícia que seria enviada para Clara Muhammad e a vários ministros da NOI. A carta dizia, provocadoramente, que "uma jovem secretária solteira que trabalha na casa de Elijah Muhammad corre tremendo risco de sofrer acidentes de trabalho". Ele tinha "pregado contra as relações extramatrimoniais, mas parece incapaz de manter as coisas sob controle em sua própria casa".[7] Para garantir maior privacidade com suas amantes, quando estava em Chicago, Muhammad tinha um apartamento alugado na South Vernon que servia de "ninho de amor",

mas o FBI estava um passo à frente dele: o agente de Chicago teve autorização para grampear telefones e instalar aparelhos de escuta no apartamento. O agente explicou: "Muhammad, sentindo-se seguro em seu 'esconderijo', pode conversar com mais liberdade com altos funcionários da NOIe com seus contatos pessoais. Com isso, espera-se obter os futuros planos políticos de Muhammad".[8]

Em 1961, Muhammad comprou uma segunda e luxuosa casa em 2118 East Violet Drive, na ensolarada Phoenix; membros da NOIforam informados de que, devido à deterioração do estado de saúde de Muhammad, em consequência de severa bronquite, seria benéfico para ele passar a maior parte do ano no árido sudoeste. A casa da família em Chicago, no entanto, foi mantida. A nova propriedade também oferecia a Muhammad mais uma camada de privacidade para suas aventuras sexuais. No começo de outubro, o FBI contou pelo menos cinco mulheres diferentes que mantinham relações sexuais com Muhammad, sendo que duas delas eram irmãs. Como um jovem gigolô, Elijah tentava jogar uma mulher contra as outras, enquanto elas disputavam sua afeição.

Logo havia tantos filhos ilegítimos para serem criados que novos arranjos domésticos precisaram ser feitos. Em outubro de 1961, Muhammad telefonou para Evelyn Williams em Chicago e lhe perguntou se estaria disposta a criar e supervisionar seus filhos ilegítimos numa ampla casa localizada na Costa Oeste. Abordou-a com elogios, dizendo-lhe que precisava que sua querida e adorada viesse e ficasse com ele por dois ou três meses... ou anos. Com dificuldades financeiras e uma filha, Evelyn concordou, mas o novo arranjo não demorou a azedar.[9] Em julho de 1962, ela telefonou para Muhammad exigindo mais dinheiro, e acusando-o de tratar seus filhos ilegítimos como "cães vadios". "Você não deixa seus outros filhos viverem com trezentos dólares por mês", disse ela. "Só quero dinheiro para pagar o aluguel e comprar alguma comida e roupas."

Muhammad mais uma vez queixou-se de chantagem. "Não quero conversa com você", disse-lhe ele, "não vou lhe dar um centavo!" Frustradas, Evelyn e Lucille Rosary levaram seus filhos para a casa de Muhammad em Phoenix, e como ninguém atendia a porta, deixaram os filhos na entrada. Raymond Sharrieff finalmente apareceu e pediu às mulheres que levassem seus filhos de volta. Evelyn e Lucille deram as costas e saíram. Sharrieff ligou para a polícia, informando que várias crianças tinham sido abandonadas à porta da casa. As crianças foram, subsequentemente, entregues a assistentes sociais, para investigação. No dia seguinte, Muhammad ligou furioso para Evelyn, mas ela

não voltou atrás. "De agora em diante, não vou mais proteger você de forma alguma, em nada, nunca", avisou ele. "Se quer encrenca, vai ter." Ela disse a Muhammad que chamar a polícia por causa dos seus próprios filhos tinha sido "a coisa mais imunda" que ele poderia ter feito. Apesar disso, fosse por medo, amor ou por sentimento de lealdade, quando a polícia interrogou Evelyn sobre o pai de sua filha, ela não revelou o nome. Tanto Lucille como Evelyn foram advertidas por "abandono de criança", mas nenhuma das duas foi acusada formalmente.[10] Esses conflitos emocionais e legais não podiam ser inteiramente eliminados ou contidos pelo secretário nacional John Ali, por Raymond Sharrieff, ou por outros funcionários de Chicago. Em meados de 1962, rumores sobre a confusa vida sexual de Muhammad circulavam amplamente em Chicago. Malcolm sem dúvida ouviu esses rumores, mas continuou sem querer investigar se eram verdadeiros, e nunca imaginou que Evelyn pudesse estar envolvida.

Antes de deixar Atlanta, durante sua viagem ao sul em janeiro e fevereiro de 1961, Malcolm assistiu a uma palestra de uma hora de duração feita pelo historiador Arthur Schlesinger Jr., agraciado com o Prêmio Pulitzer, na Universidade de Atlanta, em 17 de janeiro. Naquela época, Schlesinger era também importante conselheiro do presidente eleito John F. Kennedy. A fala de Schlesinger, "O futuro dos Estados Unidos, seus perigos e suas perspectivas", foi proferida para uma plateia lotada e incluiu uma rápida referência a Nação do Islã: "Nada pode obstruir... o reconhecimento da fraternidade de comunidade humana mais do que as doutrinas raciais pregadas pelo Conselho de Cidadãos Brancos, a Ku Klux Klan e pelos muçulmanos negros". Schlesinger elogiou Thurgood Marshall e Roy Wilkins por proporem "maneiras eficazes de [conseguir] igualdade por intermédio dos tribunais"[11] e aplaudiu Martin Luther King Jr., por promover a não violência como "a melhor maneira de atacar o preconceito". Depois da palestra, Schlesinger passou para o pequeno auditório Dean Sage, no campus do Clark College, para responder às perguntas; Malcolm estava lá, esperando.

Identificando-se apenas como "muçulmano", ele perguntou: "Em que o senhor baseia sua acusação de que os muçulmanos negros são racistas e defensores da supremacia negra?". Schlesinger citou artigo recente de autoria do jornalista negro William Worthy. "Mas, senhor, como pode um homem da sua inteligência, um professor de história, que conhece o valor da pesquisa exaustiva, de Harvard, vir aqui e atacar os muçulmanos negros baseando suas conclusões

num pequeno artigo?" Schlesinger perguntou se Malcolm tinha lido o artigo de Worthy. Malcolm admitiu que sim, mas observou que o artigo que Schlesinger tinha citado não acusava a NOIde racista, focalizando as condições negativas que todos os negros sofriam e que construíram a Nação. A plateia, majoritariamente negra, foi favorável aos argumentos de Malcolm, mas Schlesinger insistiu em que os racistas brancos e os "muçulmanos negros são dois lados da mesma moeda". Ele não tinha como saber o quanto estava certo, em vista do recente contato de Malcolm com a Klan. Mas a imprensa negra considerou o confronto entre o conselheiro de Kennedy e o ministro da NOIuma nítida vitória de Malcolm. O Pittsburgh Courier declarou que "o feroz Mr. X cruzou espadas vitoriosamente" com Schlesinger, forçando o historiador de Harvard "a um 'recuo diplomático' de sua declaração anterior". A edição de 4 de fevereiro de 1961 do New Jersey Herald também cobriu o debate com a manchete "Muçulmanos assustam homem de jfk".[12] O debate informal com Schlesinger reforçou em Malcolm a crença de que a Nação precisava enfrentar seus críticos. E não havia lugar melhor para esses confrontos do que as universidades americanas.

Nos cinco meses seguintes, ele planejou aparecer em várias faculdades. Na Nação, explicou que seu objetivo era apresentar as opiniões de Elijah Muhammad e contestar distorções sobre sua religião. A rigor, seu objetivo era virar a dialética racial comum de subordinação negra e supremacia branca de cabeça para baixo, exibindo seus talentos oratórios à custa das autoridades brancas e dos integracionistas negros. Estava convencido de que os líderes da Nação cometiam um grande erro ao evitar confrontos públicos. A sobrevivência da NOIdependia de sua capacidade de responder aos críticos, de dividir a opinião branca sobre o grupo e de conquistar adeptos.

Em parte alguma do mundo acadêmico o caráter desagregador de Malcolm e da NOIdentro da comunidade negra ficou mais evidente do que na Universidade Howard, a faculdade historicamente negra de Washington. A seção da NAACP no campus de Howard convidou Malcolm para falar em 14 de fevereiro de 1961, como parte da Semana de História Negra, uma tradição criada pelo historiador Carter G. Woodson e que mais tarde evoluiria para o Mês da História Negra. Embora a organização nacional ainda achasse Malcolm esquentado demais, e apesar das hesitações da velha guarda, sua crescente reputação de militante atraía os membros mais jovens da NAACP, que o procuravam cada vez mais para participar de debates e fazer palestras. O convite dos alunos de Howard assustou

a administração da faculdade, quase toda composta de firmes integracionistas e que não podia correr o risco de parar de receber a verba federal por dar a impressão de abrir os braços para o mais destacado porta-voz da Nação do Islã. Quando o grupo de estudantes teve o pedido negado pelo escritório de atividades estudantis, a palestra foi cancelada. Impávida, a seção da NAACP conseguiu licença para usar a Igreja Batista New Bethel, mas — provavelmente sob pressão da universidade — a igreja também resolveu cancelar, com a desculpa de que o santuário era pequeno demais para acomodar o público previsto.[13] Em carta a Elijah Muhammad, Malcolm explicou que o resultado do episódio era muito favorável: "Realmente atiramos uma 'pedra no sapato' da Universidade Howard, porque agora estão todos divididos e discutindo, e isso nos coloca numa posição ainda melhor para derramar 'água fervendo' quando chegarmos lá".[14]

Mas foi só em 30 de outubro de 1961 que Malcolm finalmente apareceu em Howard, e graças, em grande parte, aos esforços de E. Franklin Frazier. Autor de Black Bourgeoisie [Burguesia negra], Frazier estivera associado a Howard desde 1934. Esquerdista nos primeiros anos, Frazier criticava havia muito a falta de responsabilidade social da classe média negra para com os pobres. Foi ele quem convenceu a administração da faculdade a autorizar a aparição de Malcolm, mas, como concessão, o formato teria de ser de debate, para garantir a apresentação de um contraponto às opiniões de Malcolm. Para oferecer outro ponto de vista, a faculdade conseguira a participação de um homem que frustrara e enganara Malcolm no debate radiofônico um ano antes, Bayard Rustin.

O debate em Howard entraria para a história como um momento importante na vida de Bayard Rustin e Malcolm X. Aquela noite, 1500 pessoas apinharam-se no recém-inaugurado auditório Camton, e mais quinhentas amontoaram-se na entrada do prédio, na esperança de poderem entrar. Malcolm não se esquecera da surra que tinha levado de Rustin em seu primeiro encontro e preparou cuidadosamente sua fala. Diferentemente do primeiro debate, que fora travado no isolamento de uma emissora de rádio, essa apresentação dava a Malcolm a vantagem de falar para uma grande multidão negra e de lançar mão de seu grande poder de orador público. Partiu para o ataque já na primeira declaração, dizendo à plateia que não estava ali como seguidor de nenhum grande partido político, nem por causa de religião ou nacionalidade: Malcolm anunciou que sua única credencial para falar a verdade era a condição de "homem negro!".[15]

Durante o discurso, ele insistiu na tese de Frazier em Black Bourgeoisie — de que a privilegiada classe média afro-americana não tinha desempenhado o papel de liderança que deveria assumir para melhorar as condições de vida das massas negras. No centro do ataque de Malcolm estava sua implacável crítica aos "assim chamados líderes negros... O homem negro nos Estados Unidos nunca será igual ao homem branco, enquanto tentar forçar a entrada na casa do branco". Malcolm sugeriu que toda a filosofia de integração racial estava condenada ao fracasso, porque a grande maioria dos brancos jamais aceitaria a assimilação racial. Em consequência disso, formara-se um grupo fraudulento de líderes negros que não defendia efetivamente os interesses e assuntos dos afro-americanos. "O anêmico líder negro", escarneceu Malcolm, "que sobrevive e prospera graças a dádivas dos brancos, depende do branco a quem fornece informações sobre as massas negras." Recorrendo com frequência ao humor em sua apresentação, Malcolm elogiou o método de Elijah Muhammad de "nos isolarmos do homem branco para termos tempo de analisar esta grande hipocrisia e começar a 'pensar negro', e agora nós 'falamos negro'". Exortou os estudantes a não buscarem o "amor" do homem branco, mas a "exigirem o seu respeito".

Não era do feitio de Rustin fugir da luta, e ele contestou Malcolm vigorosamente. A certa altura, um repórter do Chicago Defender notou que Rustin "recebeu fortes aplausos" quando se dirigiu a Malcolm: "Você diz que os Estados Unidos, tal como estão constituídos, são um barco que acumula água, e que os negros deveriam abandonar este barco, em troca de outro chamado 'Separação', ou de outro Estado. Se este barco afundar", perguntou Rustin, "que chance você acha que seu Estado 'separado' poderia ter?". Mas, diante de uma plateia de jovens negros, a advertência de Rustin parecia cansada e gasta. Como observou o repórter, foi Malcolm que, de fato, tirou partido de "referências à história e suas agudas críticas a práticas atuais convenceram a maioria dos estudantes".

Outro aspecto do discurso de Malcolm especialmente eficaz em seu apelo a organizadores de direitos civis e esquerdistas foi a nota proletária. Ele alegou que Muhammad e a Nação representavam os negros desempregados, empobrecidos e revoltados. A maioria dos negros urbanos estava confinada ao gueto, onde era sujeita à brutalidade policial; a rigor, as autoridades encarregadas de aplicar a lei funcionavam como um exército de ocupação, em condições de domínio colonial. Na verdade, Malcolm usava a analogia da África

pós-colonial para definir o conflito político entre líderes negros nos Estados Unidos. Apesar de os escritos de Frantz Fanon só virem a ser divulgados e traduzidos nos Estados Unidos no fim dos anos 1960, a análise de Malcolm antecipava-se à famosa tese de Fanon sobre "os condenados da terra". No fim do debate, apesar dos tentos lavrados pelo mais velho, era Malcolm que, em grande parte, agora estabelecia a agenda, conquistando a militância da maioria dos estudantes universitários, negros e brancos. Como admitiu um perplexo professor presente ao debate: "Howard nunca mais será a mesma. Estou com receio de encarar meus alunos amanhã".[16]

A oratória de Malcolm não o elevou apenas aos ápices de respeitadas instituições negras, mas também a locais de referência na camada superior do mundo dos brancos. Em 24 de março do ano seguinte, foi convidado para debater com o advogado negro Walter C. Carrington no Fórum da Faculdade de Direito de Harvard. A agitação provocada pela presença de Malcolm foi tão intensa que no último minuto a apresentação teve de ser transferida do Lowell Hall para o Sanders Theatre, o maior auditório de Harvard. Ali, no palco que já tinha recebido presidentes americanos e chefes de Estado estrangeiros, Malcolm apresentou o programa da NOIpara uma multidão sem precedentes. "Alá está dando aos Estados Unidos a oportunidade de arrepender-se e transformar-se, antes de destruir este amaldiçoado mundo caucasiano", declarou. Em seguida, afirmou que instalações públicas dessegregadas e escolas integradas não bastavam. Os 20 milhões de negros dos Estados Unidos "constituem, por si só, um país". Para que esse país fosse bem-sucedido, ["nós"], os negros, "precisamos ter alguma terra que nos pertença".[17] Louis X, que saíra da mesquita de Boston para assistir ao debate, lembrava-se da poderosa presença de Malcolm no palco. A plateia branca de Harvard, segundo ele, estava enamorada daquele homem negro capaz de responder às suas perguntas com a maior facilidade. Se a abrupta mudança de Malcolm de temas políticos e internacionais para lamentações sobre a iminente destruição da civilização branca parecia incongruente, era porque aquela construção confusa não fora projetada por ele; Elijah Muhammad, sempre vigilante sobre a plataforma de Malcolm, geralmente ditava trechos dos seus discursos;[18] o debate de Harvard, muito provavelmente, não fugiu à regra. A sede em Chicago também insistia que as palestras de Malcolm fossem gravadas em fitas de áudio, para que Muhammad e John Ali pudessem monitorar seus discursos.[19]

Durante a primavera de 1961, o programa de palestras de Malcolm nas universidades o obrigou a viajar muito, quase sempre provocando polêmica e acalorados debates sobre a liberdade de expressão. Na Califórnia, por exemplo, alunos da Universidade da Califórnia, em Berkeley, iam ouvir Malcolm falar, mas a administração da universidade proibiu a palestra, que teve de ser transferida para a rede de albergues ymca.[20] Em 19 de abril, Malcolm voltou à Ivy League, em Yale, para debater com Louis Lomax,[21] e quatro dias depois apareceu no programa de televisão da abc Open Mind, como parte de um painel que incluía o conservador George Schuyler e o escritor James Baldwin. Quando o apresentador Eric Goldman o apresentou como o "segundo homem" da NOI, Malcolm aproveitou a primeira oportunidade para negar a existência dessa posição hierárquica.[22] Mais importante, a gravação do programa assinalou o início de uma amizade entre Malcolm e Baldwin que duraria pelo resto da vida.

Apesar de àquela altura as palestras públicas de Malcolm terem como alvo o público universitário, ele também tentou estabelecer um diálogo entre a Nação e os cristãos afro-americanos. Enquanto a Nação continuava a negar a necessidade da política, tornava-se para ele ainda mais importante estabelecer sua legitimidade dentro da comunidade negra como verdadeira organização religiosa; o reconhecimento de importantes grupos cristãos ajudava a aproximá-lo desse objetivo. Para isso, Malcolm organizou eventos levando grupos de muçulmanos para uma igreja negra, onde ele proferia um sermão sobre as conexões entre o cristianismo e o Islã. Provavelmente o primeiro desses eventos realizou-se em 16 de junho de 1961, na Igreja de Deus de Elder Solomon Lightfoot Michaux, em Nova York. Em seu sermão, Malcolm desmanchou-se em louvores a "Alá por colocar no coração de Elder a ideia de nos convidar a nós que somos muçulmanos para virmos aqui esta noite explicar o que o Honrado Elijah Muhammad ensina". Explicou que a NOInão acreditava em política, porque "nenhum presidente que passou pela Casa Branca" jamais cumpriu as promessas feitas aos negros. Em vez disso, aconselhou ele, o que precisamos fazer é "voltarmo-nos para o Deus de nossos antepassados" e imitar o que "Moisés ensinou seu povo a fazer na casa de sua servidão há 4 mil anos".[23] Se esses gestos entre crenças religiosas resultaram em mais respeito pela Nação, os discursos internos de Malcolm geralmente lhes solapavam a sinceridade. Falando em 14 de julho, apenas quatro semanas depois de seu eloquente apelo à Igreja de Deus de Elder Michaux, ele disse francamente a seus seguidores na mesquita que "o

cristianismo é mau e os Estados Unidos também são maus". E continuou a chamar de "Pai Tomás" os mais importantes líderes da luta pelos direitos civis e os integracionistas, muitos dos quais professavam a fé cristã.

Cada vez mais Malcolm precisava tratar de uma grande variedade de questões e demandas díspares, que exigiam sua atenção: problemas dentro da NOI, manifestações de rua, debates com líderes e organizações de direitos civis. Mas continuava a estabelecer um equilíbrio entre essas novas obrigações e seu compromisso com a construção da Mesquita nº 7. Ainda reservava significativa parcela de tempo a Nação, mesmo quando seu intenso programa de viagens, no começo dos anos 1960, quase não lhe permitia dedicar-se à mesquita. O primeiro sermão que pronunciou depois do encontro de janeiro de 1961 com a Ku Klux Klan foi o de 6 de fevereiro, quando afirmou, em tom melodramático, que se um homem branco fizesse mal a um muçulmano no sul, poderia muito bem estar dando "início a uma guerra santa".[24] Mas a próxima controvérsia a envolver a NOInão começou em Dixie, e sim no leste de Manhattan.

Na alvorada da independência na África pós-colonial, o primeiro-ministro do Congo, Patrice Lumumba, tornou-se símbolo das aspirações africanas pós-coloniais. Ele não reconhecia qualquer dívida com as potências coloniais do Ocidente ou com os Estados Unidos. Em 17 de janeiro de 1961, foi assassinado por mercenários belgas na província congolesa de Katanga. A notícia atrasada da morte de Lumumba foi finalmente anunciada em 13 de fevereiro, provocando manifestações de militantes no mundo inteiro. Os soviéticos acusaram soldados da ONU alocados no Congo de não terem protegido Lumumba e exigiram a demissão do secretário-geral Dag Hammarskjöld.[25] Em 15 de fevereiro, uma coalizão de grupos amplamente divergentes fez um piquete à entrada do edifício da ONU em Nova York. Uma organização que fazia parte do ato, a Associação Cultural de Mulheres de Tradição Africana, incluía alguém que posteriormente influenciaria a vida de Malcolm: a escritora Maya Angelou, diretora da associação. Enquanto a multidão crescia, estouraram brigas entre manifestantes e seguranças. Na confusão, quarenta pessoas foram feridas, entre elas dezoito funcionários da ONU. Repórteres e fotógrafos diziam ter sido atacados por manifestantes armados de socos-ingleses e facas. Diplomatas americanos acusaram os manifestantes de serem "inspirados pelos comunistas, ligados à violência cometida contra embaixadas belgas em Moscou, no Cairo e em Varsóvia por causa da morte" de Lumumba. O comissário de polícia de Nova

York, Stephen P. Kennedy, culpou a "Irmandade Muçulmana, uma seita negra nacional de fanáticos, uma das mais perigosas gangues da cidade". Por alguma razão, a polícia e o embaixador dos Estados Unidos na ONU, Adlai Stevenson, achavam que a "gangue" da Irmandade Muçulmana estava associada a NOIe a Malcolm X. "Não fomos nós", respondeu Malcolm. "Não nos metemos em política, seja local, nacional ou internacional". Mas não resistiu à tentação de manifestar sua solidariedade pan-africana com os manifestantes: "Recuso-me a condenar as manifestações... porque não sou Moïse Tshombe, e não deixarei ninguém me usar contra os nacionalistas".[26]

Dias depois do motim na porta da ONU, Maya Angelou e uma colega contataram a NOIpara combinar um encontro com Malcolm. As duas foram ao restaurante da mesquita no norte da cidade e conversaram com o ministro numa sala dos fundos. "Sua aura brilhava demais e sua força masculina me afetou fisicamente", disse Maya Angelou anos depois.[27] "Uma tempestade do deserto girou como um redemoinho em volta dele e avançou para mim, fazendo minha pele contrair-se e meus poros se fecharem... Seus cabelos eram cor de brasa e seus olhos perfuravam." Como representantes da Associação Cultural de Mulheres de Tradição Africana, elas participaram da manifestação na ONU, mas não tinham previsto a afluência de milhares de manifestantes. Malcolm respondeu que os muçulmanos não tinham participado. "Vocês estão na direção errada", disse Malcolm, repreendendo as visitantes. Manifestações na ONU "e segurar cartazes não dão liberdade a ninguém, nem impedirão que os demônios brancos matem outros líderes africanos". Angelou contava com o apoio de Malcolm para o protesto e esforçou-se para esconder seu desapontamento. Mas então, surpreendentemente, a voz de Malcolm suavizou-se, "e por um momento o pregador islâmico desapareceu". Malcolm advertiu as mulheres que líderes conservadores afro-americanos seriam usados pela estrutura de poder dos brancos para denunciá-los como "perigosos e provavelmente comunistas". Prometeu fazer uma declaração à imprensa chamando os manifestantes de "reflexos da raiva que existe neste país". Apesar de sair sentindo "a névoa da derrota", o encontro de Angelou com Malcolm afetou-a profundamente. Ela retomaria ansiosamente seus contatos anos depois, quando se mudou para Gana.

Em meados de 1961, Malcolm dedicou mais tempo a suas obrigações pastorais na Mesquita nº 7. Ao falar na mesquita em 9 de julho, por exemplo, discorreu sobre a interpretação oficial da Nação sobre o que se desenrolaria nos

últimos dias. "A próxima guerra, a Guerra do Armagedom", previu ele, "será uma guerra de raças, e não uma 'guerra fantasmagórica'."[28] Usando um quadro-negro, explicou que os ideais de liberdade, justiça e igualdade eram impossíveis de alcançar sob a "bandeira americana".[29]

Também se envolveu ativamente com muitos aspectos relacionados a negócios da NOI. Por exemplo, Elijah Muhammad escreveu a Malcolm em março perguntando se o livro de C. Eric Lincoln, The Black Muslims in America [Os muçulmanos negros na América], deveria ser adotado pela Nação apesar das críticas à seita. O editor do livro concordara em vender 5 mil exemplares "com um bom desconto para os muçulmanos". Mas Elijah ressaltara na carta: "não é para ser mencionado em público". Astutamente, ele percebera que a transação era bom negócio, mesmo que não fosse boa propaganda. Aparentemente, o contrato de venda foi fechado e a NOIvendeu exemplares do livro com desconto.[30]

Em 11 de agosto, Malcolm recebeu um telegrama inesperado do líder trabalhista A. Philip Randolph: "Estou nomeando-o para o Comitê Ad Hoc de Trabalho de Unidade para a Ação. Primeira reunião marcada para segunda-feira, às três da tarde de 14 de agosto, na rua 125 Oeste, número 217".[31] Nada no comunicado de Randolph indicava qual era a agenda do comitê, ou quem mais tinha sido convidado.

Naquela época, Randolph era um dos mais ativos representantes da campanha pelos direitos civis e, mesmo aos 72 anos de idade, perdera pouco do seu velho entusiasmo por comandar ataques; ainda era o líder trabalhista negro mais poderoso dos Estados Unidos. Baseado no Harlem, tinha visto a luta mudar nos últimos anos, da exigência de mais empregos para negros nas lojas da rua 125 para a busca de plena representação dos negros no sistema político. Esse esforço requeria uma frente unida da comunidade negra do Harlem, e Randolph sabia que Malcolm representava uma parcela cada vez mais significativa. Mas é bem provável que sua admiração por Malcolm tivesse um componente ideológico. Quase cinquenta anos antes, Randolph apresentara o recém-chegado Marcus Garvey para uma plateia do Harlem, e apesar de nunca ter endossado o nacionalismo negro, manteve durante toda a carreira um sentimento de admiração por sua defesa fundamental do orgulho e do autorrespeito negros. Randolph vivera o suficiente para ter uma visão histórica de longo alcance, e via em Malcolm uma voz legítima na tradição militante de Garvey e Martin R.

Delaney.

O respeito era recíproco; Malcolm deixou de lado suas reservas e foi à reunião. Descobriu que o objetivo do comitê era formar uma ampla coalizão — de nacionalistas negros a integracionistas moderados — para resolver problemas sociais e políticos no Harlem. Malcolm percebeu que aderir oficialmente significaria ir além do que já fora em suas limitadas investidas na política até aquele momento. Apesar de interessado, ele sabia que precisava justificar sua participação para a NOI.

Felizmente, Elijah Muhammad lhe ofereceu uma brecha involuntária. Durante a maior parte de agosto, Malcolm e a Mesquita nº 7 trabalharam para a apresentação de um importante discurso de Muhammad, previsto para 23 de agosto no Depósito de Armas da 369ª- Infantaria. Perante um público estimado entre 5 mil e 8 mil pessoas, o Mensageiro de Alá apresentou uma visão sombria e calamitosa:

> Não é da natureza do homem branco chamar o negro de irmão. Os ministros negros aprendem a pregar ensinados por brancos. Eles recebem licença dos brancos e se não ensinarem como os brancos querem são insultados... O Harlem deveria eleger seus próprios líderes e não aceitar líderes impostos pelos brancos. Precisamos eleger nossos líderes e se não fizerem como devem fazer deveríamos cortar-lhes a cabeça. Não podemos nos integrar, precisamos nos separar.[32]

Na exortação para que o Harlem elegesse seus próprios líderes, Malcolm viu uma oportunidade. Apesar de a visão de Muhammad ancorar-se numa partição separatista, ele encorajava membros da NOIa apoiar negócios pertencentes a negros e a respaldar líderes negros, e foi nessa base tênue que Malcolm consentiu em trabalhar no comitê de Randolph. Descobriu que seus membros provinham basicamente do Conselho Trabalhista dos Negros Americanos; muitos eram representantes de instituições comerciais, cívicas e religiosas. Um desses membros era Percy Sutton, conhecido advogado do Harlem, que também servia como presidente da filial da NAACP em Nova York. Malcolm e Sutton viriam a ter muito respeito um pelo outro, e dentro de alguns anos Malcolm buscaria a assistência jurídica de Sutton em diversas questões delicadas. Bayard Rustin, que já trabalhava com Randolph havia mais de vinte anos, também estava no comitê, e sua presença deve ter intrigado Malcolm ainda mais sobre o potencial do grupo.

O primeiro evento público organizado pelo que então se chamava Comitê de Emergência foi um comício em frente ao Hotel Theresa no começo de setembro. Randolph preparou cuidadosamente a lista de oradores, para que refletisse toda a diversidade política do Harlem. Pelos nacionalistas, havia o proprietário negro de livraria Lewis Michaux e James Lawson, chefe do Movimento Nacionalista Africano Unido; pelo trabalhismo negro, o militante Cleveland Robinson, secretário-tesoureiro do 65º Distrito do Sindicato de Lojas de Departamento, de Varejo e de Atacado, assim como Richard Parrish, tesoureiro nacional do Conselho Trabalhista dos Negros Americanos. Cerca de mil pessoas compareceram. O Pittsburgh Courier, que cobriu o evento, observou que o "orador mais emocionante foi Malcolm X, que muitos na plateia jamais tinham ouvido falar". Malcolm recebeu elogios por sua incisiva condenação do Departamento de Polícia de Nova York, a quem culpou pelo aumento do consumo de drogas, da prostituição e da violência nos bairros negros de Nova York. O curioso, porém, foi que ele se mostrou reverente com a polícia, assegurando ao público que encorajava "sua gente" a obedecer à lei, negando que membros da NOItivessem participado de qualquer "insurreição recente no Harlem", e denunciando a convocação para uma "marcha até a 28ª- Delegacia de Polícia", descrita em linhas gerais num folheto distribuído para a multidão. "Achamos que isso não dará resultado",[33] declarou. O discurso seguiu as regras. Foi vigoroso, mas conservador no que dizia respeito à ação. Ativistas como Rustin observaram que Malcolm tinha praticamente reproduzido o paradoxo da NOI: identificara e condenara o problema, mas se recusara a ir em frente e adotar uma solução factível. Para os moradores do Harlem, era tão difícil escapar de uma interação com a polícia local como fundar um Estado próprio.

Ainda assim, a importância do papel de Malcolm no Comitê de Emergência é fundamental para a interpretação do que lhe aconteceu depois de romper com a NOIem 1964. O comitê foi a única organização negra do tipo frente unida da qual participou durante seus anos de Nação do Islã, e embora apresentasse uma diversidade de opiniões ideológicas, foi Randolph que decidiu quem seria convidado para participar do comitê, quem falaria nos comícios e qual seria o programa de ação. Seu modelo de liderança vertical seria adotado cegamente por Malcolm no desenvolvimento da OAAU.

No começo de outubro, o Comitê de Emergência produziu um plano detalhado para combater a "deterioração social e econômica" das comunidades

negras de Nova York. Propunha uma série de reformas, incluindo o estabelecimento de um salário mínimo na cidade, fixado em 1,50 dólar; a criação de um Comitê de Práticas de Emprego Justas, cujos poderes incluiriam penas de prisão para quem desobedecesse; a investigação de todos os contratos, com o objetivo de eliminar práticas discriminatórias; e obrigar um dos principais empregadores da cidade, a Consolidated Edison, a melhorar suas normas para contratação e promoção de empregados negros. O plano identificava Malcolm como membro do comitê, mas ao lado do seu nome, entre parênteses, estava escrito "Malik el-Shabazz".[34] No fim dos anos 1950, Elijah Muhammad permitiu que os ministros ainda não rebatizados com seus nomes originais adotassem Shabazz como sobrenome. Para Malcolm, o nome de Malik el-Shabazz era uma identidade que o enraizava na história imaginária da NOI, garantindo-lhe, ao mesmo tempo, liberdade para agir como indivíduo no mundo secular da política.

Devido aos seus compromissos de palestrante, a presença de Malcolm na mesquita ficou ainda mais limitada pelo resto de 1961. Ele passou a pedir ajuda a seus ministros assistentes, especialmente Benjamin 2X Goodman. Além disso, suas ausências deram a Joseph Gravitt irrestrita autoridade sobre as decisões tomadas, incluindo medidas disciplinares. Talvez fosse em parte por causa disso que Malcolm, ao falar na Mesquita nº 7, preferisse quase sempre ater-se às posições conservadoras e hostis aos brancos de Elijah Muhammad. Em 1º de dezembro, por exemplo, ele falou sobre a natureza do demônio. Para aqueles que assistiam a uma reunião da NOIpela primeira vez, ele disse que não "falava de algo que está debaixo da terra... O demônio não é um espírito, ele tem olhos azuis, cabelos louros e pele branca".[35]

No começo de dezembro, o capitão do foi, Raymond Sharrieff, acompanhado pela mulher Ethel, passou vários dias em visita à mesquita. Uma visita de Sharrieff só perdia em importância para a do próprio Mensageiro, e o casal foi tratado como uma família real. Malcolm fez considerável esforço para que sua estada fosse memorável, convocando o pessoal do foi da Filadélfia e de Nova Jersey e preparando uma apresentação de caratê em homenagem ao casal. Numa sessão em 4 de dezembro na mesquita, Sharrieff fez suas tropas saberem que: "Todas as organizações seguem seus líderes. A capacidade de receber ordens é o principal dever do muçulmano. Não deve haver, jamais, nenhuma divergência". Apesar de falar duro, e de, em virtude do seu título, ser o chefe da ala paramilitar da Nação, Sharrieff não era um criminoso, como alguns capitães locais do foi.

Aqueles homens, de caráter geralmente violento e instável, faziam a maior parte do trabalho sujo da Nação, organizando grupos para infligir castigos que iam de surras a coisa pior, e Sharrieff sabia muito bem como era importante reforçar sua posição no topo da estrutura de comando.[36]

Antes que o casal deixasse o Harlem, a mesquita ofereceu um grandioso jantar. Sharrieff já tinha pedido aos membros que doassem dinheiro para a família de Muhammad, em honra do iminente Dia do Salvador, mas além disso lhes pediu dinheiro para a aquisição de um novo automóvel de luxo para o próprio Sharrieff. James 67X ficou indignado: "Aquilo foi a gota d'água. Pensei comigo, eu viajo no ônibus nº 7, e vou ter de contribuir para a compra do seu Lincoln Continental?". A Nação tinha mudado; parecia que a cúpula nacional via os subordinados como caixas registradoras, e começou a instalar-se um clima de ressentimento.[37] Durante o jantar, entretanto, a raiva provocada pela extorsão cedeu lugar à confusão, quando Sharrieff proferiu alguns monólogos bizarros e inapropriados. Ethel falou primeiro, e, de acordo com James, "começou a dizer publicamente que alguns homens não eram capazes de atender às exigências sexuais de suas mulheres". Ainda mais surpreendente foi o discurso do marido. O sério líder do foi subiu ao pódio e pôs-se a improvisar em cima do discurso da mulher, "fazendo piadas sobre a falta de desempenho sexual".[38]

O show de teor sexual grosseiro destinava-se a humilhar uma única pessoa — Malcolm. Os Sharrieff, evidentemente, tinham lido a carta que Malcolm enviara em março de 1959 a Elijah Muhammad sobre os problemas em seu casamento. Eles queriam que Malcolm soubesse que não havia comunicação privilegiada com o Mensageiro. Ao que tudo indica, queriam também manifestar seu desprezo total, e ridicularizá-lo como homem. Para Malcolm, aquela apresentação deve ter contribuído para aumentar suas dúvidas sobre o papel que exercia dentro da NOI.

A certa altura de 1961, Elijah Muhammad talvez tenha diminuído, por um período, a autoridade de Sharrieff sobre o foi ao ordenar que os capitães locais respondessem diretamente a Malcolm.[39] Se for verdade, isso pode explicar o comportamento de Sharrieff. No entanto, Malcolm não tinha ambição de dirigir o foi; seus interesses eram pastorais e políticos. Na reunião de rotina do foi da Mesquita nº 7 em 18 de dezembro, ele pareceu confirmar o papel de Joseph como chefe nacional de todos os capitães da NOI; não se sabe com clareza o que isso poderia significar para a autoridade de Sharrieff.[40] Possivelmente, o endosso foi

baseado simplesmente na administração eficaz de Joseph.

O certo é que, em 1962, a vida interna da Nação já se mudara para um novo e incerto lugar. Elijah Muhammad passava a maior parte do tempo no Arizona; quando ia a Chicago, ocupava-se principalmente de uma ou mais amantes em seu refúgio amoroso no South Side, cada vez mais distante dos numerosos negócios da Nação. Livres de sua supervisão, Sharrieff e John tornaram-se ali os chefes administrativos da NOI, reinvestindo o dinheiro dos dízimos em comércios e imóveis. Os filhos de Muhammad também assumiram um papel mais amplo nos negócios da Nação. Elijah Jr., apesar de ser um ministro medíocre e não saber falar direito, viajava pelo país como autoridade, pressionando mesquitas a produzirem mais renda para a sede em Chicago. Malcolm foi solicitado a transmitir o cargo de editor do Muhammad Speaks para Herbert Muhammad, que rapidamente deixou claro a todas as mesquitas que aumentassem suas quotas de jornais e enviassem toda a renda para Chicago. O êxito e o crescimento da NOI, ironicamente, criaram problemas com velhos parceiros comerciais, que passaram a ver o grupo como concorrente. Jornais que durante anos cobriram generosamente as atividades da Nação, como o Chicago Defender e o Amsterdam News, reduziram drasticamente a cobertura com a aparição do Muhammad Speaks. Em 1963, o Cleveland Call and Post, jornal negro republicano, declarou que a NOIdeparava com "crescente desencanto entre as massas que deveria conduzir a uma utopia negra".[41]

A Mesquita nº 7 não conheceu a sublevação que caracterizou muitas mesquitas durante aqueles anos. Apesar de seus sentimentos pessoais de hostilidade, Malcolm e o capitão Joseph pareciam trabalhar estreitamente unidos em público, e em geral estavam de acordo em todas as questões relativas à mesquita. Em 1962, apenas uma minoria de adeptos ainda se lembrava do julgamento e da humilhação de Joseph. E enquanto centenas de novos convertidos continuavam a chegar à mesquita, as lembranças de antigos conflitos desapareciam. Em 1959, o Templo nº 7 tinha 1125 membros, dos quais 569 eram ativos. Em 1961, com o novo nome de Mesquita nº 7, tinha 2369 membros registrados, dos quais 737 eram descritos como ativos.[42] Que tipo de gente aderia naquele tempo? Numa época em que a ampla maioria dos líderes negros estimulava a integração racial, a NOIestava praticamente sozinha. A proposta de construir um país autoconfiante, que os negros controlassem, começou a atrair afro-americanos de diferentes níveis de renda e instrução. Cada novo convertido

parecia ter uma única explicação para aderir. James 67X suspeitava que a reputação dos muçulmanos negros, de estarem à margem da sociedade e fora dos limites da "normalidade", era o que atraía negros que também se sentiam frustrados e amargurados. "A normalidade não é algo que tenha muito valor no gueto", dizia James. "Todo mundo tem sua história para contar."[43]

Um portador de muitas histórias diferentes, que dentro de alguns anos se tornaria extremamente íntimo de Malcolm, era Charles Morris. Nascido em Boston em 1921, quando adolescente fizera um curso de técnico dentário, mas assim como Detroit Red foi atraído para o mundo dos espetáculos, participando do show Brown Skin Models numa casa noturna da Sétima Avenida.[44] Em setembro de 1942, foi convocado para o serviço militar e mandado para Camp Shelby, no Mississippi. Para um negro orgulhoso criado no norte, ser enviado para o sul era um desastre anunciado. Em 25 de novembro de 1944, Morris foi condenado pela corte marcial geral por organizar um motim, brigar com outro recruta e desrespeitar um oficial superior. Foi condenado a seis anos de trabalhos forçados, e depois de cumprir parte da pena teve baixa em 13 de setembro de 1946.[45]

Posteriormente, Morris diria ao FBI que tinha conhecido Malcolm em Detroit, onde Malcolm era ministro assistente.[46] Morris ficou impressionado com o jovem pregador, mas não com a mensagem da NOI. Depois que Malcolm saiu de Boston, ele resolveu não aderir à seita. Em 1960, Morris mudou-se para o Bronx e voltou a assistir às reuniões da NOI. Finalmente, converteu-se, recebendo o nome de Charles 27X, mas embora tenha se tornado figura familiar na mesquita, alguns dos outros membros achavam que havia qualquer coisa de não muito certo com ele. O novo recruta vestia-se com extravagância, ria alto e usava seu charme e sua personalidade para conseguir favores. Mais tarde, James 67X observaria com frieza: "Ele achava que era muito mais do que era, e era muito perigoso". A partir de agosto de 1961, Charles passou meses internado no Rockland State Hospital, em Orangeburg, Nova York, diagnosticado com "psiconeurose — tipo misto, ligeiramente deprimido, mas disposto a cooperar".[47] Apesar disso, de 1962 até sua demissão da mesquita em 1964, ele cultivou uma rede de amizades, principalmente com Malcolm. Charles estava disposto a oferecer segurança para Malcolm, a quem parecia muito dedicado. E apesar das profundas apreensões de James 67X, Malcolm criou laços de confiança e respeito pelo colega ex-presidiário — o homem a quem mais tarde chamaria de "meu

melhor amigo".

Outros entravam na Nação em busca de estabilidade ou da recuperação da saúde — acabar com a dependência química, por exemplo. A complexa jornada de Thomas Arthur Johnson Jr. era típica. Nascido na Pensilvânia, em meados dos anos 1930, e criado pelos avós perto de Atlantic City, Johnson teve o que ele mesmo chamava de "uma infância realmente bela".[48] Herdou o amor pela música do avô, que tinha tocado tuba e trombone no circo Barnum & Bailey. Quando adolescente, passava a maior parte do tempo vadiando pelos clubes de jazz. Com quinze anos, foi expulso de casa por causa do vício da heroína. Em 1958, depois de passar várias vezes pela cadeia, foi condenado a doze meses de prisão.[49]

Na crença islâmica, a palavra árabe "ingadh" significa "salvar, resgatar, trazer alívio ou salvação".[50] Os fiéis têm o dever de salvar os aflitos. No caso de Thomas, o chamado para "ingadh" tinha vindo primeiro para seu companheiro de cela, um batedor de carteiras de Times Square, que lhe explicou os fundamentos da NOI, incluindo a história de Yacub e o papel de Elijah como Mensageiro de Alá. Tudo isso fazia o maior sentido para Johnson. Uma vez solto, ele foi imediatamente à Mesquita nº 7. Dentro de pouco tempo, os avós se espantavam com as mudanças positivas em seu comportamento: tendo deixado permanentemente as drogas, vestia-se com apuro, sempre de terno, e observava rigidamente as leis dietéticas muçulmanas.[51]

Para Johnson, a NOIera como uma organização de combate. "Eu não via ninguém tomar uma posição, representar-nos de um modo que aliviasse um bocado de opressão e de abuso, e as coisas que aconteciam no sul... a onda de assassinatos de afro-americanos", explicaria ele mais tarde. Depois de receber seu X — e tornar-se Thomas 15X — ele chamou a atenção do capitão Joseph pelo que este considerava amostras excepcionais de devoção. "Era uma atmosfera muito hostil, naquela época, e não engolíamos desaforo de ninguém... por isso, eles me chamavam de 'Reator', porque eu estava sempre pulando em cima de alguma coisa", disse ele. "[Se] alguém ameaçasse um muçulmano, ou batesse num muçulmano, eu era o primeiro a chegar."[52]

Joseph decidiu que Thomas deveria ser destacado para dar segurança a Malcolm, e isso incluía prestar pequenos serviços à sua família. Naquela época, Thomas achava que Malcolm era "a maior coisa que andava sobre a terra... não sei de ninguém, de nenhum comentarista, de nenhum jornalista, que pudesse segurá-lo". As obrigações diárias de Thomas começavam quando Malcolm fazia o

percurso de sua residência no Queens para a mesquita do Harlem. Fosse qual fosse o tempo que fizesse, Thomas deveria esperá-lo do lado de fora, reservando uma vaga no estacionamento para o carro do clérigo. Ele também conduzia Malcolm de carro a seus compromissos. Uma vez por mês, Betty lhe entregava uma lista de artigos para comprar no supermercado Shabazz no Brooklyn, e trazer de volta e descarregar. Ele percebeu que Malcolm evitava ir para casa "se pudesse". Malcolm lhe confidenciou: "'Cara, se vou [pra casa], todas as mulheres...' sem saber o que ia dizer, como ia responder. Aí ele dizia: 'Vamos a Foley Square'. E a gente ia". Às vezes Malcolm ficava absorto na leitura de algum livro muito obscuro para Thomas. Um autor de que ele se lembra bem era o filósofo G. W. F. Hegel. "Hegel era o seu homem", lembrava-se Thomas, referindo-se talvez às mesmas passagens sobre "propriedade e servidão" que também fascinaram Frantz Fanon.[53]

Apesar disso, havia qualquer coisa em Thomas que incomodava Malcolm. Certa ocasião, ele falou de sua preocupação com Joseph, dizendo que o simples fato de Thomas quase nunca falar já o incomodava. Thomas, por sua vez, disse a Joseph: "Eu achava que não tinha capacidade para interromper e conversar muito com ele. Eu só queria fazer meu serviço". As coisas continuaram como eram.

Num número cada vez maior de mesquitas — principalmente na de Newark, Nova Jersey — uma tempestade de críticas a Malcolm começou a formar-se. As principais acusações eram que ele cobiçava o lugar do Mensageiro, que tinha um forte desejo de bens materiais e que usava a Nação para se promover politicamente e na mídia. Malcolm costumava responder a essas farpas fortalecendo o culto em torno de Elijah, o que lhe parecia a maneira mais eficaz de dissipar dúvidas. Muhammad gostava desses esforços em seu benefício, e, mais ou menos nessa época, disse a Malcolm que queria que ele "se tornasse muito conhecido", porque era por intermédio de sua fama que a mensagem de Elijah seria ouvida. Mas Malcolm precisava entender, acrescentou, que "você será odiado, quando se tornar famoso".[54]

Talvez George Lincoln Rockwell pudesse dar a resposta dos Estados Unidos brancos a Malcolm X. Queixo quadrado, constituição substancial, era uma figura notável quando subia ao palco nos comícios do grupo que fundara e dirigia, o Partido Nazista Americano. O extremo conservadorismo de Rockwell

manifestara-se de início de maneira convencional; reservista da Marinha, ele se opunha à integração racial e desprezava o comunismo, e por algum tempo foi funcionário de William F. Buckley Jr., editor da National Review. Só depois de ler Mein Kampf [Minha luta] e The Protocols of the Elders of Zion [Protocolos dos Sábios de Sião] foi que suas crenças na supremacia branca se fundiram com um profundo ódio aos judeus. Em março de 1959, fundou a União Mundial da Livre Empresa Nacional Socialista, que logo se transformou no Partido Nazista Americano. Apesar de suas políticas desprezíveis, Rockell tinha um talento para manipular a mídia que deu ao partido uma atenção desmedida. Em 3 de abril de 1960, pronunciou um discurso de duas horas no National Mall em Washington, que atraiu mais jornalistas do que seguidores; apesar disso, mesmo na periferia da extrema direita, conseguia manter uma cobertura de mídia sólida, criando uma imagem inflada do seu partido.[55]

Nos primeiros anos, a literatura do Partido Nazista Americano referia-se aos afro-americanos como "niggers", moral e mentalmente inferiores aos brancos. Mas quando Rockwell se inteirou das posições anti-integracionistas da Nação do Islã, ficou fascinado com a ideia de uma frente unida formada por brancos "supremacistas" e nacionalistas negros. Até elogiava a Nação para seus seguidores, afirmando que Elijah Muhammad tinha "reunido milhões de pessoas sujas, imorais, bêbadas, sem educação, preguiçosas e repulsivas do tipo que chamamos desdenhosamente de 'niggers', inspirando-as a tal ponto que se tornaram seres humanos limpos, sóbrios, honestos, trabalhadores, dignos, dedicados e admiráveis, apesar da cor".[56]

A certa altura de 1961, o grupo de Rockwell reuniu-se com Muhammad e diversos assessores em Chicago; é provável que Rockwell e Muhammad tiveram alguns encontros privados para preparar um "acordo de assistência recíproca". A principal concessão que Rockwell arrancou de Muhammad foi a permissão para levar soldados nazistas aos comícios da NOI, o que certamente atrairia a cobertura da mídia. Para Muhammad, essa atenção representava um risco maior, mas ele achou que o risco era compensado pela oportunidade de expor a verdadeira natureza do homem branco. O grupo de Rockwell podia ser periférico, mas Muhammad via em seu ódio racial e antissemitismo uma representação honesta das crenças fundamentais dos Estados Unidos brancos. Havia outra razão para a aliança: o autoritarismo da NOIharmonizava-se com o autoritarismo racista dos "supremacistas" brancos. Ambos os grupos, no fim das

contas, sonhavam com um mundo segregado, no qual os casamentos inter-raciais eram proibidos e as raças viviam em países separados.[57]

Em 25 de junho de 1961, a Nação do Islã realizou um grande comício em Washington. Perante um público de 8 mil pessoas, Rockwell e dez soldados nazistas — todos elegantemente trajando uniformes marrom-claros, com braçadeiras ostentando brilhantes suásticas — foram conduzidos a cadeiras perto do palco, no centro da arena. Representantes da imprensa afro-americana, espantados com a presença de nazistas, berravam perguntas a Rockwell, que anunciou: "Estou perfeitamente de acordo com o programa [da NOI] e tenho por Elijah Muhammad o maior respeito". Apesar de Muhammad ter sido anunciado como o principal orador, naquele dia ele ainda estava muito doente, e o discurso ficou por conta de Malcolm. Depois do seu discurso, pediu-se ao público que contribuísse, e quando Rockwell ofereceu vinte dólares, Malcolm perguntou quem tinha sido o doador. Um soldado nazista gritou: "George Lincoln Rockwell", e os muçulmanos aplaudiram polidamente. Rockwell foi convidado a levantar-se; mais uma vez, o líder nazista recebeu aplausos discretos. Malcolm não resistiu à vontade de fazer um comentário: "O senhor acaba de receber o maior aplauso de sua vida".[58]

O gracejo de Malcolm contradizia seus sentimentos mais profundos sobre aquela aliança, que tinha sido inteiramente arquitetada por Elijah Muhammad e a sede em Chicago. A nódoa do nazismo não podia ser comparada à da Ku Klux Klan, mas aquelas reuniões tinham sido realizadas em segredo. Agora Malcolm recebia dinheiro doado pelo líder de grupo de fomento do ódio perante um público de milhares de pessoas. Fosse qual fosse a sua opinião sobre a utilidade de Rockwell para a Nação, ele sabia que aquela aparição serviria apenas para prejudicá-lo perante os líderes negros que recentemente haviam demonstrado interesse por uma aproximação.

De sua parte, Rockwell saiu das reuniões com a NOIimpressionado por sua organização e disciplina. "Muhammad compreende a cruel fraude da exploração dos negros pelos judeus", comentou, posteriormente. "[Os] muçulmanos são a chave para a solução do problema do negro, tanto no norte como no sul. E esse sujeito, o Malcolm X, não é um fresco de fala mansa, como tantos líderes 'integracionistas' nojentos, negros e brancos. Ele é homem, e é impossível não o admirar, mesmo quando investe contra a raça branca por não ter sabido cuidar do homem negro."[59] Em fevereiro do ano seguinte, Rockwell compareceu ao Dia

do Salvador organizado pela NOIem Chicago, perante um público de 12 mil muçulmanos. Quando Elijah Muhammad terminou o sermão, Rockwell foi convidado a falar, e dirigiu-se ao palco, flanqueado por dois guarda-costas. "Vocês sabem que nós os chamamos de 'niggers'", começou. "Mas não preferem lidar com homens brancos que lhes dizem na cara o que outros só dizem por trás?" E prometeu "fazer tudo que estiver ao meu alcance para ajudar o Honrado Elihah Muhammad a realizar o seu inspirado plano de conseguir terra para vocês na África. Elijah Muhammad está certo — é separação ou morte!".[60]

A maioria dos estudos dedicados a Malcolm X ignora ou deixa de examinar as ligações entre a NOIe o Partido Nazista Americano. Mesmo o acadêmico Claude Andrew Clegg, que critica duramente a decisão de Muhammad de permitir que Rockwell falasse em 1962, afirma que o líder nazista "era uma espécie de bicho-papão usado por Muhammad para amedrontar os negros e forçá-los a procurar a NOI".[61] Essa afirmação subestima o terreno comum existente. Na edição de abril de 1962 do Muhammad Speaks, Muhammad elogiou Rockwell por ser um homem que "endossa para si a posição que vocês e eu estamos tomando. Por que não devemos aplaudi-lo?". Os nazistas "adotaram uma posição para que vocês se separem e consigam justiça e liberdade".[62] Durante anos, Rockwell continuou a apoiar o programa da NOI. Num discurso em outubro de 1962, por exemplo, ele declarou: "[Elijah Muhammad] é um 'supremacista' negro e eu sou um 'supremacista' branco: isso não quer dizer que um de nós precise matar o outro".[63]

Jantar com o demônio exige mais do que uma colher comprida. Como o tête-à-tête com a KKK, a identificação pública da NOIcom os nazistas comprometeu os esforços de Malcolm para atingir um público de moderados, pessoas que talvez concordassem com suas críticas ao racismo americano, mas rejeitassem suas soluções. Foi esse o desafio que ele enfrentou quando voltou a debater com Bayard Rustin em 23 de janeiro de 1962. O debate foi realizado na Igreja Comunitária de Manhattan, uma congregação liberal da parte leste da cidade. O tópico — "Separação ou integração?" — deveria ter sido favorável a Rustin.[64] O público consistia, basicamente, de liberais brancos, que apoiavam fortemente os direitos civis. No entanto, Malcolm evitou astutamente chamar os brancos de "demônios"; em vez disso, ressaltou os efeitos negativos do racismo institucional sobre a comunidade negra. Seus argumentos pareciam convincentes para muitos brancos da plateia. Rustin foi obrigado a queixar-se de que um número muito

grande de brancos da galeria, incluindo alguns amigos seus, estavam aplaudindo as declarações de Malcolm com mais vigor do que os negros: "Deixem-me explicar o processo... O negócio, meus amigos, é que muitos brancos gostam de ouvir os da sua espécie sofrerem enquanto eles assistem sentados dizendo: 'Não é maravilhoso que esse negro simpático faça esses brancos passarem um mau bocado? Ele não pode estar se referindo a mim — eu sou liberal".[65]

As palestras e os sermões de Malcolm no começo de 1962 raramente mencionavam os valores centrais da teologia da Nação, e cada vez mais ele se aventurava em debates amplos sobre o futuro político dos Estados Unidos negros. Provavelmente para silenciar os detratores dentro da NOI, ele tentava dar mais atenção a assuntos organizacionais. Em janeiro, ele e Joseph fizeram uma visita à Mesquita nº 23 em Buffalo, no condado de Nova York.[66] E, no fim do mês, supervisionou o custeio, pela NOI, de um bazar afro-americano em Rockland Palace, no Harlem.[67] Também continuou a usar seus discursos para fomentar o culto em torno de Elijah Muhammad. O Mensageiro gostava desses esforços em seu benefício; mas não demorou muito para que Muhammad começasse a mudar de opinião. Ele leu as transcrições e ouviu as gravações dos discursos de Malcolm e percebeu o rumo político tomado pela mente do seu ministro cada dia mais famoso. Decidiu apertar as rédeas.

Em 14 de fevereiro, Muhammad escreveu formalmente a Malcolm sobre sua programação. "Quando for a essas faculdades e universidades representar os ensinamentos que Alá me revelou para nosso povo, não entre muito em detalhes políticos; nem no assunto do Estado separado para nós aqui dentro." Muhammad instruiu Malcolm a "dizer apenas aquilo que eles já me ouviram falar, ou aquilo que você mesmo já me ouviu falar". Malcolm foi proibido de manifestar suas opiniões independentes, mesmo em assuntos não relacionados à NOI. O velho patriarca tentava reaver o direito de ser o único intérprete dos ensinamentos islâmicos. "Faça com que o público venha a mim em busca de respostas", escreveu. "Não vê como rejeito os demônios nesses assuntos, contando-lhes que direi onde quando o governo demonstrar interesse?"[68] A NOIera um movimento religioso, não uma causa política; Malcolm a partir de então não tinha mais autoridade para abordar assuntos como o do Estado negro separado ou para falar de tópicos do momento de natureza política, a não ser com permissão de Muhammad. Mas é claro que, apesar disso, qualquer discussão sobre assuntos relativos aos afro-americanos inevitavelmente giraria em torno da questão dos

direitos civis; Muhammad tornava a posição de Malcolm insustentável.

Logo surgiu a oportunidade de testar os limites impostos por Muhammad. Em 7 de março, a Universidade de Cornell convidou Malcolm e o diretor-executivo do CORE James Farmer para debaterem o tema "Segregação ou integração?". No ano anterior, os militantes das Caminhadas pela Liberdade de Farmer tinham aparecido nas manchetes de todo o país ao desafiarem sistemas de ônibus segregados no sul, e a promessa de ganhos reais a serem obtidos com o ativismo conjunto dava a Farmer uma carta forte para jogar contra Malcolm. Nos comentários de abertura, Malcolm ressaltou o fato de que os negros americanos eram parte do "mundo não branco". E assim como "nossos irmãos africanos e asiáticos queriam ter sua própria terra, queriam ter seu próprio país, queriam ter controle sobre si próprios", era razoável que os negros americanos quisessem o mesmo. "Não é integração que os negros dos Estados Unidos querem, é dignidade humana." Mais uma vez, atacou a integração como um arranjo que só beneficiava a burguesia negra:

> Nós que somos negros no cinturão negro, ou na comunidade negra, ou no bairro negro, vemos com facilidade que aqueles de nós que concordam com a integração geralmente são os chamados negros de classe média, uma minoria. Por quê? Porque têm confiança no homem branco... acreditam que ainda há esperança no sonho americano. Mas o que para eles é sonho americano para nós é pesadelo americano, e não achamos que seja possível, sinceramente, para o homem branco tomar as medidas necessárias para corrigir as condições injustas que 20 milhões de negros são obrigados a sofrer, de manhã, ao meio-dia e à noite.[69]

Mas Farmer, como Rustin, não se deixou intimidar, e partiu agressivamente para o ataque contra o conservadorismo e as fraquezas do programa da NOI. "Buscamos uma sociedade aberta... onde as pessoas sejam aceitas pelo que valem, e possam contribuir plenamente para a cultura de todos, e para a vida de todo o país", declarou. "Conhecemos a doença, doutor, qual é seu remédio? Qual é seu programa e como espera concretizá-lo?" Malcolm tinha sido generoso na retórica e parco nos detalhes. "Precisamos que tudo seja dito com clareza", pressionou Farmer. "É uma sociedade negra em cada cidade? Como um Harlem ou um South Side de Chicago?" Também contestou com eficácia a afirmação de Malcolm de que só a classe média negra era favorável à integração, mostrando que a maioria dos estudantes que participavam das Caminhadas pela Liberdade

vinha da classe operária ou de famílias de baixa renda. A rigor, disse Farmer, o contrário é que era verdade: empresários capitalistas negros apoiam as leis de Jim Crow, porque elas criam um mercado consumidor autossegregado, sem a concorrência branca; a classe média negra é que costumava se opor à dessegregação.[70] Malcolm percebeu que ia perder o debate e, para marcar pontos, mencionou o fato de Farmer ser casado com uma mulher branca.[71]

Diferentemente dos representantes da NAACP com quem Malcolm já tinha debatido, Farmer era capaz de explicar as táticas do Movimento de Liberdade Negra em linguagem clara, usando palavras comuns. À afirmação de Malcolm de que lanchonetes dessegregadas não eram importantes, por exemplo, respondeu de maneira sensata: "Não devemos viajar, então? Piquetes e boicotes puseram a Woolworth's de joelhos". Os militantes das Caminhadas pela Liberdade do CORE tinham "ajudado a levar a dessegregação a cidades de todo o sul". O que Malcolm sem dúvida percebeu aquela noite foi que a atitude do CORE para com a dessegregação era fundamentalmente diferente da do establishment de direitos civis anteriores, que se concentravam em leis e litígios. O CORE estava ativamente comprometido com a organização de protestos em massa nas ruas — nas palavras de Farmer, "os piquetes e as manifestações em todo o país são a causa da derrubada dos muros no sul, porque as pessoas estavam em movimento, com seus próprios corpos em marcha segurando cartazes, sentando-se em protesto, boicotando, deixando de ser clientes".[72] Ironicamente, o resultado líquido do debate entre Farmer e Malcolm, objeto de amplas discussões entre os ativistas do movimento, daria mais legitimidade ao líder muçulmano negro. Até mesmo os integracionistas, que rejeitavam com veemência o nacionalismo negro, acharam os argumentos de Malcolm convincentes. Dentro de dois anos, organizações subsidiárias inteiras do CORE, especialmente em Cleveland, Detroit, Brooklyn e Harlem, iriam se voltar na direção de Malcolm X.

Talvez o mais importante discurso público de Malcolm no primeiro semestre de 1962 tenha sido o que pronunciou na Igreja Batista Abissínia do Harlem, onde o congressista Powell o convidara para participar de uma série de palestras sobre o tema: "Para onde vai o negro?". Administradores da igreja informaram à imprensa que a avassaladora resposta que tinham recebido era maior "do que a de todos os 'líderes' anteriores do Harlem juntos". Para um público de 2 mil pessoas, Malcolm repetiu a tese. "Não achamos que esteja na natureza do

homem branco mudar sua atitude em relação ao homem negro", afirmou, ao mesmo tempo que respondia à acusação de que a NOI, embora defendesse com palavras uma linha militante, não se envolvia na política da comunidade negra. "Não é porque o sujeito não dá um soco que ele não é capaz de bater sempre que esteja disposto, por isso não façam pouco caso dos muçulmanos e dos nacionalistas [negros]." Sensatamente, elogiou Powell como modelo de líder independente. "Adam Clayton Powell é o único político negro que foi capaz de sair da plantation do homem branco, enfrentar a máquina política do branco no centro da cidade, e ainda assim garantir a sua cadeira no Congresso." Os comentários de Malcolm prepararam terreno para aquilo que viria a ser uma forte parceria entre os dois homens no ano seguinte.[73]

Apesar disso, a divergência entre suas próprias opiniões e as opiniões do núcleo da NOIcontinuava a aborrecê-lo, e, cada vez mais, Malcolm pedia conselhos àqueles em quem confiava, embora as circunstâncias às vezes dificultassem as coisas. Em Boston, um confidente natural teria sido Louis X. No entanto, durante quase todo o ano de 1962, Louis esteve engajado na luta pelo poder com Clarence 2X Gill, causada pela exigência de vender um grande volume de exemplares do Muhammad Speaks.[74] Apesar de Ella não pertencer mais à mesquita de Boston, Malcolm continuava a manter contato com ela, e talvez lhe tenha estendido a mão. Ela também se interessara pelo Islã ortodoxo durante aqueles anos, o que ajudou a reaproximá-los depois do rompimento por ocasião das eleições em Boston.

Apesar da tensão que persistia em seu casamento, Malcolm de vez em quando também consultava Betty, que se preocupava com a estabilidade do casal. Com o passar dos anos, ela se acostumou às muitas regalias que lhe eram conferidas na qualidade de mulher do ministro da mesquita. As compras de mercearia, feitas por outros, eram encaixotadas e entregues em sua cozinha; Thomas 15X Johnson e outros membros do foi eram os motoristas que a conduziam a eventos da NOI. Em ocasiões oficiais, Betty tinha direito a lugares na primeira fila, e ao aplauso da multidão carinhosa. E, vez por outra, quando o Mensageiro visitava Nova York, era na casa de Betty e Malcolm que concedia a honra de hospedar-se. James 67X observou, posteriormente: "Qualquer mulher gostaria de [estar] no lugar dela".[75]

Diferentemente de Malcolm, entretanto, Betty desconfiava cada vez mais dos líderes da NOI. Devido à alta posição do marido na hierarquia, ela tinha

oportunidade de observar o comportamento ganancioso da família e do entorno de Muhammad. Em comparação, Betty e Malcolm viviam quase na pobreza, não tendo praticamente nada além de uma pequena quantidade de móveis, roupas e artigos pessoais. O carro de Malcolm pertencia a NOI; da mesma forma, o título da propriedade não estava em seu nome, mas no da mesquita. No início dos anos 1960, Malcolm recebia cerca de 3 mil dólares por mês, para cobrir despesas de transporte, hospedagem e refeições durante as viagens. Ele mantinha registros rigorosos, juntando recibos para justificar todas as despesas. A NOIproibia os ministros de comprarem seguro de vida, segundo Betty para que seus representantes dependessem totalmente da seita. Com serenidade no início, depois com mais energia, ela insistia com o marido que protegesse a família financeiramente e que tomasse as medidas apropriadas. Usou até o argumento garveyista de que as famílias negras deveriam pelo menos ter suas próprias casas. A austera resposta de Malcolm era que, se alguma coisa lhe acontecesse, a Nação certamente cuidaria de Betty e das crianças.[76]

Malcolm talvez tenha ordenado seus seguidores a obedecer à lei, mas isso não chegou a dissipar as desconfianças que tinham dos muçulmanos responsáveis pela aplicação da lei nas grandes cidades. Em nenhuma outra parte a tensão era tão grande como em Los Angeles, onde Malcolm estabelecera, em 1957, o Templo nº 27. Para a maioria dos brancos que migraram para lá, Los Angeles era a cidade dos sonhos. Para os migrantes negros, a cidade mantinha algumas das restrições segregacionistas de Jim Crow de que tentavam escapar mudando-se para o oeste. Já em 1915, moradores negros de Los Angeles protestavam contra convênios habitacionais racialmente restritivos;[77] esses convênios segregacionistas, assim como a aberta discriminação praticada por empresas imobiliárias, continuaram a ser um grave problema até os anos 1960.[78] O crescimento real da comunidade negra no sul da Califórnia se intensificou apenas durante as duas décadas que se seguiram a 1945. Nesse período de vinte anos, quando a população negra da cidade de Nova York aumentou quase 250%, a população negra de Los Angeles deu um salto de 800%. Os negros eram cada vez mais importantes também nos sindicatos trabalhistas locais e na economia em geral. Por exemplo, de 1940 a 1960, a percentagem de negros do sexo masculino que trabalhavam como empregados de fábrica em Los Angeles aumentou de 15%

para 24%; a proporção de homens afro-americanos empregados durante o mesmo período subiu de 7% para 14%. Em 1960, 468 mil negros moravam no condado de Los Angeles, aproximadamente 20% da população do condado.[79]

Foi por essas e outras razões que Malcolm investiu tanta energia, tanto esforço, para assegurar a presença da NOIno sul da Califórnia, e especialmente o desenvolvimento da Mesquita nº 27. Tendo recrutado os líderes da mesquita, foi imediatamente até lá resolver uma disputa entre facções em outubro de 1961.[80] Essas atividades eram notadas e monitoradas pelo Comitê de Apuração de Fatos sobre Atividades Anti-Americanas, que temia que a NOItivesse "conexões comunistas". O comitê estadual concluiu que havia um "interessante paralelo entre o movimento muçulmano negro e o Partido Comunista, e esse paralelo é a defesa da derrubada de um regime odiado pelo uso da força, da violência, ou de quaisquer outros meios".[81] Em 2 de setembro de 1961, muçulmanos que vendiam o Muhammad Speaks no estacionamento de uma mercearia no centro-sul de Los Angeles foram intimidados por dois seguranças brancos da loja. Os seguranças alegaram depois que, ao tentarem impedir a venda do jornal, foram "pisoteados e surrados". A versão do incidente descrita no Muhammad Speaks era totalmente diferente; o jornal dizia que "os dois 'seguranças' portavam armas e tentaram aplicar uma 'prisão como cidadãos'. Empregados da mercearia correram para ajudar os seguranças... e moradores negros da região, que também se reuniram, acabaram envolvidos. Durante 45 minutos, reinou a confusão". Cerca de quarenta policiais foram enviados para restaurar a ordem. Cinco muçulmanos foram presos. Durante o julgamento, o dono e o gerente da loja confirmaram que a NOItinha recebido autorização para vender seus jornais no estacionamento. Um júri formado só de brancos absolveu os muçulmanos de todas as acusações.[82]

Depois do entrevero no estacionamento, o Departamento de Polícia de Los Angeles estava pronto para uma retaliação contra a NOIlocal. O comissário de polícia da cidade, William H. Parker, já tinha lido The Black Muslims in America, de Lincoln, e achava a seita subversiva e perigosa, capaz de provocar tumulto generalizado. Ele instruiu seus policiais a acompanharem de perto as atividades da mesquita, sendo por isso que, logo depois da meia-noite de 27 de abril de 1962, quando dois policiais viram dois homens tirando roupas da parte de trás de um carro na porta da mesquita, aproximaram-se desconfiados.[83] O que aconteceu em seguida é objeto de discussão, mas, tenham os policiais sido atacados de súbito, como alegaram, ou tenham os muçulmanos sido empurrados

e surrados sem provocação, como parece provável, o fato é que a comoção fez uma torrente de muçulmanos furiosos sair da mesquita. A polícia ameaçou reagir com força letal, mas um policial que tentou intimidar a multidão de espectadores foi desarmado pela multidão. De alguma forma, o revólver de um policial disparou, atingindo seu parceiro no cotovelo. Veículos de reforço logo chegaram trazendo mais de setenta policiais, e seguiu-se uma batalha em larga escala. Em questão de minutos, dezenas de policiais estavam dentro da mesquita, golpeando membros da NOIaleatoriamente. Quando a briga acabou, quinze minutos depois, sete muçulmanos estavam baleados, incluindo William X Rogers, que levou um tiro nas costas e ficou paralítico pelo resto da vida. O funcionário da NOIRonald Stokes, veterano da Guerra da Coreia, ainda tentara entregar-se à polícia pondo as mãos sobre a cabeça. Mas a polícia respondeu atirando por trás: uma bala penetrou seu coração, matando-o na hora. Uma investigação do médico legista determinou que a morte de Stokes era "justificável".[84] Numerosos muçulmanos foram indiciados.

A notícia da invasão arrasou Malcolm; ele chorou pela morte do fiel Stokes, a quem conhecia bem, de suas muitas viagens à Costa Oeste. A profanação da mesquita e a violência contra seus membros empurraram Malcolm para um lugar sombrio. Ele estava finalmente preparado para que a Nação desferisse um soco como resposta. Malcolm disse ao foi da Mesquita nº 7 que chegara a hora da vingança, olho por olho, e começou a recrutar membros para formar uma equipe com a missão de assassinar policiais do Departamento de Polícia de Los Angeles. Charles 37X, que assistiu a uma dessas reuniões, lembrava-se dele em estado de fúria, berrando para o grupo reunido: "O que estão fazendo aqui? Que diabos estão fazendo aqui?".[85] Segundo o relato de Louis Farrakhan, "irmão Malcolm tinha um passado no crime. E, chegando à Nação, e especialmente a Nova York, exerceu tremenda influência sobre homens vindos da rua que tinham tendência para serem criminosos também".[86] Foi principalmente desses homens mais endurecidos que Malcolm cobrou ação, e eles atenderam ao seu chamado. A Mesquita nº 7 tinha intenção de "mandar alguém a Los Angeles para matar [a polícia] tão seguramente quanto Deus fez as maçãs verdes", disse James 67X. "Vários irmãos se apresentaram como voluntários."[87]

Enquanto fazia planos para levar seus assassinos a Los Angeles, Malcolm buscou a aprovação de Elijah Muhammad, no que supunha ser apenas uma formalidade. Chegara a hora de agir, e certamente Muhammad compreenderia a

necessidade de convocar as forças da Nação para a batalha. Mas o Mensageiro negou-lhe permissão. "Irmão, não se vai à guerra por causa de uma provocação", disse ele a Malcolm. "Eles podem matar alguns seguidores meus, mas não vou sair por aí fazendo besteira." E mandou todo o foi desistir. Malcolm ficou pasmo; cedeu, mas amargamente desapontado. Farrakhan acha que Malcolm concluiu que Muhammad preferia "proteger a riqueza que acumulara, em vez de continuar com a luta de nossa gente".[88]

Poucos dias depois, Malcolm foi para Los Angeles, e em 4 de maio, no Statler Hilton, deu uma entrevista coletiva sobre os tiros. No dia seguinte, presidiu a cerimônia de sepultamento de Stokes. Mais de 2 mil pessoas compareceram, e cerca de mil participaram do cortejo fúnebre até o cemitério. Mas a questão estava longe de ser resolvida. Se Malcolm não podia matar os policiais envolvidos, estava, no entanto, decidido a obrigar tanto a polícia como o establishment político de Los Angeles a reconhecerem sua responsabilidade. Para conseguir isso, ele acreditava que a NOIdeveria trabalhar com organizações de direitos civis, políticos negros locais e grupos religiosos. Em 20 de maio, Malcolm participou de um grande comício contra a brutalidade policial que conquistou o apoio de muitos liberais brancos, assim como de comunistas. "Vocês são vítimas de brutalidade porque são negros", declarou ele na manifestação. "Quando desferem golpes de cassetete na cabeça de vocês, eles não perguntam qual é sua religião. Vocês são negros, e isso basta."[89]

Pôs mãos à obra para organizar uma frente negra unida contra a polícia no sul da Califórnia, mas novamente Elijah Muhammad interveio, ordenando a seu tenente que suspendesse todos os esforços. "Irmão, fique no lugar onde eu o coloquei", dizia o decreto, "porque eles [as organizações de direitos civis] não têm para onde ir. Mantenha sua posição." Muhammad estava convencido de que seria impossível conseguir a integração; no fim das contas, os grupos de direitos civis gravitariam em torno da Nação do Islã. Explicou a Malcolm (e depois a Farrakhan) que quando a dessegregação fracassasse, "eles não terão para onde ir, a não ser para aquilo que você e eu representamos". Consequentemente, vetou qualquer colaboração com grupos de direitos civis, mesmo numa questão tão contenciosa como o assassinato de Stokes. Louis X viu nisso um ponto crucial na deterioração das relações entre Malcolm e Muhammad. Pela altura de 1962, Malcolm "falava cada vez menos sobre os ensinamentos [de Muhammad]", disse Farrakhan. "E estava encantado com a luta pelos direitos civis, com a ação dos

participantes do movimento e com a falta de ação dos seguidores do Honrado Elijah."[90]

No fundo, a divergência entre Malcolm X e Elijah Muhammad ia além da questão prática sobre como responder ao ataque policial em Los Angeles. A partir do momento em que foi informado da invasão e da morte de Stokes, Malcolm viu a tragédia como efeito da falta de coragem dos membros da Mesquita nº 7: "Todos os muçulmanos deveriam ter morrido", teria dito ele, "antes de permitir que um agressor entrasse na mesquita."[91] Muhammad achava que Stokes tinha morrido por fraqueza, porque tentara entregar-se à polícia. Malcolm achava quase impossível engolir essa ideia, mas, submetendo-se à autoridade de Muhammad, repetiu o argumento na Mesquita nº 7 como se fosse de sua autoria. James 67X ouviu Malcolm dizer à congregação: "Não somos cristãos. Não somos de dar a outra face, mas os obreiros [membros da NOI] estão tão satisfeitos de si que ao lidarem com o demônio a ele se submetem... Se alguém desfere um golpe contra vocês, revidem". Os irmãos da mesquita de Los Angeles que reagiram estavam vivos. Roland Stokes submeteu-se e foi morto.[92]

Alguns dos assessores mais próximos de Malcolm estavam convencidos de que Elijah Muhammad tomara a decisão correta, pelo menos no que dizia respeito à retaliação. Benjamin 2X Goodman, por exemplo, declararia posteriormente: "Mr. Muhammad disse, 'tudo tem sua hora'... e estava certo. A polícia estava preparada. Teria sido uma arapuca".[93] Mas Malcolm sentia-se humilhado pelo fato de que a NOIfora incapaz de defender seus próprios membros. Toda a experiência que adquirira nos anos anteriores — como mobilizar milhares de pessoas nas ruas por causa do espancamento de Hinton em 1957 e trabalhar com Philip Randolph para formar uma frente negra unida em 1961-2 — lhe dizia que a Nação só seria capaz de proteger seus membros se se juntasse ao movimento de direitos civis e outros grupos religiosos para uma ação conjunta. Não se podia simplesmente deixar tudo por conta de Alá.

O assassinato de Stokes assinalou o término da primeira fase da carreira de Malcolm dentro da NOI. Ele se convencera de que a posição passiva de Elijah Muhammad era injustificável. Malcolm passara quase uma década na Nação e, apesar de todos os seus discursos, não seria capaz de indicar qualquer progresso na criação de um Estado negro separado. Enquanto isso, no Estado existente, mulheres e homens negros que se voltavam para ele em busca de liderança sofriam e morriam. Agitação política e protestos públicos, na linha do CORE e do

SNCC, eram essenciais para contestar o racismo institucional. Malcolm esperava que, pelo menos dentro dos limites da Mesquita nº 7, tivesse permissão para adotar uma estratégia mais agressiva, em consonância com líderes negros independentes como Powell e Randolph. Ao fazer isso, ele imaginava que assim a Nação do Islã pudesse renascer.

8. Da oração ao protesto

Maio de 1962-março de 1963

Dias depois de voltar de Los Angeles, Malcolm começou, tranquilamente, a adotar uma estratégia de engajamento político limitado. A mordaça que lhe impusera Elijah Muhammad continuava a incomodar, assim como a depreciativa teoria sobre a morte de Ronald X Stokes como resultado de sua submissão às autoridades. Antes de deixar Los Angeles em 22 de maio, Malcolm tinha dito a uma multidão que Stokes "demonstrara a mais alta elevação moral de qualquer pessoa negra em qualquer lugar deste mundo",[1] e chegou a Nova York poucos dias depois se sentindo cheio de energia e de vontade. Apesar de Muhammad o ter impedido de formar uma coalizão com moderados não muçulmanos em Los Angeles, em seu território ele tinha muito mais liberdade de ação. Em 26 de maio, a Mesquita nº 7 organizou um comício na frente do Hotel Theresa.[2] O anúncio do evento estabelecia um vínculo entre o "assassinato a sangue frio de Ronald T. Stokes e a morte a tiros de outros sete negros inocentes e desarmados" em Los Angeles, os militantes das Caminhadas pela Liberdade no Alabama e as espetaculares campanhas de dessegregação que Martin Luther King Jr. liderava na Geórgia. Malcolm convidou dois candidatos que disputavam uma cadeira no Congresso pelo Harlem, Powell e o advogado Paul Zuber, e fez um apelo a todos os líderes do Harlem para que apoiassem uma coalizão contra a brutalidade policial. Assim, desafiava Elijah Muhammad e seus superiores em Chicago adotando em Nova York a abordagem de direitos civis que planejara adotar no sul da Califórnia.

Os críticos de Malcolm na Nação do Islã viram nisso uma prova de que ele se

deixara hipnotizar pelas atenções da mídia, desviando sua atenção das questões religiosas para o perigoso reino da política. Até mesmo o ministro John Shabazz, de Los Angeles, cuja mesquita ocupara o centro do torvelinho político e que foi réu no processo movido pelo Departamento de Polícia contra os muçulmanos, aderiu à política oficial. Numa carta de junho de 1962 endereçada ao "irmão ministro" com cópia para Malcolm, Shabazz afirmou que não se poderia pôr fim ao uso de excessiva força policial basicamente pela ação política. A carta declarava que "uma solução religiosa resolverá o problema da brutalidade policial".[3]

Impávido, Malcolm seguiu em frente levado pela frustração, que no entanto logo o fez dar um passo em falso e que o colocou na defensiva. Em 3 de junho, um avião caiu em Paris, matando 121 ricos cidadãos brancos de Atlanta; dada a oportunidade que oferecia, Malcolm viu na tragédia uma tentação difícil de resistir. Perante um público de 1500 pessoas em Los Angeles, ele descreveu o desastre como "uma coisa muito bela", uma prova de que Deus atendia a preces. "Pedimos ao nosso Deus — e Ele se livra de 120 deles."[4] No mês seguinte, a imprensa pinçou a declaração, e muitas personalidades negras não perderam tempo em denunciar tanto Malcolm como a NOI. O dr. Rufus Clement, presidente do Centro Universitário de Atlanta, qualificou os comentários de Malcolm de "anticristãos e desumanos", e Roy Wilkins, líder da NAACP, referiu-se ao desastre como "uma tragédia em massa", acrescentando, espantado: "Mesmo quando seus mais violentos inimigos [brancos] estão contra eles, os negros não se rebaixam a ponto de sentirem alegria por sua morte". Mas a declaração mais eloquente — e condenatória — veio de Martin Luther King Jr., que tentou tranquilizar os americanos brancos, dizendo "que o ódio contra os brancos manifestado por Malcolm X [não é] compartilhado pela ampla maioria dos negros nos Estados Unidos. Embora haja uma grande dose de legítimo desgosto e justa indignação na comunidade negra, ela nunca evoluiu para um ódio aos brancos em larga escala".[5] Acima de tudo, a declaração de Malcolm foi um desastre nas relações públicas. Ficou mais fácil para os moderados negros de grupos como a NAACP e a Liga Urbana Nacional recusarem cooperação com a NOI, e é quase certo que ela aumentou o nível de infiltração do FBI. É até provável que ela tenha levado o FBI a desacreditá-lo na França; logo depois, J. Edgar Hoover entrou em contato com o adido jurídico do governo francês em Paris para advertir que um cineasta francês, Pierre-Dominique Gaisseau, tinha

recentemente procurado Malcolm, líder de uma "organização hostil aos brancos" e "fanática".[6]

Mais até do que a série de televisão The Hate That Hate Produced, de 1959, o comentário de Malcolm sobre o desastre aéreo reforçou sua reputação de demagogo. Ele pode ter achado que o comentário fazia parte de uma polêmica jihad de palavras, destinada a colocar os cristãos brancos na defensiva, mas a declaração reforçou a tese de Lomax-Wallace de que a NOIera produto do ódio dos negros. Para os críticos de Malcolm no movimento pelos direitos civis, o comentário e outros parecidos o definiam como símbolo do fracasso da sociedade branca em integrar os negros. Apesar disso, num exame retrospectivo, muitas das declarações mais afrontosas de Malcolm sobre a necessidade de extremismo para alcançar a liberdade política não diferiam em nada das opiniões do candidato republicano à presidência em 1964, Barry Goldwater, que declarou que "o extremismo em defesa da liberdade não é vício, e a moderação na busca de justiça não é virtude". Quase dois anos antes, em 1962, Malcolm afirmou: "A morte é o preço da liberdade. Se não estamos dispostos a morrer por ela, devemos deixar a palavra 'liberdade' fora do nosso vocabulário".[7]

Durante algumas semanas, Malcolm evitou falar com a imprensa, enquanto tentava acalmar as coisas dentro da NOI. Em 9 de junho, compareceu a um comício com a presença de Elijah Muhammad no Olympia de Detroit. Depois de terminado o segundo evento público, todos os membros da NOIreceberam ordem para ficar. Malcolm ficou com a desagradável responsabilidade de ler para a multidão uma carta enviada por Raymond Sharrieff a todos os capitães do foi, ordenando a "todos os muçulmanos que consigam não menos de duas novas assinaturas do Muhammad Speaks por dia". A campanha de assinaturas se estenderia por três meses. A carta terminava dizendo que "quem não obedecer será expulso da mesquita".[8] O novo decreto mostrava a determinação de Chicago em transformar o florescente sucesso de seu jornal numa mina de dinheiro. Os membros já tiravam o dízimo de sua renda para dar às mesquitas, além de voluntariamente doarem fundos para Muhammad e sua família; agora se esperava que gerassem mais dinheiro ainda.

O covarde arrocho financeiro da Nação começou a causar mal-estar em mesquitas de todo o país, e a tensão em Boston aturdiu a organização. Em 1962, Louis X ganhava cerca de 110 dólares por semana na função de ministro, mas, como o ex-funcionário da NOIem Boston Aubrey Barnette diria mais tarde, "cada

membro deveria doar 2,95 dólares por semana para manter Louis, o que significa que se cem membros contribuíssem regularmente ele receberia mais 15 mil dólares por ano para suas despesas". Tecnicamente, nenhum dos outros funcionários das mesquitas recebia salário, mas na prática o capitão do foi ganhava 85 dólares semanais, e o secretário da Mesquita outros 35 dólares por semana, além das "frequentes contribuições de todos os membros". Durante o período de três anos em que pertenceram à mesquita, Barnette e a mulher, Ruth, doaram mil dólares, cerca de um quinto da renda de Barnette, um pouco acima da média da renda dos membros da NOInaquela época. Além disso, um culto de violência e intimidação começou a propagar-se em torno do capitão do foi, Clarence 2X Gill. Barnette lembrava-se do capitão Clarence como "um homem troncudo, de estatura média", que parecia "um ex-lutador de boxe peso médio... e era arrogante, desconfiado, ditatorial". Os membros não tinham permissão de falar diretamente com Clarence, e eram obrigados a se comunicarem por intermediários. Nas sessões do foi na segunda-feira à noite, ele submetia os subordinados a uma "salada de treinos, palestras sobre higiene, resumos de atualidades, discursos de encorajamento, exercícios físicos e instruções diversas", que durava duas horas. Sua paranoia infectava os subordinados, que eram constantemente instruídos a tomarem cuidado com possíveis informantes do FBI. Quando Barnett insistiu com ele para abrandar o sensacionalismo, Clarence o acusou de ser "espião do FBI".

A pressão para aumentar as vendas do Muhammad Speaks incitou os adeptos da seita em Boston, já contrariados, à revolta explícita. Cerca de cinco homens negros — pequenos comerciantes e empresários, na maioria — tinham ingressado na mesquita em parte por entusiasmo de Louis X. Não se importavam com os pagamentos semanais para sustentar os salários de funcionários e cobrir custos administrativos. Mas relutaram quando souberam que cada um teria de vender duzentos exemplares do Muhammad Speaks, a quinze centavos a unidade, e seria responsável por uma conta financeira, vendesse ou não os jornais. Elijah Muhammad Jr., então capitão assistente do foi, foi para Boston a fim de sufocar a possível desavença, advertindo os membros do foi: "Se não quiserem vender o jornal, não se deem ao incômodo de vir aqui. Esta noite o juiz sou eu, e vocês são culpados". Chegou a lembrar aos membros "que nos tempos antigos irmãos recalcitrantes eram mortos".

As ameaças e a intimidação física foram contraproducentes. Em questão de

dias, 42 homens, todos empresários, desligaram-se da mesquita. Diante do encolhimento do número de adeptos e da correspondente redução da renda, Louis X anunciou uma "anistia geral" e convidou todos aqueles que tinham saído a participarem de uma reunião. Prometeu-lhes que as cotas do jornal não seriam mais cobradas, e que Clarence estava fora. Mas quando a sede em Chicago soube da leniência de Louis, sua decisão foi anulada. Dois dias depois, Louis falou para toda a mesquita: "Parece que alguns de vocês me interpretaram mal". Ao saber que nada mudara, Barnette levantou-se e saiu, e nunca mais voltou à mesquita. Mas a questão não estava encerrada, no que dizia respeito ao capitão Clarence. Meses depois, quando Barnette e outro ex-muçulmano passavam em frente à mesquita, pela movimentada rua Roxbury, um Cadillac rosa saiu do meio-fio e parou na frente do carro de Barnette. Seis ou mais muçulmanos correram para o automóvel de Barnette e arrancaram os dois homens de dentro. À luz do dia e em público, Barnette e o outro homem, John Thomas, foram esmurrados, chutados e pisoteados. Barnette sofreu fraturas no calcanhar, numa vértebra, nas costelas, teve os rins arruinados e hemorragia interna, e teve que ficar uma semana internado no hospital. "Acho que apanhamos como castigo por termos saído, e também como uma advertência para calarmos a boca", disse ele.

Em Nova York, onde Malcolm e Joseph exerciam controle mais firme sobre os adeptos, esses problemas foram em grande parte evitados. Em vez disso, o aumento das vendas do Muhammad Speaks criou aborrecimentos com os policiais locais. Em 2 de julho, numa fala à Mesquita nº 7, Malcolm advertiu que se a polícia incomodasse a NOIpor vender o jornal, os membros deveriam fazer o que os policiais mandassem. Mas também sugeriu que os muçulmanos tinham o direito de vender a publicação, garantido pela Constituição. Previu que "chegará a hora em que os muçulmanos não poderão sair de casa". Membros da NOIjamais deveriam portar armas, explicou, mas "se forem atacados, a legítima defesa é garantida no mundo todo".[9]

Uma semana depois, foi para Chicago a fim de participar de um comício com a presença de Elijah Muhammad, no qual a Nação revelaria duas peças de teatro que, mais tarde, o definiriam. Apesar de o número de adeptos ter aumentado rapidamente, a NOInão participava das lutas pela dessegregação no sul, que conquistaram o respeito e a admiração de pessoas no mundo inteiro. Para os negros, estava bem claro o que grupos como a NAACP e o CORE desejavam; a NOI, em contraste e em grande parte deliberadamente, não tinha um programa

social esclarecido, que pudesse ser implantado de fato. Como era improvável que os negros um dia pudessem capturar um território para si dentro dos Estados Unidos, o que a NOIse propunha a fazer? Por mais que Muhammad tivesse antipatia pela tendência de Malcolm ao ativismo, e a desencorajasse, o fato é que ele não era um tolo quando se tratava de avaliar o cenário da política negra e calibrar o lugar da NOIdentro dele.

Em meados de 1962, o CORE tinha adquirido projeção nacional por suas Caminhadas pela Liberdade, e Martin Luther King Jr. estava de volta a Albany, na Geórgia, onde comandava uma campanha de dessegregação que lhe rendera rápida passagem pela cadeia, até que o delegado o soltasse para evitar mais cobertura negativa da mídia. Os êxitos do movimento pelos direitos civis tinham dado ousadia às comunidades negras dos Estados Unidos e feito a plataforma antiativista e não intervencionista da NOIparecer defasada, ou, pior ainda, atrasada. Para reforçar o seu programa no tribunal da opinião pública, Muhammad e seus tenentes de Chicago prepararam uma declaração política de dez pontos, que ele revelou em seu discurso no comício. Perante uma grande multidão no Arie Crown Theater, em Lake Shore Drive, ele apresentou uma lista de demandas que preservavam a posição anti-integracionista da Nação — depois codificada sob o título "Em que os muçulmanos acreditam" — e incluía liberdade religiosa, o fim da brutalidade policial e a libertação de "todos os crentes no Islã mantidos em prisões federais". Mas, astutamente, a declaração também fazia importantes concessões ao movimento pelos direitos civis. "Enquanto não nos permitirem estabelecer um estado ou território nosso, exigimos não apenas justiça igual sob as leis dos Estados Unidos, mas iguais oportunidades de emprego, já!" Muhammad completou essa declaração com a lista "O que os muçulmanos querem", em doze pontos, do credo básico da Nação do Islã. Nos treze anos seguintes, até a morte de Muhammad em 1975, essas duas declarações se tornaram os manifestos de mais ampla disseminação da NOI. Para Malcolm, que insistira num envolvimento maior com o movimento, foi uma revelação agridoce: ele abraçara essas ideias bem antes de Chicago.[10]

Sua própria insistência na ação ganhou vida novamente, por um breve período, em Nova York, onde a Mesquita nº 7 organizava comícios semana sim, semana não, concentrando-se principalmente em melhorar a vida dos negros pobres e acuados do Harlem. O envolvimento de Malcolm com o Comitê de Emergência de A. Philip Randolph continuou a canalizar seus esforços, e em 21

de julho ele falou para uma multidão de 2 mil pessoas na frente do Hotel Theresa. O programa de cinco horas tinha um show de saxofone e tambor, que ajudou a atrair espectadores. Membros do Fruto do Islã circulavam na multidão, vendendo Muhammad Speaks, além de discos produzidos pela NOIapresentando Louis X. Malcolm concentrou-se principalmente nas condições sociais e econômicas do Harlem. "O desemprego, a delinquência juvenil, a prostituição, o jogo, o tráfico de drogas e outras formas de crime organizado estão aumentando", explicou:

> Mesmo nossas mulheres, os meninos e as meninas, tornam-se vítimas dos males organizados que destroem a fibra moral da comunidade negra. O estopim já está aceso... se não fizermos algo, imediatamente, haverá uma situação explosiva na comunidade negra, mais perigosa e destrutiva do que bombas de cem megatons.

A intensidade do discurso refletia um compromisso cada vez mais profundo de abarcar uma comunidade negra unida. Em sua cobertura do evento, o Chicago Defender observou que as palavras de Malcolm continham tanto "sentimento e ímpeto emocional" que os gritos da plateia "tornavam-se, em certos momentos, quase um canto, nas pausas cadenciadas de sua oratória".[11] Mas a característica mais significativa desse comício em grande parte patrocinado pela NOIfoi a lista de oradores convidados, que incluía figuras muito mais moderadas, entre elas ninguém menos do que o velho parceiro de debates de Malcolm, Bayard Rustin.[12]

No dia seguinte, Betty deu à luz a terceira filha do casal. A menina recebeu o nome de Ilyasah, versão feminina de Elijah, em árabe.[13] A essa altura, as rápidas partidas de Malcolm depois do nascimento das filhas era quase rotina; naquele mesmo dia, ele desapareceu para juntar-se aos integrantes do foi e assistir a um comício trabalhista de negros e latinos realizado no norte do East Side de Manhattan e organizado pelo Comitê para Justiça dos Trabalhadores de Hospitais. Apesar de proibidos de participarem de manifestações ao estilo dos eventos de direitos civis, os muçulmanos manifestaram seu apoio discretamente. Malcolm chegou a falar rapidamente com os grevistas[14] — tecnicamente uma violação das ordens de Muhammad, mas mais uma vez ele provavelmente pensou que em seu território, desde que fizesse louvores a Muhammad, nem Raymond Sharrieff, nem qualquer outra pessoa, tinha o poder de detê-lo.

Questões legais relacionadas aos eventos de Los Angeles continuaram a consumi-lo durante todo o verão. No dia seguinte ao nascimento de Ilyasah, ele estava em Connecticut, levantando fundos para a família do falecido Ronald Stokes. Em 28 de julho, voltou para Nova York, ao saber que o prefeito de Los Angeles, Sam Yorty, falaria num simpósio no Hotel Waldorf-Astoria sobre a crise urbana. Logo depois do ataque, Yorty tinha dado ao comissário do Departamento de Polícia de Los Angeles, William Parker, apoio total aos tiros na mesquita, e chegara ao ponto de encontrar-se com o procurador-geral, Robert Kennedy, na esperança de provocar uma investigação federal da NOI.[15] Quando Malcolm, tendo conseguido chegar à plateia, levantou-se e falou, Yorty ficou furioso. "Não peguei o avião até aqui para ser interrogado por Malcolm X", retorquiu. "Considero o movimento muçulmano negro como um movimento de tipo nazista que prega o ódio." Malcolm respondeu declarando ao New York Times: "Prefiro ser nazista a ser o que Mr. Yorty é, seja lá o que isso for".[16]

No mês seguinte, junto com um grande grupo de muçulmanos, Malcolm lotou uma sala de audiências no Tribunal Superior do condado de Los Angeles para dar apoio aos membros da NOIque tinham sido indiciados por agressão em 27 de abril. Após repetidas súplicas, Malcolm convencera Earl Broady, advogado criminal e ex-policial de Los Angeles, a defender os treze muçulmanos acusados. Broady prometeu fazer o possível para influenciar o rumo do caso.[17] O agente do FBI que monitorava o processo anotou: "Entende-se que esses réus vão alegar que havia um júri inadequadamente selecionado devido à ausência de negros em número suficiente".[18]

Durante dias, em meados de agosto, Malcolm visitou St. Louis para um comício da NOI. Apesar de ter falado, a maior parte da atenção dos presentes se concentrou em Muhammad, que foi promovido a orador principal. Em algum momento durante a visita, Muhammad disse a Malcolm que estava preocupado com o recente dano à imagem da NOI. Perturbavam-no, particularmente, as palestras de Malcolm em universidades, que, segundo ele, "não conquistavam adeptos e só serviam de pretexto para que a NOIfosse detonada em público". Malcolm não teve escolha senão cancelar todas as palestras universitárias que tinha programado.[19] Documentos internos do FBI mostram que o BOSS soube quase imediatamente desses cancelamentos; alguém, com acesso direto aos mais altos níveis da NOI, passava informações à agência. O mais provável é que essa pessoa fosse o secretário nacional John Ali; toda a correspondência de natureza

comercial e todos os relatórios semanais dos ministros passavam pela mesa de Ali. Ele conhecia pessoalmente e podia exigir a demissão de todos os secretários das mesquitas. O FBI teria reconhecido facilmente o valor de sua posição estratégica dentro da hierarquia da Nação.

Em St. Louis, Malcolm manteve uma entrevista programada com um jornalista branco que pouco tempo antes tinha chamado sua atenção graças a uma série de matérias sobre a mesquita da cidade. Peter Goldman era um redator do St. Louis Globe-Democrat, jornal conservador que também tinha em sua equipe editorial o jovem Patrick Buchanan. O interesse de Goldman pela NOIsurgira dois anos antes, quando era bolsista de pós-graduação em Harvard em 1960, onde começara a ler The Black Muslims in America, de Lincoln, e assistira ao notável debate de Malcolm com Walter Carrington no Sanders Theatre. Apesar de Goldman ter se tornado um liberal integracionista na faculdade, a ponto de ingressar no CORE e participar nos anos 1950 de protestos, o desempenho de Malcolm no debate o afetara profundamente. Goldman ficou impressionado com aquele homem e com sua mensagem, e especialmente com a postura de Malcolm, que descreveria depois como "soldadesca e sacerdotal. Seu porte era uma coisa incrível". Ficou impressionado também com os membros da NOIque acompanhavam Malcolm: "Havia membros do foi no corredor, uma presença protetora, e ao sair pude vê-los espalhados pelo campus. Havia um sujeito em pé debaixo de uma árvore de terno e gravata (e cabeça calva) à moda Ivy League".[20]

Quando voltou para St. Louis e aterrissou no Globe-Democrat, Goldman começou a escrever imediatamente sobre a mesquita local, e apesar de o principal efeito das reportagens ter sido, provavelmente, o de submeter a NOIa uma investigação ainda mais atenta das autoridades, elas também despertaram a atenção de Malcolm.[21] Semanas depois de sua publicação, Malcolm telefonou para explicar a Goldman que ia visitar a cidade. "Que acha de nos encontrarmos", perguntou, para que ele pudesse melhor "compreender a Nação do Islã?"[22]

Uma entrevista foi marcada por intermédio da mesquita local, a ser realizada na Shabazz Frosti Kreem, uma lanchonete afiliada da NOIno gueto do North Side. Goldman estava extremamente nervoso: "Na época eu era prisioneiro de todas as opiniões brancas liberais sobre o mundo, sobre raça nos Estados Unidos, incluindo a opinião de que o foco da tragédia era o sul dos Estados Unidos, e que

Jim Crow era a luta essencial". Helen Dudar, mulher de Goldman e também jornalista, foi com ele ao encontro, e os dois juntos aguardaram na frente da lanchonete pela chegada do entrevistado. Depois de alguns minutos, um carro parou, com Malcolm sentado "meio espremido no banco traseiro". Goldman se lembrava de que, "no instante em que a gente o via, [dava para sentir] sua incrível presença".[23] Os três, mais o ministro local, Clyde X, entraram e sentaram-se a uma mesa. Malcolm rapidamente foi até a juke-box. Enfiou uma moeda e escolheu "A White Man's Heaven Is a Black Man's Hell", de Louis X.[24]

Para surpresa de Goldman, a entrevista durou quase três horas. Malcolm "nos disse, de modo perfeitamente agradável, que os brancos eram inerentemente inimigos dos negros; que a integração, impossível de alcançar sem o derramamento de sangue, era, de qualquer forma, indesejável; [e] que a não violência — "esse tipo de ação evasiva, de implorar, esperar para tomar a liderança" — era apenas um artifício para desarmar os negros e, pior, castrá-los".[25] Apesar de Malcolm lhe causar forte impressão, Goldman continuou sendo um liberal convicto, que lutava para superar seus preconceitos ideológicos e escrever com imparcialidade sobre a Nação.

Nos três anos seguintes, Goldman fez pelo menos cinco longas entrevistas com Malcolm. Eles conversavam pelo telefone com frequência, contando histórias pessoais. Às vezes tudo que Goldman queria era uma declaração publicável; mas ele sentia que, por alguma razão, tinha se tornado parte de "um grupo-alvo relativamente pequeno de pessoas da mídia que [Malcolm queria] seduzir". Eram jornalistas em quem Malcolm confiava para "dar sérios recados". Para a maioria das pessoas, porém, sua atitude normal era ficar sempre de "punho levantado... era muito fácil assustar a maioria dos repórteres brancos... Eles estavam atrás de uma frase para citar — a declaração mais inflamatória que pudesse ser levada ao ar, e Malcolm gostava de fornecê-las". Mas Goldman também percebeu que Malcolm sabia que, no fundo, "quando se cria uma atmosfera de ameaças, uma sensação de ameaça... nunca desfira o golpe, porque, quando o golpe se desfere, as pessoas vão sair à rua e morrer". Por isso, ele nunca foi um "defensor da atividade suicida", mas acreditava que "a ameaça era útil".[26]

Outro jornalista que teria profundo impacto na vida e no legado de Malcolm

foi Alex Haley. Nascido em 1921, Haley tinha acabado de se aposentar depois de vinte anos de serviço na Guarda Costeira dos Estados Unidos. Republicano liberal, Haley rejeitava completamente o separatismo e a intolerância raciais da NOI. Achava que a Nação era consequência do fracasso da sociedade americana na assimilação dos negros dentro do sistema existente. Mas na esteira da publicidade provocada pela série The Hate That Hate Produced, em 1959, Haley esboçou um breve artigo sobre o grupo, "O sr. Muhammad fala", que foi publicado na edição de março de 1960 da Reader's Digest. Apesar de Haley ter caracterizado a Nação como um "culto potente e racista", os líderes da NOI, de modo geral, elogiaram a objetividade do artigo. O ensaio concentrava-se basicamente na história de Elijah Muhammad, e em seu perfil como líder da seita; Malcolm foi mencionado como figura secundária. Em 1962, Haley voltou a procurar a NOI, pedindo sua colaboração para uma reportagem mais longa, a ser publicada no Saturday Evening Post, que era muito lido. Seria escrita em parceria com um jornalista branco, Alfred Balk, que tinha sido convidado, ao que tudo indica, para convencer os leitores brancos de que a reportagem refletia um ponto de vista integracionista, não obstante o fato de Haley ser um integracionista declarado e reconhecido. Graças ao artigo anterior de Haley, ele e Balk tiveram acesso substancial às atividades da NOIem todo o país. Malcolm até concordou em dar a Haley uma entrevista com detalhes sobre sua vida antes de ele ter se tornado seguidor de Muhammad. O que os muçulmanos não tinham como saber era que Balk conversava simultaneamente com o FBI, tendo se encontrado em 9 de outubro com um agente da Seção de Investigação de Crimes em Chicago. Balk explicou que sua reportagem precisava "apresentar uma avaliação precisa e realista da Nação do Islã", ilustrando, ao mesmo tempo, "que muitas declarações sobre o êxito da organização entre os negros eram também exageradas". O FBI concordou em lhes repassar informações selecionados sobre a NOI, com base em anos de espionagem, mas a fonte não poderia ser citada.[27]

A Nação enfrentava desafios imprevistos como resultado de sua rápida expansão. Os investimentos imobiliários e a "taxação" imposta aos membros da NOIpara que conseguissem milhares de assinaturas do Muhammad Speaks — apesar da resistência de muitos adeptos — produziram somas expressivas para a sede em Chicago e para a família de Muhammad. Raymond Sharrieff e John Ali consolidaram o controle que exerciam sobre as operações diárias da organização,

e nenhum dos dois tinha a afeição paternal que o Mensageiro tinha por Malcolm, assim como os filhos de Muhammad também não aprovavam os estreitos laços desenvolvidos pelo pai com seu principal protegido. Isso tornava as relações tensas e complicadas entre a maior filial da Nação, em Nova York, e Chicago. As incansáveis discussões de Malcolm sobre os anos anteriores e sua personalidade magnética tinham impulsionado em grande parte o crescimento da Nação — e, consequentemente, o enriquecimento de seus cofres — mas as contínuas especulações da imprensa sobre o fato de ele ser o herdeiro de Muhammad tirava o sossego de todos, apesar dos constantes esforços de Malcolm para manter Elijah sob a luz dos refletores.

Em 1962, as secretarias de todas as mesquitas respondiam diretamente a John Ali, que se aliara decididamente aos detratores de Malcolm. Farrakhan lembra-se de que "os capitães estavam sob as ordens de Raymond Sharrieff e Elijah, Junior... e as irmãs capitãs estavam sob o comando de Ethel Sharrieff ou Lottie, filha do Mensageiro... Eles queriam preservar seus cargos, [de modo que] começaram a perseguir o irmão Malcolm a partir da sede". O Muhammad Speaks decidiu reduzir a cobertura de seus discursos. "Ele falava nos lugares, fazendo um grande trabalho", disse Farrakhan, "mas nosso jornal quase não mencionava." De vez em quando Malcolm manifestava seu desapontamento em conversa com os amigos em Boston. "Ele me dizia coisas — dizia: 'Sabe, eu trabalho duro para a Nação e não tenho reconhecimento'. E aquilo começou a incomodar [meu] irmão."[28] Malcolm nada falou sobre essa insatisfação com os subordinados; em vez disso, seguindo as instruções de Muhammad, começou a recusar convites para falar em universidades — cancelando, por exemplo, uma palestra na Universidade de Bridgeport por causa de "um problema na garganta".[29]

Para combater essa animosidade que se avolumava contra ele em Chicago, Malcolm aproximou-se dos aliados que o cercavam em Nova York, principalmente de Benjamin 2X Goodman, ministro assistente da Mesquita nº 7. Como muita gente da NOI, Goodman tinha ingressado na organização depois de uma insatisfatória passagem pelas Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial. Alistando-se na força aérea em 1949, ele foi citado para "punição pela companhia", antes de ser submetido a corte marcial em agosto de 1951 e ser dispensado no fim de 1952. A experiência não contribuiu em nada para fazê-lo amar as autoridades brancas, e em 1957, pouco depois de chegar a Nova York,

tornou-se membro do templo de Harlem. De imediato, mostrou-se promissor, e dois anos depois, com quase trinta anos, foi nomeado instrutor do curso de História do Homem Negro no programa de educação de adultos da Mesquita nº 7. Para sustentar-se, abriu um negócio de venda de livros, arranjando também emprego como fiscal de obra.[30] Em 1961, relatórios da NOIdescreviam Benjamin como gerente da Crescent Book Sales, "especialista em literatura e história islâmica".[31]

Apesar de Benjamin 2X ter começado a servir como ministro assistente em 1958, só no começo dos anos 1960 Malcolm passou a recorrer a ele para uma ampla variedade de tarefas. Embora Henry X continuasse sendo oficialmente o principal ministro assistente da Mesquita nº 7, todos sabiam que Benjamin tinha mais intimidade com Malcolm. Os laços espirituais que os uniam só perdiam para os laços espirituais entre Malcolm e Louis X. Em 1961-2, o papel de Benjamin dentro da mesquita mudou significativamente, e, em consequência, mudou também sua relação com Malcolm. O FBI observou que Benjamin recebia cada vez mais novas tarefas. Por exemplo, de setembro de 1961 a agosto de 1962, ele participou de reuniões para estabelecer uma mesquita da NOIem Bridgeport, Connecticut.[32] Em maio e junho de 1962, ele foi um dos principais oradores da Mesquita nº 12 na Filadélfia, e em meados de julho daquele ano foi nomeado "principal orador" da mesquita.[33] Cada vez mais, Benjamin passou a acompanhar Malcolm em compromissos fora da cidade.

Seu maior valor, no que dizia respeito a Malcolm, era a atitude de humildade com que desempenhava seu cargo. Segundo consta, sua predisposição era pastoral e espiritual; ele procurava dar sentido à sua fé por intermédio de boas ações. Ao longo dos anos, ele desfrutou de refeições e outras formas de camaradagem na casa de Malcolm. Ele conhecia, e admirava de todo o coração, o ministro superior, o que fazia dele o contrapeso pastoral de James 67X, dois homens que representavam dois aspectos distintos da personalidade de Malcolm. Mas, diferentemente de James, o único homem capaz de discutir vigorosamente com Malcolm, havia sempre uma distância, uma ausência de verdadeira intimidade, entre Benjamin e Malcolm. "Ele costumava me mandar para fora da cidade, e eu voltava e ia a sua casa talvez à uma da manhã para conversar", dizia Benjamin. "Mas não nos tornamos íntimos. Não no sentido de camarada. Era sempre ele que comandava."[34]

Depois dos sermões de domingo na Mesquita nº 7, Malcolm costumava

convidar seus assistentes para jantar em sua casa. Os jovens ministros viam essas ocasiões como aulas interativas. Cada vez mais, porém, eles testemunhavam discussões entre Betty e Malcolm. A raiva e a ansiedade de Betty tornavam-se tão intensas que, no começo de 1963, ela fugiu novamente para Detroit. Quando voltou para casa certa noite, depois de um período de ausência, Malcolm descobriu que a mulher e as filhas tinham ido embora. Dessa vez ele não foi procurá-las. Depois de alguns dias, Betty ficou muito preocupada, achando que talvez tivesse ido longe demais com o marido. Malcolm acabou descobrindo onde ela estava e disse-lhe: "Não tenho um emprego que me permita sair na hora que eu quiser... Você sabia disso quando se casou comigo. Se sair de casa de novo, eu não vou mais buscá-la".[35] Às vezes, quando o casal passava por dificuldades, ele mandava Betty e as meninas passarem uns dias em Boston com Louis Farrakhan e a mulher. "Ele sabia que eu gostava muito dele", explicou Farrakhan. "E sabia que eu o defenderia... Era um bom lugar para Betty."[36]

No começo do outono de 1962, Malcolm estava decidido a não confrontar abertamente seus detratores na Nação. Diminuiu bastante o número de entrevistas e aparições na tv, para desfazer a impressão de que ele se via como sucessor de Muhammad. Apesar disso, ainda aparecia no rádio e na televisão. Na noite de 30 de setembro, quando milhares de tropas federais ocupavam a Universidade de Mississippi para garantir a matrícula de James Meredith, ele esteve no programa de rádio de Barry Gray, denunciando o casamento inter-racial. No que dizia respeito a Meredith, Malcolm fez um breve comentário: "O fato de um homenzinho negro ir para a escola no Mississippi nem de longe compensa o fato de que 1 milhão de negros não chega sequer ao nível da escola primária no Mississippi".[37] Ele não perdia uma só oportunidade de demonstrar sua ilimitada crença na perfeição de Elijah Muhammad. Numa reunião da Mesquita nº 7 em 19 de outubro, ele chamou a atenção para um artigo de jornal desfavorável ao Mensageiro. Ninguém, pregou ele, tem permissão "para difamar o nome de Elijah Muhammad", acrescentando que se visse o autor do artigo na rua lhe daria um soco "na boca".[38]

Parte da estratégia de Malcolm para promover o culto em torno de Muhammad envolvia a adoção de um papel mais agressivo em defesa da legitimidade islâmica das opiniões religiosas da NOI, especialmente quando criticadas por muçulmanos ortodoxos, que costumavam ficar muito ofendidos

com a alegação de Muhammad de suas conexões com o divino. Perto do fim do verão, um estudante universitário muçulmano sudanês, Yahya Hayari, criticou publicamente a NOI, levando Malcolm a escrever uma carta de protesto, não tanto para contestar o mérito da crítica de Hayari, mas para repreendê-lo e divulgar sua denúncia publicamente. "Acho difícil acreditar que você seja um muçulmano do Sudão", começava Malcolm. "Nenhum muçulmano atacaria outro muçulmano só para conquistar a amizade dos cristãos." As diferenças, sugeriu ele, deveriam ser resolvidas "em particular... mas nunca para o deleite público de judeus e cristãos". Malcolm recorreu aos conflitos internacionais para explicar os perigos da desunião dos muçulmanos: "Os europeus só continuam no Congo porque os congoleses estão muito ocupados lutando entre si... Seria muita tolice dos estudantes muçulmanos virem do Sudão ou de qualquer outra parte da África e se deixarem usar em ataques contra nós num país cristão, num país branco, num país no qual 20 milhões de seus 'irmãos mais escuros' ainda são considerados cidadãos de segunda classe, que é apenas uma forma alterada do colonialismo do século XX".[39] As críticas de Hayari contra a Nação prosseguiram, o que fez Malcolm mandar uma carta de protesto para o Pittsburgh Courier. Hayari "está há tempo demais na América cristã", disse Malcolm, porque "fala como [um] negro americano que sofreu lavagem cerebral". Malcolm reduzia a importância das diferenças teológicas entre sua seita e o Islã global, afirmando que as táticas da "polícia dos inimigos do Islã sempre foi 'dividir para conquistar'". Hayari era, sem dúvida, um daqueles que "sofriam" de uma "mentalidade colonial". A resposta de Hayari apareceu na edição de 27 de outubro de 1962 do Pittsburgh Courier. "O sr. Elijah não acredita no Islã nem ensina o Islã", insistiu. "O que ele ensina em nome do Islã é sua própria teoria social." Como consequências das heresias de Muhammad, "todos aqueles que o seguem precisam saber que estão sendo conduzidos direto para o inferno".[40]

Em 24 de novembro, uma carta em que Malcolm criticava uma declaração contrária à NOIpor um muçulmano afegane foi publicada na Amsterdam News. Para demonstrar sua fidelidade à ortodoxia islâmica, Malcolm respondeu citando versos do Alcorão. "Os seguidores do Mensageiro Elijah Muhammad aqui nos Estados Unidos obedecem a um código moral e praticam uma forma de disciplina religiosa mais estrita do que os muçulmanos de qualquer outra parte do mundo", insistiu Malcolm. "Ó vós que acreditais, não tomeis os judeus e os cristãos por amigos... E quem quer que os tome por amigos é, na verdade, um

deles." Malcolm louvou Elijah Muhammad como "último Mensageiro de Alá hoje, e aceitando sua mensagem divina recebemos dele uma robusta força espiritual, de tal maneira que somos capazes de nos redimir dos males do mundo cristão da noite para o dia".[41]

Ainda em 1962, outro muçulmano sudanês, Ahmed Osman, que estudava no Dartmouth College, participou dos serviços na Mesquita nº 7 e contestou Malcolm diretamente durante uma sessão de perguntas e respostas. Osman incomodava-se particularmente com as alegações da NOIde que Elijah Muhammad era o "Mensageiro de Deus", e de que os brancos eram, literalmente, "demônios". Osman terminou "muito impressionado com Malcolm", mas "insatisfeito" com as respostas. Começou a trazer bibliografias do Centro Islâmico em Genebra, Suíça, e a escrever sobre o "verdadeiro Islã". Malcolm gostou do que leu e pediu mais a Osman.[42] Mas, apesar dessa exposição ao Islã ortodoxo, a verdade é que ele ainda não estava preparado para romper com a Nação.

Porém, quanto mais ele discutia com contestadores a questão do Islã, mais contestadores apareciam. Em março de 1963, Malcolm debateu com Louis Lomax e outros, como parte de um programa do Canal 11 de Los Angeles, durante o qual deu a impressão de afastar-se de Muhammad. Explicou: "A gente só se torna muçulmano quando aceita a religião do Islã, que significa acreditar em um Deus único, Alá. Os cristãos o chamam Cristo, os judeus o chamam Jeová".[43] Essa declaração era um repúdio tático à história de Yacub e à demonologia dos brancos apregoada pela NOI. Apesar dessa modificação, Malcolm aderia a outros aspectos da ortodoxia da NOI, declarando, a certa altura do debate: "O Honrado Elijah Muhammad nos ensina que Deus lhe ensinou que a raça branca é uma raça de demônios, e que se não fossem demônios, os brancos deveriam prová-lo. No que me diz respeito, a história da raça branca, como nos ensinou o Honrado Elijah Muhammad, depõe fortemente contra essa raça em particular". O debate estendeu-se até tarde, e ele e Lomax só saíram do estúdio de televisão à uma e meia da madrugada. Quando chegaram ao estacionamento, foram abordados por um grupo de furiosos estudantes árabes da Universidade da Califórnia (ucla). Eles tinham assistido horrorizados às declarações de Malcolm sobre os "demônios brancos", contradizendo a ortodoxia abstrata do Islã que não enxerga diferenças de cor. Malcolm explicou que a frase "demônios brancos" era essencial "para despertar o surdo, mudo e cego negro

americano", mas os estudantes não se convenceram. Aborrecido, Malcolm entrou num automóvel que o esperava e foi embora.[44] Ele começava a compreender que não poderia mais alegar que fazia parte da ummah do Islã enquanto denegria todos os brancos como uma raça para a qual não poderia haver redenção. Teria de fazer uma escolha.

Em 15 de novembro de 1962, Archie Moore, uma lenda do boxe, subiu ao ringue em Los Angeles para uma luta de fim de carreira com um adversário que tinha quase metade da sua idade. No quarto round ele estava liquidado, dando mais uma vitória a seu impetuoso desafiante, invicto depois de dezesseis lutas como profissional. Em Nova York, Malcolm, que deveria estar na cidade na semana seguinte, ficou atento às notícias da luta. Embora a Nação visse o boxe como algo negativo, e embora o próprio Malcolm nunca tivesse demonstrado muito interesse pelo esporte, esse jovem lutador em particular era um caso à parte. No começo do ano, em Detroit, Malcolm relaxava na lanchonete dos alunos ao lado da Mesquita nº 1 quando foi abordado por um negro bonito e forte, que lhe estendeu a mão, animadamente, para se apresentar. "Sou Cassius Clay." Com apenas dezenove anos, ele e o irmão Rudy tinham dirigido de Louisville até Chicago só para ouvir Elijah Muhammad falar.[45]

Poucos homens desempenhariam papel tão relevante na vida de Malcolm como essa figura enigmática e irreprimível, que se tornaria lendário com o nome de Muhammad Ali. Os dois compartilhavam importantes ligações de infância: embora o pai de Clay, Cassius Sr., tivesse morrido bem mais tarde na vida do filho, assim como Earl Little ele também fora profundamente influenciado por Marcus Garvey e transmitira ao filho as lições de orgulho e autossuficiência da raça negra. Nascido em 17 de janeiro de 1942, Cassius Clay Jr., entrara para o boxe aos doze anos, orientado por um policial, destacando-se de imediato. Entretanto, de início recebeu mais aplausos pelo charme do que pelas habilidades de pugilista, tornando-se conhecido pelos versinhos cômicos que declamava celebrando sua destreza. Ele começou a ter êxito em 1960, ao ganhar a medalha de ouro na divisão de peso meio-pesado nas Olimpíadas de Roma. Tornando-se imediatamente profissional, Clay foi apoiado por um grupo de brancos ricos que se identificava como Louisville Sponsoring Group.

O individualismo agressivo de Clay e o senso de orgulho inspirado em

Marcus Garvey faziam dele um adepto natural da Nação do Islã, e quando viu o grupo pela primeira vez em 1959 ficou interessado. Tinha ido a Chicago para lutar num torneio e voltou para Louisville com um lp que trazia os discursos de Elijah Muhammad. Ainda na escola secundária, ele importunou um dos professores, inutilmente, para que o deixasse escrever um texto sobre a seita. Em março de 1961, já treinando como profissional em Miami, Clay conheceu o capitão Sam X Saxon (mais tarde Abdul Rahman), que vendia exemplares de Muhammad Speaks na rua. Começaram a conversar e Saxon convidou-o para ir à pequena mesquita da cidade. Já nessa primeira visita o jovem boxeador ficou fascinado. "O ministro pôs-se a ensinar, e as coisas que ele disse realmente mexeram comigo", disse ele a Alex Haley.

Que nós os 20 milhões de negros dos Estados Unidos não conhecíamos nossa verdadeira identidade, ou mesmo nossos verdadeiros nomes de família. E éramos os descendentes diretos de homens e mulheres negros roubados do rico continente negro e trazidos para cá e destituídos de todo o conhecimento de si mesmos, e ensinados a se odiarem a si mesmos e aos de sua espécie. E foi assim que nós, os chamados "negroes", nos tornamos a única raça da humanidade que ama seus inimigos. Agora, sou desses que pegam as coisas de estalo. Disse a mim mesmo, escute, esse homem está dizendo alguma coisa![46]

Ele diria, posteriormente: "Aquela foi a primeira vez que me senti espiritual na vida".[47] Logo começou a ler regularmente o Muhammad Speaks e fez amizade com membros da NOI, até chamar a atenção de Jeremiah X, ministro de Atlanta e chefe regional da NOI, que esteve em Miami várias vezes para vê-lo. Por intermédio de Saxon, Clay contratou os serviços de uma cozinheira muçulmana, que o ajudou a observar os requisitos dietéticos muçulmanos.

Para Malcolm, Clay era um "jovem bem apessoado, prático" e jovial.[48] Conseguia ver o que havia através da postura brincalhona de Clay, na qual talvez reconhecesse suas próprias palhaçadas como Sandwich Red, enquanto servia aos brancos em trens durante a guerra. Depois de se apresentarem na lanchonete no começo de 1962, os dois homens mantiveram contato pelo resto do ano, e logo Malcolm pediu a seu amigo Archie Richardson (mais tarde Osman Karriem) que tomasse conta de Clay em Miami. Malcolm percebeu que Clay tinha potencial como lutador; sua conversão à NOIpodia permitir a seita a atingir um público

inteiramente novo. Ferdie Pacheco, treinador de Clay, observou posteriormente: "Malcolm X e Ali eram como irmãos, muito amigos. Era quase como se estivessem apaixonados". Para Clay, Malcolm "era o negro mais inteligente da face da Terra". Até Pacheco ficou impressionado. "Malcolm X era brilhante, convincente, carismático, assim como os grandes líderes e santos são carismáticos. Isso certamente contagiou Ali."[49]

Quatro dias depois da luta de Clay com Moore, Malcolm aterrissou em Los Angeles, onde, de acordo com o Los Angeles Herald-Dispatch, participaria de uma campanha para arrecadar fundos e dar aulas durante duas semanas.[50] Mas isso era apenas parte do novo plano de Malcolm. Ele tinha decidido tranquilamente revogar a proibição de Elijah de cooperar com grupos de direitos civis e não muçulmanos. Para tanto, de 19 a 24 de novembro ele participou de um fórum sobre "Separação ou integração" e "Militantes na Liderança dos Negros", este último organizado em grande parte pela Associação Afro-Americana. Fundada no começo de 1962 pelo ativista Donald Warden, a associação era uma rede progressista de estudantes negros militantes. Alguns dos ativistas que surgiram desse grupo logo teriam grande impacto no Movimento de Liberdade Negra. A seção da associação na região costeira dizia que o futuro fundador do Partido dos Panteras Negras, Huey P. Newton, tinha sido membro, e em Los Angeles o líder local era Ron Everett, que subsequentemente se tornaria grande representante do nacionalismo cultural negro, conhecido pelo nome de Maulana Karenga.[51]

Apesar de a conferência e o comício terem conseguido atrair apenas quatrocentas pessoas — bem menos do que os milhares de moradores do Harlem que a Mesquita nº 7 regularmente atraía —, os eventos despertaram a atenção do New York Times, assim como da imprensa negra nacional. O programa, que durou o dia inteiro, constava de uma série de oficinas sob o tema "A mente do gueto". Na sessão plenária, Wilfred Ussery, da Associação Afro-Americana, propôs vigorosamente a abordagem não violenta do CORE, mas a multidão mostrou-se majoritariamente favorável a Malcolm. O New York Times observou: "Parecia haver um número considerável de seguidores dos muçulmanos negros, a julgar pelos gritos de aprovação que interrompiam as declarações de Malcolm X".[52]

A torcida refletia a cada vez mais complexa relação de Malcolm com a ala mais à esquerda do movimento de direitos civis. Diferentemente da NAACP,

cujas discretas unidades andavam quase sempre em rigorosa sintonia, graças à hierarquia rígida e em vários níveis, o CORE tinha uma estrutura mais livre, com menos supervisão da sede nacional. As filiais geralmente assumiam caráter diferente, mais militante, que partilhava mais interesses comuns com o nacionalismo negro da NOI. Enquanto Malcolm e James Farmer divergiam a respeito de filosofia e táticas, nos postos avançados do CORE eram cada vez mais numerosos os ativistas que se alinhavam com as ideias de Malcolm.

Na conferência, Malcolm não tentou ocultar suas diferenças políticas com o CORE, criticando as Caminhadas pela Liberdade, que considerava uma perda de recursos, e repisando as diferenças fundamentais que separavam liberais integracionistas de nacionalistas negros: os primeiros acreditavam que o sistema político predominantemente branco tinha capacidade de reformar-se em questões de raça, ao passo que os últimos achavam impossível. "Nosso problema jamais será resolvido pelos brancos", disse Malcolm. "Precisamos resolvê-los por conta própria."[53] Quando voltou da visita a Los Angeles, tinha chegado a algumas conclusões sobre seu futuro. Apesar das advertências de Muhammad, ele voltaria ao circuito de palestras. Também era favorável ao envolvimento direto na luta pelos direitos civis, participando de diálogos frequentemente críticos com militantes do SNCC, do CORE e de grupos locais como a Associação Afro-Americana. O CORE pode ter se aproximado de Malcolm, mas ele mesmo não permaneceu imóvel.

A estratégia logo seria testada. No Natal de 1962, dois muçulmanos foram presos quando vendiam o Muhammad Speaks na Times Square.[54] Três dias depois, numa reunião da Mesquita nº 7, Malcolm disse a seus seguidores que sofria muito sempre que a NOItinha de ir ao tribunal, mas não podia perdoar a covardia.[55] Em 2 de janeiro, mandou um telegrama para o prefeito de Nova York, Robert Wagner, com cópias para o promotor público, Frank Hogan, e para o comissário de polícia Michael Murphy, contestando as prisões. Malcolm denunciava as prisões como um atentado à liberdade de imprensa, e "à liberdade de expressão religiosa".[56]

Mas os problemas jurídicos da Nação continuaram a aumentar. Em Rochester, em 6 de janeiro, a polícia invadiu a mesquita da cidade durante o serviço religioso, depois de receber uma ligação alegando que um homem com uma arma estava dentro do prédio. Dois policiais disseram que foram surrados durante a incursão, e mais de uma dezena de muçulmanos foram presos.

Malcolm pegou um avião para lá imediatamente. "Não permitimos qualquer intromissão em nossos serviços religiosos e daremos a vida, se for preciso, para proteger sua santidade", disse ele aos repórteres, antes de formalizar uma queixa.[57] De volta a Nova York, comandou uma manifestação não violenta diante do Tribunal Criminal de Manhattan. Os panfletos que circularam no protesto poderiam ter sido escritos por radicais do SNCC. "Os Estados Unidos se transformaram num Estado policial para 20 milhões de negros", declarava um deles. "Precisamos informar [aos membros da NOIem Rochester] que eles não estão sozinhos. Precisamos deixar claro que todo o mundo negro está com eles."[58] Ainda aquela noite, Malcolm disse à multidão na reunião da Mesquita nº 7 que estava "cansado de ouvir que muçulmanos foram espancados com pistola".[59] Em 25 de janeiro os dois vendedores de jornais muçulmanos foram condenados a sessenta dias de prisão.[60]

Naquela semana, a nova militância de Malcolm foi exibida para quem quisesse ver na Universidade Michigan. Perante uma plateia de mais de mil pessoas, ele sondou temas conhecidos, mas com um novo toque:

> Então há dois tipos de negro... A maioria conhece o velho tipo... nos tempos da escravidão ele era chamado de "Pai Tomás". Era o negro da casa. E nos tempos da escravidão havia dois negros. Havia o negro da casa e o negro do campo. O negro da casa geralmente vivia perto do senhor. Vestia-se como o senhor. Usava as roupas velhas do senhor. Comia a comida que o senhor deixava na mesa. E morava na casa do senhor... ele sempre se identificava com as mesmas opiniões que seu senhor se identificava. Quando o senhor dizia: "Temos comida boa", o negro da casa dizia: "Sim, temos bastante comida boa"... Quando o senhor adoecia, o negro da casa identificava-se tanto com o senhor que dizia: "Qual é o problema, patrão, estamos doentes?"... Mas havia o outro negro no campo. O negro da casa era minoria. As massas — os negros do campo eram as massas. Eram a maioria. Quando o senhor adoecia, eles rezavam para que ele morresse. Se a casa pegasse fogo, eles rezavam para que o vento atiçasse a brisa.[61]

O discurso também mostrou o desenvolvimento de suas ideias sobre raça. Durante décadas, a NOItinha pregado que a identidade étnica dos americanos negros era asiática, que eram descendentes da tribo perdida de Shabazz que tinha suas origens no Oriente Médio. Mas agora Malcolm atestava a herança cultural comum que unia africanos e afro-americanos. "O homem que vocês chamam de negro não é nada mais do que um africano", explicou. "A unidade de africanos no exterior e a unidade de africanos aqui neste país pode resultar praticamente em qualquer tipo de conquista ou realização que os negros desejem."[62] Na sessão de

perguntas e respostas, Malcolm denunciou também o apartheid sul-africano, fazendo uma nítida distinção entre aquele sistema e o separatismo defendido por Muhammad. Mais uma vez, criticou James Farmer, do CORE, por casar-se com mulher branca, gracejando que "isso quase faz dele um homem branco". Finalmente, ele se voltou para os judeus como um modelo apropriado para o fortalecimento dos negros. "Sempre que foram segregados, os judeus não se sentaram em sinal de protesto", insistiu. "Eles geralmente usam a arma econômica."[63]

O ataque à mesquita em Rochester animou Malcolm, fornecendo-lhe um contraponto e um complemento para o processo jurídico que se desenrolava contra os muçulmanos em Los Angeles. Audiências preliminares tinham começado no fim de 1962, e o julgamento estava marcado para a primavera. Mas a grande visibilidade do caso de Los Angeles significava que Malcolm dispunha de pequena margem de manobra ou de espaço para seus planos de protesto; Muhammad e seus tenentes de Chicago estariam observando-o. Em Rochester, no entanto, ao norte do estado de Nova York, ele poderia ser mais franco. Em 28 de janeiro, falou para um público de quatrocentas pessoas na universidade local, e com seu discurso chegou mais perto ainda de promover a igualdade em lugar da separação racial. "Os americanos perceberam que o negro é capaz de fazer coisas iguais a eles", disse para a plateia constituída principalmente por estudantes. "Mas não estão totalmente preparados para aceitar o fato de que o negro possa desempenhar um papel na sociedade política e econômica." Sem reconhecer que mudara, Malcolm tinha se aproximado tanto de Rustin como de Farmer. Se os afro-americanos tomassem posse de seus plenos direitos constitucionais e tivessem oportunidades iguais em tudo, será que o racismo seria abolido? Na palestra de Rochester, Malcolm respondeu: não haveria problema racial nos Estados Unidos "se o negro pudesse 'falar como um americano'".[64]

Mais do que nunca ele parecia dividido entre sua lealdade a Muhammad e a necessidade de participar da luta. Tendo acabado de discutir o papel do negro na sociedade, Malcolm acelerou o passo. Em 3 de fevereiro, durante entrevista transmitida pelo rádio e pela televisão, ele voltou a pressionar o plano de Elijah Muhammad de um Estado negro separado dentro dos Estados Unidos.[65] Então, recorrendo novamente ao protesto dez dias depois, comandou uma manifestação de rua em Manhattan, com cerca de 230 membros do Fruto do Islã, para

denunciar intimidação policial. A polícia advertira que comícios de protesto eram ilegais na Times Square, e que ele e seus homens estariam sujeitos a prisão. Malcolm respondeu que ia passar pela Times Square como indivíduo, um direito que a Constituição lhe garantia. Se outros andassem voluntariamente em fila atrás dele, a responsabilidade não era sua. Ninguém foi preso.[66]

Ele soube que doze dos muçulmanos presos depois da incursão policial na mesquita de Rochester planejavam uma greve de fome, e ele rapidamente se manifestou em seu apoio. Informou à imprensa que os muçulmanos em greve estavam dispostos a passar fome "até morrer". Numa alusão ao Movimento de Liberdade Negra, ele se gabou de que logo "Rochester será mais conhecida do que Oxford, no Mississippi", a cidade sulista onde milhares de brancos furiosos tentaram impedir violentamente a dessegregação do Mississippi. No dia seguinte, 16 de fevereiro, o Rochester Times informou que doze dos treze presos tinham sido soltos, com acusações pendentes. Os fundos para sua libertação tinham sido enviados por Elijah Muhammad.[67] No mesmo dia, Malcolm falou noutro comício no Harlem, organizado em torno da ideia de que "os Estados Unidos se tornaram um estado policial para 20 milhões de negros". Terminada a manifestação, ele mais uma vez conduziu centenas de manifestantes pelas ruas do centro nobre de Manhattan.[68]

O Saturday Evening Post publicou "Os mercadores negros do ódio", de Alex Haley e Alfred Balk, em 26 de janeiro de 1963, em seis páginas inteiras, com numerosas ilustrações. O artigo pôs em nítido relevo a tensão que fervia lentamente entre Malcolm e a sede da NOIem Chicago, e para qualquer um que prestasse atenção, assinalou a mudança da imagem pública tanto da seita como de Malcolm nos dois anos anteriores. O artigo já trazia importantes diferenças de "O sr. Muhammad fala", começando com a dramática história do espancamento de Johnson X Hinton e da provocativa resposta comandada por Malcolm. Fazia um resumo da biografia de Elijah Muhammad e seu papel na seita, cujo número de adeptos era absurdamente calculado em apenas 5 mil ou 6 mil, com 50 mil simpatizantes. Haley e Balk ressaltavam que a Nação do Islã nunca foi parte do mundo muçulmano em geral: "O próprio Muhammad, que se saiba, não tem nenhum vínculo com o Islã ortodoxo". Mas onde o artigo mais se distanciava do primeiro era no espaço dedicado a Malcolm, que os autores puseram no centro

do palco, mapeando sucintamente a terrível morte do pai, os vícios e crimes de Detroit Red no Harlem — incorretamente situando sua prisão "com a idade de dezenove anos" — e sua salvação como fanático da NOI:

> Eloquente, decidido, a chama da amargura ainda acesa na alma, Malcolm X viaja pelo país organizando, encorajando, resolvendo problemas... Enquanto Muhammad parece preparar o filho Wallace para sucedê-lo, quando se aposentar ou morrer, muitos muçulmanos acham que Malcolm é poderoso demais para que lhe neguem a posição de líder, se ele quiser.[69]

Ao descrever o papel de Malcolm à custa de Muhammad e sugerir um possível conflito interno, "Os mercadores negros do ódio" fomentou mais ciúme e discórdia nas fileiras da NOI: exatamente o que o FBI queria quando concordou em fornecer informações a Balk. Apesar disso, o artigo fez tanto sucesso que Haley, que começara a fazer entrevistas para a revista Playboy, propôs Malcolm como seu próximo assunto, e os dois se encontraram ao longo de vários dias no inverno de 1963 no restaurante da NOIno Harlem para produzir o material.

À medida que se aproximava o Dia do Salvador em 1963, Malcolm se viu mais e mais em desacordo com os filhos de Muhammad e com John Ali. Temerosos de que a mina de ouro garantida pelo fluxo de dinheiro dos dízimos para Chicago pudesse ser interrompida se Muhammad morresse, eles não ficaram muito tranquilos com o tom do artigo de Haley. No fim de 1962, as histórias das aventuras sexuais do pai tinham chegado a Nova York e à Costa Oeste, complicando ainda mais as coisas e reforçando suas suspeitas sobre Malcolm. De sua parte, Malcolm fingia nada saber sobre os rumores, na esperança de que, de alguma forma, eles desaparecessem. Nos anos anteriores, ele viajava para Chicago uma semana ou mais antes do Dia do Salvador para preparar-se para a comemoração, mas agora a campanha contra a intimidação policial em Nova York o manteve misericordiosamente ocupado. Enquanto isso, funcionários da NOIanunciaram que a doença crônica de Elijah Muhammad obrigava o patriarca a cancelar suas próprias aparições; a sede em Chicago reduziu a programação para apenas um dia (26 de fevereiro) e pôs Malcolm no comando. A ausência de Muhammad e a programação reduzida fizeram o comparecimento cair para 3 mil adeptos da NOI, mas a multidão, apesar disso, ainda murmurava sobre atos impróprios.[70] Seu estado de saúde sem dúvida tornava desaconselhável um voo de Phoenix, mas sua decisão de faltar ao Dia do

Salvador também foi parcialmente motivada por um desejo de desencorajar as mesquitas a enviarem grandes delegações e de limitar as discussões sobre os rumores. Ele talvez reagisse também à presença em Chicago de várias mães solteiras de seus filhos ilegítimos. Em seu diário, Malcolm observou posteriormente que Olha Hughes, mãe de Kamal, filho ilegítimo de Muhammad, de dois anos de idade, "contava para todo mundo" sobre o amante e que tinha uma "atitude muito desagradável".[71]

Na convenção, a família de Muhammad transformou seu constrangimento em tiradas agressivas contra Malcolm. Membros da família tinham enviado bilhetes exigindo que Muhammad Wallace, recentemente libertado da prisão, tivesse permissão para falar durante o principal discurso de Malcolm no Dia do Salvador. Mas Wallace, que se tornara ainda mais cético quanto ao dogma do pai durante a prisão, não queria participar, e ele e Malcolm tinham combinado que Malcolm descobriria um jeito de contornar as exigências da família.[72] Da tribuna, Malcolm anunciou que, devido ao atraso da programação, não havia tempo para Wallace falar; mas, num gesto de apreço, ele assinalou a presença de parentes de Muhammad no salão e pediu uma salva de palmas. Não adiantou: como observaram informantes do FBI, "a família estava especialmente ressentida com as tentativas [de Malcolm] de dar conselhos e dizer o que eles deviam fazer".[73]

Apesar de haver assuntos urgentes em casa, Malcolm ficou várias semanas em Chicago, esperando poder investigar por sua conta os rumores sobre Muhammad. A família achava que ao encurtar a programação do Dia do Salvador tinha resolvido o problema, mas, depois de conversar com Wallace, que confirmou a veracidade dos rumores, Malcolm sabia que era preciso fazer mais. Nas semanas seguintes, ele se encontrou com três ex-secretárias de Muhammad, incluindo Evelyn, e descobriu que todas contavam histórias parecidas. Quando sua gravidez era descoberta, elas eram convocadas para comparecer perante tribunais secretos da NOIe condenadas ao isolamento. Muhammad dava pouco ou nenhum apoio financeiro para a criação dos filhos de suas ligações extraconjugais.

As revelações não devem ter sido uma total surpresa para Malcolm, que ouvira insinuações sobre a má conduta de Muhammad já em meados dos anos 1950.[74] Apesar disso, durante anos Malcolm achara impossível imaginar que o líder da seita usasse sua elevada posição para molestar sexualmente sua equipe de secretárias. Só quando falou com as mulheres Malcolm viu a verdade — não

apenas sobre os casos amorosos, mas sobre a maneira como Muhammad frequentemente o denegria em conversas com outros. "Da boca dessas pessoas ouvi que Elijah Muhammad dizia que eu era o melhor, o maior ministro que ele já tinha tido", lembrava-se Malcolm, "mas que um dia eu haveria de abandoná-lo, e de me voltar contra ele — porque eu era muito 'perigoso'... Enquanto fazia elogios na minha frente, ele acabava comigo pelas costas."[75]

Ouvir isso deixou Malcolm arrasado, mas sua maior angústia veio com o relato de Evelyn, apesar de ela lhe dizer que achava que sua gravidez "era profética" e guardava sua hostilidade para o entorno do Mensageiro. Malcolm sabia havia anos da gravidez de Evelyn e do nascimento da filha, mas imaginava que o pai era alguém da Mesquita nº 2. Evelyn nunca esteve longe de seu pensamento. Às vezes, sua infelicidade com Betty era tão profunda que ele pensava em retomar seu caso com Evelyn. Chegou a desabafar com Louis X, que o repreendeu severamente, dizendo: "Você é um homem casado!".[76] Louis temia que Malcolm "realmente magoasse Betty".[77] Malcolm concordara em evitar envolver-se com Evelyn, pelo menos por enquanto. Mas agora, ao saber que o pai da filha de Evelyn era Muhammad, Malcolm deve ter vivido um profundo sentimento de traição. Duas décadas antes, Malcolm posara de gigolô, agenciando prostitutas no Harlem. Agora, inadvertidamente, ele tinha sido levado a agir como gigolô para Elijah Muhammad, a ponto de trazer a mulher que amara para ser violentada.

Muitos observadores da NOIque não sabiam do trabalho de detetive realizado por Malcolm interpretaram sua demorada presença em Chicago como uma afronta pessoal; para alguns, parecia que ele tinha feito aquilo apenas para aparecer na mídia. Incentivado pelos filhos, Muhammad pode ter instruído Malcolm a voltar para Nova York, o que ele fez em 10 de março, cancelando várias aparições já programadas, com a desculpa de que Betty tinha caído e quebrado a perna. Chegando em casa, refletiu sobre qual rumo tomaria. Ele já conseguia ver os contornos da jornada espiritual e moral que tinha pela frente, mas decidiu tentar descobrir uma maneira de permanecer na NOI. Escreveu a Muhammad pedindo um encontro, e no começo de abril seguiu de avião para Phoenix, para tentar desvendar seu futuro.[78]

9. “Ele se desenvolvia rápido demais”

Abril-novembro de 1963

Malcolm chegou à residência de Muhammad por volta de 1º de abril. Os dois se abraçaram, e Elijah o conduziu aos fundos da casa, onde andaram em volta da piscina. Malcolm contou o que se dizia sobre as aventuras extraconjugais de Muhammad e, sem esperar uma resposta, sugeriu uma saída. “Pode-se ensinar aos muçulmanos leais que as realizações e conquistas de um homem em sua vida compensam qualquer fraqueza pessoal, humana... Wallace Muhammad ajudou-me a examinar a documentação do Alcorão e da Bíblia. O adultério de Davi com Betsabá tem menos peso na balança da história, por exemplo, do que o fato positivo de que Davi matou Golias.”[1]

Muhammad agarrou de imediato a solução de Malcolm. “Filho, não estou surpreso. Você sempre teve uma compreensão tão boa da profecia e das coisas espirituais.” Ele não se deteve em suas relações sexuais com mulheres específicas, e preferiu olhar o passado bíblico para justificar sua conduta. “Quando se lê que Davi tomou a mulher de outro homem, eu sou esse Davi”, disse ele.[2] Muito embora os dois homens tenham se despedido como amigos, é claro que, se olharmos para trás, eles já tinham caminhos extraordinariamente diferentes. Muhammad queria abafar os rumores. Se Malcolm usasse os ensinamentos corânicos e bíblicos em seus sermões para justificar sua conduta, seria aceitável. Malcolm, porém, saiu do encontro se sentindo mais perturbado do que quando chegou. Enquanto tentava lidar com o fato de que o Mensageiro confirmara suas piores suspeitas, ele se dava conta também de que precisaria trabalhar com cuidado para proteger o progresso da Nação. Via os rumores como um vírus que

poderia provocar uma epidemia, e seu objetivo era "inocular" os obreiros da Nação.[3]

Começou a trabalhar quase imediatamente, falando primeiro na Filadélfia e depois várias vezes num período de quatro dias na Mesquita nº 7, tentando desenvolver em cada evento uma linguagem que suavizasse as transgressões de Muhammad.[4] James 67X rapidamente percebeu a mudança nos argumentos do ministro. "Malcolm sempre ensinara que a cada 2 mil anos, mais ou menos, as escrituras mudam. E é preciso que venha um novo Mensageiro, porque o precedente se tornou corrupto." Ele supunha que essa era a maneira de Malcolm estabelecer a superioridade do Islã sobre o cristianismo, e também de afirmar o status divino de Fard. "Até que, um dia, Malcolm... disse algo que me chocou. 'O profeta está numa balança. Se fizer mais bem do que mal, é considerado bom... Um profeta, como qualquer um de nós, é pesado na balança.' Pensei comigo: 'E o que aconteceu com a história de eles sempre agirem certo?'." James percebeu que Malcolm só podia estar se referindo a Elijah Muhammad, mas relutava em puxar o assunto com ele.[5]

O crescente interesse de Malcolm em discutir questões práticas oferecia-lhe agora uma alternativa atraente para falar mais sobre o Mensageiro e sua teologia. Ao longo de 1963, escreveu ele na Autobiografia: "Eu falava cada vez menos de religião. Ensinava doutrina social para os muçulmanos, temas da atualidade e política".[6] Diminuiu significativamente suas referências a Muhammad, enquanto continuava a manifestar sua lealdade pública. Muhammad reconheceu isso no fim de abril, ampliando bastante as responsabilidades de Malcolm. Em 25 de abril, mandou uma carta endereçada a "Malcolm Shabazz", confirmando sua designação para ministro interino da Mesquita nº 4, de Washington. O ministro anterior, Lucius X Brown, tinha sido "demitido do ministério". O que precisavam naquele momento, escreveu ele a Malcolm, era de um ministro "que não tenha apenas o amor de Alá e do Islã no coração, mas inteligência e treinamento suficientes para ganhar o respeito dos membros na Mesquita nº 4, e também dos demônios daquela cidade".[7] Não era uma manobra para tirar Malcolm de Nova York: esperava-se que ele mantivesse suas funções clericais na Mesquita nº 7, enquanto fazia a supervisão em Washington. A designação, na verdade, confirmava a confiança de Muhammad nele, apesar do confronto recente. Malcolm disse ao foi da Mesquita nº 7 que faria a ponte aérea entre Washington e Nova York toda semana. Também reconheceu que o

ministro Brown fora demitido devido a sua "atitude negativa" para com o Muhammad Speaks.[8] Não se sabe se as queixas de Lucius tinham relação com o conteúdo do jornal ou com a política agressiva de venda imposta aos membros.

Mas se Muhammad ainda confiava em Malcolm, a sede em Chicago viu uma oportunidade nas constantes ausências de Malcolm em Nova York, e John Ali começou a falar diretamente com Joseph sobre assuntos da mesquita.[9] Em 25 de abril, Chicago tinha feito circular amplamente uma carta com a assinatura de Muhammad, incentivando "todos os ministros, secretários e capitães... a colocar o Muhammad Speaks nas mãos de nossos pobres, cegos, surdos e mudos irmãos e irmãs...". O jornal, afirmava a carta, "chegará a pessoas que não falam conosco em público; converterá nos bastidores centenas dos nossos para aquele que está no palanque do orador!".[10] Era um ataque inegável a Malcolm. Enquanto isso, a ausência de informações sobre Malcolm no jornal tornou-se praticamente total.

O Washington Post noticiou a designação de Malcolm para a mesquita de Washington, descrevendo-o como o "número dois da seita dos muçulmanos negros".[11] Para Malcolm, as novas responsabilidades abriram mais portas; ali estava uma oportunidade de transplantar boa parte da construção comunitária sobre a qual tinha insistido em Nova York para outra cidade. A Nação já tinha feito grande sucesso no Harlem com diversos programas de melhoramento, principalmente no combate à delinquência juvenil. Os desolados guetos de Washington, em condições nem um pouco melhores do que as que Malcolm conhecera em seus anos de Detroit Red, ofereciam um atraente campo de provas. Além disso, ele agora estaria operando na capital do país, perto do centro do poder. Numa entrevista coletiva no aeroporto nacional de Washington, Malcolm fez questão de dizer que não era o segundo na cadeia de comando, que a Nação não "prega o ódio contra os brancos", e que sua intenção era realizar uma série de reuniões só de negros num período de quatro semanas para examinar as causas e as curas dos crimes cometidos por negros nas ruas da capital do país.[12]

No mesmo dia em que Malcolm voltara de Phoenix para começar a cuidar dos rumores em torno de Elijah Muhammad, o cenário do Movimento de Liberdade Negra entrou numa fase tumultuosa, provocando tremores de terra em todo o país. Em 3 de abril, Martin Luther King Jr. e a Conferência Sulista de Liderança Cristã começaram a longa e arrasadora campanha de protestos não violentos que acabou com a segregação em Birmingham, no Alabama. Mais do

que qualquer protesto anterior, este atraiu os olhares do país para a luta pelos direitos civis, enquanto ao longo de cinco semanas mais de setecentos manifestantes, muitos deles crianças, correram o risco de serem detidos e mandados para a prisão. Jornais negros como o Pittsburgh Courier e o Los Angeles Herald-Dispatch reagiram com cauteloso otimismo; a grita do público contra o brutal tratamento dos manifestantes nas mãos do chefe de polícia de Birmingham, Bull Connor, e seus homens pusera em funcionamento as engrenagens de Washington, difundindo conversas sobre uma nova legislação de direitos civis para além da capital. Mais do que nunca, parecia ter chegado a hora de agir, mas, apesar disso, Malcolm sabia que, com a tensão entre ele e Chicago ainda não resolvida, suas opções continuavam limitadas. Repórteres tinham ouvido rumores de que Malcolm planejava ir a Birminghton, muito embora ele tivesse dito que só iria se recebesse ordens diretas de Muhammad, ou a convite do líder regional da NOI, o ministro Jeremiah X.[13] A uma pergunta sobre os protestos, Malcolm preferiu responder sobre as táticas de King a comentar seus objetivos: "Eu diria que, se alguém solta um cachorro contra um negro, o negro deve matar o cachorro — seja ele um cachorro de quatro pernas ou de duas".[14]

Apesar de suas viagens constantes, Malcolm acompanhava de perto a luta jurídica da mesquita de Los Angeles. O julgamento de catorze muçulmanos em consequência da invasão da mesquita começou em 8 de abril de 1963.[15] Treze foram julgados por delito grave e por resistir à prisão com a força. O Los Angeles Times
informou que "membros do culto, os homens que trajavam elegantes ternos escuros, e as mulheres de vestido longo e solto, e de cachecol branco ou em tom pastel, rapidamente ocuparam... duzentos lugares. Foram designados quatro oficiais de justiça extras para manter a ordem na sala do tribunal, e numerosos policiais e subdelegados, à paisana e de uniforme, circulavam pelo meio da multidão do lado de fora".[16] Os prováveis jurados sentados na sala de audiência receberam panfletos de membros da NOI, com exemplos detalhados de brutalidade policial. O juiz David Coleman instruiu os possíveis jurados de que eles deveriam ignorar o conteúdo dos panfletos, explicando: "Não sou um crítico muito severo em relação aos panfletos... pois percebo que há uma grande dose de interesse neste julgamento e há muita emoção envolvida". Em 25 de abril de 1963, um júri formado de onze mulheres e um homem brancos fez o juramento.[17]

Quando o julgamento começou, as mulheres muçulmanas pediram aos oficiais de justiça que lhes arranjassem uma área onde pudessem sentar separadas dos espectadores brancos. Os oficiais de justiça acederam e uma seção separada foi providenciada para as mulheres.[18] O juiz, entretanto, deu um basta na designação de cadeiras por raça, ordenando que todos os assentos fossem destinados às que chegassem primeiro.[19] Malcolm voltou a Los Angeles e assistiu ao julgamento em 3 de maio, insistindo em que "os réus não estão recebendo um julgamento imparcial". O promotor público tinha "eliminado cientificamente" todos os negros do júri, declarou Malcolm. Durante um recesso, Malcolm procurou Donald L. Weese, o policial que tinha matado Stokes e, para provocar, tirou várias fotografias dele.[20] Dava a entender que com isso as fotos poderiam ser usadas por membros do Fruto do Islã para identificá-lo na rua e revidarem. Um dia, entre as centenas de pessoas que assistiam ao processo estava George Lincoln Rockwell, que disse aos jornalistas que a maioria dos negros "concorda totalmente com os muçulmanos e seus ideais, assim como a maioria dos brancos do país concorda com os nazistas".[21]

No decorrer do julgamento, a acusação apresentou vigorosos argumentos contra os muçulmanos. O advogado de defesa Earl Broady ficou tão frustrado com os constantes indeferimentos do juiz Coleman a suas objeções que a certa altura simplesmente ficou cinco minutos sentado com a cabeça apoiada nas mãos. Quando indagado pelos repórteres, Broady respondeu: "Não, não estou doente. Só achei que podia perder as estribeiras".[22] Malcolm foi notícia de novo ao alegar que ele e outro muçulmano tinham sido ameaçados com armas ao chegar: "Eles [a polícia] tentaram, de todas as maneiras, provocar-nos a cometer um ato de agressão... assim teriam um motivo para atirar".[23] Em 4 de maio, Malcolm falou perante uma plateia de cerca de duzentas pessoas no Elks Lodge, no centro-sul de Los Angeles. Fora do prédio, dois homens negros, um deles o ator Caleb Peterson, chefe do escritório de Relações Raciais de Hollywood, fizeram um piquete contra os muçulmanos. Houve um tenso confronto no qual outro manifestante integracionista, Phil Waddell, foi esmurrado no rosto por um muçulmano. A polícia foi chamada, mas, quando os policiais chegaram, Malcolm advertiu: "Se vocês não tirarem esses piqueteiros daqui, eu não me responsabilizarei por nada que lhes venha a acontecer". Os manifestantes acharam que tinham dado o recado, e bateram em rápida retirada.[24]

As arengas finais foram feitas na quinta-feira, 25 de maio, e o júri começou a

deliberar na segunda-feira seguinte. Depois de estabelecerem um novo recorde nos tribunais de Los Angeles pelas deliberações mais longas da história, na sexta-feira, 14 de junho, o júri considerou nove dos acusados culpados por agressão; dois homens foram absolvidos, e o júri não chegou a um veredicto unânime com relação a outros dois.[25] Em 31 de julho, quatro dos muçulmanos culpados receberam penas de um a cinco anos de prisão. Aos outros o juiz concedeu liberdade condicional, com um deles condenado a cumprir pena na cadeia do condado. No dia seguinte à leitura das sentenças, três juradas e três suplentes disseram à mídia que não acreditavam que a justiça tinha sido feita. As mulheres tinham se reunido secretamente com o juiz em 6 de julho para pedir leniência com os muçulmanos condenados. Uma jurada anunciou que pretendia depor em favor dos presos na audiência de liberdade condicional.[26] Apesar de condenados, os muçulmanos tinham apresentado alegações convincentes sobre o uso de força excessiva pelo Departamento de Polícia de Los Angeles no incidente na mesquita, conquistando simpatia mesmo entre os brancos.

Bem antes do desfecho do julgamento em Los Angeles, Malcolm estava de volta à Costa Leste. Ele retornou a Washington para sua primeira aparição perante um comitê do Congresso. Várias reportagens sobre o êxito dos programas de combate à delinquência juvenil mantidos pela Nação acabaram chegando à mesa da congressista Edith Green, do Oregon, e ela tinha convidado Malcolm para explicar essas iniciativas ao Subcomitê de Educação e Trabalho da Câmara dos Representantes, que ela presidia, na manhã de 16 de maio. Por razões até hoje não esclarecidas, a aparição foi cancelada. Em vez disso, ele teve um encontro privado de duas horas com Green.[27] Quando a assessoria do Capitólio descobriu a sua presença, uma entrevista coletiva foi organizada às pressas na frente do gabinete de Green logo depois do meio-dia. Malcolm atribuiu o cancelamento da audiência a "algum segmento da estrutura de poder", mas também aproveitou a oportunidade para criticar Kennedy pelo jeito como o presidente lidara com a crise de Birmingham. "O presidente Kennedy não mandou tropas para o Alabama quando os cães atacavam bebês negros", observou. "Esperou três semanas, até que a situação explodiu. Mandou tropas depois que os negros mostraram que eram capazes de se defender."[28]

A cada ano, as críticas de Malcolm a Kennedy se tornavam mais duras e mais frequentes, apesar de Elijah Muhammad lhe pedir que poupasse o presidente. Malcolm frequentemente atacava Kennedy mencionando sua religião, como seus

adversários costumavam fazer durante a campanha eleitoral. Para a Nação, o catolicismo de Kennedy era uma forma simplificada de referir-se ao cristianismo antagônico e racista dos brancos, que deveria ser em breve suplantado pelo Islã. Malcolm também via Kennedy como um liberal, e atribuía-lhe toda a falta de sinceridade que percebia naquela gente. Durante os anos 1950, Malcolm não hesitou em denunciar o conservador Eisenhower, mas jamais com a mesma intensidade ou com o mesmo tom genérico de desaprovação. Kennedy era também popular entre os negros, apesar de a Nação ver nesse sentimento algo equivocado, e Malcolm achava que poderia fortalecer a posição separatista da Nação esforçando-se para aumentar as dúvidas sobre a sinceridade de Kennedy. Em 12 de maio ele esteve numa reunião da NOI, para quatrocentas pessoas, realizada no wust Radio Music Hall, usando a ocasião para expor ao ridículo tanto Kennedy como o governador segregacionista do Alabama, George Wallace, como "a raposa contra o lobo". "Nenhum dos dois ama vocês", advertiu. "A única diferença é que a raposa comerá vocês com um sorriso, e não com uma carranca."[29]

De sua nova posição em Washington, Malcolm insistia para ampliar o acesso da NOIàs prisões dos Estados Unidos. A questão não era nova para ele. Afinal, sua primeira ação política foi tomada quando cumpria sentença de prisão; essa experiência, e a compreensão de que os negros pobres nas prisões eram os alvos preferidos da NOIpara conversão, levaram-no a dar mais atenção a seus esforços nessa área. Um ano antes, ele se envolvera no caso de cinco afro-americanos na penitenciária estadual de Attica, no norte do estado de Nova York. Convertidos atrás das grades, os homens exigiam o direito de realizar serviços religiosos. O comissário estadual de correções rejeitou o pedido, alegando que a NOIera um grupo que pregava o ódio. Os presos moveram uma ação civil e durante as audiências foram acorrentados dentro da sala do tribunal — exemplo de coerção desmedida que levou o congressista Adam Clayton Powell Jr. a contestar a prática contra criminosos. Malcolm depôs como perito para a Nação. "Muhammad nunca nos ensinou a odiar ninguém", informou ao tribunal. Quando o juiz perguntou se podia assistir a um serviço religioso da NOI, Malcolm respondeu: "Brancos nunca vão a nossos serviços religiosos. Muitos brancos têm complexo de culpa a respeito da questão racial e acham que quando os negros se juntam é para falar de ódio. O muçulmano que recebe o treinamento e a orientação religiosa adequada convive melhor com os brancos

do que os negros cristãos".[30] Em seu testemunho, raras vezes ele mencionou Elijah Muhammad pelo nome, ressaltando, em vez disso, os deveres de sua fé: "A única maneira de sermos reconhecidos como pessoas corretas é nos abstermos de álcool, nicotina, tabaco, narcóticos, xingamentos, jogos, mentiras, fraudes, roubos... todas as formas de vício".[31]

Naquele ano, um juiz federal tinha decidido que William T. X Fulwood, membro da NOI, tinha o direito constitucional de frequentar os serviços religiosos no Reformatório Lorton, na Virgínia.[32] Presos negros de todo o país ingressavam ansiosamente na NOIe exigiam os mesmos direitos. Malcolm e Quinton X Roosevelt Edwards, da Mesquita nº 4, tinham realizado uma palestra em Lorton em maio.[33] Em junho, porém, carcereiros rejeitaram o pedido de Malcolm de continuar a realizar serviços religiosos ali, dizendo que ele era um criminoso condenado e um "incendiário" que perturbava a vida na prisão. A filial da União Americana pelas Liberdades Civis no Distrito de Columbia resolveu tratar do assunto.[34]

A realidade opressiva da prisão teve um efeito claro na retórica de Malcolm, a ponto de ele começar a usá-la como metáfora para a condição do negro nos Estados Unidos. Numa entrevista com o psicólogo Kenneth Clark em 4 de junho, Malcolm afirmou que a NOInão era uma religião muçulmana negra, dizendo: "Somos negros que nos tornamos muçulmanos porque aceitamos a religião do Islã". Depois afirmou que todos os americanos negros, independentemente de sua crença religiosa, eram, na verdade, prisioneiros de um sistema racista. Cada vez mais, uma crescente maioria de negros se via como "detentos"; o presidente americano, acrescentou Malcolm, era "apenas outro diretor [de prisão]".[35]

Com o início do verão, os americanos negros viveram a experiência inconstante da alegria e da devastação. Primeiro, o presidente Kennedy, ignorando seus conselheiros, foi à televisão para anunciar ao país os amplos contornos de sua nova legislação sobre direitos civis. Poucas horas depois, um franco-atirador assassinou o secretário da NAACP, Medgar Evers, na frente da sua casa em Jackson, no Mississippi. A cada nova notícia, a tensão aumentava, alimentando as esperanças dos negros e, em muitos lugares, a animosidade dos brancos.

A dedicação de Malcolm ao movimento de direitos civis, e os protestos públicos da Mesquita nº 7, que receberam ampla cobertura, tinham inspirado muçulmanos de outras cidades a participarem de protestos, mas a sede em

Chicago tratou de acalmar esse novo estado de ânimo. Em 21 de junho, Raymond Sharrieff advertiu uma multidão em Chicago: "Os brancos observam os muçulmanos para ver que posição eles vão assumir nas manifestações... A NOImantém-se totalmente separada". Portanto, "manifestações pacíficas" não poderiam dar resultado algum. Sharrieff informou à Mesquita nº 7 que estava "chocado e surpreso por saber que o foi queria participar das chamadas manifestações pacíficas dos chamados negros", prevendo que depois que os irmãos negros sofressem maus-tratos nas mãos da polícia e ouvissem "mentiras" de Martin Luther King, seria "fácil para o Islã conquistar os chamados negros". E ameaçou: "Se isso não estiver suficientemente claro, serei mais claro ainda. Não participem de forma alguma dessas manifestações. Se forem apanhados, vão preferir ter morrido".[36]

No começo dos anos 1960, era quase impossível controlar alguns irmãos dentro da Nação. Eram entusiasmados, leais e devotados, mas sua propensão à violência e à rígida obediência ao comando da seita só os tornava ferramenta útil enquanto pudessem ser mantidos no cabresto. Dispostos a sacrificar a vida pela causa da NOI, esses homens tornaram-se rostos familiares para os transeuntes no Harlem, em Detroit, Miami e Chicago, vendendo agressivamente o Muhammad Speaks nas esquinas, na chuva ou na neve. Capitães veteranos como Joseph estudavam-nos atentamente e canalizavam suas energias para as artes marciais. Os mais agressivos eram selecionados para a tarefa de disciplinar membros da NOIque cometessem uma infração sujeita a penitência. O irmão de Louis X, em Nova York, logo foi recrutado para o "esquadrão do fumo" dentro da Mesquita nº 7, apesar de Louis achar suas ações disciplinares excessivas. "Se um irmão cometeu adultério, será suspenso, mas os irmãos lhe faziam uma visita e o surravam. E isso era sancionado", lembrava-se ele. Com o passar dos anos, uma "espécie de comportamento brutal" foi institucionalizado sob a liderança dos capitães mais influentes da NOI, como no caso de Joseph em Nova York, Clarence em Boston e Jeremiah na Filadélfia. Com frequência as coisas fugiam de controle. "Um descuido no que se dizia a alguém", explicou Farrakhan, "podia resultar em danos e ferimentos para pessoas que não gostavam de Elijah Muhammad, fosse qual fosse a razão." Como tenente, Thomas 15X Johnson era encarregado de exercer seus deveres disciplinares. "Digamos que um irmão era pego fumando

um cigarro. [O tenente] o empurrava escada abaixo", explicou ele. Se alguém "desrespeitasse o capitão [Joseph] ao sair [da mesquita], sofreria um 'acidente' e cairia na escada". Joseph quase sempre dava suas ordens disciplinares para um primeiro tenente, que comunicava o que tinha de ser feito ao grupo de colegas tenentes, ou a outros "aplicadores da lei" no foi.[37] Membros da NOIque fossem vítimas de ataques "não mereciam apanhar", confessou Farrakhan. "Não mereciam ser cegados. Não mereciam nem mesmo ser mortos."[38]

Os ministros ocupavam uma posição difícil no que dizia respeito à disciplina. Como chefe de fato da mesquita, o ministro precisava saber o que se passava com seus membros, mas dada a natureza desagradável, por vezes criminosa, da violência punitiva, era sensato manter certo grau de recusa. Na grande maioria dos casos, ministros como Malcolm eram mantidos deliberadamente desinformados sobre as atividades dos disciplinadores. "O que quer que acontecesse, tínhamos uma política: não contar ao ministro", contou Thomas 15X. "Não o envolva nisto... porque isso o coloca numa posição difícil."[39] Anos depois, Farrakhan deu a entender que Malcolm se protegera cuidadosamente de qualquer envolvimento direto, mas estava ciente dos crimes cometidos. Ele se lembrava de ter dito a Malcolm: "Olhe, você percebe que, quando um homem é ensinado que aquele negro é seu irmão, e estamos praticando uma lei para o retirar do grupo, a cada golpe que você dá na cabeça desse homem estamos matando o amor que sentimos por esse irmão?". Malcolm ouviu, depois o repreendeu, dizendo: "Irmão, você é muito espiritual".[40] Louis interpretou isso como um modo de dizer que a Nação precisava de homens voltados para a religião, mas também de homens capazes de usar a violência sem remorso para manter a disciplina. Se fosse necessário matar para dar o exemplo, que se matasse.

A maioria dos membros do foi jamais contestaria a autoridade. "Ninguém sequer pensaria em fazer algo se não fosse por ordem direta de um tenente que viesse de cima para baixo", explicou Thomas 15X Johnson. No começo dos anos 1960, Joseph tinha plena consciência de que sua mesquita fora infiltrada por informantes do FBI, por isso, quando dava uma ordem para disciplinar alguém, limitava ao máximo seus contatos com os homens encarregados de executá-la. "O capitão Joseph nunca falava diretamente conosco", disse Johnson. "Ele falava com o primeiro tenente", que por sua vez transmitia a ordem para um ou mais tenentes, que escolhiam seu próprio grupo do foi para executar a tarefa em

particular.[41]

As punições iam de simples surras por transgressões comuns a coisas muito, muito piores. O grave lembrete de Elijah Muhammad Jr. ao Fruto de que, "nos tempos antigos", irmãos que saíram da linha tinham sido mortos confirmava que esse tipo de castigo não era só coisa do passado. Johnson participou de algumas ações disciplinares extremas, pelo menos uma das quais cobrou o preço mais alto. "Um irmão foi morto no Bronx, certo?", disse ele, referindo-se ao caso com indiferença. "Ele merecia a morte. Quero dizer, não havia a menor dúvida sobre isso, mas ele acabou morto." Noutro incidente, descobriram maconha no apartamento de um ministro da NOI. "Eles foram lá e quase arrebentaram seu baço", disse Johnson. Apesar disso, como muitos que adotavam a rigidez das regras da Nação, ele achava que as surras se justificavam: "Eles o expulsaram porque, como eu digo, quem já viu isso, violar desse jeito?".[42]

Um incidente envolveu um membro que, segundo constava, tinha ameaçado Muhammad de morte. "Elijah ia [falar no] 369º Arsenal... [esse homem] disse que ia matá-lo. Então eu e minha equipe ficamos no saguão, porque sabíamos quem era o sujeito." Finalmente, o homem foi localizado na multidão, no alto de uma escadaria. Segundo Johnson, ele e seus homens,

> nós o pegamos e entregamos às tropas, porque todos na escadaria eram soldados... Nós o levamos para baixo e o pusemos num círculo. Chutamos ele bastante. Fazer uma ameaça como essa contra Elijah Muhammad — ei, se dependesse de nós, cara, ele deveria ter sido morto ali mesmo. A polícia ficou parada esperando... Eles disseram: "o.k., vocês já provaram o que queriam". Eu disse: "Nós vamos decidir se provamos o que queríamos ou não". E, quando estávamos satisfeitos, nos dispersamos, e eles chamaram a ambulância e o levaram. Mas não se meteram... Sabiam que se tocassem em algum de nós iam ter de tocar em todo mundo. Todos sabiam disso. Era a lei. Era intocável.[43]

Advertir um ministro da NOIera especialmente sério. Johnson explicou: "Um tenente não pode castigar um ministro. O único que pode fazer isso é o capitão, e tem de ser feito por intermédio do capitão supremo [Raymond Sharrieff] em Chicago".

A mesquita também continuava a atrair jovens que eram dedicados a Elijah Muhammad e não contestavam a cadeia de comando. Exemplo notável era Lawrence (Larry) Prescott Jr. Nascido no começo dos anos 1940 em Hampton, na Virgínia, ele mudou-se para Nova York quando criança. Como adolescente,

ainda na escola secundária, Larry foi ouvir Malcolm falar pela primeira vez em 13 de fevereiro de 1960, mas descobriu que Malcolm tinha sido substituído por Wallace Muhammad. Sentado, ansiosamente, na primeira fila, Larry lembrava-se vividamente da declaração provocadora de Wallace de que "os negros têm medo de tudo", ao mesmo tempo que, num gesto dramático, atirava uma Bíblia no chão. "Todo mundo, especialmente nas primeiras filas onde estávamos... deu um pulo para trás", lembrava-se Larry. Wallace, então, deixou o público constrangido ao dizer: "Olhem só para vocês. Acham que um raio vai cair em cima de mim?".

Larry começou a frequentar as sessões da Mesquita nº 7, e aos dezoito anos estava pronto para dedicar-se inteiramente a NOI. Mas havia duas paixões no caminho: o jazz e a maconha. Numa certa sexta-feira à noite, depois de ouvir um contundente discurso de Malcolm pelo rádio, Larry pegou suas reservas de maconha — cerca de meio quilo — foi até a casa de um amigo e, depois de anunciar a decisão de tornar-se muçulmano, entregou-a. Larry riu, explicando: "Depois disso meu amigo disse pra todo mundo em South Jamaica [Queens]: 'Larry ficou maluco, está se misturando com os muçulmanos'".[44]

Em 1962, Larry 4X era ministro assistente na Mesquita nº 7, orgulhoso novato no entorno de Malcolm. Diferentemente de muitos outros da mesquita, ele percebeu a tensão aumentar entre seu mentor e a sede, em Chicago. "Malcolm tinha mais visibilidade do que qualquer outro ministro da Nação", disse em 2006. "E seu carisma ajudava — as pessoas escutavam com a maior atenção a palavra de Malcolm." Depois da invasão da mesquita de Los Angeles pela polícia em 1962, "Malcolm reagiu à sua maneira bastante estridente... dizendo que aqueles demônios tinham matado um de nossos irmãos e que Elijah ia obrigá-los a pagar. E quando o avião caiu com todos aqueles passageiros brancos da Geórgia, ele disse: 'Elijah respondeu às nossas preces'".[45]

Larry estreitou amizade com o secretário da mesquita, Maceo X, depois de saber que ele tinha sido pianista de jazz, e também passou a alimentar profundo respeito pelo capitão Joseph, partidário da mais estrita disciplina, mas, para ele, Malcolm era o "chefe dos chefes".[46] O que Larry mais gostava em Malcolm era sua atitude nas aulas interativas com os jovens ministros. "Era uma via de mão única. Ele falava e nós ouvíamos." Malcolm sempre insistia em que seus alunos estivessem totalmente preparados antes de dar uma palestra. Nunca falem a esmo, sem pensar nas consequências, advertia; sempre defina o tema da palestra

com clareza já no início. "Ele sempre nos lembrava de preparar bem o laço que prenderia as pessoas." Em 1963, Larry às vezes recebia a tarefa de apresentar seu mentor em eventos. "Havia uma piada no curso de formação de ministros que dizia que, quando Malcolm caminhava para a tribuna — digamos que eu estivesse preparando sua chegada — ele dizia: 'Fale claramente'. Ele se sentava, e ficava lá sentado um minuto, esperando que dissesse o que tinha a dizer; sorria e até podia aplaudir. Depois dizia: 'Fale claramente'. Era a senha para encerrar e ceder-lhe a vez."[47]

Em maio, a entrevista de Alex Mailey com Malcolm na Playboy chegou às bancas, dando-lhe ainda maior visibilidade nacional. De um lado, a entrevista ganhara com o fato de ter sido feita antes do confronto de Malcolm com Muhammad, mas o momento da publicação nem de longe ajudou a torná-lo mais querido na sede em Chicago. Na introdução, Haley apresentou Malcolm sentado "à mão direita do Mensageiro de Deus" na NOI, exercendo "autoridade quase absoluta sobre o movimento e seus adeptos, como administrador dos negócios de Muhammad, pacificador, primeiro-ministro e provável sucessor". Durante toda a entrevista, porém, Malcolm tentou expressar total devoção a Muhammad, explicando: "Servir e seguir fielmente o Honrado Elijah Muhammad é o princípio condutor de todo muçulmano. O sr. Muhammad nos ensina o conhecimento de nós mesmos e de nosso povo". Um argumento inovador apresentado por Malcolm era o de que a NOIcontava com "a simpatia de 90% dos negros" nos Estados Unidos. "Um muçulmano, para nós, é alguém a favor do negro; pouco importa que ele vá à Igreja Batista sete dias por semana." Essa fusão de identidades religiosa, política e étnica dava a Malcolm o poder de falar em nome de milhões de afro-americanos não islâmicos.[48]

Malcolm usou a entrevista para apresentar alguns argumentos que com certeza ofenderiam a classe média americana. À pergunta sobre o comentário que fizera a respeito do acidente aéreo, respondeu: "Senhor, para mim a lei da justiça diz que se colhe o que se planta... Nós, muçulmanos, acreditamos que a raça branca, culpada de oprimir, explorar e escravizar nosso povo aqui nos Estados Unidos, deverá e será vítima da ira divina". A entrevista também continha calúnias antissemíticas. "O judeu grita mais alto do que os outros se alguém o critica." Malcolm queixou-se: "O judeu está sempre ansioso para aconselhar o negro. Mas nunca o aconselha a resolver seu problema como os judeus resolveram o deles". Com sua influência econômica, observou ele, os

judeus eram donos de Atlantic City e de Miami Beach, e não só desses lugares. "Quem é dono de Hollywood? Quem manda na indústria de roupas, a maior indústria da cidade de Nova York?... Quando aparece alguma coisa da qual vale a pena ser dono, os judeus vão lá e tomam conta." Afirmou ainda que o dinheiro dos judeus controlava grupos de direitos civis como a NAACP, pressionando os negros a adotarem uma estratégia de integração condenada ao fracasso.[49] Seus comentários seriam considerados tão polêmicos, disse ele, que a revista jamais os publicaria na íntegra. Haley ficou muito satisfeito, porém, quando a entrevista foi finalmente publicada, na íntegra, contou: "[Malcolm] ficou muito surpreso quando a Playboy manteve a palavra".[50]

Ainda aquele mês, depois da publicação da entrevista, Haley procurou Malcolm para lhe fazer outra proposta — contar a história de sua vida num livro. "Foi uma das poucas vezes em que o vi hesitar", lembrava-se Haley. Malcolm pediu tempo para pensar, mas dois dias depois telefonou para dizer que estava disposto a fazer a autobiografia, com duas condições. Todos os royalties a que tivesse direito seriam destinados à NOI. A segunda condição era que Haley deveria pedir permissão, pessoalmente, a Elijah Muhammad. Haley foi falar com Muhammad em Phoenix, sem saber que apenas duas semanas antes Malcolm e Elijah tinham discutido as acusações de adultério. Muhammad achou que o escândalo o colocava em desvantagem ao considerar o pedido de Haley. Interpretou o projeto do livro como prova da vaidade de Malcolm, mas achou que seria do seu interesse, pelo menos temporariamente, atender. "Alá aprova", conseguiu dizer Muhammad, entre acessos de tosse. "Malcolm é um dos meus ministros mais notáveis." Querendo ou não, ele se enganou sobre as intenções de Malcolm em relação ao projeto, que eram praticamente o oposto do que Muhammad pensava. Preocupado com as relações cada vez mais tensas com seu mentor, Malcolm esperava usar o livro como tática de reconciliação, apresentando sua vida como um tributo ao gênio e às boas obras do Mensageiro.

Logo depois que Haley voltou para Nova York e firmou um contrato com a editora Doubleday por 20 mil dólares, Malcolm lhe apresentou uma folha de papel com uma declaração escrita à mão. Disse a Haley: "É a dedicatória do livro". Estava escrito: "Dedico este livro ao Honrado Elijah Muhammad, que me encontrou no esterco e na lama da mais imunda civilização e sociedade deste mundo, e me tirou dali, limpando-me, me colocando em pé, fazendo de mim o homem que sou hoje".[51] Esse estilo de linguagem, é claro, não apareceu no texto

final da Autobiografia, vítima da transformação espiritual e política nos anos de vida que ainda lhe restavam.

Em 27 de maio de 1963, um "Memorando de Entendimento" foi assinado entre Malcolm X — também descrito como "por vezes chamado de Malik Shabazz" —, Alex Haley e um representante da editora Doubleday. A obra era descrita como "um livro de não ficção sem título", com extensão de 80 mil a 100 mil palavras. O adiantamento dos royalties de 20 mil dólares deveria ser dividido igualmente entre Haley e Malcolm. Ao assinar o contrato, cada um recebeu 2500 dólares. Num segundo documento enviado a Malcolm por Haley, os principais termos do contrato foram reforçados, esclarecendo que os originais teriam 224 páginas. Haley reconhecia o pedido de Malcolm para que sua parte nos royalties fosse doada diretamente para a Mesquita nº 2 da NOIem Chicago. Foi fixado o prazo de outubro de 1963 para a conclusão do livro.[52] Com o contrato firmado, a equipe da Doubleday começou a calcular quanto deveria ganhar, financeiramente, com a publicação da autobiografia de Malcolm. Em 6 de junho de 1963, a Doubleday estimou que a Autobiografia, ao preço de 3,95 dólares na edição em brochura e de 4,95 dólares em capa dura com tecido, deveria vender 15 mil exemplares no primeiro ano, com um total de vendas projetado para 20 mil.[53]

Haley preparou regras claras para o trabalho de colaboração. "Fica entendido", declarava, "que nada pode constar do manuscrito, seja uma sentença, um parágrafo ou um capítulo ou mais, que você não aprove completamente. Fica entendido, também, que tudo que você quiser que entre no manuscrito conste no manuscrito."[54] Apesar dessa garantia, Malcolm levou pelo menos um mês para relaxar o suficiente e falar com franqueza de sua vida pessoal. Os dois formavam um par difícil: o ex-funcionário da Guarda Costeira, um integracionista e um pregador do separatismo; um desconfiado das ideias do outro, mas ambos capazes de ver o que tinham a ganhar com sua colaboração. De junho ao começo de outubro, eles costumavam encontrar-se no apartamento de Haley em Greenwich Village, onde Malcolm chegava por volta das nove da noite e ficava até a meia-noite. Haley anotava minuciosamente, mas Malcolm também rabiscava suas próprias notas enquanto falavam. Depois que ele saía, Haley tentava decifrar os rabiscos. Em meados do verão, o projeto avançava, apesar da atitude reservada que os dois homens ainda mantinham. "Eu o ouvi atacar duramente outros escritores negros, chamando-os de 'Pai Tomás'", reclamou

Haley no epílogo da Autobiografia. E Malcolm deixava claro o tempo todo que Haley personificava o negro preguiçoso e pequeno-burguês que ele adorava ridicularizar.[55]

Enquanto o trabalho na Autobiografia prosseguia, Haley enchia seu agente, Paul Reynolds, e os editores da Doubleday de pedidos. Em 5 de agosto, Haley informou ao assistente de Reynolds que era para substituir a designação "Coautoria de Alex Haley" pela frase "Como foi narrada para Alex Haley".[56] Ele explicou numa carta que "às vezes [ficava] espantado com as habilidades demagógicas [de Malcolm]", mas queria estabelecer uma distinção clara entre as perspectivas políticas de Malcolm e as suas. "Escrever em coautoria com Malcolm X, para mim, implicaria compartilhar suas opiniões — quando as minhas são quase a antítese das suas."[57] Um mês depois, após uma sessão de "dezoito horas" com Malcolm, Haley pediu a Reynolds um adiantamento de quinhentos dólares para ir a Chicago entrevistar Elijah Muhammad.[58] Apesar dos muitos pedidos, a obra avançava devagar, e em 22 de setembro Haley mandou para Reynolds os dois primeiros capítulos do livro. Tinha esperança de terminar o livro pelo fim de outubro de 1963.[59] Apesar disso, tinha dificuldade com as primeiras fases da vida de Malcolm, e perto do fim de setembro pressionou Malcolm, tentando romper as reservas e a desconfiança do ministro. Haley insistiu com ele para que "tornasse mais emocionante sua catarse da decisão que envolvia Reginald. Preciso desenvolver a consideração e o respeito que você tinha por [ele] quando vocês dois estavam no Harlem". Ele implorou para que Malcolm reservasse três dias consecutivos naquela semana para colaborar no livro, argumentando que "sessões noturnas como essas serão muito produtivas".[60]

Malcolm também tentou apresentar as opiniões de Elijah Muhammad sobre as mulheres negras sob uma luz positiva. Isso talvez explique a reportagem do New York Herald Tribune sobre Betty Shabazz, publicada em 30 de junho de 1963. Para sua primeira entrevista à imprensa, a figura de Betty impressionava:

> Ela nos recebeu de forma impressionante, como uma rainha que saúda um súdito. Usava luvas e véu brancos sobre os cabelos, bem alisados na testa. Seu vestido de algodão cinza de duas peças, abotoado no pescoço, estendia-se até o chão. Seus modos eram formais, como o vestido, tão elegantes e atraentes como os do marido.[61]

O repórter foi informado de que as mulheres muçulmanas fugiam da publicidade. Os principais deveres das mulheres da NOIeram cuidar da família e "obedecer aos princípios morais que lhes são ditados por Elijah Muhammad". Betty declarou que a líder da MGT, Ethel Sharrieff, representava o modelo pelo qual as mulheres muçulmanas se julgavam. "Todas nós tentamos, de alguma forma, copiá-la", explicou Betty ao jornalista. Ela hesitou em revelar fatos básicos de sua própria vida, como informar em que hospital de Nova York tinha trabalhado como enfermeira. Reconheceu que não "conhecia muito bem o Alcorão", mas disse que tinha lido "a história dos negros" para suas filhas. Tanto Betty como Malcolm se apresentaram como seguidores leais de Muhammad. Mas Malcolm acrescentou: "Elijah ensina-nos que nenhum casal deve ficar junto se não se der bem".[62]

A ideia de organizar uma marcha sobre Washington nasceu no escritório de A. Philip Randolph no Harlem, em algum momento de dezembro de 1962, quando Bayard Rustin fez uma visita a Randolph. Os dois velhos amigos começaram a falar sobre o Movimento da Marcha Negra para Washington, de 1941, que pressionara o governo Roosevelt e os órgãos de defesa a baixarem um decreto tornando ilegal a discriminação na contratação de empregados. Aquela mobilização de massa jamais culminara numa marcha real, mas Rustin imaginava agora uma nova marcha em escala ainda mais ambiciosa, cujo clímax incluiria dois dias de atividades públicas.[63] Esse primeiro rascunho ressaltava a aceleração da "integração nos campos da educação, da moradia, do transporte e das acomodações públicas" e "ampla ação nacional do governo... para resolver o problema do desemprego, especialmente com relação a grupos minoritários".[64] De início, Norman Hill, do CORE, foi nomeado diretor da equipe de campo, viajando pelo país para conseguir apoio em nível local, enquanto o SNCC enviaria John Lewis, seu diretor nacional, para representar a organização.[65]

Na esteira da vitória da dessegregação em Birmingham, Martin Luther King Jr. também era a favor de exercer maior pressão sobre o governo Kennedy. Por mais de ano, ele e a SCLC. tinham insistido num decreto presidencial que tornasse a segregação ilegal. A princípio, King apoiou as táticas das manifestações simultâneas a serem realizadas em todo o país, mas acabou sendo convencido a

apoiar a marcha.[66] A ala mais conservadora da luta pela liberdade negra, a NAACP e a Liga Urbana Nacional, manteve-se, na melhor hipótese, indiferente. Roy Wilkins exigiu que Rustin fosse demitido da função de coordenador, devido à sua homossexualidade e às suas passagens pela prisão. Chegou-se a um acordo, pelo qual Randolph aceitou o papel público de diretor da marcha, com Rustin como vice-diretor, atuando apenas como diretor-executivo. O governo Kennedy também ficou profundamente insatisfeito, temendo que a presença de centenas de milhares de manifestantes no National Mall pudesse facilitar a violência generalizada. Mas Rustin recrutou centenas de policiais não uniformizados, a serem dispostos como barreira entre os manifestantes, a polícia e os funcionários do Serviço Nacional de Parques, majoritariamente brancos. Enquanto o projeto ganhava impulso, algumas das exigências mais radicais da mobilização eram descartadas para acomodar o apoio de grupos trabalhistas e de grupos religiosos liberais brancos. A presença maior de brancos foi suficiente para convencer o relutante governo Kennedy a oferecer seu endosso.[67]

Apesar de a Nação do Islã opor-se firmemente aos objetivos integracionistas da marcha, teria sido impossível para Malcolm não ser afetado por mobilização tão inédita. De um lado, a sede de Rustin era no Harlem — na rua 130 Oeste.[68] Durante todo o verão, a imprensa negra discutiu sobre se a marcha teria ou não êxito, tanto em termos de comparecimento como em sua capacidade de alterar as prioridades de Washington. Apesar de a NOIproibir a participação naquele tipo de manifestação, a Mesquita nº 7 continuou a envolver-se em atividades similares. Em 29 de junho patrocinou outro grande comício de rua, na esquina da avenida Lenox com a rua 115 Oeste. O relatório de imprensa da NOIatacou "os líderes negros Pai Tomás" por nada fazerem para impedir "o tráfico de drogas, o alcoolismo, o jogo, a prostituição e outras formas de crime organizado... destruindo a fibra moral da comunidade negra". Apesar desses ataques, Malcolm convidou para falar o chefe da NAACP, Roy Wilkins, o diretor da Liga Urbana Nacional, Whitney Young, James Farmer do CORE, Martin Luther King Jr. e Adam Clayton Powell Jr.[69] Aparentemente, Powell foi o único a responder, indicando que outros compromissos o impossibilitavam de falar no comício.[70] O programa atraiu 2 mil pessoas. A atitude do Departamento de Polícia de Nova York foi a de leve intimidação, e membros do foi foram distribuídos pelos telhados para observar tanto a multidão como também os policiais.[71]

Em 13 de julho, a Mesquita nº 7 ofereceu um grande banquete para

comemorar a visita formal do filho caçula de Elijah Muhammad, Akbar Muhammad, e de sua mulher, Harriet. O casal voltava para casa depois de uma temporada de dois anos no Cairo, onde Akbar, de 25 anos, estudara jurisprudência islâmica. Sua chegada agradou a Malcolm. Depois de Wallace, Akbar era o principal aliado de Malcolm na família de Muhammad. Filho mais jovem do Mensageiro, ele achava que os anos vividos no Oriente Médio tinham feito por ele o que a prisão havia feito por Wallace: o dissuadira por completo de acreditar no ramo peculiar do Islã pregado pelo pai. Dois dias depois que ele chegou a Nova York, a NOIrealizou outro comício, atraindo 4 mil pessoas, e Akbar foi convidado para falar. Sua fala tinha sido anunciada como um "Relatório Especial sobre a África para o Povo do Harlem", mas ele logo fez um apelo em nome de uma frente ampla de afro-americanos.[72] "Precisamos ter união entre os negros", disse ele à multidão. "É hora de nós todos — CORE, NAACP, dr. Martin Luther King, SNCC e os muçulmanos negros — nos sentarmos juntos... Precisamos parar de difamar King, e ele precisa parar de falar de nós na frente do inimigo." Para Akbar, a distinção entre o separatismo negro, simbolizada por seu pai, e a integração racial era menos importante do que a necessidade de coalizões de forças. Se essa unidade pudesse ser alcançada, líderes de países africanos independentes estavam "prontos para nos ajudar a conquistarmos nossa liberdade".[73]

Akbar então fez um comentário incomum, que provocou murmúrios na multidão e com certeza atraiu a atenção de Malcolm. "Não odeio ninguém por causa da cor de sua pele", declarou. "Busco olhar o coração do homem, observo suas ações, e tiro minhas conclusões com base no que ele faz, mais do que com base na sua aparência." Ao ouvir o discurso, Louis Lomax lembrou que Malcolm tinha pregado a mesma atitude anos antes, mas que ele também continuara a denegrir King e outros líderes do movimento pelos direitos civis. O discurso de Akbar Muhammad apontava para um provável cisma. Ali estava o filho do Mensageiro, aquele que mais mergulhara no mundo do Islã ortodoxo, apresentando uma clara refutação dos próprios alicerces da teologia da Nação. A posição de Akbar, disse Lomax, "reflete o envolvimento dos árabes com a união negra em todo o mundo... Malcolm X está mais próximo de Elijah Muhammad, em termos do que o negro americano deveria fazer, do que o próprio filho de Elijah". A emergência de Akbar significava que os muçulmanos negros iriam se tornar mais "islâmicos" e mais "políticos" no futuro próximo.[74]

Apesar de o discurso de Akbar ter contestado a ortodoxia da Nação do Islã muito mais do que Malcolm tinha ousado fazê-lo, Malcolm estava bem ciente de que o ritmo de islamização da NOIdeveria ser acelerado. Ele fora obrigado a continuar defendendo publicamente a legitimidade religiosa da Nação, à medida que muçulmanos, cada vez em maior número, contestavam a exclusividade racial da seita. Em 15 de julho, o Chicago Defender publicou uma reportagem sobre a poderosa Liga Muçulmana do Egito, que "discorda francamente das pregações antibrancos, anticristãs, antijudeus e anti-integração dos muçulmanos negros dos Estados Unidos". A reportagem também se referia a queixas da Fundação Humanitária Jami'at al-Islã dos Estados Unidos, cujo diretor, Ahmad Kamal, caracterizou as opiniões de Elijah Muhammad como "antimuçulmanas". A isso, Elijah Muhammad respondeu pessoalmente, com vigor: "Nem Jedá nem Meca me mandaram! Sou enviado de Alá e não do secretário-geral da Liga Muçulmana. Não há muçulmano na Arábia que tenha autoridade para me impedir de divulgar a mensagem que me foi confiada".[75]

Enquanto o verão avançava, Malcolm acelerou seu envolvimento com as manifestações em favor dos direitos civis. Em 22 de julho ele esteve presente ao piquete do canteiro de obras de um hospital do Brooklyn, realizado por mais de mil trabalhadores que acusavam a indústria da construção civil de discriminação racial. Centenas de manifestantes bloquearam os caminhões a partir das sete horas da manhã e a manifestação se estendeu por nove horas; apesar de adotarem táticas de não violência, trezentos manifestantes foram arrastados pela polícia. Malcolm manteve-se cautelosamente do outro lado da rua, mas trocou apertos de mão e manifestou seu apoio ao piquete. Quando os jornalistas lhe perguntaram por que não se envolvia diretamente, ele fugiu do assunto: "Não seria justo. Vocês teriam aqui uma situação diferente. Nunca permitiríamos que esses policiais nos pusessem nesses camburões".[76] Juntou-se a ele na segunda manifestação o teatrólogo e ator Ossie Davis, que por instantes bloqueou o acesso de um caminhão das obras. Malcolm levou consigo uma câmera de 35 milímetros e tirou muitas fotos. "Se não houvesse legenda, a gente era capaz de achar que essas fotos eram do Mississippi ou da Alemanha nazista", disse ele a um repórter do New York Times. "A única diferença entre a Gestapo e a polícia de Nova York é que estamos em 1963."[77] Cinco dias depois, Malcolm apareceu num comício por direitos civis no Brooklyn que atraiu mais de trezentas pessoas.[78] Falando para a multidão, enfatizou a necessidade de "união" e disse

que não havia "diferenças reais" entre os diversos grupos de direitos civis.[79]

A Marcha sobre Washington foi marcada para 28 de agosto, e à medida que a data se aproximava o envolvimento cada vez maior de Malcolm nos piquetes e protestos começou a expor outra fraqueza da ideologia da Nação. Durante anos, Malcolm advertira que o público não devia subestimar os muçulmanos; dizia, consistentemente, a qualquer pessoa que quisesse ouvir, que, se seu povo devia colaborar com a polícia, se um muçulmano fosse atacado fisicamente, isso provocaria uma chuva de violência punitiva. Numa reunião da seita no fim de julho naquele verão, abordou o problema da brutalidade policial. "Quando a NOIse manifesta, se manifesta até o fim." Disse ele ao foi que, embora não o dissesse publicamente, acreditava na violência como forma de defender seus direitos, chegando a afirmar que estavam preparados para "usar seus dentes" se precisassem se defender.[80] Mas, apesar de estarem prontos para recorrer à violência, o único dano que a Nação tinha infligido na meia década anterior tinha sido se voltar contra seus próprios membros que se comportavam mal. Era uma contradição que incomodava Malcolm.[81]

Apesar disso, ele podia mostrar algum progresso, certamente em termos de seu reconhecimento cada vez maior. Suas aparições frequentes na mídia e suas atividades públicas na área do distrito de Columbia tinham chamado a atenção do presidente Kennedy, que, referindo-se a uma controvérsia em torno do avião de combate tfx no começo de junho, gracejara: "Tivemos seis meses muito interessantes... com o tfx e agora vamos ter seu irmão Malcolm pelos próximos seis meses".[82] Muhammad continuou a monitorar os discursos públicos de seu célebre tenente. Mas, depois do discurso de Akbar, que recebera ampla cobertura midiática, era muito difícil impedir Malcolm de tratar de questões políticas. Mesmo assim Muhammad continuou incomodado com as frequentes críticas de Malcolm a Kennedy, que, apesar do lento histórico na questão dos direitos civis continuava popular entre os negros. Numa carta para Malcolm com data de 1º de agosto, Muhammad aconselhou: "Tenha cuidado ao mencionar Kennedy em suas falas e em documentos assinados; diga Estados Unidos ou governo americano".[83]

Enquanto crescia a expectativa a respeito da Marcha sobre Washington, Malcolm decidiu intensificar os esforços de aproximação da mesquita do Harlem. Em 10 de agosto, Malcolm disse a uma multidão de cerca de oitocentas pessoas que a Nação não participaria da marcha, mas que Elijah Muhammad planejava estar em Washington durante aquela semana para garantir que não haveria

"enganação, trapaça, deslealdade". Malcolm também testou, pela primeira vez, seu argumento contra a marcha, dando a entender que ela tinha sido tomada pelo governo Kennedy. Essa estratégia caracterizou a principal punhalada do seu ataque contra Kennedy e King ao mesmo tempo. Ao mirar contra o topo da estrutura de poder e adotando um tom populista, Malcolm esperava provocar o afastamento da população negra de seus líderes, e com isso levá-los com mais facilidade para a posição da Nação. Ele começou a retratar a marcha como mais um exemplo das bases que são cooptadas pelo establishment, que, é claro, tinha suas prioridades individualizantes. "Quando o branco descobriu que não podia impedir [a marcha] resolveu juntar-se a ela", disse Malcolm à multidão.[84] Quatro dias depois, Raymond Sharrieff fez uma palestra na Mesquita nº 7, e também desencorajou a participação de adeptos da NOI. "Alguns assim chamados negros acreditam em Martin Luther King, e isso está bom e é certo", declarou ele, diplomaticamente. Elijah e King "deveriam ser julgados como líderes", mas no fim Muhammad ficaria "no topo, porque suas obras são melhores". E advertiu: "Hoje, no Islã, realiza-se um teste para a fé muçulmana. Os senhores precisam demonstrar sabedoria no momento de escolher".[85]

Em 18 de agosto, Malcolm estava em Washington, falando numa reunião local da NOI.[86] No discurso, ele descreveu a atual situação como "a mais grave crise desde a Guerra Civil". A ampla maioria de negros tinha "perdido toda a confiança nas falsas promessas dos hipócritas políticos brancos". Sua animosidade maior, porém, visava aos "liberais brancos, que fazem o maior alvoroço a respeito do sul, só para que não possamos ver o que se passa aqui no norte". As causas do racismo americano estavam na história do país. "A Guerra de Independência e a Guerra Civil foram duas guerras travadas em solo americano, supostamente em nome da liberdade e da democracia — mas se essas duas guerras foram mesmo pela liberdade e pela dignidade de todos os homens, por que 20 milhões de pessoas do nosso povo ainda estão confinadas e escravizadas?" A maioria dos "pais fundadores", os homens que assinaram a Declaração da Independência, eram donos de escravos.

No manuscrito datilografado desse discurso, Malcolm fez correções à mão, atacando diretamente o governo Kennedy, apesar do conselho de Muhammad. Riscando as palavras "o governo americano", escreveu, "a atual administração católica".[87] Ele previu, corretamente, a reação branca contra as políticas de ação afirmativa e oportunidades iguais, que dentro de poucos anos empurrariam

milhões de democratas e operários brancos do sul para o Partido Republicano, mas apesar disso não conseguia imaginar a aprovação da legislação de direitos civis, menos ainda sob comando de um democrata do sul, e dentro de um ano.[88]

Em 23 de agosto, Malcolm respondeu a perguntas dos ouvintes na rádio wnor, em Norfolk, Virgínia, dizendo que o advento de Wallace D. Fard nos anos 1930 representou a concretização de profecias judaicas, assim como a realização de expectativas islâmicas. Descreveu Fard como "o filho do Homem", fazendo-o divino — condição que Fard jamais reivindicou, pelo menos em público.[89] Na véspera, Malcolm tinha explicado para uma multidão as bases da estranha cosmologia da Nação, incluindo a história de Yacub e dos demônios brancos.[90] Aquilo parecia incongruente com o resto de sua retórica, mas, ou ele ainda aceitava os princípios do mundo de Elijah Muhammad ou achava conveniente parecer ao público que os aceitava. Politicamente, ele foi mais claro: "Os muçulmanos que seguem o Honrado Elijah Muhammad não terão coisa alguma a ver com a Marcha", insistiu.[91] Não seria vantajoso para os negros "ir até a estátua de um morto — o monumento de um presidente morto — que supostamente emitiu uma Declaração da Emancipação cem anos atrás".[92]

Bastaram poucos dias para que seus comentários negativos sobre a marcha iminente começassem a circular na imprensa nacional. Enquanto isso, milhares de pessoas começaram a chegar em Washington: os líderes considerados "Pai Tomás", como Rustin, Randolph e King, tinham mobilizado 250 mil pessoas, muito além do alcance da NOI. Em todo o país, dezenas de milhares de operários negros também realizavam protestos menores. Quando compreendeu o tremendo poder de atração da marcha, Malcolm deve ter pensado duas vezes. O comparecimento lhe permitiu tomar o pulso da comunidade negra do país; a espetacular mobilização mostrou que as conquistas de King e de outros líderes de direitos civis em Birmingham e Montgomery tinham tido efeito alastrante. Ele dificilmente poderia negar a eficácia na mobilização de negros em larga escala. Mas ele também acreditava que a NOIprecisava deslegitimar a marcha, repelir a ideia de que aquela dramática exibição de números pudesse ater algum efeito real na vida dos americanos negros. De acordo com Larry 4X Prescott, dias antes da marcha Malcolm reuniu-se com membros da Mesquita nº 7 para os instruir, mais uma vez, sobre a decisão de Elijah Muhammad de proibi-los de participar, apesar de ter informado a Larry e a outras pessoas que ele, pessoalmente, estaria presente, pois tinha recebido autorização do Mensageiro.

Na véspera da marcha, à noite, centenas de ônibus estavam estacionados em pontos de partida em toda a cidade de Nova York. Obreiros da NOIestiveram em praticamente todos os ônibus para distribuir exemplares do Muhammad Speaks. Malcolm dizia, segundo explicou Larry, que aquela era "uma parte da história da qual deveríamos participar".[93]

Mas apesar disso, publicamente, ele dizia o contrário. Num comício da NOIpouco antes da marcha, Malcolm ridicularizou o evento, chamando-o de "a Farsa sobre Washington", depreciando sua eficácia e contestando a ideia de que a marcha, tal como planejada, representasse a vontade da maioria dos negros. Afirmou que a mobilização "começou como uma espontânea e agressiva ação de protesto das massas negras insatisfeitas". Isso tinha ocorrido, reconhecia ele, porque os negros em sua esmagadora maioria se opunham à segregação racial. Malcolm disse que a intenção original era levar grupos negros a interditarem o Capitólio com protestos não violentos e outros tipos de perturbação cívica. Inevitavelmente, porém, brancos poderosos começaram a influenciar os acontecimentos. Supostamente Wilkins, Randolph, King e outros líderes de direitos civis tinham recebido ordens para cancelar a marcha. Informaram ao governo Kennedy que não eram responsáveis pela mobilização — que as massas negras tinham assumido o controle. Malcolm afirmou que o governo Kennedy decidira "cooptar" a manifestação. O presidente não apenas endossou publicamente os objetivos da marcha, mas encorajou negros a participarem. A tese de Malcolm era a de que os líderes de direitos civis eram tão medrosos e falidos que foram enganados pelos brancos que ocupavam o poder.[94]

Essa versão dos acontecimentos era uma distorção grosseira dos fatos — mas apesar disso continha um fundo de verdade suficiente para capturar um público de militantes negros insatisfeitos, que queriam que a marcha encabeçasse uma onda de greves e atos de desobediência civil generalizados. Apesar dos chamados de Malcolm por união, e fosse o que fosse que a marcha representasse em sua espetacular efusão de apoio, o Movimento de Liberdade Negra continuou sendo empurrado em diferentes direções. Muitos à esquerda, incluindo a maior parte do SNCC, inclinavam-se a concordar com a posição de Malcolm sobre a ineficácia da marcha. Viam o evento como representativo de estratégias excessivamente cautelosas de líderes negros de classe média, e achavam que seria necessário adotar ações mais vigorosas para conquistar ganhos reais. Tais discórdias manifestaram-se em acordos de bastidores que ocorreram antes da marcha, mais

notavelmente quando John Lewis, do SNCC, se viu no meio de uma controvérsia por causa do discurso que planejava fazer, dizendo, em essência, que a marcha era irrisória e tardia; no último minuto, líderes mais conservadores o convenceram a eliminar os trechos mais exaltados. A retórica de Malcolm, sobrecarregada por fatores de diplomacia, não se furtou a levantar esses argumentos.

Na noite anterior à marcha, Peter Goldman esbarrou com Louis Lomax no saguão do Hotel Hilton em Washington. Goldman lembrou que Lomax o levou até uma suíte ocupada por cerca de cinquenta afro-americanos de classe média:

> E lá [no centro] estava Malcolm. E antes de o ver eu não tinha a menor ideia sobre para onde Lomax me levava. Sua atitude, sua atitude pública para com a marcha era a de que se tratava de um piquenique, de um circo, e que era inútil... Ele fazia uma versão bastante calada disso. Não falava com eles. Era mais como a cena de um coquetel. De fato, havia muito uísque escorrendo, até no meu copo... Há sempre um centro de poder num coquetel, e ali era ele... Ele sabia que ali era a capital... o epicentro dos Estados Unidos negros naquele dia.[95]

Malcolm era de fato o centro das atenções onde quer que fosse, geralmente seguido por um bando de jornalistas. O advogado Floyd McKissick, que em 1965 se tornaria chefe do CORE, esbarrou com ele no hotel. Os dois se abraçaram e começaram a conversar antes que o apavorado pessoal do CORE tirasse McKissick dali, com medo de que qualquer associação com Malcolm pudesse prejudicar sua imagem.[96] Rustin encontrou-se com Malcolm em pelo menos três ocasiões naquela noite e no dia seguinte. A primeira vez, Rustin saía de uma sessão de estratégia com os principais oradores da marcha quando viu Malcolm entretendo um grupo de repórteres. Em vez de ficar com raiva, ele já conhecia seu velho parceiro de debates o suficiente para desarmá-lo com humor. "Cuidado, Malcolm", avisou. "Amanhã haverá meio milhão de pessoas aqui, e você não vai querer dizer a eles que isso não passa de um piquenique." Malcolm respondeu: "O que digo a eles é uma coisa. O que digo à imprensa é outra". Mais tarde, Malcolm estava com um grupo de participantes da marcha. Ao passar, Rustin gritou: "Por que não diz a eles que isto não passa de um piquenique?". Desta vez, Malcolm limitou-se a sorrir. No dia seguinte, terminada a manifestação, Rustin o viu mais uma vez. Malcolm disse, a sério: "Sabe de uma coisa, este sonho do King vai virar pesadelo antes de terminar". "Você talvez

tenha razão", respondeu Rustin.[97]

A Marcha sobre Washington é hoje lembrada principalmente pelo discurso "Eu tenho um sonho", de Martin Luther King, em grande parte baseado em pronunciamentos públicos que ele tinha feito em Birmingham, em abril, e em Detroit dois meses antes. A visão democrática que invocou — "que um dia, nas montanhas rubras da Geórgia, os filhos de antigos escravos e os filhos de antigos senhores de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade" — falava da possibilidade de transformar a cultura política do país e torná-la plenamente inclusiva pela primeira vez na história.[98] O discurso de King foi muito mais do que uma conquista retórica: foi um desafio aos Estados Unidos brancos para que rompessem com seu passado racista e abraçassem um futuro multirracial. O que nem todos sabem é que os mais memoráveis comentários feitos por King aquele dia eram totalmente inoportunos. Entretanto, por mais central que fosse o papel de King, o que Rustin fez em seguida ao discurso teve quase a mesma importância. Na tribuna ele repassou os objetivos da marcha, que incluíam a aprovação do projeto de lei de direitos civis de Kennedy, iniciativa federal destinada a atacar os problemas do desemprego, da dessegregação das escolas e do aumento do salário mínimo federal para dois dólares a hora. O vasto público deu seu consentimento para cada uma dessas demandas.[99]

De longe, Malcolm assistiu a tudo. Roger Wilkins, sobrinho de Roy Wilkins, então jovem advogado que trabalhava no Departamento de Justiça, identificou o inconfundível perfil de Malcolm à sombra de uma árvore, olhando por cima da multidão.[100] É provável que centenas de adeptos da NOItenham participado da marcha, desafiando Muhammad e a cúpula nacional. Entre seus membros estava Herbert Muhammad, que usou suas ligações com o Muhammad Speaks para ter acesso como "fotógrafo oficial" à tribuna principal, onde ficavam os oradores. Quando voltava para Nova York, Malcolm deve ter percebido que precisava apresentar um programa de demandas voltado para a ação, que pusesse a Nação do Islã do lado do protesto negro.

Os líderes nacionais da NOIfinalmente acharam que os rumores sobre as infidelidades sexuais de Muhammad estavam sob controle e programaram um importante discurso do Mensageiro para 29 de setembro na Filadélfia. Nesse comício, Muhammad manifestou sua oposição direta ao espírito da Marcha, que continuava a dominar as discussões um mês depois. Em sua opinião, foi "uma perda de tempo para os líderes negros irem a Washington pedir justiça". Os

brancos americanos tinham a "natureza da serpente" e "foram criados com a finalidade de assassinar os negros". Os negros tinham de optar pela completa separação racial, do contrário iriam morrer.[101] O comício de 1963 na Filadélfia foi significativo também por ter sido a última vez em que Muhammad e Malcolm apareceram juntos num palanque público. De 1961 a 1963, Malcolm apresentara-se para a mídia como representante nacional de Muhammad. Mas no comício da Filadélfia, Muhammad anunciou que Malcolm fora nomeado ministro nacional. A nova designação, que seguramente provocou oposição no círculo mais íntimo e entre os membros da família de Muhammad, colocava Malcolm acima de todos os clérigos da NOI. "Este é o meu ministro mais leal e trabalhador", disse Muhammad à plateia. "Ele me seguirá até morrer."[102]

Durante aquelas semanas de outono, Malcolm continuou suas sessões com Alex Haley, que talvez passasse a considerar como uma espécie de terapia. No escritório do escritor, contando sua história, Malcolm descobriu que podia relaxar um pouco, e um lado mais solto, mais informal, de sua personalidade emergiu. Haley lembrava-se da jocosidade de Malcolm certa vez em que narrava suas proezas no Harlem: "Incrivelmente, o destemido demagogo negro improvisava uma letra de música estalando os dedos, 're-bop-de-bop-blap-blam' — e segurando um cano vertical numa das mãos (como a parceira) ele dançava e saltitava alegremente o Lindy Hop...".[103] No fim de setembro, Haley escreveu a Malcolm uma carta com palavras de elogio: "Nunca ouvi, quando se pensa nela por inteiro, uma história de vida mais dramática". Prometeu a Malcolm que "todas as técnicas profissionais" de que dispusesse seriam "investidas no esforço para fazer plena justiça ao material que você me passou". Pediu ajuda para "preencher lacunas", e mais uma vez citou como exemplo as complexas relações entre Malcolm e Reginald. Para tornar o rompimento com o irmão "tocante", explicou Haley, "preciso discorrer sobre sua consideração e respeito por Reginald quando vocês dois estavam inicialmente no Harlem — e, até o momento, não há nada ali a respeito disso". Finalmente, Haley insistiu para ter acesso a todo o tempo de que Malcolm pudesse dispor. "Preciso muito disso. A justiça que o livro pode fazer pelos muçulmanos exige isso."[104]

Quando outubro chegou, Reynolds e a Doubleday ficaram preocupados com a lenta produtividade de Haley na autobiografia. No dia primeiro, Wolcott (Tony) Gibbs Jr., editor assistente da Doubleday, sugeriu que Haley apresentasse uma "data mais realista para a entrega dos originais", lembrando-lhe que era

crucial para a Autobiografia "ter uma data de publicação antes que a eleição de 1964 estivesse a todo vapor".[105] Inspirados pelos editores, e ajudado pela disponibilidade de Malcolm, Haley rapidamente produziu uma série de rascunhos de capítulos. Em 11 de outubro, Haley despachou o nono capítulo, "O negro", e prometeu outros em breve. Esse novo material, como disse a Gibbs, "apresentará o estilo de Malcolm, o demagogo, às vezes áspero, às vezes doce, às vezes retumbante... sem interferências óbvias do escritor 'que o entrevistou'".[106]

Se comparada à versão final da Autobiografia de Malcolm X, publicada no fim de 1965, a versão de outubro de 1963 apresenta semelhanças, mas notáveis diferenças também. Tanto os originais de 1963 como o livro publicado incluem os capítulos "Pesadelo", "Mascote", "Mano", "Detroit Red", "Apanhado", "Satã", "Salvo", "Salvador" e "Ministro Malcolm X". A versão de 1965 traz ainda "Laura", "Harlemita", "Vigarista" e "Muçulmanos negros". Esses capítulos formavam o núcleo da narrativa autobiográfica e ocupavam a maior parte do livro. O objetivo de Malcolm era apresentar aos leitores o poder transformador do apóstolo Elijah Muhammad, que o tirara de uma vida de criminalidade e drogas e o conduzira à sobriedade e dedicação. Nas longas conversas com Haley, Malcolm exagerou deliberadamente suas proezas de gângster — o número de arrombamentos que praticou, a quantidade de maconha que vendeu para músicos e coisas do gênero — a fim de ilustrar o grau de depravação a que chegara. Malcolm contou a Haley histórias sobre si mesmo que eram, em grande parte, verdadeiras, mas muitas vezes se apresentou como mais analfabeto e retrógrado do que realmente era. A missão predominante de Malcolm era mostrar-se à luz mais desfavorável possível, para assim demonstrar o poder transformador da mensagem de Muhammad na vida das pessoas. Também esperava que a narrativa ficasse como testamento de sua contínua devoção e adoração ao Mensageiro. E talvez até conseguisse calar o coro cada vez mais forte de críticos dentro da família de Muhammad.

Na versão de 1963, Haley tinha planejado um capítulo, "O advogado do Mensageiro", por ele descrito como "o homem que hoje... fala na Faculdade de Direito de Harvard".[107] Esse capítulo deveria ser seguido de três ensaios expondo as ideias religiosas e a filosofia social de Malcolm. Até certo ponto, os três ensaios descreviam a reação de Malcolm ao notável êxito da Marcha sobre Washington. Com um projeto de lei de direitos civis em debate no Senado dos Estados Unidos, Malcolm não só precisava apresentar bons argumentos em favor

da separação dos negros; precisava também traçar uma estratégia afirmativa para a resistência afro-americana que fosse tão dinâmica como as Caminhadas pela Liberdade e os protestos não violentos. Baseando-se nas experiências que adquiriu quando trabalhou com Randolph no Harlem, Malcolm propôs uma frente unida que envolvesse praticamente todos os negros num programa de autorrespeito, desenvolvimento econômico e fortalecimento de grupo. Achava que a NOIpudesse desempenhar um papel de vanguarda na formação dessa coalizão, trabalhando com políticos negros, comerciantes, líderes trabalhistas, intelectuais e outros. Malcolm aproveitava assim as experiências adquiridas no Harlem com a Mesquita nº 7 na organização de comícios de rua e propunha uma alternativa para as manifestações pacíficas e não violentas de King.

Pelo fim de outubro, parecia que a Autobiografia já tomava forma. Em 27 de outubro, Haley informou a Gibbs que o livro seria um pouco maior do que o planejado, com aproximadamente 120 mil palavras. O texto constaria de dez capítulos, três ensaios e um posfácio. Os primeiros dez capítulos destinavam-se a contar "o drama da vida deste homem, que se desenvolve e cresce como bola de neve". Os ensaios finais — "O negro", "O fim do cristianismo" e "Vinte milhões de muçulmanos negros" — foram concebidos como o somatório dos pontos de vista religiosos e políticos de Malcolm. No posfácio, Haley pretendia escrever "como um negro cristão", descrevendo "o demagogo como eu o vejo". Haley queria explicar "o que sinto, criticamente, sobre sua vida, e o que ele significa, e representa, para os negros, para os brancos, para os Estados Unidos".[108] Mencionou também a Gibbs que Malcolm lhe dera de trinta a quarenta fotos para usar no livro, incluindo uma na qual, ainda jovem, aparecia com a cantora Billie Holiday.[109] Quase três semanas depois, Haley escreveu a seu agente, a seus editores e a Malcolm. Para o editor executivo Kenneth McCormick, Gibbs e Reynolds, Haley revelou que chegara a um ponto em que o processo de escrever a Autobiografia começara a transformá-lo: "[...] quando o material começa a nos dirigir e a nos ordenar o que devemos fazer com ele".[110] Em carta a Malcolm, escrita no mesmo dia, Haley explicou: "Estou sendo cuidadoso, muito cuidadoso no desenvolvimento das nuances à medida que a história se desenrola, cada estágio, porque, vista em sua totalidade, sua vida inteira é tão incrível que em nenhum estágio, especialmente nas primeiras etapas de desenvolvimento, pode haver lacunas para o leitor, pois isso comprometeria a plausibilidade, a credibilidade do fantástico 'Detroit Red' — e, então, a conversão galvânica,

absoluta".[111]

Enquanto Haley trabalhava para concluir o manuscrito, Malcolm fez o que seria sua última turnê pela Costa Oeste como líder da NOI. Ele começou concedendo uma entrevista coletiva em São Francisco, em 10 de outubro, e participando de um debate no dia seguinte na Universidade da Califórnia em Berkeley.[112] Seu discurso durou menos de trinta minutos, mas continha quase vinte referências específicas ao "Honrado Elijah Muhammad".[113] Apesar disso, em outros momentos, o tom foi profundamente mundano e político. "Não tenho intenção de falar hoje sobre os grupos religiosos muçulmanos, nem sobre a religião muçulmana", explicou. A natureza da crise que os Estados Unidos enfrentavam era "o aumento da hostilidade racial, e o aumento do puro e simples ódio racial. Vemos massas de negros que perderam toda a confiança nas falsas promessas dos políticos brancos hipócritas". A discriminação que os negros sofriam no norte liberal "ainda é mais cruel e selvagem" do que o racismo sulista.

Com mais nitidez ainda do que anteriormente, Malcolm opôs a elite negra aos interesses das massas negras. "A rica e instruída burguesia negra, esses negros presunçosos que escapam, nunca estende a mão para ajudar e levar com ela o resto do nosso povo. Os negros continuam presos nas favelas." A solução não era "integração simbólica". Quando negros tentavam dessegregar o setor de habitação, os brancos fugiam dessas áreas residenciais. "Depois da decisão da Suprema Corte em 1954", explicou Malcolm, "a mesma coisa aconteceu quando nosso povo tentou integrar as escolas. Todos os estudantes brancos desapareceram, indo para os subúrbios." Agora os líderes negros "exigem certa cota, uma percentagem, de empregos dos brancos". Essa exigência provocaria "violência e derramamento de sangue". Foi outro exemplo no qual o futuro imaginado por Malcolm o levou a tirar conclusões equivocadas: apenas seis anos depois, um presidente republicano, Richard M. Nixon, com a oposição frontal de milhões de brancos, pôs em prática a ação afirmativa e programas como fundos de reserva para minorias. Essas reformas foram realizadas sem a "violência e o derramamento de sangue" que Malcolm tinha previsto.[114]

Na fase de perguntas e respostas, depois de sua breve palestra, Malcolm teve de responder sobre a discriminação em Cuba. Ele observou que "Castro deu um grande passo e uma grande contribuição" para a conquista de maior igualdade para os negros. Mas os cubanos, de modo geral, "não se referem a si mesmos

como brancos nem como negros", apenas como pessoas. O mesmo era verdade com relação aos muçulmanos. "Quando alguém se torna muçulmano, não olha para um homem e o vê como negro, moreno, vermelho ou branco, o vê como homem."[115] Essa interpretação contradizia diretamente a teologia da NOI. A respeito de outra questão, perguntaram a Malcolm: "Por que um negro não se infiltra na máquina política e usa o poder político em benefício próprio?". Sua resposta, mais uma vez, estava em desacordo com a posição da NOI: "Se ele estudasse a ciência da política, provavelmente o faria". Havia afro-americanos em cargos eletivos que de fato representariam "as massas negras... Adam Powell é um dos melhores exemplos".[116]

Durante uma semana, ele viajou pela Califórnia. Em Los Angeles, no Embassy Auditorium, uma plateia de 2 mil pessoas ouviu-o pronunciar o discurso acalorado que ficou conhecido como "A farsa sobre Washington". Malcolm acusou a manifestação de ser "instigada pelos brancos liberais para deter a revolução verdadeira, a revolução negra". Em 18 de outubro, Malcolm retornou a Nova York, onde fez uma palestra na Mesquita nº 7 sobre "a condição dos negros na Costa Oeste".[117] Em meados de outubro, Lonnie X Cross, que fora colega de James 67X na Universidade Lincoln, foi designado o novo ministro da Mesquita nº 4 em Washington, possibilitando a Malcolm abandonar suas responsabilidades ali. Lonnie ingressara na Nação apenas um ano e meio antes, e em setembro demitira-se do cargo de diretor do departamento de matemática na Universidade de Atlanta para se dedicar em "tempo integral à verdade do sr. Elijah Muhammad".[118]

Em 29 de outubro, Malcolm foi a Hartford, em Connecticut, onde grupos de estudantes da Universidade de Hartford o haviam convidado a falar. O interesse pela visita foi tão grande que sua palestra, originariamente marcada para o Auerbach Auditorium, de duzentos lugares, foi transferida para uma arena a céu aberto com capacidade para setecentas pessoas. Açoitado por ventos frios, Malcolm disse para a plateia: "Talvez alguma coisa do que vou dizer os aqueça". Muito do que disse foi repetição da palestra em Berkeley. Em 5 de novembro, viajou à Filadélfia para falar na mesquita local da NOI.[119] Quatro dias depois, Malcolm participou de um diálogo público com James Baldwin.[120] Raramente se passava uma semana sem que Malcolm aparecesse pelo menos três vezes em público, geralmente mais.

Talvez previsivelmente, o êxito da Marcha sobre Washington provocou grande discussão dentro do Movimento de Liberdade Negra. A eliminação do controverso discurso de John Lewis sublinhou as questões mais profundas que dividiam os ativistas negros, e já perto do fim de 1963 o racha entre a velha guarda conservadora e os militantes veio à tona. Entre os mais influenciados pelo nacionalismo negro de Malcolm estavam seções do CORE, progressistas de várias denominações cristãs, e ativistas seculares de faculdades, de sindicatos trabalhistas e de comunidades pobres dos centros urbanos. Quando o Conselho de Direitos Humanos de Detroit começou a planejar uma Conferência de Liderança Negra do Norte, muitos representantes desses grupos independentes, radicais e nacionalistas negros foram excluídos do programa. Em resposta, o carismático ministro e reverendo Albert B. Cleage Jr. saiu da Conferência e anunciou a realização de uma segunda e mais militante reunião naquele mesmo fim de semana em Detroit. Esse encontro insurgente foi, em grande parte, organizado por uma organização de Detroit, o Grupo de Liderança Avançada (Group on Advanced Leadership, goal), que incluía dois marxistas independentes, James e Grace Lee Boggs. Ex-trotskista, Grace Lee Boggs estivera, durante anos, associada ao célebre marxista tobaguiano C. L. R. James, e era, ela própria, uma astuta teórica do marxismo. O marido, James Boggs, tinha longa experiência na organização de trabalhadores, e logo se tornou um dos mais influentes escritores e teóricos sociais do movimento Black Power.

Outro grupo de Detroit que se interessava intensamente por Malcolm era o Partido Socialista dos Trabalhadores (Socialist Workers Party, swp). Sua principal figura, que subsequentemente ajudaria a moldar o legado intelectual de Malcolm com a publicação de vários livros a respeito dele, era George Breitman.[121] Editor do jornal do swp, The Militant, Breitman também fundara o bem-sucedido Fórum Socialista de Sexta-Feira à Noite, na Universidade de Wayne, nos anos 1960. Além disso, o swp apoiava os esforços para o estabelecimento do Liberdade Já, terceiro partido negro independente formado em Michigan. Consequentemente, quando aceitou um convite para falar na Conferência de Base do reverendo Cleage, Malcolm talvez não se desse conta de que milhares de adeptos seus que estavam ali se consideravam mais militantes do que ele.[122] Rejeitavam também o gradualismo da NAACP e da SCLC. e o ativismo não violento de Rustin e Farmer, e eram críticos veementes da

burguesia negra. Com o colapso do macarthismo e as formas mais extremas de perseguição governamental, os esquerdistas e socialistas americanos estavam ansiosos para participar da luta nacional pelos direitos dos negros. Viam em Malcolm X um possível líder desse novo movimento.

Ao subir ao púlpito da Igreja Batista Rei Salomão, na noite de 10 de novembro, Malcolm viu um mar de 2 mil faces, na maioria negras. Provavelmente não tinha intenção de iniciar nada de novo em termos políticos. Certamente não planejara repudiar sua lealdade à NOI. Mas, quando proferiu o discurso de "Mensagem às bases", sua vida mudou profundamente — de um modo não muito diferente do que ocorrera com King depois de "Eu tenho um sonho". Em seu discurso, Malcolm incorporou seções de discursos recentes, especialmente de "A farsa sobre Washington", mas também traçou paralelos entre a luta pela liberdade dos negros nos Estados Unidos, a Conferência de Bandung e movimentos anticolonialistas da Ásia e da África. Fez uma clara distinção entre o que chamava de "revolução dos negros" e revolução negra. Uma revolução verdadeira, segundo declarou, era representada pelos comunistas chineses — "Não existem mais homens considerados 'Pai Tomás'" na China, disse — e pela revolução argelina contra o domínio colonial francês. A "revolução dos negros", baseada na ação não violenta direta, não era revolução de forma alguma.[123]

> A revolução é sangrenta, a revolução é hostil, a revolução não faz concessões, a revolução derruba e destrói tudo que apareça no caminho. E vocês, sentados aqui como uma saliência na parede, dizendo: "Vamos amar essas pessoas, e pouco importa o quanto nos odeiem". Não, vocês precisam de uma revolução. Quem já ouviu falar de revolução em que as pessoas se dão os braços, como disse belamente o reverendo Cleage, cantando "We Shall Overcome" [Venceremos]? Não é assim que se faz numa revolução. A gente não canta nada; a gente só tem tempo para gingar. A base é a terra. O que o revolucionário quer é terra onde possa estabelecer sua própria nação, uma nação independente... Quem tem medo do nacionalismo negro na verdade tem medo é da revolução. E quem ama a revolução ama o nacionalismo negro.[124]

Na segunda metade do discurso, a dicotomia do negro escravo doméstico e o escravo do campo veio à tona. Malcolm ridicularizou os "modernos escravos negros domésticos", como King e Wilkins, apresentando-se a si mesmo como um escravo rebelde moderno. Denunciou a Marcha sobre Washington como "traição". "E todos os 'Pais Tomás' foram expulsos da cidade ao pôr do sol",

acrescentou, provocando um vendaval de gargalhadas. Os principais apoiadores da marcha deveriam receber o Oscar de "melhor ator coadjuvante".[125] Quando terminou, a reação foi eletrizante: as pessoas aplaudiam e acenavam com as mãos. A palestra teve as obrigatórias referências a Muhammad, mas essas referências foram eliminadas da gravação meses depois, quando "Mensagem às Bases" foi lançado em disco. O entusiasmo foi provocado pelo reconhecimento da multidão de que Malcolm parecia ter se libertado politicamente. Grace Lee Boggs, que estava sentada perto do reverendo Cleage no palanque, achou o "discurso [de Malcolm] muito analítico, bem menos nacionalista [negro] e mais internacionalista" do que suas palestras anteriores. Agitada, Boggs sussurrou para Cleage: "Malcolm vai romper com Elijah Muhammad".[126]

Em meados de novembro, ele revelou a Haley que durante sua visita a Michigan, em outubro, tinha ido de carro com Philbert a Kalamazoo e tirado a mãe do hospital para doentes mentais. "Talvez você fique chocado ao saber que duas semanas atrás", escreveu, "jantei com minha mãe, pela primeira vez em 25 anos, e que agora ela está em casa, morando com meu irmão Philbert em Lansing."[127] Nesse meio-tempo, Haley tinha seguido em frente. Acabara de mudar-se do sul de Manhattan para uma pequena casa na zona rural de Rome, Nova York. Explicou a Malcolm: "Não quero [um telefone] nem mesmo aqui", até que a maior parte da Autobiografia estivesse escrita.[128] Quando soube que Louise tivera alta, respondeu: "Chocado? Não, amigo, fiquei sinceramente — muito comovido... profissionalmente, fiquei muito feliz por acrescentar ao livro que, para milhões de leitores, ele terá essa vívida história de interesse humano, esse caráter de 'final feliz'".[129]

Wallace Muhammad convidara Louis X a sua casa em Chicago depois do Dia do Salvador em 1963. Enquanto tomavam um chocolate quente, pediu: "Queria que você dissesse ao irmão Malcolm que eu gostaria muito de conversar com vocês dois juntos. Há uma coisa que quero falar com vocês".[130] Durante meses, ele tinha sido incapaz de marcar uma reunião com Louis e Malcolm. Num encontro com Malcolm em outubro, ele lhe contara que a atividade extraconjugal do pai estava "pior do que nunca".[131]

Malcolm agora podia escolher. Podia permanecer calado, continuando a oferecer analogias bíblicas e corânicas para explicar os erros de julgamento de

Muhammad. Mas achava que era preciso adotar uma atitude mais agressiva, tanto para proteger Muhammad como para estancar a hemorragia de membros desiludidos. Consultou seis ou sete ministros de sua confiança. Um deles, claro, era Louis X Farrakhan — que sabia bem mais do que Malcolm imaginava.

A conversa inicial de Malcolm com Louis sobre as transgressões do Mensageiro tinha ocorrido em Nova York; como era seu hábito depois desses encontros, Malcolm levou Louis de carro para o aeroporto. De acordo com Farrakhan, enquanto Malcolm dirigia para o aeroporto LaGuardia, Louis lhe disse, casualmente, que teria de contar a Muhammad que Malcolm havia conversado sobre as infidelidades com outros ministros. Houve um breve silêncio. Então Malcolm, olhando para a frente, disse: "Dê-me duas semanas". Malcolm queria ser o primeiro a explicar seus contatos com os ministros da NOIsobre o escândalo. Louis concordou com o pedido de Malcolm.[132] E, embora nenhum dos dois soubesse ainda, naquele momento o papel e o futuro de cada um dentro da Nação sofreriam uma profunda mudança. Quando Louis contou sua versão desses fatos a Elijah Muhammad, o apóstolo perdeu para sempre a confiança em Malcolm e começou a ver em Louis o possível sucessor de Malcolm.

Seria muito fácil afirmar que a principal razão de Malcolm ter se afastado de Elijah Muhammad foi o fato de ele saber que Evelyn, mulher com quem estivera envolvido romanticamente durante anos, fora engravidada pelo Mensageiro. Farrakhan é o único dos amigos íntimos a jurar que Malcolm pensava em deixar Betty por Evelyn; ninguém mais — nem mesmo James 67X — fez essa afirmação. Farrakhan talvez tivesse interesse pessoal em exagerar ao contar da raiva de Malcolm com relação a Evelyn, tentando criar um motivo não teológico para o rompimento dele com a NOI— rompimento este que abriu caminho para o surgimento do próprio Farrakhan como figura de destaque. Não há dúvida de que Malcolm ficou extremamente magoado com essa informação, mas parecia improvável que deixasse a NOIcom base apenas no incidente com Evelyn.

Malcolm continuou sua caminhada frenética pelo resto do mês de novembro. Em 20 de novembro, falou para uma turma de estudantes de jornalismo da Universidade Columbia. A curta palestra, seguida de uma longa seção de debates, foi uma dança habilidosa, que incorporava política, o dogma tradicional da NOIe os princípios clássicos do Islã sunita.[133]

Essa discussão em sala de aula representa umas mais reveladoras sessões

realizadas com a presença de Malcolm, pela ampla diversidade de assuntos tratados. Por exemplo, num dos seus raros comentários sobre a comunidade islâmica não negra, Malcolm acusou tal grupo constituído em grande parte de imigrantes da Ásia e do Oriente Médio de não seguir os verdadeiros princípios da fé islâmica. Esses muçulmanos deveriam dar crédito a Elijah Muhammad por recrutar milhares de pessoas para o Islã, em vez de "duvidarem de sua autenticidade religiosa", disse. Quando um dos estudantes levantou a questão do interesse do Partido Nazista Americano pela NOI, Malcolm respondeu: "Há mais brancos no condado que simpatizam com o nazismo do que com a prática da democracia... Acho que nenhum branco tem autoridade moral para me perguntar o que acho dos nazistas, diante do fato de que vivemos num país que em 1963 permitiu ataques a bomba contra igrejas negras e o assassinato de crianças negras inocentes e indefesas". Sem explicar por que a NOIpermitia que os nazistas assistissem às suas reuniões, ele afirmou que "Rockwell não faria o que faz... se não fosse por causa de um grande segmento de brancos do país que pensam exatamente como ele". Quando lhe perguntaram sobre a política de direitos civis do governo federal, Malcolm gaguejou: "Que há a fazer?". Mais uma vez, manifestou seu desdém por Kennedy: "Quando um homem se torna presidente, e depois de três anos faz tão pouco pelos negros como ele fez, apesar de contar com o apoio de 80% dos negros... sou obrigado a dizer que é a mais astuta de todas as raposas".[134]

Mesmo ali Malcolm continuou a pintar a NOIcomo uma serpente pronta para dar o bote, apesar de todas as oportunidades perdidas; gabou-se de que Muhammad ensinou os muçulmanos a respeitarem a lei, "mas sempre que alguém pusesse as mãos em um de nós devíamos mandá-lo direto para o cemitério". Alguém perguntou sua opinião sobre o recém-criado partido Liberdade Já; dando muitas voltas, ele só faltou dar seu endosso. Uma vez que a posição da NOIera a de desencorajar seus membros a votarem, ele não podia apoiar nenhum partido oficialmente, mas notou, com interesse, a existência de 8 milhões de eleitores negros não registrados no país. Imaginem o que "candidatos a presidente e outros" não seriam obrigados a fazer se esse grupo se tornasse ativo. "Eles alterariam todo o quadro político."[135]

Apesar de, àquela altura, as responsabilidades de Malcolm terem âmbito verdadeiramente nacional, ele fazia o possível para não negligenciar as questões raciais na cidade de Nova York. Num caso notável, ele compareceu e deu apoio a

uma série de manifestações pelos direitos civis que se realizavam em toda a cidade. Herman Ferguson, diretor assistente de escola pública, de 39 anos, que participava ativamente das grandes manifestações em favor dos direitos civis no Queens, teve uma surpresa agradável quando o ministro assistente Larry 4X e outros muçulmanos ofereceram apoio. "Lecionei para muitos deles [muçulmanos] na escola", explicou Ferguson. "Não podiam se envolver [diretamente] porque não tinham permissão."[136] Chegou-se a um acordo pelo qual os muçulmanos apareceriam em manifestações pelos direitos civis para vender o Muhammad Speaks, mas também para distribuir os folhetos da coalizão pelos direitos civis. Malcolm mandou dizer, por intermédio de Larry, que apoiava as manifestações, e convidou Ferguson e outros ativistas do Queens para visitarem a Mesquita nº 7. Ferguson e os ativistas começaram a assistir a palestras na mesquita, e ficaram profundamente impressionados. Foi Ferguson que sugeriu que se organizasse um grande evento para Malcolm falar no Queens, convite que Malcolm aceitou. A Nação imprimiu numa gráfica de Nova Jersey pôsteres atraentes, que foram distribuídos no South Jamaica, seção majoritariamente negra do Queens.

A fala de Malcolm foi marcada para a noite do Dia de Ação de Graças. Centenas de pessoas compareceram, e o Departamento de Polícia de Nova York também estava lá, maciçamente. "Era como se naquele dia metade da força policial de Nova York tivesse sido destacada para o lugar", afirmou Ferguson, posteriormente. "Não nos demos conta do poder de atração que Malcolm exercia nas pessoas", mesmo num feriado de Ação de Graças.[137]

Naquele dia houve um incidente envolvendo Malcolm que Ferguson jamais esqueceria. Pouco antes de subir à tribuna para falar, Malcolm estava concentrado rabiscando um caderno amarelo, e Ferguson simplesmente imaginou que ele estivesse tomando as últimas notas para o discurso. Por isso ficou muito surpreso quando Malcolm, olhando para a plateia, disse: "Aquele sujeito está ali com aquela moça branca", contou Ferguson. "Agora, há uma grande distância, há muito espaço entre eles... Não havia nenhum sinal, ninguém sabia ou suspeitava que algo estivesse acontecendo."[138] Mas Malcolm estava absolutamente certo. Quase todos os grandes oradores, como Malcolm, precisam saber analisar pessoas e culturas. "Ele observava as pessoas, as coisas à sua volta, e de vez em quando fazia breves comentários, para que todos soubessem que algo acontecia ali."

Apesar disso, a maior ironia da carreira de Malcolm era que suas faculdades críticas de observação, tão importantes na hora de moldar seus discursos públicos, praticamente desapareciam quando se tratava de avaliar aqueles que faziam parte do seu dia a dia. Especialmente nos últimos anos de vida, quase todos aqueles em quem confiava o traíram. No fim de novembro de 1963, Malcolm ainda não tinha reconhecido que a trilha política que deliberadamente escolhera levaria à sua expulsão da Nação. Isso era óbvio, mesmo para Ferguson, em 1963: "Eu achava que... ele ia acabar tendo que sair da Nação do Islã. Era político demais... Evoluía rápido demais".[139]

10. “As galinhas voltam para o galinheiro”

1º- de dezembro de 1963-12 de março de 1964

John F. Kennedy foi assassinado no começo da tarde de sexta-feira, 22 de novembro de 1963. Elijah Muhammad ficou chocado quando soube. Vivia aconselhando Malcolm a não criticar Kennedy, ciente de que o presidente desfrutava de considerável popularidade entre os americanos negros, e tomou providências para impedir que a NOIfosse tomada pela tempestade de raiva e descrença que abalava o país. Divulgou uma breve declaração para manifestar o seu pesar “com a perda do nosso presidente” e ordenou que sua coluna em o Muhammad Speaks fosse publicada na primeira página, ao lado de uma foto de Kennedy.[1] Instruiu todos os ministros da NOIa nada dizerem em público, tendo o cuidado de pedir a um dos filhos que ligasse para Malcolm a fim de lhe ditar, pelo telefone, o que queria que seu ministro nacional dissesse, caso lhe pedissem alguma declaração sobre o assassinato.[2] Com tanta coisa em jogo, e com Malcolm já ressentido com as tentativas de Chicago para controlá-lo, Muhammad não queria correr riscos.

Mas o destino intercedeu quando o Mensageiro foi obrigado a cancelar um compromisso, assumido muito tempo antes, para falar no Manhattan Center, na parte central de Nova York, em 1º de dezembro. A Nação não pôde livrar-se do contrato de aluguel, e Malcolm foi escolhido como orador substituto, para o que seria o primeiro discurso importante de um líder da NOIdepois do assassinato.[3] A fim de garantir o cumprimento adequado do programa, John Ali voou de Chicago até lá para ajudar, e ficou decidido que todos os repórteres, incluindo os brancos, teriam permissão para cobrir o discurso. O título anunciado por

Malcolm, "O julgamento da América branca por Deus", era deliberadamente provocador. Mas Malcolm, Ali e todos os demais funcionários da NOIenvolvidos estavam cientes das instruções de Muhammad para evitar referências a Kennedy.

A palestra era muito importante para Malcolm, e ele a preparou com cuidado, traçando primeiro um resumo dos tópicos principais que desejava abordar, e em seguida datilografando a palestra já na forma em que pretendia proferi-la. O discurso refletia os dois reinos divergentes da consciência negra que Malcolm ocupava: o terreno espiritual da Nação do Islã e os mundos políticos do nacionalismo negro, do pan-africanismo e da revolução do Terceiro Mundo. Foi astuto o bastante para fazer os obrigatórios comentários de homenagem a Elijah Muhammad, mas também era visível a linguagem política do "Mensagem às bases", aliado a exortações sobre uma revolução negra global e à destruição do poder branco. Ele sabia que John Ali estaria na plateia e informaria a Muhammad de imediato, fazendo uma avaliação negativa do discurso. Ao decidir-se pela provocação, Malcolm forçava a NOIa adotar uma postura mais militante.

Um público de cerca de setecentas pessoas compareceu, constituído na maioria por frequentadores da Mesquita nº 7, mas havia uma significativa minoria de negros não muçulmanos.[4] O capitão Joseph ordenara a Larry 4X que participasse da segurança de Malcolm; seguindo instruções, ele foi até a casa do ministro no Queens e seguiu o carro de Malcolm no trajeto para o Manhattan Center. Com Malcolm em segurança dentro do prédio, Larry orientou outros membros do Fruto do Islã a não deixarem entrar brancos, exceto repórteres.

"O julgamento da América branca por Deus" começou com um sofisticado argumento de economia política. "O Honrado Elijah Muhammad nos ensina... foi o mal da escravidão que causou a queda e a destruição do Egito antigo e da Babilônia, e da Grécia antiga, assim como de Roma antiga", disse Malcolm à plateia. De forma semelhante, o colonialismo contribuiu para "o colapso dos países brancos da Europa atual como potências mundiais". A exploração de afro-americanos, por sua vez, "levará a América branca à hora do juízo, trará sua queda como país respeitado". O principal argumento de Malcolm era que os Estados Unidos, como as antigas civilizações da Grécia e de Roma, sofriam um declínio moral. O maior exemplo dessa falência moral, disse Malcolm, era sua hipocrisia. "A América branca finge perguntar-se 'o que querem esses negros?'. A América branca sabe que quatrocentos anos de cruel servidão tornaram esses 22 milhões de ex-escravos cegos demais (mentalmente) [parênteses de Malcolm]

para enxergarem o que realmente querem."

"O julgamento" fez um esforço para colocar as práticas religiosas e crenças da NOIdentro do mais amplo contexto do mundo muçulmano. Malcolm explicou que a "missão divina" de Elijah Muhammad era essencialmente a de um profeta moderno, em nada diferente de "Noé, Moisés e Daniel. Ele é um guerreiro para o nosso opressor branco, mas um salvador para os oprimidos". Essa alegação de que Muhammad merecia o status de profeta contradizia diretamente a interpretação do Islã ortodoxo de que Maomé do Alcorão era o "selo dos profetas". Apesar desse desvio, Malcolm insistiu em que "o Honrado Elijah Muhammad nos ensina não apenas os princípios da crença muçulmana, mas os princípios da prática muçulmana". Membros da Nação do Islã, afirmou ele, observavam os cinco pilares do Islã, incluindo orar cinco vezes por dia, dar o dízimo, jejuar e fazer "a peregrinação à cidade santa, Meca, pelo menos [uma vez] na vida". Observou que Elijah e dois filhos seus tinham visitado Meca em 1959, acrescentando que "outros seguidores seus fazem [a peregrinação a Meca] desde então".[5] Evitou, deliberadamente, apresentar o Islã como religião negra, descrevendo-a como uma fé com uma mensagem de emancipação para os afro-americanos.

Havia uma ênfase no apocalipse iminente, a qual, apesar de fazer parte da teologia da Nação do Islã, foi misturada a uma lamúria política de destruição. Um mundo muçulmano não poderia existir sem que Deus destruísse "este amaldiçoado mundo ocidental, o mundo branco, mundo perverso, governado por uma raça de demônios, que prega falsidades, pratica a escravidão e floresce na indecência e na imoralidade". Os Estados Unidos tinham chegado "a esse grande Dia do Juízo, à hora final", quando todos os maus pereceriam e só quem acreditava em Alá como Deus e professava a fé islâmica seria salvo.[6]

Na metade dessa visão apocalíptica, porém, Malcolm deu meia-volta, passando da escatologia para a política racial. Acusou o governo de "tentar enganar seus 22 milhões de ex-escravos com promessas que não pretendia cumprir". Para preservar o poder, liberais e conservadores manipulam cinicamente questões de direitos civis e líderes negros que se juntam com liberais brancos "traindo nosso povo por apenas algumas migalhas de reconhecimento e ganhos simbólicos". Equiparou os cerca de 3 milhões de negros registrados para votar em 1960 com a "burguesia negra", "que foi instruída a pensar como 'individualistas' patrióticos, sem orgulho racial, e que portanto aguarda com

esperança a sociedade integrada e casada entre si [ênfase de Malcolm] prometida pelos liberais brancos e pelos 'líderes' negros". Mas nenhum progresso racial seria possível enquanto os que detinham o poder dessem atenção a essa "minoria" de líderes e eleitores negros "de mentalidade branca". "O branco devia tentar entender o que as massas negras querem... prestando atenção ao que diz o homem que fala em nome das massas negras dos Estados Unidos"[7] — ou seja, Elijah Muhammad. A tentativa de Malcolm de transformar o Mensageiro num herói da classe operária negra e de equiparar o status burguês com o registro de eleitor era engenhosa, mas fraudulenta. Ele devia estar ciente de que em 1963 milhões de afro-americanos que desejavam votar eram impedidos de fazê-lo, fosse por intimidação, repressão ou assassinato, como no caso de Medgar Evers. A maioria esmagadora exigia acesso a instalações públicas e pleno direito ao voto, questões que nada tinham a ver com mobilidade vertical de classe, ou com ausência de "orgulho racial". Aquilo foi um jeito fácil encontrado por Malcolm para atacar os negros de classe média.

Finalmente, ele afirmou que eram o governo dos Estados Unidos e os liberais brancos que controlavam a revolução negra. Mas muito maior era a "revolução negra... a luta dos não brancos desta terra contra seus opressores brancos". Revolucionários negros já tinham "varrido a supremacia branca" da Ásia e da África, e estavam prestes a fazer o mesmo na América Latina. "Revoluções", explicou, "têm como base a terra [ênfase de Malcolm]. Os revolucionários são os sem-terra contra o proprietário." Numa referência óbvia a Martin Luther King, ele fez eco à sua linguagem em "Mensagem às bases": "As revoluções nunca são pacíficas, nunca são amorosas, nunca são não violentas. Nem fazem concessões. As revoluções são destrutivas e sangrentas".[8] O apocalipse virá com as massas negras e os miseráveis do mundo tomando as cidades do poder. Era uma visão poderosa, mas não a que Elijah Muhammad tinha em mente.

Em todo o discurso Malcolm tinha tido o cuidado de evitar referências ao presidente morto, mas na sessão de perguntas e respostas que se seguiu à palestra seu senso de humor e sua tendência a gracejar com representantes da imprensa foram mais fortes. Quando lhe perguntaram sobre o assassinato, ele de início acusou a mídia de tentar induzir a Nação do Islã a fazer uma "declaração fanática, inflexivelmente dogmática". O que a imprensa queria dos muçulmanos, afirmou, era uma declaração do tipo "Hurra, hurra! Ainda bem que aconteceu!". Ouvintes riram e aplaudiram, e o estímulo da plateia empurrou Malcolm

justamente na direção que Elijah Muhammad não queria. Agora ele estava agitado, finalmente sem mordaça, e as críticas começaram a fluir. Recentemente, Kennedy tinha "cruzado os braços" quando o presidente do Vietnã do Sul, Ngo Dinh Diem, e seu irmão Ngo Dinh Nhu foram assassinados. O assassinato em Dallas, disse Malcolm, era um caso de "galinhas voltando para o galinheiro".* Os Estados Unidos tinham fomentado a violência, e não era de surpreender que o presidente tivesse sido uma vítima disso.

Se estivesse satisfeito com aquilo, Malcolm talvez escapasse ileso, ou pelo menos provocaria menos problemas do que provocou. Tais comentários, apesar de sem dúvida ofensivos, poderiam, pelo menos, ser compreendidos no contexto dos discursos anteriores e das opiniões da Nação do Islã como eram geralmente entendidas. Mas acrescentou, com um floreio retórico: "Sendo, como fui, um antigo menino de fazenda, quando as galinhas voltavam para o galinheiro, eu não ficava triste; sempre me deixaram feliz".[9] Houve mais risadas e aplausos na plateia, mas essa frase extra condenou-o por mostrar-se feliz com a morte do presidente. Num relatório posterior sobre o discurso, o FBI interpretou os comentários sobre "galinhas" como uma sugestão de que o assassinato tinha deixado Malcolm satisfeito — o que, se não era bem o sentido de sua frase tão citada, foi, certamente, o sentimento transmitido pelo gracejo sobre "antigo menino de fazenda" que veio depois.

Apesar de os comentários terem causado furor instantâneo fora do Manhattan Center, lá dentro a reação foi totalmente oposta. "A multidão começou a aplaudir", contou Larry 4X. "Quando ele fez a declaração, não achei que fosse nada."[10] Herman Ferguson, o diretor assistente que tinha organizado a fala de Malcolm no Queens no Dia de Ação de Graças no mês anterior, também estava presente, e não ouviu nada que fosse motivo de preocupação: "Foi um comentário inócuo, e ninguém prestou muita atenção".[11]

Ninguém, talvez, a não ser John Ali e o capitão Joseph, que estavam em pé a poucos passos de Malcolm quando ele fez os comentários. Ali ficou lívido, e saiu à procura de um telefone para falar com Elijah Muhammad. Malcolm tinha violado uma ordem expressa, pondo em risco os interesses da Nação. Os comentários certamente intensificariam a vigilância do FBI e dos agentes da lei locais, tornando mais difícil para a Nação exercer suas atividades sem ser incomodada, e a reação aos comentários ameaçava interromper os avanços dos últimos cinco anos no recrutamento de novos membros. A sede em Chicago

tinha outras preocupações. Àquela altura, havia centenas de muçulmanos em prisões federais e estaduais, que ficavam expostos à intimidação e violência física. Se as autoridades penitenciárias achassem que os muçulmanos negros estavam comemorando o assassinato de Kennedy, os prisioneiros muçulmanos poderiam sofrer retaliação. Finalmente, Ali provavelmente discutiu com Elijah Muhammad o que tinha sido, para ele, a perturbadora segunda metade do discurso de Malcolm. A notícia do discurso de Malcolm foi um golpe para o Mensageiro. O ministro em quem mais confiava desobedecera-o frontalmente; desafiado, só lhe restava responder com firmeza. A verdade é que o incidente deixou os inimigos de Malcolm dentro da Nação muito satisfeitos: era uma oportunidade para Sharrieff, Ali, Elijah Jr., Herbert Muhammad e outros se livrarem de Malcolm. Sua declaração incendiária lhes dera uma ferramenta com a qual talvez pudessem expulsá-lo da Nação do Islã. Aconselharam Muhammad a estabelecer de imediato uma distância pública entre Malcolm e a Nação. Se disciplinasse o porta-voz nacional da Nação, Elijah Muhammad reafirmaria sua autoridade pessoal sobre a seita. E, caso resolvesse desafiá-lo, Malcolm daria a Ali e aos demais um motivo suficiente para exigirem sua expulsão.

No dia seguinte, segunda-feira, 2 de dezembro, Malcolm tomou o avião para Chicago, para seu encontro mensal com Muhammad. Aquela manhã, o New York Times deu à sua reportagem o título "Malcolm X ataca os Estados Unidos e Kennedy e compara assassinato a 'galinhas voltando para o galinheiro'". Quando ele chegou, os dois homens se abraçaram, como de hábito, mas Malcolm sentiu de imediato que havia algo errado. "Aquela declaração foi muito ruim", disse Muhammad. "O presidente do país é nosso presidente também." Era um jeito estranho de falar, levando em conta que os membros da NOItinham sido desencorajados a votar em eleições. Muhammad disse então a Malcolm que ele seria suspenso por noventa dias, durante os quais ficaria afastado do cargo de ministro da Mesquita nº 7. Mas, apesar de não ter permissão de pregar ou sequer de entrar na mesquita, deveria continuar desempenhando as tarefas de ministro — aprovar faturas, responder a cartas e manter registros e arquivos. Marilyn E. C., sua secretária, continuaria trabalhando para ele.[12]

A máquina encarregou-se de espalhar rapidamente a notícia da punição. Mais para o fim da tarde, enquanto Malcolm voltava ao aeroporto de Chicago onde tomaria o avião para Nova York, Ali e seus assessores entraram em contato com organizações jornalísticas de todo o país para informar sobre o "silêncio"

imposto a Malcolm. Num telegrama de ampla circulação entre os veículos de comunicação, a NOIdeclarava: "O Ministro Malcolm não falou em nome de Muhammad ou da Nação do Islã, ou de qualquer seguidor de Muhammad... A declaração correta sobre a morte do presidente é a seguinte: 'Nós, como o resto do mundo, estamos chocados com o assassinato do presidente Kennedy'".[13] Um repórter do Amsterdam News conseguiu falar com Malcolm em casa e lhe pediu que fizesse um comentário. Tecnicamente, seu "silêncio" significava que ele não teria nenhum contato direto com a mídia, mas, num pequeno gesto de desafio, ele respondeu: "Sim, estou errado. Desobedeci à ordem de Muhammad. Ele está 100% certo. Concordo que preciso evitar aparecer em público".[14] A notícia da suspensão de Malcolm da Nação do Islã recebeu ampla cobertura na imprensa branca. O Los Angeles Times, por exemplo, deu à sua reportagem o título de "Malcolm Punido por Júbilo com Morte de Kennedy". A Newsweek conjeturou que a suspensão deixara Malcolm "apenas com suas tarefas intramuros de ministro muçulmano de Nova York — mas consta que até isso é duvidoso".[15]

Quando a Mesquita nº 7 soube da suspensão de Malcolm por noventa dias, houve incerteza, mas não pânico. Colocar pessoas "para fora da mesquita" por razões disciplinares era rotina. Os veteranos lembravam que o capitão Joseph fora afastado de seu privilegiado cargo de chefe do Fruto do Islã em 1956. Quase todos entendiam que o ministro simplesmente acataria a decisão para três meses depois reassumir o cargo. Muita coisa continuou como antes. Larry 4X continuou a cuidar para que Malcolm recebesse sua correspondência oficial. "Ele ia ao restaurante, conversava com funcionários", contou Larry, "mas não fazia discursos públicos."[16]

Mas, nos primeiros dias de suspensão, muitos membros da mesquita não tinham certeza sobre os limites impostos ao ministro. James 67X estava no púlpito abrindo uma reunião na mesquita quando Malcolm passou pela entrada de duas portas no fundo da sala e o capitão Joseph rapidamente avançou para bloquear o caminho. "Malcolm teve que dar meia-volta e sair", contou James, "e eu pensei: 'Ah, ah, alguma coisa muito interessante está acontecendo'."[17]

Naquela época, James era o gerente de circulação do Muhammad Speaks na mesquita, responsável pela administração da renda de milhares de dólares a cada semana. Suas íntimas relações de trabalho com Malcolm lhe permitiram ver o tamanho do estrago causado pelo tumulto interno. No outono de 1963, ele percebera que Malcolm estava física e mentalmente exausto, e decidira escrever

uma carta a Muhammad pedindo uma licença para o ministro. Escreveu outra carta para o capitão Joseph, que ridicularizou o pedido. Agora lhe era difícil descobrir mais detalhes sobre o que acontecia com Malcolm. Ele e outros funcionários foram informados de que o ministro fora afastado apenas por noventa dias; nenhum membro da mesquita tinha permissão para falar com ele. "De início", disse James, "imaginei, ora, essa deve ser mais uma manobra política do Mensageiro Mohammad." Mas semanas depois James começou a ouvir queixas contra Malcolm. Alguns diziam: "Grande Red, claro, ele nunca esteve com o Mensageiro". Outros o culpavam pelos fiascos públicos com o Partido Nazista Americano.[18]

A situação também era extremamente difícil para Betty. Em janeiro de 1964, ela estava grávida de três meses, do quarto filho. O marido era cada vez mais objeto de zombarias e de franca condenação, mas apesar disso esperava-se que ela, como boa muçulmana, comparecesse às funções da mesquita, o que tornava difícil evitar situações embaraçosas. Todas as advertências que ela fizera a Malcolm sobre a necessidade de pensar no futuro além da Nação pareciam proféticas, e qualquer hesitação que ele possa ter demonstrado quanto a distanciar-se, financeiramente ou de outra forma, certamente aumentou a tensão entre eles.[19] Mas não havia como Malcolm proteger a mulher da tempestade que se avizinhava, ou das consequências se ele ficasse sem salário.

Em 6 de dezembro, o New York Times publicou uma reportagem, "Malcolm deve ser substituído". A notícia, que certamente teve origem num vazamento feito por alguém muito próximo de Muhammad, foi surpresa não apenas para Malcolm e a família, mas também para seus seguidores. O jornal sugeria que fontes próximas aos muçulmanos negros tinham confirmado que Elijah Muhammad já havia escolhido um sucessor para a Mesquita nº 7. Os candidatos mais prováveis eram o filho mais novo de Muhammad, Akbar Muhammad; Jeremiah X, ministro das mesquitas de Atlanta e Birmingham; e o ministro Lonnie X, de Washington. Fontes do Times também indicaram que "Malcolm ficou tão 'poderoso' que se tornou uma 'celebridade' e não servia mais como porta-voz do movimento". A reportagem era muito rica em detalhes, o que denunciava que as informações tinham vindo de um lugar perto do poder: a citação do nome de ministros específicos, em posições-chave, só poderia ter sido autorizada pelo secretariado da Nação em Chicago ou pelo capitão Joseph. Procurado para comentar, Malcolm negou os rumores. "Sou o ministro da

mesquita", insistiu, "e cumprirei minhas responsabilidades para com a mesquita, quaisquer que sejam as implicações. Apenas evitarei falar em público."[20] Tecnicamente, sua declaração violava o silêncio imposto por Elijah Muhammad. Mas pelo menos por enquanto nenhuma nova medida foi tomada contra ele.

Para seus críticos dentro da Nação, Malcolm estava apenas cumprindo as formalidades, e só parecia arrependido. Ele tinha dito a funcionários da Mesquita nº 7 que começara a redigir um manuscrito com base na sabedoria manifestada por Elijah Muhammad durante suas muitas conversas à mesa do jantar ao longo dos anos, mas, apesar de ter feito um rascunho geral, Malcolm nunca voltou a trabalhar nesse projeto.[21] Em vez disso, continuou a manifestar-se na imprensa nacional, contrariando as ordens de Muhammad. No Chicago Defender, por exemplo, atacou o republicano negro Jackie Robinson, que fizera comentários negativos sobre Adam Clayton Powell Jr. e a Nação do Islã. Respingando sátira, sua polêmica ridicularizava o antigo astro do beisebol como alguém que nunca sabe "o que se passa na comunidade negra, enquanto o branco não lhe contar". Ele acusou Robinson de tentar influenciar negros para que apoiassem o governador de Nova York, Nelson Rockefeller, e perguntou: "Só me diga para quem você está jogando hoje, meu bom amigo?". Também avisou Robinson que se ele algum dia ousasse mostrar a coragem militante como Medgar Evers, "os mesmos brancos que você considera como amigos serão os primeiros a enfiar uma bala ou um punhal em suas costas, assim como enfiaram nas costas de Evers".[22] Além disso, Elijah Muhammad não deve ter ficado muito satisfeito quando o Amsterdam News informou que a Doubleday planejava publicar a autobiografia de Malcolm. Muhammad reiterou à imprensa que seu assessor encrenqueiro ainda retinha o título de ministro, "mas não terá permissão para falar em público".[23]

Malcolm sentia-se completamente perdido. Depois de anos viajando pelo país para fazer discursos e organizar os negócios da Nação, ele agora se via às voltas com um novo e desagradável fardo: tempo de sobra. Para fazer alguma coisa, respondia a cartas. A um estudante afro-americano da Universidade Colgate, que demonstrara interesse em abrir uma sociedade islâmica no campus, ele explicou que, embora a aquisição de conhecimento fosse louvável, a instrução, para ter utilidade, precisava ser culturalmente relevante. "Nossas raízes culturais precisam ser restauradas, para que a vida (estímulo) possa fluir para dentro de nós; porque, assim como uma árvore sem raízes está morta, uma pessoa sem

raízes culturais está automaticamente morta também."[24]

A melhor prova do estado de espírito de Malcolm é uma entrevista que ele concedeu a Louis Lomax, na qual negou vigorosamente ter dado a entender "que a morte de Kennedy era motivo de júbilo". Seu argumento central era que o assassinato do presidente "tinha sido o resultado de uma longa série de atos violentos, a culminação do ódio, da suspeita e da dúvida neste país". Muhammad "me alertara a não dizer nada sobre a morte do presidente, e omiti referências a essa tragédia em meu discurso principal". Embora aceitasse a suspensão, Malcolm disse: "Acho que não será algo permanente". Quando Lomax indagou sobre "diferenças" que, segundo rumores, existiriam entre ele e Muhammad, Malcolm retrucou: "É mentira... Como poderia haver diferença entre mim e o Mensageiro? Sou seu escravo, seu servo, seu filho. Ele é o líder, o único porta-voz dos muçulmanos negros".[25]

De início, Elijah Muhammad ficou satisfeito com a reação geral à suspensão de Malcolm. Em conversas telefônicas gravadas pelo FBI, ele descreveu o castigo de Malcolm como um ato de autoridade paterna: "Papai" precisa impor disciplina ao filho, que receberia mais censuras ainda "se fizesse bico e começasse a falar alto".[26] Mas, quando a controvérsia em torno de Kennedy desapareceu das manchetes, Elijah se viu diante de outras preocupações. O afastamento contínuo do menino de ouro da Nação levou muita gente a acreditar que a declaração sobre Kennedy foi apenas um pretexto para a punição, e que aquilo era o confronto, havia muito esperado, entre Malcolm e o secretariado da NOIem Chicago a respeito da futura direção a ser seguida pela Nação do Islã. A grande questão, porém, eram os persistentes rumores sobre as infidelidades sexuais de Muhammad, cada vez mais difundidos. Muhammad agora sabia que Malcolm tinha contado a Louis X e a outros ministros, explicando sua linha de ação como uma tentativa de controlar sentimentos entre os obreiros. Mas John Ali, Sharrieff e outros disseram a Muhammad que Malcolm tinha espalhado essas informações de caso pensado, para enfraquecê-lo, e argumentaram que as ações de Malcolm destruíam a confiança em Muhammad e na Nação. Nisso foram ajudados pelo FBI, que acompanhava a discórdia com interesse e planejava uma nova série de cartas plantadas com o objetivo de comprovar a suposta divulgação de boatos por Malcolm.[27]

Essa tempestade de desmoralizações teve o efeito desejado. Em meados de dezembro de 1963, Muhammad decidiu não reconduzir Malcolm a seu cargo na

Mesquita nº 7. Malcolm tinha se tornado poderoso demais. Humilhando-o publicamente, a supremacia de Mohammad sobre a seita seria recuperada de tal maneira que nenhum outro ministro teria a audácia de desafiá-lo. Embora os funcionários de Chicago quisessem expulsar de imediato Malcolm e seus seguidores, é improvável que Elijah pensasse da mesma forma, pelo menos naquela época. Manter Malcolm dentro da seita, mas amordaçado e privado do cargo, parecia um modo mais eficaz de demonstrar o poder do Mensageiro. Ele eliminaria a base institucional de Malcolm, mas o deixaria onde estava, como o ministro nacional, para trabalhar numa posição administrativa mais discreta. Malcolm, por sua vez, ainda se agarrava à esperança de que Muhammad viesse a reintegrá-lo. Pelo fim de 1963, os dois homens estavam à beira do precipício, mas nenhum deles achava que a separação total fosse inevitável.[28]

O novo ano, entretanto, viu a situação piorar. Em 2 de janeiro de 1964, Muhammad telefonou para conversar com Malcolm sobre a suspensão; Sharrieff e Ali provavelmente ouviram tudo. Malcolm, disse ele, tinha discutido sua conduta com ministros da NOIde modo altamente irresponsável. Acusações de casos extraconjugais e de filhos fora do casamento eram equivalentes a um "incêndio" capaz de destruir a Nação. Outra preocupação de Muhammad era a contínua rivalidade entre sua família e Malcolm. Malcolm não fez objeções. Mesmo quando Muhammad insinuou que a suspensão poderia continuar indefinidamente, Malcolm respondeu, calmamente, que tinha lucrado com o conselho e as ações do seu mentor, acrescentando que rezava para expirar seus erros.[29]

Talvez Malcolm não tenha expressado seu remorso com suficiente convicção, pois foi depois desse telefonema que Muhammad decidiu que era chegado o momento de tirar-lhe toda autoridade. No dia seguinte, Joseph foi informado de que um novo ministro substituiria Malcolm na Mesquita nº 7; mas a autoridade para tomar decisões sobre como dirigir a mesquita seria de Joseph. Em 5 de janeiro, Muhammad promoveu James 3X (McGregor) Shabazz, chefe da mesquita de Mewark, a novo ministro. Malcolm recebeu ordem para tomar o avião e ir a Phoenix para uma audiência judicial, à qual Elijah Muhammad, Ali e Sharrieff estavam presentes.[30] Provavelmente foi nessa sessão formal que Malcolm finalmente compreendeu o que estava acontecendo. Confessou ao "tribunal" que tinha revelado detalhes sobre a vida privada de Muhammad para o capitão Joseph e para alguns ministros da NOI, e suplicou que lhe fosse dada a

oportunidade de continuar a servir Muhammad. Mas insistiu para ter o direito de uma audiência judicial com os membros de sua própria mesquita, direito há muito assegurado aos acusados de violações na Nação. Muhammad respondeu: "Volte e apague o fogo que você acendeu".[31] A partir de então, nenhum membro que estava em dia com suas obrigações teria permissão de falar ou interagir com ele, de forma alguma. Como observou astutamente Peter Goldman: "Para um muçulmano fiel, essa ordem equivalia a ser empurrado para a beira da sepultura que nós chamamos mundo. Logo se acumularam provas de que alguém na Nação tinha em mente outra sepultura, menos metafórica".[32]

Passaram-se semanas, e a Nação fervia de inimizade contra Malcolm, espicaçada por John Ali e Raymond Sharrieff, que usavam seus cargos no topo da hierarquia da NOIpara deflagrar uma cascata de ofensas através de suas fileiras. Boatos sobre a deslealdade de Malcolm com Muhammad tomaram conta da Nação, de início sussurrados em reuniões do MGT ou discutidos entre os membros do foi, e depois difundidos abertamente por ministros, até mesmo por James 3X Shabazz, do mesmo púlpito que fora de Malcolm.[33] Logo depois que voltou de Phoenix, Malcolm e o membro da NOICharles 37X Morris andavam pela avenida Amsterdam no Harlem quando depararam com um jovem irmão muçulmano na calçada olhando fixamente para eles. Tinha os punhos cerrados e parecia pronto para atacá-los. Funcionários da Mesquita nº 7 tinham dito ao raivoso membro do Fruto: "Se você soubesse o que Malcolm disse sobre o querido apóstolo sagrado, você mesmo o mataria". Charles disse desafiadoramente ao jovem que procurasse de novo o funcionário da mesquita e lhe perguntasse por que ele mesmo não cometia seus próprios assassinatos. Aquilo passou, sem mais incidentes, mas o episódio deixou bem claro que centenas de membros da Nação do Islã estavam sendo induzidos a ver em Malcolm um inimigo da seita. A raiva e o ódio gerados pela campanha contra Malcolm tornavam quase impossível a volta do ministro, mesmo com permissão de Muhammad. Malcolm tentou desesperadamente seguir uma rotina, um padrão de trabalho e responsabilidade, para não perder o rumo. Em 14 de janeiro, encontrou-se com Alex Haley para trabalhar na Autobiografia. A sessão durou mais de sete horas, até bem tarde da noite.[34] Enquanto trabalhava com Haley para dar forma à história do seu passado, ele descobriu que a forma do seu presente mudava rápido demais para ser apreendida.

⋆ ⋆ ⋆

Desde que Cassius Clay entrou na lanchonete dos Estudantes em Detroit e na vida de Malcolm, sua reputação continuava a crescer; depois de nocautear Archie Moore em julho de 1962, derrubou mais três lutadores, permanecendo invicto e conquistando o direito de desafiar pelo título o campeão favorito de pesos pesados, Sonny Liston. Enquanto treinava para a luta em Miami no inverno de 1963, Clay convidou Malcolm e sua família para passarem as férias em seu acampamento em Miami Beach. Feliz pela oportunidade de escapar de Nova York, Malcolm aceitou, e em 15 de janeiro ele, Betty e as três filhas voaram para o sul. A viagem e a luta mereceram pouca atenção de Muhammad. Apesar de a sede em Chicago apreciar o interesse do jovem boxeador pela Nação do Islã, o Mensageiro deixou claro que não aprovava o esporte como profissão. Além disso, os líderes da NOIestavam convencidos de que o falastrão Clay não tinha chance de derrotar Liston, que acabara de aniquilar o ex-campeão de pesos pesados, Floyd Patterson. Endossá-lo publicamente, achavam eles, só lhes traria constrangimento depois da derrota quase certa. Mas Malcolm, que formara uma sólida amizade com Clay, tinha um senso mais seguro das habilidades do boxeador. Também percebia que Clay era inteligente e tinha um carisma capaz de atrair jovens negros para o Islã. E muito provavelmente lhe ocorreu que, no caso de um confronto com os líderes de Chicago, ter Clay do seu lado era uma vantagem.[35]

A excursão a Miami Beach foi a primeira e única vez em que Betty e Malcolm tirariam férias juntos. A família de Malcolm provavelmente ficou surpresa quando viu que o jovem boxeador estava no aeroporto de Miami para recebê-la. Esse encontro inesperado foi transmitido ao escritório do FBI por um informante. Ao que tudo indica, o FBI ainda não tinha estabelecido nenhuma ligação entre Clay e os separatistas negros, e o escritório em Miami ficou tão constrangido que só repassou a informação para Washington em 21 de janeiro.[36] Por vários dias, a família fez programas turísticos, relaxando na praia, tirando fotos, comprando cartões-postais. Malcolm pôde ficar um tempo com Clay, fortalecendo a confiança do jovem boxeador. Também tentou aproveitar a viagem para refazer sua imagem, talvez percebendo, finalmente, que precisava apresentar-se por conta própria, independentemente da Nação. Num caderno de anotações sobre a viagem, ele esboçou vários parágrafos sobre a visita da família ao lugar de

treinamento de Clay, destinados a servirem de base para uma reportagem intitulada "Malcolm X, homem de família". A maioria das notas era de legendas preparadas para acompanhar fotos que tirara. Uma nota indicava que ele e Betty comemoravam o sexto aniversário de casamento durante a viagem, que eram pais de três meninas e esperavam o quarto filho para junho. Tal tentativa de moderar sua imagem pública deu certo. O Chicago Defender publicou um belo retrato da família, com Clay à direita, segurando a filha mais jovem do casal, Ilyasah.[37] Uma foto semelhante apareceu no Amsterdam News;[38] e, com as duas fotos, Malcolm apresentou a família ao público pela primeira vez. Elas representaram o começo do que seria a última reinvenção de Malcolm, que culminaria poucos meses depois, durante sua viagem a Meca, para o hajj.

Betty e as crianças retornaram para casa em 19 de janeiro, mas Malcolm ficou para passar mais tempo com Cassius Clay. Poucos dias depois, quando Malcolm pegou o avião de volta para Nova York, Clay foi junto. Nem se deu ao trabalho de pedir permissão ao treinador, Angelo Dundee, e embora fosse inusitado para um lutador interromper o treino um mês antes de uma luta pelo título, Dundee não tentou impedir. Quando chegou a Nova York em 21 de janeiro, Clay finalmente descobriu uma cidade grande o suficiente para abrigar sua personalidade hipertrofiada. Ele e Malcolm saíram a passeio pelo Harlem e por outros pontos turísticos da cidade, e Clay assistiu a um encontro da NOInno Rockland Palace, apesar de Malcolm não ter participado, por estar suspenso. Em seguida, Clay voltou para Miami e retomou o treinamento.[39]

Notícias do relacionamento de Clay e Malcolm não tardaram a aparecer na imprensa. Em 25 de janeiro, o Amsterdam News registrou as férias de Malcolm na Flórida com a família "como hóspedes do lutador peso pesado Cassius Clay".[40] A publicidade causou grandes incômodos no acampamento de Clay em Miami. Enquanto sua fama crescia no mundo do boxe, a questão de seu envolvimento com a Nação passou a persegui-lo. Pelo fato de a seita estar identificada basicamente com sentimentos de antagonismo aos brancos, esse vínculo ameaçava prejudicá-lo profissionalmente, e isso o levava a dar muitas voltas para responder sempre que jornalistas levantavam o assunto. Mas agora, nos dias que antecediam a luta contra Liston, a influência de Malcolm quase o levou a declarar seu apoio abertamente. O Amsterdam News informou que Clay fez comentários durante vinte minutos no Rockland Palace: "Sou um homem com consciência de raça, e sempre que vou a uma reunião de muçulmanos me sinto inspirado".[41] Em

3 de fevereiro, o Courier-Journal de Louisville publicou uma entrevista na qual Clay só faltou admitir que era membro da Nação. "É claro que já falei com os muçulmanos e vou voltar a falar", declarou. "Integração é um equívoco. Os brancos não querem integração, eu não quero integração. Não acredito que ela possa ser imposta, e os muçulmanos também não acreditam. Então, o que há de errado com os muçulmanos?"[42]

Durante todo o mês de fevereiro Malcolm continuou insistindo com Muhammad para que o reconduzisse, mas foi inútil. Ele agora se via diante da necessidade de buscar uma solução para urgentes problemas de família. A Nação pagava uma quantia fixa a seus ministros, para despesas de alimentação, roupas e produtos domésticos. Para Malcolm, isso representava 150 dólares por mês. Ele ainda era considerado ministro e tecnicamente podia requerer o auxílio, mas se perdesse o título ficaria sem renda mensal, e sem direito à casa onde a família morava em East Elmhurst. Segundo estimativa de James 67X, de 1960 a 1963, a Nação pôs também à disposição de Malcolm uma conta para despesas de serviço de cerca de 3 mil dólares por mês, dinheiro que cobria viagens, acomodações de hotel, refeições e gastos extras.[43] Para que Malcolm tivesse o impacto que teve na mídia nacional no começo dos anos 1960, a Nação precisou fazer considerável investimento. Por exemplo, sempre que ia a uma cidade onde houvesse uma mesquita da Nação, líderes locais deixavam o trabalho e colocavam à sua disposição automóveis, motoristas e seguranças. Se seu itinerário envolvesse um lugar onde a NOInão tivesse presença, ele frequentemente viajava com um ou mais seguranças do foi. Uma secretária da mesquita cuidava de sua correspondência de rotina. Era essa elaborada infraestrutura que ajudava a dar projeção nacional a líderes locais. A questão que Malcolm agora tinha diante de si era saber o que aconteceria se tudo isso lhe fosse tirado. Que assistência financeira poderia dar a Betty e às meninas? Ele não tinha praticamente nenhuma poupança, nem seguro. Até tomara providências para que os futuros royalties que receberia do livro fossem destinados à Nação. Sua fé na seita tinha sido completa e incondicional, não lhe deixando alternativa, ou rota de fuga, se ela se mostrasse equivocada.

Foi essa posição de vulnerabilidade que obrigou Malcolm a suplicar a Muhammad que permitisse sua reintegração, qualquer que fosse o cargo. Num caderno que manteve nas duas últimas semanas de janeiro, ele tentou organizar as ideias da melhor maneira possível para apresentar o seu caso a Muhammad.

"Não tinha maus motivos. Tinha boa intenção", escreveu.

> Sentindo-me inocente, acho-me extraordinariamente perseguido. Acho que me enganaram. Injusta e desnecessariamente... forçado a encontrar um jeito de me defender, de retaliar contra aqueles inimigos sem os ofender... Se estou errado no que diz respeito a esses sentimentos e conclusões, pelo menos estou sendo verdadeiro e não hipócrita, uma oportunidade para servir a Alá e ao senhor...
> Como minha carta declarava: 1. Acredito em Nosso Salvador, no senhor e em seu programa. 2. Sei apenas o que o senhor me ensinou. 3. E sou apenas aquilo que o senhor fez de mim. 4. Nunca me exaltei acima do senhor. 5. Nunca agi independentemente. Cometi um erro grave ao não o procurar diretamente — e esse erro me fez cometer outros. Lamento sinceramente e rezo para que Alá me perdoe, e lhe peço que reze para que Alá me perdoe. Eu não poderia ser inimigo do senhor sem ser inimigo de mim mesmo. Não poderia falar contra o senhor sem falar contra mim mesmo.[44]

De janeiro ao fim de fevereiro, ele escreveu a Muhammad uma série de cartas pedindo reintegração, apelando para suas relações pessoais e pintando a cúpula de Chicago como ciumenta e empenhada em separá-los. Os "outros", escreveu ele, sem deixar dúvidas sobre a quem se referia, queriam o fim da sua parceria "porque sabem que Alá me abençoou para que eu fosse seu melhor representante, assim como seu melhor defensor... Os únicos que podem lhe querer mal são os que não estão realmente com o senhor. É uma posição perigosa, porque serve apenas para dividir".[45] Poucas cartas sobreviveram; existe também a possibilidade de que Muhammad jamais as tenha lido, porque seu acesso à correspondência com funcionários da Nação era controlado por Ali e assessores.

Mas, como sua suspensão persistia, e Muhammad parecia pouco compreensivo, Malcolm acabou achando que tinha interpretado mal a situação. Apesar de todas as dificuldades com Chicago, ele finalmente começou a perceber que o verdadeiro problema não era com John Ali ou Raymond Sharrieff, mas com o próprio Muhammad. Em seu diário, Malcolm esboçou uma crítica de Elijah Muhammad que continha quatro itens e fora sugerida por Wallace: "1. Não culpar John[,] o senhor por trás de todas as atitudes de John", escreveu no caderno. "2. O senhor usa John. 3. O senhor não está interessado nos muçulmanos, mas em si mesmo.[46] 4. O senhor usa dinheiro para controlar todos à sua volta". Malcolm notou que ele e Wallace tinham muitos pontos em comum em suas queixas à cúpula da Nação. Sob o título de "Análise de Wallace da [Mesquita] nº 2", Malcolm anotou: "1. Funcionários de Chi[cago] ficaram amedrontados e mudaram (de acordo). 2. Frio, impessoal, sem consideração e

duro com membros (de acordo). 3. Força e autoridade em vez de instruções (de acordo). 4. Protege a si mesmo, não a gente ou a Nação (de acordo)". Ele queixou-se a Wallace de que, por influência de Joseph, o foi transformara-se num sistema interno de espionagem. "Joseph tornara-se um militar, e deixou de ser um irmão (dois terços tira) a mesma situação em toda parte.[47] Capitães tornaram-se antiministros."

Esses fragmentos de anotações em cadernos são importantes para explicar as diferenças que levaram Malcolm a romper com a seita e, subsequentemente, ao seu assassinato. A maior parte da família de Muhammad e do secretariado de Chicago se opunha a Malcolm por duas razões básicas. Em primeiro lugar, estavam convencidos de que ele cobiçava a posição de Muhammad: que, quando Elijah não pudesse mais, ou morresse, Malcolm facilmente assumiria o comando. Os benefícios materiais de que gozavam por constituírem a "família real" acabariam abruptamente. Mas igualmente importante era a segunda razão: a política militante de Malcolm em 1962-3 representava um rompimento radical com o nacionalismo negro apolítico da Nação do Islã. Herbert Muhammad já tinha proibido qualquer publicidade relativa a Malcolm no Muhammad Speaks um ano antes da ordem oficial de silêncio. Para garantir que Chicago continuasse mantendo rígido controle, funcionários usavam o Fruto do Islã cada vez mais como uma unidade de espionagem e intimidação. Como observou Malcolm, Joseph "tornara-se um militar", não um irmão, referência nada sutil aos espancamentos que ele infligia. Mas a família de Muhammad entendeu totalmente errado os motivos de Malcolm. Ele jamais se viu como herdeiro; na sua opinião, se havia alguém que podia ser preparado para o papel do Mensageiro, esse alguém era Wallace. Malcolm preferia a vida itinerante de evangelizador. Respeitava e amava Wallace e o teria apoiado para sucessor se o Mensageiro morresse. O trágico erro de Malcolm foi achar que seus objetivos de militância política — a criação de uma frente unida que incluísse todos os negros contra o racismo nos Estados Unidos — poderia ser formada com a plena participação da Nação do Islã. A seita estava pronta para se submeter à islamização, mas não a participar de manifestações pelos direitos civis, revolução no Terceiro Mundo ou pan-africanismo. Foram questões políticas, e não de personalidades, que romperam as relações de Malcolm com a Nação do Islã.

Só em fevereiro de 1964 Malcolm estava emocionalmente preparado para contemplar a possibilidade de vida além da Nação do Islã. Em termos políticos,

ele teria de relacionar-se com várias organizações ativistas, da NAACP à esquerda socialista, de um modo totalmente novo. Como muitos moradores do Harlem, ele respeitava o trabalho político antirracista que o Partido Comunista realizava havia quatro décadas. Mas o diálogo com os comunistas era difícil: tratava-se de ateístas e, pior ainda, integracionistas acérrimos. Seus principais teóricos em questões de raça, notavelmente James E. Jackson e Claude Lightfoot, tinham examinado o fenômeno dos muçulmanos negros, caracterizando o nacionalismo afro-americano como "reflexo condicionado do chauvinismo branco": uma resposta às leis de Jim Crow, à discriminação no trabalho e ao isolamento social do gueto. No entanto, a ênfase dos muçulmanos negros no ensinamento da história e da cultura negras, e sua oposição a drogas, alcoolismo e crimes cometidos por negros contra negros, eram contribuições positivas para a comunidade afro-americana. Assim, no balanço geral, apesar de os comunistas discordarem vigorosamente dos princípios fundamentais da seita, eram a favor do que Lightfoot chamava de coalizões de "frente unida", mas caso a caso.[48] Há sinais de que Malcolm talvez tenha se encontrado com líderes da filial do Partido Comunista no Harlem em meados de fevereiro. Entretanto, não houve sessões subsequentes, mesmo depois que Malcolm estabeleceu a Organização da Unidade Afro-Americana.

Parte da turbulência íntima de Malcolm durante aqueles meses vinha de dúvidas sobre sua fé. Deixar a Nação do Islã significava muito mais do que deixar um culto religioso; seria abandonar toda uma geografia espiritual. Em muitas palestras da NOI, uma demonstração do futuro da identidade negra era representada num quadro negro. Num lado havia um desenho da bandeira americana, acompanhada de uma cruz cristã e dos dizeres "Escravidão", "Sofrimento" e "Morte". Do outro, via-se o crescente muçulmano, com as palavras "Islã", "Liberdade", "Justiça" e "Igualdade". Debaixo dos dois conjuntos de símbolos e palavras, uma pergunta: "Qual deles sobreviverá à Guerra do Armagedom?".[49] O objetivo da Nação do Islã era duplo. Primeiro, Muhammad pregava que não só o Islã era a "religião natural" de todos os negros, mas que apenas por meio do conhecimento do Islã os afro-americanos alcançariam suas metas. Segundo, a Nação do Islã afirmava que o americanismo e o cristianismo só tinham trazido escravidão e morte social para os negros. Por isso, a Nação apresentava a seus convertidos um sistema global de raça abrangente, "lançando o Islã negro contra o cristianismo branco numa luta planetária e histórica".[50] Os

princípios essenciais do remapeamento negro religioso do mundo assentavam-se na história de Yacub — que os brancos eram o demônio, que Wallace D. Fard Muhammad era Deus em pessoa, e que Elijah Muhammad de fato fora escolhido por esse Deus para representar seus interesses na Terra. Apesar do apoio de Malcolm ao movimento da Nação rumo à islamização, ainda em dezembro de 1963 ele concordava com a história de Yacub e abraçava a noção de que os contatos de Muhammad com Fard eram com Alá em forma humana. Em sua entrevista com Lomax no fim de dezembro de 1963, insistiu vigorosamente em que Elijah tinha falado com Deus.[51] Quando Wallace Muhammad, no começo de 1964, manifestou sua crença de que Fard não era Alá nem Deus, Malcolm discordou.[52]

No entanto, se o maior pecado de Elijah Muhammad não era engravidar suas subordinadas, mas apresentar-se fraudulentamente como Mensageiro de Alá, então a narrativa de Fard era um mito. E, se a história de Yacub era falsa, então os povos de origem europeia não eram demônios a serem combatidos, mas indivíduos que poderiam se opor ao racismo. Mesmo no nível das aulas de instrução da NOI, um novo remapeamento religioso do mundo com base no Islã ortodoxo não estigmatizaria ou isolaria necessariamente os Estados Unidos por causa de sua história de escravidão e discriminação racial. Em vez de uma jihad sangrenta, de um Armagedom sagrado, talvez os Estados Unidos pudessem realizar uma revolução não violenta, sem derramamento de sangue. A certa altura, Malcolm deve ter refletido sobre o impensável: que era possível ser negro, muçulmano e americano.

Havia também as implicações práticas em deixar a Nação. Sem seu respaldo, Malcolm não teria recursos financeiros para viajar pelo país, conceder entrevistas coletivas ou pronunciar discursos públicos. Ele reconhecia que, se fosse continuar sendo uma figura pública, teria de criar uma organização secular, consagrada a seus próprios ideais políticos e composta de assessores dedicados. Com um grupo assim, poderia negociar novas relações com organizações de direitos civis e seus líderes.

Quando Malcolm retornou a Miami Beach poucos dias antes da luta de Cassius Clay, boatos começaram a circular. A publicidade sobre as ligações de Clay com a NOItinha tomado conta de Miami, desagradando a todos, exceto

Malcolm. O organizador da luta, Bill MacDonald, precisava arrecadar 800 mil dólares para zerar as contas, e as histórias afastavam os fãs brancos e reduziam a renda de bilheteria. Dias antes da luta, marcada para 25 de fevereiro, menos de metade dos 15744 lugares do Miami Convention Hall tinha sido vendida. Quando Malcolm voltou a Miami para juntar-se a Clay, MacDonald ameaçou cancelar. Um acordo foi feito e Malcolm concordou em ser mais discreto, pelo menos até a noite da luta. Em troca, o ministro muçulmano teria tratamento de celebridade e um lugar na primeira fileira — cadeira sete, seu número favorito.[53]

Malcolm via seu papel basicamente como o de mentor espiritual de Clay. Ninguém achava que o impetuoso desafiante tivesse qualquer chance de ganhar. Mas Malcolm garantiu a Clay que sua iminente vitória tinha sido profetizada séculos antes. A vitória de Clay, previu ele, não seria apenas um triunfo para a Nação do Islã, mas para 700 milhões de muçulmanos no mundo inteiro. No entanto, o fascínio de Malcolm por Clay e o resultado daquele dia foram pelo menos em parte influenciados por sua problemática situação dentro da Nação. A luta seria realizada apenas um dia antes da convenção anual do Dia do Salvador, e Malcolm viu nisso uma oportunidade. Entrou em contato com a sede em Chicago e propôs uma negociação: se Clay vencesse Liston, Malcolm o levaria diretamente a Chicago para a convenção, em troca de sua plena reintegração. Chicago recusou a oferta, em parte porque os funcionários ainda tinham dúvidas sobre a capacidade de Clay como boxeador, mas também porque no fim de fevereiro já não tinham mais nenhuma intenção de permitir a volta de Malcolm.[54]

Na noite da luta, Malcolm andou pelo meio da multidão, à vontade, certo de que ele e Clay logo seriam vingados com a vitória. Pouco antes da luta, foi ao vestiário juntar-se a Clay, cujo entorno muçulmano — formado principalmente por bajuladores mandados de Chicago — atiçava a paranoia do lutador, falando a respeito dos boatos e ameaças de violência contra ele que haviam circulado nas últimas 24 horas. Malcolm encurtou o assunto e chamou Clay e o irmão Rudy num canto, conduzindo-os numa oração.[55] Depois voltou para a arena e instalou-se na primeira fileira, não muito longe da lendária figura do futebol americano, Jim Brown, e do cantor Sam Cooke. Logo os pugilistas apareceram, e a voz do apresentador Frank Wyman encheu o salão quando ele os anunciou, começando com Clay. Finalmente, o gongo tocou.

A estratégia de Clay na luta era partir para cima de Liston nos primeiros

rounds, locomover-se sem esforço no terceiro, no quarto e no quinto, e então lutar "a todo vapor" do sexto ao nono, e, com sorte, conseguir um nocaute. Liston, grande porém lento, cansaria logo, ficando vulnerável pela altura do quinto round. Os planos de Clay e Angelo Dundee teriam dado certo não fosse por um pequeno contratempo. Num momento de desespero, um dos treinadores de Liston esfregou uma pomada nas luvas do pugilista, cegando Clay durante todo o round. Com os olhos queimando, Clay dançou pelo ringue, apenas o suficiente para ficar fora do desajeitado alcance de Liston. No sexto round, quando os olhos começaram a clarear, Clay destruiu Liston com múltiplos jabes e combinações táticas. Ao fim dos três minutos, Liston estava exausto, incapaz de levantar os braços para se defender. No começo do sétimo round ele agachou-se tristemente em seu banco, recusando-se a sair. Atônito, Clay deu voltas pelo ringue gritando histericamente: "Sou o maior que já existiu! Não tenho uma marca no rosto, e derrotei Sonny Liston, e acabei de fazer 22 anos. Só posso ser o maior! Mostrei para o mundo! Falo com Deus todo dia! Sou o rei do mundo!".[56]

Aplaudindo de seu lugar na primeira fileira, Malcolm sentiu uma doçura diferente de tudo aquilo que já havia sentido antes. Tinha preparado uma festa da vitória em seu quarto no Hotel Hampton House, num dos bairros negros de Miami, e logo depois da meia-noite, Clay chegou para participar das comemorações. Em respeito à sobriedade dos muçulmanos, os participantes receberam tigelas de sorvete.[57] No dia seguinte, Clay confirmou sua filiação à Nação do Islã, e apesar de proibido de falar, Malcolm explicou à imprensa por que o triunfo do novo membro tinha significado político, além de religioso, fazendo uma avaliação sábia do legado de Clay, ainda em formação: "Clay é o melhor atleta negro que conheço, o homem que vai significar mais para seu povo do que qualquer atleta até agora. Ele é mais do que foi Jackie Robinson, porque Robinson é o herói dos brancos. A imprensa branca queria que ele perdesse. Queria que perdesse porque é muçulmano. Vejam que ninguém se importa com a religião de outros atletas. Mas o preconceito deles contra Clay os impossibilitou de ver sua habilidade".[58]

A vitória de Clay pegou os líderes da Nação de surpresa. Nunca tinham pensado que ele pudesse ganhar, e com o ex-ministro aparecendo orgulhoso ao seu lado perante todo o país, Clay havia se tornado, de imediato, outro foco de influência do qual Malcolm precisava ser afastado. No dia seguinte à luta, Clay foi para Chicago a fim de assistir à convenção do Dia do Salvador, onde

finalmente deixou de lado a ambiguidade de declarações anteriores e anunciou, oficialmente, sua filiação à Nação do Islã. Sem perder tempo, Elijah Muhammad abraçou seu novo adepto, afirmando que o triunfo de Clay era obra tanto de Alá como do Mensageiro. Apesar dessa declaração pública, Clay continuou a ver Malcolm como seu principal mentor. Em 1º de março, viajou de carro para Nova York, alugou duas suítes de três quartos no Hotel Theresa e imediatamente entrou em contato com Malcolm. Acompanhavam-no o irmão Rudy e mais seis pessoas.[59] Malcolm saboreou o momento de Clay sob os refletores e jogou astutamente com a mídia para tirar o máximo proveito. Em 4 de março, os dois homens fizeram uma visita de duas horas às Nações Unidas. Num encontro improvisado com a imprensa, Clay surpreendeu os jornalistas anunciando que pretendia "viver para sempre" em Nova York. "Sou muito popular, preciso de uma cidade grande para que todos possam me ver", explicou Clay. Quando lhe perguntaram se tinha tido alguma influência na decisão do campeão de pesos pesados de ir para Nova York, Malcolm respondeu: "Ele sabe pensar por conta própria".[60] Na verdade, durante dias ele e Clay tinham conversado sobre as vantagens de uma mudança para Nova York. Malcolm até levou Clay de carro ao Queens, à procura de uma casa perto da sua, em East Elmhurst.[61]

A perspectiva de que Clay pudesse se mudar para Nova York, em parte por influência de Malcolm, enfureceu a sede da Nação em Chicago. Mas muito mais ameaçadoras foram duas notícias surgidas na imprensa. Em 2 de março, o Chicago Tribune informou que "Clay, recentemente coroado campeão do mundo dos pesos pesados, chegou ontem ao Harlem inesperadamente para uma conferência secreta com Malcolm X".[62] No mesmo dia, o Chicago Defender noticiou que os dois homens planejavam lançar uma nova organização, rival da Nação do Islã. Essa série de eventos e notícias finalmente destruiu qualquer possibilidade de readmissão de Malcolm na NOI. A sede em Chicago já reconhecera que tinha cometido um erro grave ao lidar com Clay. Permitir que ele viajasse a Nova York e continuasse sua ligação pública com Malcolm enfraquecia a autoridade da Nação do Islã. O que assustava mais Muhammad e seus assessores era que Clay e Malcolm eram populares, cada qual com seu próprio público em nível nacional; a dupla poderia facilmente dividir a Nação em facções rivais.[63] Seria essa a intenção de Malcolm — usar sua estreita relação com Clay para reformar a Nação a partir de dentro, ou criar um novo movimento muçulmano fora dela? Durante aqueles dias de caos, Malcolm estava bastante

inseguro de si mesmo. Mas do ponto de vista da sede em Chicago, não havia dúvida: Clay era propriedade valiosa da Nação do Islã e precisava ser preservado. Malcolm X era o inimigo.

Malcolm levou mais tempo do que imaginava para perceber que Chicago estava realmente decidido, e que faria qualquer coisa para atacá-lo. Em 22 de fevereiro, um artigo foi publicado no Amsterdam News, citando fontes da confiança de Malcolm segundo as quais afirmavam que ele esperava "voltar com tudo" para a Nação em 1º de março. Mas à sua volta, a raiva alimentada por Chicago espalhava-se entre todos os membros da mesquita, envenenando qualquer ideia de que seus esforços futuros pudessem estar relacionados à NOI, ou de que a vida depois da expulsão seria fácil. James 67X e Reuben X Francis, outro tenente do foi leal a Malcolm, trabalhavam como garçons na lanchonete da Mesquita nº 7, e no início de fevereiro, seu chefe, Charles 24X, passou a difamar Malcolm publicamente. "Começou esse negócio", contou James, "de dizer: 'Oh, não o chame de Malcolm, chame-o de Red; oh, vamos matar Malcolm'... Eu estava sentado no restaurante naquela época, e imaginei que Joseph fazia aquilo para tentar descobrir qual seria o melhor caminho." James ainda se considerava seguidor leal de Elijah Muhammad. "Eu estava 100% com o sr. Muhammad", explicou. "Mas, quando começaram a falar em matar Malcolm, eu disse: 'Se matarem Malcolm, vão me matar também'."[64]

Um momento decisivo ocorreu quando John Ali visitou a mesquita e anunciou que Chicago estava "recebendo cartas da Costa Leste com ameaças de tirar a vida do Pequeno Cordeiro". James ligou novamente para a casa de Malcolm e avisou Betty para "que o irmão tomasse cuidado". Mais tarde, ele e Malcolm conversaram por telefone, e James lhe disse: "Estão falando em matar você". Malcolm riu. "Ouça, irmão", disse ele, "não sou muçulmano de domingo. Dediquei doze anos da minha vida a isto aqui... Se tentarem me fazer mal, a Nação se voltará contra eles."[65] Malcolm simplesmente não compreendia que John Ali e outros funcionários da NOIestavam lançando os alicerces para sua expulsão permanente, ou para seu assassinato. Mas pediu a James para vê-lo aquela noite. "Fiquei pensando que eu não devia estar falando com esse sujeito", resmungou James, mas acabou concordando. Para evitar qualquer possibilidade de serem descobertos, marcaram encontro na esquina da rua 116 com a Segunda Avenida "no meio da noite".[66]

Malcolm pegou James e seguiu em direção oeste para o Morningside Park,

parando seu Oldsmobile Ninety-Eight azul junto ao meio-fio, entre as ruas 113 e 114 Oeste. No carro escuro, Malcolm finalmente começou a falar, desabafando: "Não discuti com ele", contou James. "Fiquei só ouvindo... Ele falou sobre corrupção na Nação e muita coisa sobre outro assunto." James já tinha ouvido falar das relações extraconjugais de Muhammad, e não ficou chocado. Quando Malcolm mencionou os filhos de Muhammad com outras mulheres, James explicou: "Sem querer ser grosseiro, eu disse: 'Quer dizer que o sr. Muhammad está dando suas trepadinhas'. Ou seja, isso é parte do poder, não é?... Por isso, aquilo me deixou meio confuso. Aí eu falei: 'Líder islâmico, há um conceito filosófico de poligamia'". Mas Malcolm continuou a falar, justificando suas ações e explicando como poderia ser readmitido na Nação. James estava perplexo. "Minha posição era muito simples. Eu disse: 'Eles estão falando em matar você'." Dessa vez, ele fez questão de não deixar nenhuma dúvida, repetindo: "Veja, irmão, você era bem-visto pelo sr. Muhammad. E espero que volte a cair em suas graças. [Mas] não, você não vai voltar para a Nação. As pessoas estão falando em matar você".[67]

Malcolm finalmente calou. James percebeu que teria de decidir, ali, naquele momento, se deixaria a Nação do Islã com Malcolm. Contrariando seu próprio discernimento, disse: "Ouça, não sei quais são seus planos. Mas eu o ajudarei durante um ano". Só havia uma condição: "Não me sacaneie. Não me diga nada que não seja verdade, ou não me diga que é verdade uma coisa que não seja... Não estou perguntando o que vai fazer, como vai fazer, só quero que não minta para mim".[68] Malcolm levou James de volta para seu apartamento e desapareceu na noite.

No fim de fevereiro, o capitão Joseph procurou um homem do FOI chamado Anas Luqman, colega de quarto de James 67X, para combinar um encontro. Luqman tinha ingressado na Nação poucos anos antes, mas seu treinamento na Marinha e suas habilidades nas artes marciais lhe garantiram um papel importante no Fruto do Islã. Em parceria com Thomas 15X Johnson e vários outros, ele fazia parte do mais alto pelotão de segurança, cujo objetivo, como explicaria posteriormente, era descobrir "um jeito discreto de acabar uma situação ruim". Os membros do pelotão evitavam andar armados e buscavam a máxima discrição. "Era preciso saber agir de outra maneira", contou ele, "porque não queríamos perturbar o público mais do que o necessário." Luqman achava Malcolm impressionante, e tinha por Joseph grande aversão e desconfiança. Um

encontro com o capitão Joseph não era uma perspectiva atraente, mas Luqman concordou em vê-lo perto do restaurante da NOI. Durante a conversa, Joseph deixou clara sua intenção. Ele sabia do treinamento de Luqman na Marinha e por alguma razão achava que tivesse experiência em balística, o que não era o caso. Deu uma ordem expressa a Luqman: "Coloque no carro [de Malcolm] uma bomba que acabe com ele". A ordem era altamente inusitada, porque violava o protocolo de rotina para a execução de tarefas disciplinares. Luqman sabia que Joseph nunca dava ordens diretas para membros do foi; ditava suas ordens para os tenentes, que serviam como barreira de proteção entre Joseph e aqueles que cumpriam a missão. "Não havia testemunhas. Joseph não era estúpido. Eu estava ali sozinho com ele, e foi isso que aconteceu."[69]

Quando os dois se separaram, Luqman sentiu-se incomodado. Tinha ingressado na Nação não por causa do seu programa espiritual, mas por suas posições de princípio sobre raça — a ênfase na posse da terra, no desenvolvimento do comércio e na solidariedade negra. Tinha aplaudido a decisão de Malcolm de protestar contra a intimidação e a prisão de vendedores do Muhammad Speaks, tendo até participado da manifestação de janeiro de 1963 na Times Square. No fim daquele ano ele sentia-se cada vez mais impaciente com o gradualismo da Nação do Islã, e agora lhe pediam que executassem o único homem da organização capaz de fazer a política negra avançar. Era demais, pensou. "Eu tinha de romper com eles todos".[70] Por lealdade a Malcolm, Luqman o procurou para contar sobre a ordem dada por Joseph. Em retrospecto, parece provável que o capitão do foi não tivesse intenção de matar Malcolm naquela época e quisesse apenas preparar uma armadilha para ele e Luqman. "Joseph era muito escorregadio, cara", contou James 67X. "Não era bobo. Uma vez Joseph me disse: 'Generais vêm e generais vão, mas J. Edgar Hoover — está lá o tempo todo. Não vai ser removido'."[71] Joseph já sentia quais eram as lealdades de Luqman e calculou que ele certamente contaria a Malcolm sobre o carro-bomba. Se Malcolm ainda pretendesse permanecer na Nação, o protocolo de segurança exigia que informasse a Chicago sobre o suposto complô. Se não informasse, era porque pretendia sair.

Mais ou menos na mesma época, Malcolm encontrou-se com seu velho amigo e protegido Louis X pela última vez. Àquela altura, depois que Louis informou a Muhammad das discussões de Malcolm sobre seus casos amorosos, estava claro que a lealdade de Louis a Elijah Muhammad era mais forte. Mas, apesar da

amizade seriamente abalada, os sentimentos entre eles ainda persistiam. Louis foi chamado para falar no lugar de Malcolm em vários domingos, durante a suspensão, e quando Louis voltou de Boston foi conversar com Malcolm, apesar de ser proibido qualquer contato com membros advertidos. Malcolm chegou até a levá-lo de carro à mesquita para que ele pronunciasse seus sermões dominicais.

Tempos depois Farrakhan interpretaria o rompimento de Malcolm com a Nação do Islã em termos um tanto inusitados: achava que Elijah Muhammad vinha testando Malcolm para assumir a liderança, e que Malcolm não passou no teste. Mas por ocasião do seu último encontro, Louis já tinha sido escolhido por Muhammad como orador substituto de Malcolm no Dia do Salvador de 1964, e o ministro de Boston estava claramente sendo preparado para assumir um importante papel de liderança, provavelmente o de Malcolm. Se seu mentor não passara num teste, seria no teste em que ele logo passaria. Farrakhan achava também que o fato de Muhammad ter engravidado Evelyn Williams era um dos grandes motivos de raiva para Malcolm. Quando soube que ela estava grávida, contou Farrakhan, "Malcolm começou a falar cada vez menos nos ensinamentos [de Elijah Muhammad e] tornou-se cada vez mais político".[72]

Na última vez em que saíram juntos, contou Farrakhan, eles circularam pela cidade até tarde da noite no automóvel de Malcolm.

> Ele me falou do seu amor por Evelyn e disse que ia trazê-la para Nova York. Eu disse: "Irmão, por favor, não faça isso, Betty ficaria realmente magoada se você fizesse isso". E disse mais: "É melhor você deixar Betty onde ela está". Tivemos esse tipo de conversa. E ele sentou-se comigo e disse: "Irmão, meus inimigos um dia serão seus inimigos". Citou nomes de pessoas com quem eu deveria ter cuidado na Nação. E então me disse estas palavras: "Eu queria que você fosse um exemplo para mim, em vez de eu ser um exemplo para você". Foi essa a última conversa que tive com meu irmão.[73]

Malcolm não apenas previu que Louis tomaria o seu lugar como o principal porta-voz nacional da Nação; previu também o ódio do capitão Joseph, Raymond Sharrieff e outros líderes da NOIcontra ele. Mas o que Farrakhan não poderia imaginar era que, em pouco menos de dez anos, ele também seria expulso.

Tarde da noite de 6 de março, um discurso gravado por Elijah Muhammad foi levado ao ar pela rádio wwrl de Nova York, assim como por uma emissora de

rádio de Chicago. O objetivo imediato de Muhammad era garantir a lealdade de Cassius Clay. Com isso, ele tomaria de Malcolm sua última ficha. "Esse nome, Clay, não tem nenhum significado divino", anunciou Muhammad. "Espero que ele aceite ser chamado por um nome melhor. Muhammad Ali é o nome que lhe darei se ele acreditar em Alá e me seguir."[74] Malcolm ouviu o discurso de Elijah Muhammad no rádio do carro e ficou estupefato. Sua reação foi: "É uma jogada política. Fez isso para impedir que ele venha comigo". Representantes da NOIjá estavam reunidos com Clay no Hotel Theresa. Um dos artigos mais valiosos que lhe prometeram foi uma esposa, que, se desejasse, podia ser uma das netas do Mensageiro. Malcolm, na verdade, tinha tentado convencer Clay a não deixar a Nação, talvez achando que o jovem pugilista pudesse juntar-se a ele mais facilmente se não fosse pressionado. Dentro de poucos dias, Clay, agora Ali, preferiu ficar do lado de Muhammad. Numa entrevista a Alex Haley, ele admitiu que um dos fatores que levou em conta foi o medo. "Ninguém se opõe ao sr. Muhammad e fica por isso mesmo", disse ele a Haley; e, a respeito de Malcolm: "Não quero mais falar sobre ele".[75] Em 10 de março, o New York Times informou que "o campeão mundial de pesos pesados, de 22 anos, indicou que vai ficar ao lado da seita de muçulmanos negros, chefiada por Elijah Muhammad, e não se juntará a Malcolm X".[76] Em 21 de março, o Pittsburgh Courier anunciou que "o supremo esforço de Malcolm X... para 'vender' a si mesmo e a um novo programa, o 'Mesquita Negra', para o campeão mundial de pesos pesados Cassius X Clay fracassou por completo".[77]

A vida inteira de Malcolm parecia fugir do seu controle. Em 6 de março, ele foi parado pela polícia por dirigir em alta velocidade na ponte Triborough, em Nova York, e levou uma multa.[78] Um dia antes, tinha recebido uma carta de Mohammad informando que ele estava suspenso indefinidamente.[79] Isso, aliado ao fato de Muhammad Ali tomar o partido de Muhammad, deixou Malcolm numa enrascada. Seu salário mensal para despesas domésticas seria cortado. O dinheiro que ganhava como orador em faculdades e palestras públicas garantia uma renda modesta, e se precisasse tiraria um pouco mais da Doubleday como adiantamento pelo livro, mas não podia mais se dar ao luxo de adiar o rompimento com a organização.

Em 8 de março, ele foi de carro à casa do repórter M. S. Handler, do New York Times, e na presença da mulher de Handler anunciou sua decisão de deixar a Nação. A reportagem de Handler, "Malcolm X rompe com Muhammad", foi

publicada no dia seguinte. De início, ele fez o possível para evitar um confronto com a Nação do Islã. "Quero deixar bem claro que meu conselho a todos os muçulmanos é que fiquem na Nação do Islã, sob a orientação espiritual do Honrado Elijah Muhammad", declarou. "Não quero encorajar ninguém a me seguir." Malcolm sugeriu que sua saída da seita foi inspirada pelo desejo de ajudar a promover o programa da Nação. "Cheguei à conclusão de que posso difundir melhor a mensagem do sr. Muhammad se ficar longe da Nação do Islã e continuar a trabalhar por conta própria entre os 22 milhões de negros não muçulmanos dos Estados Unidos." Tentando instaurar a paz com seus críticos do movimento pelos direitos civis, ressaltou o compromisso "de cooperar com ações locais pelos direitos civis no sul e em outras partes". Para os nacionalistas negros seculares e ativistas independentes, declarou seu apoio à construção de "um partido nacionalista negro politicamente orientado" que "buscaria converter a população negra da não violência para a autodefesa ativa contra os militantes da supremacia branca em todas as partes do país". Ciente da necessidade de fundos, anunciou também: "Aceitarei todos os compromissos importantes para falar em faculdades e universidades".[80]

Se Malcolm ficasse apenas nisso, Muhammad e os funcionários da NOItalvez não tivessem retaliado com a crueldade que retaliaram. Mas, como no caso do comentário sobre as "galinhas", ele não conseguiu se segurar. Quando Handler lhe perguntou sobre os motivos da saída, o ministro respondeu: "A inveja cega os homens, impossibilitando-os de pensar com clareza. Foi o que aconteceu". Malcolm acusou a Nação do Islã de restringir sua independência política e sua participação no movimento pelos direitos civis. "Agora vai ser diferente", prometeu. "Vou entrar na luta sempre que os negros me pedirem ajuda."[81] Esses comentários certamente garantiram a escalada dos ataques polêmicos, e possivelmente físicos, contra ele.

Talvez em parte, Malcolm tenha desencorajado membros a deixarem a Nação para atenuar o nível das críticas contra ele. Mas do ponto de vista prático estava claro que ele não havia refletido bem, pois muitos membros já estavam em processo de desligamento. Primeiro, havia um grupo de tenentes e confidentes — James 67X Warden, Charles 37X Morris (também conhecido como Charles Kenyatta), Anas Luqman, Reuben X Francis e muitos outros — que estavam saindo da Nação basicamente por lealdade pessoal a Malcolm. Devido a seu vasto envolvimento no passado com a seita — por exemplo, o conhecimento das

atividades brutais do "esquadrão do fumo" —, eles também corriam risco de morte. Outro grupo incluía membros desgostosos com as críticas a Malcolm proferidas na Mesquita nº 7 e no restaurante havia meses, e que achavam que o ministro deveria ter tido o direito de defender-se perante toda a congregação. Depois da expulsão de Malcolm, um grupo de fiéis também saiu em defesa de seu antigo ministro dentro da mesquita. É impossível saber exatamente quantos muçulmanos deixaram a Mesquita nº 7 entre março e abril, durante a controvérsia acerca de Malcolm, mas é provável que não mais de duzentos membros em situação regular abandonaram a seita: menos de 5% dos fiéis que frequentavam a mesquita.

Alguns dos que saíram para se juntar a Malcolm eram membros antigos. Mas havia um número surpreendente de recém-convertidos, que não sabiam quase nada sobre a fonte de tensão entre as facções rivais da NOI. Um deles foi William 64X George. William era detento em Rikers Island quando outro preso o recrutou para a Nação. Em junho de 1963, ingressou formalmente na Mesquita nº 7. Deixou a Nação por duas razões básicas. No início de 1964, a NOIcomeçou a exigir que membros do foi vendessem milhares de exemplares do Muhammad Speaks. William recebeu ordem para vender pelo menos 150 exemplares por semana, que representavam centenas de dólares. Além disso, ele estava assustado com as ameaças verbais feitas pelo capitão Joseph e pelo ministro interino da Mesquita nº 7, James 3X Shabazz, que se referiam a Malcolm como "um hipócrita que deveria ser morto".[82] Em abril, William deixou a seita e logo se juntou ao grupo de Malcolm, tornando-se um dos seus principais seguranças.

Em 9 de março, Malcolm e um pequeno grupo de adeptos reuniram-se na rua 97, número 23-11, no Queens. Decidiram formar uma sociedade com o nome de Muslim Mosque, Incorporated (mmi) — Mesquita Muçulmana —, com Malcolm, o jornalista Earl Grant e James 67X, eleitos como administradores para servir até o primeiro domingo de março de 1965, quando uma segunda eleição seria realizada.[83] A MMI destinava-se a oferecer aos muçulmanos afro-americanos uma alternativa espiritual para a Nação do Islã. James, designado vice-presidente da MMI, tinha aconselhado Malcolm a encorajar "aqueles que estão na mesquita a ficarem na mesquita" na primeira entrevista coletiva da MMI, a ser dada em 12 de março. James calcularia depois que o núcleo de ativistas dedicados à MMI nunca ultrapassou os cinquenta, todos eles ex-membros da NOI.[84] Contudo, o ato de formar uma nova sociedade legalmente foi considerado provocação pela NOI.

Ainda naquele dia, Malcolm concedeu várias entrevistas, incluindo uma ao repórter Joe Durso, da wndt, Canal 13, de Nova York.[85] Em 10 de março, recebeu uma carta registrada da Nação, solicitando que ele e a família deixassem a casa de East Elmhurst, no Queens. Um mês depois, Maceo X, secretário da Mesquita nº 7, entrou com uma ação de despejo contra Malcolm no Tribunal de Justiça do Queens.

Em 11 de março, Malcolm mandou um telegrama para Elijah Muhammad, delineando algumas razões da sua saída. O conteúdo foi publicado no Amsterdam News, junto com uma entrevista.[86] Ele também concedeu uma coletiva no Hotel Park Sheraton, em Manhattan, na manhã seguinte. Ali, perante um grupo de repórteres e seguidores, leu seu telegrama, explicando mais uma vez por que saíra da Nação. Malcolm informou que sua nova sede seria no Hotel Theresa e revelou a intenção de abrir uma mesquita. Simpatizantes brancos poderiam doar fundos para ajudá-lo nesse novo movimento, mas nunca teriam permissão para ingressar "porque os brancos, quando entram numa organização, geralmente assumem o controle". Apesar de ter se comprometido a cooperar com grupos de direitos civis, boa parte da sua linguagem na coletiva parecia regozijar-se na violência apocalíptica. "A massa negra", previu ele, estava pronta para iniciar esforços de "autodefesa", rejeitando a não violência como estratégia. "Haverá mais violência do que nunca este ano... Os brancos ficarão chocados quando descobrirem que o 'negrinho passivo' que conheciam na verdade é um leão que ruge. É melhor que os brancos compreendam isto enquanto é tempo."[87]

A entrevista coletiva foi um desastre em quase todos os níveis. De alguma forma, Malcolm conseguira levantar dinheiro para alugar a chique Tapestry Suite no Sheraton, mas o MMI ficou privado de recursos financeiros. Em seu artigo seguinte no Times, Handler disse que apesar da declaração anterior de Malcolm de que "não procuraria tirar membros do movimento de Elijah Muhammad", tudo indicava que ele tinha intenção de lançar uma organização rival. E para os líderes de direitos civis empenhados na integração racial e na não violência, as previsões de violência nas ruas confirmavam sua reputação de niilismo e opressão. Em vez de ampliar uma possível base, as ações que ele tomou imediatamente depois de romper com Muhammad o isolaram ainda mais.[88]

É altamente improvável que Malcolm tenha consultado Betty sobre sua decisão de deixar a Nação; ele ainda a via, basicamente, como observadora passiva. "Nunca duvidei um momento de que Betty, depois do susto inicial,

mudaria de ideia para se juntar a mim", explicaria Malcolm mais tarde.[89] Enquanto ele fazia grandes pronunciamentos sobre suas intenções, a mulher preocupava-se com problemas práticos. Um quarto filho estava a caminho. Como sobreviveriam financeiramente? Betty temia, com razão, que logo fossem despejados da casa. Também identificou a ambivalência do marido com relação a Muhammad e à Nação — ao longo do mês de março ele continuava elogiando o programa da Nação do Islã. "O último laço", observaria Betty posteriormente, "ainda estava por romper."[90]

---

* Em inglês: "The chickens coming home to roost", expressão idiomática usada como referência a um castigo aplicado por erros cometidos no passado. (N. T.)

11. Uma revelação no hajj

12 de março-21 de maio de 1964

A saída de Malcolm da Nação do Islã coincidiu com um dos períodos mais intensos da luta pelos direitos civis, época em que a frágil unidade que tornara possíveis os esforços em Montgomery e Birmingham dava sinais de tensão. As disputas entre radicais, como John Lewis, e líderes negros mais convencionais, como Martin Luther King e Ralph Abernathy, não tinham diminuído, e as metas, à medida que finalmente pareciam ao alcance da mão, tiveram o peculiar efeito de fragmentar ainda mais o movimento. O êxito da Marcha sobre Washington em 1963 deveria ter consolidado o poder de King, mas quase imediatamente depois do evento muitos líderes negros procuraram distanciar-se de marchas e protestos públicos, passando a trabalhar para exercer influência direta sobre a orientação política do Partido Democrata. A legislação da esperada Lei dos Direitos Civis tinha chegado ao Senado no fim de 1963, mas dois meses depois o impasse forçado por recalcitrantes senadores sulistas não dava o menor sinal de resolver-se. Com o passar das semanas, e dos meses, a frustração crescia, exacerbada pela forte reação adversa à ação militar americana no Vietnã.

Fora da Nação, mas não completamente liberto, Malcolm foi obrigado a lutar corpo a corpo com o passado e com o futuro ao mesmo tempo. A decisão de romper laços fez dele uma espécie de agente livre, e alguns grupos e líderes perceberam a vantagem potencial de atraí-lo para a comunidade dos direitos civis. Mas Malcolm ainda trabalhava para consolidar suas próprias ideias, acerca do Islã e da atividade política, e as feridas deixadas pelo rompimento com a Nação do Islã ainda eram recentes demais para que ele pudesse, de fato,

recomeçar a vida. Naquelas primeiras semanas, oscilou entre reafirmar sua lealdade às ideias de Elijah Muhammad e denunciar publicamente sua moralidade frágil, às vezes em discursos pronunciados apenas poucos dias uns dos outros. Ao mesmo tempo lutava para demarcar território para a MMI, à parte da Nação, e nisso o caminho mais promissor era o que Elijah Muhammad tinha restringido: os direitos civis. Em certo sentido, deve ter sido uma libertação; sem a vigilância constante de John Ali e Raymund Sharrieff, ele pôde se livrar dos últimos vestígios de comedimento. Uma das primeiras declarações da MMI à imprensa dizia: "A respeito da não violência: é criminoso ensinar um homem a não se defender quando se é vítima constante de ataques brutais. É legítimo e legal ter espingarda ou fuzil... Quando nosso povo é mordido por cães, é seu direito matar esses cães".[1] Quando o comissário de polícia de Nova York, Michael Murphy, condenou esses comentários, classificando-os de "irresponsáveis", Malcolm respondeu que a condenação era um "cumprimento".[2]

Em seus esforços para estabelecer-se como uma força individual, ele lançou uma ampla rede intelectual de captação, indo de poderosos argumentos sobre a importância do nacionalismo negro a expressões ocasionais de apoio à dessegregação. Em 14 de março, ele compareceu a uma reunião em Chester, Pensilvânia, de líderes de direitos civis da Costa Leste, incluindo o mais destacado defensor da dessegregação em escolas públicas na área metropolitana de Nova York, o reverendo Milton Galamison; o comediante e ativista social Dick Gregory; e a ativista de Cambridge, Gloria Richardson. Poucas semanas antes, ele ainda estava na Nação do Islã denunciando, rotineiramente, a integração, mas agora endossava os esforços para promover a dessegregação nas escolas e a melhoria na qualidade da instrução pública dos negros.[3] Foi o marco de uma concessão inicial e tentativa à ideia de que talvez os afro-americanos pudessem algum dia se fortalecer dentro do sistema existente. Naquele mesmo dia, Malcolm tinha dado uma entrevista ao Amsterdam News na qual acusara a Nação de tentar assassiná-lo, uma referência ao complô tramado pelo capitão Joseph que Anas Luqman tinha divulgado. Apesar da certeza de que provocariam uma resposta furiosa da Nação, esses comentários também davam a Malcolm espaço para respirar. Com a ameaça tornada pública, ficava mais difícil para a Nação tomar qualquer medida contra ele. Ainda assim, as afirmativas de Malcolm provavelmente não eram levadas a sério pela maioria dos observadores da NOI. Até 1964, a violência e as surras que praticavam contra seus membros

tinham em grande parte escapado ao exame público. Também era de conhecimento geral que os integrantes do Fruto jamais andavam armados, e o conhecido gosto de Malcolm pela hipérbole e pelo extremismo provavelmente levou a polícia e a maioria dos negros a ignorarem suas declarações.[4]

Em 16 de março, a Mesquita Muçulmana tornou-se uma entidade legal, preenchendo um certificado de incorporação ao condado de Nova York, e dando como endereço o Hotel Theresa, suíte 128, 2090, Sétima Avenida — na realidade, um grande salão localizado no mezanino.[5] Dois dias depois, na Universidade Harvard, Malcolm pôs-se a trabalhar para definir as metas da organização. O homem negro, dizia ele, tinha que "controlar a política em sua própria área residencial votando... e investindo em comércio dentro das áreas negras". Os afro-americanos tinham se "desiludido com a não violência" e agora estavam "prontos para qualquer ação que trouxesse resultados imediatos". Esses comentários continham as sementes daquilo que, poucos anos depois, desabrocharia no movimento Black Power. Segundo dados da vigilância do FBI, durante a sessão de perguntas e respostas em Harvard lhe perguntaram se era a favor de uma revolução sangrenta. Malcolm disse que não, ressaltando, porém, que o afro-americano "tem sangrado o tempo todo, mas o homem branco não reconhece isso como derramamento de sangue, e não o reconhecerá até que ele, homem branco, sangre um pouco".[6] Não foi um endosso da violência, mas essa declaração e outras do gênero tornavam mais difícil para os críticos avaliar se sua militância diminuía. No dia seguinte, ele concedeu uma longa entrevista ao escritor afro-americano A. B. Spellman, que apareceu no periódico marxista independente Monthly Review naquele mês de maio, e mais uma vez negou que defendesse a violência. Mas, se Malcolm procurava evitar controvérsia sobre esse assunto, os comentários que fez sobre os judeus durante a entrevista em nada contribuíram para atrair as simpatias dos progressistas. "Não somos, de forma alguma, racistas", declarou ele, mas em seguida acrescentou: "Os judeus têm sido os comerciantes e empresários da 'comunidade negra' há tanto tempo que é normal se sentirem culpados quando alguém diz que os exploradores dos negros são os judeus. Isso não quer dizer que sejamos antissemitas. Somos apenas contra a exploração".[7]

Além de preparar o programa da MMI, Malcolm esperava estabelecer a legitimidade da organização. Na Nação, ele tinha representado um grupo que somava de 77 mil a 100 mil pessoas, mas na MMI começou praticamente da

estaca zero. Foi provavelmente por essa razão que ele exagerou em suas declarações sobre o tamanho do grupo quando, poucos dias depois, apareceu no programa Listening Post, apresentado por Joe Rainey na wdas, da Filadélfia. Respondendo à pergunta de Rainey sobre se a MMI era uma organização nacional, Malcolm proclamou, pomposamente, que "grupos de estudantes de costa a costa" pediram informações sobre como poderiam se associar.[8] Mas, embora o grupo lutasse, de início, para conquistar adeptos, Malcolm continuava a atrair consideráveis multidões. Em 22 de março ele foi o principal orador de um comício patrocinado pela MMI no Rockland Palace, que atraiu mil pessoas, público surpreendente levando em conta as recentes acusações de ameaça de morte feitas por Malcolm. Repórteres que cobriam o evento conjeturaram que Malcolm planejava formar "um exército nacionalista negro".[9]

O trabalho de formar qualquer tipo de exército prometia ser lento e penoso. Pelo nome e pela natureza, a MMI era uma organização religiosa cujo crescimento se limitava aos muçulmanos; Malcolm ainda estava por estabelecer um movimento que reunisse não muçulmanos em torno da sua causa, por isso procurava membros da Nação que pudessem se desligar, apesar das prementes advertências de James 67X e de outros para que evitasse conflito. Com participação prevista no programa de rádio de Bob Kennedy em Boston, em 24 de março, Malcolm decidiu ir de carro, mais cedo. Acompanhado de James 67X e provavelmente também de Charles 37X Kenyatta, ele se reuniu com vários membros da NOI, quase certamente para falar sobre recrutamento. Embora corresse o risco de meter-se em encrenca caçando ilegalmente em terras de Louis X, a viagem fazia sentido do ponto de vista estratégico. Malcolm tinha estabelecido a mesquita de Boston, e a presença de Ella na cidade dava-lhe um ponto de apoio especialmente firme em certa parte da comunidade negra.

O tema de discussão do programa de rádio de Bob Kennedy tinha sido anunciado originariamente como "Negro: separação e supremacia", mas Kennedy queria que Malcolm explicasse sua mudança de opinião desde que deixara a Nação do Islã. Malcolm viu-se em terreno difícil. Apesar de tudo que viera a público, ele sentia uma persistente lealdade para com o homem que, mais do que qualquer outro em sua vida, desempenhara o papel de pai, e respondeu reafirmando sua fidelidade espiritual e ideológica ao Mensageiro. Afirmou, sem hesitação, que tudo que sabia era "resultado da obra de Elijah". Para conciliar essa declaração e o rompimento com a Nação, explicou que somente se

estabelecendo como força independente poderia pôr em ação os ensinamentos de Muhammad. Evitou fazer críticas a líderes dos direitos civis, abrindo apenas uma exceção. "Martin Luther King precisa inventar uma nova abordagem nos próximos anos", previu, "ou será um homem sem seguidores." Mais uma vez se deleitou na pose de vingador da raça: "Até agora só os negros sangraram, e isso não é visto pelos brancos como derramamento de sangue. Para que o homem branco considere um conflito sangrento, é preciso que sangue branco seja derramado".[10]

Mas naquele momento Malcolm lutava muito para aceitar o que sentia em relação aos ensinamentos do Mensageiro. Ao longo dos anos, enquanto sua fidelidade ao dogma central da NOIdiminuía, seu interesse pelo Islã ortodoxo aumentava cada dia mais. Em seu papel de ministro nacional, respondera a dezenas de cartas, públicas ou particulares, de autoria de muçulmanos ortodoxos atacando a Nação por seus princípios religiosos, e a pressão constante e o desdém não conseguiram abalar suas hipóteses sobre o Islã, aumentando sua curiosidade. Agora, sem uma organização que o definisse, percebeu que a estrutura do Islã ortodoxo poderia lhe dar uma nova base espiritual, e nesse momento, quando qualquer rumo lhe parecia possível, viu a oportunidade de realizar o sonho que acalentava desde a primeira visita ao Oriente Médio em 1959: fazer uma peregrinação a Meca.

Antes de sua suspensão no ano anterior, ele voltara a ter contato com o dr. Mahmound Shawarbi, o professor muçulmano que conhecera em outubro de 1960 num evento patrocinado pela NOI. Os dois tinham mantido contatos esporádicos, mas, depois que Malcolm foi proibido de falar, seus encontros ficaram mais frequentes e intensos. O maior interesse de Malcolm pelo Islã ortodoxo agradava imensamente a Shawarbi, e quando Malcolm foi expulso da Nação, Shawarbi começou imediatamente a dar-lhe instruções sobre os rituais islâmicos apropriados. Encorajou a viagem de Malcolm e usou sua influência com os sauditas para abrir caminho pelos canais diplomáticos; além disso, avisou amigos e colegas no Oriente Médio sobre a iminente visita de Malcolm à região, pedindo-lhes que lhe dessem assistência.

Shawarbi foi essencial para o desenvolvimento de Malcolm em outros sentidos. Persistentemente, mas sem confronto, ele o desafiava a repensar sua visão do mundo com base na raça, admitindo que muitos outros muçulmanos ortodoxos também deixavam muito a desejar no que dizia respeito aos ideais

suprarraciais que professavam. Finalmente convenceu Malcolm de que o Alcorão, tal como concebido nas recitações do profeta Maomé, era racialmente igualitário — e que consequentemente os brancos, por intermédio da submissão a Alá, iriam se tornar irmãos espirituais dos negros.[11]

Na época de sua viagem de recrutamento a Boston, Malcolm já tinha tomado a decisão de ir a Meca. A oportunidade de purificação espiritual naquele momento de grande mudança e incerteza era importante demais para ser desperdiçada. Foi provavelmente durante essa viagem a Boston que Malcolm visitou Ella e lhe pediu que emprestasse o dinheiro, cerca de 1300 dólares, de que precisava para a peregrinação. Apesar de todos os problemas que um tinha causado ao outro desde que ele passara a morar com ela ainda adolescente, ela concordou.

Em 26 de março, Martin Luther King Jr. estava no Capitólio com planos de discutir o procrastinado projeto de lei de direitos civis de 1964 com os senadores Hubert Humphrey e Jacob Javits, entre outros. Naquele momento King atravessava um período difícil, quando até mesmo assessores próximos como James Bevel advertiam que "as pessoas estão perdendo a fé... no movimento não violento".[12] Quando King se deslocou até uma sala fora do plenário do Senado para discutir a situação com a imprensa, Malcolm, que também visitava o lugar aquele dia, entrou para ouvir. Depois da conferência, os homens saíram por portas separadas; mas quando caminhava pela movimentada galeria do Senado, observando as táticas protelatórias dos senadores favoráveis à segregação, King deparou com Malcolm e vários assessores. Malcolm provavelmente não desejava um encontro informal, menos ainda uma fotografia encenada. Foi James 67X que, astutamente, armara toda a cena, fazendo seu chefe contornar uma coluna de mármore até que ele e King de repente se viram frente a frente. Um fotógrafo presente na galeria tirou uma foto dos dois trocando um aperto de mãos, que viria a simbolizar as duas grandes correntes de consciência negra que floresceram nos anos 1960 e depois. Foi a única vez na vida que os dois se encontraram.[13]

Mas o aperto de mãos assinalou uma transição para Malcolm, cristalizando um afastamento da retórica revolucionária que fazia o seu "Mensagem às bases" apontar para um rumo parecido com o que King trabalhara toda a vida adulta

para alcançar: a melhoria da condição negra pela mudança do sistema americano. Três dias depois do encontro, Malcolm fez um discurso no salão Audubon para seiscentas pessoas que serviu de alicerce para um discurso mais famoso que pronunciaria uma semana depois. Apesar de o tópico anunciado, "O voto ou a bala", parecer incendiário, o discurso trazia uma mensagem muito mais convencional, que vinha definindo o movimento de direitos civis desde 1962: a importância do direito de votar. No discurso, Malcolm enfatizou que os moradores do Harlem, e por extensão os negros de qualquer lugar, precisavam registrar-se como eleitores. Ficara para trás a alegação da Nação do Islã de que participar do sistema surtiria pouco efeito. Agora Malcolm propunha uma frente negra unida que assumisse o controle do futuro econômico e político dos negros. "União é a religião certa", insistiu ele. "Os negros precisam esquecer suas diferenças e discutir os pontos em que possam chegar a um acordo." Também pôs em dúvida a capacidade do movimento de direitos civis de compensar os negros por "310 anos de trabalho escravo não pago".[14] Mas o mais significativo de tudo era a troca do uso da violência pelo exercício do direito do voto. Ao adotar essa postura, ele implicitamente rejeitava a violência, mesmo que isso às vezes fosse difícil de distinguir no calor de sua retórica.

No dia seguinte ele sentou-se para uma entrevista com o Militant, o jornal do SWP. Durante décadas, o partido promovera o nacionalismo negro revolucionário. O próprio Liev Trótski achava que os americanos negros seriam a vanguarda da inevitável revolução socialista nos Estados Unidos.[15] A separação de Malcolm da Nação do Islã e seu endosso do registro eleitoral e dos protestos em massa de afro-americanos pareciam, aos trotskistas, um avanço em direção ao socialismo.

Quando Malcolm chegou à Igreja Metodista Cory, em Cleveland, em 3 de abril, para falar num grande comício público patrocinado pela seção local do CORE, ele tinha refinado "O voto ou a bala", transformando-o em uma formidável peça de oratória. A maior parte do CORE de Cleveland tinha adotado Malcolm como um líder do movimento, e uma multidão de 2 a 3 mil pessoas, incluindo muitos brancos, enchia a igreja. O programa da noite fora formatado como um diálogo entre Malcolm e seu velho amigo Louis Lomax. Lomax falou primeiro, apresentando uma mensagem de direitos civis pró-integracionista que mereceu o aplauso respeitoso da plateia. A fala de Malcolm foi extraída de seu recente discurso no Audubon, mas acabou formando algo maior, um feroz

comentário sobre a situação. De um lado, o discurso capturou o estado de espírito dos Estados Unidos negros, que passava lentamente da crença na eficácia da não violência para uma insatisfação e impaciência generalizadas com o movimento de direitos civis. No começo de 1964, quando o SNCC e o CORE começavam a tomar posições mais limitantes, a atmosfera da política racial ficou mais pesada, com a possibilidade de violência; a rigor, dentro de seis meses, tumultos raciais explodiriam em bairros negros em todo o Nordeste. "Agora temos em cena nos Estados Unidos de hoje", disse Malcolm à multidão, "o tipo de negro que já não pretende oferecer a outra face." Ao levantar o fantasma da "bala", ele reconhecia que um grande esforço seria necessário para desviar o país da rota da catástrofe. Mas, ao discutir o "voto", mantinha a esperança de que tal mudança de curso era possível.

A primeira parte da palestra de Malcolm fazia um apelo em favor da união negra, apesar das disputas ideológicas. "Se temos diferenças", afirmou Malcolm, "sejamos diferentes cá entre nós; quando viermos para a frente, que não haja nada a discutir até acabarmos de discutir com o homem." Esse sentimento contradizia, frontalmente, o "Mensagem às bases", que tinha ridicularizado King e outros ativistas de direitos humanos. Para Malcolm, uma precondição para a união era encontrar a base secular para um terreno comum, razão pela qual ele também lutava para desconectar sua identidade de ministro muçulmano de suas ações políticas. "Assim como Adam Clayton é um ministro cristão", observou Malcolm, ele era um ministro muçulmano dedicado à libertação dos negros "por quaisquer meios necessários". Malcolm fez meia-volta então e passou a denunciar os dois principais partidos políticos, bem como a estrutura de poder dos Estados Unidos, que continuavam a negar à maioria dos negros uma oportunidade real de votar. Malcolm acabou vendo o voto como ferramenta necessária para os afro-americanos assumirem o controle das instituições de suas comunidades. Lembrou a sua audiência o poder que um bloco de eleitores negros teria num país dividido, afirmando que "foi o voto do homem negro" que garantiu a vitória da chapa Kennedy-Johnson na eleição presidencial anterior. Mas fixou na multidão a ideia de que das duas opções, o voto ou a violência, os Estados Unidos com certeza ficariam com pelo menos uma. Assim estava predeterminado, com jovens negros atirando coquetéis molotov nas ruas de Jacksonville. "Este mês será coquetel molotov, no próximo granada de mão, no mês seguinte qualquer outra coisa", assegurou ele à multidão. "Será o voto, ou

será a bala." Mas, por mais sinistra que parecesse, a mensagem ainda representava um passo atrás da beira do abismo da violência inevitável sugerido em "Mensagem às bases". O voto oferecia uma saída: Malcolm sugeriu que se o governo federal garantisse plenos direitos eleitorais aos afro-americanos em todo o país poderia evitar uma conflagração sangrenta. O que havia de significativo também a respeito do discurso era o que dele agora estava ausente: Malcolm já não afirmava que Elijah Muhammad tinha o melhor programa para satisfazer os interesses dos negros.[16]

O pequeno grupo de trotskistas na Igreja Metodista Cory ficou eletrizado com a apresentação de Malcolm, que parecia confirmar sua própria teoria de que o nacionalismo negro revolucionário poderia ser deflagrado pondo-se em marcha uma revolução socialista nos Estados Unidos. A cobertura do evento de Cleveland pelo Militant destacou, em tom de aprovação, a reprimenda de Malcolm ao "partido Democrata; ao 'conto do vigário que eles chamam de obstrução legislativa' e aos 'trapaceiros políticos brancos' que impedem os negros de controlarem sua própria comunidade". Às vezes durante a fala Malcolm pareceu afastar-se de uma análise baseada em raça para adotar uma perspectiva de classe. "Não sou antibranco", insistia Malcolm, "sou antiexploração e antiopressão." O Militant mencionou o apoio de Malcolm à criação de um partido nacionalista negro e sua convocação para uma "convenção nacionalista negra em agosto [de 1964], com delegados de todo o país".[17]

A palestra de Malcolm foi gravada, e logo milhares de cópias foram distribuídas. Atrás apenas de "Mensagem às bases", "O voto ou a bala" se tornaria uma das falas mais citadas de Malcolm.[18] O FBI vigiou de perto a palestra, e parece ter reconhecido o novo apelo de Malcolm para um número cada vez maior de brancos. A investigação concentrou a atenção em dois argumentos centrais: que o projeto de lei de direitos civis sendo procrastinado no Senado não seria aprovado ou, se a lei fosse assinada pelo presidente Johnson, não seria aplicada; e que os afro-americanos deveriam abrir clubes de tiros. "É legal qualquer pessoa ter um fuzil ou espingarda e é direito de cada indivíduo defender-se de qualquer um que tente impedi-lo de obter o que é legalmente seu", teria dito Malcolm, de acordo com o relatório.[19]

Pelo começo de abril de 1964, Malcolm não via a hora de deixar o país; dias depois do discurso em Cleveland, comprou um bilhete aéreo para viajar pelo Oriente Médio e pela África, com escalas em Lagos, Acra, Argel, Cairo, Jidá e

Cartum. Se a viagem prometia restauração espiritual, na prática oferecia uma trégua, dando-lhe pelo menos um mês para distanciar-se de suas relações cada vez mais combativas com a Nação e seus representantes. O descanso já vinha tarde. Depois do rompimento de 9 de março, ele tinha passado o resto do mês vendo a tensão aumentar. Elijah Muhammad pressionara dois irmãos de Malcolm, Philbert e Wilfred, ministros das mesquitas de Lansing e Detroit, respectivamente, para que o denunciassem publicamente como hipócrita e traidor. Pior, a Nação voltou suas baterias contra o refúgio de Malcolm. Um dia depois que o artigo de Handler apareceu no Times anunciando o rompimento, o capitão Joseph tinha ido à casa de Elmhurst para exigir os documentos de constituição da mesquita e outros objetos de valor, que Malcolm entregou com relutância. No último dia de março, o advogado Joseph Williams, atuando em nome do secretário da Mesquita nº 7, Maceo X Owens, entrou com uma representação no condado do Queens exigindo o despejo de Malcolm e sua família.[20] Indignado, Malcolm conseguiu que o procurador de direitos civis do Harlem, Percy Sutton, contestasse a ação, mas a briga logo o deixou esgotado e deprimido. Não estava na disputa de corpo e alma. Ao longo do mês de abril, parecia desinteressado do desenrolar do processo e inteiramente concentrado na viagem que tinha pela frente.

Pouco mais de uma semana antes da data prevista para a partida, a MMI realizou um fórum noturno no Audubon, com Malcolm e a líder de direitos civis da Carolina do Norte, Willie Mae Mallory. A participação de Mallory associava Malcolm diretamente ao sedicioso exilado Robert Williams, autor de Negroes with Guns [Negros com armas] e um dos primeiros proponentes da autodefesa armada dos negros. Malcolm insistiu em que o Movimento de Liberdade dos Negros deixasse de se concentrar em "direitos civis" e passasse a exigir "direitos humanos", como definia a lei internacional. Mais uma vez ressaltou a necessidade do voto. O escritório do FBI em Nova York calculou que havia quinhentas pessoas na plateia. "Ele citou casos passados de linchamento de negros nos Estados Unidos, acusando o governo de genocídio", informou o FBI.[21]

Em 8 de abril, em Palm Gardens, Nova York, Malcolm fez uma palestra que rompeu abruptamente o molde da NOI. A palestra pública tinha sido patrocinada pelo Fórum Trabalhista Militante, o grupo beneficente do Partido Socialista dos Trabalhadores. Em tese, ele falava para um grupo eclético de ativistas não alinhados, marxistas independentes e nacionalistas negros, mas na realidade era

uma plateia majoritariamente marxista com muitos seguidores leais de Malcolm também presentes.[22]

Malcolm também preparava os colegas para sua longa ausência, autorizando James 67X a atuar como presidente interino da MMI e a responder a todas as comunicações e à correspondência. Apesar de todos os arranjos de último minuto que lhe exigiam atenção, ele concordou em tomar o avião para ir mais uma vez a Detroit falar num comício do goal. O discurso complicava sua agenda realmente lotada, mas ele reconhecia que Detroit era terreno fértil para a mensagem que vinha cultivando em "O voto ou a bala". Nos anos transcorridos desde que fizera uma série de um mês de sermões na Mesquita nº 5 em 1957, a cidade continuara a desenvolver-se como centro nacional da militância negra operária. O número de membros da seção do sindicato United Auto Workers tinha crescido exponencialmente, e, como em muitas outras cidades do centro-oeste, a pesada base industrial e a segregação real produziram uma massa de operários militantes que viviam em guetos pobres e arruinados. Já tinham sido plantadas as sementes do violento descontentamento que tomaria conta da cidade no fim da década. Malcolm registrara o amplo impacto de Detroit em seu discurso "Mensagem às bases" em novembro de 1963, mas agora sua ênfase na exploração de classes e na difícil situação dos operários negros adequava-se ainda mais naturalmente ao estado de espírito da comunidade negra da cidade. Num momento em que buscava multiplicar o número de seguidores nacionalmente, ele não podia se dar ao luxo de ignorar um compromisso oratório de alta visibilidade perante uma plateia tão promissora.

O goal reservou a Igreja Batista Rei Salomão no bairro Northwest Golberg para o discurso de Malcolm, mas quando os líderes da igreja descobriram que Malcolm seria o principal orador, uma coalizão especial de ministros negros tentou inutilmente impedir sua participação.[23] Apesar de seus esforços, mais de 2 mil pessoas apareceram para ouvi-lo. Aproveitando muitas ideias tiradas dos seus discursos em Nova York e Cleveland, Malcolm apresentou, talvez, a mais refinada versão de "O voto" que jamais apresentaria; a gravação desse discurso mostra Malcolm no auge de seus poderes de orador. Nessa versão, ele trouxe para o primeiro plano a seção sobre nacionalismo negro, fazendo uma das exegeses mais incisivas já escritas. Falando numa entonação urgente e com os ritmos pulsantes de um músico de jazz, Malcolm disse à multidão que era "um nacionalista negro combatente da liberdade". Mais uma vez fez um apelo para

que seus seguidores "deixem sua religião em casa, no guarda-roupa", porque o objetivo era unir todos os afro-americanos, independentemente de suas ideias religiosas, em apoio ao nacionalismo negro. Como em seu discurso de Cleveland, Malcolm deu grande importância ao fortalecimento eleitoral dos afro-americanos. "[Se] os negros votassem juntos", insistiu, "poderiam decidir todas as eleições, porque o voto branco quase sempre está dividido."

Por baixo da retórica, havia uma inconsistência clara em sua lógica. Malcolm encorajava os afro-americanos a votarem, até mesmo a usarem toda a sua força em apoio a qualquer dos dois grandes partidos; mas, simultaneamente, os acusava de racismo, de serem incapazes de equanimidade com os negros. "Sou um dos 20 milhões de vítimas dos democratas — dos republicanos — do americanismo", declarou. O afro-americano que votava nos democratas "é não apenas um cretino, mas um traidor da raça".[24] Malcolm, a rigor, promovia o eleitoralismo, mas em termos práticos não oferecia aos negros nenhum meio efetivo de exercer seu poder. Em quem deveriam votar, se nenhum candidato seria capaz de trazer alívio real?

De volta de Detroit na manhã de 13 de abril, Malcolm mal teve tempo de despedir-se da mulher e dos seguidores antes de embarcar no voo para o Cairo naquela noite. Viajou com o nome de Malik el-Shabazz. Ao desembarcar no Cairo, notou a presença de vários funcionários de pele escura da empresa aérea no terminal; teriam "estado em casa no Harlem", anotou em seu diário.[25]

Durante os dois dias seguintes, Malcolm deliciou-se com a vida de turista, como o fizera em 1959. Livre das constantes preocupações sobre a Nação, de sua situação habitacional incerta e das pressões de construir uma organização, ele se permitiu evaporar num estado de repouso, embora a viagem que tinha pela frente trouxesse desafios próprios. Na quinta-feira, 16 de abril, ele entrou em contato e fez amizade com um grupo de hajjs prestes a iniciar a peregrinação a Meca. Como era para lá que também pretendia ir, todos concordaram em seguir juntos para Jidá, na Arábia Saudita, centro oficial de embarque para o hajj.[26] Malcolm sabia que para entrar na cidade santa de Meca teria de estabelecer suas credenciais religiosas como muçulmano ortodoxo perante um tribunal conhecido como "Tribunal do Hajj". Tendo chegado no fim da sexta-feira, dia em que o tribunal estava fechado, Malcolm conseguiu cama num dormitório que abrigava

centenas de hajjs internacionais. Pela maior parte do dia seguinte, ele tentou em vão reservar dia e hora para sua aparição no tribunal. O insucesso deixou-o em situação difícil. Para ser considerado oficial, o hajj precisa ser completado entre datas determinadas, começando no oitavo dia do Dhu al-Hijjah, o 12º mês do calendário islâmico; em 1964, essa data caiu em 20 de abril. Ficar mais tempo em Jidá significava perder o início, o que tecnicamente tornaria a realização dos rituais uma umrah, e não um hajj oficial, como ocorrera com a peregrinação de Elijah Muhammad anos antes. Frustrado, Malcolm lembrou-se então de algo que pudesse ajudar. Durante os preparativos da viagem, o dr. Shawarbi lhe dera um livro, The Eternal Message of Muhammad [A mensagem eterna de Maomé], de Abdul al-Rahman Azzam. Dentro do volume, Shawarbi anotara o nome e o telefone do filho do autor, que vivia em Jidá. Malcolm pediu a alguém que discasse o número, e em pouco tempo o dr. Omar Azzam apareceu no dormitório. Em questão de minutos os objetos pessoais de Malcolm foram empacotados e os dois homens seguiram de carro à residência do pai de Azzam. O velho Azzam permitiu que Malcolm ficasse em sua bem mobiliada suíte no Hotel Jeddah Palace. Aquela noite, Malcolm jantou com os dois, explicando-lhes a situação, e eles concordaram em ajudá-lo a obter permissão para participar do hajj.[27]

No dia seguinte, Malcolm, acompanhado por Abdul al-Rahman Azzam, compareceu diante do sheik Muhammad Harkon do Tribunal de Hajj, pedindo humildemente aos magistrados que lhe concedessem acesso a Meca. Malcolm fora apresentado ao sheik Harkon durante sua visita em 1959 e até tomara chá na casa do juiz, mas para conseguir aprovação precisaria convencê-lo de que tinha abandonado as ideias heréticas da Nação do Islã. Azzam falou em seu nome, assegurando ao chefe árabe que Malcolm era um muçulmano bastante conhecido e respeitado nos Estados Unidos e sincero devoto do Islã. O que se mostrou ainda mais convincente foi a intervenção favorável de Muhammad Abdul Azziz Maged, o vice-chefe de protocolo do príncipe saudita Muhammad Faisal. A familiaridade de Malcolm com os Azzam lhe deu acesso aos círculos reais, uma vez que a filha do velho Azzam era casada com o filho do príncipe Faisal. O endosso de Maged determinou que o caso fosse aprovado de imediato, e logo o príncipe Faisal mandou dizer que — nas palavras de Malcolm — "tinha decretado que eu seria hóspede de Estado".[28]

A peregrinação de Malcolm marcou seu ingresso formal na comunidade do

Islã ortodoxo, inserindo-o na tradição de peregrinos que remonta a 1300 anos, e vinculando-o a colegas visitantes de todas as nacionalidades, etnias e classes sociais imagináveis. Como o hajj é um dos cinco pilares do Islã, todos os muçulmanos, se tiverem capacidade de fazê-lo, são obrigados a completá-lo; a essência desse ritual de peregrinação é uma representação de episódios da vida de Abraão (ou Ibrahim), Hagar e Ismael (ou Ismail). O acontecimento mais dramático é o tawaf, no qual milhares de peregrinos circundam a Caaba, o local que simboliza o centro espiritual da fé islâmica. Enquanto circulam em torno da Caaba, os peregrinos procuram tocá-la ou beijá-la como sinal indicativo da renovação de sua aliança com Alá. O hajj também inclui o say, a corrida de peregrinos entre dois pequenos morros, repetindo o desespero de Hagar em busca de água para o filho Ismael; tomar água do poço de Zamzam; orar na planície de Arafat; e andar até o vale de Mina para repetir a provação de Abraão, que quase sacrificou o filho Ismael. O hajj purga todos os pecados anteriores do peregrino, e geralmente coincide com grandes mudanças na vida individual do muçulmano, como casamento e aposentadoria. Para Malcolm, sua saída da Nação do Islã foi o momento ideal para reexame e renovação espirituais, perfeitamente adequados ao objetivo do hajj.[29]

Como beneficiário do nepotismo saudita, Malcolm recebeu seu próprio carro particular, que lhe permitiu percorrer grande parte do trajeto de 190 quilômetros do hajj sem receio de ficar para trás. Acordou bem antes do amanhecer na terça-feira, 21 de abril, e depois das preces matinais e do café da manhã partiu para o monte Arafat. Comoveu-se profundamente na estrada de Arafat ao ver milhares de peregrinos de muitas raças avançarem aos esbarrões e cotoveladas, alguns a pé, outros em ônibus atulhados, ou montados em camelos ou jumentos. Jamais imaginara que fosse possível o igualitarismo que agora testemunhava. "O Islã promove a união de todas as cores e classes", observou em seu diário. "Todo mundo divide o que tem, os que têm com os que não têm, os que sabem ensinam aos que não sabem." A fé partilhada por todos os participantes parecia eliminar as divisões de classe, pelo menos tal como Malcolm as percebia.

Na manhã seguinte, Malcolm e outros peregrinos acordaram por volta das duas da madrugada e viajaram para Mina, onde cada um "atirou sete pedras no demônio", um monumento branco. Em seguida foram para Meca, onde Malcolm deu dois grandes giros em torno da Caaba, cada um de sete voltas; tentou mas jamais conseguiu tocar o local sagrado. "Bastou ver o fervor dos que se

amontoavam em volta dela para perceber que era inútil tentar", escreveu. Mais uma vez foi afetado pela tremenda diversidade dos hajjs. Durante os rituais do hajj, "todos estavam vestidos de branco, o horum de duas peças, com o ombro direito descoberto", observou.[30] No fim, "todos usam suas cores nacionais (vestimentas) e é realmente bonito de se ver. Parece que todos os países e todas as formas de cultura da Terra estão representados aqui".

Contudo, por mais que Malcolm visse as distinções de raça e classe desaparecerem na experiência unificadora do hajj, sua própria peregrinação foi tudo, menos representativa. As dificuldades diplomáticas que quase o impediram de fazer a peregrinação foram resolvidas por árabes brancos obsequiosos, que tinham ligações com a família real saudita, e fizeram dele um hóspede de Estado. Então, num dos últimos dias do hajj, ele se juntou a uma caravana chefiada por "sua excelência o príncipe herdeiro Faisal... que incluía dignitários do mundo inteiro". Do outro lado do corredor do quarto de hotel de Malcolm estava o grão-mufti de Jerusalém, Hajj Amin el-Husseini, primo de Yasser Arafat. Em seu diário, Malcolm observou que Husseini "parece muito querido. Conhece bem as questões internacionais e está em dia até com os últimos acontecimentos nos Estados Unidos". E, sem vestígio de ironia, acrescentou que o grão-mufti "chamava Nova York de Judeu York".**

Apesar disso, a poderosa visão de milhares de pessoas de diferentes nacionalidades e etnias rezando em uníssono para o mesmo Deus comoveu Malcolm profundamente, que lutava para conciliar os poucos fragmentos remanescentes do dogma da NOIem que ainda acreditava com o universalismo que viu materializado no hajj. Como muitos turistas, Malcolm comprou dezenas de cartões-postais, que despachou para conhecidos nos Estados Unidos. Essas cartas revelavam profunda mudança em sua atitude para com os brancos. Escrevendo para Alex Haley em 25 de abril, Malcolm confessou: "Comecei a me dar conta de que 'homem branco', como a expressão é comumente usada, significa cor da pele apenas secundariamente; primariamente descreve atitudes e ações". No mundo muçulmano, ele viu indivíduos que nos Estados Unidos seriam classificados como brancos e que, no entanto, "eram mais genuinamente fraternos do que qualquer outra pessoa jamais foi".[31] Malcolm não demorou para atribuir ao Islã o poder de transformar brancos em não racistas. Essa revelação reforçou sua decisão de afastar-se completamente da Nação do Islã, não apenas de seus líderes, mas também de sua teologia.

Se Malcolm encontrou muitos motivos de alegria em suas viagens pelo Oriente Médio, também desejou que o Islã exercesse papel mais ativo no cenário mundial. Ali foram plantadas as sementes da sua atividade de evangelista do Islã verdadeiro, mas ele via na relutância dos árabes ao proselitismo um problema que poderia prejudicar a difusão da religião. "Os árabes são fracos em relações públicas", escreveu. "Dizem insha Allah (se Deus quiser) e esperam; e enquanto esperam o mundo dá voltas." Malcolm esperava que um dia os muçulmanos entendessem "a necessidade de modernizar os métodos de propagação do Islã, e de projetar uma imagem que o mundo moderno pudesse compreender".[32] Porém, voltar para casa com um novo conhecimento dos rituais religiosos enchia-o de orgulho e exaltação. "Os muçulmanos negros dos Estados Unidos estariam entre os melhores muçulmanos da terra em qualquer lugar do mundo, se primeiro fossem encorajados a aprender o verdadeiro ritual da prece e a dizer suas preces em árabe", escreveu.

Ao chegar a Jidá, Malcolm conheceu um africano "muito extrovertido e franco", secretário do gabinete do primeiro-ministro nigeriano Ahmadu Bello. O secretário pôs Malcolm a par das recentes manifestações de desobediência civil de negros na Feira Mundial de Nova York em 1964 e falou de suas próprias e desagradáveis experiências com o racismo americano.[33] "Tinha sofrido muitos ultrajes que agora descreve com a mais intensa paixão, mas não conseguia entender por que os negros não tinham estabelecido algum grau de independência econômica comercial", observou Malcolm.

Em seguida, em 25 de abril, Malcolm tomou o avião para Medina, na Arábia Saudita, e continuou a fazer minuciosas anotações em seu diário de viagem. Estava convencido de que na peregrinação "todo mundo esquece de si mesmo e se volta para Deus, e da submissão a um Deus único há uma fraternidade, na qual todos são iguais". Sentiu uma paz interior que não experimentava desde os anos de cárcere em Massachusetts.[34] "Não há maior serenidade mental", refletiu, "do que quando se pode silenciar o barulho e o ritmo incessantes do mundo exterior materialista e buscar uma paz interior dentro de si." Na noite do mesmo dia, Malcolm escreveu: "A essência do Islã em seus ensinamentos sobre a unidade de Deus cria para o crente obrigações genuínas, voluntárias, com seus semelhantes (todos eles uma só família, irmãos e irmãs uns dos outros)... o verdadeiro crente reconhece a unidade de toda a humanidade".[35]

De volta a Jidá no dia seguinte, Malcolm percorreu o mercado local e

comprou um vistoso xale para Betty. Seus olhos foram atraídos por um colar, mas custava além de suas possibilidades. Embora Malcolm estivesse preparado para deixar a Arábia Saudita e fazer uma rápida visita a Beirute, no Líbano, o príncipe Faisal entrou em contato com ele no hotel e pediu-lhe que fosse ao seu encontro por volta do meio-dia do dia seguinte. Malcolm protelou a viagem, e quando os dois se encontraram o príncipe explicou "que não tinha qualquer outro motivo para oferecer a excelente hospitalidade que recebi... além da verdadeira hospitalidade oferecida por todos os muçulmanos a todos os muçulmanos". Faisal fez perguntas a Malcolm sobre as crenças teológicas da Nação do Islã, sugerindo que, "pelo que já li, de autoria de escritores egípcios, eles adotam o Islã errado" — em outras palavras, que sua compreensão dos rituais era alheia ao Islã ortodoxo, e estava fora dos limites da comunidade dos fiéis. Depois de sua experiência em Meca e no hajj, Malcolm nada pôde contestar ou negar. Enquanto tomava providências necessárias para se tornar um verdadeiro muçulmano, ele readquiria a certeza que o abandonara a cada nova revelação sobre a perfídia ou as infidelidades de Elijah Muhammad. Agora conseguia ver o papel que o Islã poderia desempenhar não só em sua vida espiritual, mas também em seu trabalho. Refletindo sobre as experiências no hajj, Malcolm concluiu que "nosso êxito nos Estados Unidos envolverá dois círculos, o nacionalismo negro e o Islã". O nacionalismo era necessário para vincular os afro-americanos à África, pensava ele. "E o Islã nos ligará espiritualmente à África, à Arábia e à Ásia."[36]

Malcolm partiu do movimentado aeroporto de Jidá e chegou a Beirute no meio da noite de 29 de abril; conseguiu quarto no Palm Beach Hotel a conselho do motorista do táxi que pegou no aeroporto. Parte de sua programação em Beirute era conhecer a organização Irmandade Muçulmana (im) do Líbano, que se dedicava a orientar os princípios do Islã para objetivos políticos. A Irmandade foi estabelecida originariamente no Egito em 1928 e espalhou-se por outros países árabes, como Síria, Líbano, Iêmen e Sudão, durante a Segunda Guerra Mundial e depois. Defendendo a independência nacional contra os colonialistas europeus, a reforma social, a filantropia e a mudança política em harmonia com as práticas islâmicas, pela altura dos anos 1950 tinha desenvolvido uma forte base entre profissionais de classe média, operários e intelectuais. No Egito, o mais destacado teórico nesse sentido era Sayyid Qutb, que pregava o amplo uso da jihad.[37]

A atração de Malcolm pela Irmandade provavelmente se devia a seus

fundamentos islâmicos, que davam à política do mundo real uma firme base espiritual. Ironicamente, essa posição era a oposta da que ele tinha alcançado nos Estados Unidos, quando concluiu que precisava separar seus grupos religiosos e políticos. Em Beirute, Malcolm visitou a casa do dr. Malik Badri, professor da Universidade Americana, a quem tinha conhecido no Sudão em 1959. Badri informou que Malcolm estava escalado para fazer uma palestra no dia seguinte.[38] Aquela noite, Malcolm reuniu-se com um grupo de estudantes sudaneses, que "estavam bem informados sobre os muçulmanos negros", escreveu ele, "e fizeram muitas perguntas a esse respeito e a respeito do problema racial nos Estados Unidos em geral".

Em 30 de abril, depois de um almoço na casa do dr. Badri, Malcolm fez uma palestra no Centro Cultural Sudanês em Beirute. O jornal local, o Daily Star, cobriu o discurso, publicando no dia seguinte um artigo de primeira página.[39] O New York Times também deu uma pequena notícia sobre a fala de Malcolm, descrevendo-a sobretudo como um ataque a Martin Luther King. De acordo com o Times, Malcolm "disse aos estudantes no Centro Cultural Sudanês que os negros nos Estados Unidos não conseguiram avançar nada no tocante à conquista dos direitos civis". Também declarou: "Só uma minoria de negros acredita na não violência".[40]

Aquela noite, Malcolm mencionou em seu diário que tinha visitado "os escritórios dos irmãos muçulmanos"[41] — ou seja, da Irmandade. De manhã cedo, quando Malcolm se preparava para tomar o avião para o Cairo, o dr. Malic "e outros membros da im me ofereceram uma festa de despedida muito comovente". Chegando ao Cairo na manhã seguinte, procurou seu contato local, Hussein el-Borai, diplomata egípcio que o ciceroneara pela cidade em 1959, e faria o mesmo durante a visita de 1964.[42] Os dois homens viajaram de trem para a vizinha Alexandria, chegando à antiga cidade portuária no começo da noite.[43]

Malcolm passou vários dias como turista em Alexandria, onde logo descobriu que fotos dele em companhia do campeão de pesos pesados Muhammad Ali circulavam amplamente na imprensa egípcia; consequentemente, Malcolm foi tratado como convidado especial, segundo observou, e perseguido por caçadores de autógrafos. "Dizer que eu era um muçulmano americano que acabava de voltar do hajj já era suficiente", escreveu no diário. "E mencionar Clay causava uma 'avalanche'." Malcolm passou a maior parte do dia no porto de Alexandria, "tentando desembaraçar-me da burocracia e passar artigos importados pela

alfândega".[44] Depois de um cochilo no fim da tarde, voltou naquela mesma noite para o Cairo, e durante dias refez contatos com muçulmanos locais, a maioria dos quais conhecera nos Estados Unidos ou na viagem de 1959. Malcolm também continuava encontrando egípcios que se recusavam a acreditar que ele pudesse ser ao mesmo tempo americano e muçulmano. Um garçom ignorou suas afirmações, dizendo a el-Borai que Malcolm "provavelmente era de Habachi (Abissínia)".[45]

Na terça-feira de manhã, 5 de maio, o filho de dezenove anos do dr. Shawarbi, Muhammad Shawarbi, pegou Malcolm no hotel para dar uma volta pela cidade e depois o levou ao aeroporto, de onde ele partiria para Lagos, na Nigéria. Depois de alguns atrasos, Malcolm chegou a Lagos em 6 de maio. No aeroporto, um funcionário nigeriano o reconheceu e o acompanhou até o Hotel Federal Palace.[46]

Malcolm passou alguns dias visitando a Nigéria, mas devido ao pouco tempo de que dispunha se limitou essencialmente a duas grandes cidades, Lagos e Ibadan. Diferentemente do Cairo, sua chegada à Nigéria, em meio a um mar de rostos negros, o informou de que desembarcara no centro da longa luta histórica que cada vez encontrava mais expressão em sua retórica no Harlem. Mas a situação na prática dificilmente se comparava à idealização prometida por seus discursos. Ali na África Ocidental, o que ele viu foi uma terra castigada pelos efeitos de batalhas reciprocamente destrutivas; as promessas políticas feitas quando a Nigéria conquistou sua independência em 1960 não tinham sido cumpridas, e dois anos depois da viagem de Malcolm o país mergulharia num pesadelo de ditaduras militares que se prolongaria por décadas.

Na quinta-feira, 7 de maio, ele teve um encontro com repórteres no hotel, e no fim da tarde passeou de carro por Lagos. Na volta encontrou à sua espera diversos contatos locais, entre eles o intelectual E. U. Essien-Udom.[47] O grupo partiu de carro para Ibadan, uma viagem que Malcolm descreveria como "assustadora". Aquela noite, pronunciou um vigoroso discurso na Universidade de Ibadan, patrocinado pela União Nacional de Estudantes Nigerianos, para uma plateia entusiástica de cerca de quinhentas pessoas. Malcolm diria depois que quase houve tumulto quando estudantes revoltados cercaram um palestrante antilhano que criticara seu discurso. Mas o mais memorável para Malcolm foi a honra que lhe conferiu a Sociedade de Estudantes Muçulmanos da Nigéria: um cartão de sócio com o nome "Omowale", expressão iorubá que significa "o filho

(a criança) que voltou".[48]

Com exceção de Meca, o ponto alto da viagem de Malcolm durante os meses de abril e maio de 1964 foi a visita a Gana, onde chegou em 10 de maio. Foi para lá como convidado da pequena comunidade de expatriados afro-americanos na capital Acra, informalmente encabeçada pelo escritor e ator Julian Mayfield. Mais conhecido por seus romances de forte carga racial escritos nos anos 1950, Mayfield tinha fugido para Gana em 1961, depois do episódio de sequestro na Carolina do Norte que mandara também Robert F. Williams para o exílio em Cuba. A ele se juntaram em Acra numerosos colegas afro-americanos radicais, como sua mulher Ana Livia Cordero, Maya Angelou, Alice Windom, Preston King e W. E. B. e Shirley Du Bois.[49]

Malcolm conhecera Mayfield poucos anos antes de sua chegada, na casa de Ruby Dee e Ossie Davis, e manteve contato com ele graças ao seu crescente interesse pela política pós-colonial. Quando Malcolm o informou de seu passeio africano, Mayfield e os outros expatriados animaram-se com a possibilidade de levar a mais poderosa voz do nacionalismo negro ao país que havia muito concentrava as esperanças africanas de um futuro melhor. Desde que se tornara o primeiro país negro africano a conquistar a independência, livrando-se do colonialismo em 1957, Gana passara a ser um símbolo de possibilidades para muitos grupos diferentes. A ascensão ao poder de Kwame Nkrumah e seu Partido Popular da Convenção ofereceu um molde de autogoverno para outros países colonizados do continente, enquanto a pacífica transferência de poder do governo colonial britânico, comemorada por negros do mundo inteiro, deu mais munição para os defensores americanos da não violência, que viram na transição uma prova clara da eficácia dos seus métodos. A estratégia não violenta também tinha apoio dentro do Departamento de Estado dos Estados Unidos, sempre ansioso para limitar a influência soviética na África.

Mas, assim como na Nigéria, o momento de celebração de Gana já havia perdido o frescor quando Malcolm chegou. O controvertido assassinato de Patrice Lumumba, do Congo, em 1961, foi para muitos uma terrível guinada nos assuntos do continente, com as políticas dos países ocidentais para a África complicando a já tensa política dos novos países que lutavam contra a inquietação civil e o caos governamental. O uso da violência pelos inimigos do

movimento de independência da África — e, igualmente, pelos defensores da supremacia branca nos Estados Unidos — fazia a não violência parecer uma resposta anêmica, aumentando a influência dos que propunham uma abordagem revolucionária. Na época da visita de Malcolm, Gana padecia de muitas das mesmas dificuldades que ele vira na Nigéria, e sua aparição teve o duplo efeito de encorajar uma população faminta dos ideais que ele representava, e deixar autoridades do governo pouco à vontade para o acolherem.

Mas nada disso abateu o entusiasmo da comunidade de expatriados afro-americanos de Acra, que havia semanas aguardavam com grande expectativa a chegada de Malcolm. Quando ele chegou à casa de Mayfield no começo da manhã de segunda-feira, 11 de maio, Mayfield lhe disse que tinha arranjado dois grandes programas de discursos para ele. Um era uma palestra na Universidade de Gana, organizada por Leslie Lacy, que se radicalizara durante seus anos de estudante em Berkeley e, ao mudar-se para Gana, trabalhara para estabelecer o popular Grupo de Estudos Marxistas na universidade.[50] Depois que Malcolm se acomodou, Mayfield levou-o para almoçar na casa de Lacy, onde Alice Windom se juntou a eles. Tendo conhecido Malcolm quando ele fez um discurso na Mesquita nº 2 de Chicago no começo dos anos 1960, ela sentia-se feliz por encontrar-se com ele no exterior.[51]

Durante o almoço, Malcolm explicou que tinha intenção de "dedicar seus talentos à construção da união entre os diversos grupos de direitos nos Estados Unidos", disse Windom. "Em sua opinião", escreveu ela, "não se servirá a nenhum objetivo válido expondo todas as raízes de dissensão." Isso deixava em aberto a questão da luta bastante pública de Malcolm com a Nação, o que o levou a explicar sua saída da seita "em termos de divergências sobre direção e envolvimento político na luta extrarreligiosa pelos direitos humanos nos Estados Unidos".[52] Seu primeiro dia em Gana em companhia dos expatriados o fez sentir-se bem-vindo e satisfeito, e no fim daquela noite no hotel, escrevendo em seu diário, Malcolm aventou a possibilidade de fixar-se na África. "Tirar minha família dos Estados Unidos talvez seja bom para mim pessoalmente, mas ruim politicamente."[53]

Numa carta de 11 de maio para a MMI pondo os seguidores a par de suas viagens, Malcolm descreveu sua palestra triunfal na Universidade de Ibadan, onde traçara "o verdadeiro quadro das nossas dificuldades nos Estados Unidos, e da necessidade de os países africanos independentes nos ajudarem a apresentar

nossa causa perante as Nações Unidas". Politicamente, a mais alta prioridade era construir "a união entre os africanos do Ocidente e os africanos da mãe-pátria, [o que] mudará o curso da história". Essa carta marca o rompimento final de Malcolm com o conceito da NOIde homem negro "asiático" e o começo de sua identificação com um pan-africanismo semelhante ao difundido por Nkrumah.[54]

Àquela altura o Ghanaian Times já tinha sido alertado da presença de Malcolm, e um breve anúncio, "X está aqui", apareceu na primeira página em 12 de maio. No dia seguinte, o jornal cobriu sua entrevista à imprensa, na qual ele enfatizou "o estabelecimento de boas relações entre afro-americanos e africanos nos Estados Unidos, o que deve ter resultados de longo alcance para o bem comum".[55] Os dias seguintes foram repletos de funções de celebridade; acompanhado por Julian Mayfield até a embaixada de Cuba para um encontro com seu jovem embaixador, Armando Entralgo Gonzalez, "que imediatamente me homenageou com uma festa"; um almoço íntimo na casa da jovem Maya Angelou, uma dançarina que também trabalhava como professora, e que se lembrava com carinho de seu encontro anos antes; encontros com os embaixadores da Nigéria e do Mali; e uma conversa privada com o ministro da defesa de Gana, Kofi Boaka, e outros ministros, na residência de Boaka.[56]

Na noite de 14 de maio, Malcolm pronunciou o discurso que Leslie Lacy tinha escrito para ele, falando para uma multidão que lotava o salão nobre da Universidade de Gana. Alice Windom, observando a cena, comentou que "muitos brancos tinham ido para 'se divertir'.[57] Acabaram tendo uma dura surpresa". O discurso obrigava Malcolm a ser o mais hábil que podia ser em termos políticos, e ele elogiou calorosamente Nkrumah como um dos "líderes mais progressistas" do continente africano. O teste decisivo que propôs para chefes de Estado africanos foi a maneira como eram tratados pela imprensa americana, e portanto pelo governo americano: "Os líderes daqui que recebem dos americanos aplausos e tapinhas nas costas, os senhores podem pôr no vaso sanitário e puxar a descarga", disse ele à multidão, que explodiu em risadas e aplausos.

Mas em sua apreciação de Nkrumah o discurso mascarou a grande divisão que surgira na vida política ganense. Embora Nkrumah fosse reverenciado como herói nacional durante a independência, por meados dos anos 1960 seu governo tinha degenerado num regime autoritário caracterizado por eleições fraudadas, pela perda de um Judiciário independente, pelo declínio do Partido Popular da

Convenção como força democrática popular, pela expansão da corrupção e do suborno e por um culto em torno da personalidade de Nkrumah. Apesar de Nkrumah usar uma retórica marxista, seu regime podia ser descrito como bonapartista; profundamente hostil à existência de uma sociedade civil livre, e governado de cima por uma burocracia alienada da população do país. Em 1964, C. L. R. James, antigo mentor de Nkrumah, rompeu publicamente com o presidente africano por causa da supressão dos direitos democráticos no país. Malcolm sem dúvida ouviu essas críticas de alguns expatriados afro-americanos, mas sensatamente usou seus comentários para enfatizar o terreno comum pan-africanista que os americanos negros continuavam a partilhar com o presidente ganense. Às vezes, até pareceu endossar as medidas autoritárias que Nkrumah impusera à política econômica e social, explicando que só quando a "mentalidade colonial for destruída" as massas de cidadãos "saberão em que estão votando, e lhes será dada a chance de votar nisso ou naquilo".

Malcolm também usou o discurso para caracterizar os Estados Unidos como "potência colonial", semelhante a Portugal, França e Grã-Bretanha. E previu que o Harlem estava "à beira da explosão".[58] O Ghanaian Times noticiou o apelo de Malcolm em nome da união do Terceiro Mundo: "Só um ataque acertado entre as raças negra, amarela, vermelha e morena, que são mais numerosas do que a raça branca, acabará com a segregação nos Estados Unidos e no mundo".[59]

Na manhã seguinte, Malcolm deveria falar perante o parlamento nacional de Gana, mas devido a atrasos nos transportes chegou logo depois de encerrada a sessão formal. No entanto, membros do parlamento ainda estavam lá, e a maioria se reuniu na sala principal do edifício, onde Malcolm falou para o grupo e envolveu os legisladores em animada discussão. Ao meio-dia, Malcolm foi levado para o castelo Christiansborg, a sede do governo ganense, para um encontro privado de uma hora com o presidente Nkrumah. O encontro em si já foi um tanto extraordinário, levando em conta que Nkrumah relutava em associar-se a Malcolm; só o apelo de Shirley, viúva de W. E. B. Du Bois, que continuou amiga de Nkrumah depois da morte do marido em 1963, convenceu-o a conceder audiência a Malcolm. Depois, Malcolm falou para duzentos estudantes no Instituto Ideológico Nkrumah em Winneba, a cerca de 65 quilômetros de Acra.[60] Até achou tempo para jantar com outros expatriados americanos na embaixada chinesa, onde assistiram a três documentários chineses, incluindo um que proclamava o apoio da China maoista à libertação dos afro-americanos.[61]

Foi uma visita triunfal de ponta a ponta. Como observou Alice Windom, "o nome [de Malcolm X] era quase tão familiar para os ganenses como cães selvagens, incêndios, aguilhão de gado e brancos raivosos, e sua decisão de entrar na corrente principal da luta foi aclamada como sinal animador".[62] Só dois acontecimentos ruins macularam uma semana quase perfeita. O primeiro foi um encontro negativo com Muhammad Ali, que percorria a África Ocidental. Quando Malcolm deixava o hotel para o aeroporto, os dois homens esbarraram um no outro e Ali o esnobou. Posteriormente, Ali manifestou com veemência sua lealdade incondicional a Elijah Muhammad, ridicularizando Malcolm para um correspondente do New York Times e zombando da "engraçada túnica branca" que seu ex-amigo usava e da barba que passara a cultivar. "Cara, ele já era. Tanto já era que sumiu completamente." O pugilista acrescentou palavras de que mais tarde se arrependeria: "Ninguém presta mais atenção ao que Malcolm diz".[63]

Então, poucas horas depois de deixar Gana, Malcolm foi atacado no Ghanaian Times pelo tenente ideológico de Nkrumah, H. M. Basner. Comunista, Basner acusou Malcolm de não compreender a "função de classe de toda opressão racial". A ênfase de Malcolm na libertação dos negros e não na luta de classes só servirá aos interesses de "imperialistas americanos... Se Malcolm X acredita no que diz, então tanto Karl Marx como John Brown não podem, por sua origem racial, ser vistos como libertadores humanos".[64] Julian Mayfield respondeu imediatamente à crítica de Basner. Mayfield afirmou que aquilo que incomodava Basner era a rejeição de Malcolm à clássica estratégia comunista que mandava negros se unirem a operários brancos para conseguirem mudanças significativas. "O americano negro já trilhou este caminho antes", observou Mayfield. "Nenhum fator isolado atrasou tanto sua luta como a tentativa de unir-se a brancos liberais ou progressistas." O operário negro americano médio "não tem mais pontos em comum com o operário branco nos Estados Unidos do que na África do Sul".[65] Mais tarde, Leslie Lacy recordou-se de que o que horrorizara o grupo de expatriados afro-americanos foi o fato de a crítica de Basner a Malcolm ter "aparecido num jornal negro, revolucionário, controlado pelo governo... Nenhuma crítica, por mais objetiva que fosse, seria publicada atacando Nkrumah".[66]

As experiências de Malcolm em Gana reforçaram sua dedicação ao pan-africanismo. Escrevendo para a MMI, elogiou Gana como "o manancial do pan-

africanismo... Assim como o judeu americano está em harmonia (política, econômica e culturalmente) com o judaísmo mundial, é hora de os afro-americanos se tornarem parte integrante dos pan-africanistas do mundo". Fez um apelo pelo retorno à África "filosófica e culturalmente".[67] Antes de partir em 17 de maio, os expatriados americanos em Gana organizaram uma "festa de despedida reservada", escreveu Malcolm em seu diário, acrescentando que uma entusiástica "Maya [Angelou] levou-o de ônibus até o avião". Quando o avião fez breve escala em Dacar, o administrador francês do aeroporto escoltou Malcolm pelas instalações. "Assinei muitos autógrafos", escreveu Malcolm, e rezou com muitas outras pessoas.[68]

Ele chegou a Casablanca, no Marrocos, já tarde de noite, e passou o dia seguinte tranquilamente. Depois de passear por Casablanca de táxi, Malcolm juntou-se a seu contato local, um sujeito chamado Ibrahim Maki, e a um amigo. Os três acabaram no bairro muçulmano, Medina, onde conversaram e jantaram até altas horas. "Eles tinham aguda consciência racial, orgulho de serem muçulmanos negros e estavam sedentos de 'progresso' mais rápido."[69]

Malcolm comemorou o que seria seu último aniversário, completando 39 anos em 19 de maio de 1964. Parte desse dia foi gasta no voo de Casablanca para Argel, onde ele chegou de tarde, antes de inspecionar a cidade a pé e jantar no fim da noite. Mas aquela cidade, a última de sua viagem africana, não lhe rendeu muito. Malcolm ficou desapontado por encontrar pouca gente que sabia falar inglês; além disso, suas chamadas para a embaixada de Gana foram infrutíferas e seu contato no Ministério do Exterior da Argélia estava ausente do escritório quando Malcolm passou para fazer-lhe uma visita. No dia 20, Malcolm passeou pela cidade de táxi, debruçando-se na janela para tirar fotos. Enquanto isso, no mesmo dia nos Estados Unidos, como ficaria sabendo mais tarde, foi emitida uma ordem de prisão contra ele, por ter deixado de comparecer ao tribunal para responder a uma multa por excesso de velocidade aplicada nos dias da visita de Cassius Clay a Nova York.[70]

No dia da partida, 21 de maio, Malcolm foi rapidamente detido pela polícia no aeroporto de Argel, que achava que as fotos tiradas por ele representavam um risco à segurança. Só foi liberado — com pedidos de desculpas — quando apresentou provas de sua condição de muçulmano. Malcolm desembarcou no aeroporto jfk no fim da tarde, onde o aguardava uma multidão de cerca de sessenta pessoas, na maioria parentes e amigos. Uma entrevista coletiva foi

arranjada para aquela noite no Hotel Theresa, durante a qual, como o faria reiteradamente nos dias seguintes, Malcolm ressaltou seu desejo de criar uma "organização aberta à participação de todos os negros, e [na qual] estaremos prontos para aceitar o apoio de pessoas de outras raças". Malcolm admitiu francamente que sua "filosofia racial" sofrera mudanças depois que ele viu — "milhares de pessoas de diferentes raças e cores, que me trataram como ser humano".[71]

Malcolm estava pronto para entrar na cena política internacional, livrando-se do provincianismo e do atraso de Yacub e da Nação. Mas, ao retornar ao mundo de onde saíra um mês antes, descobriria que a profunda transformação que sofrera no Oriente Médio e na África não criara raízes semelhantes em seus irmãos da MMI. Na recepção do aeroporto, apesar do rompimento com a seita, eles ainda usavam o uniforme padrão da Nação do Islã, os "ternos azul-escuros, as camisas brancas e as gravatas-borboletas características, vermelhas ou cinzentas".[72] Malcolm talvez tivesse feito uma viagem a um mundo diverso, espiritual e politicamente, mas seus seguidores não seriam transportados para lá com a mesma facilidade.

** Aqui a frase em inglês traz o trocadilho de "New" com "Jew", que se perde em português: "call New York Jew York". (N. T.)

12. “Deem um jeito em Malcolm X”

21 de maio-11 de julho de 1964

A crescente fama de Malcolm depois do seu rompimento com a Nação do Islã atraiu o interesse de pessoas de muitas categorias, e ao longo de março e abril ativistas seculares, escritores e até celebridades tentaram entrar pessoalmente em contato com ele. Centenas de pessoas disputavam seu tempo e sua atenção num momento em que ele precisava desesperadamente encontrar a paz. A peregrinação a Meca não foi diferente de uma viagem a um país desconhecido para descobrir o que um compromisso espiritual com o Islã significaria em sua vida. Mas a milhares de quilômetros de distância de sua peregrinação espiritual, um turbilhão de atividade política continuava a rodopiar em torno de Malcolm X.

Semanas depois do rompimento de Malcolm, a Mesquita Muçulmana já tinha estabelecido uma rotina em sua sede no Hotel Theresa. Naqueles primeiros dias, geralmente caóticos, a estabilidade custava caro. As reuniões de negócios da MMI eram realizadas nas noites de segunda-feira. Nas noites de quarta, celebrava-se um culto religioso islâmico. Nas de quinta, o escritório ficava disponível para as mulheres da MMI, ainda conhecidas como MGT. Nas noites de domingo, se Malcolm estivesse na cidade, reservava-se o Audubon para um comício ou evento público. Um informante do FBI relatou que no encontro da MMI de 26 de março de 1964, cerca de setenta pessoas compareceram à “reunião aberta”, seguida por uma sessão fechada restrita a cerca de 45 “muçulmanos registrados”. James 67X dirigiu a reunião privada, concentrando-se em questões de segurança e advertindo irmãs e irmãos a “terem cuidado com a NOI”.[1]

Enquanto viajava e pronunciava discurso pelo país nessa época, Malcolm conheceu muitos jovens afro-americanos que nunca tinham pertencido à Nação ou feito contato com o grupo religioso, e queriam dedicar-se à sua nova causa. Um desses jovens idealistas que lhe causaram grande impressão foi Lynne Carol Shifflett. Nascida em 26 de janeiro de 1940, Shifflett pertencia a uma família da classe média alta, e seus anos de infância e adolescência na Califórnia foram repletos das atividades sociais da burguesia negra, como a filiação à organização Jack and Jill.[2] Matriculando-se na Faculdade de Los Angeles no outono de 1956, Shifflett logo foi eleita vice-presidente de entidade estudantil. Uma viagem de três meses pela África em 1958, durante a qual conheceu o primeiro-ministro Kwame Nkrumah, de Gana, ampliou drasticamente sua visão política e social. Seus pais, solidários ao ativismo da filha, patrocinaram um baile de gala com o objetivo de levantar fundos para os Cavaleiros da Liberdade no sul.[3]

Em 1963, Shifflett já se mudara para Nova York, onde fazia parte de um pequeno grupo de negros que trabalhavam na rede de televisão nbc, no Rockefeller Center, e parece ter sido nessa época que Malcolm a conheceu. Shifflett o impressionou, e ele a incumbiu de identificar outros jovens ativistas seculares como ela que pudessem ajudá-lo a criar um novo grupo nacionalista negro. Um dos primeiros que ela recrutou foi Peter Bailey, ambicioso jovem afro-americano que também trabalhava no Rockefeller Center, para Time Inc. Dois anos mais velho, Bailey foi praticamente criado pelos avós em Tuskegee, Alabama, e fizera o serviço militar como médico do exército, antes de matricular-se na Universidade Howard em 1959. Quando conheceu Shifflett, Bailey já estava bastante familiarizado com Malcolm graças aos comícios da NOInO Harlem. "Todo sábado íamos à suíte 116 para ouvi-lo falar", disse Bailey. "Em razão dos meus antecedentes integracionistas, o que ele dizia fascinava-me intelectualmente." Bailey não chegou a ingressar formalmente na Nação do Islã, mas continuou a frequentar eventos públicos em que Malcolm aparecia como orador. Quando Malcolm foi silenciado em dezembro de 1963, Bailey estava entre os que achavam que os comentários do ministro sobre "as galinhas" eram plenamente justificados: "O que ele disse foi que, como a situação do país permitia que acontecesse o que acontecia com os negros, os brancos também começariam a sentir os efeitos disso".[4]

No começo de 1964, Shifflett encontrou-se com Bailey no café da manhã e perguntou-lhe: "O que você acha de participar da fundação de uma nova

organização nacionalista negra?". Embora Shifflett agisse de modo extremamente misterioso, Bailey concordou em ajudar. "Ligo para você no sábado às oito da manhã e digo onde devemos nos encontrar e quando", disse ela. "E não me faça perguntas, apenas esteja lá."[5] Quando telefonou no sábado, ela lhe disse que fosse para um hotel no Harlem na rua 135 Oeste; no lugar indicado, ele encontrou um pequeno grupo de umas quinze pessoas. Minutos depois, ficou espantado ao ver Malcolm chegar. Aqueles encontros de sábado de manhã, voltados para a criação de uma organização independente, secular, em apoio às ideias de Malcolm, logo se tornariam rotina, embora basicamente sem a sua direção pessoal frequente. Sabendo do perigo representado pela Nação, Malcolm certificou-se de que seu pessoal não tivesse qualquer ilusão sobre onde estava se metendo. Bailey explicou: "Malcolm nos disse: 'Vocês sabem que se envolvendo comigo podem ser procurados e pressionados pela polícia e pelo FBI...' Todos já sabiam disso e não se importavam". Foi nesse pequeno grupo especialmente formado de jovens seguidores que Bailey se tornou, segundo ele mesmo, um "verdadeiro crente", totalmente dedicado a Malcolm. "De alguma forma, aquele homem era capaz de absorver as ideias... Era descontraído, ria muito e contava piadas."[6] Bailey afirmou que as reuniões de sábado começaram em janeiro ou fevereiro de 1964, semanas antes do rompimento de Malcolm com a Nação.[7] Se for verdade, isso explica o caráter altamente sigiloso daquelas reuniões clandestinas, sugerindo que Malcolm talvez tenha adotado a dupla estratégia de continuar os apelos para reingressar na Nação e, simultaneamente, construir uma base independente leal a si mesmo.

Herman Ferguson, o educador do Queens, logo passou a fazer parte do novo grupo. Na opinião de Ferguson, Malcolm tornara-se grande demais para a Nação. "Bem antes de conhecer Malcolm pessoalmente, [eu achava] que ele precisava romper com a Nação do Islã, porque a seita o impedia de crescer, atrapalhava seu desenvolvimento." O que nacionalistas negros como Ferguson buscavam era uma "alternativa para integração" e para Martin Luther King. "Eu não sabia o que aconteceria quando [Malcolm] saísse, mas já tinha decidido que, se ele saísse da Nação do Islã... eu participaria de qualquer coisa que Malcolm fizesse", disse Ferguson.[8]

Desde o início, houve tensão e rivalidades entre os antigos membros da NOIdentro da Mesquita Muçulmana e os ativistas seculares recém-chegados, como Shifflett e Ferguson. Os irmãos e irmãs da MMI "se sentiam donos dele",

queixava-se Ferguson. James 67X, Benjamin 2X Goodman e os outros tinham ingressado na MMI "com o conhecimento de que a Nação do Islã não seria amistosa com eles", prosseguiu Ferguson. "Por isso se sentiam, em grande parte, responsáveis por Malcolm e sua segurança." Nas semanas seguintes ao rompimento, os comícios no Audubon contavam com a participação de irmãos da MMI que portavam armas para proteger Malcolm. "Seus fuzis e espingardas eram usados ostensivamente", disse Ferguson. Na época, ele estava convencido de que aquela demonstração de força era necessária: "Eu sentia orgulho de que eram homens negros que... escoltavam nosso líder na saída do prédio, que ele estava em segurança, pois contava com essas armas... No que me dizia respeito, era assim que o movimento teria que ser". Mas essa atitude agressiva acabou espicaçando a ira da Nação e estimulando em seus membros o desejo de retaliação. Membros da Nação não tinham licença para portar armas de fogo; apesar do pequeno tamanho da MMI, 36 homens bem armados constituíam genuína ameaça à bem maior Mesquita nº 7.

Enquanto se estruturava, a organização secular de Malcolm traía membros, como Ferguson, que só estavam esperando que Malcolm formasse um grupo distinto da Nação para aderir. Um dos recrutados era, na verdade, um dos mais antigos seguidores de Malcolm. Em Boston, já fazia quase cinco anos que Ella rompera asperamente com Louis X e a mesquita local da NOI. Ela provavelmente se sentiu vingada quando o irmão decidiu deixar a seita, e nesse período as relações entre os dois se estreitaram. Sua preocupação imediata era ajudar Malcolm a superar as dificuldades financeiras e as dúvidas pessoais durante a transição. Quando os adiantamentos prometidos pela editora Doubleday começaram a atrasar, devido ao lento progresso do livro, Ella subsidiou o irmão e sua família. O dinheiro que lhe emprestou para o hajj estava separado para financiar sua própria peregrinação, mas Ella evidentemente achou que o sacrifício fazia sentido.[9] Depois ela sustentaria que, longe de buscar uma oportunidade para realizar o hajj, seu irmão de início resistia à ideia. Supostamente, numa conversa emocionada tarde da noite, ela obrigou Malcolm a reconhecer que a Nação do Islã jamais o admitiria de volta.[10]

Vários artistas, teatrólogos e escritores afro-americanos progressistas aprovaram a saída de Malcolm da Nação e previram sua participação em causas de direitos civis. O ator e dramaturgo Ossie Davis era um dos mais destacados. Davis ocupava posição peculiar dentro do Movimento de Liberdade Negra, não

muito diferente da de James Baldwin — um artista que contava com a confiança tanto de integracionistas como de separatistas negros. Davis servira como mestre de cerimônias na Marcha sobre Washington em 1963, e via em Malcolm um proponente da luta de classe dos negros, alguém que advogava "a associação com a gente das ruas, os viciados em drogas e os trapaceiros — pessoas que não pertenciam à classe média, e com as quais o King certamente não se relacionaria".

> Lembro-me de andar pela rua com Malcolm, das pessoas se aproximarem dele, do jeito como ele reagia, bem diferente do meu. Enquanto algumas o repreendiam, Malcolm sempre achava algo bom para dizer. Malcolm era especialista nos danos causados pela escravidão e o racismo à imagem que o negro tinha de si mesmo. Era especialista também no que poderia ser feito para remediar aquela ausência chocante de autoestima. Sabia que era preciso mais do que leis sobre direitos civis, empregos e educação para realmente ajudar o negro. E sabia que nenhuma das organizações tradicionais que atendiam as comunidades negras — igrejas, faculdades, sororities e fraternities, a NAACP, a Liga Urbana — era capaz de fazer o que precisava ser feito. Como alguns de nós, ele achava que pedir a um homem que já fora surrado de todas as formas para não ser violento era transformar a patologia negra noutra religião.[11]

De sua parte, Malcolm tinha adorado a peça Purlie Victorious (1960), de Davis, que usava estereótipos cômicos para criticar duramente o racismo, e nos anos seguintes os dois se encontravam de vez em quando em manifestações.[12] Em 1964, Malcolm tratava Davis e sua mulher ativista, Ruby Dee, pelo primeiro nome. O irmão de Ruby, Tom Wallace, foi tão influenciado por Malcolm que ingressou na Nação do Islã, e depois na MMI.

Escritores e jornalistas que conheciam Malcolm, de modo geral, aprovaram sua última mudança. Peter Goldman manteve estreito contato com ele, e sempre voltava impressionado com "a complexidade e sofisticação de [seu] pensamento político". Como muitos observadores durante os meses de silêncio de Malcolm, o escritor não fazia ideia do rompimento iminente. "Eu ouvira um zum-zum sobre ciúmes da notoriedade de Malcolm", disse Goldman, "mas não sabia que isso tinha provocado uma crise." Depois do fato, porém, ele passou a ver o rompimento como necessário para a evolução intelectual de Malcolm; a saída da Nação, combinada com suas excursões pela África, o levou a pensar "politicamente no afro-americano. Acho que seu nacionalismo foi enriquecido pelas viagens". O Malcolm dos primeiros tempos tinha pregado um "modelo econômico simplista". Em 1964, era outro homem, "movendo-se, acho eu, rumo ao pan-africanismo, e certamente rumo a uma conexão com a maioria não branca

do mundo".[13]

A saída de Malcolm da Nação mudou muito sua vida, mas também afetou a Nação de maneira bem curiosa. Para algumas figuras-chave, a saída de Malcolm e seus seguidores criou oportunidades. Norman Butler, de 26 anos, veterano da Marinha, por exemplo, era membro da Nação havia pouco mais de um ano, mas durante esse breve período estabeleceu uma reputação de dureza como homem da equipe de segurança. A Mesquita nº 7 normalmente dava duas semanas de sessões de treinamento, incluindo artes marciais, para o Fruto do Islã. Quando um dos homens de Malcolm foi embora, Butler assumiu o controle da sessão das manhãs de terça-feira, com drásticos resultados. De um modesto grupo de três a cinco homens, a divulgação de boca em boca fez o grupo crescer para "de setenta a oitenta irmãos [que] nos apareciam por causa do nosso desempenho". Logo, lembrava-se Butler, o grupo do Fruto nas manhãs de terça-feira "conseguia vender mais de 5 mil jornais" por semana. Embora Malcolm o tivesse promovido a tenente, Butler não teve dúvida sobre que partido deveria tomar durante o rompimento. "[Malcolm] cresceu muito", lembrava-se, anos depois, com ressentimento. "Ele tinha chegado na primeira página do New York Times." Para Butler, esse foi o ponto crucial que levou à expulsão de Malcolm. "Ele queria ser maior do que todos os outros ministros", e cometeu o erro de "afastar-se ou ir além dos ensinamentos do Mensageiro, dizendo coisas que o Muhammad não queria que fossem ditas. Foi essa a grande dificuldade."[14]

Mas, apesar de todos aqueles que desenvolveram opiniões negativas a respeito de Malcolm, muitos membros da Nação que tomaram o partido de Elijah Muhammad no rompimento mantinham fortes sentimentos de afeição por seu antigo ministro nacional. "Eu fui, na verdade, aluno dele", disse Larry 4X Prescott. "Eu gostava dele. Eu o admirava. Queria ser capaz de fazer o que ele fazia. E era isso o que ele encorajava em nós." Larry considerou a imposição do silêncio uma espécie de "teste". Ele e os outros ministros assistentes "faziam votos e orações para que Malcolm passasse em qualquer teste a que o líder o submetesse". Só no fim de fevereiro, quando Malcolm voltou da Flórida e "falou sobre a luta e Muhammad Ali", Larry percebeu que o ministro tinha ido longe demais. Sua entrevista no aeroporto jfk "foi uma violação do silêncio imposto pelo Honrado Elijah Muhammad". Para Larry, o rompimento subsequente foi

culpa de Malcolm.[15]

Larry contestava vigorosamente a ideia de que Malcolm simplesmente "ficou grande demais" para a Nação e que sua saída era inevitável. Segundo se lembrava, os rumores verdadeiramente negativos só começaram a circular nos dias imediatamente anteriores à saída de Malcolm. Referindo-se às mulheres com que Elijah Muhammad tinha ido para a cama, Larry explicou que Malcolm sabia "das esposas" muito antes da controvérsia sobre a imposição do silêncio. "Malcolm [podia] ver [que a NOIrecrutava] esses dedicados jovens, que tinham saído das ruas dos Estados Unidos, das prisões dos Estados Unidos", e eram os maiores beneficiários dos ensinamentos da Nação. Larry admitia que os convertidos mais escolarizados talvez "achassem que a Nação era restritiva demais, que não lhes era permitido tomar suas próprias decisões". Quando Malcolm formou a Mesquita Muçulmana mas continuou a elogiar o programa social de Muhammad, Larry achou "que Malcolm julgava poder direcionar melhor as pessoas para a Nação... dessa posição [externa], porque muita gente não queria se submeter a algumas restrições da seita... Era assim que eu via".[16]

As grandes mudanças na vida de Malcolm também foram difíceis para Betty, que agora se via obrigada a negociar na Mesquita Muçulmana as cinco semanas de ausência de Malcolm no exterior com parceiros pelos quais tinha pouca simpatia. Antes de partir, Malcolm instruíra os líderes da MMI a dar proteção para sua mulher e filhas, sabendo que, embora a Nação ainda não tivesse atacado as famílias de dissidentes, àquela altura ele já não confiava que o grupo fosse deixar a sua em paz. Charles 37X Kenyatta foi designado para tomar conta de Betty e das meninas, e ninguém mais tinha permissão de entrar em casa. Kenyatta diria mais tarde que de início Betty se incomodava com sua presença constante. "Ela me odiava", disse. "Não gostava nada da função que eu estava desempenhando." Betty também não gostava de James 67X, mas sabia que ele representava o mais provável ponto de contato com Malcolm na MMI, e lhe telefonava quase todas as noites durante as semanas em que o marido esteve fora do país.[17] Em seus esforços para lhe seguir os passos, ela interrogava qualquer pessoa que pudesse manter-se em contato com ele. Quase todos os dias telefonava para Haley, o advogado de Malcolm, Percy Sutton e outros que pudessem ter recebido cartas ou telegramas. Malcolm, de sua parte, esforçava-se para manter Betty informada, mandando-lhe cartas sobre os lugares que visitava e telefonando-lhe periodicamente. Em casa, Betty colou um mapa-múndi na sala

de estar para que as meninas pudessem traçar o roteiro dos países visitados pelo pai. Betty sentia, corretamente, que os numerosos contatos com muçulmanos e outras pessoas no Oriente Médio e na África poderiam libertá-lo da poderosa influência da Nação. Mais tarde Attallah, a filha mais velha, expressaria esse sentimento: "Quanto mais viajava, mas livre ele ficava, mais livres nós ficávamos".[18]

Mas essa liberdade teve um preço, especialmente quando as ações subsequentes de Malcolm insuflaram mais ainda a raiva nas fileiras da Nação. Em 8 de maio, o Muhammad Speaks publicou a primeira de duas partes de um ataque editorial a Malcolm, de autoria do "Ministro que mais o conhecia". O editorial dizia que as razões dadas por Malcolm à mídia branca para a sua "deserção" eram "repletas de mentiras, calúnias e imundícies destinadas a assacar aleivosias contra o sr. Muhammad e sua família". Embora Louis X fosse apresentado como autor da polêmica, muito provavelmente o texto foi redigido por um editor da NOIem Chicago, suposição que ganha substância porque o nome de Louis apareceu na coluna como "Ministro Lewis".[19]

No fim de abril, James 67X recebeu uma carta que Malcolm tinha escrito logo depois da experiência do hajj, resumindo suas novas ideias sobre raça. Devido à tendência das últimas declarações de Malcolm, James 67X teve medo de abrir o envelope, sabendo que as revelações contidas na comunicação de Malcolm poderiam criar grandes problemas nas fileiras da MMI. O próprio James não estava totalmente preparado para aceitar uma mudança tão radical. "Saí de uma organização que diz que Meca é o único lugar no mundo onde um branco não pode ir...", explicou ele. A afirmação de Malcolm de que brancos também podiam ser muçulmanos significava rejeição total à teologia da Nação, o que talvez fosse conveniente para uma nova visão das coisas, mas ainda era altamente problemática para um grupo que acabara de deixar a Nação e ainda tinha muito a dizer em favor de suas opiniões raciais. De início, James 67X não soube o que fazer. "Estou andando de um lado para outro com esta carta pensando: como é que vou contar para [esse] pessoal?... O que você quer dizer com 'branco'? O que Malcolm queria dizer com 'branco'?" Vários dias depois, James 67X fez a carta circular na MMI. Mas se recusava a acreditar que Malcolm tivesse "adotado o Islã sunita".[20]

A ambiguidade e a confusão em torno da carta talvez tenham inadvertidamente ajudado a manter a união dentro da Mesquita Muçulmana

durante a ausência de Malcolm, pois seus membros tinham toda a liberdade de interpretar os sentimentos do líder na mensagem epistolar. Embora depois de voltar Malcolm se empenhasse em tornar suas ideias mais concretas, a questão de saber quais eram suas crenças verdadeiras e arraigadas continuava a ser debatida pelos seguidores. Herman Ferguson achava que Malcolm "tinha oferecido aos brancos a possibilidade de o Islã corrigir seu senso de valores", mas que, no fundo da alma, ele sabia "que eles jamais aceitariam os ensinamentos do Islã". Mesmo depois do retorno de Malcolm para os Estados Unidos, Ferguson continuou achando que sua visão política ainda tinha base racial. "Porque, se eu tivesse suspeitado, ainda que por um breve instante, que Malcolm estava mudando seu jeito de pensar", jurava Ferguson, "eu teria me afastado."[21] Durante décadas, Betty deu respostas inconsistentes a perguntas sobre o impacto do hajj, do Islã e das viagens ao Terceiro Mundo nas opiniões do seu marido sobre raça. Em 1989, porém, quando Anne Romaine, biógrafa de Haley, lhe perguntou durante uma entrevista: "A senhora acha que seu marido mudou de opinião?", Betty respondeu bruscamente: "Não".[22]

Apesar da intransigência de muitos de seus seguidores, a noção de que Malcolm passava por uma transformação começou a espalhar-se pela grande imprensa e pela imprensa negra. Em 8 de maio, o New York Times publicou um artigo de M. S. Handler com o surpreendente título de "Malcolm X satisfeito com atitude dos brancos em viagem a Meca". Citando uma carta que Malcolm escrevera na Arábia Saudita em 25 de abril, Handler afirmou que o líder negro logo voltaria aos Estados Unidos "com novas e positivas ideias sobre as relações entre as raças". Durante seu hajj, Malcolm escreveu, com palavras que seriam muito citadas nos anos vindouros: "Comi no mesmo prato, bebi no mesmo copo, dormi na mesma cama ou no mesmo tapete, enquanto orava ao mesmo Deus... com colegas muçulmanos cuja pele era do branco mais branco, cujos olhos eram do azul mais azul... [pela] primeira vez na vida... Não os enxerguei como homens 'brancos'". O que ele tinha testemunhado era tão profundo, admitia Malcolm, que "me forçou a 'rearranjar' boa parte dos meus hábitos de pensamento, e a deixar de lado algumas conclusões anteriores". Mas se Malcolm se mostrava otimista sobre a possibilidade de os Estados Unidos se transformarem em questões raciais, também afirmava ver o Islã como a chave dessa transformação. "Acredito", escreveu Malcolm, "que os brancos da geração mais nova, nas faculdades e universidades, com seu intelecto jovem e menos entorpecido, hão de

ver que 'o futuro está predeterminado' e de buscar a salvação espiritual na religião do Islã, forçando os brancos americanos da geração mais velha a mudar com eles."[23]

Semanas depois do artigo do Times, James Booker, do Amsterdam News, formulou uma pergunta provocadora: "Será que a visita de Malcolm X, agora El-Hajj Malik El-Shabazz, a Meca e aos líderes muçulmanos da África o transformou a ponto de torná-lo mais brando em seus sentimentos antibrancos e mais religioso?". Uma chave para essa aparente "mudança em suas atitudes de militância racial" estava contida numa carta que ele enviara ao jornal cerca de uma semana antes, na qual escrevera que os proponentes do Islã eram obrigados "a tomar posição firme em defesa de qualquer pessoa cujos direitos humanos estejam sendo violados, seja qual for a seita religiosa a que pertençam as vítimas". Malcolm agora compreendia que "o Islã reconhece todo mundo como parte de uma só família".[24]

As dificuldades e incertezas crescentes da vida de Malcolm refletiram-se no progresso da autobiografia. Quando Malcolm foi calado por Elijah Muhammad em dezembro de 1963, Alex Haley entrou em pânico. Sem consultar Malcolm, Haley contatou a Mesquita de Chicago para marcar um encontro com o Mensageiro, e Muhammad lhe assegurou que a suspensão "não era permanente". Haley informou a seu agente, Paul Reynolds, que o "verdadeiro objetivo" da ação de Muhammad era reafirmar sua supremacia e autoridade dentro da seita. "Eu lhe disse que o editor, você e eu não queríamos incorrer em sua indignação", escreveu Haley a Reynolds. Muhammad "estava interessado em saber do livro, e eu resumi sua estrutura, capítulo por capítulo, o que muito lhe agradou". Para Peter Goldman, Haley de início não percebeu a profundidade do racha, e nem Malcolm nem Elijah Muhammad acharam prudente explicar-lhe. A maior prioridade de Haley era publicar um livro que desse lucro, e para isso ele ainda julgava necessário contar com as bênçãos de Elijah Muhammad.[25]

Haley finalmente teve uma longa sessão de trabalho com Malcolm, pouco antes do Natal de 1963. Malcolm leu a última versão do capítulo "Laura" e opôs-se ao uso de gíria no livro, alegando que já não falava dessa maneira. Haley concordou, mas fez queixa a seus editores e agente: "Alguém disse que o fim de um bom demagogo é tornar-se célebre". E Malcolm não era o único que passava

por dificuldades financeiras; a mudança de Haley para o norte do estado de Nova York deixara-o sem dinheiro. A editora Doubleday concordou em lhe fazer mais um adiantamento de 750 dólares a cada dois novos capítulos que fossem submetidos e aprovados. Profundamente grato, Haley declarou: "Pela primeira vez posso escrever sem me sentir acossado por intermitentes pressões financeiras".[26] No começo de janeiro, durante uma severa nevasca, Haley conseguiu dirigir até a cidade para passar algum tempo com Malcolm, e o encontrou deprimido em meio ao desenrolar de sua suspensão. Num relato ao agente e aos editores, Haley observou que o tema do livro ficava "tenso, à medida que seu tempo de inatividade aumenta". Malcolm leu várias páginas de rascunho, ou seções de texto narrativo que serviam de base para cada capítulo. Haley estava muito animado, porém, com os ensaios planejados para o fim do livro, apresentando o programa social e político de Malcolm. "O material de mais impacto, algumas partes tipo lava de vulcão, é o que consegui de Malcolm para os três capítulos de ensaio, 'O negro', 'O fim do cristianismo' e 'Vinte milhões de muçulmanos negros'", observou Haley.[27] Esses três capítulos representavam uma espécie de roteiro indicativo da direção que Malcolm, naquele momento, achava que os Estados Unidos negros deveriam seguir, além de sua convicção de que os muçulmanos deveriam assumir papel de liderança na construção de uma frente unida de todos os negros.

Mas, apesar de Haley trabalhar muito, ainda faltavam meses para que pudesse submeter um manuscrito pronto, o que desagradou a Wolcott Gibbs Jr. e outros executivos da Doubleday. Gibbs pediu a Haley que "por favor leve em conta que quanto mais você reescreve, mais distante ficamos de um livro terminado". E pressionou Haley para que estimasse melhor a data de entrega do manuscrito final.[28] Mesmo antes do pedido de Gibbs, Haley despachou outro capítulo reescrito, "Detroit Red", em 28 de janeiro, mas Reynolds não gostou da versão e enviou sugestões de revisão.[29] Em 6 de fevereiro, Haley concordou em "retomar 'Detroit Red' assim como outros capítulos, e melhorá-los em qualquer sentido que os senhores tiverem a bondade de me mostrar". Ele queria, desesperadamente, terminar todo o rascunho antes de revisar e rearranjar os capítulos, mas a insatisfação de Reynolds com seu trabalho recente o mantinha ocupado consertando capítulos que já ajustara e reescrevera. Em 7 de fevereiro, Reynolds procurou Gibbs para explicar o seguinte: "Temo interferir em sua função [de editor], mas quero um livro realmente bom sobre Malcolm X e acho

que nem você nem Ken contestariam o que tenho dito a ele".[30]

Em fevereiro de 1964, Haley continuava confuso a respeito dos problemas de Malcolm com a Nação, achando que a suspensão era apenas temporária, e que ele logo voltaria a juntar-se ao grupo. Em 11 de fevereiro, numa carta para Gibbs, sugeriu "que a proibição será... suspensa" em algum momento naquele mês. Ainda visualizava o clímax do livro girando em torno da adoção de Elijah por Malcolm, o biografado "dando uma volta em sua vida... para se tornar 'arquipuritano', por assim dizer, e explodir tudo que veio antes".[31] Haley não hesitava em melhorar o material, quando discutia com os editores, em parte devido às reais possibilidades comerciais da história, mas também, provavelmente, para justificar os muitos acréscimos de que necessitava para completá-la. Em 18 de fevereiro, ao submeter o último capítulo, "Hustler", escreveu aos editores: "O que temos aqui é um livro que, quando chegar ao público, se diferenciará de tudo o que existe. Porque tem tanta coisa... Emocionante como é a vida criminosa de Malcolm que agora vemos, eu lhes digo que isso não é nada em comparação com o mais importante. Vamos ouvir a respeito de sua mudança subjetiva na prisão". Haley previu que o livro estaria concluído no fim de março, com um breve posfácio, que ele escreveria para expor suas próprias reflexões sobre Malcolm, e que seria submetido no mês seguinte. Como Malcolm ainda não tinha rejeitado a visão separatista de Muhammad, Haley achava que seria preciso imiscuir-se no texto, para acabar com as dúvidas dos leitores brancos de que a corrente predominante entre os negros de fato desejava a integração. Como explicou a seu editor e agente: "Pretendo bater com força, falando do ponto de vista do negro que tentou fazer todas as coisas consideradas necessárias para alcançar o sonho americano, e que... com frequência fica desiludido e desapontado... Vou dar alguns roteiros com os quais todo americano e todo cristão precisa lidar".[32]

Quando Malcolm deixou a Nação, logo ficou claro que o livro não poderia permanecer como estava escrito, exigindo mais trabalho de Haley e uma necessária reavaliação do cronograma de entrega. Em 21 de março, Haley encaminhou uma carta para Reynolds e o editor da Doubleday, Kenneth McCormick, explicando que "houve, nas últimas duas semanas, mais atraso entre os capítulos do que o normal", devido a recentes mudanças de Malcolm, que, segundo enfatizou, "acrescentariam muito ao teor dramático do livro". Mais uma vez Haley reforçou o pedido de mais tempo contando vantagens sobre o

potencial da Autobiografia: "Senhores, há uma década, ou talvez mais, [que] um livro não incendeia o mercado como este vai incendiar". Mas o principal objetivo da carta era explicar que o rompimento de Malcolm com a Nação poderia afetar a recepção do livro. Ele agora imaginava um novo capítulo, "Iconoclasta", no qual Malcolm era suspenso "pelo homem que aprendera a reverenciar (e diz que ainda reverencia)". Haley explicaria o que era a nova organização de Malcolm e examinaria suas relações com Cassius Clay. Contou que o capitão Joseph tinha conspirado para colocar uma bomba no carro de Malcolm e sugeriu que as recentes ameaças de morte e a incerteza sobre onde Malcolm apareceria em seguida faziam da história um sonho de tabloide sensacionalista. "Pois este homem é um assunto quente, muito quente, sei que os senhores concordam... este livro está tão impregnado de milhões de possibilidades de vendagem, incluindo uma disputa acirrada pelos direitos de publicar no exterior!"[33]

No fim de março, Reynolds entrou em contato com Gibbs, informando-o de que Malcolm pedira que todos os royalties restantes fossem pagos à Mesquita Muçulmana. Reynolds anexou ainda um documento assinado por Malcolm aprovando todos os capítulos já concluídos.[34] Malcolm pressionou a Doubleday por mais dinheiro, pedindo um adiantamento de 2500 dólares sobre os 7500 que deveria receber quando submetesse o manuscrito completo. McCormick aprovou a solicitação de Malcolm, mas só em meados de junho, quando Malcolm tinha outra vez saído do país, Gibbs finalmente encaminhou o cheque.[35]

Quando Malcolm voltou para os Estados Unidos em 21 de maio de 1964, a primeira prioridade que tinha era reinventar sua imagem pública — e urgentemente. A impressão de celebrar a violência — fosse com alusões à probabilidade de agitação negra ou com seus apelos para que os negros se armassem — alienava negros e brancos, e prejudicava seus esforços junto ao establishment de direitos civis. Era igualmente importante reivindicar o apoio de líderes do Oriente Médio e da África para sua nova causa. Recém-revigorado, ele retomou os discursos e as viagens em ritmo extraordinariamente acelerado. Acompanhado de James 67X, foi de avião para Chicago em 22 de maio e deu uma entrevista coletiva cobrindo assuntos diversos, desde as riquezas da África à brutalidade da polícia dos Estados Unidos.[36] Na noite seguinte, perante uma plateia de 1500 pessoas no Teatro Lírico Cívico de Chicago, apresentou suas

novas opiniões num debate com Louis Lomax. "A separação não é a meta do afro-americana", disse à multidão — um anúncio que deve ter causado furor entre seus seguidores nacionalistas negros — "nem a integração é a sua meta. São apenas métodos para alcançar seu verdadeiro objetivo — o respeito como ser humano."[37]

Lomax e as demais pessoas presentes àquela noite perceberam estar ouvindo algo de novo. Mas quais eram as implicações políticas, especialmente no que dizia respeito ao Movimento Liberdade Negra? Num tom notavelmente parecido com o de Martin Luther King, Malcolm fez um apelo por uma política que rejeitasse explicitamente o ódio racial. Havia uma "lei universal de justiça", declarou ele, que era "suficiente para levar a julgamento os brancos culpados de racismo". Insistiu em que "não é necessário que as vítimas — os afro-americanos — sejam vingativos... Melhor faríamos se usássemos o nosso tempo para remover as cicatrizes de nosso povo". Mas desejava também comunicar o espírito de revolução que acreditava ter testemunhado, especialmente no Cairo e em Acra. De acordo com o Los Angeles Times, o "maior aplauso veio quando ele disse que 'se a questão racial não for rapidamente resolvida, os 22 milhões de negros americanos poderiam facilmente empregar as táticas de guerrilha de outros revolucionários necessitados'".[38]

O dilema de Malcolm era que praticamente todos os inimigos — e amigos — viam nele o verdadeiro sacerdote da revolução social negra, e apesar de suas cartas de Meca e de outros lugares do exterior, e de seu notável discurso em Chicago, ele continuava a ser visto como um demagogo hostil aos brancos. Enquanto a exaustão do movimento de direitos civis tinha trazido muitos ativistas de volta à sua antiga maneira de pensar, suas novas ideias pregavam, se não uma inversão, pelo menos uma grande mudança que os apanhou de surpresa. Enquanto em Chicago Malcolm tornava claras suas opiniões racialmente neutras, o comediante e crítico social Dick Gregory descrevia-o em uma entrevista para um jornal como "um mal necessário". A posição do próprio Gregory refletia a guinada para a esquerda em relação às táticas de King. "Sou favorável à não violência, mas com certo constrangimento", disse ele. A militância negra crescia, e se a luta pelos direitos civis "durar mais seis meses, Malcolm X é o homem com que os senhores terão de lidar".[39] Gregory fez ainda a seguinte advertência ao colunista Drew Parson, do Los Angeles Times: "Isto é uma revolução, e um bom número de negros têm armas... Dos 22 milhões de

negros, só 1 milhão está com Malcolm X. Mas muitos já dizem: 'Estou cansado de King'". Na cabeça de Gregory, "Malcolm vai acabar sendo o único homem capaz de deter uma revolta racial".[40] Mas o que havia de mais notável em relação a esses comentários era que Gregory e Malcolm já estavam de acordo em muitas coisas. Tinham trabalhado juntos em questões de direitos civis, e os dois homens, apesar de diferenças reais ou imaginárias, eram membros de act, o grupo de direitos civis estabelecido no começo daquele ano que incluía também líderes tão diferentes como Adam Clayton Powell Jr. e o presidente do SNCC, John Lewis.[41] Se os aliados de Malcolm ainda o viam como Gregory via, não é de surpreender que outros duvidassem da sinceridade de suas novas opiniões.

A luta de Malcolm para decidir que atitude adotar também teve consequências internas. Pelo fim de maio, a MMI tinha 125 membros; para consternação de James, porém, a maioria não era recém-chegada da Mesquita nº 7, mas formava um grupo eclético, que em sua quase totalidade tinha rompido laços com a Nação havia anos. O tipo de insatisfação de Malcolm com a Nação era apenas um de uma grande variedade, e muitos membros da MMI tinham abandonado a antiga seita por razões que pouco tinham a ver com o novo programa de ação de Malcolm. Alguns, como recordava James, "eram irmãos que queriam resolver as coisas com relação a Ronald Stokes" em Los Angeles. Tinham deixado a Nação em 1962 "porque o capitão Joseph jogara um balde de água fria em suas aspirações" de punir a polícia de Los Angeles. Outros saíram devido ao rigor da Nação do Islã: "Pessoas que achavam [a NOI] uma boa ideia diziam: 'Tudo bem, mas não consigo fazer estes ajustes morais em minha vida'. Alguns ex-muçulmanos não podiam voltar para a Mesquita nº 7 porque viviam, como se diz lá no sul, em união estável — juntos sem ser casados. E esperava-se que casassem".[42]

Esses membros da MMI necessitariam de uma visão clara para canalizar suas energias, mas Malcolm precisava definir plenamente o objetivo do grupo. James tinha como inevitáveis as hostilidades com a Nação, que veria na Mesquita Muçulmana uma seita concorrente. Porém, ele mesmo não sabia direito o que era a MMI como organização religiosa, "porque o irmão Malcolm não foi muito específico". Apesar das reuniões regulares, as coisas eram tão desorganizadas que ele já se sentira tentado a renunciar à função de coordenador da MMI.[43] Pior, muitos muçulmanos negligentes que afluíam para a MMI ainda acreditavam na velha teologia da Nação. Numa reunião em 20 de maio, alguém perguntou a

Malcolm se "ele tinha visto W. D. Fard" durante seu hajj a Meca — e a resposta que recebeu foi que os membros da MMI deviam rejeitar "as velhas noções" sobre o que constituía a fé islâmica e adotar "a realidade".[44]

Um dos poucos artigos de jornal a apresentar a conversão de Malcolm em termos positivos foi publicado no Washington Post em 18 de maio. O dr. Mahmoud Shawarbi, nessa época diretor do Centro Islâmico de Nova York, era creditado como o "homem que domesticou Malcolm". Disse ele ao jornal que alguns muçulmanos árabes que viviam nos Estados Unidos tinham manifestado "oposição à sua tutelagem de Malcolm X" com base "em temores de que [ele] não seja sincero e use a religião e a peregrinação como artifício para fortalecer sua imagem pública". Shawarbi fez uma defesa vigorosa. "Não duvido de sua sinceridade", disse, lembrando que Malcolm "às vezes até chorava durante a leitura de passagens do Alcorão". Ele previu com exatidão que Malcolm em breve rechaçaria seu apelo para que os negros formassem clubes de tiro, e que seus esforços políticos se estenderiam para além dos negros. "Se ele admitir todo mundo... e fizer as coisas com tranquilidade, segundo o Islã, tenho certeza de que será um movimento muito grande", declarou. A reportagem observava, porém, que a maioria dos observadores de direitos civis em Nova York estava "adotando uma atitude de esperar para ver".[45]

O FBI também não esqueceu Malcolm. Nas primeiras horas de 29 de maio, Malcolm recebeu um telefonema do escritório do FBI em Nova York solicitando uma entrevista em sua casa. Ele consentiu, mas antes de os agentes chegarem pôs um gravador debaixo do sofá. Os agentes investigavam um caso federal de Rochester, no qual um homem que aguardava julgamento fizera uma declaração incriminando Malcolm. Eles queriam saber se Malcolm tinha comparecido a uma reunião de muçulmanos naquela cidade na noite de 14 de janeiro, para planejar o assassinato do presidente Johnson. Felizmente, ele tinha provas de que naquela data e naquela hora estava com Alex Haley, trabalhando na autobiografia; a declaração dada ao FBI era "tão absurda", escreveu Malcolm posteriormente, "que a mim me pareceu algo inventado, mesmo que fosse negado, para servir, ainda assim, como propaganda". Os agentes lhe pediram "quaisquer informações que queira nos dar sobre os muçulmanos". Mas a parte mais curiosa da entrevista foi quando os agentes lhe perguntaram sobre sua situação na NOI. Malcolm respondeu que ainda cumpria a suspensão ordenada por Elijah Muhammad. "Ele é o único que pode dar aos senhores qualquer informação. Não

posso lhes dizer nada que ele não diria." Longe de revelar seu rompimento com a Nação, ele defendeu vigorosamente os esforços do grupo para "acabar com o crime", e disse: "Eu francamente acredito que o que o sr. Muhammad ensina é 1000% verdade... acredito mais nisso hoje do que dez anos atrás".[46] É surpreendente que se apresentasse como seguidor devoto, pois devia ter concluído, ou previsto, que o FBI se infiltrara na MMI e àquela altura certamente sabia do rompimento. O motivo mais provável desse obscurecimento deliberado de Malcolm é mais simples. Ao deixar registrado oficialmente seu apoio à Nação, ele talvez tentasse lançar as bases para uma iminente ação legal sobre a propriedade de sua casa. Como Percy Sutton tinha contestado a legalidade da tentativa da Nação de despejar Malcolm de sua residência paroquial em East Elmhurst, no Queens, a estratégia jurídica de Malcolm era afirmar que a NOIapenas o tinha suspendido; e que ele ainda era ministro da Mesquita nº 7, assim como ministro nacional da NOI. Se pudesse estabelecer uma relação funcional com a seita, talvez eles tivessem êxito em reivindicar o direito à casa no Queens.

Posteriormente, ainda naquele verão, Malcolm falou num encontro público de um grupo de especialistas patrocinado pelo Fórum Trabalhista Militante Trotskista. O fórum foi instigado por uma série de artigos de jornal sobre a suposta existência no Harlem de uma "gangue de ódio" formada por jovens negros para matar brancos. Malcolm aproveitou a oportunidade para traçar paralelos entre o legado do domínio colonial europeu que ele vira na África e o sistema de racismo institucional nos Estados Unidos. A Argélia, sob domínio colonial francês, disse ele, "era um estado policial; e é isto que o Harlem é... A polícia no Harlem, sua presença é como uma força de ocupação, como um exército de ocupação". Também vinculou a luta dos afro-americanos às revoluções chinesa e cubana. "O povo da China cansou-se dos opressores e... se insurgiu. E não se insurgiu de modo não violento. Quando Castro estava nas montanhas em Cuba, disseram-lhe que não tinha chance. Hoje ele está sentado em Havana, e esse país, com todo o poder que tem, não consegue tirá-lo de lá."[47]

De significado ainda maior era a indicação dada pelo discurso de uma profunda mudança no programa econômico de Malcolm. Durante anos, ele apregoara as virtudes, endossadas por Garvey, do capitalismo empresarial, mas ali, quando lhe perguntaram que tipo de sistema político e econômico queria, ele observou que "todos os países que hoje emergem do capitalismo se voltam para

o socialismo. Não acredito que seja por acaso". Pela primeira vez, estabeleceu publicamente a ligação entre opressão racial e capitalismo, dizendo: "É impossível para uma pessoa branca acreditar no capitalismo e não acreditar no racismo". Inversamente, notou ele, os que tinham um forte compromisso pessoal com a igualdade racial eram, geralmente, "socialistas, ou sua filosofia política é o socialismo". O que Malcolm parecia dizer era que o Movimento de Liberdade Negra, até aquele momento voltado para os direitos legais e para as reformas legislativas, teria, em última análise, que lidar com o sistema de empresas privadas dos Estados Unidos. Fez uma nova analogia às galinhas para provar seu ponto de vista: "É impossível, para uma galinha, pôr um ovo de pata — apesar de ambas fazerem parte da mesma família de aves... O sistema neste país não pode produzir liberdade para um afro-americano... E se algum dia uma galinha produzir um ovo de pata, tenho certeza de que os senhores dirão que se trata, sem a menor dúvida, de uma galinha revolucionária!".[48]

Os comentários pró-socialistas diferiam notavelmente de qualquer coisa que Malcolm tivesse dito antes. Enquanto viajava pela África, ele não fizera qualquer menção ao socialismo e falara pouco de desenvolvimento econômico. Mas o regime autoritário de Nkrumah em Gana, o país que mais o impressionara, estabelecia naquela época uma aliança com a União Soviética, e tanto a Argélia como o Egito já estavam comprometidos com versões do socialismo árabe. Esses fatores influenciaram seu pensamento, mas talvez o que mais pesou foi o entusiástico apoio do Partido Socialista dos Trabalhadores ao próprio Malcolm. Os trotskistas viram nele o líder potencial de um movimento inteiramente novo entre os negros, um movimento que em última análise radicalizaria toda a classe operária americana. Malcolm deve ter se dado conta disso, percebendo a importância de adotar partes de uma perspectiva socialista. No mais, havia elementos do programa de ação trotskista, como a oposição tanto ao Partido Democrata como ao Partido Republicano, com os quais estava de acordo. Assim, embora a nova direção econômica que adotara parecesse contradizer suas opiniões anteriores, a rigor ela representava uma evolução gradual, e não uma rejeição brusca. Malcolm continuava a ser um nacionalista negro e a enfatizar a importância do desenvolvimento de comércios de negros nas comunidades afro-americanas.

Ele também reconhecia que, embora a MMI precisasse expandir-se para outras cidades, a fim de consolidar a clientela de seguidores entre os muçulmanos, sua

prioridade tinha de ser a organização política secular que Lynne Shifflett e Peter Bailey vinham trabalhando para construir em seu benefício. "Dentro dos próximos oito dias", prometeu numa entrevista em 30 de maio, lançaria "uma organização aberta à participação de todos os negros, que estará disposta a aceitar o apoio de pessoas de todas as raças". O primeiro objetivo do novo grupo seria submeter "o caso do negro americano às Nações Unidas". O que Malcolm visualizava com relação à ONU era uma mudança estratégica no ativismo de direitos civis dentro dos Estados Unidos. Em vez de aprovar reformas legislativas no Congresso, ele pretendia apresentar as queixas dos negros a organizações internacionais na esperança de uma intervenção global. Sob a bandeira dos direitos humanos, questões vistas há muito como internas ou paroquiais seriam apresentadas perante um público mundial.

Ele também pareceu dar uma trégua à Nação do Islã com relação à casa em Elmhurst. Uma audiência sobre o caso estava marcada para 3 de junho no Tribunal Cível do Queens, mas ele disse ao Amsterdam News que se funcionários da Mesquita nº 7 lhe permitissem falar a seus membros e defender-se das acusações, estava pronto para ceder aos sentimentos da maioria. Se os membros da NOIlhe pedissem para mudar-se, ele prometeu desistir da casa. "Quero resolver este problema tranquilamente, privadamente, pacificamente, e não no tribunal do homem branco, que segundo os muçulmanos é um demônio."[49] Mas melhor do que ninguém ele sabia que a Nação não era uma sociedade debatedora com regras democráticas. Fez o apelo não porque esperasse reconciliação, mas como manobra de relações públicas: para demonstrar uma posição razoável aos negros fora da Nação do Islã.

Dias depois, o tribunal adiou o exame da ação de despejo, e Malcolm mais uma vez queixou-se a um repórter de que "isto deveria ser levado para um tribunal muçulmano... Estão nos desviando de nossos princípios religiosos ao me trazer para cá". Malcolm certamente sabia que a NOI, que o considerava "herege", jamais concordaria em resolver a disputa num tribunal muçulmano.[50] O simples fato de que Malcolm não tinha comprado a propriedade com dinheiro próprio tornava altamente improvável o seu êxito num julgamento.

Enquanto isso, ele continuava a recrutar seguidores para a sua nova organização secular. Semanas depois de voltar da África, confiou a tarefa de preparar um documento de fundação, a "Declaração de metas e objetivos básicos", a uma panelinha de ativistas políticos, intelectuais e celebridades, como

o romancista John Oliver Killens e o historiador John Henrik Clarke. Algumas sessões de trabalho do grupo foram realizadas num hotel na esquina da rua 153 Oeste com a Oitava Avenida, divisa setentrional do Harlem.[51] Em 5 de junho, Malcolm viajou a Filadélfia com Benjamin 2X Goodman, um guarda chamado Lafayette Burton e outro indivíduo — provavelmente James 67X — para participar de reuniões, uma delas numa casa particular com mais sete pessoas, e outra numa barbearia da Filadélfia. Seu principal objetivo era consolidar apoio na cidade, com a finalidade imediata de criar uma filial da MMI. Mas lançou também o que poderia ser visto posteriormente como a primeira salva de tiros numa batalha contra a Nação do Islã, que logo se transformaria em guerra total. Durante essas reuniões, pela primeira vez ele manifestou a suspeita de que o secretário nacional da NOI, John Ali, era informante do FBI; disse o mesmo a respeito do importante ministro Lonnie X Cross.[52]

Em Washington, J. Edgar Hoover também andava frustrado com a marcha dos acontecimentos. Falsos relatórios sobre a "gangue do ódio" do Harlem chegaram-lhe às mãos, e suas suspeitas recaíram sobre Malcolm, cuja popularidade como líder negro crescia inesperadamente, apesar de sua expulsão da Nação. Na sexta-feira, 5 de junho, um zangado Hoover despachou um telegrama para o escritório do FBI em Nova York com ordens inequívocas: "Deem um jeito em Malcolm X, chega dessa violência negra em Nova York".[53]

Malcolm poderia ter escolhido outro caminho, mas algo dentro dele ansiava por uma solução final com a Nação do Islã. Num nível pessoal, ele distribuía golpes, com raiva e tristeza, contra a figura paterna que o traíra da maneira mais vil. Além disso estava convencido de que a propagação do Islã ortodoxo nos Estados Unidos só seria possível quando as infidelidades de Elijah Muhammad e a corrupção interna da Nação do Islã fossem completamente expostas. O que talvez também estimulasse Malcolm era o reconhecimento de que o separatismo racial que pregara como ministro da NOIera contraproducente, e que os afro-americanos precisavam estender a mão, especialmente para o Terceiro Mundo, a fim de alcançar mudanças sociais significativas.

A Nação do Islã não hesitara em deixar clara sua posição. Durante todo o mês de maio, líderes e ministros da seita não perderam oportunidade de incitar

sentimentos antagônicos a Malcolm. Em todas as mesquitas da NOIos fiéis eram obrigados a jurar lealdade a Elijah Muhammad e a denunciar Malcolm como herege. Em 15 de maio, membros da Mesquita nº 7 foram informados de que Malcolm era "hipócrita e mentiroso". Também foram lembrados de que seu antigo ministro "costumava dizer que daria um soco na boca de qualquer pessoa que falasse mal de Muhammad". Em Buffalo, na Mesquita nº 23 de Nova York, os membros ouviram a leitura de uma carta da sede em Chicago indicando que em 1959 Elijah Muhammad advertira Malcolm de que não deveria aparecer no programa de Mike Wallace. "A ira de Alá cairá sobre Malcolm X", previa a carta, "por suas ações, primeiro, acreditando, e depois não acreditando nas palavras de Alá."[54] Na Mesquita nº 17, em Joliet, Illinois, em 31 de maio, os frequentadores foram advertidos de que não deveriam manter armas de fogo em casa "porque o 'demônio' [o homem branco] está de olho".[55]

Em certo sentido, a saída de Malcolm representava, por si só, uma ameaça à Nação, e o fato de ter ele formado uma nova organização que muito provavelmente atrairia membros provocou resposta firme. Em maio, Raymond Sharrieff pusera o Fruto do Islã em alerta contra qualquer tentativa de Malcolm de achar um ponto de apoio. Numa reunião do foi em Chicago, Sharrieff informou os membros de que os homens de Malcolm estavam "recrutando irmãos" para a MMI. Se qualquer pessoa do Fruto fosse abordada, sua obrigação era informar. "Queremos descobrir o que Malcolm está aprontando. Se seus homens dizem que são muçulmanos, e criam problemas, ficaremos malvistos. Descubram tudo que puderem, e me informem imediatamente."[56] No mês seguinte, Sharrieff dirigiu-se aos membros do Fruto da Mesquita nº 7, dizendo à plateia que "Elijah Muhammad gostava muito do ex-ministro Malcolm X, mais do que do próprio filho, mas Malcolm X magoou Elijah Muhammad profundamente". Sharrieff, então, previu: "Malcolm não vai demorar a ser eliminado". Um informante disse ao FBI que Sharrieff deixou bem claro como Malcolm deveria ser tratado: "Big Red é o pior de todos como desertor. É um hipócrita, um sujeito sorrateiro e desprezível... Se alguém abusar do nome de Elijah Muhammad os muçulmanos devem enfiar o punho na boca da infâmia até o cotovelo".[57]

Fosse motivado por estratégia, conveniência ou algo mais profundo e pessoal, nos primeiros dias de junho Malcolm começou a expressar publicamente suas queixas contra a Nação do Islã. De vez em quando, ele evitava fazer esse tipo de

crítica, como se soubesse que seria incapaz de controlar a resposta provocada, mas tais momentos destinavam-se provavelmente — como na entrevista com os agentes do FBI — a criar para si próprio uma cobertura razoável em sua disputa legal para manter a casa. Mas os ataques, que atingiam profundamente as pretensões de divindade do Mensageiro, empurraram a Nação para uma situação em que retaliar parecia necessário à sua sobrevivência. Durante o mês de junho, a briga entre Malcolm e a Nação do Islã chegou a um ponto em que já não era possível voltar atrás.

Em 6 de junho, Malcolm teve a oportunidade de iniciar um diálogo com o Terceiro Mundo, quando três escritores japoneses, representando a Missão de Estudo da Paz Mundial Hiroshima/Nagasaki, visitaram o Harlem. Os três eram hibakusha, sobreviventes da bomba atômica, e familiarizados com as atividades de Malcolm. Uma recepção foi oferecida no apartamento do Harlem da ativista nipo-americana Yuri (Mary) Nakahara Kochiyama, que logo ingressaria na OAAU; Malcolm foi convidado, mas não respondeu. Poucos minutos depois de iniciada a programação oficial às duas e meia da tarde, entretanto, Malcolm apareceu, acompanhado por James 67X, que falava fluentemente japonês, e um grupo de seguranças. Depois da apresentação formal, dezenas de pessoas cercaram-no amistosamente para um aperto de mãos. Kochiyama lembra-se de Malcolm ter dito à delegação japonesa: "A bomba atômica deixou-lhes cicatrizes, senhores... Nós também temos nossas cicatrizes. A bomba que nos atingiu foi o racismo". Vários jornalistas japoneses também estavam presentes, dando a Malcolm uma tribuna. Ele elogiou a liderança de Mao Tsé-tung e o governo da República Popular da China, notando que Mao estava certo ao adotar políticas que favoreciam o campesinato, mais do que a classe operária, porque os camponeses eram responsáveis por manter o país alimentado. Também manifestou sua oposição ao crescente envolvimento militar dos Estados Unidos na Ásia, dizendo: "A luta do Vietnã é a luta de todo o Terceiro Mundo — a luta contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo".[58]

Horas depois, James 67X embarcou num avião para a Costa Oeste. Sua missão era obter assinaturas em documentos legais de diversas mulheres engravidadas por Elijah Muhammad, conseguir fotografias delas e arranjar entrevistas com o Los Angeles Herald-Dispatch. James cumpriu a missão; mas, embora estivessem dispostas a entrar na Justiça contra Muhammad, as mulheres demonstraram extrema relutância em divulgar suas acusações na mídia

nacional.[59]

Na noite seguinte, Malcolm estava escalado para falar num comício da MMI no salão Audubon; o evento tinha sido anunciado como um "Informe especial da África para o povo do Harlem". Nas horas que antecederam a sua aparição, ele ligou para algumas mulheres muçulmanas na tentativa de descobrir outras que pudessem confirmar as histórias dos amores proibidos de Muhammad.[60] Uma vez no palco, provocado por uma pergunta do público, ele declarou que a Nação do Islã seria capaz de cometer assassinato para evitar a exposição das muitas infidelidades de Elijah Muhammad e dos filhos que tivera fora do casamento, e explicou à multidão que sabia das infidelidades do Mensageiro porque o próprio filho dele, Wallace Muhammad, lhe contara.[61] Foi nesse comício que pela primeira vez Malcolm expôs publicamente, com detalhes, para uma plateia do Harlem, a conduta imprópria de Muhammad. Em vista do tamanho do público — cerca de 450 pessoas —, vários membros leais da Mesquita nº 7 com certeza estavam presentes. Pode-se imaginar a ira do capitão Joseph e de seus disciplinadores. A notícia dos comentários rapidamente chegou a Phoenix e Chicago. Na manhã seguinte, Betty recebeu um telefonema anônimo com a primeira das centenas de ameaças de morte que seriam feitas contra Malcolm a partir de então. [62]

No dia seguinte, Malcolm procurou a cbs News e tentou convencer a rede de televisão a levar ao ar um programa que expusesse nacionalmente os escândalos de Muhammad. Aquela noite ele apareceu no Barry Goodman Show, na rádio de Nova York, mas, durante sua participação de cinquenta minutos, preferiu não mencionar nem os filhos ilegítimos nem as infidelidades. Em vez disso, falou sobre a viagem à África, descrevendo o continente como "o melhor lugar da Terra"; disse também que não havia diferença, do ponto de vista político, entre o governador segregacionista George Wallace, do Alabama, e o presidente Lyndon Johnson.[63]

Enquanto assestava suas críticas contra a Nação do Islã, ele continuou a promover sua nova organização. Em 9 de junho, a primeira reunião organizacional decisiva dos conselheiros políticos de Malcolm foi realizada no apartamento de Lynne Shifflett em Riverside Drive. Diferentemente de discussões clandestinas anteriores, a reunião finalmente juntou os jovens ativistas cheios de idealismo e os experientes veteranos do Harlem. Deste último grupo faziam parte o historiador John Henrik Clarke, o fotógrafo Robert Haggins, o

romancista John Oliver Killes e o jornalista Sylvester Leeks. Clark foi quem sugeriu dar ao grupo o nome de Organização da Unidade Afro-Americana, inspirada na Organização da Unidade Africana (OUA), fundada em 25 de maio do ano anterior. Ele achava que a carta da OUA podia servir de modelo para a OAAU.[64] Talvez tenha sido um pouco ambicioso. Em primeiro lugar, a OUA era um bloco de países africanos reunidos para alcançar objetivos estratégicos, e não uma coalizão ad hoc de indivíduos. A OAAU não era sequer uma frente unida de grupos de negros americanos, e mais parecia uma seita estruturada de cima para baixo, com Malcolm como chefe carismático. Em segundo lugar, pouco se levou em conta como as decisões seriam tomadas, e quem seria responsável pela organização — e pelo financiamento — de eventos públicos.

Malcolm lidou com essas questões difíceis à sua maneira: jogando-as no colo de James 67X. No carro para o apartamento de Shifflett, ele explicou secamente a James que "não tinha formado" aquele grupo, mas "quis formá-lo. Ele me disse que eu era responsável por sua formação". James imediatamente sentiu que haveria problemas, e quando chegaram ao apartamento de Shifflett suas suspeitas se confirmaram. "Fui para o apartamento [de Shifflett] pensando que a coisa estava sendo formada", disse ele. "E lá estavam eles sentados, falando sobre o grande organizador que cada um deles era."[65] Mais tarde, Malcolm designou Shifflett secretária de organização da OAAU, função equivalente à de James na MMI. Suas posições concorrentes fomentaram uma animosidade tão profunda que décadas depois James 67X ainda tinha dificuldade de pronunciar o nome dela. Desde o início, lembrava-se James, "Malcolm os tratou bem diferente de como nos tratava". O pessoal da OAAU jamais contribuía com dinheiro "como doação" para ajudar a manter Betty e a família. Os seguidores leais da MMI "estavam acostumados a receber ordens e cumprir. Não discutíamos com irmão Malcolm. Se ele dissesse isso de um jeito, se sugerisse alguma coisa, eu pensava 'vamos nessa', e mandava os irmãos fazerem".[66]

No mesmo dia da reunião da OAAU, Malcolm participou como convidado de um programa de notícias de Mike Wallace, transmitido pela bbc em Nova York, no qual ressaltou sua nova posição no tocante a raça — e atribuiu suas "declarações anteriores contra os brancos" ao fato de ter sido membro da Nação do Islã.[67] Com a aproximação do fim de semana, Malcolm se preparou para ir a Boston, onde naquele domingo, na casa de Ella, deveria falar para um grande número de potenciais seguidores, incluindo representantes da Liga Urbana

Nacional e do CORE. Na sexta-feira, a campanha pública contra a Nação atingiu ritmo febril, e quando ele apareceu no rádio para atribuir sua partida a "um problema moral" dentro da seita, o apresentador do programa disse aos ouvintes que Malcolm tinha chegado ao estúdio sob proteção de guardas armados, por medo de ataque.[68] Malcolm deu detalhes sobre o comportamento impróprio de Muhammad e informou que Wallace Muhammad tinha confirmado que essa conduta "ainda continuava". Ele achava que Muhammad tinha pelo menos seis filhos fora do casamento. Aquela noite, repetiu as acusações no programa de Jerry Williams, levado ao ar em Boston pela rádio wmex, e afirmou que Louis soube de tudo antes dele.[69]

As aparições aumentaram a tensão em Boston, mas na manhã seguinte Malcolm deixou tranquilamente a cidade antes da hora prevista; uma reunião organizada às pressas com ativistas de direitos civis e conhecidos artistas negros na casa de Sidney Poitier, no norte do estado de Nova York, em 13 de junho, o obrigou a interromper a programação. Em vários sentidos, aquela foi uma reunião sem precedentes. Primeiro porque reuniu indivíduos, ou representantes desses indivíduos, que refletiam grandes correntes do Movimento de Liberdade Negra. Martin Luther King, naquele momento em Saint Augustine, Flórida, preso por encabeçar protestos contra a segregação naquela cidade, foi representado pelo procurador Clarence Jones, advogado geral da Sociedade Gandhi de Direitos Humanos; Jones fora "autorizado a falar em nome de King". Estavam presentes também Whitney Young, da Liga Urbana Nacional, representantes de A. Philip Randolph e do CORE, Benjamin Davis do Partido Comunista, e os artistas Ossie Davis, Ruby Dee e Sidney Poitier. Provavelmente o principal assunto da conversa foi a preparação de um programa comum para os grupos divergentes dentro do Movimento de Liberdade Negra. Foi Malcolm, porém, que apresentou a proposta mais atraente: seu plano, nas palavras de Davis, era "levar a questão do negro perante as Nações Unidas para internacionalizar o assunto e colocá-lo diante do mundo inteiro". A tática era parecida com a do líder comunista negro William Patterson, que no fim dos anos 1940 tentou apresentar provas de linchamentos e discriminação racial nos Estados Unidos perante a ONU. Clarence Jones gostou dessa abordagem, sugerindo que o caso deveria ser apresentado à ONU naquele mês de setembro. Malcolm foi incumbido de entrar em contato com os governos da África e do Oriente Médio que pudessem endossar a iniciativa.[70] Suas atividades no exterior,

no segundo semestre de 1964, foram uma tentativa de pôr em prática essa estratégia.

Graças a escutas telefônicas ilegais e informantes, o FBI estava a par do que se passou nessa reunião clandestina. Em 13 de junho, o escritório em Nova York informou por teletipo ao diretor que "consistiu numa discussão sobre o futuro geral do movimento de direitos civis nos Estados... a melhor ideia apresentada foi a da pessoa em questão para que se internacionalize o movimento de direitos civis levando-o às Nações Unidas". Uma nota anexada a esse relatório, de autoria da Divisão de Inteligência Nacional e datada de 14 de junho, indicava que ele estava sendo distribuído para "o Departamento, o Estado, a cia e agências militares de inteligência".[71]

Em Boston no dia seguinte, um grupo de 120 pessoas lotou a casa de Ella para ouvir Benjamin 2X, designado por Malcolm para substituí-lo. Depois do encontro, Benjamin saiu para pegar o avião de volta para Nova York. Acompanhavam-no sete partidários locais, num comboio de três automóveis, com Benjamin no da frente. No trajeto, um Lincoln branco tentou bater no primeiro carro, quase o obrigando a sair da estrada. Minutos depois, quando o comboio entrou no Túnel Callahan, que liga o centro da cidade ao aeroporto Logan, um Chevrolet com membros da NOIultrapassou o carro de Benjamin e tentou jogá-lo contra a parede de concreto do túnel. Um dos passageiros do carro de Benjamin brandiu uma espingarda para os agressores, que recuaram. Ainda de espingarda em punho para se proteger, o grupo entrou no aeroporto, onde foi imediatamente preso junto ao balcão de passagens. Os oito homens foram denunciados no Tribunal de Boston em 15 de junho e libertados depois de pagarem mil dólares de fiança cada um.[72]

A emboscada assinalou a primeira vez que membros da NOItentaram seriamente ferir ou matar Malcolm ou seus tenentes num ambiente público. Além disso, a Nação reconheceu que a maioria dos departamentos de polícia nutria tamanha animosidade contra Malcolm que não investigava, com a necessária agressividade, ataques a ele e a pessoas a ele associadas.

A notícia das prisões chegou rapidamente a Malcolm em Nova York, que se preparava para um comício de domingo no Audubon. No palco aquela noite, oito irmãos da MMI, armados de fuzis, flanquearam-no enquanto ele expunha, claramente e sem rodeios, o caso da conduta sexual de Muhammad. Malcolm disse que, quando estava na Nação, conversara com Louis X, capitão Joseph,

Maceo X e vários outros, numa tentativa de resolver o escândalo privadamente. Entre 1956 e 1962, Elijah Muhammad tinha "gerado de seis a sete" filhos fora do casamento, explicou. O Mensageiro justificava seus atos afirmando que agira "a mando de Alá". Aqueles a quem Malcolm consultara "conspiraram" para expulsá-lo da Nação.[73] Ao ampliar suas queixas contra Muhammad e a sede em Chicago para incluir Louis X e outros ministros destacados, Malcolm declarava guerra a todo o grupo de líderes da Nação do Islã.

Nessa atmosfera tóxica a ação movida pela Nação foi finalmente apresentada, na manhã seguinte, 15 de junho, no Tribunal Cível do Queens. O julgamento, que durou dois dias, foi presidido pelo juiz Maurice Wahl; a Nação foi representada por Joseph Williams e o advogado de Malcolm era Percy Sutton. Vários jornais locais revelaram que a vida de Malcolm fora recentemente ameaçada; o Departamento de Polícia de Nova York respondeu mandando 32 policiais cuidarem de sua proteção durante o julgamento. A MMI mandou um modesto grupo de dez pessoas, enquanto a Mesquita nº 7 foi representada por uma falange de cinquenta homens do Fruto, que encaravam com raiva o pessoal da MMI. Um dos seguidores de Malcolm foi visto fora da lotada sala do tribunal portando um fuzil. Quando interpelado, descobriu-se que ele tinha dois fuzis descarregados, e nenhuma munição, por isso não foi preso.[74]

O plano de Malcolm no julgamento era tirar vantagem da falta geral de interesse por assuntos muçulmanos na mídia branca sugerindo que, a despeito de muitos indícios em contrário, ele ainda era um leal seguidor de Elijah Muhammad, mas sua fé tinha sido retribuída com perfídia e traição. A casa do Queens — que ele nada fizera para perder — foi comprada por ele e deveria continuar sendo sua. No começo do testemunho de duas horas, Malcolm observou que a Mesquita nº 7 tinha sido constituída legalmente no estado de Nova York em 1956, que ele era um dos "incorporadores originais", e que seus serviços para aquela organização "nunca foram interrompidos". Seu principal argumento era que não só não renunciara a Nação do Islã, como também "nenhum ministro muçulmano jamais renunciou". Em seguida, descreveu para o tribunal sua recente designação como ministro interino da mesquita de Washington. O ministro anterior fora removido do cargo, mas tivera permissão para defender-se numa audiência perante toda a congregação, que Malcolm presidira.

Quando interrogado pelo advogado da NOI, Joseph Williams, Malcolm

afirmou que o envolvimento de Muhammad o desqualificava para presidir um comitê sobre seu próprio caso. Culpou o capitão Joseph por "envenenar a tal ponto a comunidade que não seria possível realizar uma audiência. Eles simplesmente me puseram no limbo até terem a chance de consolidar sua posição com falsas informações e é por isso que nunca me concederam audiência perante os muçulmanos".[75]

Mas Williams não se satisfez com os argumentos de Malcolm. "Não é fato", perguntou a Malcolm, "que o Honrado Elijah Muhammad pode expulsar qualquer ministro que deseje?" Malcolm concordou com relutância, explicando que Muhammad "é um homem divino... Ele sempre segue o procedimento religioso divino. É muito rigoroso... sempre foi sua política jamais tratar as pessoas de uma forma que alguém possa acusá-lo de injustiça".

Williams retrucou "que o Honrado Elijah Muhammad expulsa ministros com ou sem motivo e essa tem sido a prática desde que o movimento começou". Malcolm discordou com veemência: "Não. O Honrado Elijah Muhammad jamais expulsou um ministro sem motivo".[76]

Williams adotou outra linha de ação. "Quando a suspensão sem causa foi imposta", perguntou, "o senhor tomou alguma medida legal para reconduzi-lo ao cargo?"

"Tentei manter o assunto na esfera privada", respondeu Malcolm. "Tentei ficar longe dos tribunais e do público e pedi uma audiência particular... porque havia fatos que, no meu entender, seriam nocivos ao movimento muçulmano."

"Agora o senhor os está tornando públicos", respondeu Williams.

"Sim", reconheceu Malcolm, "mas só porque me levaram a um ponto em que tenho de falar para me proteger."

"Não é fato que o senhor organizou outra mesquita", perguntou Williams.

De início, Malcolm esquivou-se, mas finalmente admitiu que tinha criado a Mesquita Muçulmana, "para divulgar os ensinamentos do Honrado Elijah Muhammad entre os 22 milhões de não muçulmanos".

Enquanto Williams insistia, a estrutura do argumento de Malcolm — de que continuava a ser um seguidor fiel de Elijah Muhammad — desmoronou. As provas contra ele eram óbvias demais para qualquer um que examinasse com cuidado. Williams notou, por exemplo, que muitos membros da MMI eram ex-membros da NOI. Lembrou que Malcolm tinha anunciado à imprensa que "não estava mais filiado" à Mesquita nº 7 e que renunciara à liderança e à autoridade

espiritual de Muhammad. Portanto, concluiu, a casa de East Elmhurst pertencia, por direito, à Nação do Islã.[77]

Mas Malcolm não estava disposto a ceder. Lembrou que na verdade tinha dois cargos formais dentro da NOI: ministro da Mesquita nº 7 e ministro nacional. Fora suspenso, tecnicamente, como chefe da Mesquita nº 7, mas Muhammad não abolira o cargo de ministro nacional. Argumentou que o acordo residencial de East Elmhurst era exclusivamente "entre mim e o Honrado Elijah Muhammad", que o lugar tinha sido "comprado para mim", e que o Mensageiro "me disse que a casa seria minha". Elijah tinha ressaltado que se tratava de um presente pessoal: "Ele me disse, muitas vezes, que deveria estar em meu nome, que era para mim por causa do trabalho que eu fazia e tinha feito".[78]

Williams tentou destruir esse argumento dando a entender que Malcolm embolsara dinheiro da Nação durante anos — e que grande parte dos honorários de seus discursos públicos tinha ido parar em seu bolso. Tentou pintar a vida de Malcolm na Nação como uma longa e confortável carona nos recursos da organização, perguntando: "Não é verdade que toda mesquita para onde o senhor vai é a própria mesquita que arca com as despesas do senhor?". Malcolm revidou, classificando essas afirmações de caluniosas e assegurando que o verdadeiro motivo da sua "suspensão" em dezembro de 1963 foi um assunto "muito particular". "Nunca tentei ganhar nada pessoalmente da Nação do Islã. É por isso que vivi [no começo do ministério] em um quarto, e depois em três quartos." Mas Williams continuou a pôr em dúvida os motivos de Malcolm. "Senhor, quando esta casa estava sendo comprada", observou ele, "o senhor nem sequer estava presente quando eles se reuniram para comprá-la. Quando tiveram uma primeira conversa na mesquita sobre a casa o senhor não estava presente, estava?" Ele astutamente usava as viagens apostólicas de Malcolm para caracterizar seu desinteresse pela aquisição da propriedade.[79]

Malcolm deve ter sentido uma forte angústia, sentado perante um juiz branco, sendo acusado de roubo e corrupção numa organização pela qual houve um tempo em que teria sacrificado a vida. Era capaz de aceitar muita coisa, menos a desonra. E as manobras legais eram apenas uma forma de evitar a questão central, a verdadeira razão do rompimento, que ele ainda hesitava em declarar oficialmente. Disse a Williams que os fundos para compra da residência não tinham saído da pessoa jurídica Mesquita nº 7; provedores da mesquita jamais se reuniram para emitir um cheque cobrindo o pagamento inicial. "Ele

veio do corpo espiritual dos muçulmanos."

Então, depois de quase duas horas, ele finalmente contou ao tribunal que "o Honrado Elijah Muhammad tomara para si nove esposas, além da que já tinha... Este é o motivo da minha suspensão". Insistiu em deixar bem claro que estava preparado para manter "tudo em segredo e na esfera privada, se tivessem me concedido uma audiência... Eles preferiram submeter a um tribunal público, em vez de manter a questão só entre muçulmanos".[80]

O que Malcolm talvez não tenha compreendido direito, até o dia do julgamento, era que a campanha ideológica contra ele transformava-se numa jihad religiosa, e que as questões levantadas pelo julgamento no Queens serviram apenas para aumentar a tensão entre os dois lados. No primeiro dia do julgamento, 180 homens participaram de reunião de rotina do foi da Mesquita nº 7, cujo tema foi "E que importa se [Elijah Muhammad] não é tão puro assim, lembre-se do que ele fez por você e por eu [sic]". Nessa palestra, o orador disse: "Precisamos destruir Malcolm". Um capitão do foi — provavelmente Joseph — instruiu o Fruto nos seguintes termos: "Malcolm não deve ser tocado, o resto, tudo bem" — afirmação equivalente a declarar aberta a temporada de caça a qualquer seguidor de Malcolm.[81]

Na noite do dia seguinte, pouco depois das onze horas, seis seguidores de Malcolm, tendo ouvido um zum-zum de que seu líder fora sequestrado ou morto, dirigiram-se à Mesquita nº 7, na rua 116 Oeste, número 102. O homem que instigava o confronto era William George, ele próprio armado com uma carabina M-1 calibre 3.0 contendo trinta balas. Herbert Dudley, de 51 anos, outro malcolmita, levava um fuzil Beretta 6.75. De trinta a 35 membros da Nação saíram à rua para enfrentar os atacantes com armas improvisadas de autodefesa, como cabos de vassoura. Durante alguns minutos, houve um tenso impasse, pois nenhum dos lados estava preparado para iniciar as hostilidades. O Departamento de Polícia de Nova York correu para a rua e concordou, em grande parte, com a versão do grupo da NOIde que o pessoal de Malcolm tinha provocado o incidente. Os malcolmitas foram presos e suas armas confiscadas.[82] Um dia depois, na Mesquita nº 24, em Richmond, Virgínia, o ministro Nicholas, de Washington, declarou que "Malcolm X deveria mesmo ser morto, por ensinar coisas contra Elijah Muhammad".[83]

Por mais que consumissem Malcolm, o julgamento e as ameaças contra sua vida não o impediam de manter uma programação agitada, de palestras e providências para estabelecer organizações. Ele já sabia que tinha os dias contados —"Provavelmente já sou um homem morto", declarou sem rodeios a Mike Wallace — e ao longo do verão participou de eventos em ritmo acelerado, esforçando-se para alcançar suas metas.[84] Aceitou muitos convites para falar, incluindo um de Henry Kissinger em Harvard, e continuou a trabalhar simultaneamente para consolidar o tamanho e a credibilidade da MMI e da OAAU.[85] Presidindo as reuniões de negócios da MMI no Harlem, anunciou que estava pensando em pedir aos membros da MMI um dízimo de dez dólares semanais, durante seis meses. Um relatório seria distribuído dando conta de "todo o dinheiro recebido", assim como de todos os gastos. Seu plano era fundar um jornal semelhante ao Muhammad Speaks. Organizações afiliadas à MMI também deveriam ser criadas em Boston e na Filadélfia, depois em outras cidades. Finalmente estava claro que Malcolm tinha em mente um sistema islâmico nacional que um dia pudesse competir com a Nação do Islã.[86] Num comício da MMI no fim de junho ele enalteceu o Islã como a "única fé verdadeira" para os negros e promoveu a OAAU, que desenvolveria "um programa educacional" para destacar as contribuições dos negros à história. Essa nova formação não participaria de protestos não violentos; prometeu que em vez disso "eles tomariam o que é seu de direito".[87]

Também retomou sua correspondência com um novo senso de urgência. A notícia de uma greve de operários na Nigéria chegou-lhe aos ouvidos, e ele escreveu para seu amigo Joseph Iffeorah, do Ministério de Obras e Inspeções, pedindo informações.[88] Malcolm também era altamente cortês em seus esforços para recrutar seguidores. Uma carta que escreveu em 22 de junho para uma jovem afro-americana solteira que trabalhava na revista New Yorker mesclava charme e lisonja. "Sua carta recente é, de fato, uma das mais bem escritas que já recebi", respondeu ela. Era "muito poética, mas ao mesmo tempo seus pensamentos eram muito claros". A jovem disse a Malcolm que não queria filiar-se à organização porque preferia sentir-se "livre". Malcolm lembrou-lhe que é preciso haver "uma organização para coordenar os talentos de várias pessoas". Insistiu para que ela fosse à reunião pública de fundação da OAAU no Audubon, em 28 de junho. "Mesmo que não tenha nenhum desejo de tornar-se participante ativa, gostaria que você viesse no domingo, como espectadora."[89] A jovem, Sara

Mitchell, não só foi ao comício, mas dentro de alguns meses tornou-se uma inestimável líder da OAAU.

O progresso de Malcolm naquelas semanas esteve sob constante ameaça de ser anulado pela violência de sua briga cada vez mais pública com a Nação. Nas ruas, as coisas estavam saindo de controle. No bairro Corona, no Queens, o ministro assistente Larry 4X Prescott fundara recentemente um restaurante muçulmano no Northern Boulevard. Em 22 de junho, Bryan Kingsley, de dezessete anos, seguidor de Malcolm, estava à toa na porta do restaurante, falando alto. Larry saiu e deu-lhe um tapa na cabeça, com força, antes de — juntamente com outros membros da NOI— correr atrás dele pela rua. O menino telefonou para Tom Wallace, irmão de Ruby Dee e partidário veemente de Malcolm. Wallace pegou sua caminhonete e foi até o restaurante, puxou um fuzil e afrontou Larry e outro membro da NOI. "Thomas e eu tínhamos trabalhado juntos, e eu conhecia bem o seu caráter", disse Larry 4X recordando o episódio numa entrevista em 2006. "Eu disse: 'Bem, vá em frente e atire se vai mesmo atirar em mim'." Wallace avisou-lhe que não se aproximasse, mas Larry caminhou em sua direção, convencido de que ele não apertaria o gatilho. Quando chegou mais perto, Larry agarrou o fuzil e, virando a coronha, "golpeei-o com ela. E depois quebrei todas as janelas do seu carro". Com o rosto arrebentado e sujo de sangue, Wallace apresentou acusações contra ele no Departamento de Polícia de Nova York, que prendeu Larry imediatamente. Mas Larry, por sua vez, acusou Wallace de agressão física, e Wallace também foi preso. Os dois tiveram de pagar fiança de quinhentos dólares cada um, e seus casos foram encaminhados para o Tribunal Penal do Queens.[90]

Malcolm ficou extremamente aborrecido com a surra que Wallace levou. De um ponto de vista pessoal, era uma profunda traição: Larry 4X tinha sido um dos seus mais confiáveis protegidos. Talvez pior ainda, o incidente ameaçava prejudicar as conexões de que precisava para sua obra política, pois Ossie Davis e Ruby Dee haviam se tornado cruciais para seu acesso à comunidade negra de artes e entretenimento. Para o Amsterdam News, Malcolm disse que Muhammad era responsável pela escalada da violência. "Os seguidores de Elijah Muhammad", explicou Malcolm, "não fazem nada sem que ele mande."

Larry 4X lembrava-se de sua aparição no Tribunal Penal do Queens porque ele usava "um terno e uma gravata-borboleta". Todos os outros presos começaram a rir. "Diziam: 'Olhem só esse cara, arrumadinho como um gigolô, e

atacou uma pessoa!'." Logo depois que Larry foi levado ao tribunal, Malcolm entrou na sala: "Ele veio falar comigo", disse Larry. "Disse — e é em parte por isso que perdi o respeito por ele —: 'Larry, você está morto'." O tribunal rejeitou as acusações contra os dois homens, mas o dano estava feito. "Foi a última vez que falei com Malcolm", declarou Larry. "Depois, só piorou."[91]

O espancamento de Tom Wallace e incidentes do gênero naquelas semanas levaram Malcolm a divulgar uma "carta aberta" de conciliação endereçada a Elijah Muhammad. Os dois grupos, escreveu Malcolm, precisavam cuidar das questões de direitos civis com que os negros sulistas se defrontavam. "Em vez de desperdiçar toda essa energia brigando uns com os outros deveríamos trabalhar em unidade... com outros líderes e organizações." Na superfície, era um apelo para que os lados em desacordo pusessem fim à violência, mas para alguns membros da seita a carta de Malcolm era uma nova provocação. Em seu apelo Malcolm perguntava a Muhammad como era possível que, tendo a Nação se recusado a usar de violência em resposta a "racistas brancos" em Los Angeles e Rochester, pudesse o grupo recorrer à violência contra outro grupo negro muçulmano. A recusa inicial de Muhammad a autorizar violência retaliatória contra o uso excessivo de força pela polícia ainda era um ponto sensível para muitos seguidores de Malcolm.[92]

No meio da discussão, Malcolm conseguiu pilotar a OAAU rumo ao seu triunfante nascimento público. Num grande comício em 28 de junho, mil pessoas se reuniram no salão do Audubon para comemorar a fundação oficial do grupo. A apenas vinte e poucos quarteirões de distância, a Nação do Islã realizava seu próprio comício perante uma multidão pelo menos seis vezes maior, mas o que ocorria no Audubon era um evento de crucial importância na história dos negros nos Estados Unidos — o surgimento de um grupo político nacionalista negro que tinha o potencial de redefinir tanto a política predominante do movimento de direitos civis como a política eleitoral dos negros. E, diferentemente da Nação do Islã, ou mesmo da Mesquita Muçulmana, a OAAU era puramente secular, o que ampliava vastamente seu alcance potencial. Como afirmou Herman Ferguson: "Eu achava que se Malcolm pudesse... apresentar seu lado político menos o lado religioso, isso afastaria muitas preocupações dos negros". Esse sentimento podia ser percebido profundamente entre os primeiros organizadores do grupo. Mesmo antes do comício de fundação, "pessoas não religiosas" como Shifflett, Ferguson e outras sentiam que "não faziam parte da velha guarda. Havia tensão

e ressentimento".[93] Finalmente, portanto, seu momento chegara, quando Malcolm publicamente fez um gesto para a corrente predominante da luta pelos direitos civis e para os elementos mais progressistas da classe média negra. Presentes no comício para reconhecerem a guinada de Malcolm estavam o advogado Conrad Lynn, a escritora Paule Marshall, o editor de jornal William Tatum e Juanita Poitier, mulher de Sidney Poitier.

O comício atingiu seu ponto alto quando Malcolm leu a "Declaração de Metas e Objetivos Básicos" da OAAU, na qual o novo grupo se comprometia a "unificar os americanos de ascendência africana em sua luta por direitos humanos e dignidade" e prometia dedicar-se "à construção de um sistema político, econômico e social de justiça e paz" nos Estados Unidos. A declaração enaltecia, entre outros documentos históricos, a Declaração de Independência e a Constituição americanas, que "são os princípios em que acreditamos e esses documentos, se postos em prática, representam a essência das esperanças e das boas intenções da humanidade". Essencial para o programa da OAAU era a campanha de Malcolm para levar os Estados Unidos perante a ONU, onde "possamos indiciar Tio Sam pelas contínuas e criminosas injustiças que nosso povo sofre neste governo".[94] A ousada declaração colocava a OAAU firmemente dentro da rica tradição de protestos dos Estados Unidos negros, que remontava a Frederick Douglas, no século xix.

Em vez de satanizar os brancos, Malcolm agora lhes oferecia um papel em sua iniciativa de direitos humanos. Aliados brancos poderiam contribuir financeiramente para a OAAU e eram encorajados a trabalhar pela justiça racial dentro das comunidades brancas. A libertação dos negros, porém, tinha um preço: a filiação à OAAU custava dois dólares, e esperava-se que cada membro doasse um dólar por semana para a organização. O grupo também prometeu mobilizar toda a comunidade afro-americana, "quarteirão por quarteirão, para conscientizar a comunidade de seu poder e potencial".[95] Num sentido mais amplo, a fundação da OAAU foi a primeira grande tentativa de consolidar o nacionalismo negro revolucionário desde o tempo de Garvey.

Em junho, Paul Reynolds negociou uma "venda única e exclusiva" de excertos da Autobiografia que sairiam no Saturday Evening Post antes da publicação do

livro. Para obter o consentimento da Doubleday, Reynolds se ofereceu para reduzir os adiantamentos dos autores para 15 mil dólares. Como Haley e Malcolm já tinham recebido, juntos, um total de 17 769,75 dólares, os autores tiveram de concordar em devolver 2500 dólares, além de não solicitar qualquer adiantamento extra da Doubleday até que o livro fosse publicado. Infelizmente, Haley ainda estava em apuros financeiros, e o novo acordo da Doubleday não lhe oferecia nenhum incentivo material para terminar o projeto do livro.[96]

Embora a programação de Malcolm tivesse se tornado muito agitada para acomodar novas entrevistas com Haley, os dois continuavam a se comunicar. Em 8 de junho, Haley confessou que tinha submetido o postal enviado por Malcolm a "um dos melhores grafologistas do país" e queria incluir "esses achados objetivos" no posfácio da Autobiografia. A análise descrevia Malcolm como uma personalidade extrovertida, aberta a novas ideias e possuidora de "um definido senso de determinação, uma vocação. Seus objetivos são práticos". Mas a pessoa em questão era também "um pensador não muito profundo" e mostrava "falta de decisão em seu modo de ser". Apesar das bases duvidosas do relatório, Haley escreveu, confidencialmente, que "chega muito perto de você, acho eu, das minhas avaliações pessoais".[97]

Menos de duas semanas depois, Haley escreveu outra vez para Malcolm, assim como para Paul Reynolds. Na carta de sete páginas datilografadas, insistiu para que Malcolm fosse cauteloso: "Às vezes acho que você não compreende de fato qual será o efeito deste livro. Nunca houve, pelo menos em nossa época, nenhum livro parecido. Você percebe que, para fazer essas coisas, precisa estar vivo?". Pediu ao assunto do seu livro que levasse em conta as dificuldades que Betty enfrentaria se ele morresse — "e, pelo resto da vida, tentando explicar para as quatro filhas de vocês como você foi homem".[98] Para Reynolds, Haley apresentou um plano totalmente diferente. Repassando a "abundância de material" no manuscrito ainda inconcluso, ele disse que o livro poderia beneficiar-se de "reescritas cuidadosas e sucessivas, destilando, alinhando e equilibrando... para acertá-lo". Terminá-lo, ele agora reconhecia, era "importantíssimo", porque colocava a pessoa em questão "na cena mundial". Citou um artigo de Malcolm, "Por que sou a favor de Goldwater", e a existência do diário de sua viagem recente, uma "pitada até de delicados assuntos religiosos e políticos internacionais". Haley disse que queria editar e ampliar o artigo e o diário, afirmando que os textos "manteriam [Malcolm] no palco, ao mesmo

tempo que lhe assegurariam mais fundos".[99] (Esse material extraordinário só estaria acessível a especialistas e ao público em geral em 2008. Malcolm nunca teve tempo, ou oportunidade, para desenvolver seus diários de viagem e formar um segundo livro.) Com suas severas limitações de agenda, ele lia os rascunhos da Autobiografia de Haley à medida que iam sendo produzidos. Os capítulos ensaísticos finais, que tinham sido preparados antes, foram cortados, decisão que pode ter sido exclusivamente de Haley; são os que hoje chamamos de "capítulos desaparecidos" do livro. Malcolm provavelmente achava que a Autobiografia poderia tornar-se parte crucial de seu legado político, o que aumentava sua determinação de completar o projeto. Ironicamente, sua longa ausência dos Estados Unidos a partir de julho deu a Haley uma desculpa para não trabalhar com empenho. No começo do verão, Haley voltou sua atenção para projetos literários potencialmente mais lucrativos. Já estava tentando vender a Kenneth McCormick a ideia para um livro chamado Before This Anger [Antes dessa raiva], que uma década depois seria o best-seller Roots [Negras raízes].

Nesse meio-tempo, Malcolm foi cercado — por escritores, por outros ativistas à procura de favores e alianças e por pessoas que só queriam guardar consigo um pedaço da História. A maioria encontrou-se com ele uma ou duas vezes, mas foi mudada por esses encontros; algumas foram transformadas por sua retórica ou por seus escritos, outras, ainda, por sua mensagem.

Robert Penn Warren, um dos mais respeitados escritores do sul dos Estados Unidos nos anos 1960, conheceu Malcolm no Hotel Theresa em 2 de junho, onde ambos tiveram uma conversa reveladora. De início Warren ficou surpreso com o quanto Malcolm era animado: "Descobri que o rosto pálido, um tanto amarelo e monótono, que parecia tão velado, tão impassível, como se estivesse acima de qualquer sentimento, fizera brotar em sua vida tão implacável e maliciosa — o súbito riso lupino, os pálidos lábios rosados puxados para trás para mostrar os dentes fortes". Ao mesmo tempo intimidado e fascinado, Warren apresentou a Malcolm uma série de situações nas quais liberais brancos tinham dado assistência a negros. Quando mencionou que "o homem branco" estava disposto a ser preso para se opor à segregação, Malcolm retrucou: "Minha opinião pessoal é que ele nada fez para resolver o problema". E, prosseguindo, ressaltou a necessidade de transformar arranjos institucionais na política econômica dos Estados Unidos, para que os negros pudessem adquirir poder. Aturdido, Warren pediu mais uma chance para o liberalismo: "O senhor não vê, no sistema

americano, a possibilidade de autorregeneração?". "Não", respondeu Malcolm.[100]

Malcolm estava se divertindo à custa de Warren — pois semanas depois afirmou, precisamente, o argumento do escritor, em seu apelo aos documentos de fundação do país na abertura da conferência da OAAU, uma solicitação à democracia que não teria proposto se julgasse as instituições políticas dos Estados Unidos incapazes de reforma. Warren nervosamente perguntou-lhe sobre os objetivos políticos do novo movimento. Em termos práticos, o que Malcolm buscava não era fundamentalmente diferente do que levas de imigrantes europeus — irlandeses, italianos, judeus — lutavam para adquirir: representação equitativa para seus grupos étnicos nos vários setores do governo. "Uma vez que o negro se assenhoreie politicamente de sua própria comunidade, isso significa que políticos também serão negros, o que por sua vez quer dizer que o negro estará mandando representantes negros até para o setor federal." A estratégia de Malcolm não chegava a ser uma receita leninista para uma revolução social, mas Warren, liberal branco com consciência de culpa, não conseguia entender seus objetivos. Deu importância demais à retórica incendiária de Malcolm e aos comentários insuficientes sobre o programa social que propunha. Num momento tenso, Warren perguntou se Malcolm acreditava em assassinato político, "e [ele] virou o rosto duro e impassível, os olhos velados para mim e disse: 'Não sei nada a esse respeito'".[101]

Na outra ponta do espectro político houve uma série de encontros entre Malcolm e o ativista político Max Stanford (mais tarde conhecido como Muhammad Ahmed). Os dois se conheceram em 1962, quando Stanford, então com 21 anos, procurou Malcolm para perguntar se podia filiar-se à Nação do Islã. Malcolm o deixara perplexo ao responder: "Você pode ser mais útil ao Honrado Elijah Muhammad trabalhando fora". O jovem levara as palavras de Malcolm a sério, e naquele mesmo ano ele e o ativista de Cleveland, Donald Freeman, criaram um pequeno grupo nacionalista militante, o Movimento de Ação Revolucionária (Revolutionary Action Movement, ram). Inicialmente sediado na Universidade de Ohio, o grupo marcou presença na Filadélfia dos anos 1960 e, logo em seguida, estabeleceu relações com seções do CORE no Brooklyn e em Cleveland. Ideologicamente, foram influenciados por militantes negros como o exilado Robert Williams e os marxistas independentes Grace Lee e James Boggs. ORAMvia-se como uma organização clandestina, "uma terceira força", como explicava Stanford Lee, "entre a Nação do Islã e o SNCC". No fim de maio de

1964, Stanford chegou ao Harlem pedindo para ver Malcolm. Os dois se encontraram no restaurante 22 West, o favorito de Malcolm, onde Stanford fez um pedido audacioso: Malcolm aceitaria ser o porta-voz internacional do ram? Robert William já tinha concordado em ser o diretor internacional.[102]

Naquela época, a proposta provavelmente interessou a Malcolm. Por algum tempo, ele achou que a ausência de objetivos claros e de uma frente unida dentro do Movimento de Liberdade Negra devia-se, em parte, a deficiências de organização. A NAACP, o CORE, a SCLC. e outros grupos pareciam facções em disputa em nível nacional; pior, o provincianismo e a ciumeira de seus líderes com frequência atrapalhavam a cooperação nas bases. Para Stanford, o que fazia falta era uma estrutura mais clandestina, de estilo militar, que pudesse operar fora do olhar vigilante da mídia. "ORAMseria a organização clandestina de estilo militar", explicou Stanford, enquanto "a OAAU seria a frente pública, a frente unida."[103] Na rua 22 Oeste, Malcolm deu uma olhada na carta de organização do movimento e disse: "Vejo que vocês estudaram a estrutura da Nação do Islã". Tinha razão: o modelo baseava-se na Nação do Islã, assim como no Partido Comunista.

Stanford ficou meses em Nova York, e nas reuniões da OAAU ficava impressionado com as habilidades etnográficas aprimoradas de Malcolm, e seus poderes de observação. Lembrava-se ele:

> Às vezes havia de vinte a trinta pessoas em nosso apartamento, incluindo Malcolm e John Henrik [Clarke]. Malcolm não podia dirigir a reunião. Era outra pessoa que dirigia. E a discussão do assunto passava por todos na sala. E as pessoas defendiam diferentes pontos de vista. Malcolm era o último a dizer alguma coisa. Deixava as pessoas dizerem o que tinham a dizer. E então falava: "Posso dizer uma coisa?". Dava para ouvir a queda de um alfinete. E ele dizia: "Irmã fulana de tal tem um bom argumento, e ela acha que tem posição contrária à de irmão fulano de tal. E o irmão fulano de tal tem um bom argumento. Mas...". E sintetizava toda a discussão. Mostrava a cada um seus pontos fortes e seus pontos fracos, e como tudo estava inter-relacionado... Era incrível. Ali estava um homem de reputação internacional. [Mas mesmo assim] podia manter esse [relacionamento] [e] tinha essa relação com irmãs e irmãos vindos da faculdade.[104]

Stanford também estava agudamente sintonizado com o estado emocional de Malcolm naquela época. "A única vez que vi Malcolm agir emocionalmente, e em certo sentido irracionalmente", lembrava o jovem, "foi em suas ações públicas contra a NOIem junho-julho de 1964". Aqueles atos ameaçavam destruir a relação

potencial com o grupo de Stanford. Quando Malcolm "acusou Elijah de cometer adultério com suas secretárias, e anunciou na rua que ele tinha filhos ilegítimos", ORAMdiscordou decisivamente de suas táticas. "Malcolm estava muito perturbado", disse Stanford, porque, espiritual e pessoalmente, "ele não tinha apenas enganado as pessoas, mas abusara fisicamente das pessoas violando o que supunha fosse a política de Elijah. Por isso, sentia-se o maior idiota da face da Terra."[105]

Stanford afirma que Malcolm finalmente concordou em ter algum tipo de associação com o ram, e ordenou a James 67X que servisse de intermediário. Mas Stanford teve menos êxito em convencê-lo a mudar a OAAU de endereço. Malcolm estava decidido a "construir uma base" em Nova York, apesar de James e Grace Lee Boggs insistirem para que mudasse para Detroit, cidade onde contava com milhares de seguidores entusiásticos, e onde havia "mais da base radical". O ram, explicou Stanford, "queria que ele expandisse a OAAU por todo o país, pois achávamos que eles não poderiam atacá-lo se ele tivesse uma base nacional".[106] Mas Malcolm não mudou de opinião. Talvez temesse que, transferindo suas operações para fora do Harlem, os milhares de membros leais da Mesquita nº 7 jamais lhe permitiriam restabelecer ali um ponto de apoio. Nos anos 1960, Malcolm já não vivia na comunidade do Harlem, mas o bairro continuava sendo a metáfora central dos Estados Unidos negros urbanos, e ele compreendia que a sina daquele lugar por vezes mágico, com frequência trágico, estava estreitamente ligada à sua.

Até aquele momento, Malcolm vivera anos sob vigilância de autoridades tanto federais quanto locais, porém, no verão de 1964, o homem que escutava do outro lado do telefone grampeado veio a desempenhar papel importante, embora oculto, em sua vida. Gerry Fulcher concluíra os estudos na academia de polícia da cidade menos de dois anos antes, e como jovem policial nascido no Harlem tinha assimilado opiniões racistas e conservadoras do pai sobre os negros. "Eu queria acabar com o crime em Nova York...", disse ele, recordando sua atitude na época em que tinha acabado de sair da academia. "Eu queria ser um superpolicial." No seu primeiro dia de trabalho, Fulcher e um parceiro foram desafiados por um afro-americano que feriu seriamente o colega de Fulcher, jogando-lhe uma cadeira. Fulcher conseguiu algemar o sujeito, e seu sargento,

quando chegou ao lugar do incidente, deu uma ordem clara: "Não quero que esse negro esteja andando quando você chegar à delegacia". Fulcher talvez fosse inexperiente, mas não ia desobedecer. "Por isso eu, com o sujeito algemado, os braços para trás, bati nele até dizer chega", contou. "E me tornei um herói."[107]

Depois de um ano nas ruas, Fulcher foi promovido a detetive e transferido para a unidade BOSS. No começo de 1964, recebeu sua primeira incumbência importante, a vigilância encoberta de Malcolm X. Fulcher já tinha decidido que Malcolm era "um dos vilões", opinião compartilhada por muitos policiais colegas seus. "Todo o movimento de direitos civis", diria ele posteriormente, "era considerado uma variedade do comunismo na cabeça dos tiras daquele tempo." Fulcher considerava Malcolm "um ex-viciado em drogas e traficante, quando era chamado de Big Red... sabíamos de tudo isso". Depois do rompimento com a Nação, Malcolm tornara-se uma ameaça ainda maior, possível líder de agitação civil e de protesto negro. Do ponto de vista da BOSS, todas as atividades de Malcolm precisavam ser acompanhadas de perto, o que incluía o recrutamento de tiras negros para entrar no grupo de Malcolm e na Mesquita nº 7. A missão de Fulcher não era menos invasiva. Um pequeno quarto fora preparado na sede da 28ª- Delegacia com equipamento de gravação de áudio ligado aos microfones ocultos que detetives tinham instalado no telefone de Malcolm no Hotel Theresa. Os aparelhos de escuta podiam registrar qualquer conversa dentro da sala onde ficava o telefone. A tarefa de Fulcher era dupla: grampear Malcolm, entregando as gravações pessoalmente às autoridades policiais numa base diária; e assistir a eventos da OAAU, fazendo a vigilância geral.[108]

Fulcher logo aprendeu que grampear exigia diligência e uma atenção para os detalhes que tornavam o trabalho difícil. "Eu era obrigado a escutar o microfone oculto o tempo todo, e quando ouvia o telefone tocar quase tinha de sincronizar com o momento em que ele o tirava do gancho", disse Fulcher. "E então eu tinha que gravar, decidir o que botar nos rolos [de fita]." De início, ele desempenhou suas tarefas com orgulho, achando que Malcolm odiava os brancos e pretendia derrubar o governo dos Estados Unidos. "São inimigos da polícia", declarou Fulcher, recordando suas opiniões em 1964 e 1965. "Eles [a polícia] aproveitavam todas as oportunidades que tivessem para matá-los." No que dizia respeito aos policiais, Malcolm e seus seguidores deveriam ser selecionados para ataque.

Em poucas semanas, à medida que escutava as conversas telefônicas, as reuniões de escritório e os discursos públicos de Malcolm, "o que eu ouvia nada

tinha a ver com o que eu esperava". O policial ficava impressionado com as análises políticas do homem que vigiava, e com seus argumentos. "Eu lembro de dizer a mim mesmo: 'Vejamos, nisso ele tem razão... Ele quer [que os negros] tenham empregos. Quer que eles recebam educação. Quer que entrem no sistema. Que há de errado nisso?'" Fulcher logo concluiu que Malcolm não era "o inimigo dos brancos em geral", o que o levou a dar-se conta de que toda a atitude do Departamento de Polícia de Nova York para com Malcolm e, mais amplamente, para com o Movimento de Liberdade Negra precisava ser repensada. Mencionou suas preocupações aos superiores mas não chegou a lugar algum. Dentro da BOSS, "todas as organizações negras eram suspeitas". A partir de então, guardou silêncio sobre suas opiniões, enquanto continuava a grampear e gravar. O BOSS até colocou um aparelho de gravação debaixo do palco do Audubon, para assegurar que a polícia pudesse transcrever e analisar os discursos de Malcolm.[109]

No dia seguinte ao do comício de fundação da OAAU, Malcolm reuniu-se com alguns membros para fazer uma avaliação do evento e começar a planejar sua segunda excursão ao exterior aquele ano. No domingo, cerca de noventa pessoas preencheram formulários para se filiarem à OAAU, bem menos do que o esperado.[110] O New York Times estimara que apenas seiscentas pessoas compareceram ao comício. Malcolm rapidamente atribuiu o pouco número de novos membros ao fato de que a maior parte dos moradores do Harlem não dispunha dos dois dólares da taxa de filiação.[111]

Se a OAAU de início carecia de membros, não foi devido a qualquer trégua na luta pelos direitos civis. Nas duas semanas anteriores ao comício, notícias do desaparecimento de três voluntários no Mississippi no primeiro dia do projeto Freedom Summer [Verão livre] tinham atraído a atenção do país, com ativistas em toda parte exigindo rigorosa investigação. O próprio Martin Luther King ainda estava em Saint Augustine, entrando e saindo da cadeia, e sob tremenda pressão. Nas primeiras horas da manhã de 30 de junho, Malcolm passou um telegrama para King falando de sua preocupação com ataques racistas a manifestantes pró-direitos civis em Saint Augustine. Sugeriu que as autoridades federais não estavam dispostas a proteger os obreiros dos direitos civis, e por isso estava preparado para usar seu pessoal do sul na organização de unidades de autodefesa capazes de enfrentar a Ku Klux Klan.[112] Para os jornalistas, ele qualificou esses grupos de "pelotões de guerrilheiros... Os elementos da KKK no

sul são bem conhecidos. Achamos que, sempre que atacarem o negro, o negro deve ter sua chance de revidar".[113]

Ainda naquele dia, foi de avião para Omaha, em Nebraska, a convite do Comitê de Coordenação de Cidadãos para as Liberdades Civis. Ao chegar lá, insistiu em seus gracejos provocativos, dizendo que "em Omaha, como em outros lugares, a Ku Klux Klan tinha acabado de trocar seus lençóis por uniformes da polícia". Depois de falar para uma plateia local no auditório municipal, deixou o hotel às três da madrugada, e horas depois estava no centro de Chicago. Era convidado de um programa de rádio que recebia chamadas telefônicas dos ouvintes, o que alertou milhares de furiosos membros da NOIde sua presença na cidade. Embora tenha confirmado que participaria do programa Off the Cuff na televisão de Chicago, jamais pôde chegar à emissora; ameaças à sua vida, agora feitas abertamente nas ruas, forçaram-no a voltar de imediato para Nova York.[114]

No início de julho, a ex-noiva de Malcolm, Evelyn Williams, e Lucille Rosary entraram com uma ação de investigação de paternidade contra Elijah Muhammad.[115] A acusação levou a luta dentro do mundo muçulmano negro ao ponto de ebulição, com ameaças de morte contra Malcolm vindas agora de todos os lados. Naquele mesmo dia, James 3X Shabazz, o poderoso ministro da mesquita de Newark e ativo líder da Mesquita nº 7, divulgou um violento ataque a Malcolm, chamando-o de "o maior hipócrita de todos os tempos" e "cão que retorna ao próprio vômito". Numa noite do começo de julho, do dia 4 ou 5, Malcolm procurou o Departamento de Polícia de Nova York e avisou que ia voltar sozinho para casa às 11h30 da noite, e a presença da polícia talvez fosse necessária. Quando parou na frente de casa, não viu ninguém do Departamento de Polícia de Nova York; o que viu foram dois negros desconhecidos se aproximarem do carro a pé. Pisou no acelerador, deu a volta no quarteirão e esperou antes de ir para casa. Depois deu queixa na polícia, e um policial finalmente foi destacado para ficar na frente da residência, mas só por 24 horas.[116]

Apesar dessa intimidação, Malcolm não ia se tornar fugitivo político em sua própria cidade. Na noite do dia seguinte, a OAAU patrocinou seu segundo comício público, novamente no Audubon. Embora a maioria dos membros da

MMI não pertencesse à OAAU, Benjamin 2X Goodman foi encarregado de apresentar Malcolm à plateia.[117] Malcolm informou aos ouvintes: "Neste momento as coisas estão muito difíceis para o meu lado, vocês sabem. Sim, eu sei, pode parecer que estou brincando, mas é sério".[118]

Em 8 de julho, Malcolm apareceu outra vez no Barry Gray Show em Nova York. Em 9 de julho, escreveu para Hassan Sharrieff, o filho dissidente de Ethel e Raymond Sharrieff, que recentemente rompera com a Nação e denunciara o grupo. Malcolm escreveu para dizer que era incapaz de mandar-lhe dinheiro, mas se comprometia a ajudá-lo na organização "dos fiéis" na Filadélfia, em Chicago e em outras cidades "com o apoio do irmão Wallace" Muhammad.[119]

Malcolm chegara a um ponto em que a própria segurança física era menos importante do que as realizações de objetivos políticos. Os principais eram, primeiro, forjar uma aliança pan-africanista entre os novos países independentes africanos e os Estados Unidos negros; e, logo depois, as relações da MMI com autoridades de Arábia Saudita, Egito e todo o mundo muçulmano — metas que exigiam sua ida ao exterior. Essa segunda viagem ao exterior no mesmo ano afastava-o cada vez mais da mira da Nação. Malcolm pode ter pensado que a cruel jihad que a Nação travava contra ele talvez se atenuasse depois de uma longa ausência dos Estados Unidos.

Na noite de 9 de julho, viajando com o nome de Malik el-Shabazz, Malcolm embarcou no voo 700 da twa para Londres.[120] De manhã, ao chegar, concedeu uma entrevista coletiva na qual acusou o governo dos Estados Unidos de "estar desrespeitando a carta da ONU ao violar direitos humanos básicos". Também previu que no verão de 1964 os Estados Unidos veriam derramamento de sangue.[121]

Malcolm acreditava profundamente no poder da profecia, e dias depois de sua partida de Nova York a violência sobre a qual vinha advertindo em seus discursos finalmente explodiu nas ruas do Harlem. Em 18 de julho os tiros disparados pela polícia contra um negro de quinze anos resultaram numa marcha furiosa que terminou com a multidão cercando a delegacia na rua 123, a mesma onde Malcolm encabeçara o protesto contra o incidente que envolveu Johnson Hinton, em 1957. A diferença é que agora, quando a polícia começou a fazer prisões, o povo resistiu; pessoas correram pelo distrito comercial do Harlem quebrando janelas e roubando tudo o que podiam.[122]

Em Londres, porém, preparado para uma viagem muito importante, ele não

poderia imaginar esses detalhes. Depois de alugar um quarto de hotel para passar a noite, ligou para um de seus contatos, que lhe deu números de telefone e outras informações para contato com líderes africanos. Malcolm conseguiu atrair três jornalistas britânicos para uma entrevista de vinte minutos. No dia seguinte, 11 de julho, partiu para o Cairo.[123]

A grande força de Malcolm era sua capacidade de falar em nome daqueles a quem a sociedade e o Estado negavam voz por preconceito racial. Ele compreendia seus anseios e previa suas ações. Agora podia ver a possibilidade de um futuro sem racismo para sua gente, mas o que não pôde prever foram os terríveis perigos à sua volta, na forma de traição e morte. Poucos dias antes de Malcolm retornar da África, disse Max Stanford, lembrando-se do episódio 45 anos depois, Malcolm o apresentara a Charles 37X Kenyatta numa recepção privada. Stanford apressou-se a explicar que Charles "tinha estado na penitenciária, na Nação, e que ele confiava em Charles mais do que em qualquer outro homem no mundo". Malcolm prometeu aos dois "que nós três nos encontraríamos quando ele voltasse da África", disse Stanford. "E a última coisa que falou para Charles foi: 'Tome conta de Betty para mim'."[124]

13. "Na luta pela dignidade"
11 de julho-24 de novembro de 1964

A volta de Malcolm ao Cairo marcou o início de uma temporada de dezenove semanas no Oriente Médio e na África. Ao sair de Nova York, deixou para trás duas organizações incipientes cujo êxito dependia quase inteiramente de seu envolvimento pessoal, e o custo de sua ausência tanto para a MMI como para a OAAU foi considerável. Mas diversos fatores importantes conspiraram para mantê-lo longe. Por mais que quisesse dar um alicerce para suas ideias, nessa época ele continuou a passar por dramáticas mudanças em sua vida, completando uma transformação que começara com a saída da Nação do Islã e fora acelerada pela recente viagem ao Oriente Médio. Agora, incumbido de levar à África o plano de colocar o governo dos Estados Unidos perante a ONU por violações de direitos humanos, ele sentiu pela primeira vez a plenitude e a profundidade de sua herança africana. Se o hajj dera a Malcolm oportunidade de apreender a totalidade de sua vida de muçulmano, a segunda viagem à África mergulhou-o num pan-africanismo de base ampla que pôs em relevo seu papel de cidadão negro do mundo.

Num torvelinho de quase cinco meses, ele foi hóspede de honra de vários chefes de Estado e figura querida para os africanos de muitos países. Apesar de nem todos os momentos terem sido fáceis, a viagem representou um nítido contraste com a labuta de construir a OAAU em meio das constantes ameaças de violência da Nação do Islã. A rigor, esta seria a razão para Malcolm permanecer tanto tempo na África: a segurança. Estava convencido de que a Nação tentaria matá-lo quando voltasse para casa.

Tinha planejado a visita ao Egito para coincidir com a conferência da OUA (17 a 21 de julho) no Cairo, mas acabou ficando mais tempo na cidade do que previra, por achar que as amizades que ali fazia lhe renderiam dividendos a longo prazo. Nos primeiros dois meses, empenhou-se num curso minucioso de estudos preparado por clérigos muçulmanos, em sociedade com o Conselho Supremo de Assuntos Islâmicos (Supreme Council on Islamic Affairs, SCIA) sediado no Cairo. De acordo com o dr. Mahmoud Shawarbi, o SCIA também foi amplamente responsável por subsidiar as despesas de Malcolm no Oriente Médio, na África e na Europa durante a segunda viagem.[1] Além disso, ele se manteve em frequente comunicação com a Liga Muçulmana Mundial (Rabitat al-Alam al-Islami), de Meca, fundada na Arábia Saudita em 1962 para disseminar a religião e contrapor-se às ameaças representadas pelo comunismo. Ao buscar o reconhecimento dessas organizações, Malcolm esperava destruir o acesso da NOIao mundo muçulmano ortodoxo, bem como elevar sua posição pessoal de líder muçulmano de maior destaque nos Estados Unidos.

O mais importante de tudo para Malcolm era que aquela foi também uma viagem de autodescoberta. Como ministro da NOI, ele pregara uma teologia fundada no ódio. Só agora, quando sua separação da Nação do Islã se consolidava, sentiu uma urgente necessidade de reexaminar a vida. Se mantivesse as camisas brancas engomadas, as gravatas-borboletas, os ternos escuros, de que forma comunicaria agora sua nova identidade?

Malcolm chegou ao Cairo depois da meia-noite de 12 de julho e hospedou-se de início no Hotel Semiramis. Nos dias seguintes, enquanto aguardava autorização para assistir à conferência da OUA como observador, ocupou seu tempo instalando-se e fazendo contato com os líderes mais importantes. Na noite do dia seguinte à sua chegada, entrou em contato com o dr. Shawarbi, que estava tão ansioso para ter uma conversa política que ele e seu entourage, constituído na maioria por afro-americanos, foram para o saguão do hotel, onde conversaram até as três da madrugada.[2] Malcolm reuniu-se também com muitos dignitários, incluindo o líder político do Quênia Tom Mboya, assim como Hassan Sabn al-Kholy, diretor do Escritório de Assuntos Gerais de Nasser,[3] e jantou com Shirley Graham Du Bois, que conhecera anteriormente em Gana.[4] Visitou ainda a Universidade do Cairo, as pirâmides e outros lugares (com um cinegrafista da abc a tiracolo), e deu entrevistas para o Observer de Londres e para a agência de notícias upi.

Na conferência, ele imediatamente começou a distribuir um memorando convocando os países africanos recém-independentes a condenarem os Estados Unidos por violação de direitos humanos dos negros. "O racismo dos Estados Unidos é o mesmo da África do Sul", afirmou. Pediu aos líderes africanos que adotassem políticas pan-africanistas endossando as lutas dos afro-americanos. "Rezamos para que nossos irmãos africanos" não tenham escapado da dominação da Europa, observou Malcolm, isso para não se tornarem vítimas do "dolarismo americano".[5]

No fim, Malcolm não convenceu, e não por qualquer grande falha de argumento ou refluxo de paixão; sua retórica simplesmente foi incapaz de triunfar sobre a fria lógica da política internacional. No mundo político bipolar dos anos 1960, apoiar uma resolução formal que condenasse severamente os Estados Unidos por violação de direitos humanos em seu próprio território seria interpretado pelo governo americano como um ato de parceria com a União Soviética ou com a China comunista. A OUA aprovou uma morna resolução aplaudindo a adoção de leis de direitos civis, embora criticando a falta de progresso racial.[6] Pelo fim de julho, as análises da imprensa sobre a reunião tinham chegado aos Estados Unidos, onde a opinião geral era que Malcolm tinha fracassado.[7] Mas houve uma análise favorável no New York Times, de autoria de M. S. Handler; depois de examinar as oito páginas do memorando de Malcolm, funcionários do governo americano disseram que, se Malcolm tivesse "conseguido convencer pelo menos um governo africano a fazer a acusação nas Nações Unidas, o Governo dos Estados Unidos estaria diante de um problema delicado". Os Estados Unidos poderiam ser incluídos na mesma categoria da África do Sul como violadores de direitos humanos.[8]

Quando a conferência terminou, Malcolm fez uma pausa para decidir o que fazer em seguida. A recusa dos governos africanos a apoiá-lo só poderia ser superada, ele deve ter pensado, se visitasse os países mais importantes para pedir apoio. Cuidar previamente da logística da viagem e falar com dezenas de contatos locais na África levaria pelo menos um mês. A lista era longa, incluindo: em Gana, Maya Angelou, o editor do Ghanaian Times T. D. Baffoe, o escritor Julian Mayfield, e Alice Windom, recentemente nomeada assistente administrativa da Comissão Econômica da ONU para a África; na Nigéria, o acadêmico E. U. Essien-Udom; na Arábia Saudita, o príncipe Faisal, Muhammad Abdul Azziz Maged, ministro de Planejamento Econômico e Relações Exteriores;

e em Paris, Alioune Diop, publisher e editor de Présence Africaine, o mais destacado periódico de cultura negra francófona. E era preciso ainda cuidar de acomodações e viagens.

Em carta a Betty datada de 4 de agosto, que começava com "Minha querida esposa", Malcolm instruiu-a a pedir a Lynne Shifflett que cooperasse com o procurador Clarence Jones e outros para submeter as questões raciais à ONU. Deu a entender que provavelmente voltaria para os Estados Unidos em setembro. Pediu ainda a Betty para dizer a Charles Kenyatta que ele reconhecia as dificuldades de ficar tanto tempo no exterior, mas "os ganhos compensam os riscos".[9]

Ele queria usar o resto do tempo no Cairo para reexaminar sua identidade e suas práticas como muçulmano e pessoa de ascendência africana. Durante seus doze anos na Nação, obedecendo às rigorosas instruções dietéticas de Muhammad, ele só comia uma refeição por dia, sobrevivendo à base de incontáveis xícaras de café. E se essas regras que regem a vida e o corpo de cada um, perguntava-se agora, fossem derrubadas, abrandadas? A mescla única de culturas árabe, islâmica e africana do Egito criou também um ambiente muito diferente em relação ao dos Estados Unidos. Reuniões anunciadas para as seis da tarde só começavam uma hora e meia depois, ou ainda mais tarde; muita gente costumava tirar um cochilo ao meio-dia e jantar tarde. A vida social e a vida pública tinham um ritmo próprio, mais lento.

As anotações do diário de viagem de Malcolm revelam que em algumas semanas ele sofreu uma metamorfose cultural. Por exemplo, passou a almoçar todos os dias, quebra radical da ortodoxia da NOI. Começou também a tirar cochilos no meio do dia, geralmente entre as duas e as cinco da tarde, e a jantar com contatos e amigos locais às nove da noite, ou depois, voltando para o hotel após a meia-noite. Guardou as camisas engomadas e comprou túnicas e calças de estilo árabe e africano, o que realçava sua aparência de pan-africanista e muçulmano. E aproveitou a oportunidade para mergulhar na cultura, assistindo a muitos filmes e peças — considerados maldições para a NOI[10] — incluindo The Suez and the Revolution [O canal de Suez e a revolução], ao ar livre.[11] Isso não quer dizer que Malcolm tenha se retirado da atividade política; pelo contrário, apesar da mudança de hábitos, continuou extremamente ocupado — escrevendo ensaios para a imprensa egípcia; dando entrevistas para jornais, redes de televisão e agências de notícias internacionais; monitorando as atividades da

OAAU e da MMI e transmitindo ordens; reunindo-se com educadores, líderes políticos e representantes de governos africanos e árabes; e estudando o Alcorão. Encontrava-se frequentemente com o filho mais novo de Elijah Muhammad, Akbar, que estava matriculado na Universidade Al-Azhar do Cairo e acabara de se demitir da Nação do Islã por causa da recusa do pai a responder às acusações de imoralidade.[12] O que havia de novidade em sua vida, entretanto, era a liberdade que se dava — a rápida viagem a Alexandria para ver o aquário, digamos, ou a farra turística na Barragem de Assuã e em Luxor no fim de agosto.

A presença pública de Malcolm na conferência da OUA também provocou exame cuidadoso nos Estados Unidos. Exemplo disso foi uma coluna de Victor Riesel, no Los Angeles Times, com o título provocativo de "Intrigas africanas de Malcolm X". Riesel, que dizia ter assistido à conferência do Cairo como observador, afirmava que Malcolm não esteve lá: "Ele preparou uma série de provocantes documentos contra os Estados Unidos aqui... [dando a impressão] de que assistiu à conferência. Isso é bobagem. Não passou nem perto. Não foi credenciado". Riesel acreditava que Malcolm estivesse mancomunado com os comunistas chineses, cujas "transmissões dão-lhe destaque e à sua seita dissidente". Também tinha observado Malcolm jantando com Shirley Graham Du Bois, a quem acusava de ser "há muito tempo ativa nos círculos comunistas mundiais". Anticomunista ferrenho, Riesel provavelmente redigiu sua coluna com base em informações obtidas diretamente da vigilância de Malcolm, de que somente a cia poderia dispor. Pintou Malcolm como uma ameaça ainda maior à segurança nacional do que quando pertencia à Nação do Islã. "Cruzei seus passos em diversas cidades — especialmente em Ibadan, na Nigéria, onde fez discursos tão incendiários contra os Estados Unidos que só poderiam ser impressos em amianto."[13]

Um ponto alto para Malcolm durante sua estada no Egito foi a recepção em sua homenagem, oferecida pelo Conselho Supremo de Assuntos Islâmicos, no dia 2 de agosto, em Alexandria. Mais de oitocentos estudantes muçulmanos, representando 93 países, estavam presentes quando a SCIA anunciou a outorga de vinte bolsas de estudos na Universidade de Al-Azhar para a organização de Malcolm. Malcolm ficou emocionado, e escreveu para Betty dizendo que o evento foi "a melhor e mais cálida recepção que tive na vida". O fato de Elijah Muhammad só ter sido capaz de mandar um afro-americano para estudar em Al-Azhar — o filho Akbar — enquanto a MMI logo despacharia vinte estudantes para

se matricularem era, certamente, uma "bênção maravilhosa".[14] Um mau momento veio dias depois, em 6 de agosto, quando num restaurante de Alexandria ele comeu um prato exótico chamado "espanhol". À meia-noite, estava vomitando, com diarreia e acessos de cólica. Em seu diário, reconheceu sentir-se "tão miserável que achei que fosse mesmo morrer". De manhã, finalmente, um médico lhe aplicou uma dolorosa injeção e deu umas pílulas, mas, como para provar sua indestrutibilidade, ele não encurtou a programação.[15] Semanas depois chegou a suspeitar que talvez tivesse sido envenenado deliberadamente.

Na segunda semana de agosto a vida de Malcolm começou a entrar na rotina. Isso incluía viagens à antiga cidade portuária de Alexandria, que exercia fascínio especial sobre ele. Gostava de tomar o trem lá, comer em seus restaurantes e fazer contatos com acadêmicos e líderes locais.

Em 11 de agosto ele comeu melancia sossegadamente no restaurante do Hilton com David Du Bois, filho de Shirley. Du Bois entrevistou Malcolm para o Egyptian Gazette, juntamente com outra longa entrevista para um diferente repórter do Gazette, e ele só voltou para casa à meia-noite. No dia seguinte, Malcolm começou a escrever um artigo para o Gazette.

Na tarde de 15 de agosto, Malcolm teve um encontro com o xeque Akbar Hassan, reitor da Universidade Al-Azhar. O xeque Hassan entregou a Malcolm um certificado concedendo-lhe autoridade para ensinar o Islã. Logo, Malcolm descobriria o que a amizade com o governo Nasser poderia significar, quando foi transferido, como hóspede de Estado, para uma luxuosa suíte no Hotel Shepherd. Impressionado, Malcolm declarou em seu diário: "Alá de fato me abençoou".[16]

Em 19 de agosto, Malcolm passou parte do dia visitando o Museu Egípcio e, mais uma vez, as pirâmides, mas também discutiu a situação política nos Estados Unidos e a OAAU com os contatos locais Nasir al-Din e Kalid Mahmoud. Malcolm teve outro encontro com David Du Bois. Em 21 de agosto, divulgou uma declaração à imprensa no nome da OAAU sumarizando a recente conferência da OUA.[17]

Primeiro, a plateia que queria atingir era, como ele mesmo disse, "o elemento bem-intencionado do público americano". Repetindo Kwame Nkrumah, exigiu um pan-africanismo continental, um tipo de federação que pudesse unir todos os países. Elogiou o papel do presidente Nasser por lançar as bases dos Estados Unidos da África, e ficou impressionado com o empenho das

delegações africanas em derrubar o regime do apartheid na África do Sul, e com as guerrilhas africanas que combatiam o colonialismo europeu em países como Angola e Moçambique. Também reconheceu que muitos participantes da conferência "achavam que Israel nada mais era do que uma base, na ponta nordeste do continente, para a forma de 'colonialismo benevolente' do século XX".[18]

Mas o mais interessante da declaração foram as justificativas que Malcolm apresentou para estar na conferência, e as conexões que traçou entre uma África unida e os interesses dos americanos negros. "Minha vinda à Conferência de Cúpula não foi inútil, como certos elementos da imprensa americana tentaram 'sugerir', mas, em vez disso... mostrou-se muito proveitosa." Ele deu ênfase especial à solidariedade política que os delegados africanos lhe demonstraram: "Não encontrei nenhuma porta fechada".[19]

O artigo de Malcolm para o Egyptian Gazette, "Racismo: o câncer que está destruindo os Estados Unidos", foi devidamente publicado, para sua grande satisfação. "Não sou racista", começava o ensaio, "e não aprovo nenhum dos princípios do racismo... Minha peregrinação religiosa a Meca trouxe-me uma nova visão da verdadeira fraternidade do Islã, que abrange todas as raças da humanidade." Prosseguindo, distanciou-se pessoalmente de qualquer programa nacionalista negro, insistindo em que todos os negros almejavam as mesmas metas. "O objetivo comum de 200 milhões de afro-americanos é respeito e DIREITOS HUMANOS. Não teremos direitos civis nos Estados Unidos enquanto NOSSOS DIREITOS HUMANOS não forem restaurados." Também caracterizou as diferenças entre organizações de direitos civis como meras questões de "métodos para atingir esses objetivos comuns" e usou um argumento apresentado anos antes por Frantz Fanon sobre o impacto psicológico destruidor do racismo nos oprimidos: "A recusa a reconhecer os direitos humanos castra psicologicamente a vítima e a torna escrava mental e psicológica do sistema...".[20]

De 26 a 29 de agosto, ele foi novamente um turista ávido, visitando Assuã e Luxor de avião e passando a noite nesta última, com alguma pompa, no Hotel New Winter Palace, antes de seguir para o túmulo de Tutancâmon e outros templos antigos no Vale dos Reis.[21] Foi numa visita aos pontos turísticos de Luxor que Malcolm manifestou o receio, em seu diário, de talvez ter "exagerado na mão" ficando tanto tempo no exterior.

De volta ao Cairo, recebeu uma carta de Reuben Francis informando que a

Mesquita Muçulmana tinha sido admitida na Federação Islâmica dos Estados Unidos e do Canadá, e que Malcolm também fora nomeado para o conselho administrativo da federação, dois importantes selos de legitimidade.[22] A MMI estava em condição de funcionar como conduto de ajuda financeira árabe e, indiretamente, de apoio político para os afro-americanos. As ações da federação teriam o efeito de isolar a Nação do Islã, tornando difícil para Elijah Muhammad desenvolver grandes iniciativas no mundo muçulmano ortodoxo, ou mandar-lhe delegações. Esse êxito talvez tenha também decidido para os líderes da NOIO destino de Malcolm.

Mas o correio também lhe trouxe notícias incômodas. Em 1º de setembro, o juiz Maurice Wahl emitira uma ordem em favor da Nação do Islã sobre a casa de Malcolm; ele e a família receberam ordem para desocupar a casa do Queens até 31 de janeiro de 1965.[23] Enquanto isso, o secretário de Justiça interino Nicholas Katzenbach escreveu para J. Edgar Hoover sugerindo que o FBI investigasse se durante a estada no Cairo Malcolm violara a Lei Logan, que tornava ilegal cidadãos fazerem acordos não autorizados com governos estrangeiros.[24] A carta de Katzenbach mostra que tanto o FBI como a cia estavam monitorando Malcolm na África. O mais notável era a dimensão Davi e Golias da situação. Malcolm dispunha de poucos recursos e viajava sem guarda-costas, mas o secretário de Justiça e o diretor do FBI tinham tanto medo do que ele, sozinho, pudesse conseguir que procuravam qualquer motivo plausível para prendê-lo e processá-lo assim que voltasse para os Estados Unidos.

Com o início do outono, aproximava-se a eleição para presidente dos Estados Unidos em 1964, e o presidente Johnson e o Partido Democrata tentavam ganhar o apoio do movimento de direitos civis, na esperança de conquistar o voto dos negros. Enquanto observava da África, Malcolm talvez tenha levado em conta a eleição ao decidir permanecer fora do país até novembro. Quase sozinho entre os líderes negros mais importantes, ele continuou a apoiar Barry Goldwater como o candidato mais apto para cuidar dos interesses dos negros. Mas a oposição de Goldwater à Lei dos Direitos Civis fazia dele, a rigor, o candidato dos brancos sulistas que acreditavam na supremacia racial, e a esmagadora maioria dos afro-americanos adotou o Partido Democrata. Martin Luther King e outros líderes de direitos civis da corrente dominante tinham até decidido respeitar uma moratória nas manifestações durante o outono para ajudar Johnson a vencer. Malcolm deve ter reconhecido que seus argumentos a favor de Goldwater

convenceriam pouca gente. Melhor seria evitar o debate e não criticar os líderes de direitos civis. As semanas extras no exterior dariam a Malcolm oportunidade ainda maior de fazer contato com as elites políticas africanas.

Quando na noite de 11 de setembro centenas de estudantes da Associação Africana no Cairo se reuniram para protestar contra a intervenção americana no Congo, Malcolm falou-lhes com prazer. Mais tarde, ainda naquela noite, telefonou para Betty: "Vai tudo bem, incluindo 67X", escreveu ele a respeito da conversa, "e isso levantou meus ânimos abatidos". Quatro dias depois, teve um encontro com Shawarbi, que lhe informou que, em sua próxima visita ao Kuwait, ele seria hóspede do governador local.[25] No começo de setembro, Malcolm fez uma viagem de dois dias a Gaza, reunindo-se com várias autoridades e visitando campos de refugiados palestinos perto da fronteira de Israel. Orou na masjid, acompanhado de líderes religiosos, antes de conceder uma entrevista coletiva no edifício do Parlamento de Gaza.[26] A Nação tinha admirado o Estado de Israel como expressão concreta do sionismo judaico; a partir de então, Malcolm veria Israel como representante neocolonial do imperialismo americano.

Malcolm também esteve presente em uma entrevista coletiva de Ahmed al-Shukairy, o primeiro presidente da Organização para a Libertação da Palestina. Depois da conferência, os dois tiveram um conversa particular.[27] O encontro ofereceu o contexto para o polêmico ensaio de Malcolm no Egyptian Gazette, "Lógica sionista", no qual denunciava o sionismo israelense como "uma nova forma de colonialismo" destinada a "enganar as massas africanas, levando-as a se submeterem voluntariamente à sua autoridade e orientação 'divinas'". Malcolm notou que o governo israelense fizera uma série de acenos "benevolentes" para países africanos, "com simpáticas ofertas de ajuda econômica e outros presentes tentadores, que ele expõe sedutoramente diante dos países africanos recém-independentes, cujas economias passam por grandes dificuldades". Essa combinação de imperialismo americano e interferência israelense em assuntos africanos constituía o "dolarismo sionista" que tinha levado à ocupação da Palestina árabe, um ato de agressão para o qual não existia "qualquer base inteligente ou legal na história — nem sequer na religião deles próprios".[28]

A recém-descoberta hostilidade de Malcolm contra Israel deve ser explicada não apenas por suas obrigações para com Nasser, mas também pelas mudanças de corrente dentro de determinado país africano. Nos anos 1950, sob a influência anticomunista do pan-africanista George Padmore, a recém-

independente Gana tinha sido hostil à União Soviética e simpática a Israel. Padmore morreu em 1959, e pela altura de 1962 Gana examinava seriamente a possibilidade de tornar-se cliente do estado soviético, seguindo o modelo cubano. O comércio entre o Egito, aliado soviético, e Gana quase dobrou entre 1961 e 1962, e Mkrumah demonstrou solidariedade a Nasser anunciando seu plano de estabelecer um "estado separado para os refugiados da Palestina".[29] A tese anti-israelense de Malcolm refletia os interesses desses dois aliados.

Essa visão calculista refletia a difícil situação em que ele tentava equilibrar-se durante o tempo que passou no Oriente Médio. O governo secular do Egito adotava posição vigorosamente em desacordo com grupos como Irmandade Muçulmana, que se envolvera no complô para matar Nasser em 1954 e depois fora expulso do país. Malcolm, em dívida com ambos os lados, não podia se dar ao luxo de tomar posições que pudessem ofender qualquer um deles. Durante a estada no Cairo, seus estudos islâmicos foram dirigidos pelo xeque Muhammad Surur al-Sabban, secretário-geral da Liga Muçulmana Mundial. Esse grupo foi financiado pelo governo saudita e refletia opiniões políticas conservadoras, e por isso Malcolm teve de usar de considerável tato e discernimento político.[30] Simultaneamente, também se correspondia com o dr. Said Ramadan, genro de Hassan al-Banna, fundador da Irmandade Muçulmana. Expulso do Egito, Ramadan também fundou a Liga Islâmica Mundial e em 1961 estabeleceu o Centro Islâmico na Suíça. Ao longo de toda a correspondência, Malcolm nunca deixou de pressionar Ramadan acerca do tema raça-Islã. A certa altura, Ramadan lhe fez um apelo: "Como é que um homem com um espírito como o seu, com um intelecto como o seu, com uma perspectiva global como a sua é incapaz de ver no Islã... uma mensagem que confirma... a unidade etnológica e a igualdade de todas as raças, fulminando com isso a própria raiz da discriminação racial?". Malcolm respondeu que, independentemente do universalismo do Islã, era obrigado a lutar em nome dos afro-americanos. "Como americano negro", explicou, "sinto que minha primeira responsabilidade é para com meus 22 milhões de compatriotas negros."[31] O diálogo cordial mostra o interesse cada vez maior de Malcolm pela política baseada na fé da Irmandade Muçulmana — interesse que, sabia, precisava esconder do governo Nasser.

Em 16 de setembro, Malcolm voltou à Universidade Al-Azhar, onde recebeu um certificado que estabelecia suas credenciais de muçulmano ortodoxo. Posou para fotografias e, mais tarde, comemorou com Shawarbi e outros amigos.[32] Ao

partir para Jidá dois dias depois, ficou emocionado com as "comoventes despedidas" e a generosidade dos amigos árabes, mas aproveitou para meditar sobre o ponto crucial de um conselho dado por um amigo: "A importância de não ser desviado do caminho por brigas desnecessárias com Elijah Muhammad". Em 21 de setembro, o príncipe Faisal designou Malcolm visitante oficial da Arábia Saudita, status que cobria todas as despesas locais e punha à sua disposição um carro com motorista.[33]

Num encontro com Seyyid Omar el-Saghaf, o vice-ministro do Departamento de Relações Exteriores da Arábia Saudita, Malcolm apresentou sua proposta e solicitação de fundos para estabelecer uma mesquita ou um centro islâmico no Harlem, para difundir o Islã ortodoxo.[34] Em 22 de setembro, escrevendo para M. S. Handler, Malcolm elogiou a "atmosfera sossegada, sadia e fortemente espiritual" da Arábia Saudita, lugar onde "o pensamento objetivo" era possível. Sob a Nação do Islã, "vivi dentro dos estreitos limites de um 'mundo em camisa de força'... Eu representava e defendia [Elijah Muhammad] além do nível do intelecto e da razão". Jurou que "jamais descansaria enquanto não desfizesse o mal que fiz a tantos negros inocentes", e afirmou que agora era "um muçulmano no sentido mais ortodoxo; minha religião é o Islã como observado e praticado pelos muçulmanos na Cidade Santa de Meca".[35]

Suas novas metas políticas, prosseguiu ele, estavam firmemente inseridas na corrente predominante do movimento de direitos civis. "Não sou antiamericano, contrário às características e aos interesses americanos, sedicioso ou subversivo. Não acredito na propaganda anticapitalista dos comunistas, nem na propaganda anticomunista dos capitalistas." Esforçava-se agora para estabelecer para si mesmo uma posição relativamente objetiva de não alinhamento terceiro-mundista. Diferentemente de seus endossos anteriores do socialismo em detrimento do capitalismo, nesses comentários para Handler ele parecia recuar para uma filosofia econômica mais pragmática. "Sou a favor de qualquer um e de qualquer coisa que beneficie a humanidade (os seres humanos) inteira, seja capitalista, comunista ou socialista, porque todos têm suas vantagens e desvantagens..." Então, num trecho notável, parece repudiar não só a história de Yacub, mas o conceito fascistoide de que todos os negros, como negros, tinham de exibir certos traços culturais ou aderir a conjuntos de crenças rígidas para confirmar sua identidade racial:

> Sou um muçulmano que acredita, do fundo do coração, que só Alá é Deus e que Muhammad ibn Abdullah... é o Último Mensageiro de Alá — mas alguns de meus amigos mais queridos são cristãos, judeus, budistas, hindus, agnósticos e até ateus — alguns são capitalistas, socialistas, conservadores, extremistas... alguns são até "Pai Tomás" — alguns são negros, marrons, vermelhos, amarelos e alguns até brancos. Todos esses ingredientes (características) religiosos, políticos, econômicos, psicológicos e raciais são necessários para formar uma Família Humana e uma Sociedade Humana completa.[36]

Numa segunda carta para Handler, datada do dia seguinte, ele criticou sua crença anterior em Elijah Muhammad "como líder divino sem defeitos humanos". A carta foi motivada, porém, pela notícia de que Surur al-Sabban nomeara Malcolm representante da Liga Islâmica Mundial nos Estados Unidos, com autoridade para inaugurar um centro oficial na cidade de Nova York. A liga ofereceu quinze bolsas para muçulmanos americanos estudarem na Universidade Islâmica de Madihah (Medina). Esse presente, combinado com as vinte bolsas oferecidas no Cairo, dava a Malcolm 35 bolsas de estudo plenamente financiadas.[37]

Na última semana de setembro ele voltou à rotina movimentada. Depois de uma breve escala no Kuwait, onde tentou sem êxito obter apoio financeiro para a MMI do secretário do Exterior, Malcolm viajou a Beirute em 29 de setembro.[38] Foi recebido no aeroporto libanês por um líder estudantil chamado Azizah e por cerca de dez estudantes americanos brancos, que o informaram que o reitor da Universidade Americana lhe dera permissão para falar numa das salas de aula. Malcolm, Azizah e outros estudantes almoçaram no apartamento de uma expatriada americana, a sra. Brown. Uma das estudantes brancas presentes, Marian Faye Novak, reconstituiu o breve encontro com ele, e o que fica óbvio de seu relato é que mesmo os simpatizantes da causa de Malcolm ainda viam nele as políticas da Nação do Islã, mais do que as novas crenças. Outra estudante branca, Sara, disse: "Acho que você está absolutamente certo, Malcolm... quando acusa o branco de ter o diabo dentro de si". Incomodada com a observação, Novak respondeu, na defensiva: "Não escolhi esta pele, mas é a única que tenho". Sara apressou-se a pedir desculpas, segundo Novak, "não por ela, e seus antepassados em particular, mas por mim e pelos meus, também, enquanto Malcolm balançava a cabeça e sorria". Novak estereotipa a resposta de Malcolm, embora ele não tenha dito uma palavra durante a conversa.[39]

Apesar de o grupo dispor de poucas horas para anunciar o discurso de

Malcolm aquela tarde, os estudantes da Universidade Americana não se haviam esquecido de sua espetacular apresentação como orador no começo do ano, e uma multidão compareceu.[40] No fim daquele dia, Malcolm tomou o avião de Beirute para Cartum, e de lá seguiu à noite para Adis Abeba, chegando em 30 de setembro. O grande evento em Adis Abeba foi uma palestra para mais de quinhentos estudantes e professores no grêmio estudantil da Faculdade em 2 de outubro, notável pela riqueza de detalhes que produziu para o relatório do FBI sobre o evento. O FBI (e a cia) não poupou esforços para rastrear Malcolm depois de sua partida do Cairo, e parece tê-lo seguido de perto pela maior parte do tempo que permaneceu no exterior. O relatório de inteligência de Adis Abeba sugere que "outro objetivo da visita de Malcolm foi permitir contato direto entre os negros dos Estados Unidos e a África".[41]

Em 5 de outubro, Malcolm voou para Nairóbi, e depois de tirar um tempo livre para visitar um parque nacional, entrou em contato com o vice-presidente Oginga Odinga e marcou um encontro para três dias depois. Quando se encontraram, Odinga foi "polido, alerta e solidário", e Malcolm em seguida recebeu um convite para falar no parlamento queniano em 15 de outubro.[42] Nesse ínterim, decidiu visitar Zanzibar e Tanzânia, na esperança de consolidar as relações políticas pan-africanas com líderes tanzanianos que conhecera na conferência do Cairo. O mais destacado dos que ele esperava encontrar era Abdulrahman Muhammad Babu, revolucionário marxista de Zanzibar que em 1964 tinha ajudado a arquitetar a revolução social desse país insular e a subsequente fusão com a então Tanganica.[43]

Durante vários dias, Malcolm conheceu expatriados afro-americanos que moravam em Dar es Salaam, capital da Tanzânia, e concedeu várias entrevistas aos meios de comunicação. Teve um encontro com o ministro Babu em 12 de outubro, embora o ponto alto da excursão à Tanzânia tenha sido um breve encontro com o presidente Julius K. Nyerere no dia seguinte. Como Kwame Nkrumah, Nyerere subira ao poder na onda de levantes coloniais que varreram a África no fim dos anos 1950 e começo dos anos 1960, e, diferentemente de muitos líderes que caíam tão rápido quanto surgiam durante aqueles anos tumultuosos, ele continuaria muito popular, e no poder, até 1985. Acompanhado de Babu, Malcolm fez uma avaliação do homem chamado pelos cidadãos de mwalimi, ou professor. É um "homem muito astuto, inteligente, charmoso, que ri muito e conta muita piada (mas mortalmente sério)".[44]

Enquanto as viagens de Malcolm o levavam a altos círculos de poder da política africana, ele parecia encontrar figuras importantes para onde quer que se virasse. E, à medida que sua presença em Dar es Salaam se tornava mais conhecida, a agenda ficava mais lotada. Em 14 de outubro, ele visitou a embaixada de Cuba para conversar com o embaixador, que era afro-cubano. Aquela noite, Malcolm foi o convidado de honra num jantar que incluía vários tanzanianos importantes. Protelou a volta para Nairóbi por vários dias, e quando tomou o avião poucos dias depois descobriu que tinha como companheiros de viagem tanto o presidente do Quênia, Jomo Kenyatta, como o primeiro-ministro de Uganda, Milton Obote. Durante o voo, que parou primeiro em Mombaça, um dos ministros quenianos informou ao presidente quem era Malcolm, sendo convidado em seguida a sentar-se numa poltrona entre os dois líderes. Chegando tarde em Mombaça, Kenyatta resolveu passar a noite ali, mas Malcolm continuou a falar com Obote durante o voo para Nairóbi. Depois de passar pela alfândega queniana, Tom Mboya, o segundo político mais poderoso, depois de Kenyatta, foi buscar Malcolm "e me pôs de volta no meio dos convidados especiais".[45]

Durante sua estada no Quênia, rostos famosos se misturavam a rostos familiares. Na manhã de domingo, 18 de outubro, Malcolm esbarrou com dois líderes do SNCC, o diretor John Lewis e Don Harris, que iam para Zâmbia. Ao longo do dia, um convite formal foi entregue no hotel de Malcolm, em nome de Mboya, solicitando sua presença aquela noite na première de gala de Uhuru Films ("uhuru" é uma palavra suaíli que significa "liberdade"). Malcolm compareceu à cerimônia, e no intervalo teve a satisfação de conversar com Mboya e a mulher. Malcolm descreveu Mboya, que também seria assassinado, como a personificação do "movimento perpétuo". Ao voltar tarde para o hotel, Malcolm falou com Don Harris do SNCC sobre "cooperação futura".[46]

Em 20 de outubro, Mboya e a mulher foram buscar Malcolm no hotel e de lá seguiram de carro para um encontro com o presidente Kenyatta. Levado para assistir a um desfile num palanque, ele saboreou o convívio com os convidados especiais, que se sentaram com o presidente para tomar chá e café. Malcolm sentou-se perto de Jane, filha de Kenyatta, com quem continuou a conversar no hotel, o Equator Inn. Naquela tarde, Malcolm almoçou com a sra. Mboya, com a família do presidente e com um chefe de polícia branco. "Tomei vinho na refeição", admitiu Malcolm no diário. Depois do almoço, Malcolm ouviu o

discurso de Kenyatta, no qual o presidente assumiu ousadamente "total responsabilidade pela organização da Mau Mau", a revolta indígena contra o domínio britânico no Quênia dos anos 1950.[47] A cada passo, Malcolm era tratado como um dignitário em visita, e o destaque que ganhou ao longo de vários dias em cerimônias sociais e públicas deve ter deixado atônitos a cia e o FBI. O FBI passara anos tentando separar Malcolm de Elijah Muhammad, na expectativa de que o cisma da NOIenfraquecesse a organização e desabonasse seus líderes. Depois do suposto fracasso na conferência do Cairo, Malcolm deveria ter perdido força. Mas a cada parada do seu itinerário o FBI recebia novos relatórios sobre o amplo calendário social de Malcolm e sua crescente credibilidade entre os chefes de Estado africanos. Seu perfil na mídia também não parava de crescer. O escritório do FBI em Nova York informou ao diretor que quando estava em Nairóbi Malcolm "aparecia com destaque em atividades sociais". Em 21 de outubro, Malcolm foi entrevistado na tv local, e explicou que em todas as oportunidades que surgiram — em Dar es Salaam, Nairóbi e outras cidades — ele insistira com líderes "para condenar, por racismo, os Estados Unidos nas Nações Unidas".[48]

Sua popularidade obrigou o governo americano a intensificar esforços. Malcolm veio a saber depois que a embaixada dos Estados Unidos em Nairóbi procurou os afro-americanos que viviam na cidade e os aconselhou a ficar longe dele. Uma festa teve de ser cancelada, enquanto a embaixada fazia pressão para desacreditá-lo. Àquela altura, as autoridades americanas sabiam tudo sobre a revelação espiritual de Malcolm em Meca, seu rompimento com a Nação e até seus acenos para o movimento de direitos civis. Mas nem o Departamento de Estado nem as agências de inteligência tinham intenção de contar a "verdade" sobre Malcolm.[49]

Apesar da oposição velada da embaixada americana, Malcolm obteve um dos seus maiores triunfos em 15 de outubro, quando discursou no parlamento do Quênia. Depois de sua fala, o parlamento propôs, e aprovou, o que Malcolm descreveu como "uma resolução de apoio à nossa luta pelos direitos humanos".[50] Seu plano, incubado depois da derrota no Cairo, finalmente dera resultados. O fato de um Estado soberano da África endossar sua formulação de direitos humanos foi um tremendo avanço político.

A resolução provocou resposta imediata das autoridades americanas. Dentro de poucas horas, Malcolm reuniu-se com o embaixador americano e vários

assessores, que o submeteram a intenso interrogatório sobre suas relações com autoridades quenianas e exigiram detalhes sobre todos os seus contatos recentes. O embaixador declarou a Malcolm sem rodeios que o considerava racista, mas Malcolm manteve a frieza. Expôs vigorosamente suas posições e seus objetivos, desafiando as autoridades a mostrarem que ele tinha cometido alguma ilegalidade.

De Nairóbi, Malcolm voltou rapidamente a Adis Abeba, antes de partir em 28 de outubro para a Nigéria, onde o acadêmico Essien-Udom, seu amigo, lhe preparara diversas cerimônias. Malcolm chegou a Lagos dois dias depois e, quando se sentou para jantar sozinho, foi interrompido por um telefonema: a secretária do presidente nigeriano Nnamdi Azikiwe queria marcar um encontro privado entre os dois homens na manhã seguinte. Escrevendo posteriormente a respeito, Malcolm disse que não faltava humildade a Azikiwe, e notou que o presidente tinha uma boa compreensão dos principais protagonistas da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. Ainda naquele dia, Malcolm foi a uma festa da qual participaram jornalistas, o corpo diplomático e autoridades nigerianas. "Houve muito exame de consciência", falou ele sobre a difícil situação da política nigeriana. Malcolm deve ter tido calafrios ao esboçar esta previsão, que lamentavelmente se concretizaria, com a Guerra de Biafra a poucas semanas de distância: "Só com muito sangue derramado se conseguirá consertar este país, e não vejo como evitar isto".[51]

Foi nessa viagem que ele finalmente entendeu, em toda a sua profundidade, as divisões entre os africanos no período pós-independência. Em 1º de novembro, por exemplo, foi acuado por dois jovens repórteres, durante horas, que, para sua surpresa, discordavam dos comentários positivos que fizera sobre seu presidente numa cerimônia pública. O estado de espírito entre os jovens nigerianos, refletiu ele, "é muito impaciente e explosivo".[52]

Nas 24 semanas entre abril e novembro de 1964, momento em que Malcolm esteve fora dos Estados Unidos, seus seguidores ficaram incumbidos de moldar sua imagem e sua mensagem. Não deu muito certo, no entanto. "Malcolm sabia que estávamos enfrentando problemas", admitiu Herman Ferguson, posteriormente. "Havia ressentimentos [na MMI] contra os membros da OAAU, que não tinham lutado na Nação do Islã." Outra fonte de conflito era o papel das

mulheres na organização. Antigos membros da NOIachavam que "as mulheres desempenham papel secundário em relação aos homens. Os homens são líderes, os protetores, os guerreiros", observou Ferguson. Malcolm tentou quebrar esse patriarcalismo, insistindo em que na OAAU "as mulheres [devem ter] posição igual à dos homens". Esse novo compromisso com a igualdade entre os sexos perturbava e até indignava muitos membros. "Dois irmãos me procuraram", disse Ferguson. "Queriam que eu conversasse [com Malcolm] sobre suas preocupações com o papel das mulheres, e dizer que muitos irmãos não aceitavam." Ferguson decidiu não transmitir o apelo diretamente a Malcolm. "As mulheres em quem Malcolm parecia depositar muita confiança, elas eram responsáveis, eram instruídas."[53]

Em meados de junho, a tensão entre a MMI e a OAAU eventualmente explodia em combates verbais. James 67X não fazia segredo de sua profunda hostilidade a Shifflett. Os dois brigavam constantemente, por qualquer motivo, fosse o conteúdo dos comícios públicos da OAAU e os convites para oradores, fosse a luta da OAAU para recrutar novos membros. "A Mesquita Muçulmana e a OAAU... foram cada qual para o seu lado", explicou Ferguson. "Algumas pessoas vinham e não eram parte da MMI, e ninguém da MMI era parte da OAAU. Portanto, havia uma distância."[54] Mesmo dentro da OAAU, havia divisões entre pragmáticos como Shifflett, que queriam que a OAAU se juntasse a autoridades negras eleitas e a grupos de direitos civis, e gente como Ferguson, que se considerava revolucionário nacionalista e pan-africanista. O que se desenvolveu foi um núcleo "de pessoas dedicadas" que realizavam a maior parte do trabalho sem receber salário, e a grande maioria dos membros da OAAU, que só aparecia nos comícios.

Como resultado, pelo fim de julho alguns comitês da OAAU criados um mês antes começaram a desmoronar. O ativista da Carolina do Sul James Campbell e Ferguson estabeleceram a Escola da Libertação, que dava aulas e atraiu mais de dez alunos. Peter Bailey lançou o boletim da OAAU, Blacklash, e Muriel Gray chefiou um comitê cultural de artes muito produtivo. Mas a discórdia faccional ofendeu muita gente da OAAU, que se sentia desencorajada e desorientada sem a presença do líder. A maioria tinha aderido sob inspiração de Malcolm, mas durante sua longa ausência membros tiveram de assumir maiores responsabilidades. "Nós esperávamos que [Malcolm] fosse uma espécie de ímã para atrair as pessoas", explicou Ferguson. Centenas apareciam regularmente

para eventos da OAAU, mas se recusavam a pagar a taxa de adesão de dois dólares.[55] Paradoxalmente, Ferguson culpava Malcolm pelas dificuldades de recrutamento. "Quando alguém ficava conhecido como membro da organização de Malcolm, era muito notado. Era mais fácil ser um Black Panther do que um malcolmita." Ferguson também atribuía os problemas da OAAU à MMI, que cada vez dava menos assistência. "Malcolm reconhecia as limitações dos irmãos", observou. "Ele... contavam sua vida para ele e ele sabia disso." Mas, "em matéria de construir e desenvolver e trazer pessoas, eles tendiam a assustar as pessoas". Numa manhã de domingo bem cedo, no escritório do Hotel Theresa, pouco antes de sua segunda viagem ao exterior, Malcolm ficou furioso quando viu um irmão da MMI estirado numa cadeira confortável. "Você não tem nada para fazer?", repreendeu. "Vá distribuir panfletos!" Ferguson contou o amargo desfecho da história: "O sujeito saiu e passamos semanas sem vê-lo. E quando voltamos a vê-lo ele estava todo enfaixado. Tinha ido para o metrô, os caras da Nação do Islã o atacaram e ele teve que ir para o hospital".

Nesse período difícil três indivíduos tiveram papel crucial: James 67X Warden (Shabazz), Benjamin 2X Goodman (Karin) e Charles 37X Morris (Kenyatta). Todos esses companheiros íntimos de Malcolm tinham feito o serviço militar e pertencido à NOI; Benjamin e James haviam alcançado posições de autoridade na seita. Quando ocorreu o rompimento, todos pararam tudo para seguir Malcolm, mesmo sem saber para onde ele ia. As atividades desse trio em grande parte decidiram a maneira como Malcolm foi apresentado ao público no segundo semestre de 1964.

O poder de James vinha em parte do fato de ser ele a única pessoa capaz de agir ou escrever em nome de Malcolm. "Pagava as contas, alugava o Audubon, [escrevia] todos os releases que ele fazia." James até "comprava livros sobre como preparar entrevistas coletivas, e aconselhava Malcolm sobre como lidar com a imprensa". Também tinha autoridade para despachar cartas e releases em nome de Malcolm, os quais ele próprio redigia. Por todo esse trabalho, James recebeu um total de cem dólares durante quase um ano. E apesar dos sacrifícios, Malcolm de vez em quando punha em dúvida sua lealdade.

Também ouvia poucos agradecimentos de seus colegas, que o achavam notoriamente reservado e discutidor. Estava constantemente recebendo uma torrente de ordens de Malcolm, mas, embora pudesse falar livremente em nome do líder, raramente tinha autoridade para tomar decisões de fato importantes.

Em certa ocasião, quando participava de uma reunião de negócios da OAAU, ficou tão frustrado com a desorganização e a incapacidade do grupo de "resolver qualquer coisa" que se levantou e jogou sua mala Sansonite com força em cima de uma mesa próxima. "O irmão Malcolm me encarregou de formar esta organização", advertiu. "Vou sair agora com estas palavras de despedida: ou vocês organizam, ou eu organizo." Depois dessa severa reprimenda, "as coisas começaram a acontecer".[56]

Benjamin 2X tinha mais facilidade para se insinuar. Sua função básica o mantinha o tempo todo ocupado com a MMI; diferentemente de James, não foi incumbido de formar a OAAU, o que, para ele, tornava mais fácil desdobrar-se para ajudar no seu desenvolvimento. Em 18 de julho, quando a polícia de Nova York atirou em James Powell, o incidente que precipitaria a revolta do Harlem, Benjamim falou como representante da OAAU numa manifestação de protesto organizada às pressas pelo CORE no Harlem. Apesar de não ter tomado parte nos tumultos, depois disso o interesse do Departamento de Polícia de Nova York e do FBI por ele aumentou imensamente. De acordo com agentes que estavam no comício, Benjamim "incitou-os declarando que os negros deveriam pegar em armas para se proteger e que os negros deveriam estar prontos para derramar sangue em nome da liberdade". À procura de um culpado, especialmente com Malcolm fora do país, o FBI e o Departamento de Justiça concentraram-se em Benjamin, embora tenham acabado decidindo que não havia provas suficientes para prendê-lo.[57]

Durante todo o verão, James e Benjamin tentaram bravamente preencher o vácuo deixado pelo líder ausente. Em 5 de julho, Benjamin falou no segundo comício público da OAAU, no Audubon; em 12 de julho, presidiu um comício da OAAU que atraiu 125 pessoas e teve como oradores convidados Percy Sutton e Charles Rangel, que pediram ao público para promover o registro eleitoral.[58] Quase por falta de oposição, James tornou-se o enviado de Malcolm à esquerda americana. Falou numa reunião na Universidade Columbia, patrocinada pelo comitê trotskista DeBerry-Shaw da campanha presidencial em 23 de julho.[59] Aproximadamente uma semana depois, fez uma palestra no Fórum Trabalhista Militante do Partido Socialista dos Trabalhadores em Manhattan, acusando as autoridades de usarem a recente revolta no Harlem como pretexto para "conter" a comunidade negra.[60] Com a ausência de Malcolm se prolongando, no fim do outono James finalmente começou a tomar grandes decisões políticas e

financeiras sem sua contribuição. No começo de agosto, quando um grupo de seguidores quis abrir uma filial da MMI na Filadélfia, ele prometeu que quaisquer fundos arrecadados localmente ali permaneceriam até que o grupo "conseguisse ficar em pé".[61] A decisão de James não só rompia o centralismo autocrático da NOI, mas também fragmentava os recursos potenciais das forças pró-Malcolm.

Enquanto o verão prosseguia, James se viu com relativamente poucos aliados dentro da MMI porque, ironicamente, os membros achavam que ele tinha sido excessivamente obsequioso com a OAAU, permitindo que o grupo usurpasse recursos e espaço na sede da MMI. Explicou James: "Tínhamos um espaço, e o homem tende a ser muito cioso do seu território... E eles vieram, e queriam fazer coisas à sua maneira, ou falar com os irmãos de um jeito a que os irmãos não estavam acostumados". James achava que os membros da OAAU se julgavam "indivíduos intelectualmente capazes, que estavam tomando o controle desses ex-criminosos, esses... mentecaptos, e isso provocava ressentimentos". Mas se James era o principal alvo da sua raiva, não fora a fonte dela. Nisso, a responsabilidade recaía sobre o próprio Malcolm e sobre as mudanças que fizera em seu programa de ação, por vontade ou concessão, a fim de ampliar o apelo de sua mensagem. Ao separar política de religião, ele inadvertidamente enfraquecera a autoridade política da MMI. Sua determinação de desempenhar um papel importante no movimento de direitos civis significava denunciar boa parte do seu passado, e crenças da Nação do Islã, especialmente a vigorosa ênfase nas divisões de classe dentro da comunidade negra. Mas a MMI era uma personificação desse passado, e seus membros se ressentiam desses negros de classe média, mais instruídos, que agora queriam se apoderar do seu ministro. "A OAAU parecia nos tratar como notícia velha", disse James, amargamente. "'Estamos tomando o lugar deles', não vê?"[62]

O próprio modo marxista com que James encarava a comunidade negra o tornava profundamente descrente da missão da OAAU, sentimento esse em desarmonia com sua incumbência de ajudar o grupo a decolar. Para ele, artistas da OAAU como Ossie Davis e Ruby Dee, e intelectuais como John Oliver Killens, representavam a pequena burguesia negra que Malcolm no passado pintara como parte do problema. "Seu pão tem manteiga do lado integracionista", queixava-se. "Não eram pessoas que vivessem da previdência social. Eram classe média para os Estados Unidos em geral e classe média alta para os Estados Unidos negros. Não se preocupavam em saber se havia leite na geladeira." James

achava que Malcolm tinha criado a OAAU basicamente para servir de plataforma para a realização de seus objetivos internacionais. "Um diplomata ou político africano poderia vê-la e aceitá-la [a OAAU] e achar que... o que era bom para o povo afro-americano seria bom também para seu grupo." Durante a visita à África em abril-maio, Malcolm ficava surpreso quando "algumas das pessoas mais revolucionárias de lá diziam: 'Bem, e qual é a posição de Martin Luther King sobre isso?'. E achavam que se Martin Luther King não estivesse envolvido, quem era esse recém-chegado Malcolm?", prosseguiu James. "Por isso, [Malcolm] fez alguns ajustes." Um deles foi adotar uma estratégia de recrutamento que levava negros de classe média, celebridades liberais e intelectuais para a OAAU. "Além disso", acrescentou James, as opiniões de Malcolm "estavam mudando tão rapidamente que a bem dizer quando ele atingia um determinado nível [elas se tornavam] obsoletas, porque ele já estava em outro lugar." Isso era política pragmática e egoísta: "Ele precisava de gente de estatura e substância que lhe permitisse ter essa espécie de diálogo com a África, ou com a ONU, ou com organismos internacionais. E pessoas como Ossie Davis e Ruby Dee ou Sidney Poitier são muito conhecidas".[63]

O cabo de guerra entre a OAAU e a MMI finalmente desabrochou em conflito aberto quando vários irmãos da MMI foram presos sob acusação de posse de armas. Embora os irmãos fossem também membros da OAAU, o grupo não fez nenhum esforço para pagar fiança. "Quando eles saíram", disse James, "estavam atrasados em suas mensalidades [na OAAU]... E resolveram ir a uma reunião [da OAAU], quando as irmãs disseram: 'Não, vocês não podem assistir à reunião, porque suas mensalidades estão atrasadas'." Os irmãos ficaram atônitos, e nos meses seguintes muitos membros da MMI com dupla filiação deixaram a OAAU, ou simplesmente se afastaram das duas organizações. Um revoltado membro da MMI chamado Talfiq apresentou suas queixas a James, que explicou que Malcolm lhe atribuíra a responsabilidade de construir a OAAU. "[Esse irmão] tinha respeito suficiente por mim para adiar seus planos de revolução."[64] A fragmentação se agravou quando Betty começou a formar seu próprio grupo de adeptos. "Betty tinha um grupo em sua casa, que achava que devia [assumir o controle] da OAAU, porque Lynne Shifflett não andava depressa o suficiente." Betty também tinha especial antipatia por Shifflett, temendo um possível envolvimento sexual entre ela e seu marido. De acordo com Max Stanford, Betty, furiosa, invadiu uma

reunião da OAAU e acusou Shifflett e uma secretária da OAAU de dormirem com Malcolm.

Betty sentia-se particularmente vulnerável como esposa infeliz num casamento tenso. Ela fora deixada para trás por Malcolm sob a guarda de Charles 37X Kenyatta, que ocupava cargo de alguma importância dentro da MMI. Durante a ausência de Malcolm, as relações entre protetor e protegida ficaram mais complicadas — e mais íntimas — do que Malcolm poderia ter imaginado.[65] Kenyatta, ainda um dos favoritos de Malcolm graças a seu charme suave e à sua natureza fácil, jamais caíra nas graças de James 67X ou qualquer dos outros antigos baluartes da Nação que vieram quando houve o rompimento. A suspeita que tinham dele não diminuíra na nova fase da MMI. Mas Malcolm designara Kenyatta o único guarda-costas da mulher e das filhas enquanto estivesse fora do país, dando-lhe autoridade para controlar o acesso à residência de Shabazz.

Kenyatta viu-se presidindo uma casa à beira do colapso, enquanto Betty lutava para carregar o fardo da ausência de Malcolm. Tinha dado à luz a quarta filha, Gamilah Lumumba,[66] três dias após a fundação da OAAU, e foi apenas oito dias depois que Malcolm, com seu velho hábito de sumir sempre que aparecia um bebê em casa, partiu para a África.[67] Criar quatro filhas sozinha já seria duro, com a pífia renda familiar, àquela altura proveniente apenas dos adiantamentos do livro de Malcolm, dos honorários de palestras e de pequenas doações de dedicados membros da MMI. Agora, porém, ela se tornara o alvo mais acessível da campanha intimidativa da Nação. As ameaças de morte feitas por telefone, que Malcolm deixara para trás, continuavam a tocar com insuportável frequência em sua casa, exaurindo sua mulher, que não as podia evitar. O capitão Joseph tinha inventado uma estratégia de importunação para instilar ainda mais medo na família. Membros do Fruto do Islã foram instruídos a telefonar para a casa de Malcolm a cada cinco minutos. Se alguém atendesse, o membro do foi faria uma ameaça qualquer — ou não diria nada — e depois de um longo silêncio desligaria. "Você nunca mais vai ver seu marido", um deles ameaçou Betty. "Nós o pegamos. Cortamos sua garganta."[68] O fluxo constante dessas ligações estiolou as forças e a paciência de Betty na longa ausência de Malcolm.

Embora Kenyatta tivesse sido designado para protegê-la, Betty deve ter sentido o mais completo abandono. Com quatro filhas abaixo de cinco anos, sem uma situação financeira adequada, e cuidando sozinha de uma recém-nascida, ela mal podia acreditar que as responsabilidades políticas do marido pudessem ter

precedência sobre as necessidades pessoais dela. Acabou antipatizando com a maioria dos assessores de Malcolm, incluindo James e Benjamin, por levarem o marido para longe dela. Mas logo se tornou mais íntima de Kenyatta de uma forma que chamou a atenção do FBI e causou grande consternação entre os auxiliares mais leais de Malcolm.

James 67X tinha visto presságios perturbadores no que lhe pareceu um comportamento impróprio de Betty em sua casa na ausência de Malcolm. Ela tinha um ar coquete, quase encorajando visitantes masculinos a fazerem propostas sexuais. Numa ocasião, o próprio James foi alvo de suas insinuações amorosas. "Essa mulher tirou meus óculos", lembrava-se ele, "colocou-os atrás dela e me disse: 'Venha pegá-los'. É por isso que nunca mais volto àquela casa." Ele logo descobriu que Kenyatta também lhe dava motivos para suspeita.

Malcolm frequentemente mandava instruções do exterior para seu próprio endereço, e James descobriu que Kenyatta retinha, por dias ou mesmo semanas, comunicações da maior importância. Foi o início de um jogo de poder: Kenyatta achava que James era seu rival mais importante nas atenções de Malcolm, e por isso restringiu severamente seu acesso a Betty.

Em setembro de 1964, o FBI observou que Kenyatta viajava de carro com frequência para fora da cidade em companhia de uma mulher identificada como "[editado] de Malcolm X". Era, de fato, Betty Shabazz, que gostava de sair da cidade com aquele homem bonito. Dentro de semanas, circulavam boatos dentro da OAAU, da MMI e da Mesquita nº 7, sugerindo que Betty e Kenyatta tinham um envolvimento sexual e até planejavam se casar.[69] O verdadeiro grau das relações entre eles é difícil de estabelecer, mas aquilo fez soar o alarme para James 67X e outros líderes que ouviram falar da ligação. Pelos padrões do Islã ortodoxo — e mesmo da Nação do Islã — a relação era altamente imprópria e ameaçava constranger todos os envolvidos. Além disso, os dois lados comportavam-se de forma extraordinariamente óbvia, uma vez que ambos deviam saber que estavam sob vigilância do FBI.

Mas Malcolm, ignorante do que se passava em sua ausência, ficou cada vez mais dependente de Betty enquanto estava fora. Durante meses, correspondia-se com ela por meio de telegramas, cartas e telefonemas. Numa carta, datada de 26 de julho, dizia sentir muita falta de Betty e das meninas, "e rezo para que estejam bem e em segurança". Grande parte da correspondência inicial descrevia suas atividades no Cairo e na conferência da ONU. "Percebo que muita gente nos

Estados Unidos pode achar que estou me esquivando de minhas obrigações de líder... vindo para cá", confessou. "Mas o que estou fazendo aqui será mais útil para o todo [ênfase de Malcolm] a longo prazo."[70]

Noutra carta, datada de 4 de agosto, ele escreveu: "Parece que pelo menos um mês vai se passar antes que eu a veja", estimando a volta, naquele momento, para meados ou fins de setembro. Também descreveu suas conversas com Akbar Muhammad, contando a Betty que Akbar "diz que sabe que o pai está errado e não concorda com a afirmação do pai de que é mensageiro divino. Mas ainda o estou observando". E continuou: "Aprendi a não confiar em ninguém".[71]

Mesmo durante o período em que ficou mais íntima de Kenyatta, Betty mandava cartas e revistas para Malcolm, desincumbindo-se de tarefas políticas em seu nome e tentando mantê-lo informado pelo menos parcialmente. Já no fim da viagem de Malcolm ela foi à Filadélfia participar de uma reunião dos seguidores de Wallace Muhammad, mas ficou desapontada com o que ouviu. Apesar de ter rompido com o pai e com a Nação do Islã, Wallace não propôs uma fusão com grupos de Malcolm, e, em vez disso, caracterizou Malcolm como homem de "reputação violenta".[72] Betty informou que Wallace era "igualzinho ao pai" e disse acreditar que "todo mundo" estava tentando usar Malcolm para conseguir o que queria.

Foi também nessa época que Betty se envolveu diretamente nas tensões entre a OAAU e a MMI. Além do grupo que se reunia em sua casa e tramava assumir o controle da OAAU, ela tinha encontros secretos com o chefe da segurança da MMI Reuben X Francis, que planejava criar um novo grupo de jovens. O FBI ouviu uma conversa telefônica entre Francis e Betty na qual ele explicava que o grupo, a Organização de Cadetes Afro-Americanos, funcionaria separadamente da MMI porque "não quero que os funcionários saibam muita coisa a respeito dela". Os líderes da MMI eram "corruptos", e esse novo grupo precisava ser mantido longe deles "para evitar contaminação". Talvez para agradar Betty, Francis também defendeu Charles 37X Kenyatta, afirmando que líderes da MMI "estão tentando incriminá-lo para que fique mal aos nossos olhos"; ela concordou em se encontrar com ele mais para o fim da semana.[73] O fato de que um membro dissidente da MMI tinha a confiança de lhe contar um segredo provavelmente indicava que ela era tida como influente força política por sua própria conta. E também implicava que seu descontentamento com James, e com a maneira como a MMI era dirigida, era de conhecimento público.

No outono de 1964, provavelmente devido à sua relação com Betty, Charles Kenyatta teve a audácia de contestar publicamente a liderança de James 67X. Os detratores de James queixavam-se de que ele era reservado demais, ditatorial e comunista enrustido — um marxista que desonestamente se apresentava como nacionalista negro. Em razão de suas responsabilidades administrativas, ele alienara muitos membros; sua inequívoca antipatia por Shifflett e pela OAAU era uma garantia de poucos aliados naquela organização. Em contraste, Kenyatta mantinha relações cordiais com membros da OAAU e comparecia a eventos. Quando a briga dos dois homens pelo poder se tornou pública, membros da MMI ficaram divididos. Mas velhos hábitos custam a desaparecer. A tradição da NOIde permitir que o ministro, ou líder supremo, tomasse decisões importantes fez a maioria dos membros da MMI adiar qualquer julgamento sobre a liderança até Malcolm voltar.[74] Apesar disso, o longo verão de discórdia tinha deixado membros de ambos os grupos com os nervos em farrapos e quase nenhum senso de direção. Os conflitos contínuos com a Nação do Islã só aumentavam o clima de ansiedade. A ausência de Malcolm dos Estados Unidos não diminuíra praticamente em nada a acrimoniosa campanha da Nação contra ele e seus defensores. Todos queriam a volta de Malcolm, mas temiam que ela provocasse uma nova escalada de violência.

Pelo começo de novembro de 1964, Malcolm estava havia quatro meses fora dos Estados Unidos. Sabia das dissensões e do quase colapso de suas incipientes organizações. Sem dúvida, sentia falta da mulher e das filhas. Tinha, no entanto, moldado uma nova imagem, outra reinvenção, no continente africano. Nenhum outro cidadão dos Estados Unidos, particularmente sem títulos ou posição oficial, tinha sido acolhido e homenageado como Malcolm. Em vez de ser visto como um fanático racista, algo que ainda vigorava no senso comum da imprensa americana, foi identificado pela mídia africana como combatente da liberdade e pan-africanista. Porém, não era a adulação que afetava Malcolm; era o romance com a própria África, sua beleza, sua diversidade e sua complexidade. Foi o povo africano que adotou Malcolm como filho há muito tempo perdido. Deve ter sido difícil deixar tudo aquilo para trás e voltar para os Estados Unidos para enfrentar as ameaças de morte e a crescente violência que ele estava certo de que viriam.

A etapa final de sua viagem pela África o levou de volta a Gana e à comunidade de expatriados, para a qual ele apenas crescera em estatura nos meses transcorridos desde sua visita. Maya Angelou, Julian Mayfield e outros foram recebê-lo no aeroporto de Acra em 2 de novembro, e logo os expatriados disputavam entre si o tempo e a atenção de Malcolm. No dia seguinte, Malcolm teve o gosto de rever Angelou, passando a manhã com ela e jantando juntos na casa da intelectual Nana Nketsia com mais meia dúzia de artistas e escritores.[75] Também passou várias horas com Shirley Du Bois, na época diretora executiva da televisão ganense; depois, os dois visitaram a televisão nacional e as estações de rádio de Gana.[76] Talvez seu iminente retorno para os Estados Unidos o tenha deixado inquieto, porque nessa época não conseguia dormir à noite, recorrendo a pílulas.[77] Além disso, estava exausto depois de semanas de fatigantes e intermináveis viagens internacionais. Relaxara suas regras sobre o consumo de álcool, apesar das restrições muçulmanas; depois de uma entrevista para um jornal, sentiu-se cansado e anotou no diário que tomara rum com coca-cola para despertar.[78] Não tardaria a ter mais motivos para ocupar o pensamento, quando recebesse a notícia de que Lyndon Johnson soterrara Goldwater numa vitória esmagadora na eleição para presidente, obtendo 96% dos votos entre os negros.

Shirley Du Bois, Julian Mayfield e Malcolm sentaram-se para um rápido almoço com o embaixador da China antes de um encontro com o presidente Nkrumah no começo da tarde de 5 de novembro. Mais uma vez a conversa não foi gravada, mas seu conteúdo pode ser garimpado nos discursos de Malcolm sobre as Nações Unidas durante o resto da viagem. Uma das razões de Malcolm voltar a Acra era promover o desenvolvimento da OAAU no continente africano; na comunidade de expatriados suas ideias, especialmente a de submeter as questões raciais dos Estados Unidos à ONU, foram recebidas com grande comoção. "A ideia era tão estimulante para a comunidade de residentes afro-americanos", disse Angelou, "que decidi que deveria voltar para os Estados Unidos e ajudar a estabelecer a organização." A decisão de voltar para ajudar Malcolm rendeu a Maya status imediato entre os expatriados. "Meus amigos", lembra-se Maya, "começaram a tratar-se como se eu de repente me tornasse especial... Minha estatura definitivamente aumentara."[79]

Na sexta-feira, 6 de novembro, uma delegação de admiradores, como Shirley Du Bois, Nana Nketsia, Maya Angelou, entre outros, desejou boa viagem a Malcolm. Quando seu avião partiu para a Libéria, ele finalmente se deu conta de

que estava de fato deixando Gana, e ficou triste, pensando em quanto se apegara àquela comunidade. Ao ver Maya e outra afro-americana "acenarem 'tristemente' da grade", ele as caracterizou como "duas mulheres muito solitárias".[80] Chegando a Monróvia, na Libéria, mais ou menos ao meio-dia, Malcolm foi a uma dança realizada na prefeitura, e em seguida saiu para um clube campestre. Depois de alguns passeios turísticos e de um coquetel no dia seguinte, Malcolm passou horas comendo e bebendo — e sendo contestado num vigoroso debate com expatriados e outras pessoas sobre o papel de Israel na África. Membros da elite liberiana argumentaram que "técnicos [afro-americanos] e gente com outras habilidades" precisavam migrar para a Libéria, mas, como qualquer classe dominante de qualquer lugar, falaram com franqueza de sua determinação de continuar no poder. Os americanos negros seriam bem-vindos à Libéria, "mas não queremos que interfiram na nossa estrutura política interna. Nosso medo é que entrem na política".[81]

Na manhã de 9 de novembro, Malcolm visitou a mansão executiva liberiana, onde foi apresentado a membros do Gabinete; mas o presidente William Tubman estava "ocupado demais" para recebê-lo. Malcolm seguiu então para o aeroporto — depois de três dias movimentados partiu para Conakry, na Guiné. Chegando no começo da noite, foi levado de carro, para sua surpresa, diretamente para a "residência particular [do presidente Sékou Touré], onde me hospedarei enquanto estiver em Conakory [sic]. Não sei o que dizer! Louvado seja Alá!". Foram postos à sua disposição três serviçais, um motorista e um oficial do Exército.

Enquanto tentava processar esse extraordinário reconhecimento de status, Malcolm pensou no quanto tinha mudado nos últimos meses. "Minha cabeça parece estar mais em paz desde que deixei Meca em setembro. Meus pensamentos são fortes e claros e acho mais fácil me expressar." Paradoxalmente, acrescentou: "Minha mente tem sido quase incapaz de produzir palavras e frases ultimamente e isso me preocupa".[82] O que parecia querer dizer era que suas experiências no Oriente Médio e na África tinham ampliado seus horizontes, mas o limitado vocabulário do nacionalismo negro era insuficiente para fazer face aos desafios que ele via tão claramente diante da África. Malcolm sentiu que precisava criar novas ferramentas teóricas e um diferente sistema de referência que não se limitasse a raça.

Malcolm foi conduzido de carro por Conakry como um chefe de Estado em

visita oficial na manhã seguinte à sua chegada. Uma rápida visita à embaixada da Argélia lhe causou um constrangimento momentâneo, por causa da entusiástica recepção que lhe deram. "É difícil acreditar que eu seja tão conhecido (e respeitado) aqui neste continente", refletiu posteriormente. "A imagem negativa que a imprensa ocidental vem tentando pintar de mim certamente não teve êxito." Naquela noite Malcolm finalmente foi apresentado ao presidente Touré, que o abraçou com entusiasmo. "Ele me cumprimentou por minha firmeza na luta pela dignidade." Os dois marcaram um almoço para o dia seguinte. De noite, Malcolm foi a uma boate, mas talvez por ser a Guiné um país majoritariamente muçulmano, limitou-se, sensatamente, ao café e ao suco de laranja.[83]

No almoço com o presidente Touré e vários outros convidados internacionais no dia seguinte, Malcolm notou que Touré "comeu depressa, mas polidamente, e pôs várias vezes comida no meu prato". Depois que vários convidados saíram, Touré voltou ao tópico que tanto o animara no encontro da noite anterior, a busca de "dignidade". Malcolm conhecia a extraordinária história do presidente — como sindicalista militante e revolucionário antifrancês, o único líder na África francófona a desafiar De Gaulle recusando a união com a França metropolitana em 1958. Para Touré, dignidade significava autonomia africana, conceito muito próximo do seu novo léxico de pan-africanismo. "Estamos cientes da sua reputação de combatente da liberdade", disse Touré a Malcolm, "por isso falo francamente, numa linguagem de combate, com você."[84]

Nos dias que se seguiram, Malcolm passou por uma série de contratempos de viagem; sem que ele soubesse, seu voo que partia de Conakry foi remarcado, e ele teve de passar mais uma noite na cidade. No voo para Dacar em 13 de novembro, um irmão reconheceu Malcolm, "e o aeroporto todo sabia" da presença do muçulmano americano negro quando ele desembarcou. Passageiros aproximaram-se pedindo autógrafo. Ele seguiu viagem, com uma breve parada para trocar de avião em Genebra e depois Paris, onde passou a noite no Hotel Terminus St. Lazare. Malcolm tomou o avião para a Argélia na manhã seguinte, mas a visita não foi produtiva. A barreira da língua francesa, lamentou Malcolm, era tão "tremenda" que foi quase impossível comunicar-se com eficácia.[85] Continuando a trajetória de voos cruzados, Malcolm chegou a Genebra na manhã de 16 de novembro. Seu objetivo era fazer contato com o Centro Islâmico da cidade e fortalecer seus vínculos com a Irmandade Muçulmana. Naquela tarde

ele teve a surpresa de encontrar uma jovem chamada Fifi, secretária das Nações Unidas e cidadã suíça, que tinha trabalhado com Malcolm no Cairo. Ela foi vê-lo no hotel, onde conversaram durante horas, e o surpreendeu dizendo que "estava loucamente apaixonada por mim e parece disposta a fazer qualquer coisa para provar".[86] Malcolm dormiu tarde no dia seguinte, depois foi fazer compras, adquirindo um novo sobretudo e um terno. O dr. Said Ramadan, do Centro Islâmico, fez-lhe uma visita e o levou primeiro à sua mesquita, e depois a um jantar com vários convidados. Quando Malcolm voltou ao hotel, por volta das nove da noite, "Fifi estava batendo à minha porta quando subi as escadas". Ela foi com ele para o quarto e saiu duas horas depois. De modo não habitual, Malcolm não registrou o que houve entre eles; a julgar pelo diário, Fifi parece ter sido a única mulher que ele admitiu em seu âmbito privado durante todo o tempo que passou no exterior. Depois que ela se foi, Malcolm saiu e caminhou um pouco na chuva, "sozinho e me sentindo solitário... pensando em Betty".[87]

Ele chegou a Paris em 18 de novembro, hospedando-se no Hotel Delavine,[88] onde passaria uma semana (apesar de receber um convite para visitar Londres) para falar a uma multidão na Maison de la Mutualité cinco dias depois. Sua reputação internacional o precedeu, e embora a aparição na Mutualité não tenha sido amplamente coberta pela imprensa americana, um repórter se lembrava de que "não havia um centímetro quadrado de espaço sobrando na sala de conferência". Os que chegaram tarde ficaram em pé ou sentados no chão. Os comentários formais de Malcolm supostamente abordariam o tema "A luta negra nos Estados Unidos", mas, como confessou no diário, faltava-lhe concentração mental para formular novas ideias políticas, especialmente depois da vitória de Johnson. Em vez disso, a substância de seus comentários consistiu em respostas às perguntas que lhe fizeram. Desde o início, voltou-se ideologicamente para a esquerda. Quando perguntado sobre "como é possível que alguns ainda preguem a não violência?", respondeu com um ataque a King, dizendo: "É fácil compreender — isso mostra o poder do dolarismo". Os "imperialistas" é que "distribuem outro prêmio da paz para mais uma vez tentar fortalecer a imagem da não violência". A viagem à África e ao Oriente Médio também parecia ter reavivado suas exaltadas opiniões antissemitas. "Os negros americanos têm sido especialmente manipulados para chorar mais pelos judeus do que por eles mesmos", queixou-se, contando uma história fictícia de judeus progressistas e afirmando, incorretamente, que eles não tinham participado como Cavaleiros da

Liberdade. "Se fossem barrados nos hotéis, compravam os hotéis. Contudo, quando se juntam a nós não nos ensinam a resolver nosso problema dessa maneira."

Já em outros aspectos, não obstante, Malcolm ficara mais tolerante. Chegou a anunciar suas novas opiniões sobre romance e casamento inter-raciais: "Como é que alguém pode ser contra o amor? Se uma pessoa quer amar outra, seja ela quem for, é assunto seu". E profeticamente conjeturou que num futuro multicultural era concebível que "a cultura negra venha a ser a cultura dominante". No dia seguinte ao discurso em Paris, 24 de novembro, Malcolm X finalmente chegou em Nova York; mas sua volta para casa naquele dia coincidiu com a morte de sessenta reféns brancos durante uma tentativa belgo-americana de resgate contra os rebeldes congoleses em Stanleyville. Ao desembarcar no aeroporto John F. Kennedy, cerca de sessenta seguidores o receberam exibindo cartazes que diziam "Bem-vindo de volta, Irmão Malcolm". Não perdeu tempo para acusar a responsabilidade tanto do governo americano como do regime congolês de Moise Tshombe na matança em Stanleyville. Era "o financiamento dos mercenários de Tshombe por Johnson". Mais uma vez provocando o destino, ele descreveu o envolvimento dos Estados Unidos no Congo como "as galinhas voltando para o galinheiro".[89]

14. “Este homem merece morrer”

24 de novembro de 1964-14 de fevereiro de 1965

No Comício de Boas-Vindas preparado pela OAAU para Malcolm em 29 de novembro no Audubon, Charles 37X misturou-se à modesta multidão de trezentas pessoas, trocando apertos de mão e exibindo seu costumeiro charme e sua leveza de espírito. Ninguém tinha mencionado a Malcolm, ainda recém-chegado, os boatos relativos a Betty e a seu traiçoeiro tenente. James 67X, porém, sabia. Em outubro, na esperança de aliviar a tensão em torno da liderança da MMI na ausência de Malcolm, ele viajou a Boston e se hospedou na casa de Ella Collins, onde teve encontros com seguidores da MMI. Durante sua estada, Ella conversou com James sobre a fofoca. De alguma forma, a notícia da ligação amorosa entre Charles e Betty ajudou a sossegá-lo, talvez porque agora estava de posse de algo para usar vantajosamente caso a briga pelo poder se agravasse. Na verdade, aproveitou a oportunidade para reafirmar sua liderança agindo com magnanimidade. Em 18 de outubro, ele e Benjamin 2X convocaram uma reunião da MMI no Harlem, durante a qual incentivaram os membros a assistirem ao comício da OAAU previsto para aquele mesmo dia, um pouco mais tarde.[1] Duas noites depois, fez uma nova reunião em seu apartamento da rua 113 Oeste para discutir a formação de um programa de judô da MMI. Os participantes, entre eles Reuben Francis, eram alguns dos seus detratores mais acerbos; de modo que esse aceno aos adversários pode ter aplacado temores.[2] Com o próprio Kenyatta, James mostrou generosidade, convidando o rival para falar em cerimônias. À época do comício no Audubon, James já tinha restabelecido em boa parte sua função de liderança na MMI.[3]

Ainda assim, membros da OAAU e da MMI estavam animados por terem Malcolm de volta. Discussões e rixas que ameaçavam destruir as duas organizações poderiam ser resolvidas agora. Ambos os grupos tinham seguido de perto o itinerário e as aventuras de Malcolm no exterior, as honrarias que lhe foram concedidas por personalidades como Kwame Nkrumah, Jomo Kenyatta, Julius Nyerere, Sékour Touré e o príncipe Faisal, como parte do reconhecimento pelos seus esforços. Mas as mudanças pelas quais visivelmente passara durante a viagem produziram reações conflitantes entre seus seguidores. A OAAU tinha aprovado a evolução política de Malcolm e os frequentes comentários que ele enviava a M. S. Handler para publicação no Times. Para a MMI, entretanto, a pergunta a ser respondida era se Malcolm X ainda era o seu Malcolm — o dedicado separatista negro que esposava as principais ideias que promovera como ministro da Nação do Islã. Muitos concordavam com Herman Ferguson e viam os comentários de Malcolm fazendo um aceno de paz para os brancos durante uma entrevista coletiva em maio como uma espécie de cortina de fumaça necessária, embora as notícias dele na África só mostrassem a caminhada numa direção mais inclusiva. A MMI, com o pé fincado em questões raciais, não via muito o que aprovar na mudança mais profunda da visão filosófica de seu líder. James 67X, por exemplo, estava feliz porque Malcolm "não mudou uma vírgula em sua posição" após a segunda temporada na África. E mesmo depois de sua volta, James disse, com alívio, que "ele se referia a certas pessoas como demônios".[4]

Mas os partidários de mentalidade separatista não poderiam estar muito felizes com o sentimento subjacente em seu discurso na cerimônia de boas-vindas no Audubon. Ele foi apresentado por Clifton DeBerry, o candidato do Partido Socialista dos Trabalhadores à presidência em 1964. Depois de mencionar rapidamente os acontecimentos recentes em Stanleyville, Malcolm dedicou a maior parte de sua fala a narrar a viagem, indo de país a país e concentrando-se na inédita mudança social do continente africano.[5] "Esta é a era da revolução", anunciou, orgulhosamente, aproveitando a oportunidade para traçar paralelos negativos entre os líderes de direitos civis que nos Estados Unidos pregavam a não violência e os revolucionários africanos que lutavam para derrubar ditaduras coloniais. "Sempre que se ouve um homem dizer que deseja a liberdade, mas logo em seguida, sem tomar fôlego, diz o que não fará para consegui-la... ele não acredita na liberdade." Mas ao defender a necessidade de uma abordagem pan-

africanista, Malcolm mais uma vez fez uma distinção importante entre os brancos que "não agem certo" e os brancos antirracistas. "Quando digo homem branco, não estou me referindo a todos vocês", explicou, "porque alguns de vocês talvez sejam corretos. E se qualquer um de vocês age correto comigo, para mim está tudo bem com todos vocês." A afirmação deixava pouca margem à interpretação de sua mudança de valores: nem todos os brancos eram "demônios"; muitos eram antirracistas e simpatizantes da luta dos negros, enquanto líderes africanos como Tshombe, apesar de negros, representavam uma ameaça aos interesses dos negros.[6] A mensagem lhe custou o apoio daqueles que queriam uma atitude mais dura no que dizia respeito à raça.

Da África, Malcolm entrara em contato com James 67X para arranjar uma rápida turnê de palestras pela Grã-Bretanha, para a qual partiria em 30 de novembro e voltaria em 6 de dezembro — mais uma vez saindo para o exterior quando mal acabara de voltar para os Estados Unidos. De manhã cedo no dia da viagem ele reservou algum tempo para falar com patrocinadores de colegas do mundo muçulmano, tendo de fazer delicados malabarismos. Durante a viagem, cortejara a Liga Muçulmana Mundial em Meca e o Conselho Supremo para Assuntos Islâmicos no Cairo — um braço do governo de Nasser — e de ambos recebera patrocínio financeiro. Os dois grupos tinham um profundo compromisso com os ideais muçulmanos, mas, fora isso, não poderiam ser mais diferentes, com o conservadorismo e ferrenho anticomunismo da saudita Liga Muçulmana Mundial em franco desacordo com Nasser, que àquela altura praticamente fizera do Egito um cliente da União Soviética. O cisma exigia que Malcolm fosse um pluralista no mundo muçulmano, abordagem que produzira avanços reais durante suas viagens. Quando estava em Meca, a Liga Muçulmana Mundial concordara em designar o xeque Ahmed Hassoun para a comunidade muçulmana de Nova York, de modo que Malcolm escreveu para o secretário-geral da liga, Muhammad Surur al-Sabban, manifestando sua gratidão. Contudo, esta carta era, na verdade, um disfarce para tocar num assunto melindroso. Ao voltar para casa Malcolm encontrara a MMI praticamente quebrada, sem dinheiro para pagar o salário de Hassoun ou cobrir suas despesas de alojamento. Atribuiu a falta de recursos ao rompimento com Elijah Muhammad: "Nós representamos os muçulmanos afro-americanos que romperam com o Movimento Muçulmano Negro. Tivemos que deixar para trás nossas riquezas". Calculando que as despesas mensais de Hassoun chegariam a quatrocentos ou quinhentos dólares,

não pediu dinheiro abertamente, mas indiretamente solicitou "instruções para resolver o problema".[7]

Naquela manhã, talvez prevendo os problemas que poderia causar no Egito a notícia do seu envolvimento com a Liga Muçulmana Mundial, Malcolm também procurou Muhammad Taufik Oweida do Conselho Supremo para Assuntos Islâmicos. Como o SCIA tinha concedido a Malcolm vinte bolsas de estudo, ele reconhecia a importância de apresentar uma frente oficial organizada para seus grupos, observando que "é preciso reorganizar muita coisa por aqui". A tarefa imediata era "separar nossas atividades religiosas das não religiosas", o que implicava aumentar a divisão entre a MMI e a OAAU. Então, num comentário revelador, Malcolm explicou suas razões para cultivar os muçulmanos mais conservadores na Arábia Saudita:

> Eu me desdobrei para estabelecer, a mim e à Mesquita Muçulmana, também com a Liga Muçulmana Mundial, que tem sede em Meca. Espero que compreendam minha estratégia de cimentar boas relações com eles. Meu coração está no Cairo, e acredito que as forças de relação mais progressistas do mundo muçulmano estão no Cairo. Acho que posso ser mais útil e de mais valor para essas forças de relação progressistas no Cairo se me consolidar também com as forças mais moderadas ou conservadoras sediadas em Meca.[8]

Pousando em Londres em 1º de dezembro, ele passou os dias seguintes preparando-se para sua mais importante aparição no Reino Unido, numa cerimônia na Universidade de Oxford no dia 3. O grêmio estudantil o convidara a defender, num debate formal, a declaração de Barry Goldwater de que "extremismo na defesa da liberdade não é vício, e moderação na busca da justiça não é virtude". A bbc transmitiu pela tv a cerimônia, que apresentou três oradores a favor da moção e três contra. Em sua apresentação, Malcolm mais uma vez se distanciou cuidadosamente do passado de Muçulmano Negro, ressaltando seu compromisso com o Islã ortodoxo. Argumentou que como o governo americano tinha sido incapaz de salvaguardar a vida e a propriedade de afro-americanos durante séculos, não era desarrazoado que negros adotassem medidas extremas para defender suas liberdades. Também tentou fundamentar esse sentimento numa abordagem multirracial. "Acredito firmemente, no fundo do coração", declarou, que quando o homem negro agir "lançando mão de todos os meios necessários para conseguir sua liberdade ou pôr fim a essa injustiça, não acho que estará sozinho... Eu, por exemplo, me juntarei a qualquer um, não me

interessa a cor, desde que queira mudar essa condição miserável."[9] Poucos dias depois, ele falou para uma plateia predominantemente muçulmana de trezentas pessoas na Universidade de Londres, e a imprensa britânica registrou sua mudança de visão. O Manchester Guardian declarou: "Houve uma época em que os brancos nos Estados Unidos o chamavam de racista, extremista e comunista", mas, com base em sua apresentação na universidade, o que se viu foi o surgimento de um novo Malcolm X: "descontraído, doce e razoável. Tem a segurança do dr. Billy Graham e os detalhes desaparecem debaixo das poderosas generalidades de sua mensagem. E que ninguém duvide do seu poder".[10]

Malcolm voltou aos Estados Unidos em 6 de dezembro, e nesse mesmo dia teve um encontro privado com Wallace Muhammad.[11] Ainda que os dois homens tenham seguido o mesmo trajeto ao fugir das ideias da Nação e ganhar a inimizade do grupo nesse processo, a verdade é que suas jornadas acabaram levando-os para circunstâncias diferentes. Apesar de discordarem de Elijah Muhammad e do que para eles era uma versão herética do Islã, Wallace continuava sendo o príncipe herdeiro, com muito mais a perder do que Malcolm. E enquanto Malcolm crescera de estatura e continuara a gerar manchetes, Wallace labutava praticamente na obscuridade na Filadélfia e em Chicago, exercendo a chefia de grupos muçulmanos tão pequenos que pareciam sempre na iminência de dissolução. A rigor, no fim de 1964, faltavam poucas semanas para que ele abandonasse a função de líder e abrisse um negócio de limpeza de tapetes em Chicago. Também sofrera, durante meses, ameaças de morte dos homens do pai, mas em seu caso, diferentemente de Malcolm, retirar-se e continuar vivo era uma opção, e uma opção bastante sedutora.

Apesar dos obstáculos, Malcolm continuou a acalentar a ideia de uma fusão com Wallace, talvez por acreditar que eles dois à frente de uma grande organização muçulmana representariam o repúdio mais vigoroso possível à Nação do Islã. Durante o encontro, Malcolm disse a Wallace que agora se sentia um verdadeiro muçulmano ortodoxo, e que não considerava a MMI nem a OAAU organizações permanentes. Isso fazia certo sentido; Malcolm já percebia que a MMI, por coincidir em parte com a Nação, estava mal equipada para crescer e tornar-se a espécie de organização religiosa com o alcance por ele desejado. A OAAU ainda era jovem demais, e rudimentar demais, para que pudesse metamorfosear-se em alguma coisa mais eficaz politicamente, sem deixar de incorrer em tantos custos irrecuperáveis. Pode até ter proposto que Wallace

fosse o imame de uma MMI reestruturada, tornando-se, com isso, o principal beneficiário dos amplos contatos que Malcolm estabelecera no Oriente Médio. Wallace demonstrou interesse, mas não se comprometeu. A retórica incendiária de Malcolm o deixava pouco à vontade, e seu interesse nesse projeto conjunto acabava onde as paixões políticas de Malcolm começavam. Além disso sabia, tão bem quanto qualquer um, dos prováveis dissabores que a Nação causaria a Malcolm a qualquer momento. Tomar partido tão publicamente significaria ultrapassar os mesmos limites que Malcolm atravessara, e ele não tinha a menor vontade de juntar-se a seu parente espiritual na condição de homem visado por seu pai.[12] Perspicaz como sempre, Malcolm percebeu as causas de sua relutância, e poucas semanas depois do encontro escreveu para Wallace (que então adotara o nome de Walith) pedindo-lhe que cuidasse de seus seguidores na Filadélfia, e "esqueça Chicago... eu ignoraria totalmente o Movimento Muçulmano Negro". Foi uma tentativa explícita de manter Wallace afastado de sua contínua guerra com Elijah Muhammad. "Você não é cruel o bastante para lidar com um homem como seu pai e seus capangas sanguinários.[13] É um pouco por isso que ele não mexe com você, mas sabe que eu também posso ser igualmente cruel e impiedoso."

Quando voltou de Londres, Malcolm soube das relações entre sua mulher e Charles Kenyatta. James 67X tremia só de pensar no momento em que o chefe lhe perguntasse sobre o assunto, e, quando Malcolm o fez, teve o cuidado de ser deliberadamente vago. Sozinhos no escritório, Malcolm virou-se para James e disse, tristemente: "Quer dizer que minha mulher andou 'valsando por aí' enquanto estive fora, não é?".

James manteve os olhos fixos nos papéis sobre a mesa e nada disse, mesmo quando Malcolm insistiu: "Irmão, dizem que minha mulher está saindo com Charles 37".

James não quis confirmar, nem dar a entender que ouvira os boatos de Ella, por isso mentiu, porém tentando deixar margem em sua resposta para várias interpretações sobre o comportamento de Charles. "Não estou sabendo de nada", disse a Malcolm. "Mas leve isto em consideração: Charles 37 é homem da rua, e muito egoísta. Por isso pode agir de modo a parecer que exista alguma coisa entre ele e sua mulher."

Malcolm pensou um instante e disse: "Se alguma coisa estiver mesmo acontecendo, não vou deixar que meus problemas pessoais interfiram no que

tenho de fazer".[14]

Numa reunião logo depois, Malcolm pôs fim definitivamente ao conflito entre James e Charles reafirmando que James era seu tenente. No mundo em preto e branco da MMI, essa decisão rapidamente fez de Charles persona non grata e o expôs a considerável risco de retaliação. Os velhos instintos das gangues armadas do foi nunca foram inteiramente sufocados entre os irmãos da MMI, que não hesitavam em castigar dissidentes e traidores. Mas Malcolm interveio de imediato para acalmar a tempestade. Ele fez espalhar a notícia de que Charles não deveria, absolutamente, sofrer mal nenhum, e que ele não seria impedido de participar das reuniões da MMI ou da OAAU. "Corria à boca miúda que era para matar [Kenyatta]", disse James. "E foi Malcolm quem o impediu de 'finalizar com extremo prejuízo'."[15]

A habilidade com que Malcolm neutralizou a situação de Betty deu a impressão de que o bom senso prevaleceu; contudo, internamente, a notícia da infidelidade parece ter afrouxado de vez os vínculos matrimoniais do próprio Malcolm. Difícil é saber se a primeira das transgressões maritais cometidas por Malcolm ocorreu antes disso. As conjeturas de Betty sobre a natureza das estreitas relações de Malcolm com Lynne Shifflett talvez fossem paranoicas, mas também pode ser que tivessem um fundo de verdade. E as hesitantes anotações de Malcolm no diário sobre a noite que passou com Fifi na Suíça sugerem a possibilidade de um envolvimento mais íntimo. Nesse particular, não é possível ter certeza de nada, embora depois de sua volta da África Malcolm parece ter iniciado um caso amoroso ilícito com uma secretária da OAAU chamada Sharon 6X Poole, de dezoito anos. Pouco se sabe a respeito dela ou das relações entre os dois, exceto que parecem ter prosseguido até a morte de Malcolm. Ela ingressou na Mesquita nº 7 poucos meses antes de Malcolm ser proibido de falar. Rumores a respeito do caso não se espalharam amplamente, como os boatos sobre o envolvimento de Betty com Kenyatta, restringindo-se ao círculo mais íntimo de Malcolm, para o qual protegê-lo era a suprema preocupação.

Embora o fantasma da violência interna tivesse sido reprimido, ameaças externas continuavam a fazer notar sua presença deprimente. Em 12 de dezembro, Malcolm falou para um grupo local, o Domestic Peace Corps, como parte de sua Série de Palestras de Enriquecimento Cultural. Diante de uma plateia de duzentas pessoas, na rua 137 Oeste, Malcolm fez um apelo aos negros para que permanecessem nos Estados Unidos, mas "migrando para a África

cultural, filosófica e espiritualmente". Ressaltando que rejeitava a violência "apesar do que a imprensa possa dizer", também reiterou sua oposição a "qualquer forma de racismo". Os americanos negros precisavam formar uma coalizão com países africanos emergentes e independentes. Falou novamente contra o bombardeio de aldeias congolesas por mercenários belgas e "pilotos cubanos anti-Castro treinados nos Estados Unidos", que caracterizou como atos de assassinato em massa. Mas alguns dos comentários mais interessantes tinham a ver com a capacidade do governo americano de reformar-se. "A história dos Estados Unidos é a de um país que faz o que quer, quaisquer que sejam os meios necessários... mas quando se trata dos interesses de vocês e dos meus, então todos esses meios se tornam limitados", afirmou. "Lidamos com um inimigo poderoso, e, repito, não sou antiamericano ou contrário aos valores americanos. Acho que há muita gente boa nos Estados Unidos, mas acho também que há muita gente ruim nos Estados Unidos, e parece que os maus detêm todo o poder."[16] Era o seu jeito de admitir que a solução para o dilema racial dos Estados Unidos não seria encontrada sem ajuda só pelos afro-americanos. Também estavam presentes na palestra dezenas de membros da NOI, vestidos de terno escuro e usando buttons em vermelho e branco com os dizeres "Estou com Muhammad", lembrete da ameaça constante. Seis policiais foram designados para a palestra, e não houve problemas.

Naquela semana, para grande euforia de Malcolm, Ernesto "Che" Guevara, o antigo líder guerrilheiro da revolução cubana, chegou à cidade para falar perante a Assembleia Geral da ONU em 11 de dezembro. Naquela altura, Guevara era talvez o que havia de mais análogo a Malcolm na cena mundial, defensor implacável da luta dos povos oprimidos e revolucionário aplicado. Como Malcolm, preocupava-se profundamente com o que se passava na África. Ao estabelecer amplas conexões entre a revolução cubana e outras lutas mundo afora, ele fez menção especial ao "penoso caso do Congo, único na história moderna, que mostra como os direitos dos povos podem ser frustrados com a mais absoluta impunidade". Disse que a raiz de miséria do Congo era sua "imensa riqueza, que os países imperialistas querem manter sob seu controle". Numa linguagem notoriamente parecida com a de Malcolm, descreveu a dinâmica do neocolonialismo como uma forma de colaboração militar e econômica entre as potências ocidentais: "Quem cometeu esses crimes? Paraquedistas belgas, levados por aviões americanos, que decolaram de bases

inglesas... Todos os homens livres do mundo deveriam preparar-se para vingar o crime no Congo".[17]

Malcolm convidou Guevara para falar no comício da OAAU no Audubon em 13 de dezembro: o argentino declinou, entretanto, temeroso de que sua presença pudesse ser vista como incursão provocativa na política interna americana. Apesar disso, muitos dos temas que Guevara abordou na ONU foram essenciais para a discussão daquela noite, especialmente quando Malcolm subiu ao palco para preencher o tempo enquanto o ministro tanzaniano Abdulrahman Muhammad Babu, que também estava em Nova York para a Assembleia Geral, não chegava. "Vivemos num mundo revolucionário e numa era revolucionária", disse Malcolm à multidão — de quinhentas pessoas, ou mais, muito mais, segundo alguns relatos[18] — que superlotava o salão. Precisamos nos dar conta, disse ele, "da relação direta entre a luta dos afro-americanos neste país e a luta de nosso povo no mundo inteiro". Para aqueles que pudessem insistir em resolver a crise racial no Mississippi antes de se preocuparem com o Congo, ele advertiu: "Vocês jamais consertarão o Mississippi. Só quando perceberem a conexão entre vocês e o Congo". A afirmação definia a lógica pan-africanista, mas ia mais fundo à luz das conexões "imperialistas" que Guevara tinha traçado na ONU. Subjacente ao principal argumento de Malcolm sobre a unidade da luta dos negros, havia uma importante questão relativa à exploração. Para os americanos negros, a "conexão com o Congo" tinha tanto a ver com os pontos em comum da opressão econômica quanto com a raça. Foi esse salto, de ideias especificamente sobre raça para ideias mais amplas sobre classe, política e economia que fez avançar o pensamento de Malcolm no fim de 1964, uma lição que suas viagens pela África puseram em foco.

Mas ele continuou a ter dificuldade para tornar sua mudança de pensamento compreensível para plateias do Harlem, em geral porque ainda recorria a uma linguagem política mais antiga e ineficiente, que juntava praticamente todos os brancos num só grupo hostil. Também definia o inimigo como "o homem", em vez de usar termos relativos a classe e política mais ricos em matizes. Na verdade, a certa altura, quando pregava uma "atitude firme e inflexível contra o homem", Malcolm foi obrigado a parar no meio da frase e explicar que a expressão "o homem" significava "o segregacionista, linchador e explorador".[19] Esses esforços de oratória mostravam sua mente ainda em transição, ainda lutando para encontrar uma nova terminologia que traduzisse ideias cada vez

mais complexas numa linguagem acessível às multidões.

Babu finalmente chegou ao Audubon com quase duas horas de atraso, mas antes de ele subir ao palco Malcolm presenteou o público com uma deliciosa surpresa: uma declaração de solidariedade de Guevara, que Malcolm leu em voz alta com muito orgulho: "Queridos irmãos e irmãs do Harlem, eu gostaria muito de estar com vocês e com o Irmão Babu, mas as condições atuais não são boas para essa reunião. Recebam as calorosas saudações do povo cubano e especialmente as de Fidel, que se lembra com entusiasmo de sua visita ao Harlem poucos anos atrás. Unidos venceremos". Enquanto a plateia aplaudia, Malcolm saboreava o momento. O homem, disse Malcolm, "não está mais em posição de dizer aos negros quem devemos aplaudir e quem não devemos aplaudir. E vocês não veem nenhum cubano anti-Castro por aqui — nós os comemos".[20]

Provas circunstanciais apresentadas por James 67X sugerem que Malcolm e Guevara tiveram um rápido encontro naquela semana de dezembro. Embora não haja prova direta, pode-se dizer com segurança que as ações subsequentes de Guevara em 1965 carregavam em si o programa revolucionário de Malcolm para o continente. Os dois homens eram espíritos afins politicamente, vínculo esse revelado não apenas pela semelhança de visão do mundo, mas pelas viagens subsequentes de Guevara. Dias depois de sua fala na ONU, Guevara tomou o avião para a África e, literalmente, seguiu os passos de Malcolm a partir da Argélia; em 8 de janeiro estava na Guiné; e de 14 a 24 de janeiro visitou Acra. Encontrou-se com Julius Nyerere, e foi pela Tanzânia que guerrilheiros cubanos conseguiram passar com segurança para as províncias orientais do Congo. Ademais, dias depois do assassinato de Malcolm, Guevara teve um encontro com Nasser no Cairo, onde conseguiu o apoio do governo egípcio para a guerra de guerrilha.[21] O fato de ambos terem tido fim tão violento em nome da luta que travaram, e de ganharem com a morte estatura de ícones revolucionários, parece unir ainda mais os legados que deixaram.

Em seus últimos dois meses na África e no Oriente Médio, Malcolm tinha falado relativamente pouco em público sobre a rixa com a Nação do Islã. Depois de voltar, tentou guardar silêncio sobre a disputa, mas as engrenagens postas para funcionar dentro da seita já não podiam ser detidas. Não haveria mais

negociações. O ministro carismático que levara os membros ao frenesi agora se tornara objeto dessa violenta energia, e a franqueza com que Malcolm falou sobre a Nação ao longo de 1964 tinha dado a seus líderes combustível mais que suficiente para manter as fogueiras acesas. As adesões à seita ficaram estagnadas sem o apelo de Malcolm para recrutar novos membros e, enquanto avançava pelos escaninhos da justiça, a ação de reconhecimento de paternidade contra Elijah Muhammad continuava a produzir revelações prejudiciais, que só podiam ser refutadas dizendo-se que eram mentiras espalhadas pelo antigo ministro nacional.

Apesar de Malcolm ter guardado relativo silêncio sobre a Nação durante o tempo que passou fora do país, suas ações políticas tinham sido por demais provocadoras. Muhammad e a sede em Chicago reagiram furiosamente às bem-sucedidas negociações de Malcolm com organizações islâmicas no Cairo e em Meca, cujo efeito foi fazer a Nação do Islã parecer cada vez mais, nos Estados Unidos e no Oriente Médio, um grupo fora dos limites do verdadeiro Islã. Isso, mais do que qualquer outra coisa, enfureceu Muhammad, que trabalhara duro para islamizar a Nação nos últimos anos, embora sempre em torno da ideia central herética de sua própria divindade. Contratar professores de árabe, cultivar relações com países islâmicos — tudo havia sido feito para fortalecer a boa-fé da Nação, mas ao adotar o Islã ortodoxo como seu próprio programa Malcolm marginalizara a seita de um só golpe, limitando o aumento do número de membros no momento mais crítico. Essa jogada, que continuou a produzir ramificações à medida que Malcolm aumentava o seu raio de ação, tornou seu assassinato ainda mais necessário de um ponto de vista institucional.

Durante toda a longa ausência de Malcolm no verão e no outono, a Nação tinha travado o que se poderia chamar de jihad unilateral contra ele. Em 15 de julho, John Ali informou numa reunião da Mesquita nº 7 que o X fora retirado do nome de Malcolm. Lembrou aos fiéis que Malcolm, afinal de contas, tinha sido "ladrão, viciado em drogas e gigolô".[22] Esses discursos cáusticos foram complementados com uma campanha caluniosa nas páginas do Muhammad Speaks. Em 25 de setembro, o capitão Joseph e o líder de Atlanta, Jeremiah X, publicaram um artigo intitulado "Biografia de um hipócrita", tentando caracterizar toda a carreira de Malcolm na Nação como uma história de oportunismo. Como Malcolm tinha inaugurado pessoalmente, ou ajudara a desenvolver quase todas as mesquitas entre 1953 e 1962, a tarefa deles era difícil.

No entanto, costumavam denegrir a imagem de Malcolm e identificavam dezenas de transgressões que supostamente tinham enfraquecido a Nação do Islã. No mesmo número, o ministro Carl de Wilmington, Delaware, descreveu Malcolm como um "cata-vento que muda com a direção dos ventos". O capitão Clarence 2X Gill, de Boston, também denunciou Malcolm e todos os outros hipócritas, dizendo: "Que Alá os queime no inferno".[23] Quando Malcolm voltou para os Estados Unidos foi recebido por outro ataque violento em Muhammad Speaks, datado de 26 de novembro, de autoria de Edwina X da mesquita de Newark. Segundo ela, a luta para derrotar tudo aquilo que Malcolm representava era vital: "Como em todas as grandes lutas pela verdade e pela liberdade, há os invejosos, os insinceros e os hipócritas que tentarão macular e destruir a obra de um líder divino. Tivemos um desses hipócritas na NOIna forma de Malcolm X Little". Em seguida, advertiu ela: "Para aquele que escutou a verdade e ainda assim quer se perder — nada resta senão a destruição total para tal desertor".[24] Provavelmente o ataque mais influente apareceu no Muhammad Speaks assinado por Louis X em 4 de dezembro. "O dado está lançado, e Malcolm não escapará, especialmente depois dessa fala maldosa e boba", declarou Farrakhan. "Um homem como Malcolm merece morrer."[25] Essa frase-código era um chamado às armas dentro da seita.

Nas ruas, logo ficou claro que a segurança se tornara insuficiente para o pessoal da MMI. No fim de outubro, Kenneth Morton, que deixara a mesquita quando Malcolm saiu, foi atacado de emboscada por membros do Fruto na frente da sua casa no Bronx. Veio a morrer, de tão severamente espancado na cabeça. O capitão Joseph negou que a Mesquita nº 7 e seus funcionários tivessem tido qualquer envolvimento na morte de Morton, mas ninguém na MMI precisava de provas para convencer-se de que não devia chamar muita atenção.[26] Benjamin 2X escapou por pouco de uma surra, ou de algo pior, nas mãos do ex-motorista de Malcolm, Thomas 15X Johnson, e um grupo de malfeitores da Nação que o perseguiram por várias quadras. James 67X, alvo quase tão visado quanto o próprio Malcolm, evitava dormir no mesmo lugar mais de uma noite, revezando entre quatro apartamentos, incluindo um mantido por seu antigo companheiro de quarto, Anas Luqman.[27]

Apesar da tempestade que se formava, Malcolm não reduziu suas atividades públicas. Em meados de dezembro tirou vários dias para falar na Faculdade de Direito de Harvard: na palestra "A revolução africana e seu impacto no negro

americano" expôs suas ideias sobre o Islã, estabelecendo ligações com o judaísmo e o cristianismo. Ele adotava a "fraternidade de todos os homens", disse, "mas não acredito em desperdiçar fraternidade com ninguém que não esteja disposto a praticá-la comigo". Mais uma vez explorou um tema desenvolvido por Frantz Fanon, sugerindo um vínculo entre a autorreinvenção da identidade negra e o desmantelamento do racismo. "Vítimas de racismo são criadas à imagem dos racistas", afirmou. "Quando as vítimas lutam vigorosamente para se proteger da violência de outros, atribui-se-lhes a imagem do criminoso, pois a imagem do criminoso é projetada sobre a vítima." A libertação, sugeriu ele, não era simplesmente política, mas também cultural. Seu argumento central, porém, era a necessidade de que os negros transformassem sua luta, mudando-a de "direitos civis" para "direitos humanos", redefinindo racismo como "um problema para toda a humanidade". A OAAU era a favor de submeter "nosso problema às Nações Unidas", assim como apoiava o voto dos negros e a educação dos eleitores.

Com a aproximação do Natal, Malcolm foi convidado a aparecer na Igreja Institucional Metodista Episcopal Cristã Williams, no Harlem, onde o principal orador era a combatente da liberdade do Mississippi, Fannie Lou Hamer. O público na Williams foi um tanto pequeno, cerca de 175 pessoas, mas Malcolm fez uma apresentação animada e provocativa. Suas explorações da filosofia dos movimentos sociais nos últimos meses o puseram frente a frente com um velho debate dentro da esquerda ocidental sobre como os seres humanos descobrem que são atores sociais, perguntando se uma força externa, como um partido rigorosamente organizado, seria necessária para conduzir os oprimidos à plena consciência política, ou se os oprimidos têm capacidade de transformar sua situação por conta própria. Investigando o assunto, Malcolm se colocou firmemente no campo que geralmente se chama de espontaneidade. "Eu, por mim, acredito que se dermos às pessoas um entendimento completo do problema que têm diante de si, e das causas básicas que o produzem, elas criarão seu próprio programa", declarou. "E quando as pessoas criam um programa o que se tem é ação."[28] A rigor, os comentários de Malcolm rejeitavam implicitamente a teoria marxista-leninista de um partido revolucionário de estilo militar e endossavam a crença de C. L. R. James de que os oprimidos têm o poder de transformar a própria existência.

Se as pessoas comuns têm inteligência e potencial para mudar as próprias

condições, em torno de que princípios econômicos isso deveria ocorrer? Mais uma vez Malcolm recorreu ao socialismo, explicando-o, porém, num contexto novo, geopolítico. Em sua opinião, a divisão geopolítica básica do mundo não era entre os Estados Unidos e a União Soviética, mas entre os Estados Unidos e a China comunista. "Entre os países asiáticos, sejam eles comunistas, socialistas... quase todos... que conquistaram independência inventaram algum tipo de sistema socialista, e não é por acaso." Embora Malcolm não tenha visitado a China ou Cuba, era claro que as sociedades socialistas que mais admirava baseavam-se nos modelos de Mao Tsé-tung e Fidel Castro.

Que ele buscasse exemplos na Ásia, e especificamente na China, fazia sentido, diante do rumo tomado por suas recentes investigações históricas da política mundial; e essa visão poderia também ser colocada num contexto bem mais antigo de interesse dos negros pela China como modelo para a luta dos povos oprimidos. Já na virada do século, W. E. B. Du Bois fizera referência à "linha da cor" em The Souls of Black Folk [As almas do povo negro], deixando subentendido que povos "de cor" incluíam africanos, asiáticos, judeus e outras minorias mundo afora que estavam envolvidas numa luta contra o imperialismo ocidental. Com base nesse argumento, alguns negros tinham acalentado grande simpatia pelo império japonês nos anos 1930. Uma geração depois, muitos negros esquerdistas viam Mao Tsé-tung como o líder triunfante de um povo não branco. A ideia de identificação dos negros com a Ásia tinha se refletido até na ideologia da Nação do Islã, que vira os afro-americanos como genealogicamente "asiáticos", classificação que Malcolm abandonara antes de notar a conexão por outros caminhos, em termos de política global. Ele foi encorajado a seguir essa direção por suas relações com Shirley Graham Du Bois e o filho, David, que empunharam com entusiasmo a tocha carregada durante tanto tempo por seu patriarca. A bem da verdade, no fim da vida W. E. B. Du Bois tornara-se figura reverenciada na Ásia, tanto pelos chineses como por Nehru na Índia. Ele percebera na China revolucionária um triunfo de todos os povos de cor.[29]

No discurso da igreja Williams, Malcolm recorreu ao triunfo do socialismo asiático para voltar à noção de que o capitalismo como sistema econômico era inerentemente explorador. "Não se pode operar um sistema capitalista sem que se seja um pouco ladrão; para ser capitalista é preciso ter o sangue de outra pessoa para sugar." A maré da história para os povos de ascendência africana voltava-se inextricavelmente para o leste: "Quando olhamos o continente

africano, quando vemos as dificuldades que existem entre o Oriente e o Ocidente, descobrimos que os países da África desenvolvem sistemas socialistas para resolver seus problemas".[30]

Na cerimônia, Malcolm convidou Fannie Lou Hamer e os Freedom Singers do SNCC, que viajavam com ela, para irem ao comício da OAAU no Audubon aquela noite. O bem-sucedido comício com Hamer abriu para Malcolm e para a OAAU um canal há muito tempo desejado para o trabalho político com uma organização progressista no sul. As atenções dentro do movimento de direitos civis voltavam-se naquele momento para Selma, Alabama, onde vários grupos esperavam lançar uma grande iniciativa de direitos eleitorais no ano-novo. Malcolm achou Selma intrigante e continuou os esforços para redefinir sua imagem na comunidade de direitos civis. Na véspera do Natal, acompanhado de James 67X, visitou a casa de James Farmer. Malcolm soubera que o líder do CORE iniciaria uma viagem de seis semanas pela África e queria sugerir contatos locais. Farmer ficou estranhamente ofendido com a presença de James. "Por que trouxe o guarda-costas?", perguntou. "Acha que vou matar você?"

Malcolm explicou que a presença de James era necessária porque "há muita gente atrás de mim... estão a fim de me pegar". Durante a visita, Farmer foi buscar dois cartões-postais que Malcolm lhe mandara de Meca, e perguntou se as palavras de Malcolm naqueles cartões refletiam uma nova visão racial. Malcolm confirmou que seu pensamento tinha mudado profundamente e que a distância entre os dois líderes, apesar de ainda considerável, tinha diminuído.[31]

Mas o progresso de Malcolm em muitas frentes era cada vez mais estorvado pela Nação do Islã, que começara a apertar o cerco à sua volta. Pelo fim do ano, ele não estava seguro em cidade alguma com a presença da NOI, e quando viajava era submetido a intimidação física e ameaças diretas. Em 23 de dezembro, quando apareceu no programa de Joe Rainey na Filadélfia, a emissora recebeu um recado de que haveria um atentado contra a sua vida. A polícia foi chamada para proteger Malcolm assim que ele saísse da emissora.[32] Dois dias depois, no Natal, a Nação mandou a Malcolm um recado claro, brutal em seus pormenores, quando quatro membros do Fruto de Boston, chefiados pelo capitão da mesquita Clarence Gill, atacaram de emboscada o companheiro de Malcolm Leon 4X Ameer no saguão do Hotel Sherry Biltmore de Boston. Ameer, ex-funcionário da NOIque tinha sido incumbido de representar Muhammad Ali junto à imprensa, caíra em desgraça com Ali quando Malcolm rompeu com a Nação, e

passou a se esconder no Biltmore. Sofreu imensamente nas mãos de Gill e seus homens, até que a surra foi interrompida por um policial armado. Mas não foi o pior. Mais tarde, ainda naquela noite, depois que Gill se retirara para o quarto de hotel a fim de recuperar-se, uma segunda gangue da Nação invadiu o quarto para terminar o que seus irmãos tinham começado. Ameer foi tão severamente maltratado que passou mais de duas semanas hospitalizado: apesar disso, Gill e seus homens, que foram presos após o primeiro incidente, pagaram apenas uma multa de cem dólares cada um.[33]

No dia seguinte às surras de Ameer, Malcolm voltou à Filadélfia como convidado do programa de Red Benson, na emissora wpen. O programa era transmitido de um auditório aberto ao público, e logo ficou claro que sem a presença do pessoal da segurança da MMI e num palco ou tribuna, Malcolm estaria completamente vulnerável. Pelo menos quatro membros da NOIestavam na plateia durante o programa.[34] Retornando à Filadélfia quatro dias depois, às duas da tarde de 30 de dezembro, Malcolm concedeu uma entrevista coletiva no Hotel Sheraton, criticando tanto os jornais da imprensa negra quanto os da imprensa branca pela cobertura da crise no Congo e na África em geral. Cinco horas depois, esteve no jantar da Irmandade Muçulmana Internacional, onde falou por trinta, quarenta minutos. Um número significativo, talvez mais de trinta entre os presentes, era de membros da NOIda Filadélfia hostis a Malcolm. Por volta das nove da noite, Malcolm e um grupo de seguranças da MMI, assim como seguidores da MMI e da OAAU, tinham voltado para o Sheraton. Uma hora e meia depois, aproximadamente quinze membros da NOIentraram no hotel e lançaram um ataque frontal aos membros da MMI. A confusão só parou quando um policial apareceu. Malcolm ligou para Betty, instruindo-a a não permitir que ninguém entrasse em casa.[35] Um dos seus últimos atos de 1964 foi escrever para Akbar Muhammad, advertindo-o de que líderes da NOIestavam tentando "destruir sua imagem diante dos muçulmanos negros da mesma forma que destruíram a minha". Aconselhou-o a dar uma entrevista coletiva denunciando "essa gente violenta e cruel". Acontecimentos recentes o tinham feito compreender que órgãos internacionais do mundo islâmico não consideravam a seita "um movimento autêntico... é hora [para eles] de falar francamente e verificar o que estou dizendo. Vou enviar cartas para funcionários religiosos lá no mundo muçulmano, anexando declarações de seu pai contra você, nas quais ele afirma ser o Mensageiro de Alá, e insistirei para que tomem uma atitude a seu

favor".[36] Metendo-se no longo conflito entre Akbar e o pai, talvez a intervenção de Malcolm tenha sido manipulativa demais. Entretanto, sua ameaça básica — de mobilizar organizações islâmicas internacionais para boicotar a Nação do Islã — não era blefe. A sede da Nação temia, de fato, que Malcolm pudesse encabeçar uma campanha internacional que efetivamente excluísse o grupo da ummah. Akbar e Wallace tinham sido petulantes em suas críticas contra Elijah Muhammad, e pouco do que disseram ameaçava, de fato, causar danos à Nação. Não era o caso de Malcolm. O fatwa, ou sentença de morte, pode ou não ter sido assinado por Elijah Muhammad; não há como saber. É muito mais provável que Muhammad, como o lendário Rei Henrique ii, não tenha anunciado uma decisão, mas deixou bem claros seus sentimentos, permitindo que os subalternos tomassem por conta própria a iniciativa assassina.[37]

Apesar de suas muitas outras obrigações, Malcolm continuou a dispor de tempo para Alex Haley. O jornalista agora compreendia a importância da mais recente reinvenção de Malcolm, o que exigia que ele estendesse a Autobiografia. Numa carta de outubro de 1964 para Paul Reynolds, Haley tinha estimado que o livro estaria pronto para ser entregue à Doubleday no fim de janeiro de 1965. "Estou um pouco irritado", queixou-se Haley, porque Malcolm tem "atrapalhado um bocado o projeto, primeiro, por se ausentar tanto tempo, depois, com sua nova conversão." Mas Haley reconhecia que a adoção da ortodoxia islâmica por Malcolm poderia, no fim das contas, contribuir para aumentar a venda do livro e despertar "intenso interesse nos países muçulmanos onde ele é visto como o mais famoso Irmão Ortodoxo dos Estados Unidos".[38] Em 19 de novembro, Haley entrou em contato com Reynolds novamente, "feliz por poder informar" que Malcolm voltaria aos Estados Unidos dentro de uma semana. "Portanto vou pegar um avião segunda-feira para esperá-lo e conseguir as informações de que preciso para escrever os capítulos finais."[39] Haley teve vários encontros com Malcolm em dezembro de 1964 e janeiro de 1965, incorporando suas novas opiniões nos capítulos finais da Autobiografia. Porém é de surpreender que a OAAU fosse mencionada tão poucas vezes no novo material. Em 14 de fevereiro, Haley informou a Reynolds que estava "muito ocupado em terminar o livro sobre Malcolm X... Os senhores o terão antes de março... é um livro muito forte".[40]

Cada vez mais Malcolm funcionava como um ímã para representantes da luta pela liberdade, e já não o viam como um separatista racial. O fim de 1964 foi um momento de convergência, quando Malcolm, tendo se afastado do separatismo inflexível, se alinhou com elementos do movimento de direitos civis que se radicalizavam. Tivesse Malcolm continuado a aproximar suas opiniões da corrente dominante, é difícil imaginar como teria negociado suas relações, alguns anos depois, com os Panteras Negras, grupo nascido em grande parte da estrutura intelectual que Malcolm montara do começo a meados dos anos 1960. Mas naquele momento Malcolm era capaz de abarcar tanto os elementos mais esquerdistas da luta quanto os mais convencionais. No início de 1965, Floyd McKissik, de ideias parecidas com as de Malcolm, assumiu o controle do CORE no lugar de James Farmer, dando prosseguimento ao decisivo afastamento do grupo do modelo integracionista não violento de King. E nos meses seguintes ao Verão da Liberdade, o SNCC também se fragmentou na mesma linha, com o pacifista Bob Moses se opondo ao cada vez mais radical Stokely Carmichael, que subsequentemente ingressaria nos Panteras Negras e mais tarde formaria o Partido Revolucionário de Todos os Povos Africanos. Perto do fim de 1964, uma carta do futuro cofundador dos Panteras, Bobby Seale, acompanhada de uma ordem de pagamento, tinha chegado aos escritórios da OAAU solicitando uma assinatura de Blacklash.

Esse foi também o período do esforço mais coordenado e bem-sucedido de Malcolm para cortejar a corrente dominante dos direitos civis. Pouco antes do Ano-Novo, ele recebeu uma delegação de 37 adolescentes de McComb, Mississippi, cuja viagem a Nova York foi patrocinada pelo SNCC. Ao saudar os jovens em seu escritório no Hotel Theresa, Malcolm aconselhou-os a pensarem por conta própria, aplaudindo aqueles que estavam comprometidos com a não violência, embora reiterando que "se só os negros forem não violentos, então isso não é justo". Apresentou a OAAU como "uma nova abordagem", rejeitando as tradicionais estratégias integracionistas e separatistas em favor de "tornar nosso problema um problema mundial". As dificuldades do Mississippi nunca seriam superadas se continuassem concentrando-se estritamente nos problemas do Mississippi. "É importante que saibam que quando vocês estão lá no Mississippi não estão sozinhos... Vocês têm tanto poder do seu lado quanto a Ku Klux Klan tem do lado dela." Malcolm prometeu mandar alguns dos seus militantes para ajudar os combatentes da liberdade. "Vamos organizar irmãos

aqui em Nova York que sabem como cuidar desses assuntos, e eles vão se infiltrar no Mississippi como Jesus se infiltrou em Jerusalém."[41]

No domingo, 3 de janeiro, o programa noturno da OAAU no Audubon teve filmes em cores produzidos por Malcolm durante as viagens. Apesar do frio severo, o programa atraiu um público de setecentas pessoas.[42] Dois dias depois Malcolm visitou Montreal por um motivo inusitado: para aparecer no programa de televisão da cbc Front Page Challenge. De formato semelhante ao programa americano What's My Line?, dos anos 1950, convidados respondiam a perguntas feitas por participantes de rosto coberto, que tentavam adivinhar sua identidade. Os participantes do programa de Malcolm eram Gordon Sinclair, Betty Kennedy e Charles Templeton. Por que ir a um programa de brincadeiras na televisão? Talvez fosse outra maneira de obter fundos para a família. Ou talvez uma oportunidade de mostrar o lado mais descontraído de sua personalidade para uma grande audiência.[43]

Ele também continuou a expandir sua retórica sobre as conexões internacionais entre Ásia, África e os Estados Unidos negros. Como orador principal no Fórum Trabalhista Militante em Palm Gardens, em 7 de janeiro, comentou que rizicultores vietnamitas tinham lutado com êxito "contra todas as armas de guerra altamente mecanizadas" dos Estados Unidos. A explosão de uma bomba nuclear pela China, declarou ele, "foi um grande avanço científico para o povo oprimido da China". Os chineses comunistas mostraram "seu avançado conhecimento científico a ponto de um país tão atrasado como o nosso dizer que a China é, embora pobre e atrasada, capaz de desenvolver uma bomba atômica. Eu tinha de ficar maravilhado". Ele vinculava esses acontecimentos ao legado do imperialismo e do colonialismo. Malcolm explicou que Moise Tshombe era um "agente do imperialismo ocidental" na África, e chamou a atenção para o fato de que em 1964 tanto a Rodésia do Norte como a Niassalândia, depois de anos de esforços, tinham vencido potências coloniais, tornando-se os independentes Zâmbia e Malawi, respectivamente. Vistos em conjunto, esses acontecimentos internacionais eram todos impulsionados pelas mesmas forças políticas globais, e questões afro-americanas precisavam ser tratadas dentro do mesmo contexto dinâmico.[44]

Nos dias seguintes, Malcolm escreveu uma série de cartas para consolidar a OAAU como movimento internacional. A Carlos Moore, um negro cubano anti-Castro que apesar de tudo dera assistência a Malcolm durante a semana que

passou em Paris, Malcolm pediu ajuda para abrir um escritório naquela cidade.[45] Numa carta muito amistosa para Maya Angelou, Malcolm elogiou sua crítica aos que falam "acima da compreensão das massas", dizendo que ela era capaz de comunicar-se com "muita [alma] e sempre mantém os pés firmes no chão. É isso que faz de você, você". Sem apelos explícitos, a carta de Malcolm fez Angelou sentir-se tão lisonjeada que apressou sua decisão de abandonar o emprego de professora em Gana e juntar-se imediatamente a esse homem em quem depositara sua fé e suas esperanças.[46]

Em 17 de janeiro, Malcolm apareceu numa vigília pública no Harlem, na qual milhares de pessoas se reuniram enfrentando a neve para exigir a dessegregação das escolas. Embora sempre alerta sobre os ataques da NOI, ele parece ter concluído que multidões maiores representavam um impedimento mais forte para a violência. Nesse caso, também pode ter sido influenciado pelo fato de que a maioria dos manifestantes era branca, o que tornava uma investida mais improvável. Organizado pela equal, um grupo de pais, o protesto começou às quatro da tarde de sábado e terminou 24 horas depois. Entre os participantes estavam o reverendo Milton Galamison e o dr. Arthur Logan, do grupo de pressão haryou (Harlem Youth Opportunities), dois liberais negros que Malcolm tentava conquistar.

Entretanto, apesar de ter desafiado o frio e as ameaças potenciais para comparecer, os comentários de Malcolm sobre o esforço, segundo relato do Times, não foram nem solidários nem encorajadores. "Os brancos deveriam dedicar mais tempo a influenciar os brancos", afirmou. "Essas pessoas têm boas intenções, mas estão mal orientadas." A queixa — de que "o Harlem não precisa que lhe digam o que fazer a respeito de integração" — demonstrava incompreensão.[47]

Malcolm criou muitos problemas como esse em seus discursos e comentários no começo de 1965, em parte porque tentava alcançar públicos muito diversos. Assumia tons e atitudes diferentes dependendo do grupo, e geralmente expunha opiniões contraditórias no intervalo de poucos dias. Só não foi apanhado com mais frequência nessas contradições porque as notícias viajavam lentamente pelo país, porque a política dos negros recebia insuficiente cobertura e porque os discursos não costumavam ser gravados. Em seus discursos posteriores fora dos Estados Unidos falava sempre o Malcolm mais revolucionário: ali aparecia o Malcolm que às vezes defendia a violência armada, semeando considerável

controvérsia, como logo seria o caso na Inglaterra. Nos Estados Unidos era mais dócil, mais conciliador, apesar de, em muitas ocasiões, elogiar King e outros líderes de direitos civis num dia e ridicularizá-los como democratas liberais no dia seguinte. Também contava com o apoio dos trotskistas, dirigindo-lhes apelos explícitos em discursos que pareciam apoiar um sistema socialista, e que quase sempre sacrificavam possíveis alianças com a direita ideológica. Mas Malcolm não se continha, pois acreditava sinceramente que os negros e outros americanos oprimidos tinham que romper com o sistema bipartidário existente.

Esse jogo de equilíbrio ajuda a explicar suas contradições, mas com relação à ambivalência sobre King e os liberais do movimento, as crenças políticas de Malcolm podem tê-lo induzido a equivocar-se sobre a importância fundamental da luta convencional pelos direitos civis para a grande maioria dos americanos negros. Enquanto criticavam os defeitos da abordagem não violenta, ele e uma facção cada vez maior da esquerda negra não souberam reconhecer o quanto o progresso, mesmo gradual, era compensador. Em vários discursos, Malcolm subestimou o espetacular mandato eleitoral que Lyndon Johnson recebera de milhões de eleitores negros alegando que os afro-americanos tinham sido enganados e "controlados por líderes do tipo Pai Tomás". Parece não lhe ter ocorrido que grandes mudanças sociais geralmente ocorrem mediante pequenas transformações de conduta individual; que, para os negros a quem o direito de votar fora negado por três gerações, dar o seu voto a candidatos reformistas não era trair a causa ou ser "mantido na plantation por capatazes".[48] Para eles, King era uma figura libertadora, e não um Pai Tomás.

Da mesma forma, ele interpretou mal o sentimento que moveu o comício da equal pela dessegregação das escolas. Em 1965, as massas de pais e filhos negros não aguentavam mais as escolas de má qualidade e a prática racial de colocar crianças negras e latinas em grupos com dificuldade de aprendizado. A vigília era parte de uma luta da cidade inteira por uma reforma educacional. As mudanças sociais importantes para a maioria das pessoas ocorrem em torno de questões práticas que elas enfrentam todos os dias, mas Malcolm ainda assim foi incapaz de perceber a necessária relação entre reformas graduais e mudança revolucionária.

Naquele mesmo fim de semana, Jack Barnes e Barry Sheppard, da trotskista Aliança Socialista Jovem, entrevistaram Malcolm para a publicação do grupo, a Young Socialist. No artigo resultante, Malcolm explicava por que, nos últimos

meses, deixara de usar a expressão "nacionalismo negro" para descrever sua visão política. Na primeira visita a Gana em maio, ele ficara impressionado com o embaixador argelino, "um revolucionário no verdadeiro sentido da palavra". Quando soube que a filosofia de Malcolm era o "nacionalismo negro", o argelino perguntou: "Isso quer dizer que ele é o quê? E o que são os revolucionários do Marrocos, do Egito e da Mauritânia?". A expressão "nacionalismo negro" era altamente problemática num contexto global, porque excluía um número demasiado grande de "verdadeiros revolucionários".[49] Foi essa a grande razão que levou Malcolm a buscar refúgio, com frequência cada vez maior, na rubrica política do pan-africanismo. Mas ele talvez tenha reconhecido também que havia enormes dificuldades com essa categoria teórica, que ia do anticomunismo de George Padmore ao raivoso marxismo-leninismo de Nkrumah no exílio depois de 1966.

Apesar da recente relutância em ser descrito como nacionalista negro, Malcolm ainda enxergava a ação política dividida em categorias distintamente raciais, o que pode explicar melhor o fato de ele não ter adotado nenhuma medida para integrar seus grupos. Por exemplo, quando Barnes e Sheppard lhe perguntaram que contribuição os jovens — especialmente estudantes — brancos antirracistas poderiam dar, o conselho que deu foi que não ingressassem em organizações negras. "Os brancos sinceros deveriam organizar-se, entre si, e inventar uma estratégia para destruir o preconceito existente nas comunidades brancas." No ano que vinha pela frente, Malcolm previu mais sangue nas ruas, porque brancos liberais e negros moderados seriam incapazes de canalizar a inquietação social em fermentação. "Líderes negros perderam o controle do povo. E quando as pessoas começarem a explodir — e sua explosão é plenamente justificada, não é injustificada —, os líderes negros não poderão conter."[50]

No dia seguinte, Malcolm tomou o avião para Toronto, onde apareceria como convidado no Pierre Berton Show, no canal cfto. Não quis discutir os filhos que Muhammad teve fora do casamento, mas mesmo assim deu um jeito de criticá-lo severamente como falso profeta. "Quando deixei de respeitá-lo como homem", disse ele a Berton, "vi que também não era divino. Não havia Deus algum nele." Malcolm agora dizia que Deus abraçava judeus, cristãos e muçulmanos — "Todos acreditamos no mesmo Deus" — e negava que os brancos fossem "demônios", ressaltando que "isto é o que Elijah Muhammad ensina... Ninguém deve ser julgado pela cor da pele, mas por seu

comportamento visível, por suas ações". Malcolm rejeitou explicitamente a exigência política separatista de um estado ou país negro, declarando: "Acredito numa sociedade na qual as pessoas possam viver como seres humanos, com base na igualdade". Quando Berton perguntou se seu convidado ainda acreditava na escatologia da Nação do Islã sobre "um Armagedom", Malcolm habilmente converteu essa teoria da NOIna linguagem da revolução e da luta de classes marxista:

Acredito que haverá um choque entre o Oriente e o Ocidente. Acredito que haverá um confronto final entre os oprimidos e aqueles que exercem a opressão. Acredito que haverá um choque entre os que desejam liberdade, justiça e igualdade para todos e os que querem a continuação do sistema de exploração. Acredito que haverá esse tipo de confronto, mas não acho que será baseado na cor da pele, como ensina Elijah Muhammad.[51]

No próximo comício público da OAAU, realizado em 24 de janeiro, ele falou sobre a história africana e afro-americana, desde as antigas civilizações negras e da escravidão negra aos tempos atuais. Os líderes da OAAU planejaram mais duas palestras de Malcolm depois dessa: a segunda analisando as condições atuais e a terceira sobre o futuro, apresentando o programa da organização para o grande público.

Malcolm estudou bastante história, mas não era historiador. Sua interpretação do trabalho escravo nos Estados Unidos pintava a cultura negra como completamente dizimada pela instituição da escravidão, e igualava as consequências da escravidão nos Estados Unidos às piores formas de opressão racial. Como análise histórica, essa abordagem não leva em conta, adequadamente, as incontáveis formas de resistência organizadas por negros escravizados. Em termos políticos, no entanto, a ênfase no excepcionalismo americano e sua implacável opressão dos negros era uma brilhante ferramenta de motivação para afro-americanos. Peter Goldman explicou que Malcolm "diferenciava os Estados Unidos do resto do mundo... Não acho que romantizasse a Europa Ocidental, mas acredito que provavelmente pensasse que eles estavam em situação um pouco melhor do que a nossa".[52] Situar os Estados Unidos no pior nível de opressão racial, pior até do que a África do Sul, era, de maneira curiosa, reconhecer a importância da luta afro-americana.

Dois dias após o comício da OAAU, Malcolm fez um discurso no Dartmouth College, em Hanover, New Hampshire. A palestra foi preparada por um universitário muçulmano, Omar Osman, afiliado ao Centro Islâmico de Genebra. O interesse despertado foi tão grande que, enquanto 1500 pessoas compareceram, quinhentas não conseguiram entrada. A fala de Malcolm tinha por base sua nova imagem de defensor dos direitos humanos. Barreiras como religião, raça e cor já não podiam ser usadas como pretexto para inação diante da injustiça. "Precisamos abordar o problema, acima de tudo, como seres humanos", declarou ele, "e seja lá o que for que somos além disso."[53]

Palestras ousadas como essa para grandes plateias contrastavam com o confuso esforço que frequentemente fazia para evitar altercações com a Nação, embora continuasse, mesmo nessa fase tardia, e apesar dos conselhos daqueles que se preocupavam com o seu bem-estar, a provocar os antigos irmãos. Ele não abdicara do seu envolvimento na ação de reconhecimento de paternidade contra Elijah Muhammad em Los Angeles, prestes a ser retomada. O caso fora protelado até que finalmente se marcou uma audiência para 11 de janeiro de 1965. Porém, no dia da audiência, nem Evelyn Williams nem Lucille Rosary apareceram. Em consequência, o juiz tirou o caso de pauta até que uma explicação fosse dada, e quando a explicação veio não chegou a surpreender: as mulheres tinham sido tão intimidadas pela NOIque começaram a temer pela própria integridade. Viviam juntas em Los Angeles, mas se mudaram duas vezes, por medo.[54] Quando contatado pela promotora Gladys Towles Root, de Los Angeles, Malcolm aconselhou-a a acelerar seus esforços, dizendo: "Se o caso não for julgado logo, não estarei vivo para testemunhar".

Sua profecia ganhou credibilidade quase de imediato. Aproximadamente às onze e quinze da noite de 22 de janeiro, Malcolm abriu a porta da frente e deu alguns passos para fora de casa quando, de súbito, muçulmanos escondidos ali perto saíram correndo em sua direção. "Atacaram três segundos antes da hora", contou Malcolm mais tarde. Ele correu de volta para dentro, trancou a porta e chamou a polícia. Mas a Nação dera o recado: se saísse da casa, Malcolm não estaria seguro em parte alguma. A polícia chegou, vasculhou as quadras vizinhas, mas, como era de esperar, não encontrou os agressores. Malcolm desmentiu as alegações da imprensa de que só viajava com um guarda-costas e retorquiu: "Meu guarda-costas é a vigilância".[55] A rigor, viajava rotineiramente com James 67X ou Reuben Francis, ou com ambos, e passara a levar uma caneta com gás

lacrimogêneo para defesa pessoal.

Sem se deixar intimidar pelo ataque, Malcolm tomou o avião para a Costa Oeste, onde, em 28 de janeiro, se reuniu com Evelyn, Lucille e Gladys Root para garantir que persistissem na ação judicial. Malcolm prometeu testemunhar pessoalmente na audiência.[56] Então, por coincidência, um grupo de partidários da NOIesbarrou em Malcolm no saguão do hotel. Nos dois dias seguintes, acompanharam seus movimentos, mantendo-se sempre perto para que Malcolm soubesse que estava sendo observado e que eles poderiam atacar a qualquer momento. Root disse depois que Malcolm parecia muito assustado durante toda a viagem. No dia em que deixou a cidade, dois carros com homens do Fruto seguiram o automóvel de Malcolm na rodovia para o aeroporto. Sem nenhuma arma para se defender, Malcolm achou uma bengala no carro, enfiou-a pela janela e apontou-a como se fosse um cano de fuzil. E convenceu: os atacantes rapidamente recuaram. No aeroporto, porém, havia outros muçulmanos esperando. O Departamento de Polícia de Los Angeles reagiu levando Malcolm por um túnel subterrâneo para tomar seu avião.[57] Antes do embarque, o comandante manteve todos os passageiros fora e ordenou uma inspeção completa da aeronave à procura de bombas. Quando chegou a Chicago, Malcolm foi colocado sob estrita proteção policial.[58]

A parada em Chicago foi, em si, uma ousada provocação. Malcolm fora à base da Nação com o propósito de enfraquecer mais ainda sua influência. Estava ali para ser entrevistado pelo pessoal do gabinete do secretário de Justiça de Illinois, que pensava em tê-lo como testemunha numa ação judicial. Cooper, seguidor de Elijah Muhammad e detento na penitenciária estadual de Illinois, processava o estado, com base na Constituição, alegando que, quando estava no cárcere, foi impedido de obter um exemplar do Alcorão e outro material de leitura relacionado à Nação do Islã. Como testemunha, Malcolm diria que a Nação não era uma organização religiosa legitimamente islâmica, e que portanto não merecia ter acesso a instituições penais.[59] Essa recém-descoberta hostilidade às atividades religiosas da Nação dentro das prisões contradizia frontalmente seus vastos esforços para converter presos, que remontavam a seu próprio encarceramento nos anos 1940. Sua oposição à Nação era tão intensa que estava pronto para apoiar os esforços do secretário de Justiça de Illinois para impedir o acesso da seita aos detentos do sistema penal. Esse objetivo em si já irritava a Nação, mas Malcolm não passou calado pela cidade. Em vez disso, dedicou dez

horas de seu tempo a dar entrevistas para a televisão, o rádio e os jornais, incluindo uma aparição gravada no popular Kup's Show, da emissora wbkb.

Apesar de Malcolm ter retornado a salvo para Nova York em 31 de janeiro, o incidente em Los Angeles deixou-o abalado. Naquela noite ele pareceu contido ao falar num comício da OAAU no Audubon perante 550 pessoas, público inusitado para o grupo.[60] No dia seguinte, deu uma entrevista reveladora ao Amsterdam News: "Minha morte foi ordenada pelos chefes do movimento", disse, referindo-se à NOI. Estava convencido de que quanto maior a publicidade negativa em torno das tentativas da Nação para matá-lo, mais seguro estaria; e pensava que se alguém lhe fizesse mal a polícia prenderia imediatamente membros da Nação.[61] A declaração, no entanto, não teve efeito imediato. Dois dias depois, quando Malcolm apareceu como participante de um grupo de discussão no programa de tv Hotline, da wpix em Nova York, com Ossie Davis, Jimmy Breslin e outros, malfeitores da Nação cercaram os homens de Malcolm fora do estúdio de televisão, precipitando uma briga violenta. Mais uma vez Malcolm escapou ileso.[62]

Naqueles últimos dias, muitos companheiros mais próximos de Malcolm notaram mudanças perturbadoras em seu comportamento e em sua aparência física. Durante anos, Malcolm comparecera a reuniões e palestras públicas impecavelmente vestido, sempre com uma camisa branca limpa e gravata. Mas agora, estava sempre cansado, mesmo exausto e até deprimido. Os sapatos não eram engraxados; a roupa estava frequentemente amarrotada. Havia inclusive "uma espécie de fatalismo" em suas conversas, como observou o pesquisador da vida de Malcolm, Abdur-Rahman Muhammad. Em suas conversas pessoais com Anas Luqman nessa época, Malcolm ruminava a ideia de que "os machos de sua família não morriam de morte natural". Para Luqman, pouco antes do assassinato, o líder parecia resignado ao seu destino: "Seja o que for que vai acontecer, vai acontecer". O desencanto dos seguidores de Malcolm com seu líder também tinha a ver diretamente com a confusão e a alienação que sentiam a respeito das novas orientações políticas que receberam. Em termos práticos, como explica Abdur-Rahman Muhammad, os antigos muçulmanos negros que seguiram Malcolm na MMI "não tinham aderido ao Islã ortodoxo. Não tinham aderido ao negócio da OAAU. E ressentiam, decididamente, o fato de que a OAAU parecia ser onde Malcolm investia toda a sua energia".

Apesar das incertezas e das crises de depressão, Malcolm preparava-se para

seguir em frente. Em 3 de fevereiro, pegou cedo o avião de Nova York e chegou a Montgomery, Alabama, por volta do meio-dia. Uma hora e meia depois falava para 3 mil estudantes no salão Logan do Instituto de Tuskegee. O auditório estava tão superlotado que mesmo antes de o programa oficial começar centenas de pessoas tiveram de ser barradas. O título de Malcolm para a palestra, "Escala das ideologias políticas", não refletia o conteúdo, que cobria boa parte do terreno explorado em outros discursos recentes. Ele condenou o regime de Tshombe, os vínculos do governo Johnson com esse regime, e o crescente envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã, sugerindo que os Estados Unidos tinham "caído numa armadilha". Quando perguntado sobre sua disputa com Elijah Muhammad, respondeu com um argumento suave, teológico: "Elijah acredita que Deus virá consertar tudo... Não estou disposto a me sentar e esperar que Deus venha... Acredito em religião, mas numa religião que inclua ações políticas, econômicas e sociais destinadas a eliminar algumas dessas coisas, e fazer um paraíso aqui na terra, enquanto esperamos pela outra [vida]".[63]

Os estudantes afiliados ao SNCC que assistiram à palestra convidaram-no a visitar Selma, então quartel-general da campanha nacional pelos direitos eleitorais dos negros, apenas 160 quilômetros a oeste, no centro do Cinturão Negro. Malcolm não pôde recusar. A beleza da luta de Selma era sua brutal simplicidade: centenas de negros fazendo fila todos os dias no prédio do Condado de Selma-Dallas para exigir o direito de fazer o registro eleitoral; a polícia branca do condado e da cidade espancando-os e prendendo-os. Até a primeira semana de fevereiro, 3400 pessoas tinham sido presas, incluindo Martin Luther King. Grupos terroristas como a Ku Klux Klan, protegidos pela escuridão da noite, intimidavam obreiros de direitos civis, famílias negras e casas com seus ocupantes. Em 4 de fevereiro, Malcolm falou para trezentas pessoas na Igreja Metodista Episcopal Africana Brown Chapel. Significativamente, embora a cerimônia tivesse sido arranjada por intermédio do SNCC, depois de algumas negociações passou a ser copatrocinada pela SCLC., de King. No sermão Malcolm elogiou a dedicação de King à não violência, mas advertiu que, se os brancos dos Estados Unidos se recusassem a aceitar o modelo não violento de mudança social, seu próprio exemplo de "autodefesa" armada era uma alternativa. Depois da palestra, teve um encontro com coretta Scott King, declarando que no futuro trabalharia de comum acordo com seu marido. Antes de ir embora, informou aos obreiros do SNCC que planejava iniciar uma campanha de recrutamento para a

OAAU no sul dentro de poucas semanas.[64] Nessa única visita ele tinha ampliado significativamente o objetivo e a missão da OAAU, de fazer lobby na ONU para desempenhar um papel ativista nas trincheiras locais da luta pelos direitos eleitorais e pela organização de comunidades.

De volta a Nova York, comprou passagens aéreas para Londres, com escalas em Paris e Genebra, naquela que seria sua última viagem ao exterior. Planejava assistir ao primeiro Congresso do Conselho de Organizações Africanas realizado em Londres de 6 a 8 de fevereiro, e de lá seguir para Paris e trabalhar com Carlos Moore na consolidação da presença da OAAU. Chegando a Londres, deu entrevistas à agência de notícias Nova China e ao Ghanaian Times. Como acontecera tantas vezes, o bom relacionamento que tinha estabelecido com ativistas do movimento em Selma e Tuskegee logo cedeu a vez a sentimentos mais radicais. Ele disse à mídia chinesa que "o maior acontecimento de 1964 foi a explosão de uma bomba atômica pela China, pois isso é uma grande contribuição para a luta dos povos oprimidos do mundo". Lamentou a Lei de Direitos Civis de 1964, que descreveu como "nada mais que um artifício para enganar o povo africano", e caracterizou o racismo dos Estados Unidos como "parte inseparável de todo o sistema político e social". Além disso, sua oposição à Guerra do Vietnã intensificava-se: a escolha básica que os Estados Unidos tinham de fazer era entre "morrer lá ou retirar-se... O tempo é contra os Estados Unidos e o povo americano não apoia a Guerra do Vietnã".[65]

Em sua entrevista ao Ghanaian Times, ele deu publicidade ao chamado de Nkrumah pelo estabelecimento de um governo de união africana. Os líderes que rejeitavam a criação de uma união, declarou ele, "estão prestando um serviço maior ao imperialismo do que Moise Tshombe".[66] Mais uma vez Malcolm, o visionário, previu os futuros contornos da história, com a criação da União Africana meio século depois. Falando na conferência em 8 de fevereiro, ele encorajou a imprensa africana a contestar os estereótipos racistas e as distorções dos africanos na mídia ocidental. Na imprensa ocidental, comentou, o combatente da liberdade aparece "como um criminoso".[67]

Em 9 de fevereiro, Malcolm tomou o avião para Paris, mas na alfândega as autoridades o detiveram e não permitiram sua entrada. Durante um subsequente atraso de duas horas, ele ficou sabendo que o governo de Charles de Gaulle decidira que sua presença era "indesejável", e que sua palestra seguinte na Federação de Estudantes Africanos poderia "provocar manifestações".

Retornando a Londres, rapidamente organizou uma entrevista coletiva, contestando a decisão francesa. "Não cheguei sequer ao controle de imigração", reclamou. "Eu poderia muito bem ter sido trancafiado."[68]

Arranjou-se em Londres uma entrevista gravada por telefone, cujo áudio seria reproduzido em alto-falantes para um público de trezentas pessoas em Paris. O incidente parecia tê-lo feito voltar atrás, e mais uma vez ele retomou a linguagem da união e da harmonia racial. "Não defendo a violência", explicou. "Na verdade, a violência que existe nos Estados Unidos é a violência de que o negro tem sido vítima na América." Nas questões do nacionalismo negro e do movimento sulista de direitos humanos, ele mais uma vez assumiu o papel de King: "Acredito em adotar uma posição inflexível contra quaisquer formas de segregação e discriminação com base na raça. Eu não julgo um homem pela cor da pele".

Ele já suspeitava de que a restrição a sua viagem era mais profunda do que a mera preocupação do governo francês, e no dia seguinte enviou uma carta de protesto ao secretário de Estado dos Estados Unidos, Dean Rusk. "Apesar de ser portador de um passaporte americano, tive minha entrada negada na França sem explicação." Pediu que "uma investigação seja feita para determinar por que esse incidente ocorreu".[69] A mudança de planos forçada permitiu que Malcolm explorasse a política racial da Grã-Bretanha durante vários dias, e nesse meio-tempo foi entrevistado pela revista Flamingo, publicação sediada em Londres e lida basicamente por negros na Grã-Bretanha. O que surpreende é a dureza demonstrada por Malcolm ao distanciar-se dos moderados na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. "King e os da sua espécie acreditam em oferecer a outra face", declarou, quase com desprezo. "Seus combatentes da liberdade seguem as regras do jogo estabelecidas pelos chefões em Washington, a cidadela do imperialismo." Mais uma vez repudiou qualquer identificação como "racialista": "Adoto o julgamento de ações e não de cor". Pareceu que fazia um apelo não pelo direito de votar ou por mudanças eleitorais, mas por uma insurreição inspirada em Guevara. "Amo Mau Mau", declarou, aplaudindo a luta da guerrilha queniana nos anos 1950. "Quando se põe fogo debaixo da panela, descobre-se o que tem dentro." E acrescentou: "A raiva produz ação". Quando perguntado sobre suas razões para deixar a Nação, concentrou-se na política, e não em personalidades ou na religião. "A irmandade original [da NOI] tornou-se descuidada e conservadora." Acusou alguns líderes da NOIde ganância, e em

resposta a isso "formei a Mesquita Muçulmana, que não se limita aos direitos civis nos Estados Unidos, mas aos direitos humanos para o negro no mundo inteiro".[70]

Em 11 de fevereiro, ele fez uma palestra na Escola de Economia de Londres, onde avaliou de forma franca e vigorosa a política racial nos Estados Unidos. Para ele, estigmas raciais projetavam a imagem negativa de pessoas não brancas como criminosas; como resultado, "isso torna possível para a estrutura de poder montar um estado policial". Malcolm traçou paralelos entre o tratamento de afro-americanos nos Estados Unidos e as condições das populações antilhanas e asiáticas na Grã-Bretanha, onde estereótipos racistas levam à apatia política das minorias, que passam a acreditar na impossibilidade de mudanças. "Métodos de estado policial são usados... para suprimir a honesta e justa luta do povo contra a discriminação e outras formas de segregação", insistiu.[71]

Malcolm descreveu uma mudança de gerações que separou velhos líderes africanos da ascendente geração de jovens revolucionários. A antiga "geração de africanos... achava que seria capaz de negociar... e acabou conseguindo algum tipo de independência". A nova geração rejeitava o gradualismo: "Se algo é seu, por direito, ou você luta por ele ou cala a boca". Em seguida tratou do problema da identidade cultural negra. "No Ocidente, nós somos levados a odiar a África e a odiar os africanos." Os antilhanos na Grã-Bretanha, disse ele, "não querem aceitar suas origens; não têm origens, não têm identidade... querem ser ingleses". O mesmo processo de confusão de identidade ocorria entre afro-americanos. "Quando habilmente nos fazem odiar a África... nossa cor se torna uma corrente. Torna-se uma prisão." Um apreço pela cultura negra libertaria os negros, permitindo-lhes defender os próprios interesses.

Finalmente, Malcolm voltou ao conceito de uma revolução africana em duas etapas — primeiro a reforma gradual, depois a revolução. Sugeriu que o mesmo processo social poderia estar ocorrendo nos Estados Unidos. "O movimento Muçulmano Negro foi um dos principais ingredientes da luta pelos direitos civis", afirmou, surpreendentemente, sem fazer nenhuma referência à imensa quantidade de provas em contrário. "[Os brancos] deveriam agradecer a Martin Luther King, pois ele conteve os negros até recentemente. Mas ele está perdendo a capacidade de lidar com a situação; está perdendo o controle."[72]

Para Malcolm, a busca estratégica do fortalecimento do pan-africanismo ou do Terceiro Mundo significava atingir novos públicos que esperavam dele inspiração

e liderança. Sul-asiáticos e antilhanos que sofriam discriminação étnica e religiosa na cidade operária inglesa de Smethwick, por exemplo, contataram-no para pedir apoio. A bbc, que na época filmava um documentário sobre Smethwick, seguiu Malcolm com suas câmeras — apesar de sua tentativa frustrada de arranjar um encontro entre Malcolm e Peter Griffiths, político de direita do Partido Conservador, que representava Smethwick no Parlamento. Depois de reunir-se com líderes de minorias locais, Malcolm concluiu que as autoridades estavam comprando casas vazias e vendendo-as apenas para brancos, restringindo, com isso, as casas disponíveis para asiáticos e negros. Numa entrevista coletiva na vizinha Birmingham, ele denunciou o complô para diminuir a venda e o aluguel de casas na cidade a não europeus. "Disseram-me que os negros de Smethwick estão sendo tratados do mesmo jeito como os negros são tratados em Birmingham, Alabama — como Hitler tratava os judeus", acusou. Isso já era suficientemente inflamatório, mas, como costumava fazer, levou o argumento ainda mais longe, para um chamado à revolução violenta. "Se as pessoas de cor continuarem a ser oprimidas aqui", advertiu, "vai haver uma batalha sangrenta."[73]

Desencadeou-se um grande debate nacional, com a bbc violentamente criticada por ajudar nas investigações de Malcolm. Até o Sun, na época um jornal liberal, opinou em editorial que a visita de Malcolm tinha sido um "erro lamentável". Cedric Taylor, presidente da Conferência Permanente das Organizações Antilhanas no distrito de Birmingham, condenou a visita. "As condições aqui são totalmente diferentes das do Alabama", disse ele a um repórter do Los Angeles Times. A seu ver os antilhanos de sua cidade não eram "o tipo de gente que seguiria Malcolm X".[74]

Antes de deixar o Reino Unido, Malcolm foi entrevistado por um correspondente do jornal liberal sul-africano Sunday Express. Sua retórica foi ainda mais veemente, e ele fez um apelo aos negros de Angola e da África do Sul para que usassem a violência "até o fim... Não dou aos negros [sul-africanos] nenhum crédito... por se restringirem, ou por se confinarem às regras básicas que limitam o raio de ação de suas atividades". Rejeitou o chefe Albert Luthuli, agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, como "apenas outro Martin Luther King, usado para manter os oprimidos sob controle". Para Malcolm, os "verdadeiros líderes" da África do Sul eram Nelson Mandela, do Congresso Nacional Africano, e Robert Sobukwe, fundador do Congresso Pan-Africano. Em seguida,

considerou a possibilidade de a OAAU adotar a causa dos aborígenes australianos. "Assim como o racismo se tornou internacional, a luta contra ele também está se tornando internacional... As vítimas [do racismo] eram mantidas separadas umas das outras." A grande questão, para ele, era explicar a importância do pan-africanismo — que os negros, independentemente de nacionalidade e língua, tinham uma origem comum. "Acreditamos", explicou, "que é uma luta só na África do Sul, em Angola, em Moçambique e no Alabama. É tudo a mesma coisa."[75]

Quando Malcolm chegou ao aeroporto John F. Kennedy em 13 de fevereiro as notícias que o esperavam eram sinistras. Semanas antes, ele submetera ao tribunal do Queens um pedido de ordem de "exibição dos fatos" destinado a adiar ou suspender o despejo de sua família. Àquela altura era óbvio, porém, que a família perderia a casa e teria de procurar uma moradia temporária. Malcolm também ficou sabendo que Betty estava grávida de novo, dessa vez de gêmeos. A situação financeira, que já era extremamente difícil — sustentar quatro crianças —,
logo ficaria ainda mais complicada, com seis.

Não obstante, seus pensamentos logo se voltaram para a política. Não conseguira superar as implicações maiores do incidente na alfândega francesa. Ao entrar no escritório do Hotel Theresa, admitiu aos companheiros que tinha cometido um "erro grave" concentrando sua atenção na sede da NOIem Chicago, "achando que todos os meus problemas vinham de Chicago, e não vêm". Os colegas então lhe perguntaram de onde vinha o "problema". "De Washington", respondeu Malcolm.[76]

Depois de algumas horas de conversa com sua equipe no escritório, pegou o carro e foi para a casa de East Elmhurst. Dessa vez, não houve incidentes. Malcolm deveria acordar cedo para ir de avião a Chicago fazer um importante discurso naquele dia. Como em tantas outras noites, caiu no sono no andar de cima, enquanto trabalhava em seu estúdio.[77]

Às 2h45 da madrugada, o sono da família Shabazz foi bruscamente interrompido pelo barulho de uma janela quebrada no térreo, e segundos depois um coquetel molotov explodiu, enchendo rapidamente a casa de fumaça negra. Enquanto Malcolm descia as escadas correndo para o quarto das crianças, veio uma segunda bomba. Uma terceira atingiu uma janela dos fundos, mas resvalou e não pegou fogo. Malcolm ajudou Betty a sair pela porta dos fundos, depois

juntou as crianças e levou-as para o quintal. Poucos segundos depois, entrou de novo na casa agora em chamas para recuperar roupas e coisas de valor. "Quase me assustei com sua coragem e eficiência num momento de terror", refletiria Betty posteriormente. "Eu sempre soube que ele era forte. Mas naquela hora descobri o tamanho da sua força."[78] Quando os bombeiros chegaram para apagar o incêndio, a casa já estava envolta em chamas.[79]

Há décadas especula-se intensamente sobre o ataque à casa de Malcolm em 14 de fevereiro de 1965. As ações das três partes têm sido questionadas: de Malcolm, da Nação do Islã e da polícia. Como a família Shabazz estava em vias de ser despejada, alguns acham que o próprio Malcolm jogou as bombas por malícia. O argumento que põe a culpa na seita é evidente, com base na escalada de violência contra Malcolm. Atear fogo em sua casa com bombas, pôr em risco a vida da mulher e das quatro filhas seria, pela lógica, o próximo passo. Também se conjeturou que o BOSS ou o FBI, ou talvez seus informantes, tenham lançado as bombas, versão sustentada por baluartes da OAAU como Herman Ferguson e Peter Bailey. Os indícios mais convincentes apontavam para a Nação do Islã. Quase quarenta anos depois do ataque a bomba, Thomas 15X Johnson admitiu que a Nação "sem dúvida alguma fez isso". Lembrava que um dos participantes foi Eduard X — "bom amigo meu, e só depois do que aconteceu é que eu soube que ele tinha tomado parte". Edward era "apenas um seguidor devoto. Ele e outros irmãos fizeram aquele ataque com a bomba incendiária [à] casa".

Os partidários de Malcolm juntaram-se rapidamente em frente à casa em chamas, onde foi decidido que Betty e as quatro meninas seriam levadas para a residência de Tom Wallace, que também morava no Queens. Em pé, sob o frio congelante, Betty descobriu que Malcolm ainda tencionava viajar a Detroit naquele mesmo dia, e explodiu numa raiva quase incontrolável.[80] Mas ele estava de cabeça feita. O ataque a bomba não o intimidaria a ponto de cancelar seus compromissos de orador. Naquela noite, a morte não o atingira, nem à sua família; mas não conseguiria escapar dela a seguir.

15. A morte chega na hora

14-21 de fevereiro de 1965

Quando Malcolm desembarcou no aeroporto de Detroit às nove e meia da manhã e hospedou-se no Hotel Statler Hilton, seus amigos ficaram preocupados com sua segurança e também com sua sanidade. Sua casa acabara de ser atacada a bomba, e a mulher e as filhas estavam escondidas. O casaco tinha um cheiro forte de fumaça; ele havia recuperado a roupa na casa meio incendiada. Desde que fora arrancado do sono pelas bombas, não dormira mais. Um amigo de Detroit deu-lhe um sedativo; Malcolm tirou um cochilo, mas tinha uma agenda a cumprir, e logo foi acordado para dar uma entrevista à rede de tv wxyz, às quatro da tarde. Em seguida foi levado para o auditório Ford, onde pronunciou o discurso de abertura da primeira cerimônia anual do Dignity Projection and Scholarship Award, na qual Sidney Poitier e a estrela de ópera Marian Anderson também receberiam prêmios. O programa foi patrocinado pela Companhia Afro-Americana de Radiodifusão, e presidido por um bom amigo de Malcolm, o advogado Milton Henry, que também era líder do Partido Liberdade Já em Michigan.[1]

O reverendo Albert Cleage lembrava-se da apreensão de Malcolm nos bastidores, antes da cerimônia, cansado e irritadiço, por efeito da inalação de fumaça, e quando ele subiu à tribuna sua acuidade costumeira tinha ido embora.[2] De início divagou contando histórias de suas viagens à África e ao Oriente Médio, mas depois encontrou terreno mais firme no tema da identidade cultural que ultimamente se insinuara em suas falas. Ele caracterizou o decênio de 1955 a 1965 como "a era na qual testemunhamos o surgimento da África. O espírito de

Bandung criou uma unidade funcional que tornou possível aos asiáticos, oprimidos, e aos africanos, oprimidos... trabalharem juntos para conquistar a independência". Nos Estados Unidos, apareceram o movimento de direitos civis e os muçulmanos negros. A Nação do Islã "assustou tanto o branco que o branco começou a dizer: 'Graças a Deus existem tio Roy [Wilkins], tio Whitney e tio A. Philip'". A plateia riu; Malcolm não só ridicularizou os moderados, como também tentou descrever o papel da Nação do Islã sob luz mais favorável. Os Muçulmanos Negros, disse, "fizeram o movimento de direitos civis ficar mais militante e mais aceitável para a estrutura de poder dos brancos... Forçamos muitos líderes de direitos civis a serem ainda mais militantes do que pretendiam". Mas em 1965, a situação exigia "novos métodos... Só com poder se dialoga com o poder. Só com um pouco de loucura se lida com uma estrutura de poder tão corrupta".[3]

Em Nova York, o pessoal da mídia se reunira na frente dos restos chamuscados da casa. Os coquetéis molotov tinham destruído dois quartos e danificado severamente três outros. Num gesto ousado, o capitão Joseph foi de carro até a casa e falou com os repórteres. "Somos donos deste lugar, cara", protestou. "Temos dinheiro investido nisto... Ele não teve sequer a gentileza de nos telefonar." Circularam alegações que sugeriam o envolvimento da Nação, mas o ministro de Newark, James Shabazz, disse aos repórteres ser "improvável [a Nação] atacar a bomba uma casa que está prestes a receber de volta. É claro que preferiríamos receber nossa propriedade a receber um prédio queimado... Certamente não fomos nós que jogamos as bombas".[4] Havia também conjeturas de que Malcolm fora o responsável, depois que os detetives acharam uma pequena garrafa contendo gasolina dentro de uma penteadeira de criança, e a Nação deu corda a esses rumores na imprensa. Da sua parte, Malcolm pôs a culpa neles: "Não tenho compaixão, misericórdia ou perdão para qualquer pessoa que ataque bebês dormindo", disse à imprensa. "A única coisa que lamento é que dois grupos negros tenham de brigar assim e acabar um com o outro." Para os mais íntimos, contudo, ele aventou possibilidades mais conspiratórias. "A Nação do Islã não ataca mulheres ou crianças", Herman Ferguson lembrava-se de tê-lo ouvido dizer. "A Nação não teria tocado fogo em minha casa com minha mulher e minhas filhas lá dentro. Foi o governo."[5] Malcolm não poderia saber aquilo que Thomas 15X confirmaria depois — que a NOIfora de fato a responsável.

Ele chegou de volta a Nova York em 15 de fevereiro, e passou parte do dia

verificando os estragos causados à residência e fazendo entrevistas. A OAAU tinha planejado apresentar seu programa aquela noite, mas o incêndio da casa tinha alterado a agenda, levando um público de setecentas pessoas a comparecer para ouvir o que Malcolm tinha a dizer. Benjamin 2X abriu a reunião com uma fala rápida. O discurso de Malcolm, "Há uma revolução em andamento no mundo", não foi sua derradeira palestra pública, mas foi sem dúvida a mais importante entre as de suas duas últimas semanas de vida. Começou pelas bombas incendiárias, dizendo-se espantado de ver a Nação "usar as mesmas táticas usadas pela Ku Klux Klan".[6] Depois de tocar em vários outros assuntos, voltou ao ponto inicial para apresentar sua interpretação de como a Nação tinha perdido o caminho. Explicou que antes de 1960 "não havia melhor organização entre os negros deste país do que o movimento muçulmano. Era militante. Fez a força do homem negro neste país ganhar ímpeto". Contudo, depois que Muhammad voltou de Meca no começo de 1960, houve uma mudança. Muhammad começou a ficar "mais interessado em riquezas. E, sim, mais interessado em moças". A plateia arrebentou em gargalhadas. De acordo com Malcolm, havia uma conspiração para "abafar notícias que possam abrir os olhos" dos membros da NOIsobre seu líder. Enquanto Elijah Muhammad dirigisse a Nação do Islã, o grupo "não fará nada na luta que o homem negro enfrenta neste país". Prova disso era a incapacidade demonstrada pela Nação de contestar as atividades terroristas da Ku Klux Klan. "Agora eles sabem como fazer. Mas só com outro irmão." Enquanto a plateia aplaudia, Malcolm acrescentou, solenemente: "Sei muito bem onde e com quem estou me metendo... Mas em toda a minha vida nunca disse ou fiz nada sem estar preparado para sofrer as consequências".[7]

Depois de uma viagem de uma noite a Rochester para fazer uma palestra, ele voltou a Nova York com a desagradável tarefa de esvaziar a casa arruinada. A ordem do tribunal para despejar a família Shabazz seria cumprida na manhã de 18 de fevereiro, por isso pouco depois da uma da manhã ele e uns quinze membros da MMI e da OAAU foram à casa antes da chegada do oficial de justiça. Em quatro horas tiraram tudo — móveis, roupas, arquivos, mesas, fotografias, cartas — e puseram numa pequena van de mudança e em três caminhonetes. Poucas horas depois, quando apareceu acompanhado de vários assistentes, o oficial de justiça encontrou a casa totalmente vazia.[8]

Malcolm trabalhava pelo segundo dia sem dormir, mergulhado num redemoinho de atividades sob impulso do seu estado geral de agitação e de pura

força de vontade. Semanas antes, tinha planejado ir a Jackson em 19 de fevereiro para falar num comício do Partido Democrático da Liberdade de Hamer, Mississippi.[9] O ataque o obrigara a rever a agenda e, em vez de viajar, deu mais entrevistas. Aquela manhã falou com o New York Times, declarando ao jornal que vivia "como um homem já morto". Os comentários que vinha fazendo havia meses sobre a própria morte assumiram nova gravidade à luz do atentado com as bombas. "Essa coisa comigo", disse explicitamente, "será resolvida com morte e violência."[10]

No fim da manhã, foi entrevistado por uma equipe de filmagem da abc. Ao meio-dia, Malcolm pronunciou seu último discurso público, perante 1500 alunos no ginásio do Barnard College, explicando que a revolta negra nos Estados Unidos "é parte da rebelião contra a opressão e o colonialismo que caracterizam esta época". Esse discurso cobria muito terreno e sugeria alguma leitura em seus ecos de Du Bois e até mesmo de Lênin. "Assistimos hoje a uma rebelião global dos oprimidos contra os opressores", declarou, "dos explorados contra os exploradores." Malcolm condenou os países industrializados ocidentais por "deliberadamente subjugarem o negro por razões econômicas. Esses criminosos internacionais estupraram o continente africano para abastecer suas feitorias, e são responsáveis pelo baixo padrão de vida predominante em toda a África".[11]

Aquele dia ele foi à casa do amigo Gordon Parks, o grande fotógrafo e escritor que ele conhecera e em quem aprendera a confiar em 1963, quando a revista Life designou Parks para cobrir a Nação do Islã. Havia um ano que Malcolm lhe mandava cartões-postais do exterior, e Parks, intrigado com a evolução das novas crenças do amigo, pedira a Malcolm que se sentasse para uma entrevista. O tom foi amistoso, e a discussão, séria. "Irmão, ninguém é capaz de protegê-lo de um muçulmano, a não ser outro muçulmano — ou alguém treinado nas táticas muçulmanas", explicou Malcolm quando Parks lhe perguntou o que fazia para se proteger. "Eu sei. Inventei muitas dessas táticas." Ao longo da entrevista, Malcolm parecia quase melancólico, e suas palavras transpiravam remorso pelos estragos causados por sua intolerância racial no passado. "Irmão, lembra aquela vez em que uma universitária branca veio ao restaurante — a que queria ajudar muçulmanos e brancos a se entenderem —, eu lhe disse que não havia a menor chance e ela foi embora chorando?" Parks fez que sim com a cabeça. Malcolm prosseguiu: "Eu hoje me arrependo daquele incidente". Tinha visto muitos estudantes brancos trabalharem para ajudar as

pessoas em toda a África. "Como muçulmano fiz muitas coisas que hoje lamento."[12]

Naquela mesma semana, cerca de sessenta membros da MMI e da OAAU se reuniram para discutir o ataque a Malcolm e suas implicações de segurança. "Decidimos que a partir daquele dia todas as pessoas que viessem aos nossos comícios seriam revistadas", comentou Peter Bailey, e "foi aí que cometemos um erro crucial — [Malcolm] derrubou a proposta porque não queria ter mais nada a ver com isso de revistar as pessoas que iam aos comícios."[13] Fazia questão não só de que ninguém fosse revistado, mas queria também que todo o pessoal de segurança da MMI estivesse desarmado na cerimônia daquele domingo, 21 de fevereiro. A única exceção seria o guarda-costas e chefe da segurança de Malcolm, Reuben X Francis. Quase todos contestaram a posição de Malcolm, mas não havia tradição ou prática democrática na hora de tomar decisões dentro da MMI ou da OAAU. O que Malcolm exigia, obtinha.

O fato de que seus guardas estariam desarmados foi comunicado ao Departamento de Polícia de Nova York por seus informantes na MMI e na OAAU e por policiais à paisana. O mais importante agente da polícia infiltrado era Gene Roberts. Veterano com quatro anos de serviço na Marinha americana, Roberts foi admitido na academia do Departamento de Polícia de Nova York e, logo quando começou a trabalhar como policial, foi transferido para o BOSS como detetive. Sua primeira missão foi infiltrar-se na recém-formada MMI; seu codinome no Departamento de Polícia de Nova York era "Adam". Supervisores do BOSS tomaram providências para garantir a segurança e o anonimato de Roberts, mesmo entre os colegas da polícia. Junto com as de outros tiras disfarçados, sua foto de identidade era mantida separadamente no quartel-general do BOSS. Roberts recebeu um emprego de fachada como vendedor de roupas no Bronx. Pelo fim de 1964, era membro integral da equipe de segurança da MMI, montando guarda em cerimônias públicas como um dos guarda-costas de Malcolm. Durante toda a missão Roberts teve medo de que sua condição de policial fosse revelada. Ele e a mulher, Joan, chegaram a mandar a filha para a casa dos pais de Joan na Virgínia, para sua proteção. Por intermédio de Roberts, todos os planos e decisões importantes da MMI e da OAAU eram prontamente revelados ao Departamento de Polícia de Nova York.[14]

No sábado, 20 de fevereiro, Malcolm e Betty saíram em busca de um novo lugar para morar. Um corretor mostrou-lhe uma propriedade numa comunidade

integrada mas predominantemente judaica em Long Island. A casa era atraente, e eles gostaram, mas os 3 mil dólares exigidos de entrada estavam muito além de suas possibilidades. O custo estimado da mudança de roupas, mobílias e outros objetos pessoais era de mil dólares. Mais uma vez ele recorreu a Ella para resolver suas dificuldades financeiras. Antes, ou logo depois, do ataque, quando estava claro que teria de arranjar um novo endereço, Malcolm já havia falado com ela, que concordara em comprar uma nova casa em seu nome; depois de um curto período, o título seria transferido para Betty ou para Attallah (então com seis anos). Todos sabiam que o nome de Malcolm era tão polêmico que seria impossível comprar uma casa no nome de Betty em um bairro integrado.

À tarde, Malcolm ligou para Alex Haley a fim de saber como andava o livro. Numa estranha e oportuna coincidência, Haley lhe disse que a autobiografia completa seria despachada para a Doubleday no fim da semana seguinte.[15] Quando anoiteceu, Malcolm deixou Betty na casa de Tom Wallace, onde conversou durante horas antes de sair para se hospedar no New York Hilton, na parte central da cidade, pagando dezoito dólares por um quarto de solteiro no 12º andar. Jantou no restaurante do hotel, o Old Bourbon Steak House, e voltou para o quarto, ali permanecendo até o dia seguinte. Naquela noite, é possível que Sharon 6X tenha estado com ele no quarto.[16]

Mais tarde, vários afro-americanos entraram no saguão perguntando o número do quarto de Malcolm. Alguém falou com o chefe da segurança, que os interpelou, e eles logo foram embora.[17]

Os planos para assassinar Malcolm X foram discutidos na Nação do Islã por quase um ano antes da manhã de 21 de fevereiro de 1965. A demora para executar o crime tinha várias razões. Primeiro, até os últimos dias antes do assassinato, Elijah Muhammad não baixou uma ordem explícita para que seu antigo porta-voz nacional fosse morto, e, a despeito de toda a raiva incitada contra Malcolm nos meses precedentes, ninguém seria capaz de praticar a ação sem ordens claras vindas de cima. Segundo, embora fosse atacado publicamente como herege, Malcolm preservava o respeito e até o amor de uma significativa minoria dentro da NOI. Alguns ainda reconheciam a contribuição que tinha dado à seita, apesar dos erros. A melhor prova da permanência do seu legado foi a

feroz jihad que os inimigos moveram contra ele em cada mesquita da NOI, durante meses. Terceiro, Malcolm tornou-se alvo esquivo e difícil ausentando-se dos Estados Unidos por 24 semanas, de abril a novembro de 1964. Uma tentativa de assassinato num país islâmico ou africano seria impensável, mesmo para a Nação do Islã. Enquanto estivesse fora do país, estaria a salvo.

No ponto em que se encontrava a Nação no fim de 1964, os benefícios de matar Malcolm superavam os custos potencialmente significativos. Seu envolvimento na divulgação dos casos de investigação de paternidade de Evelyn Williams e Lucille Rosary e seu êxito em estabelecer conexões entre a MMI e organizações islâmicas internacionais criaram uma situação nova e ameaçadora. Chefes da NOItemiam que a própria legitimidade da seita fosse posta em dúvida; e a deserção de Wallace e Akbar Muhammad reforçou esses temores. A cúpula da seita estava convencida de que só a morte de Malcolm poderia anular os avanços que fizera e permitir que voltassem a conquistar novos membros e a tocar seus negócios em paz.

Ainda assim Elijah Muhammad sabia que se Malcolm tivesse uma morte violenta a Nação do Islã se tornaria, de imediato, o principal suspeito. Matá-lo quase certamente submeteria o grupo a uma investigação local e talvez até federal, por isso os arquitetos do assassinato precisavam descobrir um plano que desviasse a atenção da sede nacional, de tal maneira que se pudesse, com alguma plausibilidade, negar qualquer envolvimento. Nessa perspectiva, o ano gasto gerando raiva entre os membros trazia um benefício extra: seria mais fácil afirmar que o assassinato tinha sido obra de membros sem princípios que decidiram resolver o assunto por conta própria.

Eles foram ajudados a manter distância pela estrutura de punição que se desenvolvera dentro da organização, e que se tornara uma máquina bem azeitada quando a Nação foi dominada pelo medo e pela violência nos meses que se seguiram à saída de Malcolm. A maioria dos membros sabia que as unidades disciplinares e suas equipes quase nunca executavam ações excepcionais nas cidades onde suas mesquitas estavam localizadas. Em outras palavras, o capitão Joseph podia autorizar equipes do Harlem a atacar o pessoal de Malcolm, ou a atormentá-lo, mas não a cometer homicídio. Medidas tão excepcionais primeiro teriam de ser autorizadas pela cúpula de Chicago, e depois executadas por uma turma de Newark, Boston ou Filadélfia. O grupo de Newark seria responsável por Malcolm na cidade de Nova York, mas só agiriam por ordem direta do

capitão Joseph, de Raymond Sharrieff e de John Ali. Outros grupos de assassinos poderiam ser organizados tanto na Costa Oeste como na Costa Leste.[18]

Finalmente, a convergência de interesses entre instituições policiais e de segurança nacional e a Nação do Islã fez do assassinato de Malcolm um serviço fácil. Tanto o FBI como o BOSS puseram informantes dentro da OAAU, da MMI e d a NOI, transformando as três organizações em ninhos de rato de lealdades conflitantes. John Ali foi citado por várias partes como informante do FBI, e há boas razões para acreditar que tanto James Shabazz, de Newark, como o capitão Joseph davam informações aos departamentos de polícia locais e ao FBI; o BOSS instalou amplas escutas telefônicas nas três organizações, mantendo-as sob constante vigilância, enquanto a cia seguia de perto os passos de Malcolm em suas viagens pelo Oriente Médio e pela África. Mas, apesar de permanecerem abertos os canais de comunicação entre as diversas organizações interessadas em calar Malcolm, é difícil determinar o que o FBI e a polícia autorizaram — se, por exemplo, sugeriram sutilmente que certos crimes poderiam ser cometidos por seus agentes não policiais. Uma prova indireta de que isso pode ter ocorrido é a recusa, tanto do BOSS como do FBI, quase meio século depois do assassinato de Malcolm, a disponibilizar milhares de páginas de provas relacionadas ao crime.

O que ficou estabelecido é que mais ou menos quando Malcolm voltou da África, em maio de 1964, dois membros da mesquita de Newark começaram a planejar o assassinato, muito provavelmente por ordem direta do ministro James Shabazz, cujo controle da mesquita tornava inevitável o seu envolvimento. O mais velho dos dois era o secretário assistente da mesquita Benjamin X Thomas, de 29 anos, pai de quatro filhos e empregado de uma fábrica de envelopes de Hackensack. Seu parceiro mais jovem trabalhava numa fábrica de produtos eletrônicos Leon X Davis, de Paterson, Nova Jersey, de cerca de vinte anos. Os dois eram membros ativos do Fruto do Islã. Provavelmente quando viajavam no Chrysler preto de Ben, eles viram o jovem Talmadge Hayer, outro membro da mesquita de Newark, de vinte e poucos anos, numa rua no centro de Paterson. Convidaram Hayer a entrar no carro e deram umas voltas. Ben e Leon tentaram descobrir o que Hayer achava de Malcolm e de seu rompimento com a NOI. Em semanas, Hayer tornou-se o terceiro homem decidido a participar do assassinato. "Eu tinha um pouco de amor e admiração pelo Honrado Elijah Muhammad", escreveu depois, "e meio que sentia que aquilo era uma coisa que eu tinha que defender."[19]

Rapidamente, mais dois membros da NOIaderiram à conspiração de Newark. Willie X Bradley tinha 26 anos, era alto, escuro, corpulento e com uma história de violência. Wilbur X McKinley, por contraste, tinha mais de 35 anos, era magro e, como os outros três homens da conspiração, não passava de 1,75 metro de altura. Proprietário de uma pequena empresa de construção, Wilbur X trabalhara para a mesquita de Newark.

Apesar de surras como a de Leon Ameer em Boston terem se tornado perturbadoramente comuns para a Nação, a execução de membros ou dissidentes ainda era extremamente rara. Entretanto, quando a Nação parecia enfrentar sérias dificuldades na esteira da deserção de Malcolm, brutais medidas disciplinares passaram a ser tomadas com mais frequência. No Bronx, no fim de 1964, por exemplo, Benjamin Brown, da NOI, abriu sua própria mesquita "Paz universal", que exibia uma grande foto de Muhammad na janela da frente. Brown não pedira, porém, uma autorização à Mesquita nº 7 ou à sede em Chicago, e suas ações foram julgadas insurrecionais. No começo da noite de 6 de janeiro de 1965, três muçulmanos saltaram na mesquita de Brown, reclamaram do retrato de Muhammad ali exposto e foram embora. Horas depois, quando saía da mesquita, Brown foi assassinado com um tiro nas costas, disparado por um rifle calibre 22. O Departamento de Polícia de Nova York investigou a morte e prendeu três homens, todos membros da NOI, sendo dois deles tenentes da Mesquita nº 7: Thomas 15X Johnson e Norman 3X Butler. A polícia encontrou um rifle de repetição Winchester, do mesmo calibre, na casa de Johnson. Dispararam uma vez, e em seguida a arma emperrou. Mais tarde Butler e Johnson foram soltos mediante fiança, mas a polícia estava convencida de que os dois homens participaram da morte de Brown, pois eram reconhecidos "aplicadores da lei".[20]

Thomas 15X foi um curioso caso na grande cruzada da Nação para envenenar as opiniões dos membros. Motorista de Malcolm durante anos, Johnson abandonara o chefe durante o cisma com a Nação. Mas, de início, não compartilhava a obsessão por destruir Malcolm que infectara outros membros do foi. Quando Malcolm foi proibido de falar em dezembro de 1963, Johnson disse ter ficado surpreso com os membros da mesquita, mas imaginou que o ministro logo seria reintegrado. Quando Malcolm criou a MMI e a OAAU, porém, Johnson tomou firmemente o partido da Nação contra ele. Já o endurecimento de Thomas 15X começou na audiência do tribunal do Queens sobre a disputa da

propriedade dos Shabazz. "Malcolm não era apenas um ministro, era um grande ministro", declarou Johnson, passando a explicar que, em vista da sua posição, membros da NOItinham concordado em comprar uma casa para ele e a família. "Porém, quem sai não pode ficar com a casa. Compramos para você um carro novo e tudo o mais... Enquanto você for correto, isso é seu."

Johnson afirmou que a ordem para assassinar Malcolm veio diretamente do secretário de segurança nacional John Ali, que durante visita a Nova York reuniu tenentes da Mesquita nº 7 sem a presença do capitão Joseph, dando uma série de razões para a morte de Malcolm. Nas mais de quatro décadas que se passaram, contudo, nada surgiu que pudesse confirmar ou desmentir definitivamente a afirmação de Johnson sobre o envolvimento de Ali. Johnson teve grande dificuldade para aceitar os argumentos do secretário nacional, e notou que "os outros tenentes não se convenceram também". Semanas depois novas instruções vieram de Chicago: "Elijah Muhammad deu ordens específicas. Disse ele: 'Não toquem [em Malcolm]'". Consequentemente, Johnson e sua turma espancavam e atormentavam o pessoal de Malcolm, mas nenhum plano foi posto em ação para matá-lo. Afirmou Johnson: "Eu via Malcolm todo dia no Hotel Theresa". Malcolm chegava e dizia: "Como vai?", e o fato de sua vítima manter um grau de cortesia deixou Johnson impressionado.[21]

Pelo outono de 1964, porém, quando a raiva contra Malcolm infectava todas as partes da Nação, Johnson finalmente convenceu-se de que ele deveria ser morto. Recebeu instruções de quatro lugares-tenentes "de que tínhamos de ir à Filadélfia. Ele estava falando lá... e nossa tarefa era matá-lo". O grupo seguiu de carro para o local da palestra de Malcolm (provavelmente em 26 de dezembro), mas Malcolm tinha previsto um ataque dessa natureza. "Ele mandou na frente um sujeito meio parecido com ele." Os pretensos assassinos foram atrás do chamariz, de modo que Malcolm escapou. Johnson também pode ter participado pelo menos em mais uma tentativa de assassiná-lo na Filadélfia. Se estivesse presente no salão do Audubon em 21 de fevereiro de 1965, por exemplo, Thomas teria participado com vontade do assassinato. O fato de estar ausente naquela tarde, e mesmo assim ter sido condenado à prisão perpétua pelo crime, levanta profundas dúvidas sobre os tribunais e a aplicação da lei nos Estados Unidos.[22]

Nas últimas semanas de vida de Malcolm, dois assuntos preocupavam seus

seguidores em particular. Primeiro, as óbvias mudanças políticas, ideológicas e religiosas sofridas por Malcolm desorientavam detratores e partidários. Sua evolução parecia continuar a desdobrar-se no sentido da tolerância e do pluralismo, ao longo de divisórias raciais e religiosas. Em Rochester, em 19 de fevereiro, Malcolm havia declarado à plateia: "Acredito em um único Deus, e acredito que Deus tem apenas uma religião... Deus ensinou a todos os profetas a mesma religião... Moisés, Jesus, Maomé, ou alguns outros... Todos tinham a mesma doutrina, e essa doutrina destinava-se a dar purificação de humanidade". Isso, junto com suas declarações sobre não julgar os homens pela cor da pele, provocava grande preocupação entre os seguidores apegados à crença de que os novos pronunciamentos de Malcolm eram meras mudanças cosméticas para reforçar seu apelo público. Alguns renitentes, como James 67X, simplesmente se recusavam a acreditar que o chefe tinha mudado. Betty, por razões próprias, adotou a mesma posição. E no público do Harlem que lealmente aparecera para os comícios do Audubon havia tremenda ansiedade.

Depois que Betty acusou publicamente Lynne Shifflett de dormir com Malcolm, Shifflett demitiu-se da função de secretária-geral da OAAU no fim de 1964.[23] Semanas depois, quando voltou da África, Malcolm a substituiu por outra mulher negra eloquente, inteligente, Sara Mitchell, a jovem do New York Times que lhe escrevera em junho. Apesar de partilhar algumas das opiniões de classe média de Shifflett, no fundo Mitchell era uma nacionalista progressista e via Malcolm dessa posição privilegiada. Anos depois, Mitchell descreveu as atividades de Malcolm em 1965 dizendo que "por trás de seus esforços ainda havia uma suprema e irrealizada ambição: a redenção da 'desacreditada' virilidade do negro americano. Era isso que o esporeava; que não lhe permitia parar ou mesmo descansar". Para Mitchell, as novas organizações que Malcolm estabelecera tinham funções bem distintas. A Mesquita Muçulmana "foi criada para estimular o estudo e a consideração de uma alternativa religiosa", ao passo que a Organização da Unidade Afro-Americana se destinava "à correlação e unificação finais de vários aspectos da luta negra". Ela reconhecia as limitações dos dois grupos, a falta de recursos e de pessoal permanente, em regime de dedicação integral. "Consequentemente, prazos não eram cumpridos e adiamentos eram inevitáveis. Nesse ínterim, dedos insatisfeitos apontavam para ele de todos os lados."[24]

Mitchell sentia que vastos grupos da comunidade nacionalista negra fora da

Nação estavam insatisfeitos com a nova orientação de Malcolm. Muitos afro-americanos tinham "sentido um orgulho discreto de si mesmos" quando Malcolm promovia a "supremacia negra", mas no processo de mudança "ficaram desapontados e aborrecidos; pois ele não mais oferecia a voz ousada, cáustica, repreensiva". Achava também que a preocupação de Malcolm em fazer palestras para universidades de elite tinha efeitos negativos em setores empobrecidos da negritude. "Negros nas bases começaram a se perguntar se a participação de Malcolm em fóruns tipo Ivy League significava que o 'seu' Malcolm os abandonara em troca da 'boa vida' e de objetivos mais altos." De um ponto de vista organizacional, Mitchell achava esse efeito altamente problemático. Praticamente sozinha nos círculos administrativos mais chegados a Malcolm, Mitchell temia que os saltos ideológicos de seu líder em novas direções afastassem antigos seguidores fiéis, sem no entanto atrair novos seguidores em número suficiente. Como resultado disso, "o isolamento e a solidão foram os preços que pagou por seu pioneirismo radical".[25]

James 67X ficou feliz de ver-se livre de Lynne Shifflett, e rapidamente desenvolveu uma relação de trabalho muito melhor com Mitchell.[26] Mas a tensão e a insatisfação descritas por Mitchell criaram uma atmosfera de incerteza em benefício de oportunistas como Charles 37X Kenyatta. Em dezembro e parte de janeiro, depois que Malcolm descobriu seu envolvimento com Betty, Kenyatta tinha desaparecido das cerimônias da MMI e da OAAU. Em 24 de janeiro finalmente apareceu num comício da OAAU, fazendo reclamações. Anunciou acerbamente para vários membros que a MMI e a OAAU tinham "acabado" para ele. Deu a entender que James era responsável por irregularidades financeiras. A "melhor maneira de conseguir dinheiro é sair e trabalhar", aconselhou.[27]

Mas as apreensões com as posições de Malcolm eram superadas pelos temores sobre a sua segurança. Pelo começo de 1965, a maioria dos colegas mais próximos de Malcolm achava que se não mudasse de rumo ele logo estaria morto, e pôs-se, muito aflita, a imaginar formas de salvar a vida do líder. Eles sabiam que vários governos africanos tinham oferecido cargos a Malcolm; a Etiópia quis lhe dar refúgio; os sauditas teriam permitido que ele e a família vivessem no reino como hóspedes do Estado. A comunidade de expatriados americanos de Gana insistiu para que ele levasse Betty e as filhas para Acra. Amigos célebres puseram à sua disposição casas de veraneio e outras residências onde ele e a família poderiam viver anonimamente. Ruby Dee, muito nervosa,

sugeriu até esconder Malcolm atrás de uma parede secreta em sua casa, plano vetado por Ossie Davis, seu marido.[28]

Na sexta-feira, 19 de fevereiro, Maya Angelou chegou de Gana, pronta para trabalhar como voluntária na equipe da OAAU. Ficara sabendo das bombas jogadas na casa de Malcolm e tremia quando falou com ele por telefone ainda do aeroporto jfk. "Quase me pegaram", admitiu ele.[29] Malcolm ofereceu-se para ir buscar Angelou no aeroporto, mas ela disse que ia primeiro a São Francisco ver a família. Quando chegou em casa, a mãe a aconselhou a não trabalhar com aquele "agitador": "Se acha que tem de fazer isso — trabalhar de graça — volte para Martin Luther King".[30]

Embora a maioria dos malcolmistas desconfiasse que a Nação do Islã tramava a morte do líder, muitos também suspeitavam que o governo americano estivesse por trás das tentativas de assassinato. "Sabíamos o que acontecia com os negros, e [Malcolm] sempre falou sobre o envolvimento do governo nos problemas que enfrentávamos", disse Herman Ferguson. Malcolm, supostamente, achava que "a cia ia matá-lo" quando esteve fora do país, e a recusa da alfândega francesa em deixá-lo entrar aumentou suas suspeitas de que o governo se metia em seus assuntos. Ferguson achava que durante as últimas semanas membros da OAAU não fizeram o suficiente para proteger Malcolm: "Não percebemos os sinais que deveríamos ter percebido... Como bucha de canhão, as pessoas se sentavam e falavam do perigo que Malcolm corria. Tipo assim, 'o irmão devia ser mais cauteloso'".[31] Vários membros da OAAU tinham lugares em Manhattan os quais Malcolm poderia usar como esconderijo para passar a noite. Discutiu-se a ideia de designar-lhe motoristas, mas nada foi feito. A marcha para o desastre prosseguia.

É difícil saber o que Malcolm deve ter pensado em fazer diante da probabilidade de assassinato iminente.[32] Durante décadas, após sua morte, James 67X ainda teve dúvidas sobre se seu líder de fato queria morrer.[33] Tinha vivido mais de um ano sob as ameaças da Nação, e nos últimos dias parecia dividido, ora aceitando o que julgava ser o seu destino, ora desejando e esperando que o problema de alguma forma desaparecesse e lhe permitisse retomar a vida. Em sua última semana, passou boa parte do tempo longe da família, evitando expô-la a riscos. Também parece ter viajado sem guarda-costas, apesar de há muito tempo James 67X ou Reuben X o acompanharem para onde fosse. Comunicava-se com pouca frequência, e às vezes era impossível para membros da MMI e da

OAAU lhe transmitirem informações. À medida que o mundo se fechava sobre ele, Malcolm, que sempre foi um indivíduo extremamente reservado, não comentou nada com ninguém. Lutou desesperadamente para afastar dúvidas e temores alheios.

O fato de ter prosseguido com seus discursos agressivos contra a Nação mesmo sabendo que assim a Nação não teria escolha senão atacá-lo parece sugerir que de certa forma ele talvez desejasse a morte. Ao se tornar mais consciente da tradição islâmica em seus últimos anos, Malcolm provavelmente se informou sobre o terceiro imã xiita, Husayn ibn Ali, e seu trágico assassinato. Husayn era neto do profeta Maomé, e filho de Ali ibn Abi Talib e Fátima, filha de Maomé. Após o assassinato de Ali e a abdicação de Hasan, o irmão mais velho, Husayn, atraiu a lealdade de muitos muçulmanos. Em Karbala, em 680 d.C., onde hoje é o Iraque, Husayn e um pequeno bando de seguidores foram atacados por adversários religiosos; quase todos foram mortos ou capturados. Husayn morreu brava e gloriosamente, de tal maneira que seu assassinato tornou-se peça fundamental na cultura xiita de martírio, sofrimento e resistência à opressão. A observância xiita do luto da Ashura recria a tragédia como drama da paixão, no qual os participantes praticam o remorso e a autopunição pelo assassinato de Husayn e voltam a comprometer-se com a luta pela liberdade e pela justiça.[34]

Como Husayn, Malcolm tomou a decisão consciente de não se esquivar ou escapar da morte — o que poderia ter conseguido facilmente; tivesse permanecido vários anos na África, o nível de animosidade da Nação do Islã certamente teria baixado. Ao escolher voltar para os Estados Unidos, ele aceitou a possibilidade real de ser assassinado a qualquer momento, mesmo enquanto dormia em casa. Se não desejava a morte, ainda assim parecia preparado para abraçá-la como parte inevitável do seu destino. Essa interpretação ajudaria a explicar por que Malcolm insistiu tanto para que ninguém no Audubon fosse revistado e nenhum de seus homens, exceto Reuben X, usasse armas. Ao não fiscalizar a entrada de armas, Malcolm tornou o assassinato mais provável; ao desarmar seus seguranças, evitou que se tornassem alvos numa troca de tiros, pois muito provavelmente os assassinos de Malcolm não atirariam em seguranças desarmados. Se alguém devia morrer, deve ter pensado, que fosse ele.

Os órgãos policiais agiram com a mesma reticência no que dizia respeito a intervir no destino de Malcolm. Em vez de investigar as ameaças contra sua

vida, ficaram de longe, quase à espera de o crime ocorrer. "Tinham a mentalidade de quem quer o assassinato", disse Gerry Fulcher, alta patente do Departamento de Polícia de Nova York, embora seja improvável que policiais estivessem envolvidos diretamente no assassinato. "Queriam manter as mãos limpas do ato em si." Fulcher sabia que o Departamento de Polícia e o BOSS infiltraram Gene Roberts na MMI e na OAAU, e além disso recrutaram outros informantes que deram à polícia informações de dentro. Pelo começo de 1965, Fulcher já vinha gravando conversas no escritório da MMI e da OAAU havia mais de nove meses. Depois que Malcolm voltou do exterior, Fulcher ouviu cuidadosamente seus argumentos e ficou ainda mais convencido de que a polícia estava cometendo um grave erro contra ele. "Ali estava um sujeito que deveríamos apoiar", concluiu. Uma das tiradas favoritas dos policiais era falar dos "'negros que vivem da previdência'. [Malcolm] também os queria fora", afirmou. Malcolm "deveria ter sido companheiro, não inimigo" dos órgãos policiais, insistia Fulcher, "mas sempre o viram como inimigo".[35]

Por essa época, porém, Malcolm e o Departamento de Polícia de Nova York já tinham atingido uma espécie de dissuasão. Mesmo antes de deixar a Nação, Malcolm estabelecera o que Peter Goldman chamou de "distante cooperação" com a polícia, na esperança de evitar os confrontos e os tiroteios que ocorreram em Los Angeles. Por isso informava a polícia sempre que ia realizar comícios públicos, e ordenou a Reuben X Francis e a outros subordinados que repassassem informações. Em 1964 e 1965, o Departamento de Polícia de Nova York destacava regularmente de dez a 25 policiais para os comícios da MMI e da OAAU realizados no Audubon. Muitos iam para dentro do prédio, mas raramente para o grande salão, o lugar dos comícios. A maioria ficava do lado de fora, agrupada perto da entrada ou do outro lado da rua, num pequeno parque. O comandante do destacamento e um ou dois policiais sentavam-se numa guarita de vidro no segundo andar, de onde podiam vigiar as entradas dos dois salões de baile, o Rosa, e o maior, o Grande.[36]

Do outro lado do Hudson, em Newark, o pequeno grupo formado na primavera de 1964 para praticar o assassinato desfizera-se durante a ausência de Malcolm do país. Mas quando ele voltou a questão de saber se e como cometer o assassinato fora reativada. Talmadge Hayer teve várias conversas com Ben Thomas e Leon Davis. Hayer disse posteriormente a Goldman que, sendo Ben administrador de mesquita, ele supôs naturalmente desde o início que altos

funcionários da NOItinham autorizado a missão. "Houve muitas perguntas que não fiz", explicou Hayer. "Achei que alguém dava as instruções: 'Irmão, você precisa levar isso adiante'. Pensei que todos estivéssemos de acordo."[37]

Quando começou a examinar maneiras de matar Malcolm, o grupo pensou em atirar nele na frente da casa em East Elmhurst; mas um dia, ao fazerem o reconhecimento da área, encontraram a casa fortemente protegida por guardas armados. Por um tempo acalentaram a ideia de simplesmente seguir Malcolm pelo Harlem e atacá-lo em alguma cerimônia pública em que fosse falar; contudo, de acordo com Hayer, considerações de ordem prática interferiram. Todos os conspiradores de Newark trabalhavam em tempo integral, de modo que não podiam sair do trabalho e passar horas dirigindo pelo Harlem. O grupo finalmente se decidiu por uma abordagem simples, porém ousada: atirar em Malcolm num comício do Audubon, diante de centenas de seguidores e dezenas de seguranças provavelmente armados. A vantagem do plano era o elemento surpresa. O pessoal de Malcolm achava que nos comícios ele estava seguro; jamais considerou a possibilidade de um assalto frontal, algo que seria suicida. Os integrantes do grupo de assassinato eram, no entanto, seguidores devotos de Elijah Muhammad, dispostos a sacrificar a vida para matar Malcolm.[38] Portanto, se um pretenso assassino está preparado para morrer, qualquer um pode ser morto.

A probabilidade de êxito era "muito baixa", disse Hayer. "Mas a gente achava que tinha de ir em frente... e foi o que fizemos. Por que ali?... Era o único lugar onde sabíamos que ele estaria."[39] Hayer conhecia armas e foi designado para comprá-las com seu próprio dinheiro. Ele e outros do grupo de assassinato estiveram num comício da OAAU, provavelmente em janeiro de 1965, e ficaram surpresos ao descobrir que ninguém era revistado na entrada principal. Sentaram-se e observaram o posicionamento dos guardas, quando eram substituídos etc. Na noite de 20 de fevereiro, o grupo pagou para entrar num baile no salão do Audubon, aproveitando para verificar todas as saídas possíveis.

Os conspiradores voltaram para a casa de Ben Thomas. Decidiram que o primeiro tiro contra Malcolm, o tiro mortal, seria disparado por William Bradley. "Willie" tinha sido estrela do atletismo na escola secundária, destacando-se no beisebol. Aos vinte e poucos anos, porém, tinha engordado, chegando a pesar mais de cem quilos. Ainda era atlético em seus movimentos e aprendera a usar espingarda, contudo. Ficou combinado que o assassinato seria

cometido na tarde seguinte, domingo, 21 de fevereiro.[40]

Na manhã do dia 21, um telefonema acordou Malcolm em seu quarto no Hilton. A voz disse em tom de ameaça: "Acorde, irmão". Ele verificou a hora; eram oito horas de uma manhã de inverno, mas o dia não seria gélido.[41] Apesar disso, Malcolm resolveu não brincar com o tempo. Pôs uma comprida roupa de baixo sob o terno — o mesmo paletó que usara durante a viagem pela Grã-Bretanha.

Aproximadamente às nove horas, ligou para Betty, pedindo que ela fosse ao comício de tarde, e levasse as meninas. O pedido surpreendeu-a e lhe agradou. Desde o retorno da África Malcolm voltara a desencorajar o envolvimento de Betty nos assuntos da MMI e da OAAU, e no começo da semana dera ordens estritas para que não fosse no domingo devido à ameaça de violência. Porém não lhe explicou por que havia mudado de ideia. Betty e as filhas ainda estavam hospedadas com os Wallace, e à uma da tarde ela começou a arrumar-se. As meninas foram enfiadas em belos casacos de neve. Estavam entusiasmadas. Attallah Shabazz depois recordaria: "Ainda era uma aventura emocionante nos aprontarmos para ver o papai".[42] Se Malcolm esperava o dia do juízo, por que pediria a Betty que levasse as filhas para assistir ao seu possível assassinato? Pode ser que, apesar dos comentários sobre os perigos que o cercavam todos os dias, ainda não tivesse certeza absoluta. Ou pode ser que a ambivalência funcionasse como mecanismo de defesa, uma forma de não pensar em algo aterrador e inevitável. Talvez, como Husayn, quisesse que sua morte fosse simbólica, um drama da paixão que representasse suas crenças.

À uma da tarde, Malcolm deixou o Hilton e seguiu para o norte da cidade em seu Oldsmobile. Quando chegou à rua 146 Oeste, esquina com a Broadway no Oeste de Harlem, parou e estacionou. Adquirira o hábito de não estacionar o carro nos lugares onde falava, para não ficar vulnerável a ataques. Enquanto aguardava o ônibus do norte, um automóvel com placa de Nova Jersey reduziu a velocidade e parou onde ele estava. Malcolm não reconheceu o motorista, um jovem afro-americano chamado Fred Williams, mas viu Charles X Blackwell, da MMI, sentado no banco de trás. Tranquilizado, Malcolm entrou atrás. O carro rapidamente percorreu as vinte quadras ao norte do Audubon. Já eram quase duas da tarde, mas ainda havia muita gente em pé, sinal de que nenhum

programa formal começara no palco do salão.[43]

Quando entrava no Audubon, Malcolm deve ter notado a falta da presença habitual de policiais na frente do prédio. De acordo com Peter Goldman, um dos "mais graduados assessores [de Malcolm] falou com o capitão de serviço, pedindo que a polícia deixasse o prédio e ficasse num lugar menos público". Levando em conta o ataque a bomba e as restrições que Malcolm impusera aos seguranças da MMI — nada de armas, nem de revistar pessoas na porta principal —, é difícil imaginar a lógica desse bizarro pedido, ou mesmo a razão de a polícia o ter acatado. Seja como for, cerca de dezoito policiais foram transferidos para um certo ponto a várias quadras de distância, na Broadway, no Hospital Presbiteriano Columbia.[44]

Quando Malcolm entrou no grande salão no segundo andar, Peter Bailey foi imediatamente ao seu encontro com um pacote de Blacklash. Havia algo na publicação da OAAU que não estava certo, e Malcolm dera ordens para não distribuir nenhum exemplar. "Pela primeira vez", disse Bailey, Malcolm parecia "perturbado, não amedrontado... mas [como] uma pessoa que tem a cabeça cheia de coisas." Malcolm perguntou se Bailey reconheceria o reverendo Galamison, e Bailey disse que sim. Malcolm então lhe pediu que esperasse por Galamison perto da porta principal no andar de baixo; quando chegasse, o líder de direitos civis deveria ser conduzido para a sala dos fundos, atrás do palco principal do salão.[45]

Da entrada aos fundos até o palco, o salão tinha 55 metros. Na pequena sala atrás do palco os principais assessores da MMI e da OAAU aguardavam Malcolm: Sara Mitchell, James 67X e Benjamin 2X. Eles perceberam de imediato que o líder estava de péssimo humor. Malcolm se jogou numa cadeira de metal dobrável, mas minutos depois estava de pé, andando nervoso de um lado para outro. Benjamin lembrava-se de que "ele estava nervoso como eu nunca tinha visto... Tinha perdido completamente o controle". Quando James explicou que a secretária de Galamison falara com ele horas antes para dizer que a agenda do ministro estava tão cheia aquela tarde que lhe seria impossível dirigir do norte da cidade para falar ao público do Audobon, Malcolm quis saber por que não fora informado antes. Com muito cuidado, James lembrou que Malcolm não lhe dissera na véspera onde passaria a noite, e por isso não pôde localizá-lo. Horas antes, explicou, tinha telefonado para Betty pedindo que ela lhe passasse a informação. Malcolm explodiu: "Você deixou esse recado para uma mulher!...

Devia saber que isso não se faz!".[46] Continuou a agredir verbalmente todo mundo à sua volta. Quando Sheikh Hassoun tentou abraçá-lo, gritou: "Fora daqui!".[47] Benjamin e Hassoun saíram juntos da sala, e o primeiro subiu à tribuna para iniciar o programa.

Em poucos minutos, Malcolm pediu desculpas aos que tinham ficado na sala. "Alguma coisa parecia errado", disse. Acrescentou que "não sabia mais o que fazer".[48] O programa da OAAU, que deveria ser anunciado no comício, e fora adiado uma vez por causa do atentado a bomba, ainda não estava pronto; Galamison e muitos outros oradores convidados não estariam presentes. O êxito do evento dependia agora de ele fazer um discurso apropriadamente animado. "Nos bastidores Malcolm tentou afastar todos os problemas pessoais", observou Mitchell. "Quando alguém sugeriu que ele deixasse as pessoas se preocuparem com ele, para variar, ele respondeu meio irritado: 'Não importa o que acontece comigo, não posso sair por aí reclamando. O que digo precisa ser dito pensando nos problemas deles'."[49]

Aturdido com a raiva de Malcolm, Benjamin passou os primeiros minutos de sua fala tentando concentrar-se. Pediu reiteradamente às pessoas para "ficarem sentadas" e "deixarem os corredores livres". Levou cerca de cinco minutos para encontrar terreno retórico familiar, e, tendo estabelecido um ritmo, lembrou à plateia que por mais de um ano Malcolm tinha falado contra a invasão americana do sudeste da Ásia. "Portanto esta noite, quando o irmão ministro Malcolm estiver diante dos senhores, espero que os senhores abram a mente e os ouvidos", disse. "Ele tentará fazer qualquer coisa por nós sem pedir licença à estrutura de poder que controla o sistema político em que vivemos." Sem mencionar o recente ataque a bomba e as ameaças de morte cada vez mais frequentes, Benjamin ressaltou a coragem pessoal do líder e os muitos sacrifícios que fez pela causa comum. Quando uma pessoa dessas está "em nosso meio, não se preocupa com as consequências pessoais, e só se preocupa com o bem-estar das pessoas, trata-se de um homem bom. Um homem assim", enfatizou o orador, "merece apoio. Um homem assim precisa ter êxito. Porque homens assim não aparecem todos os dias. Poucos homens arriscariam a vida pelos outros". Alguém na plateia concordou: "Isso mesmo!". A maioria "fugiria da morte, mesmo tendo razão", continuou Benjamin. Malcolm X era sem dúvida um líder que "não dá a mínima para as consequências, e para ele tudo que importa são as pessoas... Espero que os senhores compreendam". O público

reagiu com aplausos.[50]

Enquanto Benjamin 2X continuava a falar, na entrada principal e no saguão do segundo andar do Audubon apinhavam-se de retardatários. Por volta das 14h50, Betty chegou. Para alguns seguidores de Malcolm, o comparecimento de irmã Betty foi uma surpresa agradável, pois ela aparecera poucas vezes em público desde que ele voltou da África. Jessie 8X Ryan, da MMI, levantou-se da cadeira ao lado da mulher e conduziu Betty e as meninas a uma cabine perto do palco. A aparição muito notória de Betty levou a plateia a supor que Malcolm não demoraria para iniciar seu discurso.[51] Havia àquela altura aproximadamente quatrocentas pessoas sentadas.

Às 2h55 da tarde, o destacamento de seguranças da MMI fez a terceira e última mudança de tarefas. Poucos minutos antes das três horas, sem nenhum aviso, Malcolm entrou abruptamente no palco com uma pasta na mão e sentou-se perto de Benjamin 2X. "Sem mais delongas, trago-lhes o ministro Malcolm", anunciou Benjamin às pressas.[52] Quando os aplausos começaram, Benjamin deixou a tribuna para sentar-se do outro lado do palco, mas Malcolm o impediu de sentar-se e, inclinando-se ligeiramente, pediu-lhe que ficasse atento à chegada de Galamison. Como Galamison tinha cancelado sua participação, a ordem não fazia sentido, mas Benjamin obedientemente desceu do palco e Malcolm ocupou a tribuna.

Os aplausos entusiásticos duraram quase um minuto enquanto Malcolm percorria com os olhos a plateia de admiradores. À sua esquerda, o guarda-costas Gene X Roberts deixou calmamente o camarote dois e dirigiu-se para o fundo do salão, a poucos centímetros de Reuben X Francis. Ao fazer isso, coincidente ou deliberadamente, afastou-se da primeira linha de fogo segundos depois. "As-salaam alaikum", declarou Malcolm em árabe, pronunciando as tradicionais palavras muçulmanas de saudação. "Walaikum salaam", responderam centenas de pessoas. Antes que ele pudesse proferir outra frase, houve um distúrbio na frente do salão, a aproximadamente seis ou sete filas do palco. "Tire as mãos dos meus bolsos!", gritou Wilbus McKinley para outro conspirador sentado ao lado. Enquanto os dois fingiam brigar, o empurra-empurra distraiu a atenção de toda a plateia, incluindo a equipe de segurança da MMI. Do palco, Malcolm gritava: "Parem! Parem! Parem! Parem!".[53]

Os principais guardas da tribuna aquela tarde eram Charles X Blackwell e Robert 35X Smith, escolhas inusitadas, uma vez que não costumavam servir

nessa função e tinham pouca experiência na proteção de Malcolm. William 64X George, por outro lado, havia protegido Malcolm na tribuna várias vezes, mas nesse dia foi posto do lado de fora. No momento da comoção, Blackwell e Smith cometeram um crasso erro tático: saíram de seus postos e caminharam na direção dos dois altercadores. Gene Roberts, George Whitney e vários outros seguranças se aproximaram dos homens por trás.[54] Malcolm ficou completamente sozinho e desprotegido no palco. Naquele exato momento, uma bomba incendiária de fumaça inflamou-se no fundo do salão, provocando pânico, gritos e muita confusão. Só então Willie Bradley, sentado na primeira fila, levantou-se e dirigiu-se às pressas para a tribuna. A uma distância de três metros, ergueu a espingarda de cano curto que trazia debaixo do sobretudo, caprichou na mira e disparou. As balas de chumbo penetraram diretamente o lado esquerdo de Malcolm, abrindo um buraco de dezoito centímetros em volta do coração e do peito esquerdo. Foi o tiro mortal, o golpe que executou Malcolm X; outras balas causaram terrível estrago mas não foram decisivas.

Estranhamente, esse único disparo de espingarda foi insuficiente para derrubar Malcolm. Como recordou Herman Ferguson: "Houve uma grande explosão, um estrondo que encheu o auditório com o som de arma disparando". Simultaneamente, dois homens — Hayer na primeira fila, com uma 45 junto do estômago, e Leon X Davis sentado ao lado, também segurando um revólver — levantaram-se, correram para o palco e esvaziaram as armas em Malcolm. Ferguson, ainda sentado a poucos centímetros do palco, apreendeu tudo o que aconteceu em seguida:

> Malcolm endireitou-se por um momento... a mão levantou e ele enrijeceu. O tiro de espingarda [fora disparado] contra ele por um dos assassinos, que atirou de perto... Atingiu Malcolm à queima-roupa no peito esquerdo... Em seguida ouviu-se um tiroteio... Durou vários segundos. E eu me lembro de ter dito: "Se eles pelo menos pararem de atirar talvez a gente possa sobreviver...". Quando pararam, Malcolm tombou para trás... e sua nuca bateu no chão com força.[55]

Ferguson foi talvez a única testemunha que não se jogou no chão para fugir da linha de fogo. E continuou seu relato:

> Depois daquele barulho todo, tiros e gritos das pessoas, houve um súbito silêncio... Vi todas as cadeiras e todas as pessoas deitadas no chão. Havia três homens parados no centro do corredor, de frente para a porta. Um deles parecia ter uma arma na mão. [Estavam] parados em fila, um atrás do outro. E ficaram

congelados no tempo [e no] espaço mais alguns segundos, depois foram embora, correndo e saltando por cima das cadeiras e dos corpos.[56]

A maioria dos seguranças também correra em busca de cobertura ao primeiro disparo, não tendo feito esforço algum para proteger Malcolm ou prender os assassinos. Os guardas de tribuna Charles X Blackwell e Robert 35X Smith tinham deixado suas posições e rolado pelo chão tentando salvar-se. John Davis, formalmente o chefe do destacamento da tribuna, admitiu, depois, à polícia que quando os tiros começaram ele também "caiu no chão".[57] Charles 37X Kenyatta foi outro que se jogou no chão e disse posteriormente que "não viu nada".[58]

Os relatos de várias testemunhas sugerem que Bradley girou nos calcanhares para a esquerda e deve ter feito um segundo disparo por cima da plateia, quase acertando Ferguson. Em seguida correu pelo corredor da direita do salão e enfiou-se no banheiro das mulheres, a uns vinte metros do palco. Livrando-se da espingarda, ele e provavelmente um segundo conspirador desceram para a rua por um lance de escada estreito e raramente usado, fugindo com facilidade. Os outros dois pistoleiros, Hayer e Leon X Davis, preferiram, inexplicavelmente, passar por um corredor polonês, tentando fugir pela entrada principal do salão na rua 166 Oeste, a 55 metros de distância. Para aumentar a confusão, a bomba incendiária de fabricação caseira, composta de fósforos e filmes enfiados numa meia, ainda impregnava o salão de fumaça.

Os dois atiradores, tentando escapar pela entrada principal, esperavam esconder-se no meio do grande público em pânico, mas antes de chegarem à metade do salão Gene Roberts os interceptou. Um dos atacantes, provavelmente Hayer, disparou contra ele à queima-roupa. A bala atravessou o sobretudo de Roberts, mas não o atingiu. Roberts agarrou uma cadeira dobrável e atirou-a nas pernas de Hayer, fazendo-o tropeçar e cair; depois disso, Hayer tentou chegar aos esbarrões à saída, já atulhada. Nesse meio-tempo, Reuben X Francis armou pontaria e atirou nele a dois metros e meio de distância, disparando três vezes. Hayer só foi atingido uma vez, na coxa esquerda; sentindo dores, continuou a correr tropeçando escada abaixo, onde foi imediatamente cercado por partidários de Malcolm enfurecidos, e severamente espancado. Na confusão, Leon X e os outros conspiradores conseguiram escapar.[59]

Do seu solitário posto avançado de segurança junto à porta da frente,

William 64X George tinha ouvido os tiros e imediatamente correu pela rua para chamar a polícia, que em poucos minutos estava diante do Audubon.[60] Voltando para a entrada principal e a escada da frente, William viu Hayer ser agarrado por dois irmãos da MMI e da OAAU, Alvin Johnson e George 44X, que arrastavam o atirador ferido pelo chão. "A multidão começou a bater nele", diria William posteriormente. Naquele momento, o patrulheiro Thomas Hoy chegou à cena e tentou levar Hayer para dentro de sua viatura pela porta traseira. Segundos depois o sargento Alvin Aronoff e o patrulheiro Louis Angelos chegaram noutra viatura e ajudaram Hoy a dispersar a multidão irada. Aronoff disparou o revólver para o alto e os policiais finalmente conseguiram colocar Hayer dentro de uma viatura.

O relato testemunhal mais minucioso de um jornalista foi o do freelance Welton Smith, cuja reportagem apareceu no New York Herald Tribune. Smith primeiro viu um homem de "sobretudo preto no meio do salão" levantar-se e "[gritar] para o homem do lado: 'Tire as mãos dos meus bolsos!'." Dispararam-se tiros do palco quando Smith foi violentamente empurrado para o chão por outras pessoas. Todos os disparos ocorreram "em quinze segundos". Quando Smith se levantou, viu dois homens perseguirem aquele de sobretudo preto, que se virou e atirou nos perseguidores enquanto corria para a saída principal. Smith localizou a bomba de fumaça no fundo do salão, apagou o estopim e procurou água para ensopá-lo. Minutos depois, viu cerca de oito pessoas debruçadas sobre Malcolm. Enquanto seguranças da MMI tentavam impedir que outros subissem no palco, Smith viu Yuri Kochiyama, da OAAU, inclinar-se sobre Malcolm e gritar: "Ainda está vivo! O coração está batendo!".[61]

Felizmente Betty tinha testemunhado apenas os primeiros segundos do assassinato do marido. Quando ouviu o estampido do tiro de espingarda ela se virou instintivamente para o palco. "Não havia mais ninguém lá em quem estivessem atirando", disse ela. Mais dois assassinos armados com revólveres avançaram disparando contra Malcolm. Betty diria depois que tinha visto o marido cair no palco debaixo de fogo. Mas outras pessoas viram-na juntar rapidamente as meninas apavoradas e jogá-las no chão, protegidas parcialmente por um banco de madeira e por seu próprio corpo. Enquanto os tiros prosseguiam, Betty gritou: "Estão matando meu marido!". Durante a fuga dos assassinos, as meninas Shabazz começaram a chorar e a falar alto. "Será que vão matar todo mundo?", perguntou uma delas. Betty viu pessoas correrem para o

palco, arrasadas com o que tinha acontecido. Levantando-se finalmente, ela correu em direção ao corpo, soluçando e gritando; amigos tentaram segurá-la, porque estava claramente histérica.[62] Depois de verificar se sua mulher, Joan, estava bem — ela se sentara na frente, perto de alguns repórteres —, Gene Roberts correu para o palco. Percebeu de imediato que Malcolm estava morto, mas ainda assim tentou desesperadamente ressuscitá-lo por respiração boca a boca.[63] Joan Roberts ficara profundamente abalada com o assassinato de Malcolm e o quase assassinato do marido. Chorou descontrolada no táxi a caminho de casa. Quarenta anos depois, Gene Roberts comentou que "o horror do incidente perseguiu-a durante anos".

Enquanto a fumaça flutuava em cima, membros da MMI e da OAAU tropeçavam de um lado para outro do salão, desorientados, atônitos, sem conseguir acreditar no que acabavam de testemunhar. O jornalista Earl Grant, que também era da OAAU, usava um telefone público perto da porta da frente, fazendo uma chamada para solicitar fundos a pedido de Malcolm, quando o primeiro tiro estalou. Ele tentou voltar para dentro, mas foi empurrado pelas pessoas que corriam ao sair do prédio. No momento em que finalmente chegou ao palco, a camisa de Malcolm tinha sido aberta e o sangue lhe cobria o tronco. Grant pegou a câmera de repórter e pôs-se a fotografar.[64] Suas fotos se tornariam as principais imagens da morte de Malcolm X.

Quando Herman Ferguson finalmente conseguiu chegar à entrada principal, viu à sua direita "uma grande comoção na rua... Uma multidão segurava um homem no alto, empurrando-o e puxando-o". Vagando em estado de choque, Ferguson foi parar na esquina da Broadway com a rua 166 Oeste, refletindo sobre "o que eu tinha acabado de ver — a morte de Malcolm". Poucos minutos depois reconheceu irmãos da MMI e da OAAU passando apressados com uma maca de hospital, que empurraram para dentro do prédio. Logo um grupo de policiais e os irmãos voltaram carregando o corpo: "Olhei para Malcolm. Já dava para ver a palidez, a palidez cinzenta do rosto... A camisa estava aberta, o colar e a gravata puxados. Via-se o peito... [e] uma série de cerca de sete furos de bala, furos grandes o suficiente para enfiar o dedo mindinho. E [pensei] comigo que ele não existia mais".[65]

Ferguson ficou minutos parado na esquina, perdido, tentando decidir o que fazer. Nesse momento um carro de polícia, que seguia para o norte pela Broadway, fez uma virada brusca e parou a poucos centímetros. A viatura tinha

dois policiais, um que lhe pareceu "de alta patente" por causa "das tranças douradas no chapéu". Este saiu do carro e entrou no Audubon, voltando logo depois com um homem de pele esverdeada que "obviamente sentia muita dor". Enquanto o homem era tratado no banco traseiro, Ferguson foi até o carro. "Ele estava curvado, segurando o tronco, e tive de me abaixar para ver o seu rosto." Ferguson imaginou que o homem tinha sido baleado; achando que o ferido era "um dos nossos", perguntou o que havia acontecido. A viatura saiu em alta velocidade — mas em vez de dobrar à direita na Broadway para o Hospital Presbiteriano Columbia, o mais próximo, "eles seguiram para o rio [Hudson], do outro lado da rua, descendo a ladeira, e desapareceram de vista".

Quando os frenéticos irmãos da MMI e da OAAU e os policiais com o corpo de Malcolm chegaram ao pronto-socorro do Hospital Presbiteriano, um médico fez imediatamente uma traqueostomia num esforço para ressuscitá-lo. Depois Malcolm foi conduzido ao terceiro andar do hospital, onde outros médicos se puseram a trabalhar. Os médicos sabiam que Malcolm estava muito provavelmente morto quando chegou ao pronto-socorro, mas continuaram a tentar ressuscitá-lo durante quinze minutos, antes de desistir. Às três e meia da tarde num pequeno escritório superlotado de seguidores de Malcolm e de vários jornalistas, um médico anunciou, de maneira estranhamente impessoal: "O cavalheiro que os senhores conheciam como Malcolm X está morto".[66]

Os principais tenentes de Malcolm não testemunharam pessoalmente o tiroteio. Mitchell, Benjamin 2X e James 67X estavam todos juntos nos bastidores. "Ouvi um barulho parecido com rojão", disse o segundo. "Ouvi disparos de arma de fogo... Comecei a transpirar em cada poro do corpo. Eu sabia que ele estava morto." Benjamin tentou levantar-se, mas não conseguiu: "Fiquei sentado, aturdido, olhando pela porta aberta para o corpo no palco... Então, de repente, aquilo se foi, o peso nos ombros, e senti um grande alívio tomar conta de mim, o alívio de Malcolm diante de todos os sofrimentos. A morte acaba as coisas na hora certa. Sejam quais forem os instrumentos usados para causá-la, quando ela chega, chega na hora".[67]

Sara Mitchell achou particularmente interessantes as ações dos discípulos de Malcolm, que se reuniram em volta do corpo: "'Talvez ele ainda consiga', diziam uns aos outros, e para a mulher dele, Betty, e juntos tentavam orar para ele, trazê-lo de volta à vida". Posteriormente, Mitchell reclamou: "Depois dos tiros, minutos terríveis se passaram, e nenhum policial apareceu". Apesar de um dos

principais centros médicos da cidade ficar a poucas quadras de distância, nenhuma ambulância chegou ao Audubon, o que fez com que homens do próprio Malcolm tivessem de ir correndo ao pronto-socorro para buscar uma maca. Várias mulheres "conduziram a atordoada mulher de Malcolm para fora e reuniram as quatro meninas para que fossem levadas para casa. Só então os policiais entraram no prédio". Membros da MMI e da OAAU ficaram indignados quando a polícia finalmente apareceu. "Sua aparição foi tão absurdamente tardia", disse Mitchell, "que uma mulher chorosa gritou e acenou para que fossem embora, dizendo: 'Não tenham pressa; venham amanhã!'."[68]

"Quando os tiros pipocaram", disse James 67X, "Benjamin... se jogou no chão. Eu saí... As pessoas estavam no palco, Malcolm deitado no chão, e vi a vida abandonar seu corpo."[69] Um filme a respeito do que houve em seguida mostra James ajoelhado sobre Malcolm aparentemente removendo alguma coisa do corpo. Então, de maneira inexplicável, sem dar ordens aos subordinados, ou assumir o comando, atravessou rapidamente o que restava da multidão desorientada, passou por vários policiais que chegavam e saiu do prédio. James 67X afirmaria anos depois que sua primeira intenção foi "atirar no [capitão] Joseph" em retaliação.[70]

Os patrulheiros Gilbert Henry e John Carroll tinham sido designados para o pequeno salão Rose, longe do lugar dos tiros. Quando o barulho dos disparos começou, Henry fez uma ansiosa tentativa de pedir reforço policial, mas "não consegui uma resposta" no walkie-talkie. Os dois policiais encaminharam-se para a entrada do Audubon, única rota direta para o salão, mas foram barrados por centenas de pessoas que gritavam e empurravam ao descer para a rua pela escada principal.[71] No meio do caos e da confusão, foi impossível para os policiais identificarem um assassino em fuga.

Aproximadamente às 3h05 da tarde, menos de dois minutos depois dos tiros, o tenente Bernard Mulligan do BOSS soube que Malcolm tinha sido baleado. Os detetives Henry Suarez e Kenneth Egan, do Departamento de Polícia de Nova York, foram despachados imediatamente para a cena do crime.[72]

Minutos depois chegaram ao Audubon, onde encontraram outros policiais tentando desesperadamente restaurar a ordem. Informados de que Malcolm fora levado para o hospital, Suares e Egan seguiram para o hospital, onde falaram

com os detetives Ferdinand "Rocky" Cavallaro e Thomas Cusmano, da 34ª-Delegacia do Departamento de Polícia de Nova York. Os policiais anotaram os nomes de todos que tinham ido do salão de festas para o hospital; também descobriram que, embora o assassinato tivesse ocorrido apenas dez minutos antes, um suspeito ferido, "Tommy Hagan", já estava sendo interrogado na delegacia. Às 3h14 médicos lhes disseram que Malcolm tinha "chegado morto" ao pronto-socorro.[73]

No hospital, Egan e Suarez obtiveram os objetos pessoais encontrados na roupa de Malcolm, catalogando-os cuidadosamente: "Um diário vermelho de 1965 que estava no bolso do paletó tinha três furos de bala; um dispositivo de caneta de gás lacrimogêneo 'Penguin' com dois cartuchos tg-4 para o mesmo, um dos quais estava na caneta para uso imediato".[74]

Pelas 3h35, Cavallaro e Cusmano tinham voltado para o Audubon, onde souberam que uma das armas provavelmente usadas no assassinato, uma espingarda de cano curto J. C. Higgins "envolta num paletó de homem", fora encontrada em cima de uma mesa no fundo do palco do lado esquerdo. Junto com outros policiais, vasculharam os salões vazios em busca de outras provas materiais relacionadas ao crime. Lugares onde havia buracos de bala e outros entulhos balísticos foram devidamente assinalados, e a unidade de fotografia do Departamento de Polícia de Nova York foi chamada. Os investigadores descobriram também que várias outras pessoas tinham sido feridas durante o assassinato, todas levadas depois para o hospital, e assim foram interrogá-las. Willie Harris, membro da OAAU de 51 anos, estava sentado na antepenúltima fila quando a confusão começou. Depois da saraivada de tiros, tentou fugir pela porta principal. Como explicou ao detetive James Rushin: "Fui atingido por uma bala. Saí do salão, procurei um patrulheiro... e disse que tinha sido ferido".[75]

O detetive James O'Connell, do Departamento de Polícia de Nova York, também tomou o depoimento de outro homem que recebia tratamento médico, William Parker, de 36 anos, supervisor de prédios de Astoria, no Queens. Parker levara Nathaniel, o filho de seis anos, ao comício "para ver sobre o que era a reunião". Sentado na terceira fila, perto do corredor do meio, ele agarrou o filho e se jogou no chão ao ouvir o primeiro tiro. Enquanto a fuzilaria continuava, Parker sentiu uma dor aguda no pé esquerdo. Só quando descia a escada com o filho percebeu que tinha sido atingido. Em vista da quantidade de balas disparadas naquele ambiente fechado, é de admirar que, além de ferimentos

menores como esse, Malcolm tenha sido o único morto.[76]

Enquanto os membros da MMI e da OAAU que ficaram no Audubon acompanhavam as fases iniciais da investigação do Departamento de Polícia de Nova York, a maioria dos policiais que estavam na cena do crime parecia indiferente ao fuzilamento. Earl Grant lembrou que os primeiros policiais a entrarem no Audubon "passeavam mais ou menos no ritmo que se poderia esperar quando fazem a patrulha num parque onde nada acontece... Nenhum tinha sacado a arma!". Alguns tiras "até andavam de mão no bolso".[77] Cerca de 150 pessoas que estavam na plateia e tinham fugido para a rua voltaram ao salão. Um negro gritou, na sua frustração: "Não há esperança porra nenhuma para a nossa gente neste país nojento. É preciso lutar contra os brancos nojentos e lutar também contra os negros estúpidos". Uma senhora de idade antilhana disse ao repórter Welton Smith: "Vocês homens não deixem eles escaparem sem pagar. Fizeram mal a Malcolm e vocês não vão deixar eles escaparem sem pagar por isso. Eles não podem nos segurar. E o branco não pode nos segurar. A gente sabe que foi o branco que os incitou". Outro homem, cheio de raiva, declarou a Smith: "Sei que os policiais deram uma mão nisso... Veja como a polícia demorou pra chegar ao salão depois do que aconteceu. Devem ter sido uns dez minutos, e a ambulância levou quase meia hora para vir do hospital que fica do outro lado da rua. E não me diga que foi só coincidência".[78]

A profunda falta de confiança no comportamento nada profissional do Departamento de Polícia de Nova York não era gratuita. A maioria dos policiais de rua desprezava Malcolm, que para eles não passava de um perigoso demagogo racista. Muitos achavam que ele tinha incendiado a própria casa numa espécie de golpe publicitário. Além disso, achavam que, devido à retórica inflamada de Malcolm, era inevitável que o líder negro fosse morto pela própria violência que estimulara. A maioria dos policiais tratou o caso não como um importante assassinato político, mas como um fuzilamento de bairro, num gueto escuro, uma baixa na luta entre duas gangues negras rivais.[79]

Pouco antes das quatro da tarde, James 67X voltou ao Audubon, onde policiais quiseram saber onde estivera. Ele respondeu: "Eu estava indo...". Então James se perguntou: "Como sabem que eu saí?... Devem ter fotografado tudo". Dias depois a polícia lhe mostrou "um mapa dos lugares... onde todo mundo estava sentado no salão do Audubon".[80] A polícia exigiu que James e Reuben X fossem à 34ª- Delegacia, para onde foram levados de carro por um detetive

chamado Kitchman. Aparentemente, Reuben ou James deixaram alguma munição no banco de trás do carro de Kitchman, pois no dia seguinte o detetive encontrou ali balas calibre 32. Reuben foi acusado de assalto e posse de arma no caso dos tiros disparados contra Hayer. Às 8h20, o promotor público de Nova York, Herbert Stern, e o detetive da polícia, William Confrey tiveram uma entrevista com James, que não rendeu muito. Às 8h32 da noite, informou a polícia: "O sr. Warden parou de falar".[81] James foi solto, indo imediatamente para o Hotel Theresa, onde encontrou alguns irmãos da MMI e da OAAU.

Duas horas depois, Stern interrogou Reuben X; os detetives da polícia John J. Keeley e William Confrey assistiram à entrevista. A história de Reuben era apenas um pouco menos obscura do que a de James. Ele disse que "tinha chegado ao salão antes de Malcolm e ficado no fundo do salão". Depois dos tiros, afirmou que "viu dois homens correrem para a saída". Reuben "correu atrás e viu que um tinha sido agarrado pela polícia". Atestou que depois havia "voltado para o salão" e que "não tinha mais nada de valor para acrescentar".[82] Dias depois, Reuben foi solto mediante fiança. "Irmão Reuben" foi imediatamente saudado como "herói" por membros da MMI e da OAAU e outros ativistas negros como o único segurança que teve a coragem de revidar os tiros dos assassinos de Malcolm.

Enquanto isso, no Audubon, a unidade de fotografia do Departamento de Polícia de Nova York desempenhava seu trabalho forense. Os detetives se reuniram informalmente para avaliar as provas que obtiveram, concluindo que as manifestações de rivalidade entre dois "grupos negros que estimulam o ódio" poderia provocar tumultos em todo o Harlem — e ter de abafar um levante desse porte era uma possibilidade que lhes dava mais preocupações do que o isolado assassinato público de um homem negro. Para prevenir qualquer ato de vingança dos partidários de Malcolm, os policiais ordenaram que o restaurante Nation do Harlem fechasse.

Para os detetives que trabalhavam no caso, havia muitos fatos que não faziam sentido. O pedido feito pela equipe de Malcolm para que o destacamento policial de costume ficasse várias quadras afastado do Audubon parecia estranho, assim como a anuência da polícia à luz do recente incêndio da casa.[83] Os detetives também ficaram desconfiados ao saber que quase todos os seguranças da MMI e d a OAAU estavam desarmados e que nenhuma pessoa da plateia tinha sido revistada. Mas o tempo não estava a favor da justiça. Quando a equipe de legistas terminou o trabalho, a administração do Audubon pediu à polícia que

saísse do prédio o quanto antes. Um baile patrocinado por uma igreja negra estava marcado para aquela noite. Notavelmente, a polícia jamais concluiu a análise forense da cena do crime: a parede de trás do palco estava coberta de buracos de bala de diferentes calibres; o sangue de Malcolm ainda cobria parte do palco despedaçado — apesar disso, os policiais concordaram em sair. Pelas seis da tarde, três empregadas limpavam o sangue de Malcolm, arrumavam as cadeiras e limpavam o piso. O animado baile da festa de aniversário de George Washington foi de fato realizado no salão do Audubon, como anunciado, às sete da noite, apenas quatro horas após o assassinato.[84]

Enquanto isso, o FBI tentava juntar as peças de sua interpretação dos fatos. Pelo menos cinco informantes secretos estavam no salão no momento dos tiros. Um deles informou que o primeiro a atacar tinha sido um homem em pé na primeira fila ou ali perto. Ele "pôs a mão esquerda no bolso esquerdo e puxou alguma coisa. Depois estendeu o braço na direção de Malcolm X". Segundo esse informante, Malcolm "disse, agitado: 'Não faça isso' e recuou para a esquerda". O primeiro pistoleiro fez então quatro ou cinco disparos.[85]

Outro informante, Jasper Davis, localizou o distúrbio inicial na sétima ou oitava fila a contar do palco. Outros homens sentados perto dos dois que brigavam também se levantaram, "aumentando a confusão". Só então, informou Davis, ele escutou "um tiro vindo da frente do salão".[86] Um terceiro informante calculou que de quatro a cinco indivíduos participaram do tiroteio. Dois pistoleiros "passaram por ele" correndo, e dois outros correram "pelo salão".[87] Um memorando do FBI com data de 22 de fevereiro descreve Reuben X Francis como tendo "atirado num dos supostos chamarizes", o que sugere que o FBI achava que Hayer era um dos dois homens envolvidos na confusão inicial de pouco antes do primeiro tiro. O mesmo memorando informa que outros quatro indivíduos também tinham sido atingidos. Horas depois do tiroteio, acrescentou um informante, "membros de confiança da MMI se reuniram no Hotel Theresa", onde James 67X "declarou que nunca tinha dirigido uma organização mas faria o que pudesse para preservar a ideia e manter o programa vivo. Ele disse que o grupo aprendera uma lição, e que agora precisava reforçar a segurança tanto de membros como de líderes, e por fim declarou: 'Estamos em guerra'".[88]

Outra importante prova do FBI estava ligada a Ronald Timberlake, membro d a OAAU e informante infiltrado.[89] Horas depois do tiroteio, Timberlake telefonou para o escritório do FBI em Nova York informando que tinha em seu

poder uma das armas assassinas. Deixou claro que só entregaria a arma para o FBI, e não para o Departamento de Polícia de Nova York. No dia seguinte, porém, 22 de fevereiro, ele fez um relato do assassinato para a polícia, especificando que chegara ao Audubon aproximadamente às 2h10 da tarde do dia anterior, onde "ficou um tempo no fundo do salão". Quando a confusão na plateia começou, Malcolm instruiu as pessoas que permanecessem em seus lugares. Tiros foram disparados contra Malcolm por quatro ou cinco assaltantes, que depois tentaram fugir. Timberlake afirmou que tinha atirado uma cadeira contra o atirador mais próximo. Sua descrição do homem que tentou deter era minuciosa: negro, 1,80 metro de altura, trajando um sobretudo de tweed cinza-escuro e calças azuis. Timberlake tropeçou nele e os dois rolaram pelo chão. Um segundo pistoleiro que Timberlake também descreveu como negro, de aproximadamente vinte anos e 1,70 metro de altura, trajando jaqueta três quartos marrom-escura, pulou por cima deles e fugiu pela escada central e, em seguida, pela porta da frente. Segundos depois, quando as pessoas já tinham congestionado a escada, Timberlake sacou a arma, mas não conseguiu localizar os outros atiradores ou sequer sair pela porta da frente. Pôs o revólver no bolso e voltou ao salão para procurar o sobretudo. Depois de esperar alguns minutos, simplesmente foi embora para casa. Mais tarde, ele identificaria "Tommy Hagen [Hayer]" como um dos dois pistoleiros que tinha visto.[90]

A notícia do assassinato de Malcolm foi divulgada pela mídia em questão de minutos, nacional e internacionalmente. Na sede da Nação do Islã em Chicago, Elijah Muhammad ficou chocado, segundo relato de um neto. "Ó meu Deus...!", teria murmurado Muhammad. O rompimento emocional com seu discípulo "perdido-achado" finalmente tivera um fim trágico. "Sabem de uma coisa, eu gostaria mesmo era de ir para casa agora", disse Muhammad ao neto e a outros subordinados da NOI.[91] Foi uma decisão sábia. Sem dúvida a fiel força de segurança de Muhammad, o Fruto do Islã, percebeu que o assassinato de Malcolm certamente deflagraria um ato de violência retaliatória contra seu líder. O escritório de Chicago, apesar de protegido por um grupo de homens altamente treinados, poderia ser de difícil defesa contra um assalto frontal: já a mansão de Muhammad em Hyde Park tinha sido construída para ser praticamente inexpugnável. Diversos membros da família e outros seguidores

devotos tinham residências perto dela, de modo que os seguranças da NOIpodiam rondar rotineiramente as calçadas em volta da propriedade. Muhammad e seus conselheiros retiraram-se para a fortaleza e aguardaram.

A terrível notícia do assassinato de Malcolm chegou rapidamente a Alex Haley em sua casa no norte do estado de Nova York. Menos de duas horas depois, sua dor foi posta de lado por considerações práticas. Haley datilografou uma carta para Paul Reynolds, temendo que seu lucrativo negócio pudesse estar em perigo. "Nenhum de nós desejaria que fosse assim", escreveu Haley, "mas como este livro representa a única herança financeira de Malcolm para a mulher e as quatro filhas pequenas... fico feliz de saber que está pronto para ir ao prelo agora no auge do interesse, para o que serão grandes vendas internacionais, e edições em brochura, e tudo o mais." Também avisou a Reynolds que a Doubleday deveria preparar-se para um possível problema financeiro:

> Tenho quase certeza de que nos próximos dois ou três dias a viúva de Malcolm, irmã Betty, me procurará para pedir adiantamento da Doubleday ou de qualquer outro que seja possível a fim de ajudá-la a atravessar as dificuldades das próximas semanas. Ela está sem casa desde a semana passada, mudaram-se no meio da noite, antecipando-se ao despejo legal do dia seguinte para devolver a casa aos muçulmanos. E Malcolm, falando comigo ontem, disse que tinha "duzentos ou trezentos dólares", que seriam todo o dinheiro de que Betty dispõe.[92]

Poucos dias depois, Haley teve outra ideia. Noutra carta para Reynolds, ele sugeriu: "Talvez uma revista esteja disposta a pagar bem por uma entrevista de Elijah Muhammad. Eu poderia conseguir". Haley propôs algo na linha de suas entrevistas anteriores com Malcolm e Martin Luther King Jr., para a Playboy. Haley garantiu a Reynolds que não correria nenhum risco pessoal nessa missão. "Sei que não haverá perigo pelo lado da cerca da facção de Muhammad; eles vão querer que eu faça. Associam meu nome com a grande publicidade, feita dignamente, de que precisam desesperadamente." Alguns amigos de Malcolm poderiam "ficar exasperados por eu estar em Chicago com Muhammad", mas era possível lidar com eles. "Primeiro arranje o contrato", aconselhou Haley; depois ele entraria "em contato com irmã Betty e com dois assessores próximos de Malcolm para lhes dizer que tenho uma encomenda, é um trabalho profissional". Outro benefício para Haley seria manter a linha de comunicação com a cúpula da Nação. "Isso me dará a oportunidade de dizer a Muhammad coisas que eu

gostaria de dizer com relação ao livro — que ele não é atacado como talvez pense, e que na verdade é elogiado por Malcolm." Haley insistia em que "alguns outros escritores podem agora ter mais 'nome' (Baldwin, Lomax, Lincoln)... [mas] a verdade é que eu tenho o melhor acesso interno à confiança dos muçulmanos". Nada resultou dessas propostas, e os temores de Haley e Reynolds eram perfeitamente justificados. Dentro de duas semanas, numa decisão terrivelmente imprudente, o dono da Doubleday, Nelson Doubleday, cancelou bruscamente o contrato.[93]

No dia do assassinato, o "aplicador da lei" da NOINorman Butler ainda estava em liberdade condicional pela morte de Benjamin Brown. Naquela manhã ele visitou um médico em busca de tratamento para lesões na perna, resultado de violenta surra que tomara durante sua recente prisão. Butler passara a maior parte do domingo assistindo à tv em casa. Quando viu as notícias do assassinato de Malcolm telefonou para a Mesquita nº 7 e, finalmente, conseguiu falar com o capitão Joseph, que o aconselhou enfaticamente a se deixar ver por outras pessoas o quanto antes — ir à loja da esquina "comprar uma garrafa de leite", falar com vizinhos de prédio e assim por diante.[94] Butler decidiu não seguir o conselho de Joseph; afinal de contas, não esteve na cerimônia do Aubudon. Jogou-se de novo na cadeira e continuou a assistir à tv.[95] Essa decisão lhe custaria duas décadas de vida.

Thomas 15X Johnson, assim como Butler, não sabia que Malcolm "seria morto naquele domingo". Na época, vivia num apartamento de último andar em frente ao zoológico do Bronx. Um vizinho ligou para Johnson e gritou: "Ligue a tv... Big Red acabou de ser morto!". Depois do fuzilamento de Benjamin Brown e da prisão de Johnson, o capitão Joseph proibira Johnson de assistir às cerimônias da Mesquita nº 7. Durante semanas, Joseph tivera encontros privados com ele, dando-lhe ordens. Johnson não ficou nem um pouco surpreso com o assassinato de Malcolm: "Eu já sabia — John Ali falou".[96] Sentiu-se feliz por saber que Malcolm, enfim, estava morto.

Em Detroit, na Mesquita nº 1 da Nação do Islã, o irmão mais velho de Malcolm, Wilfred X Little, conduzia uma cerimônia aquela tarde de domingo quando recebeu a notícia do assassinato. A notícia o abalou terrivelmente, mas ele prosseguiu. Ao encerrar a cerimônia, anunciou solenemente aos fiéis que Malcolm tinha sido assassinado. Algumas pessoas tinham conhecido seu irmão anos antes, quando ele ainda era seu enérgico ministro assistente. "Não faz

sentido deixar-se levar pela emoção", disse o ministro Wilfred ao rebanho.[97] "É este o tempo em que vivemos. Quando morremos, nossos problemas acabam. Problemas têm os que vivem."

Naquela tarde de domingo no norte da Califórnia, Maya Angelou conversava ao telefone com a amiga Ivonne. Angelou lembra-se de que "não havia ânimo na voz [de Ivonne]" quando ela disse: "Esses negros aqui são malucos, quero dizer, malucos mesmo. Do contrário, por que acabam de matar aquele homem lá em Nova York?". Sem acreditar, Angelou ainda conseguiu colocar o telefone numa mesa. Entrou no quarto e trancou a porta. "Não precisei perguntar", disse. "Eu sabia que 'aquele homem lá em Nova York' era Malcolm X e que alguém tinha acabado de matá-lo." De manhã, na cama, a primeira coisa que pensou foi que "tinha voltado da África para dedicar minhas energias e minha inteligência à OAAU, e agora Malcolm estava morto".[98]

16. Vida depois da morte

O corpo de Malcolm Little estava nas mãos do dr. Milton Helpern na manhã de segunda-feira, 22 de fevereiro de 1965. Médico legista veterano, Helpern tinha dirigido mais de 12 mil autópsias, e participado de outras 50 mil.[1] Enquanto o estenógrafo Frank Smith transcrevia os comentários especializados de Helpern, a autópsia prosseguia: "O corpo é o de um homem adulto de cor, 1,90 metro de altura, 80,74 quilos na balança. Há uma ligeira calvície frontal. Há um largo bigode de cor castanha, também um cavanhaque de pelos castanhos com fios brancos". Fisicamente, Malcolm estava em boas condições: esbelto, mas musculoso. "As mãos são bem desenvolvidas. As unhas, bem aparadas." Examinando a cabeça, Helpern determinou que não houve hemorragias no couro cabeludo. O cérebro de Malcolm era "pesado, com 1700 gramas". Uma parte do cérebro foi tirada, não revelando "nenhuma anormalidade".[2]

Helpern inspecionou as provas fornecidas pelos múltiplos ferimentos de bala. A maior parte dos danos foi causada pelo tiro inicial de espingarda, incluindo dois ferimentos no antebraço direito, e mais dois na mão direita. A força do disparo perfurara o peito, rasgando "a cavidade torácica, o pulmão esquerdo, o pericárdio, o coração, a aorta, o pulmão direito". Ferimentos de bala de revólver espalhavam-se pelo resto do corpo: vários na perna direita, um chumbo despedaçara o indicador esquerdo e os dedos médios, um fragmento de chumbo incrustado no lado direito do queixo, um "ferimento de bala na coxa esquerda" que se estendia "através do osso inominado até a cavidade peritoneal, penetrando os intestinos, o mesentério e a aorta". Helpern metodicamente contou 21 ferimentos separados, dez produzidos pelo disparo inicial. A prova forense indicava que três armas diferentes tinham sido usadas — uma espingarda de cano curto, uma 9 mm automática e um revólver 45, provavelmente Luger. Helpern separou chumbos e balas para a realização de mais testes pelo escritório de balística do Departamento de Polícia de Nova York.[3]

A versão da polícia para o assassinato era simples. A morte foi a culminação de uma briga de quase um ano entre dois grupos negros que estimulavam o ódio. O Departamento de Polícia de Nova York tinha duas prioridades em sua

investigação: a primeira era proteger a identidade de seus policiais à paisana e de seus informantes, como Gene Roberts; a segunda era entrar com processos bem-sucedidos contra membros da NOIcom histórico de violência. O apressado e caótico tratamento das provas forenses na cena do crime sugere que tinha pouco interesse em solucionar o homicídio.

Desde o início, a polícia concentrou sua atenção em Norman 3X Butler e Thomas 15X Johnson, os dois tenentes da NOIque acreditava terem participado do ataque a tiros contra Benjamin Brown no Bronx. A hipótese da morte de Malcolm era de que Butler foi o segundo pistoleiro, junto com Hayer. Johnson foi supostamente o atirador de espingarda, apesar de ser talvez dez centímetros mais alto e ter pele mais clara do que o escuro e encorpado Willie Bradley. Apesar disso, as suspeitas da polícia não eram inteiramente infundadas. Vários membros da OAAU e da MMI localizaram Butler ou Johnson no Audubon no dia do assassinato. George Mathews, que pertencia aos dois grupos, informou a um detetive do Departamento de Polícia de Nova York que "Butler parecia ser um dos homens que tiveram a altercação, mas que não jurava".[4] Um "número não especificado" de testemunhas viu Butler em filas de suspeitos e duas afirmaram que ele estava dentro do salão no dia do tiroteio.

Mas a prova mais intrigante contra Butler veio de Sharon 6X Poole, a secretária da OAAU de dezoito anos com quem Malcolm se envolvera secretamente nas semanas anteriores. Poucos minutos depois dos tiros, ela disse a um repórter que um dos assassinos era, sem dúvida, membro da Mesquita nº 7 do Harlem.[5] Sharon estava sentada na primeira fila quando o tiroteio começou, e se jogou no chão como quase todo mundo. Disse que ainda era capaz de identificar um dos assassinos como um homem de terno marrom que pertencia à NOIdo Harlem.

Em 26 de fevereiro, a polícia prendeu Butler em sua casa e o levou de carro para ser interrogado numa delegacia, o que levou o Times e outros jornais do país a afirmarem que a polícia estava solucionando o caso.[6] No dia seguinte, sem ser contatada previamente, Sharon 6X telefonou para o Departamento de Polícia de Nova York e apresentou o que parecia uma história convincente. Mais uma vez explicou que estava sentada na primeira fila quando o tiroteio começou. Ela "viu Malcolm ser baleado, levar as mãos ao peito e cair para trás". Um dos atiradores que passaram por ela correndo de arma na mão era parecido com "as fotos de Norman Butler" que ela tinha visto nos jornais. Descreveu Butler como

um homem de "35 anos, 1,82 metro de altura, físico regular, 75 quilos, pele morena... [O] elemento disparava sua arma em todas as direções numa tentativa de sair do recinto". Sharon 6X também disse à polícia que "todos os guardas [da MMI] tinham recebido ordem para não portar nenhuma arma, quer dizer, todos menos Reuben Francis".[7]

Suas declarações concentravam-se na Mesquita nº 7 do Harlem, mas a polícia jamais examinou as possíveis ligações de Sharon com membros da mesquita de Newark. Depois de entrar no salão na tarde do assassinato, Sharon 6X sentou-se na primeira fila perto de Linwood X Cathcart, da NOIde Nova Jersey, cuja presença perturbou membros da MMI que o reconheceram. A ocupação dos lugares pode ter sido coincidência, mas é difícil acreditar nisso diante dos indícios posteriores relacionados a Sharon e Cathcart. Mais de quarenta anos depois do assassinato, Cathcart e Sharon 6X Poole Shabazz vivem juntos na mesma residência de Nova Jersey, e Shabazz tem guardado absoluto silêncio sobre suas relações com Malcolm X e com Cathcart.[8]

Um júri de acusação foi convocado em 1º de março, e a promotoria pública de Nova York apresentou vigorosamente a teoria de que apenas três homens — Hayer, Johnson e Butler — tinham cometido o assassinato. Johnson foi preso em 3 de março. Testemunhas também disseram tê-lo visto no Audubon. O repórter fotográfico Earl Grant forneceu ao Departamento de Polícia de Nova York detalhes importantes sobre o assassinato que lhe tinham sido confiados por um colega da MMI, Charles X Blackwell, um dos que guardavam a tribuna na hora do assassinato. Em 8 de março, Grant disse à polícia que Blackwell viu um assassino "fugir da área de cadeiras para o banheiro feminino localizado no lado leste do salão". Blackwell "acha que essa pessoa [Thomas Johnson] está presa por esse crime — ele conhece Johnson de reuniões anteriores". Blackwell também identificou "outra pessoa que conhece como Benjamin, de Paterson ou Newark, sentada mais ou menos na terceira fila do lado esquerdo".[9] Embora a polícia estivesse satisfeita por Johnson ter sido visto na cena do crime, o fato de Blackwell identificar Ben X Thomas, da mesquita de Newark, um dos verdadeiros assassinos, não foi investigado. Em 10 de março, o júri de acusação determinou que Hayer, Butler e Johnson tinham "deliberada, criminosa e dolosamente" matado Malcolm X.[10]

A polícia tinha consciência de que os muçulmanos de Nova Jersey podiam estar envolvidos no assassinato. Guardas da MMI mencionaram a presença de

Linwood Cathcart no grande salão, e ele foi entrevistado pelo Departamento de Polícia de Nova York em 25 de março;[11] Robert 16X Gray, da mesquita de Newark, fora entrevistado três dias antes.[12] Mas a polícia não investigou sistematicamente os vínculos de Hayer com a mesquita de Newark, nem se empenhou em explicar por que ele se associou a Butler e Johnson, dois funcionários mais graduados da NOIque ficavam no Harlem. Aparentemente a polícia não levou em conta que o protocolo da NOIjamais permitiria que "aplicadores da lei" da mesquita do Harlem assassinassem Malcolm à luz do dia, porque esses homens certamente seriam reconhecidos por muita gente na plateia. A pasta de Joseph Gravitt no Departamento de Polícia de Nova York está vazia, indicando talvez que quaisquer provas obtidas do capitão da Mesquita nº 7 foram destruídas anos atrás.[13]

Dentro das organizações de Malcolm, logo se suspeitou da afirmação do Departamento de Polícia de Nova York, e passou-se a sussurrar sobre a possibilidade de um serviço interno. Desde o dia do assassinato, algumas pessoas da MMI começaram a rever a opinião de que Reuben X Francis tinha sido o herói do dia por atirar em Talmadge Hayer. Se a polícia fora solicitada a transferir o destacamento na frente do Audubon para um ponto a várias quadras de distância, só duas pessoas, além de Malcolm, teriam autoridade para negociar a retirada: James 67X e Reuben. Além disso, muitos começaram a se perguntar por que Charles X Blackwell e Robert 35X Smith foram destacados para proteger Malcolm aquele dia, se nenhum dos dois tinha muita experiência numa posição defensiva avançada, e se o guarda de tribuna rotineiro, William 64X George, estava presente mas montando guarda na porta. A posição de Reuben como chefe da segurança de Malcolm, responsável por entender-se com a polícia e arranjar destacamentos para a proteção de Malcolm, fez alguns irmãos acreditarem que ele talvez tivesse participado do assassinato.

Gerry Fulcher estava convencido de que Reuben Francis "foi o cara. Ele organizou tudo. E quis dar no pé quando viu que a coisa ia esquentar. Acabariam chegando a ele". A maior dúvida de Fulcher era saber se Francis era informante do FBI ou do Departamento de Polícia de Nova York. Se Francis participou, acredita Fulcher, "ele tinha que ter contatos dentro da agência [fbi], ou com nosso escritório". Mas o papel de Francis continua incerto; até os registros da polícia são pouco claros, porque o BOSS e o FBI raramente revelam informações importantes sobre informantes. "A última coisa que o FBI diria ao BOSS", afirmou

Fulcher, "é que Francis era informante."[14]

Francis começou a dizer a outras pessoas que a situação não era boa para ele permanecer em Nova York. Solto mediante o pagamento de 10 mil dólares de fiança, começou a manifestar temores de que promotores públicos o processassem por ter atirado em Hayer, por isso resolveu sair do país.[15] Anas Luqman, que também tinha sido arrastado pela polícia e depois libertado, achava que isso fazia sentido, e os dois homens prepararam um plano para dirigir até a fronteira do México e se esconder no deserto. Francis recrutou mais três homens ligados à NOIque, por diferentes razões, também queriam deixar os Estados Unidos. Luqman insistiu para que um deles, um rapaz de dezessete anos, ficasse. "Então saímos dirigindo", lembrava-se Luqman, mais de quarenta anos depois. Após vários dias de estrada o grupo atravessou a fronteira.

Os homens de Malcolm tendo ou não desempenhado algum papel em sua morte, quase todos os malcolmistas estavam convencidos do amplo envolvimento das instituições policiais e do governo americano. Numa entrevista em 1968, Peter Bailey acusou o Departamento de Polícia de Nova York e o FBI de "saberem que o destino do irmão Malcolm estava destinado a ser assassinado". Bailey achava que tanto Thomas Johnson como Norman Butler eram inocentes. Embora não tivesse testemunhado o tiroteio — aguardava no andar de baixo a chegada do reverendo Galamison —, ele desenvolveu uma forte teoria sobre como ocorreu o assassinato. "Acho que o irmão Malcolm foi morto por assassinos profissionais", disse, "não por amadores." Bailey duvidava que "os muçulmanos fossem capazes de fazê-lo".[16] Consequentemente, a maioria dos membros da OAAU e da MMI resolveu não colaborar com a polícia. Não compreenderam que havia uma acirrada competição, e um clima de desconfiança, entre a polícia e o FBI. Mesmo dentro do Departamento de Polícia de Nova York, o BOSS operava acima da lei, protegendo seus próprios agentes e informantes pagos do resto da força policial. Consequentemente, não havia uma estratégia unificada de policiamento que pudesse atrapalhar a investigação da morte de Malcolm. No fim, a cooperação com os detetives da polícia talvez tivesse aumentado a probabilidade de os verdadeiros assassinos de Malcolm prestarem contas à justiça.

No fim das contas, a versão policial dos acontecimentos ganhou credibilidade com a exploração sensacionalista, pela mídia, da imagem de Malcolm inimigo dos brancos. Uma reportagem do New York Times, por exemplo, trazia o título

"Malcolm X vivia em dois mundos, preto e branco, ambos amargos".[17] Num editorial, o Times descreveu Malcolm como "um homem extraordinário e complicado, que canalizou para o mal muitos talentos genuínos... Malcolm X tinha todos os ingredientes de liderança, mas sua crença impiedosa e fanática na violência não só o afastou dos líderes confiáveis do movimento de direitos civis e da esmagadora maioria dos negros. Ela também o destinou à notoriedade, e a um fim violento". O editorial sugeria que o rompimento de Malcolm com a NOIfora motivado por ciúmes, mais do que por divergências políticas ou éticas. Também dava a entender que nacionalistas negros radicais, da Nação ou de qualquer outro grupo, foram os responsáveis pelo assassinato. "O mundo que viu através de seus óculos de armação de chifre era deformado e sombrio", concluía o editorial. "Mas ele o tornou ainda mais sombrio com sua exaltação do fanatismo. Ontem, alguém saiu dessa treva produzida por ele e o matou."[18]

Dias depois, a revista Time não deixou dúvida sobre o que achava: "Malcolm X tinha sido gigolô, viciado em cocaína e ladrão. Era um demagogo descarado. Seu evangelho era o ódio". A revista também concordava com a teoria do assassinato oferecida pelo Departamento de Polícia de Nova York. "O assassinato de Malcolm, quase certamente, veio das mãos dos muçulmanos negros que ele desertara." Mas não bastava condenar Malcolm em termos ideológicos; Time inventou uma história para ridicularizar-lhe o caráter. O programa de domingo à tarde no Audubon tinha começado atrasado, declarou a revista, porque Malcolm "caracteristicamente fizera seus partidários esperarem quase uma hora, enquanto tomava chá e comia uma banana split num restaurante do Harlem ali perto".[19]

Outras publicações expressaram sentimentos parecidos. O Saturday Evening Post, em seu obituário, foi mais sensível do que a maioria, mas se mostrou frustrado e confuso com o líder negro assassinado. "O hediondo assassinato de Malcolm X levou muita gente a tentar uma avaliação desse jovem demagogo violento e desconcertante. Terá sido sua morte parte inevitável da luta pela igualdade do negro?", perguntava o obituário. "Sua morte parece mais um martírio do que uma execução no submundo das gangues. Mas os americanos já estão cansados de assassinatos, cansados da solução de conflitos pela violência."[20]

O título da reportagem inicial do New York Herald Tribune, que saiu naquele domingo mas com primeira edição datada de 22 de fevereiro, dizia: "Malcolm X assassinado por pistoleiros enquanto quatrocentos assistem no salão:

polícia resgata dois suspeitos". O texto dizia que Hayer fora "levado para uma cela na Prisão de Belevue e trancafiado por uma dezena de policiais. O outro suspeito foi levado para o distrito policial da avenida Wadsworth, para onde as mais altas patentes policiais acorreram imediatamente".[21] Horas depois, na última edição do Herald Tribune, o subtítulo da reportagem foi trocado para "Polícia resgata um suspeito". As referências a um segundo suspeito levado para o distrito policial da avenida Wadsworth foram eliminadas.[22] Posteriormente, nacionalistas negros e trotskistas acusariam o Departamento de Polícia de Nova York de "acobertar" o próprio envolvimento no assassinato eliminando provas e testemunhas, incluindo a captura de um assaltante que talvez fosse um agente do BOSS.[23] A polícia e os jornalistas da grande imprensa como Peter Goldman ridicularizaram essas conjeturas. Goldman atribuiu a confusão ao fato de que repórteres interrogaram o policial Thomas Hoy "na cena do crime e Aronoff na delegacia", sem perceberem que os dois "falavam do mesmo homem... [A confusão] durou o suficiente para criar todo um folclore em torno da 'prisão' de um misterioso segundo suspeito — mitologia que sobrevive até hoje".[24] No entanto, o relato de Herman Ferguson em 2004 sobre um segundo homem que tinha sido baleado e levado pela polícia dá alguma credibilidade à versão do "segundo suspeito". Se um informante ou detetive do FBI ou do BOSS levou um tiro, ou fez parte do grupo de assassinato, é quase certo que a polícia jamais permitiria que sua participação se tornasse pública. Outra possibilidade era a presença de mais de um grupo de assassinos no salão naquele domingo. Apesar de Ferguson e muitas testemunhas terem visto três atiradores, alguns observadores, incluindo informantes do FBI, afirmam que eram quatro ou mesmo cinco.

Vinte e quatro horas depois do assassinato, quase todas as organizações nacionais de direitos civis tinham se distanciado de Malcolm e dos sangrentos acontecimentos do Audubon. Para Martin Luther King, por exemplo, o assassinato de Malcolm "revelou que nossa sociedade ainda é doente o bastante para manifestar divergências matando. Não aprendemos a ser contra sem sermos violentamente contrários". O líder da NAACP Roy Wilkins lamentou a "morte brutal" de Malcolm como "manifestação chocante e horrenda da inanidade de recorrer-se à violência como forma de resolver diferenças". Falando em nome do SNCC, o jovem militante dessegregacionista Julian Bond informou ao New York Times: "Acho que a morte de Malcolm, ou de qualquer homem,

não pode influenciar nossa crença arraigada na não violência".[25]

De Londres, James Baldwin respondeu vinculando o crime ao envolvimento do governo dos Estados Unidos. "Quem quer que o tenha cometido", conjeturou, "foi formado no cadinho do mundo ocidental, da república americana."[26] Muito mais explícito foi James Farmer, do CORE, que estava bem a par da metamorfose de Malcolm e manifestara dúvidas sobre se o assassinato do líder era resultado de uma rixa com a Nação do Islã. "Acho que foi um assassinato político", declarou. Dificilmente era "por acaso que sua morte tenha ocorrido numa época em que suas opiniões mudavam [na direção da] corrente dominante do movimento de direitos civis". A insistência de Farmer para que houvesse uma "investigação federal do assassinato", porém, praticamente não recebeu apoio. Para o público, estava claro que a Nação do Islã era responsável pela morte.[27]

A morte de Malcolm provocou uma reação em cadeia de violência e intimidação que manteve seus partidários sob o regime do medo e deixou suas organizações em ruínas. Na noite do assassinato, houve um princípio de incêndio no apartamento de Muhammad Ali, mas depois se descobriu que tinha sido acidental. Ali informou à imprensa que Malcolm fora seu amigo "enquanto era membro do [Nação do] Islã. Agora não quero falar sobre ele". Talvez ainda suspeitando do incêndio em seu apartamento, Ali protestou: "Todos ficamos chocados com o modo como [Malcolm] foi morto". Negou que Elijah Muhammad, ou outras pessoas da NOI, estivessem envolvidas no assassinato.[28]

Dois dias depois, no começo da manhã de 23 de fevereiro, grupos não identificados subiram ao telhado de um prédio vizinho da Mesquita nº 7 e jogaram coquetéis molotov no quarto andar da mesquita, provocando um incêndio que logo ficou impossível de controlar, com chamas erguendo-se até dez metros de altura. O fogo rapidamente se espalhou para a vizinha Igreja Getsêmani de Deus em Cristo, e em pouco tempo 75 bombeiros lutavam desesperadamente para apagá-lo. Quando um pedaço da mesquita caiu, cinco bombeiros e um civil foram feridos. Dentro de uma hora, toda a parte interna do prédio estava destruída. O Fruto do Islã foi convocado, e não demorou para que cerca de trezentas pessoas parassem para ver o incêndio. Enquanto a multidão crescia e as emoções se intensificavam, a polícia, preocupada, pediu reforço.[29] No gélido ar da noite, Larry 4X Prescott agasalhou-se junto do capitão Joseph, que se

pusera a chorar. Foi um choque para Larry ver o quase estoico e profundamente reservado Joseph assoberbado pela dor.[30]

A destruição da mesquita fortaleceu a convicção pública de que uma guerra aberta de gangues era iminente. A polícia passou a vigiar a mesquita da Nação no Brooklyn e suas dez empresas no entorno; a mesquita do Queens também recebeu a mesma proteção. Em Chicago equipes faziam vigília 24 horas para proteger a vida de Muhammad, ainda enclausurado na mansão de Hyde Park.[31] O capitão Joseph descreveu o incêndio no Harlem como "um ataque perverso e insidioso... A pior coisa que alguém pode fazer é mexer com o templo religioso de outro".[32]

A Nação iria se vingar não nas ruas do Harlem, mas em Chicago, na convenção do Dia do Salvador. Durante os preparativos, administradores trabalharam em estreita colaboração com a polícia de Chicago para tomar medidas extraordinárias de segurança em torno do salão de convenção. Uma brigada antibomba da polícia inspecionou criteriosamente as instalações; todos passaram por barreiras policiais antes de entrar. O próprio Elijah Muhammad "não fará um movimento sem estar acompanhado de pelo menos seis seguranças da sua brigada, o Fruto do Islã", informou o Chicago Tribune.[33] Duas mil pessoas estavam presentes quando a convenção começou em 26 de fevereiro. A cerimônia foi orquestrada como um triunfo dos vitoriosos. "Malcolm era um hipócrita que recebeu aquilo que pregava", proclamou Muhammad. "Poucas semanas atrás veio a esta cidade para disparar uma rajada de ódio e injúrias. E não se contentou com isso; saiu pelo país tentando me caluniar."[34]

A plateia assistiu ao espetáculo de Wallace Muhammad e dos irmãos de Malcolm, Wilfred X e Philbert X, subindo ao palco para pedir perdão e jurar lealdade ao Mensageiro. Wallace disse que esteve confuso, que tinha sido um erro abandonar a Nação e o pai. Em lágrimas, anunciou que "só Deus estava em posição de julgar uma figura tão excelsa" como Elijah Muhammad. Lendo textos preparados para eles, Wilfred e Philbert denunciaram o irmão morto por "seus erros" e deixaram claro que não assistiriam ao sepultamento. Wilfred declarou à convenção: "Não devemos permitir que nosso inimigo natural, o homem branco, se coloque entre nós [para] nos levar a matar uns aos outros. A notícia da morte de meu irmão me chocou, mas do fundo do coração pedi a Alá que me fortaleça como seguidor de Elijah Muhammad".[35]

Em Nova York surgiram graves questões sobre como Malcolm deveria ser

sepultado. Pelos preceitos islâmicos, a autópsia fora uma profanação do corpo. A tradição muçulmana exige também o enterro imediato do morto, e quando a convenção do Dia do Salvador começou o cadáver de Malcolm já estava exposto havia quatro dias na funerária Unity do Harlem, trajando um terno de estilo ocidental. Desde a terça-feira, 30 mil pessoas tinham ido prestar uma última homenagem. Ao longo da semana, Betty e seus amigos haviam falado com mais de dez igrejas do Harlem, incluindo a Igreja Batista Abissínia de Adam Clayton Powell, em busca de um lugar onde pudessem realizar os últimos ritos; todas se negaram, temendo uma retaliação da NOI. Finalmente, a Igreja Templo da Fé de Deus em Cristo, na avenida Amsterdam, no oeste de Harlem, concordou em ceder o auditório. Em poucas horas a igreja recebeu seguidas ameaças de bomba, mas a cerimônia foi realizada sem incidentes. Antes do funeral, o sheik Ahmed Hassoun preparou e enrolou o corpo de Malcolm num kafan, a tradicional mortalha muçulmana.[36]

Mais de mil pessoas lotaram a Igreja do Templo da Fé no sábado, 27 de fevereiro, para assistir ao sepultamento de Malcolm. Alguns líderes de movimento apareceram — Bayard Rustin, James Farmer, Dick Gregory, além de John Lewis e James Forman do SNCC —, mas a maioria manteve distância, provavelmente temendo violência. Adam Clayton Powell Jr. não esteve presente, nem a maioria dos líderes cívicos do Harlem. Betty pedira a Ossie Davis e Ruby Dee que presidissem o programa, e os dois leram em voz alta dezenas de mensagens de pêsames de dignitários como King, Whitney Young e Kwame Nkrumah.[37] Mas foi o monólogo de Davis sobre o significado da vida de Malcolm para os negros do Harlem que empolgou a imaginação do público, e, nas décadas seguintes, superaria tudo o mais que ocorreu naquele dia. Usando anotações rabiscadas na mesa da cozinha de sua casa, Davis disse estas palavras:

> Muitos hão de se perguntar por que o Harlem acha que este jovem capitão, valente, tempestuoso e controvertido deve ser enaltecido — e nossa resposta será um sorriso... Diremos: Os senhores chegaram a conversar com o irmão Malcolm? A tocá-lo, a receber um sorriso dele? Se o tivessem conhecido, saberiam por que é preciso honrá-lo: Malcolm era nossa virilidade, nossa negra e atuante virilidade... E então ele será visto pelo que foi, pelo que é: um príncipe — nosso esplêndido príncipe negro — que não hesitou em morrer, porque tão grande era o seu amor por nós.[38]

Terminada a oração fúnebre de Davis, Betty foi até o caixão para ver o marido pela última vez. Acompanhada por dois policiais à paisana, ela se curvou

e beijou a tampa de vidro colocada sobre o corpo. Nesse momento, desfez-se em lágrimas. O cortejo, que incluía três carros com a família, vinte viaturas policiais e dezoito carros com outros amigos, partidários e admiradores, seguiu em direção norte para o Condado de Westchester. Cerca de 20 mil pessoas enfrentaram o frio severo ao longo da rota para o cemitério. Apenas duzentas, incluindo jornalistas, foram autorizadas a chegar perto do túmulo. Depois das últimas orações, o caixão foi baixado. Ainda houve tempo para uma última controvérsia, que, em muitos sentidos, ilustra o dilema que Malcolm enfrentou no fim da vida. Irmãos da MMI e da OAAU notaram que todos os funcionários do cemitério que iam sepultar o corpo eram brancos. Nenhum homem branco, queixaram-se eles, deveria ter permissão de atirar terra no corpo de Malcolm. Os funcionários foram convencidos a entregar suas pás, e na chuva fina, os próprios irmãos cuidaram de enterrar Malcolm.[39]

Nas semanas que se seguiram ao incêndio da mesquita e ao funeral, partidários de Malcolm temeram pela vida. A Nação estava convencida de que malcolmistas empedernidos eram responsáveis pelo ataque, e que suas ações mereciam castigo. Em 12 de março, Leon 4X Ameer, em grande parte recuperado da surra brutal sofrida nas mãos de Clarence Gill e de seus homens em dezembro, falou durante uma reunião de trotskistas de Boston, afirmando ter prova de que o governo americano estava envolvido na morte de Malcolm. No dia seguinte seu corpo foi encontrado no quarto que alugava no Hotel Sherry Biltmore. Um médico legista determinou que a morte de Ameer foi causada por coma resultante de uma overdose de comprimidos para dormir.[40] Outra vítima foi Robert 35X Smith, um dos guardas da tribuna de Malcolm no dia do assassinato. "Bob Caratê", como era conhecido, morreu quando saltou ou foi empurrado na frente de um trem do metrô. Interrogado anos depois sobre a morte, Larry 4X Prescott explicou sem meias palavras: "Ele foi morto no metrô. Disseram que nós o empurramos da [plataforma] do metrô, ou coisa parecida, no que não acredito".[41]

Nem a OAAU nem a MMI tinham desenvolvido procedimentos para tomar decisões coletivas, e sem Malcolm os débeis vínculos que uniam os grupos se romperam. Líderes trabalhavam voluntariamente, por devoção pessoal a Malcolm, e a morte dele representou mais do que a negação de sua presença física: congelou o universo deles. Malcolm se tornara a vanguarda da reformulação do nacionalismo negro, do pan-africanismo e da versão do Islã

desenvolvida localmente, e com frequência seus devotos ficavam para trás, desnorteados — por vezes chegando ao ponto de suprimir suas cartas, porque as mudanças de ideologia do líder eram demasiado perturbadoras. Sem a arquitetura da visão social de Malcolm, para eles era quase impossível aproveitar o seu legado para construir qualquer coisa. Logo evaporou-se a confiança entre a maioria dos membros, e vínculos se desfizeram.

Olhando para trás, Max Stanford disse: "A OAAU tentou se organizar depressa demais". O que se desejava era a liderança coletiva, mas na realidade "a maioria das pessoas era fascinada por Malcolm". Mesmo quando tinha divergências com ele, Stanford reconheceu: "Malcolm me enfeitiçava. Era mais desenvolvido" política e intelectualmente do que quase todos os seus seguidores. Consequentemente, quando Malcolm se tornou "um porta-voz das massas aclamado mundialmente", ninguém, depois da sua morte, estava preparado para vestir o manto de líder.[42] De início, James 67X achou que estivesse à altura. Dias após o assassinato, ele se reuniu com os membros do Movimento de Ação Revolucionária, Max Stanford e Larry Neal. De acordo com Stanford, James disse: "Malcolm formou uma célula doRAMem alguma parte da MMI e disse que se algo lhe acontecesse, eu saberia o que fazer". Os representantes doRAMconcordaram em trabalhar com James e outros ativistas da MMI. "O acordo era para [James] continuar a atuar internacionalmente e dentro do país, como Malcolm", lembrava-se Stanford, "porque ele podia falar parecido com Malcolm." Mas James dedicava tanto tempo a simplesmente manter os grupos vivos que não conseguia fazer mais nada. Devido às antigas e problemáticas diferenças entre a MMI e a OAAU, não havia ninguém, em nenhum dos grupos, que fosse capaz de inspirar a confiança e a fé dos membros do outro grupo. Os ativistas de orientação secular, além disso, não tinham qualquer interesse no projeto espiritual islâmico da MMI. Diante da falta de recursos administrativos, ou até mesmo de um escritório permanente, nenhuma das duas organizações pôde ser mantida.

Enquanto os mais importantes partidários de Malcolm desapareciam, James ficava sozinho para lidar com Betty Shabazz. Mesmo horas depois da morte de Malcolm, as relações de Betty com a MMI e a OAAU ficaram hostis. Ela culpou os partidários de Malcolm pelo assassinato; em sua raiva e amargura, instruiu membros da OAAU a jogarem no lixo documentos importantes do marido, que tinham sido levados para a casa de Wallace por uma questão de segurança.

Exigiu que James lhe encaminhasse todas as cartas não abertas da MMI, incluindo as endereçadas a Malcolm, para que pudesse examinar tudo de antemão. James recusou. "Era uma viúva de luto, a viúva de um herói", explicou, mas uma viúva que, na melhor hipótese, tinha uma compreensão limitada do trabalho da MMI e da OAAU.

A tarefa de ajudar e proteger Betty e as meninas foi assumida, em grande parte, por Ruby Dee, Juanita Poitier e outras amigas, na maioria celebridades. Essas mulheres estabeleceram o Comitê de Mães Solícitas para dar assistência. Percy Sutton, James Baldwin e John Oliver Killens também participaram ativamente. Em algumas semanas, mais de 6 mil dólares foram levantados, incluindo uma contribuição de quinhentos dólares de Shirley Graham Du Bois. Em agosto, o comitê organizou um concerto beneficente que atraiu mil pessoas e gerou mais quinhentos dólares para a compra de uma casa. O público mais leal de Malcolm, que era constituído pelos pobres e pela classe operária, jamais abandonou Betty. Ela recebia envelopes com pequenas quantias em dinheiro, enviados ao Hotel Theresa ou para a caixa postal da MMI. James 67X escreveu para vários contatos internacionais de Malcolm solicitando recursos. Anúncios foram divulgados nas emissoras de rádio de Nova York. Irmãos mais agressivos d a MMI chegaram a visitar comerciantes negros do Harlem exigindo "contribuições" em dinheiro e mercadorias para Betty e as crianças.[43] Apesar disso, alguns seguidores fiéis de Malcolm achavam desconcertante o comportamento de Betty na época. Parecia-lhes que ela rejeitava os pobres e operários que seguiam Malcolm, preferindo os acenos da burguesia negra. Ferguson situou a política elitista de Betty no contexto do discurso "Mensagem às bases" de Malcolm: "Ela passou de escrava do campo para escrava da casa".[44]

Quando os mais confiáveis aliados de James 67X se dissiparam, e as dificuldades de trabalhar com Berry ficaram mais evidentes, ele se lembrou da promessa feita a Malcolm de trabalhar para ele durante doze meses. Essa obrigação terminou na metade de março de 1965, e ele passou a examinar outras opções. Estava exausto, e, além disso, os maldosos boatos de Charles Kenyatta produziram um efeito venenoso; alguns irmãos da MMI se perguntavam por que James se ausentara do Audubon por quase uma hora depois dos tiros, e punham em dúvida suas relações cordiais com os marxistas doRAM.De modo que, quando Ella Collins procurou James e exigiu o direito de assumir a MMI e a OAAU com base em seus laços de sangue com Malcolm, ele de início resistiu, mas logo

concordou em renunciar. Ella recebeu também os documentos de constituição da Mesquita Muçulmana, tornando-se líder, de fato, dos dois grupos.

Em 15 de março, Ella deu uma entrevista coletiva na sede da OAAU e da MMI. Descrita no New York Times como "uma mulher forte, de saia preta e blusa de imensos botões", Collins "era de fala concisa e críptica", muito diferente do irmão carismático. A pretensão de Collins ao posto de líder tinha por base sua duvidosa alegação de ser diretora executiva da seção da OAAU em Boston desde junho de 1964. Também afirmou que Malcolm a designara, pessoalmente, como "sua sucessora" em 20 de fevereiro de 1965. No geral, Collins expressou opiniões conservadoras. Disse que não tinha "desejo de lutar contra" Muhammad ou a Nação do Islã; atribuiu o incêndio na casa de Malcolm no Queens a forças "bem maiores do que os muçulmanos negros"; e quando perguntada se a OAAU rejeitaria apoio "comunista ou esquerdista", Collins respondeu: "Acho que sim".[45] Em poucos dias, a política reacionária de Collins — em comparação com a de Malcolm — e seu comportamento beligerante afastaram os poucos ativistas veteranos restantes. Logo depois, James 67X informou aoRAMque tencionava desistir de qualquer atividade política futura. Numa reunião que talvez tenha sido a última, James anunciou misteriosamente "que ia desaparecer, e que o grupo inicial que estava com Malcolm entraria na clandestinidade". Quando representantes doRAMsugeriram que a organização da juventude poderia oferecer novas possibilidades, James riu, dizendo que eles "estavam loucos" e que "a juventude era louca".[46] Depois disso, segundo Max Stanford, "ele desapareceu".

James resolveu entrar na clandestinidade porque tanto a OAAU como a MMI desmoronaram rapidamente sem Malcolm. Quem ofereceu o melhor — e o pior — exemplo disso foi Charles Kenyatta. Poucos dias depois do assassinato, ele insinuou à imprensa que a morte tinha sido um serviço interno, executado por marxistas e peloRAM.Conversou muito com o Departamento de Polícia de Nova York e em 15 de março foi entrevistado pelo FBI. Disse achar "muito estranho que os guarda-costas de Malcolm X não estivessem ao lado dele no palco". Afirmou também que não tinha reconhecido nenhum dos guarda-costas de Malcolm no fundo do salão. E acrescentou que ele e Malcolm "eram amigos muito íntimos" e que frequentemente discutiam "certas questões relativas à NOIe à MMI". Em seguida, Kenyatta passou a criticar duramente os seguidores mais fiéis de Malcolm. Embora o informe tenha sido editado, é claro que contou ao FBI

que James 67X não era "um nacionalista negro, mas um comunista marxista", e que Malcolm tinha mentido de propósito ao dizer que as bolsas estariam disponíveis para membros da MMI que quisessem estudar no Cairo; aquilo "só foi dito por Malcolm para parecer importante". Em suma, Kenyatta avisou aos agentes do FBI que ele "poderia ser o próximo a ser assassinado".[47]

O julgamento de Hayer, Butler e Johnson começou no inverno seguinte, em 12 de janeiro de 1966. A promotoria pública foi representada pelo veterano promotor Vincent J. Dermody. O juiz era Charles Marks, de 71 anos, jurista severo na aplicação da lei, pessoalmente responsável pela condenação de um quarto de todos os presos que esperavam no corredor da morte em Nova York.[48] A ação contra Hayer foi facilmente resolvida, porque ele tinha sido baleado tentando fugir da cena do crime; em seu bolso fora encontrado um pente de munição compatível com as balas calibre 45 extraídas do corpo de Malcolm. Nas ações contra Butler e Johnson, porém, não havia, claro, provas materiais que os vinculassem ao assassinato. Ambos tinham álibis para a tarde de domingo, e não havia ligação palpável entre eles e Hayer, além de serem membros da NOI.[49] Havia também um problema na cadeia de comando: a polícia não tinha a menor ideia de quem, de fato, dera a ordem para matar.

A principal testemunha de acusação era Cary 2X Thomas (também conhecido como Abdul Malik). Nascido em Nova York em 1930, com mais ou menos 25 anos se tornara viciado em heroína e traficante de drogas. Durante anos entrou e saiu da cadeia por tráfico de drogas, e no começo de 1963 foi mandado para o Hospital Belevue depois de um colapso nervoso. Em dezembro daquele ano, ingressou na Mesquita nº 7, mas logo saiu, ficando do lado de Malcolm quando houve o rompimento. A breve passagem de Thomas pela Nação significava que ele conhecia pouco a seita, ou as razões da saída de Malcolm. Depois de entrevistado pelos detetives, a promotoria pública decidiu detê-lo como testemunha. Por quase um ano ficou sob custódia preventiva. Uma vez, muito perturbado, ateou fogo no colchão da cela.[50]

Em seu testemunho original perante o júri de acusação, Thomas foi um dos poucos membros que alegaram ter visto os três homens — Hayer, Butler e Johnson — no momento do assassinato. Explicou que Butler e Johnson eram os

dois homens que altercavam enquanto Hayer atacou Malcolm com a espingarda de cano curto. Como Hayer não tinha qualquer semelhança física com o atirador, os promotores e a polícia convenceram Thomas a rever seu testemunho. Durante o julgamento de 1966, mais bem preparado, disse que Johnson, e não Hayer, portava a espingarda; Hayer e Butler eram os dois assaltantes armados de revólveres. Mas continuou a cometer pequenos erros que enfraqueciam seu testemunho, por exemplo, identificando Hayer como membro da Mesquita nº 7; também admitiu ao júri que não tinha, na verdade, visto revólveres nas mãos de Butler ou Hayer.[51]

Butler esforçava-se para compreender como o assassinato ocorrera, e por que ele acabou sendo julgado. Não conhecia Hayer, a rigor jamais se encontrara com ele. Depois da prisão, Butler descobriu, para sua tristeza, que as promessas que a Nação lhe fizera eram vazias. "Ninguém tomou conta dos meus filhos, ninguém cuidou de minha mulher", queixou-se. "Acho que as pessoas — a cidade, o estado, os federais, quem quer que fosse — queriam ver o caso encerrado, e conseguiram alguém para dizer que eu estava lá e cometi o crime." Butler, já fora da prisão, tendo cumprido sua pena, insiste em dizer que "todo mundo sabe que havia quatro ou cinco pessoas envolvidas. Não foram procurar mais ninguém".[52]

Enquanto a acusação apresentava seus fracos argumentos, Johnson e Butler transbordavam de confiança. Acreditavam que não havia como o júri condená-los. A rigor, durante o julgamento Hayer informou ao tribunal que Johnson e Butler não participaram do assassinato; ele e três outros homens tinham cometido o crime. Hayer até forneceu detalhes precisos. Mas Johnson temia, com razão, que essas confissões de última hora fossem usadas contra ele e Butler. Dermody argumentou, efetivamente, que Hayer simplesmente cumpria ordens dos chefões da NOIpara se sacrificar a fim de absolver os coautores do assassinato.[53] O advogado de Johnson também piorou a situação ao usar Charles Kenyatta como testemunha de defesa. Johnson estava extremamente apreensivo: "Quando quiseram pôr Charles Kenyatta no banco para testemunhar a meu favor, fui contra. Jamais confiei nele — jamais".[54] Kenyatta concordara em dizer ao júri que teria sido impossível para Butler e Johnson entrar no grande salão aquela tarde porque ambos eram conhecidos militantes da NOI. Kenyatta também queria deixar registrada publicamente sua crença em que uma "conspiração interna de esquerda" foi talvez responsável pelo assassinato de

Malcolm. Mas, quando interrogado por Dermody, também identificou Johnson e Butler como membros de um "pelotão de aplicação da lei [da NOI] formado por cem homens".[55]

Qualquer chance de Johnson e Butler serem absolvidos desintegrou-se com a aparição de Betty Shabazz. Betty testemunhara apenas rapidamente o fuzilamento, por isso seu testemunho trouxe poucas informações. Ela descreveu o caos: "Todo mundo se jogara no chão, havia cadeiras no chão, pessoas rastejando...". Ela empurrara as filhas para baixo de um banco e as cobrira com seu corpo até que tudo pareceu acalmar-se. Demody fez poucas perguntas, e os advogados de defesa passaram a interrogá-la. Mas, enquanto deixava lentamente o banco das testemunhas, a raiva tomou conta dela, que cerrou os punhos furiosa. Parada perto da mesa da defesa, Betty gritou: "Eles mataram meu marido! Eles mataram meu marido!". Enquanto dois funcionários do tribunal conduziam a viúva para fora, ela continuou a fazer suas acusações num murmúrio. Os advogados de defesa exigiram que o julgamento fosse cancelado, mas o juiz Marks suavemente instruiu o júri a ignorar as declarações feitas por Betty fora do banco das testemunhas.[56] Pelo que Johnson lembra da cena, Betty parou diante da mesa da defesa "e começou a gritar e a apontar para mim: 'Eles mataram meu marido!'. E foi então que o júri me condenou".[57]

Johnson estava certo. Hayer, Butler e Johnson foram todos condenados por homicídio premeditado. Em 14 de abril, o juiz Marks disse a cada um deles que seriam encarcerados numa penitenciária estadual de Nova York pelo resto da vida. Peter L. F. Sabbatino, um dos advogados de defesa, respondeu profeticamente: "Não acredito que a solução apresentada aqui hoje será confirmada pela história".[58]

A recriação da imagem póstuma de Malcolm começou, curiosamente, com os músicos de jazz. John Coltrane, o saxofonista mais respeitado dos anos 1960, foi profundamente influenciado pelo estilo retórico de Malcolm e por sua filosofia política de nacionalismo negro.[59] A nova geração de músicos, que apareceu depois do bebop, rejeitava a moderação política e a não violência; a raiva e a militância identificadas em Malcolm capturaram seu estado de espírito. Para o músico Archie Shepp, Malcolm inspirou "inovações" na música afro-americana, fazendo do jazz uma "extensão do movimento nacionalista negro".[60] Amiri

Baraka (LeRoi Jones), reconhecendo as ligações entre a arte negra e o protesto político, descreveu Coltrane como o "novo Malcolm no fogo do bop".[61] A eficácia das apresentações públicas de Malcolm, o uso do momento propício e a cadência de sua voz tinham extraordinária semelhança com o jazz. Como explicou John Oliver Killens: "Sempre vi Malcolm X como um artista... mas um artista da palavra falada".[62]

A popularidade de Malcolm entre milhões de americanos brancos, porém, só começou com a publicação, no fim de 1965, da Autobiografia de Malcolm X. Depois que a Doubleday cancelou o livro, Paul Reynolds ofereceu o manuscrito a outros editores, e acabou conseguindo um contrato com a editora Grove Press. As resenhas da narrativa da vida de Malcolm foram esmagadoramente positivas. Eliot Fremont-Smith, do New York Times, elogiou a Autobiografia, "livro brilhante, doloroso, importante... Como documento da nossa época, suas intuições talvez sejam cruciais; sua relevância não pode ser posta em dúvida".[63] No Nation, declarou Truman Nelson, "sua honestidade uniforme, sua paixão, seu nobre propósito, mesmo suas múltiplas e não resolvidas ambiguidades fazem dele um monumento à mais dolorosa das verdades".[64] Mas o comentário mais arguto sobre as memórias de Malcolm foi escrito por seu antigo parceiro de debates, Bayard Rustin. No Washington Post, Rustin caracterizou o livro, vigorosamente, como "a odisseia de um negro americano em busca de identidade e de lugar na sociedade". Rustin questionou com veemência a noção de que Malcolm era apenas produto do "gueto do Harlem"; os primeiros capítulos do livro sobre a infância de Malcolm no centro-oeste "são leitura essencial para qualquer um que queira compreender as dificuldades do negro americano". Havia muitas críticas a fazer contra a política de Malcolm, e Rustin não mediu palavras. O nacionalismo negro de grupos como a Nação do Islã, disse ele, oferece "uma arena de luta para negros de classe baixa a quem foram negados poder e status no mundo exterior". Foi ali que Malcolm fez sua inteligência e "sua ardente ambição terem êxito".[65]

Rustin continuou a criticar severamente os "comentários antissemitas" de Malcolm e suas opiniões de antigo nacionalista negro, mas reconhecia que ele estava tentando "dobrar uma esquina" para ser assimilado pela corrente predominante do movimento de direitos civis. Tivesse tido êxito, observou Rustin, "teria dado enorme contribuição à luta pela igualdade de direitos. Como se viu, sua contribuição foi substancial. Ele trouxe esperança e uma dose de

dignidade para milhares de desesperados negros dos guetos". Assim como Alex Haley, Rustin menosprezava a eficácia do nacionalismo negro como possível força de contestação à desigualdade racial. Ambos entenderam mal o último ano frenético de Malcolm, em sua opinião um esforço para adquirir respeitabilidade como reformista liberal e favorável à integração — o que não era uma interpretação completa e precisa. A caracterização feita por Rustin destinava-se a negar a militância e o potencial radical dos "negros do campo", as massas negras dos guetos. Rustin queria dizer que Malcolm teria inevitavelmente dado as costas ao gueto. "A vida de Malcolm foi trágica, numa escala heroica. Teve de escolher, mas nunca fez as escolhas fáceis e confortáveis." Malcolm poderia ter sido "um advogado de sucesso, bebericando coquetéis com outros membros da burguesia negra".[66] Na visão de Rustin, o Malcolm transformado era um liberal pragmático, não um revolucionário. Era uma visão partilhada por Haley, sendo por isso, aliás, que a Autobiografia não se parece com um manifesto de insurreição negra, e está muito mais na linha da autobiografia de Benjamin Franklin. Isso talvez ajude a explicar a enorme popularidade do livro e sua adoção no currículo de centenas de faculdades e milhares de escolas secundárias. De 1965 a 1977, foram vendidos mais de 6 milhões de exemplares da Autobiografia no mundo inteiro.[67]

Nos anos seguintes, o FBI continuaria a vigiar de perto Charles Kenyatta, por achar que representava um risco à segurança. O BOSS e o Departamento de Polícia de Nova York, porém, consideravam-no informante confiável, com quem desenvolveram estreitas relações de trabalho. Pelo fim de abril de 1965, Kenyatta foi visto pronunciando discursos longos e confusos na rua 125. E, pelo fim de 1966, estava de volta à Nação do Islã, provavelmente para informar à polícia sobre as atividades da seita. No fim dos anos 1960, abriu no Harlem sua própria organização, que dizia identificar-se com a revolta dos Mau Mau, no Quênia, e com a necessidade de introduzir nos Estados Unidos o mesmo nível de revolução negra. Ao mesmo tempo, Kenyatta continuava a trabalhar estreita e cordialmente como informante do BOSS. A rigor, era tido em tão alta conta que o Departamento de Polícia de Nova York insistiu com o FBI para desistir de vigiá-lo. A força de Kenyatta vinha de sua capacidade de manipular a imagem de braço

direito de Malcolm, enquanto coletava informações danosas sobre outros grupos negros. Seu verdadeiro papel como semeador de confusão só ficou evidente quando sua ficha no FBI foi disponibilizada em 2007. Financeiramente, ganhou dinheiro explorando seu parentesco político com Malcolm durante décadas.[68]

Benjamin 2X Goodman reagiu ao assassinato culpando, estranhamente, a plateia, na grande maioria secular, por entrar em pânico, permitindo, com isso, que os assassinos fugissem. "Uma plateia muçulmana", dizia ele, "não teria entrado em pânico. Teria reagido à situação com disciplina militar, e não como um rebanho de vacas numa trovoada." Estava convencido de que, sem o "estouro da boiada", os "irmãos muçulmanos... provavelmente teriam prendido os cinco assassinos".[69] Decidiu abandonar a atividade política, passando a trabalhar com programas educacionais para crianças, por meio do Oportunidades Ilimitadas para a Juventude do Harlem (Harlem Youth Opportunities Unlimited, HAYROU), grupo de pressão com sede no Harlem, financiado pelo governo federal. Concordando em reunir-se com agentes do FBI em 22 de abril de 1966, Goodman disse que "em muitas ocasiões indivíduos [da Mesquita nº 7 da NOI] [o] convidaram para retornar à fé, como professor". Benjamin admitiu que "na verdade, pensara muito em aceitar". Reescrevendo a história, negou que a MMI algum dia tivesse se oposto "às metas e aos objetivos básicos" da Nação do Islã. Durante a entrevista, prometeu, ingenuamente, que seria sempre "irmão" de um agente do FBI, mas não daria informações em troca de dinheiro. O agente especial encarregado do assunto, informando a Hoover, observou: "Isso indica que Goodman, se tratado apropriadamente, delicadamente, pode ser induzido a voltar para a NOI, assumindo o cargo de ministro assistente, possivelmente promovido a ministro, e ser de ajuda extremamente valiosa para o FBI".[70] Infelizmente, Benjamin nunca voltou para a Nação, e mais tarde, assim como Malcolm, adotou o Islã ortodoxo.

Reuben Francis e Anas Luqman não precisaram de muitos dias escondidos no deserto mexicano para passarem a suspeitar intensamente dos dois antigos membros da NOIcom quem tinham viajado para o sul a fim de escapar da atenção da polícia depois do assassinato. Mas Luqman sempre foi muito pouco claro sobre o que teria acontecido quando a tensão fugiu do controle e a violência explodiu. Luqman admitia apenas que quando o grupo resolveu se desfazer, tudo desmoronou. Houve uma altercação, e o cadáver de um antigo membro da NOIfoi abandonado no deserto. Pela versão de Luqman, um ex-membro chamado

John "perdeu a cabeça, fez a maior confusão, e não deu conta". Luqman disse que em seguida comprou um barco de pesca, e ele e Reuben viveram um tempo dos lucros da pesca. Mas acabaram se separando; Luqman acha que Reuben voltou para Nova York.[71] A história é estranha do começo ao fim, pois as denúncias de Francis contra James 67X eram bem conhecidas, e Luqman era o melhor amigo de James, com quem dividia um quarto. Teria sido Francis o homem assassinado no deserto mexicano? Desde 1965, boatos sobre o seu aparecimento têm pipocado de vez em quando, mas nenhuma prova convincente de que estivesse nos Estados Unidos — ou em qualquer outra parte do mundo — jamais foi apresentada.[72]

Ella Collins comprou uma bela casa geminada no Harlem, que se tornaria sede da OAAU. Peter Goldman, que visitou Collins no começo dos anos 1970, observou que "o número de afiliados ficou reduzido a um punhado, e suas atividades mais visíveis no Harlem eram as comemorações anuais do nascimento e da morte de Malcolm".[73]

Enquanto isso, James 67X simplesmente sumiu na obscuridade. De 1976 até 1988, viveu na Guiana. Quando voltou para os Estados Unidos foi ser enfermeiro; já sexagenário, casou-se novamente e constituiu nova família. Sua vida anterior, como principal assessor de Malcolm, tornou-se remota como outro planeta.[74]

Muhammad Ali voltou a enfrentar Sonny Liston em Lewiston, no Maine, em 25 de maio de 1965 em sua segunda luta pelo título de campeão dos pesos pesados. Apesar de Ali ter nocauteado rapidamente Liston, a luta foi deslocada para segundo plano pelo torvelinho de atividades policiais em torno do evento. Acionados por ameaças de bomba, duzentos policiais do Maine foram mandados para o anfiteatro. Agentes do FBI e a polícia montada também estavam presentes. O clima era tão tenso que o cantor da cerimônia, Robert Goulet, esqueceu a letra do hino nacional.

Nos dois anos seguintes, Ali alcançou espetaculares conquistas no boxe. Em novembro de 1965, humilhou o antigo campeão de pesos pesados Floyd Patterson. Meses depois, foi reclassificado por sua zona de circunscrição como 1-A (imediatamente disponível para serviço militar), e logo avisado de que seria convocado para servir nas Forças Armadas. A resposta de Ali, em oposição à Guerra do Vietnã — "Não vou brigar com os vietcongues, não" — deixou a Nação, paradoxalmente, na mesma posição política de Malcolm X. Quando Ali

resistiu à convocação, seu título foi tirado e ele ficou proibido de lutar por mais de três anos. Tornou-se herói da geração que rejeitava tanto a guerra como o complexo industrial-militar. Para milhões de muçulmanos no mundo inteiro, Ali tornou-se símbolo de resistência ao imperialismo americano. Haveria muitas reviravoltas na magnífica, mas imperfeita, jornada de Ali, da reconquista do título de campeão dos pesos pesados em 1974, quando derrotou George Foreman no Zaire, à sua surpreendente aparição em 1996 nas Olimpíadas de Atlanta segurando uma tocha na abertura da cerimônia. Como Malcolm antes dele, Ali também evoluiu em sua crença, passando da Nação do Islã para o Islã ortodoxo. Apesar das enfermidades físicas, encontrou paz na vida.

Caberia a Wallace Muhammad concluir a reabilitação póstuma de Malcolm. Sua capitulação ante o pai em 1965 foi tão transparentemente fabricada que sua expulsão da seita, anos depois, era previsível. Mas em 1974 ele estava de volta à Nação, pregando o Islã ortodoxo e contestando ministros importantes, como Farrakhan. Quando Elijah Muhammad morreu, em 25 de fevereiro de 1975, Wallace foi mais hábil do que os irmãos e rapidamente assumiu o controle de quase todas as operações da Nação.[75] Dentro de um ano, procedeu a uma revolução islâmica ortodoxa dentro da seita. Farrakhan foi destituído do cargo de ministro do Harlem e condenado a servir numa mesquita menor, nos subúrbios de Chicago. A história de Yacub, a desmoralização dos brancos, a defesa de rigoroso separatismo racial — tudo isso foi rejeitado. Em junho de 1975, a Nação do Islã anunciou que aceitaria seguidores brancos, e alguns brancos, de fato, se filiaram.[76] Os arquivos da organização — milhares de publicações e jornais, gravações de áudio, registros internos e fotografias — foram em grande parte destruídos, e uma nova memória, marcada indelevelmente pela ortodoxia, foi imposta. Depois Wallace mudou de nome, passando a chamar-se W. Dee Mohammed, para não ser confundido com o pai.[77]

Como novo imã do grupo, W. Deen Mohammed abriu os registros financeiros da Nação pela primeira vez para todos os membros. Só a empresa de importação de peixes tinha uma renda bruta anual de 22 milhões de dólares. A Nação empregava mais de mil pessoas e era dona de 6 milhões de dólares em terras aráveis — mas, assim mesmo, com uma dívida de 4,5 milhões de dólares, provocada em parte por gestão negligente. Porém a decisão do imã Mohammed que mais chocou os renitentes foi a restauração de Malcolm X. Em 2 de fevereiro de 1976, Mohammed anunciou que a Mesquita nº 7 do Harlem seria rebatizada

com o nome de El-Hajj Malik El-Shabazz, e elogiou Malcolm como "o melhor ministro que a Nação do Islã jamais teve, à exceção do Honrado Elijah Muhammad".[78] Quando o nome Nação do Islã foi descartado e substituído por Comunidade Mundial de Al-Islam no Ocidente, Farrakhan achou demais e começou a reconstituir a velha Nação do Islã em torno de si. A resposta do imã Mohammed, em 1977, foi excomungá-lo.[79] A fidelidade aos ensinamentos de Elijah Muhammad agora significava ser expulso da comunidade da fé islâmica.

E mesmo anos depois da morte do Mensageiro, episódios constrangedores provocados por suas infidelidades sexuais continuaram a vir à tona. Em 1981, por exemplo, três indivíduos que se diziam filhos ilegítimos de Muhammad entraram com uma ação judicial, no valor de 5 milhões de dólares, contra filhos, parentes e dois homens brancos que teriam convertido milhões de dólares do patrimônio de Muhammad em benefício próprio. Os demandantes eram o filho e a filha de June Muhammad — Abdulla Yasin Muhammad (nascido em 30 de dezembro de 1960) e Ayesha Muhammad (nascida em 4 de setembro de 1962), e a filha de Evelyn Williams, Marie Muhammad (nascida em 30 de março de 1960).[80]

Larry 4X Prescott de início apoiou os esforços de Wallace para reformar a Nação do Islã. Mas, quando Farrakhan rompeu com Wallace para restabelecer a velha NOI, Prescott ficou com Farrakhan. Agora, como Akbar Muhammad, olhando quatro décadas para trás, ele identifica erros de julgamento que os dois lados teriam cometido. Depois do ataque a bomba à casa de Malcolm, por exemplo, James 3X Shabazz foi um dos que acusaram Malcolm de atear fogo à própria casa. "E Malcolm respondeu: 'Vocês acham que eu seria capaz de tocar fogo numa casa com minhas crianças lá dentro?...' E ficou parecendo que éramos malucos." Mas a retórica de Shabazz teve como efeito intensificar os sentimentos de hostilidade a Malcolm entre "os irmãos da mesquita, os que tomavam sopa de feijão e café preto, que começaram a dizer: 'É, ele chegou ao ponto de incendiar a própria casa'. Foi por aí". Prescott sugeriu que a MMI era pequena demais para representar "um desafio à Nação". O que realmente motivava Malcolm, acreditava ele, era "querer estar na frente do movimento de direitos civis".[81] Esse repúdio geral à Nação do Islã e à revelação das infidelidades de Elijah Muhammad favoreceu os objetivos de Malcolm. Uma reconciliação de última hora entre as facções nunca mais seria possível.

Alguns dos que ajudaram no assassinato de Malcolm começaram a desaparecer de cena já nos anos 1970. O corpo de James 3X Shabazz, de 52 anos e

chefe da mesquita de Newark, foi encontrado em 4 de setembro de 1973, perto de seu carro, estacionado na entrada da garagem. Numa morte estilo máfia que lembrava a de Bugsy Siegel, James tinha sido baleado pouco acima do olho esquerdo, com outro ferimento de bala da testa para o cérebro. Deixou mulher e treze filhos.[82] Aparentemente, a morte de James 3X não foi uma tardia retaliação à de Malcolm X, mas o resultado de uma guerra entre a corrupta mesquita de Newark e uma gangue criminosa local, a Novo Mundo do Islã, pelo controle de extorsões e pistoleiros de aluguel. Três mil pessoas compareceram ao enterro de Shabazz, incluindo o prefeito de Newark Kenneth Gibson e Farrakhan. Os assassinatos em Newark continuaram. Em 18 de setembro de 1973, dois muçulmanos foram mortos a tiros, os corpos encontrados num carro perto de uma fábrica de automóveis. Um exemplar do Muhammad Speaks cobria seus rostos. Um mês depois, as cabeças dos Michael X Huff e Warren X Marcello, chefes da mesquita de Newark, foram achadas num lote perto da casa de James 3X Shabazz. Os corpos foram encontrados depois, a 6,5 quilômetros de distância.[83]

Houve também atentados contra a vida de Raymond Sharrieff. Numa dessas ocasiões, em outubro de 1971, alguém aproximou-se de sua mansão em Chicago e descarregou cinco tiros de espingarda para dentro; Sharrieff foi ferido por diversos disparos. No fim de dezembro de 1971, um assaltante atirou na janela do seu escritório no centro da cidade, quase acertando a secretária.[84] Sharrieff morreu, pacificamente, de causas naturais, em 18 de dezembro de 2003.[85]

Membros da família de Elijah Muhammad também começaram a desaparecer de cena. O terceiro filho de Elijah, e ex-empresário de Muhammad Ali, Herbert Muhammad, brigou anos na justiça com o irmão mais jovem, Wallace, nos anos 1990. Em 26 de agosto de 2008, Herbert morreu de complicações decorrentes de uma cirurgia no coração, deixando a mulher, Aminah Antonia Muhammad, seis filhos e oito filhas.[86] Cerca de duas semanas depois, em 9 de setembro de 2008, Wallace Muhammad morreu. Na época da sua morte, Muhammad era o líder espiritual de 185 mesquitas com cerca de 50 mil membros. Na morte, foi proclamado o "imã dos Estados Unidos" por Ahmed Rehab, do Conselho de Relações Americano-Islâmicas.[87]

Nos últimos anos de vida, o conflito entre Ella e Betty ficou ainda mais intenso. No começo dos anos 1990, quando Spike Lee propôs um filme biográfico de Malcolm, ao estilo hollywoodiano, Ella ficou indignada ao descobrir que Betty

fora contratada como consultora. "Spike Lee está atrás de dinheiro, de prestígio", queixou-se Ella, desdenhosamente, a um repórter. "Ele não conhece os fatos." Ella protestou, dizendo que Betty "não sabe o bastante sobre Malcolm para ser consultora de coisa alguma que tenha a ver com a vida dele. Suas atividades [com ele] foram muito limitadas". Betty vingou-se eliminando qualquer referência a Ella no filme de Lee. "Não tenho o menor respeito por essa senhora", explicou Betty friamente ao Boston Globe. "Não foi uma boa influência para ele."[88] Enquanto o renascimento do interesse por Malcolm explodia na cultura popular americana, a situação pessoal de Ella ficou muito pior. Incapaz de continuar mantendo a sede da OAAU no Harlem, mudou-se para Boston. Sua saúde entrou em declínio quando uma diabetes foi diagnosticada; em 1990, foi encontrada em seu apartamento, deitada sobre as próprias fezes. Uma das pernas, inchada com uma úlcera gangrenosa, estava coberta de larvas de mosca varejeira. Em pouco tempo, as duas pernas foram amputadas. Ella teve uma morte dolorosa em 6 de agosto de 1996.[89]

Depois da morte de Malcolm, Betty Shabazz levou uma vida bem-sucedida e gratificante. Em 1972 matriculou-se num curso de doutorado em educação na Universidade de Massachusetts-Amherst, recebendo o diploma três anos depois. Serviu, subsequentemente, como administradora acadêmica da Faculdade, Medgar Evers, no Brooklyn, tornando-se uma espécie de celebridade entre grupos negros profissionais e de classe média. Mas jamais se livrou da sombra de Malcolm, de sua morte terrível e do desejo de punir os culpados. Sua animosidade concentrou-se principalmente em Farrakhan, que para ela tinha traído Malcolm e participado diretamente da conspiração para assassiná-lo. Os ataques de Betty a Farrakhan provavelmente inspiraram a filha Qubilah a tentar contratar um pistoleiro para matá-lo em 1995. O pretenso assassino, Michael Fitzpatrick, era informante do FBI, e Qubilah foi rapidamente presa e acusada num tribunal federal. Numa manobra astuta, Farrakhan defendeu Qubilah, alegando que a jovem tinha caído numa armadilha do FBI. A ação judicial movida pelo governo não se sustentou durante o julgamento. Betty foi obrigada a elogiar publicamente Farrakhan, por sua "bondade em querer ajudar minha filha".[90]

Tragicamente, um ano depois das tribulações legais de Qubilah, seu perturbado filho de doze anos, chamado pela família de "Pequeno Malcolm", ateou fogo uma noite no apartamento da avó. Betty, dormindo em seu quarto, ficou horrivelmente queimada. Lutou mais de três semanas num hospital, com

severas queimaduras em mais de 80% do corpo. Os médicos adotaram medidas agressivas, operando cinco vezes para remover camadas de pele chamuscada e implantar pele artificial. Mas os danos eram grandes demais, e Betty Shabazz morreu em 23 de junho de 1997. O presidente William Jefferson Clinton registrou seu falecimento, aplaudindo-a por seu compromisso com a "educação e edificação de mulheres e crianças".[91] Como Malcolm X, notou a representante do distrito de Columbia Eleanor Holmes Norton, Shabazz "será lembrada não por sua morte, mas pela vida virtuosa que levou e pela torre de força em que se converteu".[92] A cerimônia pública em memória de Betty, realizada na prestigiosa Igreja Riverside, em Manhattan, incluiu depoimentos do governador, George Pataki, e do prefeito republicano, Rudolph Giuliani. O prefeito, impopular entre negros operários e pobres de Nova York, foi vaiado quando começou sua fala. É significativo que a filha mais velha, Attallah Shabazz, corresse à tribuna em defesa de Giuliani, elogiando os gestos de bondade do prefeito conservador para com sua mãe, e criticando o público majoritariamente negro pela grosseria. Sua defesa de Giuliani talvez refletisse a política negra burguesa da mãe, mas não a do pai.[93]

Desde o início da investigação criminal, que se seguiu à morte de Malcolm, o detetive Gerry Fulcher, do BOSS, sentia-se incomodado com o que considerava erros importantes. Os problemas começavam na cena do crime. A mais alta prioridade, disse Fulcher posteriormente, deveria ter sido "proteger toda a área. A gente se livra de todo mundo que não servirá como testemunha". Qualquer prova deve ser preservada. "A gente não quer ninguém encontrando coisas..." Na opinião de Fulcher, o tratamento dado pelo Departamento de Polícia de Nova York à cena do assassinato foi "totalmente contrário ao que deveria ser o procedimento operacional padrão. Aquilo deveria ter sido coberto a noite inteira". Em casos de grande visibilidade, não é incomum encontrar "cenas de crime que permaneçam dias trancadas". Fulcher manifestou suas desconfianças a policiais colegas seus na época do assassinato. Talvez por causa disso, foi afastado da investigação. Disse Fulcher:

> Eu deveria ter sido parte indispensável na descoberta do que se passou, e assim por diante, porque eles deveriam me interrogar intensamente... Fui informado, de cara, sabe como é: "Fique fora disto, você não está envolvido". Me fez pensar que poderiam estar obtendo suas histórias corretamente, por assim dizer, sem a interferência deste jovem que não sabia de nada... Tudo que queriam saber era "você escutou

> alguma coisa no telefone?". Para mim era só para constar. Sabiam que eu não escutaria nada pelo telefone, porque não havia ninguém lá [no escritório do Hotel Theresa]. Sabiam qual era a programação... Por isso acho que desempenhavam seus papéis. Acho que foi uma asneira. E quando subi e tentei me juntar a eles, sabe como é — "Não, não, é aqui que conseguimos nossas histórias corretamente. Você está fora, cara".[94]

Meses depois do assassinato, Fulcher foi transferido do quartel-general do BOSS para um dos distritos policiais mais perigosos da cidade, Fort Apache no Bronx. Ficou lá menos de três anos, antes de pedir demissão da força.[95]

No começo de 1978, o advogado radical William Kunstler pegou os casos de Thomas 15X Johnson e Norman 3X Butler, e apresentou petição à divisão de recursos da Suprema Corte de Nova York solicitando novo julgamento. Sua principal prova era uma declaração assinada por Talmadge Hayer identificando outros quatro homens, "torpedos de Nova Jersey", que tinham sido responsáveis pelo assassinado de Malcolm X. Kunstler informou à Suprema Corte que "o FBI sabia o tempo todo que havia [outros] quatro homens envolvidos na morte e que dois dos condenados eram inocentes". O FBI recusou-se a revelar à corte suas descobertas sobre o assassinato de Malcolm. Kunstler também mencionou boatos, jamais confirmados, de que Reuben Francis tinha reaparecido recentemente "nos velhos lugares que costumava frequentar, gastando grandes somas de dinheiro que teria, supostamente, recebido do FBI".[96] Outra declaração foi submetida por Benjamin Goodman (então Ben Karim), afirmando que "em nenhum momento vi o rosto de Butler ou de Johnson, que conheço bem e com certeza teria notado".[97]

Em 1º de novembro, o juiz Harold J. Rothwax da suprema corte estadual negou pedido para revogar a condenação de Butler e Johnson em 1996. As informações da declaração talvez tivessem absolvido os dois homens, identificando, ao mesmo tempo, outros quatro que, dizia Hayer, eram culpados. Mas o juiz considerou o documento insuficiente para justificar um novo julgamento.[98] Ao longo de 1978 e 1979 grupos de direitos civis adotaram o caso de Butler e Johnson, apresentando uma petição ao Comitê Seleto da Câmara Americana de Representantes sobre Assassinatos, solicitando uma investigação da morte de Malcolm X. A petição acusava: "A 'versão oficial' diz que Malcolm X foi vítima de uma vendeta dos muçulmanos. Muitas perguntas não respondidas e muitos eventos não explicados anteriores ao assassinato... não confirmam, de

forma alguma, a 'versão oficial'". Signatários da petição incluíam Ossie Davis, o bispo metodista episcopal africano H. H. Brookins, Maxine Waters, da assembleia legislativa do estado da Califórnia, e Huey P. Newton do Partido Panteras Negras.[99] Apesar do empenho da campanha, nenhuma audiência foi realizada pelo Congresso.

Norman Butler foi posto em liberdade condicional em 1985 e Thomas Johnson em 1987. Durante décadas, os dois homens movimentaram-se para limpar o nome. Johnson, que mudara de nome para Khalil Islam, morreu em 4 de agosto de 2009.[100] Butler adotou o nome de Muhammad Abdul Aziz, e no começo dos anos 1990 foi contratado como consultor de serviços de apoio numa clínica de reabilitação de drogados do Harlem. Em 1998, Aziz serviu, brevemente, como chefe de segurança da Mesquita nº 7 do Harlem. No início dos anos 1990, Hayer foi encarcerado em tempo parcial na Instituição Penal Lincoln, em Manhattan, onde ficava confinado doze horas por semana nos fins de semana. Depois de dezessete tentativas frustradas, Hayer finalmente conseguiu a liberdade condicional plena em abril de 2010. Hayer disse à comissão de liberdade condicional: "Tive muito tempo... para pensar sobre [o assassinato de Malcolm]... Compreendo bem melhor a dinâmica dos movimentos... e conflitos que podem surgir, mas tenho profundo arrependimento por minha participação". Foi um mea-culpa estranhamente impessoal, um pedido de desculpas, a rigor, sem enunciar o crime que tinha cometido. A liberdade condicional concedida a Hayer provocou reação negativa do Comitê de Comemoração de Malcolm X, que anunciou numa entrevista coletiva que os crimes de Hayer eram sérios demais para permitir sua libertação.[101]

Além de Talmadge Hayer, os supostos assassinos de Malcolm X, de acordo com a declaração de Hayer, continuaram a viver na Nação do Islã como antes. O mais graduado do grupo, o administrador da mesquita de Newark Benjamin Thomas, foi morto em 1986, com 48 anos. Leon Davis continuou em Paterson, Nova Jersey, trabalhando numa fábrica de aparelhos eletrônicos; manteve sua filiação com a Nação e o foi durante décadas. O comerciante Wilbur McKinley também continuou ligado à mesquita de Newark.[102]

O suposto assassino Willie Bradley ingressou numa vida de crimes. Em 11 de abril de 1968, o Banco Nacional de Livingston, Nova Jersey, foi assaltado por três homens mascarados brandindo três pistolas e uma espingarda de cano curto. Escaparam com mais de 12500 dólares.[103] No ano seguinte, Bradley e outro

homem, James Moore, foram acusados do assalto ao banco e levados a julgamento.[104] Bradley, porém, recebeu tratamento privilegiado, e manteve advogado próprio, separado de Moore.[105] As acusações contra ele foram rejeitadas; enquanto isso, depois que um primeiro julgamento terminou sem veredicto, Moore foi condenado no segundo.[106]

O tratamento recebido por Bradley nas mãos do sistema de justiça criminal de 1960 a 1970 faz suspeitar que ele talvez fosse informante do FBI, depois do assassinato de Malcolm X ou muito provavelmente até antes. Isso também poderia explicar por que Bradley deixou a cena do crime por uma saída diferente dos outros atiradores, o que o protegeu de retaliação da multidão. E sugere que Bradley e possivelmente outros membros da mesquita de Newark podem ter colaborado ativamente no fuzilamento com a polícia local e com o FBI. As provas existentes deixam no ar uma dúvida sobre se o assassinato de Malcolm X foi uma iniciativa só da Nação do Islã. Em The Death and Life of Malcolm X [A morte e a vida de Malcolm X], Goldman não identifica Bradley pelo nome, mas parece referir-se a ele quando nota que um dos assassinos "foi rastreado até uma prisão estadual de Nova Jersey, onde cumpria pena de 7,5 anos a quinze anos por um crime grave".[107]

Bradley continuou a enfrentar problemas legais até os anos 1980. Em 1983, foi indiciado por doze delitos, incluindo roubo, "ameaça terrorista", assalto à mão armada e posse de substâncias de uso controlado. Primeiro rejeitou as acusações, mas acabou condenado por sete delitos e foi encarcerado. Sua vida sofreu uma reviravolta graças a uma relação romântica com Carolyn F. Kelly. Antiga líder da comunidade negra de Newark, Kelly, republicana, encabeçou a defesa do pugilista Rubin "Furacão" Carter nos anos 1970, o que ajudou a derrubar sua condenação por homicídio. Proprietária do Centro de Campeonato de Primeira Classe, estabelecimento de boxe em Newark, Kelly foi a primeira mulher no estado a promover lucrativas lutas de boxe profissional. Pelo ano de 2000, Bradley geralmente podia ser encontrado nas tardes de sexta-feira no ginásio de boxe da mulher. Em outubro de 2009, foi admitido formalmente no Hall Atlético da Fama de Newark, por suas conquistas como jogador de beisebol na escola secundária.[108]

Em 2010, Bradley chegou a aparecer brevemente num vídeo de campanha pela reeleição do carismático prefeito de Newark Cory Booker. A metamorfose de Bradley, da criminalidade para a respeitabilidade, parecia completa.[109]

Mas as coisas começaram a desmoronar em maio de 2010, com a publicação na internet de artigo investigativo sobre Bradley de autoria do jornalista Richard Prince. No artigo, o jornalista Abdur-Rahman Muhammad acusava diretamente Bradley de ser "o homem que disparou o primeiro e mais mortal tiro", matando Malcolm X. O jornalista Karl Evanzz, autor de vários estudos sobre a Nação do Islã, exigiu que Bradley fosse exposto e processado "por privar Malcolm X de seus direitos civis da mesma forma que os homens da Klan que matavam ativistas negros foram processados... Bradley matou Malcolm X para impedir que ele exercesse a liberdade de expressão, a liberdade de religião e a liberdade de reunião".[110] Semanas depois, o cineasta Omar Shabazz lançou um documentário citando Bradley, Hayer e outros membros da NOIcomo os verdadeiros assassinos de Malcolm X.[111] O objetivo desses críticos parecia ser o indiciamento de Bradley por autoridades federais ou locais.

O principal beneficiário do assassinato de Malcolm foi Louis Farrakhan. A rigor, a transição de Ministro Louis X de Boston para Louis Farrakhan só foi possível graças ao modelo de liderança que Malcolm instituíra anos antes. Por uma década, Malcolm divulgou a mensagem de salvação de Elijah Muhammad pelos Estados Unidos, e por mais dez anos, de 1965 a 1975, Farrakhan assumiu papel idêntico, como o ministro nacional da Nação do Islã. Assim como Malcolm tinha previsto, a maioria daqueles que dentro da Nação do Islã o tinham criticado, e tentado diminuir sua influência, se opôs também a Farrakhan. A família de Elijah Muhammad tinha ciúmes e medo dele, porque, quanto mais o patriarca se avizinhava da morte, mais parecia possível que Farrakhan usurpasse o manto de líder.

Contudo, ele jamais conseguiu se livrar da sombra de conjeturas e boatos em torno de sua possível participação no assassinato de Malcolm. A vívida caracterização de Farrakhan de Malcolm como homem "merecedor da morte" talvez tenha determinado irrevogavelmente sua reputação. Numa entrevista com Mike Wallace décadas depois do assassinato, Farrakhan admitiu: "Posso até ter sido cúmplice do assassinato do irmão Malcolm, no sentido de que, quando Malcolm falava contra o Mensageiro, eu falava contra ele, e isso ajudou a criar uma atmosfera [na qual] Malcolm foi assassinado".[112] Mas essa admissão jamais satisfez os malcolmistas de hoje, que continuam a exigir a reabertura do caso. Farrakhan tem perfeita consciência de que "mesmo agora há alguns negros que exigem um júri de acusação — porque não há prescrição para homicídio — para

que eu seja levado à presença de um júri de acusação e interrogado".[113]

Nem mesmo em seus sonhos Farrakhan consegue escapar de sua ligação com Malcolm. Numa entrevista de história oral dada em 2007, ele falou de sua revelação noturna:

Deus é testemunha, eu tive uma visão de irmão Malcolm. Ele apareceu como uma visão de sonho... E, de cabelo grisalho. Sabem que ele tinha aquele cabelinho pouco, às vezes aquele nó, e vi o grisalho em seus cabelos. E ele se aproximou de mim e disse: "Irmão Louis, o que deu errado?". E eu lhe disse: "Irmão, você estava marcado para sentar na cadeira [de Elijah Muhammad]. Ele precisava testá-lo, para ver quem você era. E você não foi aprovado. Não é que ele fosse contra você, mas queria saber quem você era realmente...". Estou aqui porque meu irmão morreu para que eu pudesse viver. Para mim é muito difícil simplesmente desmerecê-lo, porque estive na mesma situação. E sei como é doloroso quando amamos, trabalhamos para as pessoas, e elas se voltam contra nós e tentam nos destruir. Isso eu compreendo.[114]

Hoje, Farrakhan ainda tenta demonstrar sua contínua lealdade filial a Malcolm, apesar do papel central que desempenhou como proponente da sua morte. O sonho que ele descreve, no entanto, atribui a causa da morte a erros do próprio Malcolm. Farrakhan sugere que Elijah Muhammad tencionava fazer de Malcolm seu herdeiro espiritual, ignorando as reivindicações de Wallace e dos outros filhos. Muhammad estaria simplesmente testando Malcolm, para determinar se tinha as qualidades de liderança necessárias para dirigir a Nação. É verdade que Malcolm, depois de amordaçado, de início tentou desesperadamente permanecer na Nação do Islã; mas, quando houve o rompimento, ele se livrou das restrições que lhe haviam sido impostas. O que Farrakhan tem dificuldade para admitir é que somente ao aceitar o universalismo e o humanismo do Islã ortodoxo, explicitamente rejeitando a separação racial, Malcolm alcançou um público verdadeiramente global. Se continuasse vivo, Malcolm poderia ter encabeçado uma campanha internacional pelos direitos humanos para os negros, mas só alcançaria esse objetivo distanciando-se do credo sectário da Nação do Islã.

Semanas depois do ataque a bomba e da destruição da Mesquita nº 7 em

fevereiro de 1965, Louis foi convidado para ir a Nova York falar à congregação da Nação naquela cidade. Só meses depois Elijah Muhammad telefonou para dizer que ele seria transferido, a fim de servir como ministro da Mesquita nº 7 no Harlem. Sob supervisão de Louis, a mesquita seria reerguida; e ele se mudaria para a casa reconstruída de Malcolm em Elmhurst. Em agosto de 1965, Muhammad anunciou a designação de Louis perante um público de 6 mil membros no Centro Cobo, em Detroit.[115]

Ao ser informado de seu novo cargo, Farrakhan, exultante, pegou o carro e foi até um parque nos arredores de Boston. Anos antes, como corredor na escola secundária, aquele tinha sido para ele um lugar de solidão, onde corria e se exercitava. Diz ele que correu por um campo relvado, as lágrimas rolando pela face, depois se jogou no chão de joelhos e, olhando para o céu, confessou para Malcolm: "Eu não queria tomar tua mesquita — eu não queria tomar tua casa!".[116] Contada por Farrakhan, é uma história forte, até plausível. Mas será verdadeira?

Apenas três horas depois da morte de Malcolm X, Louis Farrakhan proferiu um sermão, como convidado, na Mesquita nº 25, em Newark — a mesma mesquita onde os assassinos foram recrutados e se organizaram.[117] Sua presença em Newark naquele dia fatal terá sido simples coincidência, ou algo mais?

No futuro, quando milhares de páginas relativas às atividades de vigilância do FBI e do BOSS finalmente se tornarem acessíveis, julgamentos mais definitivos serão feitos sobre as conexões entre Elijah Muhammad, Malcolm X, Louis Farrakhan e diversas instituições policiais. Não será grande surpresa se vier à tona um documento do FBI com a transcrição de um telefonema de Elijah Muhammad para um subordinado autorizando o assassinato de Malcolm. Hoje, os indícios sugerem que Farrakhan, por exemplo, não esteve pessoalmente envolvido, nem teve conhecimento prévio do complô; porém, ele estava perfeitamente consciente das consequências de sua feroz condenação de Malcolm, assim como das forças dentro da Nação do Islã que livrariam Elijah Muhammad do ministro turbulento. E pode ter suspeitado que a ordem para falar na mesquita de Newark naquele 21 de fevereiro de 1965 não era uma tarefa inteiramente inocente. Foi ambição, e não o envolvimento direto no crime, que impediu Farrakhan de ver o que ocorria à sua volta.

Epílogo
Reflexões sobre uma visão revolucionária

Uma biografia mapeia a arquitetura social da vida de um indivíduo. O biógrafo traça o mapa da evolução do biografado ao longo do tempo, e os diversos desafios e testes que esse indivíduo enfrenta oferecem vislumbres do seu caráter. Mas o biógrafo tem um fardo adicional: explicar acontecimentos, perspectivas e ações de outros, que o biografado não poderia ter conhecido, e que no entanto tiveram impacto direto na sua vida.

Malcolm X hoje tem status de ícone no panteão dos heróis americanos multiculturais. Mas na época de sua morte era amplamente vilipendiado e repudiado como demagogo irresponsável. Malcolm procurou deliberadamente ficar à margem, desafiando o governo dos Estados Unidos e as instituições americanas. Tudo isso teve um custo. O Estado o rotulou como subversivo e um risco para a segurança. A animosidade de J. Edgar Hoover contra Malcolm X, por exemplo, resultou em atos de escuta telefônica ilegal, vigilância e intervenções policiais que provavelmente foram além de qualquer coisa que Malcolm pudesse imaginar. Malcolm não estava de todo ciente, até tarde demais, da profunda hostilidade que provocara dentro da Nação do Islã, e que levou um grupo de funcionários em torno de Muhammad a advogar sua morte. Ele depositou a maior confiança num guarda-costas que pode ter planejado e ajudado a realizar sua execução pública. Líderes como Malcolm têm enorme confiança em si e em sua capacidade de convencer os demais. Era extremamente difícil para ele prever, ou mesmo reconhecer, uma traição.

A força de Malcolm estava em sua capacidade de reinventar-se, para funcionar

e até prosperar em ambientes muito diversos. Desenvolveu cuidadosamente sua apresentação física, a maneira de aproximar-se dos outros, utilizando-se de experiências passadas assim como do folclore e da cultura afro-americanos. Teceu uma narrativa de sofrimento e resistência, de tragédia e triunfo, que empolgou a imaginação de negros do mundo inteiro. Viveu a existência de um músico itinerante, viajando constantemente de cidade em cidade, passando noite após noite em pé no palco, manipulando sua melodiosa voz de tenor como um instrumento. Tinha consciência de ser um artista que se apresentava como veículo de transmissão da raiva e da impaciência das massas negras. Afro-americanos pobres podiam admirar Martin Luther King, mas Malcolm não só falava a mesma língua, como tinha passado pelas mesmas experiências — em lares adotivos, em prisões, em filas de desemprego. Malcolm era amado porque podia se apresentar como um deles.

Um grande talento dessas notáveis figuras é a capacidade de apreender sua época, de falar para um momento único da história. Tanto Martin como Malcolm foram líderes assim, mas expressaram suas visões pragmáticas de maneiras diferentes. King personificou as lutas históricas travadas por gerações de afro-americanos pela igualdade plena. Estabeleceu, predominantemente, organizações políticas negras, como a Montgomery Improvement Association em 1955 e a Southern Christian Leadership Conference em 1957, mas sua ênfase era a conquista da dessegregação e da cooperação inter-racial. King jamais jogou negros contra brancos, ou usou as atrocidades cometidas por extremistas brancos como justificativa para condenar os brancos por atacado. Já Malcolm, por sua vez, durante a maior parte de sua carreira pública tentou colocar os brancos na defensiva em suas relações com afro-americanos. Sentia agudamente — e expressava-as — as variadas emoções e frustrações dos negros pobres e dos operários. Sua mensagem constante era o orgulho negro, o autorrespeito e a consciência do legado recebido. Numa época em que a sociedade americana estigmatizava e excluía pessoas de ascendência africana, a defesa militante de Malcolm foi surpreendente. Ele deu a milhões de afro-americanos mais jovens uma profunda confiança. Essas expressões estavam na base do que em 1966 se tornou o movimento Black Power, e Malcolm foi sua fonte original.

Malcolm acabou ocupando um espaço central na rica tradição popular de delinquentes e dissidentes negros, em luta contra a hierarquia social estabelecida. Antes da guerra civil, esses homens de resistência se chamavam Gabriel Posser e

Nat Turner. Na música afro-americana, a tradição inclui o notório folclore de Stagger Lee, o inventivo guitarrista de blues Robert Johnson e o carismático artista de hip-hop Tupac Shakur. O que esses fora da lei negros tinham em comum era um calmo desdém pelo status quo burguês, pelo sistema de supremacia branca, com suas leis, seus tribunais. Mais significativamente, a tradição dos negros fora da lei era transgredir a ordem moral. Nesse sentido, Detroit Red, como Malcolm o construiu, era o anti-herói, o jazzista da moda que ria dos costumes convencionais, que consumia drogas ilegais e praticava sexo ilícito, que violava todas as regras. Um exame mais rigoroso da Autobiografia revela que muitos elementos da narrativa de Detroit Red são fictícios; apesar disso, as experiências do personagem encontram eco nas plateias negras, porque o contexto do racismo, do crime e da violência é parte integral da vida nos guetos.

A outra dimensão da aparência de Malcolm era a identidade de pregador íntegro, do homem que dedicou a vida a Alá. Esse foi outro papel que também teve profundas repercussões na cultura afro-americana. Com sua linguagem poderosa, Malcolm inspirou os negros a se verem não como vítimas, mas como donos da capacidade de se transformarem e de transformarem sua vida. Como Marcus Garvey, Malcolm insistiu, audaciosamente, na noção de que o racismo não decidiria o futuro dos negros; e de que, em vez disso, pessoas de ascendência africana estavam destinadas à grandeza. Desenvolveu profundo amor pela história dos negros e utilizou em muitas palestras suas intuições tiradas da herança cultural de afro-americanos e africanos. Malcolm encorajou os negros a celebrarem sua cultura e os relatos de resistência negra ao colonialismo europeu e à dominação branca. E apesar da genuína conversão ao Islã ortodoxo, sua jornada espiritual estava vinculada à sua consciência negra. Poucas semanas depois do assassinato, o poeta Amiri Baraka proclamou: "A maior contribuição de Malcolm foi pregar a consciência negra ao homem negro. Agora só precisamos encontrar a carne da nossa criação espiritual". Para Baraka, Malcolm significava a estética negra, um conjunto de valores e critérios para representações culturais afirmando o gênio e a criatividade das pessoas de ascendência africana. Malcolm forneceu o molde daquilo que os artistas negros deveriam almejar. "O artista negro é necessário para mudar as imagens com que seu povo se identifica, afirmando o sentimento negro, a inteligência negra, o discernimento negro", disse Baraka.[1] Em março de 1965, Baraka saiu de

Greenwich Village e migrou para o Harlem, onde estabeleceu o Teatro-escola de Repertório de Artes Negras (Black Arts Repertory Theatre School, barts). Foi o alicerce onde floresceu o movimento moderno das artes negras, envolvendo milhares de poetas, teatrólogos, dançarinos e outros produtores culturais. Malcolm tornou-se a sua musa, a expressão ideal da negritude. Até mesmo o New York Times, numa avaliação da contínua influência no Harlem, observou que "a ideia central de Malcolm, que se firmou depois de sua morte, é que os negros precisam se ater estreitamente a sua própria cultura negra, e alimentá-la, em vez de 'integrá-la para que deixe de existir'".[2]

Stokely Carmichael, talvez o mais importante arquiteto do movimento Black Power, localizou a origem do seu desenvolvimento em Malcolm. Na autobiografia, Carmichael explica que como estudante da Universidade Howard no começo dos anos 1960 via Bayard Rustin, de início, como seu mentor político. Assistiu ao debate entre Rustin e Malcolm em Washington, em 30 de outubro de 1961, certo de que Rustin venceria o debate "de mãos atadas". Mas, como tantos outros, ficou fortemente impressionado com a argumentação de Malcolm. "O que Malcolm demonstrou aquela noite... foi o poder bruto, a potência visceral, da influência que nossa negritude coletiva, não expressa claramente em palavras, exercia sobre nós. Nunca vou esquecer." Três décadas depois do triunfo de Malcolm sobre Rustin, Carmichael ainda se inspirava no homem orgulhoso que era a personificação da negritude: "A luz de um refletor seguiu-o enquanto caminhava, magro, ereto, imaculadamente vestido, para o microfone num palco em tudo o mais escuro".[3]

Existe uma tendência de revisionismo histórico a interpretar Malcolm X pelas lentes poderosas de Martin Luther King: de acordo com essa corrente, a evolução de Malcolm faria dele um reformista liberal pró-integração. Essa opinião não é apenas errada, mas injusta com Malcolm e com Martin. King se via, como Frederick Douglas, acima de tudo como um americano, que pretendia obter os mesmos direitos civis e privilégios cívicos desfrutados por outros americanos. Lutou para apagar a faixa colorida de estigma e exclusão que relegava minorias raciais à cidadania de segunda classe. Como na bem-sucedida campanha presidencial de Barak Obama em 2008, King pretendia convencer os americanos brancos de que "raça não tem a menor importância" — em outras palavras, que as diferenças físicas e de cor que parecem distinguir negros de brancos não deveriam ter peso algum na aplicação da justiça e da igualdade de direitos.

Em nítido contraste, Malcolm se via antes e acima de tudo como um negro, uma pessoa de ascendência africana cidadã dos Estados Unidos. Era uma diferença crucial que o separava de King e outros líderes de direitos civis. Quando pertencia à Nação do Islã, Malcolm se considerava membro da tribo de Shabazz, fictício clã negro asiático inventado por W. D. Fard. Mas nas fases finais de sua carreira, especialmente em 1964-5, Malcolm vinculava sua consciência negra ao imperativo ideológico de autodeterminação, ao conceito de que todos têm o direito de decidir o próprio destino. Malcolm via os americanos negros como uma nação oprimida dentro da nação maior, com cultura, instituições sociais e psicologia de grupo próprias. As lembranças que tinham da luta pela liberdade diferiam completamente das lembranças dos americanos brancos. No fim da vida, percebeu que os negros podiam, de fato, alcançar representação e mesmo poder dentro do sistema constitucional dos Estados Unidos. Mas sempre pensou, antes e acima de tudo, nos interesses dos negros — o que muitos negros percebiam instintivamente, amando-o por causa disso.

King apresentou aos americanos brancos uma estreita narrativa sugerindo que os negros estavam preparados para protestar sem violência, e mesmo para morrer, a fim de concretizar a promessa dos fundadores. Malcolm, por sua vez, propunha que os oprimidos tinham o direito natural de autodefesa armada. Sua narrativa era a da história do racismo estrutural — do tráfico transatlântico de escravos à guetização — e seu remédio eram reparações para os negros, uma compensação aos anos de exploração que os negros sofreram. É por essa razão que Malcolm, tivesse ele sobrevivido até os anos 1990, não seria um defensor entusiástico da ação afirmativa como ponto central das reformas de direitos civis. A ação afirmativa jamais pretendeu promover o pleno emprego, ou a transferência de riqueza para afro-americanos. O que Malcolm buscava era uma reestruturação fundamental da riqueza e do poder nos Estados Unidos — não uma revolução social violenta, mas ainda assim uma mudança radical e significativa.

Outra diferença crucial entre os dois líderes era sua relação com a classe média afro-americana. King era produto da pequena burguesia instruída e endinheirada de Atlanta. Tinha diplomas da Faculdade Morehouse e da Universidade de Boston; Malcolm saiu da escola sem concluir o primeiro ano do ensino médio. Sua "universidade" foi a Colônia Penal de Norfolk. Mais do que qualquer outro líder negro do século xx, Malcolm exigiu que os negros das

classes profissionais e gerenciais tivessem mais responsabilidade para com as massas de pobres e operários afro-americanos. Em discursos como "Mensagem às bases", condenou severamente os líderes negros de classe média por seus acordos com mediadores brancos influentes. Exigia maior integridade e responsabilidade dos negros privilegiados, como elemento essencial da estratégia para alcançar a liberdade dos negros.

Em sua história oral de 2003, Ossie Davis explicou, quando lhe perguntaram por que se referira a Malcolm como "esplêndido príncipe negro" em sua oração fúnebre: "Porque um príncipe não é um rei".[4] Deu a entender que a morte prematura de Malcolm interrompeu sua maturidade e o desenvolvimento de seu pleno potencial de líder. Outra maneira de examinar o achado de Davis é perguntar se a visão de justiça racial de Malcolm foi plenamente concretizada ou alcançada. Mais uma vez a comparação entre Martin e Malcolm é iluminadora. Depois do assassinato de King, sua imagem cresceu, passando de contestador da Guerra do Vietnã e polêmico paladino dos direitos civis a defensor de uns Estados Unidos cegos para a cor da pele. Seu aniversário foi comemorado pelo governo americano como feriado nacional dedicado ao serviço público. Políticos de todos os matizes ideológicos aplaudem a não violência de King, mas raramente examinam sua feroz impaciência com a injustiça racial e sua relevância para a nossa época. Já Malcolm, durante décadas, foi escarnecido e estereotipado por seu extremismo racial. No entanto, para a maioria dos americanos negros ele se tornou figura emblemática de encorajamento dos negros, que destemidamente contestou o racismo onde quer que o identificasse, e inspirou jovens negros a sentirem orgulho de sua história e cultura. Esses aspectos da personalidade pública de Malcolm ficaram indelevelmente gravados no movimento Black Power; estavam presentes no brado "É a nossa vez!" dos proponentes negros de Harold Washington na vitoriosa campanha do Partido Democrata para prefeito de Chicago em 1983. Estavam expressos parcialmente no comparecimento inédito de eleitores em bairros negros durante as campanhas de Jesse Jackson nas eleições presidenciais de 1984 e 1988 e na bem-sucedida tentativa eleitoral de Barack Obama em 2008. Malcolm de fato previu que o eleitorado negro poderia, potencialmente, representar o equilíbrio de poder numa república branca dividida.

A visão revolucionária de Malcolm também desafiou os Estados Unidos brancos a pensarem e falarem de outra maneira a respeito de raça. Numa época

em que artistas brancos ainda pintavam o rosto de negro para atuar, Malcolm desafiou os brancos a examinarem as políticas e práticas de discriminação racial. Antes de os pós-modernistas escreverem sobre "privilégio branco", Malcolm falou dos efeitos destruidores do racismo sobre suas vítimas e seus promulgadores. Perto do fim da vida, imaginou a destruição do próprio racismo, e a possibilidade de criar uma ordem social humana livre de injustiça racial. Ofereceu a esperança de que os brancos pudessem superar séculos de socialização negativa com os negros, e de que uma sociedade racialmente justa era viável. Não adotou a "cegueira da cor", mas, como Frantz Fanon, achava possível desmantelar as hierarquias raciais existentes na sociedade.

Malcolm também mudou internacionalmente o discurso e a política relativos a raça. Num período em que líderes afro-americanos dedicavam seus esforços para mudar políticas federais e estaduais sobre as relações entre raças, Malcolm percebeu que o êxito da luta interna por direitos civis requeria que ela fosse ampliada numa campanha internacional por direitos humanos. As Nações Unidas, não o Congresso ou a Casa Branca, tinham de ser o fórum central. Igualmente importantes eram as distinções que ele fez entre política negra dentro dos Estados Unidos e as políticas de libertação na África e no Caribe.

Apesar de sua retórica radical, como deixa claro "O voto ou a bala", Malcolm em sua maturidade acreditava que os afro-americanos poderiam usar o sistema eleitoral e o direito de voto para conquistar mudanças importantes. Sua posição, de propor uma educação e mobilização em massa do eleitorado negro, era praticamente idêntica à do SNCC, e seria mais tarde adotada pelo Partido dos Panteras Negras em Oakland nos anos 1970. Mas fora dos Estados Unidos, apesar de seu respeito por Nkrumah, ele não via a política eleitoral e a mudança social gradual como uma abordagem viável para a transformação de sociedades pós-coloniais. Apoiava a violência revolucionária contra o regime do apartheid na África do Sul, e a guerra de guerrilha contra o regime neocolonial no Congo e nas colônias portuguesas de Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. Nelson Mandela, que em 1961 fundou o Umkhonto we Sizwe (Lança da Nação), o secreto braço armado do Congresso Nacional Africano, era herói de Malcolm por sua identificação com os ataques guerrilheiros contra a África do Sul branca. Embora hoje Mandela seja visto como um reconciliador das raças, muito semelhante a King, meio século atrás o futuro presidente da África do Sul tinha opiniões muito parecidas com as de Malcolm sobre a necessidade da luta armada

na África.[5] Por isso, a ideia de que havia "dois Malcolms X" — um que defendia a violência quando era membro da Nação, e outro que apoiava a mudança não violenta — é absolutamente errada. Para Malcolm, a autodefesa armada jamais significou violência pela violência.

Malcolm concebeu uma versão moderna do pan-africanismo, baseada no antirracismo global. A Conferência Mundial das Nações Unidas Contra o Racismo, realizada em Durban, na África do Sul, em 2001, foi, em muitos sentidos, a materialização da visão internacional de Malcolm. Centenas de organizações não governamentais de religião, de justiça social e de direitos civis travaram diálogos transnacionais, examinando o racismo de uma perspectiva verdadeiramente global. Dos 11500 delegados e observadores, cerca de 3 mil eram americanos, e quase dois terços americanos negros.[6] Malcolm acreditava que a liberdade dos negros nos Estados Unidos dependia de uma estratégia geopolítica internacionalista.

A dimensão irrealizada da visão racial de Malcolm foi a do nacionalismo negro. Ideologia política surgida antes da Guerra Civil, o nacionalismo negro baseava-se na crença de que o pluralismo racial conducente à assimilação era impossível nos Estados Unidos. Tão descrentes eram os nacionalistas na capacidade de os brancos superarem o próprio racismo que chegaram a negociar com grupos terroristas como a Ku Klux Klan, na equivocada suposição de que eram mais honestos em suas atitudes raciais do que os liberais. Mas, à medida que as experiências internacionais de Malcolm ganhavam variedade e amplitude, sua visão social se expandia. Ele ficou menos intolerante e mais aberto a coalizões multiétnicas e inter-religiosas. Em seus últimos meses de vida recusava a identificação de "nacionalista negro", buscando abrigo ideológico nos conceitos racialmente neutros do pan-africanismo e da revolução no Terceiro Mundo. Também passou a rejeitar a violência pela violência, jamais abandonando, porém, o ideal nacionalista de "autodeterminação", o direito de países e minorias oprimidos decidirem por conta própria seu futuro político. Diante da eleição de Barack Obama, levanta-se agora a questão de saber se os negros têm um destino político separado de seus concidadãos brancos. Se a segregação racial legal ficou permanentemente para trás no passado dos Estados Unidos, a visão de Malcolm hoje teria de redefinir radicalmente autodeterminação, bem como o significado de poder negro num ambiente político que a muitos parece "pós-racial".

Finalmente, e talvez mais relevante, Malcolm X representa a ponte mais

importante entre o povo americano e mais de 1 bilhão de muçulmanos mundo afora. Antes da reforma da lei de imigração de 1965, o mais destacado grupo a identificar-se como muçulmano americano foi a herética Nação do Islã. Quando se informou melhor sobre o Islã ortodoxo, Malcolm se dispôs a propagar o significado dessa fé para plateias fora de qualquer contexto racial. Mesmo antes de sua morte, Malcolm tornou-se amplamente conhecido e respeitado nas diásporas islâmicas e árabes. Tentou comunicar-se com seitas e organizações islâmicas que refletiam opiniões e princípios teológicos muito divergentes — os muçulmanos wahabitas na Arábia Saudita, os socialistas nasseristas no Egito, os sufis africanos no Senegal, a Irmandade Muçulmana no Líbano, a Organização para a Libertação da Palestina. Evitava discussões que pusessem muçulmanos contra muçulmanos; enfatizava a capacidade do Islã para transformar o crente, levando-o do ódio e da intolerância para o amor. Sua própria e notável história pessoal personificou essa reinvenção.

E o que dizer do futuro de Malcolm depois da morte? Assim como a cultura do hip-hop foi decisiva para promover seu segundo renascimento nos anos 1990, parece provável que o Islã influenciará seu legado futuro.[7]

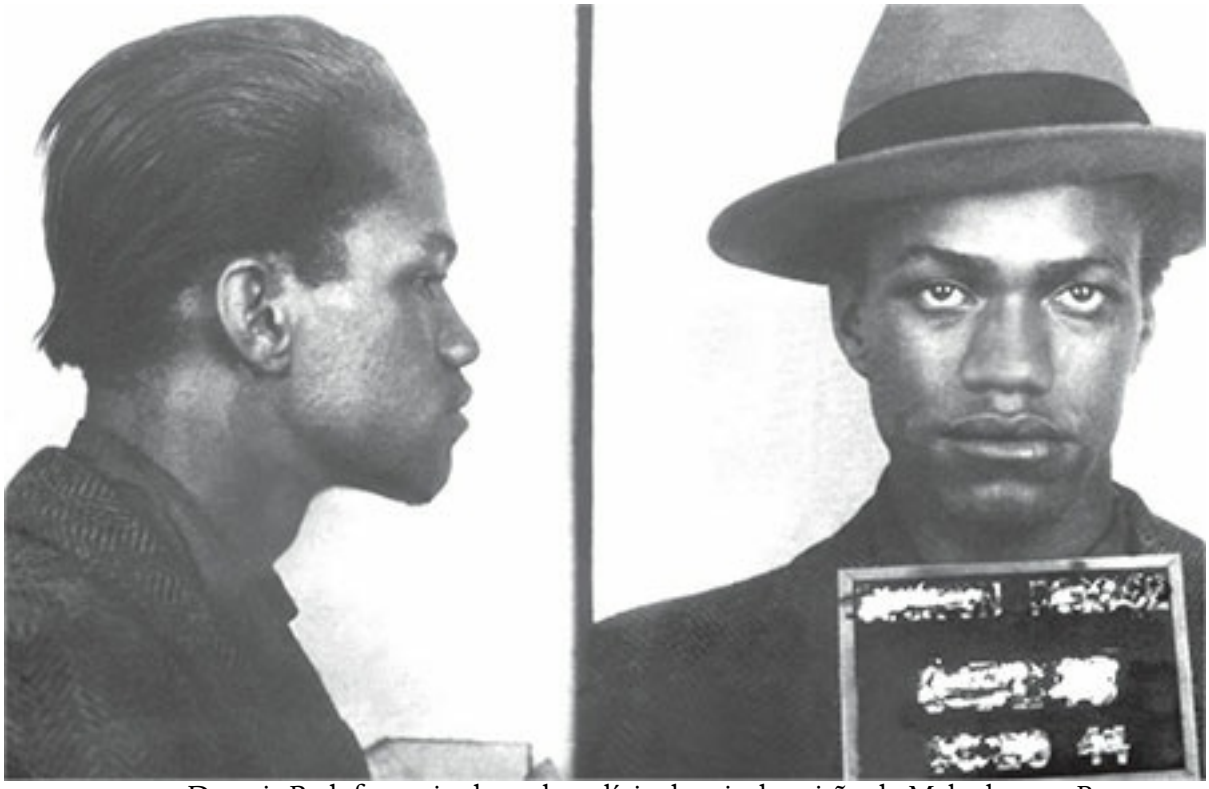
O processo de reinvenção jihadista começou com a revolução iraniana. O governo do aiatolá Khomeini foi o primeiro a imprimir um selo postal com a imagem de Malcolm, lançado em 1984 para promover o Dia Universal da Luta contra a Discriminação Racial.[8] Menos de duas décadas depois, sua influência foi descoberta nas cavernas das montanhas do Afeganistão, no radicalismo do convertido islâmico e talibanista John Walker Lindh. Branco americano de classe média alta do rico condado de Marin, na Califórnia, Lindh foi apresentado a Malcolm quando a mãe o levou para ver o filme de Spike Lee. Depois de ler a Autobiografia, o fascínio de Lindh evoluiu para ferrenha dedicação. Em outubro de 2001, quando as forças americanas invadiram o Afeganistão, Lindh foi capturado entre os combatentes talibãs e agora cumpre pena de vinte anos de prisão. O conselheiro religioso de Lindh, Shakeel Syed, está convencido de que Lindh poderia "ser o novo Malcolm X".[9]

A rede terrorista Al-Qaeda também tem consciência suficiente da política racial americana para estabelecer claras distinções entre líderes afro-americanos convencionais e revolucionários negros como Malcolm. Um vídeo da Al-Qaeda divulgado depois da eleição de Barack Obama em novembro de 2008 descrevia o presidente eleito como "traidor da raça" e "hipócrita" em comparação com

Malcolm X. "E em [Barack Obama] e Colin Powell, [Condolezza] Rice e semelhantes, as palavras de Malcolm X [que Alá tenha piedade dele] sobre 'negros de casa' se confirmam", declarou o vice da Al-Qaeda, Ayman al-Zawari. Malcolm foi descrito como figura essencial para as tradições políticas dos "honrados negros americanos".[10] O que há de irônico nisso é que Malcolm certamente condenaria os ataques terroristas do Onze de Setembro de 2001 por representarem a negação de princípios do Islã. Uma religião baseada na compaixão universal e no respeito aos ensinamentos da Torá e dos Evangelhos, Malcolm saberia, não tem nada em comum com aqueles que empregam o terror como ferramenta política. A jornada de autodescoberta de Malcolm e a busca de Deus o conduziram à paz e o afastaram da violência.

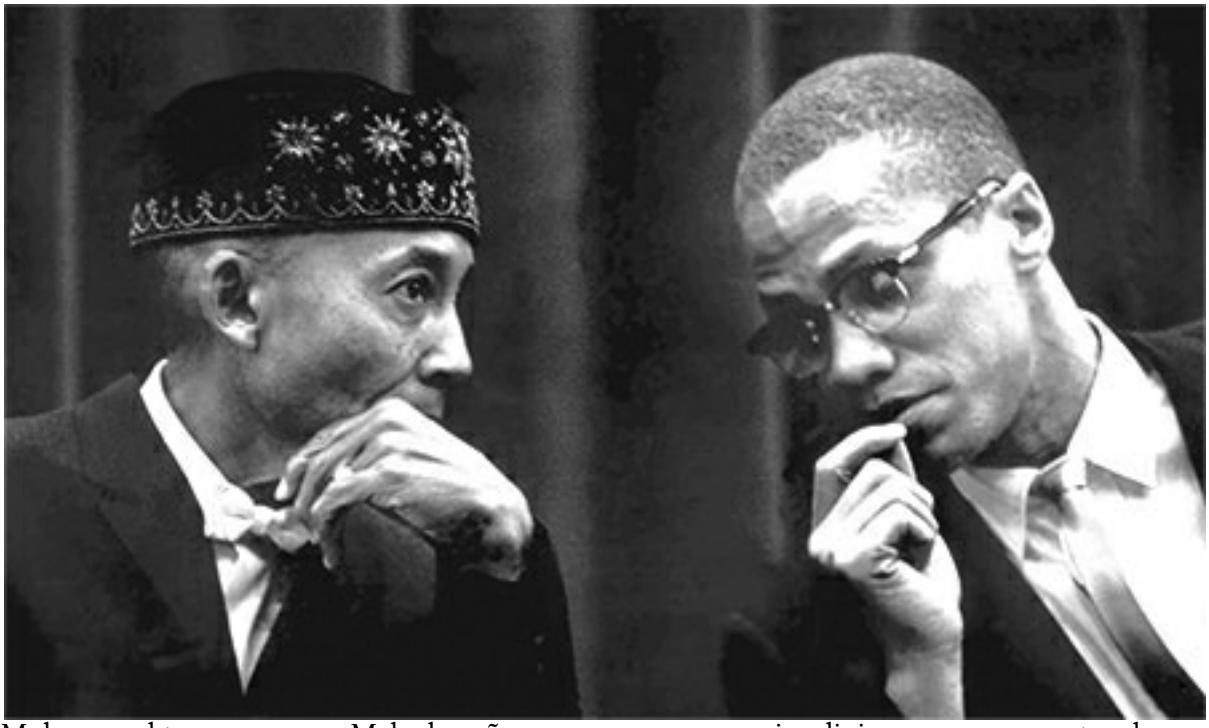
Mas há outro legado que pode ter grande influência na herança deixada por Malcolm: a política de humanismo radical. O primeiro encontro real de James Baldwin com Malcolm ocorreu em 1961, quando foi solicitado para mediar um grupo de discussão que incluía o líder da Nação do Islã num programa radiofônico. Malcolm fora convidado para debater com um jovem ativista de direitos civis que acabara de voltar de protestos pela dessegregação no sul. Baldwin teve medo de que o célebre agitador fosse arrasar com o jovem manifestante. Baldwin escreveria depois que estava ali "para jogar um salva-vidas sempre que Malcolm parecesse levar o menino para águas profundas demais". Para surpresa de Baldwin, Malcolm "compreendeu aquele menino e dirigiu-se a ele como se falasse com um irmão mais novo". Baldwin ficou profundamente comovido. "Jamais esquecerei Malcolm e o menino, um diante do outro, e sua extraordinária gentileza: ele foi uma das pessoas mais gentis que conheci na vida."[11]

Um profundo respeito pela humanidade negra e uma profunda crença nela estavam no cerne da fé visionária desse revolucionário. E quando sua visão social se ampliou, passando a incluir pessoas de diferentes nacionalidades e identidades raciais, seu gentil humanismo e antirracismo poderiam ter se tornado plataforma para uma nova espécie de política étnica radical e global. Em vez do feroz símbolo de violência étnica e ódio religioso, como o que a Al-Qaeda quis projetar nele, Malcolm X deveria ser visto como um representante da esperança e da dignidade humanas. Pelo menos para os afro-americanos, ele já personifica essas mais elevadas aspirações.



Nos anos em que era Detroit Red: fotos tiradas pela polícia depois da prisão de Malcolm em Boston, em 1944.

Durante toda a vida, a meia-irmã de Malcolm, Ella Collins, foi uma fonte tanto de conforto como de contrariedade. Aqui, ela fala depois do assassinato do irmão, em fevereiro de 1965.



Elijah Muhammad tornou-se para Malcolm não apenas um mensageiro divino, mas um mentor de confiança; suas estreitas relações aceleraram a ascensão de Malcolm na Nação do Islã. Acima, os dois juntos em 1961.

Malcolm, príncipe herdeiro da NOI, fala na festa do Dia do Salvador, em 1961. Sentados da esquerda para a direita estão Louis Farrakhan, o ministro assistente de Chicago James Shabazz, Elijah Muhammad, Wallace Muhammad, John Ali e Clara Muhammad.

Malcolm mostra uma imagem do assassinato de Ronald Stokes num comício, em 1962. A pífia resposta da NOI à morte de Stokes contribuiria para afastar mais ainda Malcolm da sede em Chicago.

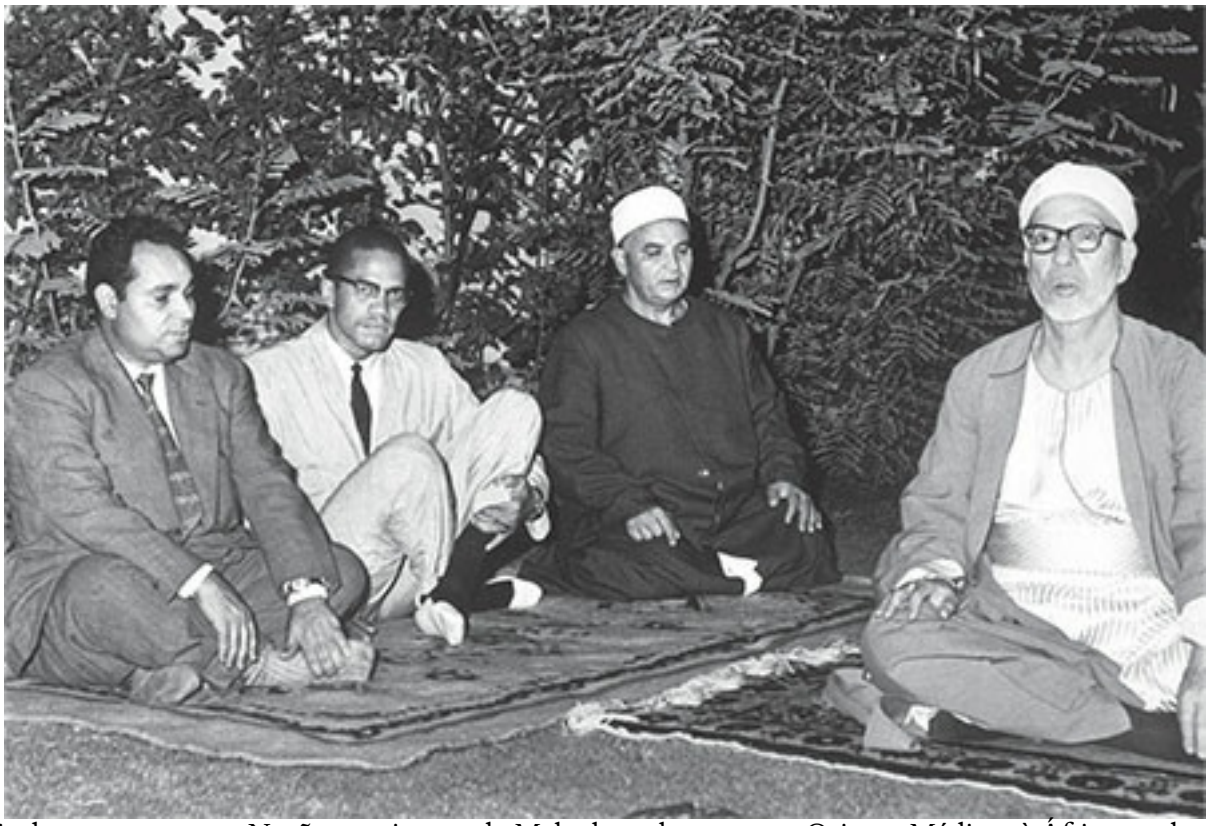
Malcolm, Benjamin Goodman (à esquerda, de chapéu preto) e o ministro de Newark James 3X Shabazz (à direita, de óculos) protestam contra a brutalidade da polícia no Tribunal Penal do Condado de Nova York, em 1963.

Grupo de conselheiros do NOI: Elijah Muhammad (sentado) no dia seguinte ao assassinato de Malcolm. Em pé, da esquerda para a direita, estão Herbert Muhammad, John Ali e o ministro assistente de Chicago, James Shabazz.

Ao ganhar destaque, Malcolm atraía dois públicos bem diferentes. Aqui, ele fala para uma plateia de maioria branca na Universidade de Hartford, Connecticut, em 29 de outubro de 1963.

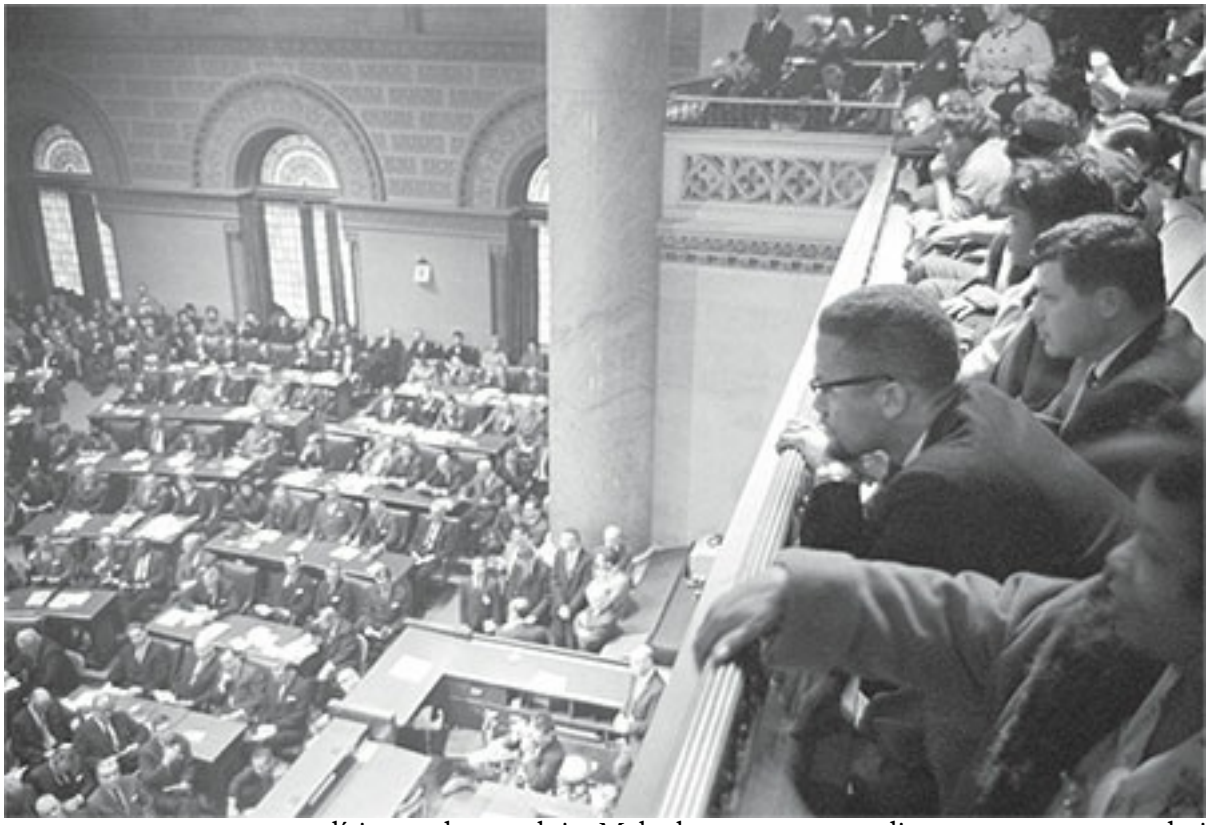
No Harlem, ele continuava a atrair grandes multidões de negros urbanos, como neste comício da NOI na esquina da rua 115 com a avenida Lenox, em 1963.

Elijah Muhammad saúda uma recém-convertida. Sua queda por jovens secretárias da NOI se tornaria um segredo de polichinelo, que Malcolm teve dificuldade para aceitar.



Depois de romper com a Nação, as viagens de Malcolm o levaram ao Oriente Médio e à África em busca do seu centro espiritual e político. Aqui ele aparece num encontro com o sheik Abdel Rahman Tag (primeiro à direita), que logo se tornaria reitor da Universidade Al-Azhar, no Cairo, em 1964.

Enquanto buscava identificar as lutas dos afro-americanos com as dos negros no resto do mundo, Malcolm foi adotado pelos revolucionários do Terceiro Mundo; entre esses estava o general Abdulrahman Muhammad Babu, líder da Revolução Zanzibarita, que aqui aparece com Malcolm em 1964.



Enquanto seu pensamento político se desenvolvia, Malcolm passou a acreditar que os negros poderiam trabalhar dentro do sistema para melhorar suas condições de vida. Em 1965, ele observou uma sessão conjunta do Legislativo do estado de Nova York, na galeria da Câmara em Albany.

A luta de Malcolm com a NOI tornou-se mais contenciosa quando a seita reivindicou a propriedade de sua casa e exigiu que ele se mudasse. Aqui, o capitão do Fruto do Islã Joseph X Gravitt mostra a um policial a ordem de despejo de Malcolm em fevereiro de 1965.

Malcolm em sua casa no bairro de East Elmhurst depois do incêndio provocado por uma bomba em 15 de fevereiro de 1965.

Instantes depois do assassinato, o policial à paisana do Departamento de Polícia de Nova York Gene Roberts tenta ressuscitar Malcolm X.

Thomas 15X Johnson, ex-motorista de Malcolm na NOI, é arrolado como suspeito por seu assassinato em 3 de março de 1965.

Outro funcionário encarregado de fazer cumprir as regras da NOI, Norman 3X Butler, baseado no Harlem, é escoltado para a prisão como segundo suspeito em 26 de fevereiro de 1965.

Reuben Francis, chefe da segurança da mesquita muçulmana de Malcolm, deixa a prisão em Nova York no dia seguinte ao assassinato.

O corpo de Malcolm é exposto para as últimas homenagens na Igreja Templo da Fé de Deus em Cristo, na parte ocidental do Harlem.

A Mesquita nº- 7 é devorada pelas chamas em 23 de fevereiro de 1965, dois dias depois do assassinato de Malcolm.

Agradecimentos e notas de pesquisa

As origens deste livro remontam ao inverno de 1969, meu primeiro ano no Earlham College, em Indiana, quando li pela primeira vez a Autobiografia de Malcolm X. Malcolm tornara-se figura emblemática do movimento Black Power, e devorei os volumes editados de seus discursos e entrevistas. Como muitos outros, não dei importância às inconsistências entre trechos de seus discursos e gravações e os textos impressos desses mesmos discursos em publicações. Quase todas as obras acadêmicas sobre Malcolm se baseavam numa seleção bastante limitada de fontes primárias, nas transcrições de seus discursos e em fontes secundárias, como artigos de jornal.

Quase duas décadas depois, em 1988, eu dei um curso de política afro-americana que incluía a Autobiografia de Malcolm X como parte das leituras obrigatórias, na Universidade de Ohio. Uma leitura atenta do texto revelou numerosas inconsistências, erros e personagens fictícios, em conflito com a verdadeira história da vida de Malcolm. Parecia também faltarem seções analíticas. O que mais chamava a atenção era a ausência de qualquer discussão detalhada sobre os dois grupos que Malcolm formou em 1964 — Mesquita Muçulmana e Organização para a Unidade Afro-Americana. A Autobiografia era tradicionalmente aceita como o testamento político de Malcolm, apesar de em grande parte guardar silêncio sobre grandes questões políticas. Havia também uma estranha, mas inequívoca, fissura no texto, separando os capítulos de um a quinze de um segundo "livro" que ia do capítulo dezesseis ao dezenove. Cerca de dois quintos do livro tratavam apenas dos anos de infância e juventude de Malcolm, descrevendo as façanhas do adolescente Malcolm, "Detroit Red". Só

anos depois descobri que boa parte da história de Detroit Red era fictícia, e que o envolvimento real de Malcolm com roubos e crimes graves teve curta duração.

Na Universidade do Colorado em Boulder, onde lecionei de 1989 a 1993, pus-me a trabalhar no que eu imaginava que seria uma modesta biografia de Malcolm X. O estudo fora projetado inicialmente para mapear a evolução de seu pensamento político e social. Contratei uma equipe de estudantes pesquisadores, encabeçada pela aluna de doutorado Eleanor Hubbard, e começamos a preparar uma bibliografia de quase mil obras sobre o líder negro.

Na vida as oportunidades raramente aparecem sem custo. Em 1993, fui nomeado diretor do recém-criado Instituto de Pesquisas em Estudos Afro-Americanos da Universidade Columbia. Pelos dez anos seguintes, meu principal objetivo foi consolidar o Instituto; o projeto da biografia de Malcolm ficou em suspenso. Só em 1999-2000, depois de diversos encontros com uma das filhas de Malcolm, Ilyasah Shabazz, foi que retornei à biografia. Mas ao ler quase toda a literatura sobre Malcolm produzida nos anos 1990, fiquei impressionado com seu caráter vazio e com a falta de fontes originais. Malcolmistas construíram em torno do seu líder uma lenda que apagava todas as máculas e todos os erros que ele tinha cometido. Outra versão de "malcolmologia" equiparava-o, simplisticamente, a Martin Luther King, ambos defendendo a harmonia multicultural e a compreensão universal. Decidi então escrever um estudo completo e abrangente da vida de Malcolm.

O Malcolm histórico, o homem com todas as suas virtudes e todos os seus defeitos, estava sendo estrangulado pela lenda emblemática construída à sua volta. Havia muitos motivos para isso. Inexplicavelmente, Betty Shabazz — e depois seus herdeiros — negou-se a colocar à disposição do público centenas de documentos de Malcolm X — cartas pessoais, fotografias, textos de discursos — que só foram liberados em 2008. Depois do assassinato de Malcolm em 1965, muitos companheiros seus mais chegados entraram na clandestinidade, fugiram do país, ou simplesmente se recusaram a conversar com acadêmicos. A Nação do Islã, acusada de assassinar Malcolm, obviamente não tinha nenhum motivo para vir a público explicar por que se opusera ao antigo líder dos muçulmanos negros. O líder da NOILouis Farrakhan fez discursos e declarações sobre suas relações com Malcolm, mas nunca apresentou uma história detalhada de sua vida na parte que diz respeito ao assunto. E finalmente tanto o FBI como o Departamento de Polícia de Nova York continuaram a suprimir milhares de páginas com

transcrições de atividades de vigilância e escutas telefônicas relativas a Malcolm. Às vezes esses múltiplos obstáculos eram tão difíceis de contornar que parecia impossível escrever uma biografia séria.

Meu grande impulso inicial veio quando finalmente percebi que a chave para a reinterpretação da vida de Malcolm estava na desconstrução crítica da Autobiografia. Nesse processo, fui tremendamente ajudado por Jonathan Cole, então reitor da Universidade Columbia, e pelo vice-reitor Michael Crow, que deram apoio financeiro em 2001-4 para o desenvolvimento de uma versão multimídia da Autobiografia. Em dado momento, havia mais de vinte alunos de graduação e pós-graduação trabalhando no Projeto Malcolm X, redigindo centenas de perfis e resumos de pessoas, instituições e grupos importantes mencionados na Autobiografia. O Centro para Ensino e Aprendizado de Novas Mídias de Columbia, dirigido por Frank Moretti, produziu nosso extraordinário site: http://ccnmtl.columbia.edu/project/mmt/malcolmx, que acelerou imensamente o desenvolvimento inicial da biografia. Um recurso mais recente de multimídia, apresentando material sobre Malcolm X, está disponível em http://mxp.manningmarable.com.

Enquanto desconstruíamos a Autobiografia, aprendi a apreciar o livro como brilhante obra literária, no entanto mais um livro de memórias do que propriamente uma reconstrução factual e objetiva da vida de um homem. Consequentemente, o livro trata mais de personalidades do que das diferenças ideológicas e políticas mais profundas que afastaram Malcolm da Nação. Também diz pouco sobre as viagens de Malcolm pelo Oriente Médio e pela África, em julho-novembro de 1964.

Outro importante elemento na preparação desta biografia foram os conselhos críticos de Clayborne Carson, diretor do Projeto de Documentos Martin Luther King Jr., da Universidade de Stanford. Estive no campus de Stanford em 2001 para ver como Clay tinha organizado seu projeto, e atribuído responsabilidades específicas a estudantes pesquisadores. Clay sugeriu que a chave para escrever uma biografia completa de Malcolm X seria a construção de uma tabela extremamente detalhada de sua vida; para cobrir os últimos dois anos, 1963 a 1965, haveria registros quase diários. Cada registro indicaria de onde veio a informação e, sempre que possível, conteria múltiplas fontes de documentação. Ao longo de seis anos, uma imensa cronologia foi desenvolvida, que serviu de alicerce para esta biografia.

Um detalhe adicional na leitura desta obra é a questão dos nomes. A maioria das figuras centrais na vida de Malcolm mudou de nome duas ou três vezes, ou mais. O valioso e ríspido chefe de equipe de Malcolm, James Warden, geralmente era chamado de James 67X quando pertencia à Mesquita nº 7, e de James Shabazz em 1964-5. No entanto, havia, na mesma época, outro James Shabazz, James 3X McGregor, chefe da mesquita de Newark, inimigo mortal de Malcolm. Consequentemente, Warden é chamado em todo o livro de James 67X. Há problemas parecidos com outros nomes: o confiável ministro assistente de Malcolm, Benjamin 2X Goodman, era também Benjamin Karim depois de adotar o Islã ortodoxo; Thomas 15X Johnson, injustamente condenado pelo assassinato de Malcolm, foi posteriormente Khalil Islam; Louis Walcott, também chamado de Louis X, o ministro da mesquita da NOIem Boston, é conhecido hoje no mundo inteiro como Louis Farrakhan. Wallace Muhammad, filho de Elijah Muhammad que herdou a posição de líder da Nação do Islã em 1975, mudou a ortografia do nome para Warith Mohammed. Com a exceção parcial de Farrakhan, procurei ser consistente na identificação das personalidades principais em todo o texto. Essa diretriz também se estende a pessoas como Maya Angelou, que durante parte de sua vida nos anos 1960 era conhecida como Maya Maké.

Qualquer obra deste tipo é produto da colaboração de muitos indivíduos. Um dos meus assistentes de doutorado na Universidade Columbia, Zaheer Ali, deu muitas contribuições importantes como diretor adjunto do Projeto Malcolm X durante quatro anos, especialmente no desenvolvimento da versão multimídia da Autobiografia. O vasto conhecimento de Zaheer a respeito da Nação do Islã, assim como do Islã ortodoxo, ampliou nosso estudo para que pudesse incluir as vozes de muçulmanos negros como Louis Farrakhan. A sucessora de Zahher, Elizabeth Mazucci, foi em grande parte responsável pela preparação da cronologia de Malcolm X e por organizar milhares de páginas com os resultados da atividade de vigilância do FBI. Foi esse o cerne cronológico que tornou possível a construção da biografia, e sou profundamente grato a Elizabeth por seus anos de esforço incansável. A estudante de doutorado Elizabeth Hinton foi de fundamental importância no cruzamento de várias fontes, como arquivos e jornais, para documentar da melhor maneira possível os acontecimentos importantes na vida de Malcolm. Russell Rickford, agora professor de história na Faculdade de Dartmouth, foi de inestimável utilidade, agendando sessões de

história oral e entrevistas com contemporâneos de Malcolm. Desde 2008 o Projeto Malcolm X tem sido coordenado com habilidade por Garret Felber, extraordinário pesquisador e jovem acadêmico dos Estados Unidos negros do século xx. Garrett tem a estranha e misteriosa capacidade de localizar os mais raros e obscuros documentos relativos à vida de Malcolm. Neste último ano, nosso mais novo pesquisador, Kevin Loughram, também deu importante contribuição para o projeto.

As primeiras versões de vários capítulos desta biografia foram lidas por Ira Katznelson, Renate Bridenthal, Hishaam Aidi, Samuel Roberts e Bill Fletcher Jr. Seus comentários e críticas foram extremamente valiosos. Richard Cohen, meu magnífico editor, trabalhou comigo no desenvolvimento de cada capítulo. Meus editores da Viking Penguin, particularmente Wendy Wolf e Kevin Doughten, foram extremamente solidários ao longo de toda a evolução do manuscrito. Por quase dezoito meses, Kevin e eu nos comunicávamos quase todos os dias, discutindo várias versões de capítulos, no esforço para construir uma narrativa eficiente que alcançasse o público mais vasto possível. Tenho abundantes dívidas de gratidão também com minha agente, Elyse Cheney, e minha advogada, Lisa Davis, que trabalharam comigo neste projeto quase uma década.

Sara Crafts foi a principal digitadora de manuscritos de muitos projetos de livros anteriores e fez um magnífico trabalho processando diferentes versões de cada capítulo e acompanhando de perto os manuscritos corrigidos. Sempre valorizei sua amizade e seus conselhos. Courtney Teague, minha secretária no Centro de História Negra Contemporânea de Columbia, foi indispensável na coordenação de meu seminário sobre Malcolm X, e também na digitação de manuscritos. Ambas prestaram ajuda inestimável na execução do projeto.

Um último e imprevisto obstáculo para a conclusão desta obra veio na forma de grave problema de saúde. Há 25 anos eu sofria de sarcoidose, doença que destruiu gradualmente minhas funções pulmonares. No último ano de pesquisa para este livro, não pude viajar e carregava comigo tubos de oxigênio para respirar. Em julho de 2010, recebi um transplante duplo de pulmões, e, depois de dois meses de hospitalização, consegui me recuperar completamente. Durante toda a provação, a redação, a edição e a pesquisa da biografia de Malcolm X prosseguiram. Por isso, sou profundamente grato a meus pneumologistas, dr. David Lederer e dra. Doreen Addrizzo-Harris; a meu cirurgião, dr. Frank D'Ovidio; e a toda a equipe de transplante de pulmão — coordenadores,

enfermeiros e terapeutas físicos e ocupacionais do Hospital Presbiteriano de Nova York, todos essenciais para o êxito da cirurgia e para minha recuperação. Igualmente importante para o meu restabelecimento foi a minha família — incluindo Sandra Mullings, Alia Tyner, Michael Tyner, Pansy Mullings, Pauline Mullings, Paul Mullings, Malaika Marable Serrano, Sojourner Marable Grimmett, Joshua Marable, Adriana Nova e Chris Nova, que passaram noites e noites no hospital e foram solidários durante minhas difíceis semanas de convalescença.

A maior dívida de gratidão é com minha parceira intelectual e companheira, Leith Mullings. Durante anos, ela pacientemente escutou, ou leu, incontáveis capítulos da vida de Malcolm. E fez uma leitura crítica do rascunho final do livro inteiro, linha por linha, apresentando importantes sugestões. Leith também deixou sua vida em segundo plano por mais de dois anos, enquanto eu me debatia com minhas crises pulmonares, com a cirurgia e com a recuperação. Sem seu constante encorajamento e infalível apoio, eu não teria sobrevivido.

E, por último, sou profundamente grato ao verdadeiro Malcolm X, o homem por trás do mito, que corajosamente desafiou e transformou a si mesmo, tentando enxergar um mundo sem racismo. Com todos os seus erros e contradições, Malcolm é hoje um padrão definitivo pelo qual todos os outros americanos que aspirem ao manto de líder deveriam ser medidos.

Manning Marable
25 de setembro de 2010

Notas

SIGLAS UTILIZADAS NAS NOTAS

MANY Municipal Archives in the City of New York [Arquivos Municipais da Cidade de Nova York]
RWL Robert W. Woodruff Library Special Collections Department [Departamento de Coleções Especiais da Biblioteca Robert W. Woodruff]
MX FBI Arquivo de Malcolm X no FBI
MXC-S Malcolm X Collection, Schomburg Center for Research in Black Culture [Coleção Malcolm X, Centro Schomburg de Pesquisa de Cultura Negra]
UTLSC University of Tennessee Library Special Collection [Coleção Especial da Biblioteca da Universidade de Tennessee]
KMC The Ken McCormick Collection of the Records of Doubleday and Company [Coleção Ken McCormick dos Registros da Doubleday and Company]

PRÓLOGO — A VIDA ALÉM DA LENDA.

1. Ver Eric William Allison, "Audubon Theatre and Ballroom". In: Kenneth T. Jackson (Org.), The Encyclopedia of New York City. New Haven: Yale University Press, 1995, p. 66.
2. Carta ao editor, Shirley G. Quill, New York Times, 1 abr. 1990. Quill observou que "bem antes do terrível assassinato de Malcolm X, o salão do Audubon era conhecido como o berço do Sindicato dos Trabalhadores de Transporte (Union Municipal Transit Workers, TWU), o primeiro sindicato de trabalhadores de sistema de trânsito municipal da história do trabalhismo moderno".
3. "Girl and Man Shot in Dance Hall", The New York Times, 22 set. 1929.
4. "The Negroes at the mass level are ready to act"; M. S. Handler, Malcolm X Splits with Muhammad", The New York Times, 9 mar. 1964; e M. S. Handler, "Malcolm X Sees Rise in Violence", The New York Times, 13 mar. 1964.
5. Emanuel Perlmutter, "Murphy Says City Will Not Permit Rights Violence", The New York Times, 16 mar. 1964.

6. Entrevista com Herman Ferguson, membro da OAAU e testemunha ocular do assassinato de Malcolm X, 27 jun. 2003.
7. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, 2. ed. rev. Urbana: University of Illinois Press, 1979, pp. 269, 274.
8. Id., ibid., pp. 416-9.
9. Declaração de William 64X à Promotoria Pública de Nova York, 18 mar. 1965. As entrevistas da polícia relacionadas às investigações do assassinato de Malcolm X estão disponíveis nas pastas do Caso 871-65, série i, Departamento de Gravações e Serviço de Informações da Cidade de Nova York, Arquivos Municipais da Cidade de Nova York (Municipal Archives in the City of New York, citado, daqui em diante, como MANY). O arquivo do promotor público sobre o assassinato de Malcom X está dividido em três séries, de acordo com períodos cronológicos correspondentes ao assassinato. A primeira série inclui material da investigação policial e do indiciamento; a segunda inclui o julgamento do caso em 1966; a terceira abrange os apelos dos assaltantes condenados Norman Butler, Thomas Johnson, e Talmadge Hayer (também conhecido como Thomas Hagan). A disponibilidade de documentos internos do FBI não editados e um exemplar da transcrição na íntegra do Grande Júri para o julgamento do assassinato de Malcolm X é algo bastante significativo na série i. Os arquivos do promotor público estavam vedados ao público até 1993, quando foram transferidos para o MANY. Para uma análise abrangente do arquivo, ver Elizabeth Mazucci, "St. Malcolm's Relics: A Study of the Artifacts Shaped by the Assassination of Malcolm X". Columbia University, 2005. Tese de doutorado.
10. Na entrevista com o Departamento de Polícia de Nova York (New York Police Department, citado daqui em diante como NYPD), Linwood X Cathcart foi solicitado a examinar fotos de Norman Butler e Thomas Johnson, dois membros da NOIque tinham sido presos pelo assassinato de Malcolm X. Linwood X disse que não conseguia identificar Johnson e Butler pelas fotos. Declarou que nenhum dos dois estava presente ao comício no salão Audubon. Então, para provocar, segundo os registros policiais, "o sr. Cathcart disse que Malcolm X podia ser comparado a Benedict Arnold, pois também era um traidor, e que Alá cuide de todos nós". Ver entrevista de Augurs Linwood C. Cathcart com o NYPD. Caso 871-65, série i, MANY, 22 mar. 1965.
11. Testemunho de Langston Savage no grande júri e entrevista do NYPD com Langston Savage. Caso 871-65, série i, MANY, 22 mar. 1965.
12. Entrevista com James 67X Warden (também conhecido como Abdullah Abdur Razzaq e James Shabazz), 21 jul. 2003.
13. Policial William E. Confrey, "Entrevista com Mr. William Fogel, gerente do salão do Audubon". Caso 871-65, série i, MANY, 21 fev. 1965.
14. Peter Goldman, op. cit., pp. 418-9.
15. Transcrição de discurso de Benjamin 2X Goodman (também conhecido como Benjamin Karim), no salão do Audubon, 21 fev. 1965. Cópia e gravação em áudio em poder do autor.
16. Ibid. Ver também Peter Goldman, op. cit., pp. 271-3.
17. Transcrição de discurso de Benjamin 2X Goodman. Os comentários iniciais de Malcolm X podem ser ouvidos na gravação.
18. Malcolm X e Alex Haley, The Autobiography of Malcolm X. Nova York: Ballantine, 1999, p. 462.
19. Peter Goldman, op. cit., p. 378.
20. Ver James Baldwin, One Day, When I Was Lost: A Scenario Based on Alex Haley's The Autobiography of Malcolm X. Nova York: Dell, 1972; David Leeming, James Baldwin: A Biography. Nova York: Henry Holt, 1994, pp. 297-9; e Brian Norman, "Reading a Closet Screenplay: Hollywood, James Baldwin's Malcolm X and the Threat of Historical Irrelevance", African American Review, v. 39, n. 2, pp. 103-18, primavera 2005.
21. Paul Deloney, "Black Parlays in Capital Hail Nixon and Thurmond", The New York Times, 12 jun. 1972.
22. William T. Strickland e Cheryll Y. Greene (Orgs.), Malcolm X: Make It Plain. Nova York: Viking, 1994, p. 225.

23. Sam Roberts, "Dan Quayle, Malcolm X and American Values", The New York Times, 15 jun. 1992.
24. "Will the Real Malcolm X Please Stand Up?", Los Angeles Sentinel, 7 jan. 1993.
25. Gerald Home, '"Myth' and the Making of 'Malcolm X'", American Historical Review, v. 98, n. 2, p. 448, abr. 1993.
26. Manning Marable, Living Black History: How Reimagining the African-American Past Can Remake America's Racial Future. Nova York: Basic Civitas, 2006, p. 147.
27. Malcolm X e Haley, op. cit., p. xxv.
28. Id., ibid., p. 256.
29. Id., ibid., p. xxv.
30. Ver a análise da carreira criminosa de Detroit Red em Rodnell P. Collins e Peter A. Bailey, Seventh Child: A Family Memoir of Malcolm X (Nova York: Kensington, 1998).

1. "DE PÉ, RAÇA PODEROSA!"

1. Certificado de óbito de Early (Earl) Little, 30 mar. 1931, Dapartamento Municipal de Saúde, Divisão de Estatísticas, número oficial 1338243. Cópia em poder do autor. Há incerteza sobre a data de nascimento de Earl Litte. Segundo o censo de 1930, E. Little nasceu em 1891-2. Mas em seu formulário de pedido de passaporte, Malcom dá 1889 como data de nascimento do pai, "J. Early Little". Ver Memorando MX FBI , 27 jul. 1959; e Relatório resumido MX FBI , escritório de Nova York, 17 nov. 1959, p. 31.
2. "Reynolds", The Butler Herald, Georgia, 20 jun. 1911.
3. Walter White, Rope and Faggot. Nova York: Amo, 1969, pp. 254-6.
4. Sarah A. Soule, "Populism and Black Lynching in Georgia, 1890-1900", Social Forces, v. 71, n. 2, pp. 431-49, dez. 1992.
5. Ira Berlin, The Making of African America. Nova York: Viking, 2010, p. 172.
6. Os primeiros anos de Earl Little e Louise Norton são descritos em William T. Strickland e Cheryll Y. Greene (Orgs.), op. cit. Um tratamento literário das complexas e quase sempre tensas relações entre os pais de Malcolm é dado em Jan Carew, Ghosts in Our Blood: With Malcolm X in Africa, England, and the Caribbean (Westport, ct: Lawrence Hill, 1994). Ver também Mary G. Rolinson, Grassroots Garveyism (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007, pp. 193-4).
7. Louis A. DeCaro Jr., On the Side of My People: A Religious Life of Malcolm X. Nova York: New York University Press, 1996, pp. 41-2. O censo de 1930 situa o nascimento de Louise Little em 1898-9. No formulário de pedido de passaporte apresentado em 1959, Malcolm declara que sua mãe nasceu em 1896. Ver Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1959.
8. Ver Leo W. Bertley, "The Universal Negro Improvement Association of Montreal, 1917-1974", Califórnia: Universidade Concordia, 1980. Tese de doutorado.
9. Há um volume substancial de estudos acadêmicos sobre o conflito entre Booker T. Washington e W. E. B. Du Bois. Para começar, o melhor é o de August Meier, Negro Thought in America, 1880-1915 (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1963). Outras fontes sobre Washington e Du Bois incluem Louis R. Harlan, Booker T.Washington: The Making of a Black Leader, 1856-1901 (Nova York: Oxford University Press, 1972); Louis R. Harlan, Booker T. Washington: The Wizard of Tuskegee, 1901-1915 (Nova York: Oxford University Press, 1983); Kevin Gaines, Uplifting the Race: Black Leadership, Politics and Culture in the Twentieth Century (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996); Michael Rudolph West, The Education of Booker T. Washington (Nova York: Columbia University Press, 2006); Raymond Walters, W. E. B. Du Bois and His Rivals (Columbia: University of Missouri Press, 2002), e Manning Marable, W. E. B. Du Bois: Black Radical Democrat, 2. ed. (Boulder, co: Paradigm, 2005).

10. Louis A. DeCaro Jr., op. cit., pp. 13-5.
11. Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), Marcus Garvey: Life and Lessons. Berkeley: University of California Press, 1987, p. lxiv.
12. Black Man, v. 1, p. 5, jul. 1935.
13. Marcus Garvey, "Autobiography". In: Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., pp. 92-3.
14. Richard Brent Turner, Islam in the African-American Experience. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 81.
15. Marcus Garvey", op. cit., pp. 49-50.
16. Kelly Miller, "After Marcus Garvey: What of the Negro?", Contemporary Review, v. 131, pp. 492-500, abr. 1927.
17. Louis A. DeCaro Jr., op. cit., p. 15.
18. Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., p. xxxvii. Há numerosos estudos sobre Garvey e o garveyismo. São obras importantes: Robert A. Hill (Org.), The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers (Berkeley: University of California Press, 1983); Rupert Lewis, Marcus Garvey: Anti-Colonial Champion (Trenton, nj: Africa World Press, 1988); Claudrena N. Harold, The Rise and Fall of the Garvey Movement in the Urban South, 1918-1942 (Londres: Routledge, 2007); e Emory J. Tolbert, The UNIA and Black Los Angeles (Los Angeles: Center for Afro-American Studies, University of California Press, 1980).
19. Peter Cole, Wobblies on the Waterfront: Interracial Unionism in Progressive-Era Philadelphia. Champaign: University of Illinois Press, 2007, pp. 138-9.
20. Robert Gregg, Sparks from the Anvil of Oppression: Philadelphia's African Methodists and Southern Migrants, 1840-1940. Filadélfia: Temple University Press, 1993, pp. 189-90; e Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., v. 1, 1826-ago. 1919, p. 515. A venda do prédio da igreja de Eason foi um tiro pela culatra, pois os fiéis moveram uma ação cível contra ele. A maioria dos membros mobilizou-se para substituir Eason pelo reverendo B. J. Bolding. Depois da controvérsia Eason transferiu quase todas as suas atividades pró-Garvey para o Harlem, onde continuava tremendamente popular. Ver Robert Gregg, op. cit., p. 190.
21. James Walker Hood Eason, "Declaration of Aims". In: Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., v. 2, ago. 1919-31 ago. 1920. Berkeley: University of California Press, 1983, pp. 502-7.
22. Richard Brent Turner, op. cit., p. 80.
23. Ver Tony Martin, Race First: The Ideological and Organizational Strategies of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association (Nova York: Dover, 1976); e E. U. Essien-Udom, Black Nationalism: A Search for an Identity in America (Chicago: University of Chicago Press, 1962).
24. Ver Michael W. Schuyler, "The Ku Klux Klan in Nebraska, 1920-1930", Nebraska History, v. 66, n. 3, pp. 234-56, 1985; e Eldora F. Hess, "The Negro in Nebraska", University of Nebraska at Lincoln, 1932. Dissertação de mestrado.
25. Michael W. Schuyler, op. cit., pp. 235-6.
26. Id., ibid., pp. 235-6.
27. Id., ibid., pp. 247-8.
28. Hugo Black ingressou formalmente na Ku Klux Klan em Birmingham em 1923. Sua admissão se deu perante 1700 membros da Klan na seção Robert E. Lee. Ver Howard Ball, Hugo Black: Cold Steel Warrior (Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 61). Robert Byrd ingressou na KKK em 1942, aos 24 anos, Ver Eric Pianin, "A Senator's Shame", The Washington Post, 19 jun. 2005.
29. "Honrado Marcus Garvey fala de entrevista com a Ku Klux Klan", The Negro World, jul. 1922. In: Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., v. 4, set. 1921-set. 1922. Berkeley: University of California Press, 1985, pp. 707-15.
30. Colin Grant, Negro with a Hat: The Rise and Fall of Marcus Garvey. Oxford: Oxford University Press, 2008, pp. 360-1; e Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., v. 1, p. 515.
31. Segundo Rodnell P. Collins, filho da meia-irmã de Malcolm pelo lado paterno, Ella Collins, a população negra de Omaha temia que as atividades de Little "fizessem os brancos caírem em cima de nós". Ver

Rodnell P. Collins e Peter A. (orgs.), op. cit., p. 15. O livro de Collins contém muitas informações preciosas sobre as relações entre Ella e Malcolm. Mas Collins e seu ghostwriter, Peter Bailey, enfeitaram a narrativa com suas próprias conjeturas.

32. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 1.
33. Michael W. Schuyler, op. cit., pp. 236-9.
34. Peter Goldman, op. cit., p. 26. Malcolm se lembraria depois: "Nasci num hospital segregado, de mãe segregada e pai segregado".
35. Negro World, 27 mar. 1926. O relato de Louise Little em Negro World, de 3 de julho de 1926, observa que a divisão Omaha da reunião da unia naquele dia teve recital de poesia, orações, uma seleção musical e uma discussão "sobre questões de organização". Ver Louise Little, "Omaha, Neb. Report", Negro World, 3 jul. 1926.
36. Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., p. lxv.
37. Mary G. Rolinson, op. cit., p. 158.
38. Joe William Trotter Jr., Black Milwaukee: The Making of an Industrial Proletariat, 1915-45, 2. ed. Urbana: University of Illinois Press, 2007, p. 60.
39. Id., ibid., pp. 87, 90, 93.
40. Id., ibid., p. 57.
41. Id., ibid., pp. 125, 135-6. Ver também "News of Divisions", Negro World, 29 jan. 1927, 5 fev. 1927 e 19 fev. 1927.
42. Earl Little, W. M. Townsend e Robert Finney, "Clube Industrial Internacional de Milwaukee", para presidente Calvin Coolidge, 8 jun. 1927. In: Robert A. Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., v. 6, set. 1924-dez. 1927 (Berkeley: University of California Press, 1989, pp. 561-2). Dois anos antes, em 27 de abril de 1925, a Divisão nº 207 da unia em Milwaukee tinha feito um apelo ao presidente Coolidge pedindo perdão executivo para Garvey. O apelo da seção da unia observava que "o sr. Garvey está sofrendo, e vem sofrendo há alguns anos, de asma brônquica e é sujeito a ataques de vertigem". In: Id., ibid., p. 204.
43. A rigor, a família Little pode ter se mudado de Milwaukee antes. De acordo com Negro World em sua edição de 27 de maio de 1927, constava que Earl Little fora o líder da filial da unia no porto de Indiana (East Chicago, Indiana).
44. Louis A. DeCaro Jr., op. cit., pp. 44-5.
45. Entrevista com Wilfred Little (Wilfred Shabazz), em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 21.
46. Id., ibid.
47. G. W. Waterman, Relatório especial, caso 2155, "Suspected Arson", Cidadãos do Estado de Michigan v. Earl Little (de cor), 8 nov. 1929, em Departamento de Polícia de Lansing, Michigan; e informações sobre George W. Waterman nos censos de 1910 e 1920.
48. Louis A. DeCaro Jr., op. cit., pp. 45-6.
49. Ver Joseph Tumini, "Sweet Justice", Michigan History Magazine, v. 83, n. 4, pp. 23-7, jul./ago. 1999; e Kevin Boyle, Arc of Justice: A Saga of Race, Civil Rights, and Murder in the Jazz Age. Nova York: Henry Holt, 2004. Gladys Sweet contraiu tuberculose no cárcere e morreu com 27 anos. Dr. Ossian Sweet mudou-se de volta para a residência da Garland Avenue em 1928. Problemas financeiros obrigaram o dr. Sweet a vender a casa nos anos 1950; ele cometeu suicídio em 1960.
50. Bruce Perry, Malcolm: The Life of a Man Who Changed America. Barrytown, ny: Station Hill, 1991, p. 11.
51. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 6-7.
52. Douglas K. Meyer, "Evolution of a Permanent Negro Community in Lansing", Michigan History Magazine, v. 55, n. 2, pp. 141-54, 1971.
53. Entrevista com Wilfred Little, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 20.
54. Id., ibid., p. 21.
55. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 5-6.

56. Robert Hill e Barbara Blair (Orgs.), op. cit., p. lxvi.
57. Ver Ronald J. Stephens, "Garveyism in Idlewild, 1927 to 1936", Journal of Black Studies, v. 34, n. 4, pp. 462-88, mar. 2004.
58. Ver Thomas N. Maloney e Warren C. Whatley, "Making the Effort: The Contours of Racial Discrimination in Detroit's Labor Markets", Journal of Economic History, v. 55, n. 3, pp. 456-93, set. 1995. Em 1930, a Ford Motor Company empregava 25% de todos os operários negros de Detroit. Ver também Joyce Shaw Peterson, "Black Automobile Workers in Detroit, 1910-1930", Journal of Negro History, v. 64, n. 3, pp. 177-90, verão 1979.
59. Ver Ronald J. Stephens, op. cit.; e "Concentration of unia Divisions by Regions, 1921-1933". In: Robert A. Hill (Org.), op. cit., v. 5, 1826-ago. 1919, pp. 751-2.
60. Louis A. DeCaro Jr., op. cit., p. 43.
61. Id., ibid.
62. Entrevista com Wilfred Little, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 19.
63. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 46.
64. Bruce Perry, op. cit., p. 6.
65. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 4.
66. Peter H. Amann, "Vigilante Fascism: The Black Legion as an American Hybrid", Contemporary Studies in Society and History, v. 25, n. 3, pp. 490-52, jul. 1983; citação da p. 406.
67. Ver Kenneth R. Dvorak, "Terror in Detroit: The Rise and Fall of Michigan's Black Legion", Bowling Green State University, 1990. Tese de doutorado; citação da p. 106. Ver também Michael S. Clinansmith, "The Black Legion: Hooded Americanism in Michigan", Michigan History Magazine, v. 55, n. 3, pp. 243-62, 1971.
68. Entrevista com Florentina Baril, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., pp. 14-25.
69. Bruce Perry, op. cit., pp. 12-3.
70. William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 25.
71. Id., ibid.
72. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 10.
73. Entrevista com Philbert Little, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 25.
74. "Man Run Over by Street Car", State Journal, Lansing, Michigan, 28 set. 1931.
75. Louise Little, "Petition for Widow's Allowance", Vara de Sucessões do Condado de Ingham, Michigan, 24 fev. 1932; U. S. Begley, m.d., petição ao juiz da Vara de Sucessões do Condado de Ingham, Michigan, 26 jan. 1932; J. Wilson, dentista, petição à Vara de Sucessões do Condado de Ingham, Michigan, 14 jan. 1932; e John L. Leighton, petição à Vara de Sucessões do Condado de Ingham, Michigan, 16 jan. 1932, registros do Espólio de Earl Little, Arquivo A-4053, Vara de Sucessões do Condado de Ingham, Michigan.
76. Entrevista com Yvonne Little, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 26.
77. Entrevista com Philbert Little, ibid., p. 27.
78. Entrevista com Cyril McGuine, ibid., p. 27.
79. Entrevista com Yvonne Little Woodward, ibid., p. 28.
80. Entrevista com Wilfred Little, ibid., p. 28.
81. Ver Susan Stein-Roggenbuck, "'Wholly Within the Discretion of the Probate Court': Judicial Authority and Mothers' Pensions in Michigan, 1913-1940", Social Service Review, v. 79, n. 2, pp. 294-321, jun. 2005. O sistema de "pensões de mães" de Michigan só foi completamente integrado ao programa Ajuda a Filhos Dependentes do governo federal em 1940.
82. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 12-3.
83. Id., ibid., pp. 18-9.
84. Entrevista com Wilfred Little, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., pp. 15-6.
85. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 14-5.
86. Id., ibid., pp. 15-8; e Thaddeus M. Smith, "Gohanna Family". In: Robert L. Jenkins (Org.), The Malcolm X Encyclopedia. Westport, ct: Greenwood, 2002, p. 240.

87. Entrevista de Yvonne Little Woodward, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 29.
88. Entrevista de Wilfred Little, ibid., p. 28.
89. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 21; e Bruce Perry, op. cit., pp. 30-2.
90. Id., ibid., p. 19; e Thaddeus M. Smith, op. cit., p. 240.
91. O meio-irmão de Malcolm X pelo lado materno, Robert Little, discutiu as experiências de Malcolm com a família Gohanna e com o sistema de adoção de crianças em Michigan, em Clara Hemphill, "Keep Children", Newsday, Nova York, 13 maio 1991.
92. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 21; e Bruce Perry, op. cit., pp. 30-2.
93. Atestado médico para a internação de Louise Little, 3 jan. 1939, em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 32.
94. Arquivo sobre saúde mental de Louise Little (B-4398), Vara de Sucessões do Condado de Ingham.
95. Ver Catherine Jean Whitaker, Almshouses and Mental Institutions in Michigan, 1871-1930. University of Michigan, 1986. Tese de doutorado; e "Kalamazoo Psychiatric Hospital", Sala de História Local Clarence L. Miller, Biblioteca Pública de Kalamazoo, Kalamazoo, Michigan.
96. William A. Decker, Asylum for the Insane: History of the Kalamazoo State Hospital. Traverse City, mi: Arbutus, 2007, pp. 34, 195, 196, 199.
97. Clara Hemphill, op. cit. Ver também relatório do FBI sobre Malcolm X, ny 105-8999, 23 maio 1955. O número do relatório indica que o arquivo foi preparado pelo escritório do FBI em Nova York.
98. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 34-5.
99. Id., ibid., p. 36.
100. Id., ibid., pp. 37-8.
101. Fotografia do time de futebol de Mason, 1940, reproduzida em William Strickland e Cheryll Greene (Orgs.), op. cit., p. 34.
102. Id., ibid., p. 39.
103. Rodnell P. Collins, op. cit., pp. 209-10.
104. Id., ibid.

2. A LENDA DE DETROIT RED.

1. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 54.
2. Rodnell P. Collins, op. cit., pp. 51-2.
3. Id., ibid., pp. 50-1.
4. Memorando do FBI Ella X Collins, Elvin V. Semrad, M.D., para Daniel Lynch, Escrivão, Tribunal Municipal de Boston, 9 jun. 1960.
5. Rodnell P. Collins, op. cit., pp. 60-1.
6. Violet Showers Johnson, The Other Black Bostonians: West Indians in Boston, 1900-1950. Bloomington e Indianapolis: Indiana State University Press, 2006, pp. 38, 84.
7. Rodnell P. Collins, op. cit., pp. 42-3.
8. Showers Johnson, op. cit., pp. 36-7, 121-2.
9. Ver Robin D. G. Kelley, "The Riddle of the Zoot: Malcolm Little and Black Cultural Politics During World War ii". In: Joe Wood (Org.), Malcolm X: In Our Own Image. Nova York: St. Martin's, 1992, pp. 155-82.
10. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 45-7.
11. Rodnell P. Collins, op. cit., p. 42.
12. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 45-7.

13. Ver Jessa Drucker, "Numbers". In: Kenneth T. Jackson, (Org.), Encyclopedia of New York City, p. 856.
14. A dança "Lindy Hop" começou no final dos anos 1920 foi a dança mais popular durante duas décadas. Esse nome deriva do famoso aviador Charles Lindbergh, em homenagem a seu voo solo em 1927 sobre o Oceano Atlântico. Ver Marshall e Jean Stearns, Jazz Dance: The Story of American Vernacular Dance, 2. ed. rev. (Nova York: Da Capo, 1994); e L. F. Emery, Black Dance in the U.S. from 1619 to 1970 (Palo Alto: National Press Books, 1972).
15. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 52-3.
16. Ver "Motion Pictures". In: Augustus Low e Virgil A. Cliff (Orgs.), Encyclopedia of Black America Nova York: Da Capo, 1984, pp. 277-9.
17. Id., ibid., p. 277.
18. "Labor Unions" e "A. Philip Randolph", ibid., pp. 493, 727.
19. Christine Hoyt para Malcolm Little, 7 fev. 1941, em "Malcolm X Collection, 1941-1955", Coleção de Manuscritos n. 827, Robert W. Woodruff Library (citado, daqui em diante, como rwl). Special Collections Department, Universidade Emory, Atlanta, Georgia.
20. Carta de Peter Hawryleiw para Malcolm Little, 22 mar. 1941, ibid.
21. Philbert Little para Malcolm Little, 6 mar. 1941, ibid.
22. Reginald Little para Malcolm Little, 22 mar. 1941, ibid.
23. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 54.
24. Id., ibid., pp. 55-6.
25. Id., ibid., pp. 56-7.
26. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 55.
27. Robin Davis G. Kelley, op. cit., pp. 159-60. Ver também Chester B. Himes, "Zoot Riots Are Race Riots", Crisis, v. 50, pp. 200-1, jul. 1943.
28. Ver Eric Lott, "Double V, Double-Time: Bebop's Politics of Style", Callaloo, n. 36, pp. 597-605, verão 1988; e Douglas Henry Daniels, "Los Angeles Zoot Race 'Riot': The Pachuco and Black Culture Music", Journal of Negro History, v. 82, n. 2, pp. 201-20, primavera 1997.
29. Eleanor L. Matthews para Malcolm Little, 9 out. 1941; e Matthews para Little, 21 out. 1941, "Malcolm X Collection, 1941-1955", rwl.
30. Gloria Strother para Malcolm Little, 29 out. 1941, ibid.
31. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 64.
32. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 72.
33. Robert L. Jenkins, "Beatrice Caragulian Bazarian". In: Robert L. Jenkin (Org.), op. cit., pp. 94-5.
34. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 62-3.
35. Kofi Natambu, Malcolm X. Indianápolis: Alpha, 2002, pp. 57-8.
36. Malcolm Little para Zolma Holman, 18 nov. 1941. A carta está em poder do Wright Museum, Detroit, Michigan, e foi exibida na exposição Malcolm X, Schomburg Center, Biblioteca Pública de Nova York, 2005.
37. Catherine Haines para Malcolm Little, 25 jun. 1942, "Malcolm X Collection, 1941-1955", rwl.
38. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 71.
39. "Members of Nine Harlem Draft Boards Praised by Gen. Davis as They Get Medals", The New York Times, 13 jun. 1946. Ver também Bernard C. Nalty, Strength for the Fight: A History of Black Americans in the Military (Nova York: Free Press, 1986); e Arthur E. Barbeau e Florette Henri (Orgs.), The Unknown Soldiers: Black American Troops in World War I (Filadélfia: Temple University Press, 1974).
40. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 74.
41. Id., ibid., p. 75.
42. Id., ibid.
43. Id., ibid., p. 80.
44. Ver Marc Ferris, "Small's Paradise". In: Kenneth T. Jackson (Org.), op. cit., p. 1079; Wallace Thurman, Negro Life in New York's Harlem. Girard, ks: Haldeman-Julius, 1928; e Carl Van Vechten, Nigger

Heaven. Nova York: Harper and Row, 1977.
45. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 75.
46. Ver Beth L. Savage (Org.), African American Historic Places. Washington: Preservation Press, 1994.
47. Ver Sondra Kathryn Wilson, Meet Me at the Theresa: The Story of Harlem's Most Famous Hotel. Nova York: Simon and Schuster, 2004; Amanda Aaron, "Hotel Theresa". In: Kenneth T. Jackson (Org.), op. cit., p. 364; e Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 76.
48. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 76.
49. Id., ibid., p. 80.
50. Id., ibid.
51. Wilfred Little, citado em Louis A. DeCaro, op. cit., p. 68.
52. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 108. Ver também Albert Murray, The Blue Devils of Nada (Nova York: Pantheon, 1996), pp. 99-102.
53. Ver "Personal Business Records", O.K. Tailoring Company, 24 mar. 1942, "Order received and owes $28.45"; e Empire Credit Clothing Company, 14 jul. 1942, "Owes $25.00", em "Malcolm X Collection, 1941-1955", rwl.
54. Boyle Brothers Collection Service, sem data, "Threatening court action"; Boyle Brothers Collection Service, sem data, "Threatening court action if Little does not pay", ibid.
55. "Dining Car Employees Union Bill", sem data, "Owes five dollars in union dues", ibid.
56. Malcolm X e Alex Haley, Autobiography, p. 82.
57. Id., ibid., pp. 82-3.
58. Kofi Natambu, op. cit., p. 63.
59. Id., ibid., p. 64; e Rodnell P. Collins, op. cit., p. 42.
60. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 83, 99-101.
61. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 68.
62. Id., ibid., pp. 66-7.
63. Id., ibid., p. 67.
64. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 79.
65. Id., ibid., p. 85.
66. Gilbert Osofsky, Harlem: The Making of a Ghetto: Negro New York, 1890-1930. Nova York: Harper and Row, 1966, pp. 115-7.
67. David Levering Lewis, When Harlem Was in Vogue. Nova York: Alfred A. Knopf, 1981, pp. 28, 104-5, 217-8.
68. Gilbert Osofsky, op. cit., pp. 3, 28, 128-31, 137.
69. Hulan Jack foi eleito presidente do distrito de Manhattan em 1953, o que fez dele, na época, o mais alto funcionário negro dos Estados Unidos. Depois de sua reeleição em 1957, Jack foi condenado por aceitar uma doação ilegal de 4500 dólares, e obrigado a renunciar. Ver Calvin B. Holder, "Hulan Jack". In: Kenneth T. Jackson (Org.), op. cit., p. 607.
70. Herman D. Bloch, "The Employment Status of the New York Negro in Retrospect", Phylon, v. 20, n. 4, pp. 327-44, 1959; citações das pp. 333 e 327.
71. Id. ibid., p. 337.
72. Cheryl Greenberg, "The Politics of Disorder: Reexamining Harlem's Riots of 1935 and 1943", Journal of Urban History, v. 18, n. 4, pp. 395-441, ago. 1992; citação da p. 399.
73. Id., ibid., pp. 403-8.
74. Id., ibid., p. 414.
75. Id., ibid., pp. 418-9.
76. Dominic J. Capeci, "From Different Liberal Perspectives: Fiorello H. LaGuardia, Adam Clayton Powell Jr., and Civil Rights in New York City, 1941-1943", Journal of Negro History, v. 62, n. 2, pp. 160-73, abr. 1977; citações das pp. 160-3.
77. Id., ibid., p. 164.

78. Ver "The Courier's Double 'V' for Double Victory Campaign Gets Country-Wide Support", Pittsburgh Courier, 14 fev. 1942; e Lee Finkle, Forum for Protest (Cranbury, nj: Associated University Presses, 1975).
79. Philip S. Foner, Organized Labor and the Black Worker, 1619-1981, 2. ed. Nova York: International Publishers, 1981, p. 265.
80. James Baldwin, The Fire Next Time. Nova York: Dell, 1970, p. 76.
81. Ibid., pp. 50, 52. Fontes sobre o salão Savoy incluem: Jervis Anderson, This Was Harlem, 1900-1950 (Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1982); Morgan Smith e Marvin Smith, Harlem: The Vision of Morgan and Marvin Smith (Lexington, KY: University Press of Kentucky, 1997); e Marshall Stearns e Jean Stearns, op. cit.
82. Russell Gold, "Guilty of Syncopation, Joy, and Animation: The Closing of Harlem's Savoy Ballroom", Studies in Dance History, v. 5, n. 1, pp. 50-64, 1994; citação das pp. 54, 56.
83. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 116.
84. Dominic J. Capeci, op. cit., p. 166.
85. Id., ibid., p. 167.
86. Harvard Sitkoff, "The Detroit Race Riot of 1943", Michigan History, v. 53, n. 3, pp. 183-206, 1969; citação das pp. 195-6.
87. Cheryl Greenberg, op. cit., pp. 426-7.
88. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 116-7.
89. Ver Harvard Sitkoff, "Racial Militancy and Interracial Violence in the Second World War", Journal of American History, v. 58, n. 3, pp. 661-81, dez. 1971; e Paul T. Murray, "Blacks and the Draft: A History of Institutional Racism", Journal of Black Studies, v. 2, n. 1, pp. 57-76, set. 1971.
90. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 74.
91. Id., ibid., pp. 108-10.
92. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 28 jan. 1955.
93. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 112.
94. Id., ibid., p. 118.
95. Id., ibid., p. 122.
96. Peter Goldman, op. cit., pp. 30-1.
97. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 69.
98. Id., ibid.
99. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 112.
100. Id., ibid., p. 115.
101. Há uma vasta literatura sobre o impacto do bebop durante a Segunda Guerra Mundial. Ver, por exemplo, Eric Lott, "Double V, Double-Time: Bebop's Politics of Style"; Scott DeVeaux, "Bebop and the Recording Industry: The 1942 afm Recording Ban Reconsidered", Journal of the American Musicological Society, v. 41, n. 1, pp. 126-65, primavera 1988; Ira Gitler (Org.), Swing to Bop: An Oral History of the Transition of Jazz in the 1940s (Oxford: Oxford University Press, 1985); e Scott DeVeaux, The Birth of Bebop: A Social and Musical History (Berkeley: University of California Press, 1997).
102. Frank Kofsky, Black Nationalism and the Revolution in Music. Nova York: Pathfinder, 1970, p. 56.
103. Eric Lott, op. cit., pp. 597-605.
104. Frank Kofsky, op. cit., pp. 64-5.
105. Id., ibid.
106. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 126-7.
107. John T. Herstrom, 23 jul. 1946, arquivo prisional de Malcolm Little no Escritório de Defesa Pública do Departamento Penal de Massachusetts.
108. "Ficha Criminal de Malcolm Little", ibid.; e Memorando MX FBI , Escritório de Boston, 17 fev. 1953.
109. Malcolm Little, "Out-State Progress Report", 14 fev. 1953. Division of Pardons, Paroles, and Probation, Michigan, em Arquivo Prisional de Malcolm Little.
110. Bruce Perry afirma em Malcolm que em diversas ocasiões, em 1944-5, Malcolm praticou atos

homossexuais por dinheiro. Esses "encontros entre homens", observa Perry, "lhe davam uma oportunidade de alívio sexual...". Perry cita também encontros em 1945 em Boston, onde um branco rico, chamado William Paul Lennon, pagou a Malcolm para "lhe tirar a roupa, colocá-lo na cama, cobri-lo de talco e massageá-lo até ele atingir o clímax. Como um garoto de programa, ele se vendia, como se o melhor que tivesse para oferecer fosse o corpo". Perry diz ainda que Malcolm alegaria depois, como desculpa para suas ações, que, na verdade, outro homem dera "satisfação" ao seu cliente branco. As afirmações de Perry, quando publicadas em 1991, provocaram uma tempestade de críticas de pessoas devotadas à imagem icônica de Malcolm, que observavam que a única fonte com credibilidade para falar dessas aventuras era "Shorty" Jarvis. Ver Bruce Perry, op. cit., pp. 75-7, 82-3. Depois da publicação do livro de Perry, outras provas surgiram respaldando, genericamente, suas afirmações. Por exemplo, segundo Rodnell Collins, Malcolm contou detalhes para Ella Collins sobre "um acordo que ele e Malcolm Jarvis tinham feito com um velho milionário branco, que lhes pagava para que esfregassem talco em seu corpo". Ver Rodnell P. Collins, op. cit., p. 76.

111. Censo Federal dos Estados Unidos, 1910, Rhode Island, Providence County.
112. Robert Grieve, An Illustrated History of Pawtucket, Central Falls, and Vicinity: A Narrative of the Growth and Evolution of the Community. Pawtucket, ri: Pawtucket Gazette and Chronicle, 1897, p. 368. Ver também Censo Federal dos Estados Unidos, 1900, Rhode Island, Providence County; e Edward Field, State of Rhode Island and Providence Plantations at the End of the Century: A History (Boston: Mason Publishing, 1902), p. 598.
113. The Catalogue of Brown University. Providence, ri: Brown University Press, 1960, p. 33.
114. No censo de 1920, William Paul Lennon, de 31 anos, aparece residindo na casa dos pais em Rhode Island. Ver Censo Federal dos Estados Unidos, 1920, Rhode Island, Providence County.
115. Anúncio classificado nº 5, sem título, The New York Times, 2 out. 1942; e anúncio classificado n. 23, sem título, The New York Times, 4 out. 1942.
116. "Employment History", arquivo prisional de Malcolm Little.
117. Herstrom, 23 jul. 1946, arquivo prisional de Malcolm Little.
118. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 143.
119. Rodnell P. Collins, op. cit., pp. 68-9.
120. Herstrom, 23 jul. 1946, arquivo prisional de Malcolm Little; Louis A. DeCaro, op. cit., pp. 72-3; e Kofi Natambu, op. cit., pp. 100-1.
121. Malcolm Little, "Out-State Progress Report", 14 fev. 1953, Division of Pardons, Paroles, and Probation, Michigan, arquivo prisional de Malcolm Little.
122. Ibid.; e Louis A. DeCaro, op. cit., p. 73.
123. Malcolm L. Jarvis, Myself and I. New Haven, ct: Yale University Press, 1995, pp. 33-5.
124. Id., ibid., p. 42.
125. Rodnelle P. Collins, op. cit., p. 46.
126. Malcolm L. Jarvis, op. cit., p. 34.
127. Louis A. DeCaro, op. cit., pp. 73-4; Kofi Natambu, op. cit., pp. 113-4; e Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 153.
128. Robert L. Jenkins, "Beatrice Caragulian Bazarian", In: Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., p. 95; e Kofi Natambu, op. cit., p. 119.
129. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 96.
130. Id., ibid., p. 94.

3. Ele se torna "x".

1. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 155.
2. "Massachusetts State Prison Psychometric Report (of Malcolm Little)", 1 maio 1946, arquivo prisional de Malcolm Little.
3. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 155.
4. John F. Rockett, 7 maio 1946, arquivo prisional de Malcolm Little.
5. "Bay State Prison Started: Governor Calls Old Charlestown Institution 'a Disgrace'", The New York Times, 14 maio 1952; e Albert Morris, "Massachusetts: The Aftermath of the Prison Riots of 1952", The Prison Journal, v. 34, n. 1, pp. 35-7, abr. 1954. Michael Stephen Hindus examinou as terríveis condições dos prisioneiros de Charlestown no século xix, comparando-as à escravidão na Carolina do Sul. Ver Michael Stephen Hindus, Prison and Plantation: Crime, Justice and Authority in Massachusetts and South Carolina, 1767-1878 (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980).
6. "Sacco and Vanzetti". In: Paul Finkelman (Org.), Encyclopedia of American Civil Liberties. Nova York: Routledge, 2006, v. 2, pp. 1395-6; "End of Seven Years of Legal Fight", Chicago Daily Tribune, 23 ago. 1927; e "Sacco and Vanzetti Pay Death-Chair Penalty", Los Angeles Times, 23 ago. 1927. Sacco e Vanzetti foram condenados em 1921, num julgamento dominado por preconceitos contra imigrantes e hostilidade às suas opiniões políticas.
7. "Bay State Prison Started", The New York Times, 14 maio 1952.
8. Kofi Natambu, op. cit., p. 118.
9. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 156.
10. Ivan Fras e Joseph Joel Friedman, "Hallucinogenic Effects of Nutmeg in Adolescents", New York State Journal of Medicine, 1 fev. 1969, pp. 463-5; R. B. Payne, "Nutmeg Intoxication", New England Journal of Medicine, v. 269, p. 36, 1963; e G. Weiss, "Hallucinogenic and Narcotic-Like Effects of Powdered Myristica (nutmeg)", Psychiatric Quarterly, v. 34, n. 1, pp. 346-56, 1960. Weiss nota que "doses de duas ou três colheres de sopa de noz-moscada tendiam a narcotizar os que a tomavam contra a desagradável experiência do encarceramento, sem apagar as distinções de limite entre o eu e o mundo exterior".
11. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 155.
12. Rodnell P. Collins, op. cit., pp. 74-5.
13. Id., ibid., pp. 75-6.
14. Id., ibid., p. 71.
15. "Institution History of Malcolm Little", maio 1951, arquivo prisional de Malcolm Little.
16. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 156-7.
17. Id., ibid., p. 157.
18. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 79.
19. Frantz Fanon, Black Skin, White Masks. Nova York: Grove, 1967, p. 38.
20. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 79.
21. Albert Morris, op. cit., pp. 35-7.
22. "Transfer Summary", 31 mar. 1948, arquivo prisional de Malcolm Little.
23. Malcolm Little para Mr. Dwyer, Norfolk Prison Colony Transportation Board, 28 jul. 1947, ibid.
24. "Institution History of Malcolm Little", maio 1951, ibid.
25. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 158; e Louis A. DeCaro, op. cit., p. 80.
26. Entrevista de Wilfred Little Shabazz com Louis A. DeCaro Jr., 14 ago. 1992. In: Louis A. DeCaro, op. cit., pp. 80-1.
27. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 158. Na Autobiografia, Malcolm situa a época das cartas de Philbert e Reginald depois de sua transferência para a prisão de Concord, em janeiro de 1947. Mas Wilfred Little, em entrevista com Louis A. DeCaro Jr., em 1992, declarou que essas cartas chegaram quando Malcolm ainda estava em Charlestown.
28. Carl R. Doering (Org.), A Report on the Development of Peneological Treatment at Norfolk Prison Colony in Massachusetts. Nova York: Bureau of Social Hygiene, 1940, pp. 33-4, 42-4, 73, 111.
29. Id., ibid., pp. 35-44. Ver também George B. Vold, "A Report on the Development of Penological

Treatment at Norfolk Prison Colony in Massachusetts", American Journal of Sociology, v. 46, n. 6, p. 917, maio 1941. Vold observou que "os criminologistas vão saber apreciar este relato de um esforço em penologia raro em muitos sentidos".

30. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 313.
31. "Institution History of Malcolm Little", maio 1951, arquivo prisional de Malcolm Little.
32. Malcolm X e Haley, op. cit., pp. 161-3.
33. Karl Evanzz, The Messenger: The Rise and Fall of Elijah Muhammad. Nova York: Pantheon, 1999, p. 161.
34. William T. Strickland e Cheryll Y. Greene (Orgs.), op. cit., pp. 59-60.
35. Malcolm X e Alex Haley, op. cit. pp. 167-71.
36. Malcolm Little para Henrietta Little, 16 out. 1950, Malcolm X Collection, Schomburg Center for Research in Black Culture (Citado, daqui em diante, como MXC-S), caixa 3, pasta 1. Em carta para Henrietta, Malcolm contou que estava muito feliz porque "Alá nos deu, a Philbert e a mim, uma irmã maravilhosa".
37. Malcolm Little para Philbert Little, 18 dez. 1949, MXC-S, caixa 3, pasta 1.
38. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 172.
39. Ver Reza Aslan, No God but God: The Origins, Evolution and Future of Islam (Nova York: Random House, 2003), pp. 43, 60, 79-81, 84-44; e Robert Dannin, Black Pilgrimage to Islam (Nova York: Oxford University Press, 2002), p. 8.
40. Reza Aslan, op. cit., p. 100.
41. Richard Br. Turner, op. cit., p. 13.
42. Id., ibid., pp. 22-5, 27-32, 36-7.
43. Wilson Jeremiah Moses, The Golden Age of Black Nationalism. Nova York: Oxford University Press, 1976, p. 21.
44. Richard B. Turner, op. cit., p. 50.
45. Id., ibid., pp. 92-3.
46. Id., ibid., pp. 94-104.
47. Id., ibid., pp. 109-28.
48. Mufti Muhammad Sadiq, artigo em Moslem Sunrise, 23 jan. 1923, citado em ibid., p. 129.
49. Id., ibid., pp. 129-34. A literatura documentando a história e a evolução do movimento global Ahmadiyya inclui: Humphrey J. Fisher, The Ahmadiyya Movement (Londres: Oxford University Press, 1963); e Yohannon Friedman, Prophecy Continuous: Aspects of Ahmadi Religious Thought and Its Medieval Background (Berkeley:University of California Press, 1989).
50. Richard B. Turner, op. cit., p. 127.
51. Louis A. DeCaro Jr., Malcolm and the Cross: The Nation of Islam, Malcolm X, and Christianity. Nova York: New York University Press, 1998, pp. 11-2.
52. Erdmann Doane Beynon, "The Voodoo Cult Among Negro Migrants in Detroit", American Journal of Sociology, v. 43, n. 6, p. 897, maio 1938.
53. Id., ibid., p. 900.
54. Id., ibid., p. 896.
55. Mattias Gardell, In the Name of Elijah Muhammad: Louis Farrakhan and the Nation of Islam. Durham, nc: Duke University Press, 1996, p. 56.
56. Id., ibid., pp. 151-3.
57. Richard B. Turner, op. cit., p. 151; e Louis A. DeCaro, Malcolm and the Cross, pp. 29-30.
58. Richard B. Turner, ibid., pp. 152-5; e Louis A. DeCaro, ibid., pp. 22-31.
59. Carlos D. Morrison, The Rhetoric of the Nation of Islam, 1930-1975: A Functional Approach. Howard University Library, 1996, pp. 73-4. Tese de doutorado; e Mattias Gardell, op. cit., pp. 60-1.
60. Mattias Gardell, ibid., p. 56.
61. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 212-3.
62. Mattias Gardell, op. cit., p. 58.
63. Id., ibid., pp. 58-9; e Richard Brent Turner, op. cit., pp. 166-7.

64. Richard B. Turner, op. cit., pp. 167-8.
65. Id., ibid., p. 168.
66. Malu Halasa, Elijah Muhammad: Religious Leader. Nova York: Chelsea House, 1990, p. 60.
67. Elijah Muhammad, The Supreme Wisdom: Solution to the So-Called Negroes' Problem. Newport News, va: The National Newport News and Commentator, 1957, v. 1, pp. 12-3.
68. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 170.
69. Elijah Muhammad, The Message to the Blackman in America. Newport News, va: United Brothers Communication Systems, 1965, capítulo 125, pp. 1-6.
70. Richard B.Turner, op. cit., p. 169.
71. Quintin Hoare e Geoffrey Nowell Smith (Orgs.), Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci. Nova York: International Publishers, 1971, pp. xcii-xciii.
72. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 187.
73. Entrevista com Robin D. G. Kelley, 26 jul. 2001. Kelly afirma que existia uma "importante intercessão entre grandes pregadores" como Malcolm e os grandes jazzistas, que costumam se referir a tocar como "pregar". No jazz, explica Kelley, "há coros gritados conhecidos como coros de pregadores, nos quais há chamadas e respostas. Alguém como Ben Webster tocava uma escala, e depois deixava de tocar a escala seguinte... Ao falar, Malcolm deixava um espaço para resposta, um espaço para os fiéis fosse na rua, ou dentro de uma mesquita, dizerem: 'Amen, Preach'".
74. Id., ibid. Avoluma-se uma literatura acadêmica sobre a retórica e o uso eficaz da linguagem por Malcolm X. Ver John Franklin Gay, The Rhetorical Strategies and Tactics of Malcolm X (Movement Theory, Neo-Aristotelian, Black Muslims, Persuasion)", Universidade de Indiana, 1985. Tese de doutorado; Andrew Ann Dinkins, Malcolm X and the Rhetoric of Transformation: 1948-1965, Universidade de Pittsburgh, 1995. Tese de doutorado; Archie Epps, "The Rhetoric of Malcolm X", Harvard Review, n. 3, pp. 64-75, inverno 1993; Celeste Michelle Condit e John Louis Lucaites, "Malcolm X and the Limits of the Rhetoric of Revolutionary Dissent", Journal of Black Studies, v. 23, n. 3, pp. 291-313, mar. 1993; e Scott Joseph Varda, A Rhetorical History of Malcolm X, University Iowa, 2007. Tese de doutorado.
75. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 178-83.
76. Carta de Malcolm Little para Philbert Little, sem data (aproximadamente meados de 1948), caixa 3, pasta 1, MXC-S.
77. Carta de Malcolm para Philbert, 28 nov. 1948, ibid.
78. Carta de Malcolm para Philbert, 4 fev. 1949, ibid.
79. Carta de Malcolm para Philbert, 4 fev. 1949, ibid.
80. Carta de Malcolm para Philbert, 12 dez. 1949, ibid.
81. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 190.
82. Id., ibid., p. 192.
83. Id., ibid., p. 190.
84. Id., ibid., p. 192.
85. "Transfer Summary for Malcolm Little", 23 mar. 1950, arquivo prisional de Malcolm Little.
86. Carta de Malcolm para Philbert, 26 mar. 1950, caixa 3, pasta 1, MXC-S.
87. Ver "Four Convicts Turn Moslems, Get Calls Looking to Mecca", Boston Herald, 20 abr. 1950; e "Local Criminals in Prison, Claim Moslem Faith Now: Grow Beards, Won't Eat Pork; Demand East-Facing Cells to Facilitate 'Prayer to Mecca'", Springfield Union, Massachusetts, 21 abr. 1950.
88. Carta de Malcolm Little para comissário MacDowell, 6 jun. 1950, arquivo prisional de Malcolm Little.
89. Carta de Malcolm Little para Harry S. Truman, 29 jun. 1950, em Relatório resumido MX FBI , Escritório de Detroit, 16 mar. 1954, p. 6. Ver também Karl Evanzz, The Judas Factor: The Plot to Kill Malcolm X (Nova York: Thunder's Mouth, 1992), p. 11.
90. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 57-8.
91. Carta de Malcolm para Philbert, 11 dez. 1950, caixa 3, pasta 1, MXC-S.
92. Carta de Malcolm para Philbert, 19 dez. 1951, ibid.

93. Carta de Malcolm Little, 9 jan. 1951, em Relatório resumido MX FBI , Escritório de Boston, 4 maio 1953, pp. 5-6; e Memorando MX FBI , Escritório de Boston, 17 fev. 1953. Esse relatório indica que Malcolm "teve uma ficha no arquivo de comunistas" do FBI.
94. Karl Evanzz, op. cit., p. 10.
95. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 92.
96. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 193.
97. Carta de Ralph E. Johnson, secretário executivo do Estado para Elliott E. MacDowell, comissário, Departamento de Correções, 6 dez. 1950; carta de George E. Thompson para Governor Paul A. Dever, 13 dez. 1950; e carta de MacDowell para Dever, 19 dez. 1950, todos no arquivo prisional de Malcolm Little.
98. Carta de Malcolm Little para comissário MacDowell, 13 dez. 1950, ibid. Ver também Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 94.
99. Philip J. Flynn, Massachusetts Supervisor of Parole, para Gus Harrison, State Supervisor of Parole, Division of Pardons, Paroles and Probation, State of Michigan, Lansing, Michigan, 27 jun. 1952, em arquivo prisional de Malcolm Little.
100. P. J. Flynn, Massachusetts Supervisor of Parole, para Parole Board, 4 ago. 1952; Flynn para Harrison, 6 ago. 1952; e Flynn to Harrison, 12 ago. 1952, ibid.
101. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 95.
102. Albert Morris, op. cit., pp. 36-7.
103. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 195-6.

4. "ELES NÃO SÃO COMO O MINISTRO"

1. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 197-8.
2. Robert Dannin, op. cit., p. 170.
3. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 196-7.
4. Id., ibid., pp. 198-200.
5. Memorando MX FBI , Escritório de Detroi, 16 mar. 1954.
6. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 201-2.
7. Id., ibid., pp. 203-4.
8. Ismail al-Faruqi citado em Larry Poston, Islamic Da'wah in the West: Muslim Missionaries and the Dynamics of Conversion to Islam. Nova York: Oxford University Press, 1992, p. 6.
9. Arquivo de Joseph Gravitt (também conhecido como capitão Joseph e Yusuf Shah), FBI, escritório de St. Louis, Missouri, 17 jan. 1955; Robert L. Jenkins, "(capitão) Joseph X Gravitt (Yusuf Shah)", em Robert Jenkins (Org.), op. cit., pp. 243-6. Ver também Karl Evanzz, op. cit.; Rodnell P. Collins, op. cit., p. 137.
10. Ferruccio Gambino, "The Transgression of a Laborer: Malcolm X in the Wilderness of America", Radical History, v. 55, pp. 7-31, inverno 1993.
11. Memorando MX FBI , Escritório de Detroit, 16 mar. 1954; e "Wood Workers", Time, 20 jul. 1936.
12. Ferrucio Gambino, op. cit., p. 22.
13. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 204.
14. Id., ibid., p. 205.
15. "The Commonwealth of Massachusetts Parole Board Certification of Discharge, Malcolm Little #8077", arquivo prisional de Malcolm Little; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Detroit, 16 mar. 1954, p. 4.
16. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 206-7.
17. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 24 jan. 1955.

18. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 205.
19. Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 30 abr. 1954.
20. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 208-9.
21. Id., ibid., p. 216.
22. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 7 set. 1954, página de capa.
23. Id., ibid., p. 3.
24. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 217-8.
25. Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 30 abr. 1954; e Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 23 ago. 1954.
26. Sharron Y. Herron, "Raymond Sharrieff", em Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., pp. 503-4. Ver também Claude Andrew Clegg iii, An Original Man: The Life and Times of Elijah Muhammad (Nova York: St. Martin's, 1997).
27. Karl Evanzz, op. cit., p. 162.
28. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório da Filadélfia, 19 nov. 1954.
29. Id., ibid.; e Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 23 ago. 1954.
30. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 219.
31. Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 30 abr. 1954; e Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 23 ago. 1955.
32. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 221-2.
33. Por exemplo, ver "50 Called on Rubbish: Harlem Tenants Summoned for Tossing Refuse from Windows", The New York Times, 1 maio 1954; e "93 Face Rubbish Charges", The New York Times, 12 maio 1954.
34. "Tuberculosis Death Rate Here Declines 12 Percent from the Level of a Year Ago", The New York Times, 10 jun. 1954.
35. Alphonso Pinkney e Roger Woock, Poverty and Politics in Harlem. New Haven, ct: College and University Press Services, 1970, p. 27.
36. Layhmond Robinson Jr., "Our Changing City: Harlem Now on the Upswing", The New York Times, 8 jul. 1955.
37. "Boycott of Banks Slated in Harlem", The New York Times, 5 mar. 1955.
38. "G.O.P. Appeal in Harlem", The New York Times, 18 out. 1956; e "Powell Sees Shift of Negroes to G.O.P", The New York Times, 7 nov. 1956.
39. "10000 in Harlem Protest Verdict", The New York Times, 26 set. 1955.
40. Richard Brent Turner, op. cit., p. 135.
41. Id., ibid.
42. Robert Dannin, op. cit., p. 58.
43. Id., ibid., pp. 61, 112.
44. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 28 jan. 1955.
45. Relatório resumido MX FBI , 23 maio 1955, p. 25; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 23 abr. 1957, p. 22.
46. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 9 jun. 1955.
47. Memorando FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 7 jan. 1955.
48. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 9 jun. 1955.
49. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, data ilegível (aproximadamente meados de 1955). Com base na vigilância contra Malcolm X nos primeiros cinco meses de 1955, o escritório do FBI em Nova York aconselhou o escritório do diretor J. Edgar Hoover: "Em vista da longa filiação ativa do observado no mci e sua posição como ministro do mci, assim como de seus discursos e declarações contra o governo dos Estados Unidos, acredita-se que ele seria capaz de cometer atos hostis à defesa nacional e à segurança pública em situações de emergência".

50. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 31 jan. 1956, pp. 33-4.
51. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 23 maio 1955, pp. 23-4.
52. Curtis Austin, "Louis Farrakhan". In: Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., pp. 218-9.
53. Louis Farrakhan, "The Murder of Malcolm X and Its Effects on Black America: Twenty-Five Years Later", palestra feita no Malcolm X College, Chicago, Illinois, 21 fev. 1990. Texto da fala em poder do autor.
54. Karl Evanzz, op. cit., p. 168.
55. Entrevista de Louis Farrakhan (também conhecido como Louis X Walcott), 27 dez. 2007; e Louis Farrakhan, op. cit.
56. Entrevista com Farrakhan, 27 dez. 2007.
57. Ibid.
58. Ibid.
59. Louis Farrakhan, op. cit.
60. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
61. Karl Evanzz, op. cit., pp. 168-9.
62. Entrevistas com James 67X Warden, 24 jul. 2007 e 1 ago. 2007.
63. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 31 jan. 1956, p. 18.
64. Ibid., pp. 6-7.
65. Ibid., p. 7.
66. Ibid., p. 10.
67. Ibid., p. 22.
68. Ibid., p. 11.
69. Ibid., pp. 33-4.
70. Ver Yvonne Haddad e Jane Smith, Mission to America: Five Islamic Sectarian Communities in North America. Gainesville: University Press of Florida, 1993, pp. 49-78.
71. Id., ibid., p. 252.
72. Frederick Mathewson Denny, An Introduction to Islam. New York: Macmillan, 1985, p. 105.
73. Id., ibid., p. 237.
74. Hamid Enayat, Modern Islamic Political Thought. Londres: I. B. Taurus, 1982, pp. 22, 26-7.
75. Id., ibid., p. 23.
76. Robert Dannin, op. cit., pp. 274-5.
77. George McTuman Kahin, The Asian-African Conference: Bandung, Indonesia, April 1955. Ithaca: Cornell University Press, 1956, p. 39.
78. Id., ibid., p. 81. Ver Liz Mazucci, "Going Back to Our Own: Interpreting Malcolm X's Transition from 'Black Asiatic' to 'Afro-American'", Souls, v. 7, n. 1, pp. 66-83, inverno 2005.
79. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 23 maio 1955.
80. Melani McAlister, "One Black Allah: The Middle East in the Cultural Politics of African American Liberation, 1955-1970", American Quarterly, v. 51, n. 3, p. 631, 1999.
81. Entrevista com James 67X Warden, 24 jul. 2007.
82. Louis Farrakhan, op. cit.
83. Entrevista de James 67X Warden, 24 jul. 2007.
84. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 31 jan. 1956, p. 10.
85. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 88. DeCaro entrevistou Shabazz na Filadélfia em 17 de maio de 1993.
86. Id., ibid., p. 109.
87. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 226.
88. Id., ibid., p. 229.
89. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York para o Diretor, sem data.
90. Ibid.
91. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 226-7.

92. Rodnell P. Collins, op. cit., p. 137.
93. Ver Karl Evanzz, op. cit., pp. 184-5.
94. Transcrição de gravação de áudio. Julgamentos disciplinares supervisionados por Malcolm X no Templo nº 7 da NOI, no Harlem, em meados de setembro de 1956. Gravação cedida pela Nação do Islã e Akbar Muhammad.
95. Ibid.
96. Ibid.
97. Memorando FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 12 dez. 1956.
98. Memorando FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 23 out. 1956.
99. Rodnell P. Collins, op. cit., p. 104.
100. Tillman Durdin, "Barriers for Negro Here Still High Despite Gains", The New York Times, 23 abr. 1956.
101. James Hicks, "Riot Threat as Cops Beat Muslim: 'God's Angry Men' Tangle with Police", Amsterdam News, 4 maio 1957; e Evelyn Cunningham, "Moslems, Cops Battle in Harlem", Pittsburgh Courier, 4 maio 1957.
102. James Hicks, op. cit.
103. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 238-9.
104. James Hicks, op. cit.; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 112-3.
105. James Hicks, op. cit.
106. Id., ibid.; e "400 March to SCORE Police in Harlem", The New York Times, 29 abr. 1957.
107. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 239; e "Moslem Announces $Million ny Suit", Pittsburgh Courier, 9 nov. 1957. Uma grande placa de prata foi enxertada no crânio de Hinton para substituir o osso que a surra policial esmigalhara. Hinton ficou permanentemente incapacitado.
108. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 113.

5. "IRMÃO, O MINISTRO precisa CASAR"

1. Malcolm X, "God's Angry Men", Amsterdam News, 1 jun. 1957.
2. Ver "Mr. X Tells What Islan [sic] Means", Amsterdam News, 20 abr. 1957; e Malcolm X, "God's Angry Men", Amsterdam News, 27 abr. 1957.
3. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 30 abr. 1958.
4. "2,000 at Moslem Feast in Harlem", Amsterdam News, 20 jul. 1957.
5. "New Yorkers to Honor Marcus Garvey", Chicago Defender, 2 ago. 1957.
6. "Moslem Speaker Electrifies Garvey Crowd", Amsterdam News, 19 ago. 1957.
7. Carta de Thomas A. Nielson para Paul R. Taylor, chefes de polícia de Lansing, Michigan; carta de Nielson para John W. Whearty Milton, Massachusetts; carta de Nielson para Edward S. Piggins, comissário de polícia de Detroit; carta de Nielson para Michigan, comissão de depoimentos, Inkster, Michigan; carta de Nielson para Walter Carroll, chefe de polícia, Dedham, Massachusetts; carta de Nielson para superintendente da prisão estadual, Charlesten [sic], Massachusetts; e carta de Nielson para superintendente, Massachusetts State Reformatory, Concord Massachusetts, todos em 15 maio 1957 em arquivo sobre Malcolm X no Bureau of Special Services (citado, daqui em diante, como BOSS), Departamento de Polícia de Nova York.
8. "Malcolm X Will Lecture Four Weeks at Detroit Spot", Pittsburgh Courier, 17 ago. 1957.
9. "'Negroes, No Compromise on Civil Rights' Malcolm X", Los Angeles Herald Dispatch, 22 ago. 1957.
10. W. Haywood Bums, "The Black Muslims in America: A Reinterpretation", Race, v. 5, n. 1, pp. 29-31, jul. 1963.

11. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 30 abr. 1958.
12. "Malcolm X Making Hit in Detroit", Amsterdam News, 7 set. 1957.
13. "Malcolm X Returns; Detroit Moslems Grow", Amsterdam News, 26 out. 1957.
14. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 117; e "Malcolm Shabazz Speaker at DC Brotherhood Feast", Amsterdam News, 30 nov. 1959.
15. "Malcolm X in Boston", Amsterdam News, 9 nov. 1957; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 117.
16. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 22 jun. 1961.
17. Telegrama de Malcolm X para Stephen Kennedy, comissário do NYPD, 2 nov. 1957, BOSS.
18. Memorando de Walter Upshur para o oficial comandante do BOSS, 7 nov. 1957, ibid.
19. Resumo consolidado MX FBI , Escritório de Nova York, 22 ago. 1961, p. 20.
20. "Malcolm X Speaks in Detroit Again", Amsterdam News, 14 dez. 1957.
21. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 117.
22. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 274.
23. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 118.
24. Ibid., p. 120; e "Moslem Fight R.R. Station Bias, Jailed", Pittsburgh Courier, 7 mar. 1957. O procurador-geral do condado aplicou multas de 226 dólares para cada um dos dois muçulmanos. Levando em conta que eles tinham espancado severamente o policial branco que tentara prendê-los, foi uma multa razoavelmente branda.
25. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 276-7.
26. Entrevista com James 67X Warden, 24 jun. 2007.
27. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
28. Ibid.
29. Russell J. Rickford, Betty Shabazz: A Life Before and After Malcolm X. Naperville, il: Sourcebooks, 2003, pp. 2-11, 23, 27, 31.
30. Id., ibid., p. 39.
31. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 19 maio 1959, p. 20.
32. Malcolm X e Alex Haley, opp. cit., pp. 231-2.
33. Carta de Malcolm X para Elijah Muhammad, 25 mar. 1959. Cópia em poder do autor.
34. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 231-2.
35. Id., ibid.
36. Robert Dannin observa que "a maioria dos comentaristas muçulmanos considera a sexualidade uma atividade puramente carnal capaz de provocar caos e confusão no organismo social se não for sistematicamente controlada". Ver Robert Dannin, op. cit., p. 217.
37. Frederick M. Denny, op. cit., pp. 300-1.
38. Corão, sura xxiv, versículo 31.
39. Ver Elijah Muhammad, op. cit., especialmente capítulo 35.
40. Entrevista com Jasmine Griffin, 6 ago. 2001.
41. Ver Cynthia S'thembile West, "Revisiting Female Activism in the 1960s: The Newark Branch Nation of Islam", Black Scholar, v. 26, n. 3-4, pp. 41-8, outono 1996/inverno 1997.
42. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 231-4.
43. Id., ibid., p. 234.
44. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 62-6.
45. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
46. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 62-6.
47. Id., ibid., pp. 66-70; e Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 234-5.
48. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 71-3.
49. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 235.
50. Id., ibid., pp. 235-6.

51. Id., ibid., p. 236.
52. Karl Evanzz, op. cit., p. 261.
53. Russell J. Rickford, op. cit., p. 103; e entrevista com James 67X Warden, 24 jul. 2007.
54. Russell J. Rickford, op. cit., p. 78.
55. Id., ibid., p. 109.
56. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 232; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 19 maio 1959, pp. 31-2.
57. Relatório Resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 19 maio 1958, p. 6.
58. Ibid., pp. 18, 22.
59. Carta de Malcolm X para Elijah Muhammad, 25 mar. 1959.
60. Relatório Resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 19 nov. 1958, pp. 6-10; "Build Heaven on Earth", Los Angeles Herald Dispatch, 27 mar. 1958.
61. "Moslems Celebrate Third Pakistan Republic Day in L.A.", Los Angeles Herald Dispatch, 27 mar. 1957.
62. "Sees Aggressive Zionism as Threat to World Peace", Los Angeles Herald Dispatch, 10 abr. 1958; e "Arab Director, Malcolm X Hit U.S. Press, Radio, tv", Amsterdam News, 3 maio 1958. Na entrevista coletiva de 7 de abril de 1958, Mendi negou que houvesse conflito entre "árabes e judeus"; a única dificuldade real que existia era entre árabes e "sionistas agressivos".
63. "Christians Walk Out on Moslems", Amsterdam News, 26 abr. 1958.
64. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 237-8.
65. Carta de Malcolm X para Elijah Muhammad, 25 mar. 1959.
66. Russell J. Rickford, op. cit., p. 144.
67. Carta de Malcolm X para Elijah Muhammad, 25 mar. 1959.
68. A incursão policial de 1958 na casa de Malcolm X na East Elmhurst, no Queens, é narrada com detalhes em "Three Moslems Seized as Police Fighters: Home of 'X'Group's Leader Site of Battle", Amsterdam News, 24 maio 1958; "Moslems Await 'D-Day' in ny Court", Pittsburgh Courier, 24 maio 1958; e "Moslems Freed, Cry for Arrest of Cops", Pittsburgh Courier, 28 mar. 1959.
69. Memorando do detetive William K. DeFossett para o oficial comandante do BOSS, 27 maio 1958, BOSS.
70. "Three Moslems Seized as Police Fighters", Amsterdam News; "Moslems Await 'D-Day' in ny Court", Pittsburgh Courier; e "Moslems Freed, Cry for Arrest of Cops", Pittsburgh Courier, 28 mar. 1959.
71. "Moslems Await 'D-Day' in ny Court", Pittsburgh Courier, 28 mar. 1959.
72. Relatório resumido FBI Sanders, arquivo de Betty Sanders (também conhecida como Betty Shabazz e Betty X), Escritório de Nova York, 30 jun. 1958.
73. Relatório resumido FBI Sanders, Escritório de Nova York, 9 dez. 1964.
74. Relatório resumido FBI Sanders, Escritório de Nova York, 2 jun. 1959. Betty Shabazz também fez um discurso na reunião da NOIem Hartford, Connecticut, em 13 de setembro de 1959.
75. Resumo consolidado MX FBI , Escritório de Nova York, 22 ago. 1961, pp. 55-6.
76. "Moslems Freed, Cry for Arrest of Cops", Pittsburgh Courier; e Relatório do julgamento de Little-Molette-Simmons, Memorando, 27 mar. 1959, BOSS.
77. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 2 jul. 1958.
78. Como observou Oliver Jones Jr., a Nação do Islã utilizava-se das demandas tradicionais do nacionalismo negro, mas não estava preocupada, prioritariamente, com a preparação de um programa e de uma estratégia política para alcançar esses objetivos. A "crença [dos muçulmanos] numa nação própria jamais produziu um programa político para a criação desse lar nacional", observou Jones. "A rigor, os muçulmanos voltavam-se para Alá, e não para Washington, em busca da solução final". Ver Oliver Jones Jr., "The Black Muslim Movement and the American Constitutional System", Journal of Black Studies, v. 13, n. 4, pp. 417-37, jun. 1983.

6. "O ÓDIO PRODUZIDO PELO ÓDIO"

1. Uma boa referência, genericamente, é August Meier e Elliott Rudwick, From Plantation to Ghetto, 3. ed. (Nova York: Hill and Wang, 1976), pp. 267-79.
2. Myrlie Evers-Williams e Manning Marable (Orgs.), The Autobiography of Medgar Evers: A Hero's Life and Legacy Revealed Through His Writings, Letters and Speeches. Nova York: Basic Civitas, 2005, pp. 14-5.
3. Devon W. Carbada e Donald Weise (Orgs.), Time on Two Crosses: The Collected Writings of Bayard Rustin. São Francisco: Cleis, 2003, pp. x-xxv.
4. Martha Biondi, To Stand and Fight: The Struggle for Civil Rights in Postwar New York City. Cambridge: Harvard University Press, 2003, p. 162.
5. Martin Bauml Duberman, Paul Robeson. Nova York: Ballantine, 1989, pp. 454-5, 460.
6. Id., ibid., pp. 461-2.
7. Ver Timothy B. Tyson, Radio Free Dixie: Robert F. Williams and the Roots of Black Power. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999.
8. Barbara Ransby, Ella Baker and the Black Freedom Movement: A Radical Democratic Vision. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003, pp. 178-83.
9. Ver Charles Rosenberg, "Davis, Benjamin J. Jr.". In: Paul Finkelman (Org.), Encyclopedia of African American History, 1896 to the Present: From the Age of Segregation to the Twenty-first Century. Nova York: Oxford University Press, 2009, pp. 14-5, v. 2.
10. Barbara Ransby, op. cit., pp. 153-5, 157-8.
11. Martha Biondi, op. cit., pp. 215-9.
12. Harold Cruse, The Crisis of the Negro Intellectual: From Its Origins to the Present. Nova York: William Morrow, 1967, p. 227.
13. Id., ibid., p. 245.
14. Jon Lee Anderson, Che Guevara: A Revolutionary Life. Nova York: Grove, 1997, pp. 399, 416, 409.
15. Peniel E. Joseph, Waiting 'Til the Midnight Hour. Nova York: Henry Holt, 2006, pp. 29-30.
16. Harold Cruse, op. cit., pp. 356-7.
17. Elijah Muhammad para o ministro James 3X Shabazz, 28 abr. 1959. Cópia em poder do autor.
18. Ver Al Nall, "Moslem Trial Begins", Amsterdam News, 7 mar. 1959; Al Nall, "Moslems Accuse Cops", Amsterdam News, 14 mar. 1959; e Al Nall, "Moslems Go Free", Amsterdam News, 21 mar. 1959.
19. "Say Paper Helped Free 5 Moslems", Amsterdam News, 11 abr. 1959.
20. Val Adams, "Wallace May Get New tv Programs", The New York Times, 11 fev. 1959.
21. Ver "Louis Lomax, 47, Dies in Car Crash", The New York Times, 1 ago. 1970; David Shaw, "Louis Lomax, Black Author, Killed in Crash", Los Angeles Times, 1 ago. 1970; e "Author Lomax Killed When His Auto Overturns", Chicago Tribune, 1 ago. 1970.
22. Memorando FBI, Arquivo de Louis E. Lomax, Carta M. A. Jones para Louis B. Nichols, 2 fev. 1956.
23. Memorando FBI, Arquivo de Louis E. Lomax, Escritório de Chicago, 7 fev. 1956.
24. Ibid.
25. Memorando FBI, Arquivo de Louis E. Lomax, Carta G. C. Moore para W. C. Sullivan, 23 fev. 1969. Esse memorando declara: "Arquivos do FBI mostram que Lomax é um charlatão inescrupuloso que tem criticado severamente o FBI e o Diretor". O FBI observou também que To Kill a Black Man [Para matar um homem negro], o livro que Lomax publicou em 1968, atribuiu o assassinato ao "governo americano, particularmente a cia...".
26. Walt Dutton, "Controversy Is Lomax Forte", Los Angeles Times, 23 abr. 1965.
27. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 134.
28. Louis E. Lomax, "10,000 Muslims Hold Meeting in Washington", Amsterdam News, 6 jun. 1959. Lomax

informou em sua reportagem que "depois do discurso, o sr. Muhammad foi escoltado pela polícia de volta para o hotel onde, pela primeira vez, ele se submeteu a uma entrevista filmada para a tv... Um repórter e uma equipe de cinegrafistas voaram de Nova York para Washington com essa finalidade". Nessa entrevista, Muhammad previu que "a iminente destruição do homem branco ocorrerá antes de 1970".

29. Jack Gould, "Negro Documentary: Wallace's Guide to the 'Black Supremacy' Movement Challenged by Experts", The New York Times, 23 jul. 1959.
30. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 240-2.
31. Ver Mike Wallace e Gary Paul Gates, Close Encounters. Nova York: William Morrow, 1984; Susan King, "Q and A: Mike Wallace: 40 Years of Asking", Los Angeles Times, 23 set. 1990; e Donna Rosenthal, "Mike Without Malice", San Francisco Chronicle, 23 set. 1990.
32. Ver M. S. Handler, "Author Describes Slaying of 3 Rights Workers in Mississippi", The New York Times, 26 out. 1964; Walt Dutton, "Controversy Is Lomax Forte"; e "Louis Lomax, 47, Dies in Car Crash", The New York Times.
33. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 134-5; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 29 jul. 1959; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1959, pp. 34-5; e Resumo consolidado MX FBI , 22 ago. 1961, p. 55.
34. Ver C. Eric Lincoln, The Black Muslims in America (Boston: Beacon, 1961). Lincoln achava que a Nação do Islã, apesar de suas crenças não ortodoxas, tinha certa legitimidade quando se dizia parte da grande comunidade religiosa islâmica. Sua principal tese, porém, era que a Nação era essencialmente um movimento político nacionalista negro, que usava o Islã como pretexto para exigir total separação dos brancos americanos e de sua religião, o cristianismo.
35. Ver Louis E. Lomax, When the Word Is Given... (Cleveland: World Publishing, 1963); e Herb Nipson, "Black Muslims: Promise and Threat", Chicago Tribune, 10 nov. 1963.
36. "Honrado Elijah Muhammad/The Messenger Magazine", Amsterdam News, 7 nov. 1959.
37. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 180-1.
38. Carta de Malcolm para Betty Shabazz, 1 abr. 1959, MXC-S, caixa 3, pasta 2.
39. Carta de Malcolm para Betty Shabazz, 1 abr. 1959, MXC-S, caixa 3, pasta 2.
40. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 135.
41. Yusuf Ibrahim, carta ao editor, Pittsburgh Courier, 1 mar. 1958.
42. Elijah Muhammad, Message to the Blackman in America, capa.
43. "Mister Muhammad's Message to African-Asian Conference", Pittsburgh Courier, 18 jan. 1958.
44. Memorando MX FBI , Escritório de Washington, 27 jul. 1959; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1959, pp. 31-2.
45. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1959, pp. 8, 21; e Resumo consolidado MX FBI , Escritório de Nova York, 22 ago. 1961, p. 22.
46. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 139.
47. "Arabs Send Warm Greetings to 'Our Brothers' of Color in U.S.A.", Pittsburgh Courier, 15 ago. 1959.
48. Ibid.
49. Ibid.
50. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1959, p. 33.
51. Ibid., p. 23.
52. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 168.
53. "Muhammad Speaks", Los Angeles Herald Tribune, 14 jan. 1960.
54. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 23.
55. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 18 mar. 1960.
56. Ibid.
57. Ver "Defends Muslim Leader at Meet", Chicago Defender, 15 mar. 1960.
58. Ibid.
59. Ver Relatório resumido FBI, Arquivo de Leon 4X Phillips (também conhecido como Leon Ameer),

Escritório de Nova York, jan. 1962; e "Malcolm X on 'Unity'". In: Louis E. Lomax, op. cit., pp. 128-35. Esse discurso está reproduzido em John Bracey Jr., August Meier e Elliott Rudwick (Orgs.), Black Nationalism in America (Nova York: Bobbs-Merrill, 1970), pp. 413-20. Um original datilografado do discurso de Malcolm está localizado em MXC-S, caixa 5, pasta 1.

60. Louis E. Lomax, op. cit., p. 129.
61. Memorando do detetive Ernest B. Latty para o oficial comandante, 30 maio 1960, BOSS.
62. Ibid., pp. 4-12.
63. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
64. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1960, pp. 17-8.
65. Ver Yale Daily News (New Haven), 21 out. 1960; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1960, pp. 22-3; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, maio 1961, p. 17.
66. Max Frankel, "Angry Castro Quits Hotel in Row Over Bill; Moves to Harlem", The New York Times, 20 set. 1960; "Castro Moves Out of Hotel in Huff, Takes His Party to One in Harlem", The Washington Post, 20 set. 1960; e Jules Du Bois, "Irate Castro Moves to Harlem Hotel", Chicago Tribune, 20 set. 1960.
67. Mel Opotowsky, "Castro Settles Down in Harlem, Paying Double, Minding Manners", The Washington Post, 21 set. 1960; e Philip Benjamin, "Theresa Hotel on 125th St. Is Unruffled by Its Cuban Guests", The New York Times, 21 set. 1960.
68. "Nikita Visits Castro in Harlem", Chicago Defender, 21 set. 1960; Harrison E. Salisbury, "Russian Goes to Harlem, Then Hugs Cuban at U.N.", The New York Times, 21 set. 1960; e "Police Break Up Harlem Crowd as Groups Mingle", The New York Times, 22 set. 1960.
69. "Fidel Castro", em Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., p. 144.
70. Carlos Moore, Castro, the Blacks, and Africa. Los Angeles: University of California Center for Afro-American Studies, 1988, p. 120.
71. Resumo consolidado MX FBI , Escritório de Nova York, 22 ago. 1961, p. 27.
72. Carlos Moore, op. cit., p. 120.
73. Id., ibid., p. 162.
74. Relatório Resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 nov. 1959, p. 9.
75. O número de dezembro de 1961 do Muhammad Speaks explicou que Wallace recusou-se a "responder a uma convocação do exército porque todos os pregadores, ministros e rabinos estavam isentos do serviço militar". A condenação e a prisão de Wallace, como a de seu pai nos anos 1940, foram "por ensinar a religião do Islã!". Ver "Courts Jail Muslim Ministers; Taught Negroes in Faith of Islam Religion!", Muhammad Speaks, dez. 1961.
76. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
77. Ibid.
78. Devon W. Carbada e Donald Weise (Orgs.), op. cit., pp. 164-5.
79. Charles Rosenberg, "Davis, Benjamin J. Jr.". In: Paul Finkelman (Org.), op. cit., pp. 14-5.
80. Devon W. Carbada e Donald Weise (Orgs.), op. cit., pp. 165-6.
81. Id., ibid., pp. 168-71.
82. Evers-Williams and Marable (Orgs.), op. cit., pp. 181-2.
83. Manning Marable, Race, Reform and Rebellion: The Second Reconstruction and Beyond in Black America, 1945-2006. Jackson: University Press of Mississippi, 2007, p. 62.
84. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1961, pp. 5-8.
85. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1961, p. 6.
86. Ibid., p. 19.
87. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 180-1.
88. Mattias Gardell, op. cit., p. 273.
89. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1961, pp. 5-19.

7. "TÃO CERTO COMO DEUS FEZ AS MAÇÃS VERDES"

1. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 1, 105.
2. Carta de Malik Shabazz para Mrs. Malik Shabazz, 25 jan. 1961, MXC-S, caixa 3, pasta 2.
3. Karl Evanzz, op. cit., p. 211.
4. Stanley G. Robertson, "Paternity Charge Faces Muhammad: It's Denied", Los Angeles Sentinel, 9 jul. 1964; "Ex-Sweetheart of Malcolm X Accuses Elijah", Amsterdam News, 11 jul. 1964; e Karl Evanzz, op. cit., p. 218.
5. Karl Evanzz, op. cit., pp. 238-9.
6. Id., ibid., pp. 215-7.
7. Id., ibid., p. 218.
8. Id., ibid., pp. 218-9.
9. Id., ibid., pp. 238-9, 248.
10. Id., ibid., pp. 248-9.
11. "Malcolm X Rips jfk Advisor", Pittsburgh Courier, 4 fev. 1961; Robert James Branham, "'I Was Gone on Debating': Malcolm X's Prison Debates and Public Confrontations", Argumentation and Advocacy, v. 31, p. 125, inverno 1995; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1961, p. 14.
12. "Muslims Give the JFK Man a Fit", New Jersey Herald News, 4 fev. 1961.
13. Ver "Invited by Campus NAACP", Pittsburgh Courier, 11 fev. 1961; "Muslim Malcolm X Out as Howard U. History Speaker", Pittsburgh Courier, 25 fev. 1961; e "Malcolm May Not Talk at Howard", Amsterdam News, 25 fev. 1961. Louis A. DeCaro declara que um funcionário da NAACP interveio para cancelar a palestra. Ver Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 174.
14. Louis A. DeCaro, op. cit., p. 174.
15. "1,500 Hear Integration-Non-Segregation Debate", Chicago Defender, 11 nov. 1961; e "Malcolm X's Howard University Lecture", 30 out. 1965, MXC-S, caixa 5, pasta 15.
16. "1,500 Hear Integration-Non-Segregation Debate", Chicago Defender, 11 nov. 1961.
17. "Harvard Hears Malcolm X, NAACP Speaker", Amsterdam News, 8 abr. 1961; e "The Harvard Law School Forum of March 24, 1961", Archie Epps (Org.), The Malcolm X Speeches at Harvard. Nova York: Paragon House, 1961, pp. 115-31.
18. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
19. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 23 jan. 1962.
20. "uc Forbids", San Francisco Chronicle, 7 maio 1961; "Malcolm 'X' Raps uc", San Francisco Chronicle, 9 maio 1961; "West Coast University Bars", Afro-American (Baltimore), 20 maio 1961; e Memorando MX FBI , Escritório de São Francisco, 19 maio 1961.
21. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1961, p. 18.
22. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1961, p. 17; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 182.
23. "A Partial Transcript of a Sermon by Malcolm X at Elder Solomon Lightfoot Michaux's New York Church of God, June 16, 1961". In: Louis A. DeCaro, Malcolm and the Cross, pp. 223-35. Michaux foi um dos primeiros radio-televangelistas afro-americanos. Lewis, irmão de Michaux, tinha uma livraria para negros na 125th Street, do Harlem, que era um ponto de encontro de nacionalistas negros.
24. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 14 abr. 1961.
25. Martin Meredith, The First Dance of Freedom: Black Africa in the Post-War Era. Nova York: Harper and Row, 1984, pp. 150-1.
26. "Muslims to Sue Adlai Stevenson", Amsterdam News, 25 fev. 1961; "Muslims Sue Dailies", Amsterdam

News, 11 mar. 1961; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1961, pp. 15-6; e Resumo consolidado MX FBI , Escritório de Nova York, 25 set. 1963, pp. 8, 24; "Americans Active in Demonstration at U.N. Meeting", Atlanta Daily World, 16 fev. 1961; "Mob Invades U.N., 21 Hurt!", Chicago Daily Tribune, 16 fev. 1961; "U.S. Blames Reds for Negroes Act", Chicago Defender, 16 fev. 1961.

27. Maya Angelou, The Heart of a Woman. Nova York: Random House, 1981, pp. 166-70.
28. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 23 jan. 1962; e Resumo consolidado MX FBI , Escritório de Nova York, 25 ago. 1963, pp. 25, 26.
29. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 23 jan. 1962.
30. Carta de Elijah Muhammad para Malcolm X, 23 mar. 1961, MXC-S, caixa 3, pasta 8.
31. Telegrama de A. Phillip Randolph para Malcolm X, 11 ago. 1961, MXC-S, caixa 3, pasta 13.
32. Relatório resumido FBI Phillips, Escritório de Nova York, jan. de 1962.
33. Harold L. Keith, "Leaders Bury Differences, Merge: New York Group Formed to Uplift Negro Masses", Pittsburgh Courier, 7 out. 1961.
34. Evelyn Cunningham, "Panel Will Continue; Malcolm X and Randolph Spark Rally in Harlem", Pittsburgh Courier, 16 set. 1961.
35. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 23 jan. 1962.
36. Relatório resumido FBI, Arquivo de Raymond X Sharrieff, Escritório de Chicago, 8 fev. 1962 e 8 ago. 1962.
37. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
38. Ibid.
39. Claude Andrew Clegg, op. cit., pp. 113, 181. Peter Goldman contesta Claude A. Clegg frontalmente nessa questão. Para Goldman, "um decreto administrativo de 1961 subordinou os capitães de templo apenas a Chicago". Ver Peter Goldman, op. cit., p. 110.
40. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 11 jan. 1963.
41. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 177.
42. Livro de Escrituração do Secretário, Mesquita nº 7. Cópia em poder do autor.
43. Entrevista com James 67X Warden, 24 jul. 2007.
44. FBI Resumo consolidado, Arquivo de Charles 37X Morris (também conhecido como Charles Kenyatta), Escritório de Nova York, 4 ago. 2006; Memorando FBI Morris, Escritório de Washington, 6 nov. 1968; e Memorando FBI Morris, Escritório de Nova York para diretoria, 13 mar. 1968.
45. Memorando FBI Morris, Escritório de Nova York, 13 mar. 1968.
46. Ibid.; e Charles Kenyatta, entrevista de história oral, 1970, Moorland-Spingarn Research Center, Manuscript Division, Howard University Library.
47. Memorando FBI Morris, Escritório de Nova York, 13 mar. 1968.
48. Mark Jacobson, "The Man Who Didn't Shoot Malcolm X", Nova York, 1 out. 2007, p. 41.
49. Id., ibid., p. 40.
50. John L. Esposito, The Oxford Dictionary of Islam. Nova York: Oxford University Press, 2003, p. 138.
51. Mark Jacobson, op. cit., pp. 40-1.
52. Entrevista com Thomas 15X Johnson (também conhecido como Khalil Islam), 29 set. 2004.
53. Ibid.
54. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 270.
55. Ver William H. Schmaltz, Hate: George Lincoln Rockwell and the American Nazi Party. Washington: Batsford Brassey, 1999.
56. Para as conexões entre o Partido Nazista Americano e a Nação do Islã, ver Claude A. Clegg, op. cit., pp. 152-6; e William H. Schmaltz, op. cit., pp. 119-20.
57. Claude A. Clegg, op. cit., pp. 154-5.
58. William H. Schmaltz, op. cit., pp. 120-1; e "Separation or Death: Muslim Watchword", Amsterdam News, 1 jul. 1961.
59. George Lincoln Rockwell, "The Jew: Moment of Lies in the South", Rockwell Report, 3 jan. 1962.

60. William H. Schmaltz, op. cit., pp. 133-4; e "U.S. Nazi BOSS Among 3,000 at Rally", Chicago Tribune, 26 fev. 1962.
61. Claude A. Clegg, op. cit., p. 154.
62. "Rockwell and Co.: They Speak for All White", Muhammad Speaks, abr. 1962.
63. William H. Schmaltz, op. cit., pp. 159-60, 201. Rockwell continuou a citar as opiniões de Malcolm X como justificativa para suas próprias posições racistas até a época de sua morte em 1967. Numa entrevista com Alex Haley, publicada na revista Playboy em abril de 1966, por exemplo, Rockwell declarou que "quanto mais vocês insistem nisso (integração), mas os brancos ficam enlouquecidos... Malcolm disse a mesma coisa que estou dizendo". Ver "Interview with George Lincoln Rockwell", Playboy, v. 13, n. 4, pp. 71-2, 74, 76-82, 154, 156, abr. 1966.
64. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 11 jan. 1963.
65. John D'Emilio, Lost Prophet: The Life and Times of Bayard Rustin. Nova York: Free Press, 2003, p. 324; e Peter Goldman, op. cit., p. 67.
66. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1962, p. 7; e Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 11 jan. 1963.
67. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 18 out. 1962; e Relatório Resumido FBI, Arquivo de Benjamin 2X Goodman (também conhecido como Benjamin Karim), Escritório de Nova York, 11 jan. 1963.
68. Carta de Elijah Muhammad para Malcolm X, 15 fev. 1962, MXC-S, caixa 3, pasta 8.
69. Malcolm X e James Farmer, "Separation or Integration: A Debate", Dialogue, v. 2, n. 3, pp. 14-8, maio 1962.
70. Id., ibid.
71. Id., ibid.
72. Id., ibid.
73. "Malcolm X Packs Powell's Church", sem data, MXC-S, caixa 5, pasta 17. Ver também Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 11 jan. 1963; Relatório resumido FBI Phillips, Escritório de Nova York, 21 mar. 1963.
74. "Louis Farrakhan". In: Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., pp. 218-9; e Karl Evanzz, op. cit., pp. 296-7.
75. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 143-4.
76. Id., ibid., pp. 144-5.
77. Ver Douglas Flamming, Bound for Freedom: Black Los Angeles in Jim Crow America. Berkeley: University of California Press, 2005, p. 69.
78. Stephen Meyer Grant, As Long as They Don't Move Next Door: Segregation and Racial Conflict in American Neighborhoods. Lanham, md: Rowman and Littlefield, 2000, pp. 178-83.
79. Sobre as condições econômicas dos negros em Los Angeles, ver Josh Sides, L.A. City Limits: African American Los Angeles from the Great Depression to the Present (Berkeley: University of California Press, 2003). O melhor estudo documentando os fatores socioeconômicos e políticos que levaram aos tumultos de Watts em 1965, no centro-sul de Los Angeles, é Gerald Horne, Fire This Time: The Watts Uprising and the 1960s (Charlottesville: University of Virginia Press, 1995).
80. Frederick Knight, "Justifiable Homicide, Police Brutality, or Governmental Repression? The 1962 Los Angeles Police Shooting of Seven Members of the Nation of Islam", Journal of Negro History, v. 79, n. 2, pp. 182-96, primavera 1974.
81. Id., ibid.
82. Id., ibid.; e "Study Shows Los Angeles Police Were Investigating Muslims at Time of Riot", Amsterdam News, 12 maio 1962.
83. Frederick Knight, "Justifiable Homicide, Police Brutality, or Governmental Repression?", Journal of Negro History, v. 79, n. 2, pp. 12-196, primavera 1974; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 184.
84. Peter Goldman, op. cit., p. 97.
85. Id., ibid., pp. 97-8.

86. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
87. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
88. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
89. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 16 nov. 1962, pp. 17-8; e "Conduct Rites for California Black Muslim Riot Victim", Chicago Defender, 7 maio 1962.
90. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
91. Claude A. Clegg, op. cit., p. 171.
92. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
93. Peter Goldman, op. cit., p. 98.

8. DA ORAÇÃO AO PROTESTO

1. Frederick Knight, "Justifiable Homicide, Police Brutality, or Governmental Repression?", Journal of Negro History, v. 79, n. 2, p. 190, primavera 1974.
2. "Malcolm X Heads Rally Sunday", Amsterdam News, 26 maio 1962; Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório em Nova York, 11 jan. 1963; e Relatório resumido FBI Phillips, Escritório em Nova York, 21 mar. 1963.
3. Carta do ministro John Shabazz para o irmão ministro Malcolm X, 1 jan. 1962, MXC-S, caixa 12, pasta 1.
4. Jack V. Fox, "Negro Leaders Lambaste Malcolm X's Delight in Death of Atlanta Whites", Chicago Defender, 14 jul. 1962. Ver também Claude A. Clegg, op. cit., p. 201.
5. Jack V. Fox, op. cit.
6. Memorando MX FBI , Carta do diretor para adido jurídico francês, 8 ago. 1962.
7. Wallace Turner, "Militancy Urged on U.S. Negroes", The New York Times, 26 nov. 1962.
8. Relatório resumido MX FBI , Escritório em Nova York, 16 nov. 1962, p. 8; Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório em Nova York, 11 jan. 1963; e Relatório resumido FBI Sharrieff, Escritório de Chicago, 12 fev. 1963.
9. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório em Nova York, 11 jan. 1963.
10. "Muhammad Asks for Black State, Tax Exemptions", Chicago Defender, 16 jul. 1962; Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório em Nova York, 11 jan. 1963; e Relatório resumido FBI Sharrieff, Escritório de Chicago, 12 fev. 1963.
11. H. D. Quigg, "2,000 Jam Harlem Square to Hear Muslim Leaders Extol Their Cause", Chicago Defender, 24 jul. 1962; e Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório em Nova York, 11 jan. 1963.
12. "2,500 at Moslem Rally", Amsterdam News, 28 jul. 1962.
13. Rickford, Betty Shabazz, p. 123; e Clegg, An Original Man, pp. 180-1.
14. Relatório resumido MX FBI , Escritório em Nova York, 16 nov. 1962, p. 23; e Relatório consolidado MX FBI , Escritório de Nova York, 25 set. 1963, p. 17.
15. Taylor Branch, Pillar of Fire. Nova York: Touchstone, 1998, p. X2.
16. "Mayor Yorty Says Cult Backs 'Hate'", The New York Times, 27 jan. 1962.
17. Taylor Branch, op. cit., pp. 10-1.
18. Relatório resumido MX FBI , Escritório em Nova York, 16 nov. 1962, p. 19.
19. Id., ibid., p. 24.
20. Entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
21. Ver Peter Goldman, "Black Muslims Fail to Flourish Here", St. Louis Globe-Democrat, 2 jan. 1962.
22. Entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
23. Ibid.

24. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 6.
25. Id., ibid.
26. Entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
27. Manning Marable, op. cit., p. 150.
28. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
29. Relatório resumido MX FBI , Escritório em Nova York, 16 nov. 1962, p. 24.
30. Relatório resumido MX FBI Goodman, Escritório em Nova York, 8 set. 1960.
31. Ibid., 27 out. 1961.
32. Ibid., 17 out. 1962.
33. Ibid.
34. Peter Goldman, op. cit., p. 19.
35. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 105-6.
36. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
37. Peter Goldman, op. cit., pp. 8, 96.
38. Relatório resumido MX FBI Gravitt, Escritório em Nova York, 11 jan. 1963.
39. Carta de Malcolm X para o editor, "What Courier Readers Think: Muslim vs. Moslem!", Pittsburgh Courier, 6 out. 1962; e Diários de Viagem (Transcrição): Oriente Médio e Oeste da África, abr.-maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 18.
40. Carta de Yahya Hayari para o editor, "What Courier Readers Think: A Blast at Muhammad", Pittsburgh Courier, 27 out. 1962.
41. Carta de Malcolm X para o editor, "Amsterdam News Readers Write", Amsterdam News, 24 nov. 1962; e Edward Curtis iv, "Islamism and Its African American Muslim Critics: Black Muslims in the Era of the Arab Cold War", American Quarterly, v. 59, n. 3, pp. 88-9, set. 2007.
42. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 201-2; e Edward Curtis, op. cit., p. 90.
43. Id., ibid., p. 159.
44. Id., ibid., pp. 159-60.
45. Há uma vasta literatura sobre Muhammad Ali (Cassius Clay). Para uma introdução geral ao assunto, ver: David Remnick, King of the World: Muhammad Ali and the Rise of an American Hero (Nova York: Random House, 1998); John Miller e Aaron Kenedi (Orgs.), Muhammad Ali: Ringside (Boston: Bullfinch, 1999); Anthony O. Edmonds, Muhammad Ali: A Biography (Westport, ct: Greenwood, 2006); e Mike Marqusee, Redemption Song: Muhammad Ali and the Spirit of the Sixties (Nova York: Verso, 1999).
46. Entrevista de Alex Haley com Muhammad Ali. In: John Miller e Aaron Kenedi (Orgs.), op. cit., pp. 39, 42.
47. Anthony O. Edmonds, op. cit., p. 37.
48. David Remnick, op. cit., p. 165.
49. Id., ibid.
50. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 17 maio 1962, p. 11.
51. "Racial Militancy and Pride Urged at West Coast Rally", Chicago Defender, 28 nov. 1962.
52. Wallace Turner, "Militancy Urged on U.S. Negroes", The New York Times, 26 nov. 1962.
53. Id., ibid.; Robin D. G. Kelley e Betsy Esch, "Black Like Mao: Red China and Black Revolution", Souls, v. 1, n. 4, pp. 6-41, out. 1999.
54. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 185; e "Jail Term", Militant (Nova York), 4 fev. 1963.
55. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 27 jan. 1964.
56. Telegrama de Malcolm X para o prefeito Robert Wagner, Nova York, 2 jan. 1963, MXC-S, caixa 5, pasta 18.
57. "Muslims Protest Rights Violation by Police", Chicago Defender, 10 jan. 1963; "Rights Violated", Democrat and Chronicle, 8 jan. 1963; "Muslim Assails", Democrat and Chronicle, 15 fev. 1963; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 185.
58. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 185.
59. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 27 jan. 1964.
60. Ver Muhammad Speaks, 4 fev. 1963; e Militant, 4 fev. 1963.

61. Discurso de Malcolm X, "Twenty Million Black People in a Political, Economic and Mental Prison". In: Bruce Perry (Org.), Malcolm X: The Last Speeches. Nova York: Pathfinder, 1989, pp. 25-57.
62. Id., ibid.
63. Id., ibid. Ver também "Muslim Leader Asks Negro Nation in U.S.", Chicago Defender, 26 jan. 1963.
64. "Meredith, Gantt Entries 'Hypocritical': Malcolm X", Chicago Defender, 31 jan. 1963.
65. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 6 maio 1963.
66. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 185; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 16 maio 1963, p. 19.
67. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 16 maio 1963, pp. 18-20.
68. Ibid.
69. Alfred Balk e Alex Haley, "Black Merchants of Hate", Saturday Evening Post, v. 236, pp. 67-74, 26 jan. 1963.
70. Kofi Natambu, op. cit., p. 263.
71. "Negroes: Death, Lost Sheep", 13 fev. 1964, MXC-S, caixa 9, pasta 1.
72. Taylor Branch, op. cit., p. 17.
73. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 16 maio 1963, p. 21.
74. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 301.
75. Id., ibid., p. 303.
76. Manning Marable, op. cit., p. 172.
77. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
78. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 303-4.

9. "ELE SE DESENVOLVIA RÁPIDO DEMAIS"

1. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 304.
2. Id., ibid., p. 305.
3. Id., ibid. Ver também, Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 113-4; Claude A. Clegg, op. cit., pp. 188, 191-2; and Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 191.
4. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 15 nov. 1963, pp. 6, 9.
5. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
6. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 300-1.
7. Carta de Elijah Muhammad para Malcolm Shabazz, 25 abr. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 6.
8. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 27 jan. 1964; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 15 maio 1963 e 23 maio 1963.
9. Taylor Branch, op. cit., p. 163.
10. Carta aberta de Elijah Muhammad, 25 abr. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 8.
11. "Malcolm X Coming Here", The Washington Post, 1 maio 1963.
12. "Malcolm X in d.c. with Solution to Crime Rate", Chicago Defender, 13 maio 1963. A entrevista coletiva foi concedida em 9 de maio de 1963.
13. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 15 maio 1963; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 15 nov. 1963, p. 26.
14. "Malcolm X in D.C. with Solution to Crime Rate", op. cit.
15. "14 Muslims Go on Trial in Fatal Riot", Los Angeles Times, 9 abr. 1963.
16. Bill Lane, "Jury Selection for Muslim Trial Fair", Los Angeles Sentinel, 12 abr. 1963; e "14 Muslims Go on Trial in Fatal Riot", op. cit.

17. "Row Flares Over Jurors in Muslim Riot Trial", Los Angeles Times, 25 abr. 1963. O repórter Bill Lane, do Los Angeles Sentinel, afirmou que seis dos doze jurados eram negros. Ver Bill Lane, "Jury Selection for Muslim Trial Fair", op. cit.
18. "Negroes Ask Segregated Court Seats", Los Angeles Times, 1 maio 1963.
19. "Muslim Riot Described by Officer", Los Angeles Times, 2 maio 1963.
20. "Top New York Muslim Says L.A. Is on Trial", Los Angeles Times, 4 maio 1963.
21. Gladwin Hill, "Muslims' Defense Opened on Coast", The New York Times, 12 maio 1963; "Use of Word 'Negro' Issue in Muslim Trial", Chicago Defender, 8 maio 1963; e "Malcolm X Raps L.A. Press as Favoring Cops in Trial", Chicago Defender, 25 maio 1963.
22. "Muslim Trial Interrupted by Attorney", Los Angeles Times, 7 maio 1963.
23. "Muslim Trial to Jury, Malcolm X Is Rousted", Los Angeles Sentinel, 23 maio 1963.
24. Ben Burns, "First Negro-Owned Station to Hit Airwaves", Chicago Defender, 8 maio 1963; e "Negro Picket Slugged at Black Muslim Rally", Los Angeles Times, 5 maio 1963.
25. "9 Muslims Guilty in Coast Riot", Los Angeles Times, 14 jun. 1963; e "11 Convicted on 37 of 42 Counts in Muslim Trial", Los Angeles Sentinel, 20 jun. 1963.
26. "Black Muslim Rioters Get Prison Terms", Chicago Tribune, 1 ago. 1963; e "6 Jurors Say Muslims Got Unfair Trial", Atlanta Daily World, 1 set. 1963.
27. C. Portis, "Celebrities and Celebrators Pour into City", New York Herald Tribune, 15 maio 1963; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 15 maio 1963; e "Miscellaneous Financial Documents", MXC-S, caixa 11, pasta 15.
28. "Black Muslim Raps Hearing Postponement", The Washington Post, 17 maio 1963; M. S. Handler, "Malcolm X SCORES Kennedy on Racial Policy", The New York Times, 17 maio 1963; e "Malcolm X Denounces jfk on Civil Rights", Chicago Defender, 25 maio 1963.
29. Memorando MX FBI , Escritório de Washington, 13 maio 1963, 14 maio 1963, e 23 maio 1963; "400 Hear Malcolm X Speak Here", The Washington Post, 13 maio 1963; Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 163; e Claude A. Clegg, op. cit., p. 217.
30. "Malcolm X Denies Muslims Preach Hate", Chicago Defender, 18 out. 1962; "'Rights Violated' — Muslims", Chicago Defender, 20 out. 1962; e "Muslims Chained in N.Y. Courtroom", Amsterdam News, 27 out. 1962.
31. "Malcolm X in Court", Amsterdam News, 17 nov. 1962.
32. H. D. Quigg, "Debate Muslim Claim to Be Legitimate Religion", Chicago Defender, 18 jun. 1963.
33. Memorando MX FBI , Escritório de Washington, 3 jun. 1963; e Memorando MX FBI , Escritório de Washington, 6 ago. 1963.
34. "D.C. Rejects Malcolm X Prayer Role", The Washington Post, 29 jun. 1963; e "Black Muslim Tension Eases", The Washington Post, 1 ago. 1963.
35. Transcrição da entrevista de Kenneth Clark com Malcolm X, levada ao ar na wndt-tv, Nova York, e wgbh-tv, Boston, em 4 jun. 1963, MXC-S, caixa 5, pasta 11.
36. Relatório resumido FBI Sharrieff, Escritório de Chicago, 19 ago. 1963.
37. Entrevista com Thomas 15X Johnson (também conhecido como Khalil Islam), 29 set. 2004.
38. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
39. Entrevista com Thomas 15X Johnson, 29 set. 2004.
40. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
41. Entrevista com Thomas 15X Johnson, 29 set. 2004.
42. Ibid.
43. Ibid.
44. Entrevista com Larry 4X Prescott (também conhecido como Akbar Muhammad), 7 nov. 2007.
45. Ibid., 9 jun. 2006.
46. Ibid.
47. Ibid., 7 nov. 2007.

48. Alex Haley, "Malcolm X Interview", Playboy, v. 10, n. 5, pp. 53, 56-60, 62, maio 1963.
49. Id., ibid., pp. 56-57.
50. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 392.
51. Id., ibid., pp. 393-4.
52. Carta de Alex Haley para Malcolm X, "Author/Collaborator Letter of Agreement", 1 jun. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 6.
53. "Production Information", 5 jun. 1963, The Ken McCormick Collection of the Records of Doubleday and Company (kmc), Divisão de Manuscritos, Biblioteca do Congresso, caixa 44, pasta 9.
54. Alex Haley, "Author/Collaborator Letter of Agreement".
55. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 393-5.
56. Carta de Alex Haley para Oliver Swan, 5 ago. 1963, Anne Romaine Collection, Special Collections Library, University of Tennessee (utlsc), Knoxville, Tennessee, série I, caixa 3, pasta 24.
57. Ibid.
58. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 5 set. 1963, ibid.
59. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 22 set. 1963, ibid.
60. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 25 set. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 6.
61. Ann Geracimos, "Mrs. Malcolm X: Her Role as Wife", New York Herald Tribune, 30 jun. 1963. Embora o artigo fosse, teoricamente, sobre Betty, Malcolm temperou a entrevista com ataques à "civilização ocidental", que "destruiu a feminilidade da mulher... Empenha-se em fazer da mulher aquilo que ela não é. A sociedade ocidental perdeu o contato com o lar e a família".
62. Ibid.
63. John D'Emilio, op. cit., p. 328.
64. "Preamble to the March on Washington", Devon Carbada e Donald Weise (Orgs.), op. cit., pp. 112-5.
65. John D'Emilio, op. cit., pp. 340-2, 355.
66. David J. Garrow, Bearing the Cross: Martin Luther King, Jr., and the Southern Christian Leadership Conference. Nova York: Vintage, 1986, pp. 265, 268.
67. John D'Emilio, op. cit., pp. 344-5; e Peter Goldman, op. cit., pp. 102-3.
68. John D'Emilio, op. cit., p. 340.
69. Releases da Mesquita nº 7, 29 jun. 1963. Comício de Harlem, MXC-S, caixa 5, pasta 17.
70. Telegrama de Adam Clayton Powell, Jr., para Malcolm X, 28 jun. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 11.
71. Thomas P. Ronan, "Malcolm X Tells Rally in Harlem Kennedy Fails to Help Negroes", The New York Times, 30 jun. 1963; "Romney Bobs Up and Leads Rights Parade", Chicago Tribune, 30 jun. 1963; Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 27 jan. 1964; e Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 13 dez. 1964.
72. "Muhammad Son Calls for Unity", Muhammad Speaks, 20 jul. 1963; "Muhammad's Son at Rally Saturday", Amsterdam News, 13 jul. 1963; e Release da Mesquita nº 7, "Elijah Muhammad's Son to Speak in Harlem at Outdoor Rally", MXC-S, caixa 5, pasta 17.
73. Louis E. Lomax, op. cit., pp. 84-7.
74. Id., ibid., pp. 87-91. Escrevendo no fim de 1963, Lomax estava convencido de que Akbar Muhammad, ou "quase certamente" outro filho de Elijah Muhammad, herdaria o posto de líder da NOI; Malcolm X jamais chefiaria a Nação, segundo acreditava Lomax: "Vejo Malcolm, pois, não como o líder máximo, mas como primeiro-ministro e eminência parda".
75. "Islamic Exports Plan to Microscope Muslims", Chicago Defender, 15 jul. 1963.
76. "Police Haul Off 300 Pickets in Racial Protest", Los Angeles Times, 23 jul. 1963.
77. Homer Bigart, "Building Trades Accused of Snub by Racial Groups", The New York Times, 6 ago. 1963.
78. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 15 nov. 1963, pp. 5, 6, 7 e 12; Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 27 jan. 1964; e Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 13 fev. 1964.
79. Martin Arnold, "Brooklyn Rally Held by Muslims", The New York Times, 28 jul. 1963.

80. Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 27 jan. 1964.
81. Karl Evanzz, op. cit., p. 266.
82. Ben Burns, "jfk Gags About tfx and Malcolm X", Chicago Defender, 5 jun. 1963.
83. Carta de Elijah Muhammad para Malcolm Shabazz, 1 ago. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 8.
84. "Muslim Leader Plans to Join Washington March", Chicago Defender, 10 ago. 1963.
85. Relatório resumido FBI Sharrieff, Escritório de Chicago, 19 fev. 1964.
86. Ibid., p. 11.
87. "Unity Rally", 18 ago. 1963, MXC-S, caixa 5, pasta 3.
88. Ibid.
89. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 166-7.
90. Taylor Branch, op. cit., pp. 130-1.
91. "NAACP Official Says 250,000 Will March", Los Angeles Times, 26 ago. 1963. A declaração de Malcolm foi tirada de uma entrevista para o canal de televisão cbs.
92. William Raspberry, "Rights Leaders Reaffirm Belief That Marchers Will Be Orderly", The Washington Post, 26 ago. 1963.
93. Entrevista com Larry 4X Prescott, 7 nov. 2007.
94. "The Farce on Washington", sem data, MXC-S, caixa 5, pasta 5. Ver também "'No Muslims in d.c. March': Malcolm X", Chicago Defender, 26 ago. 1963.
95. Entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004; e Peter Goldman, op. cit., pp. 102-6.
96. Peter Goldman, op. cit., p. 104.
97. Id., ibid., p. 107.
98. David J. Garrow, op. cit., p. 383.
99. Id., ibid., pp. 284-5.
100. Comentário de Manning Marable em entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
101. Relatório resumindo FBI Sharrieff, Escritório de Chicago, 19 fev. 1964; Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 13 fev. 1964; e Relatório resumido FBI Gravitt, Escritório de Nova York, 27 jan. 1964.
102. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 297-300, e Claude A. Clegg, op. cit., pp. 181, 324. Segundo Armiya Nu'man, ministro assistente na Mesquita nº 7 comandada por Farrakhan no começo dos anos 1970, o primeiro ministro nacional da NOItinha sido Sultan Muhammad, ministro do Templo nº 3 de Milwaukee nos anos 1930. Malcolm foi apenas o segundo ministro nacional a ser nomeado na Nação.
103. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 398.
104. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 25 set. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 6.
105. Carta de Wolcott (Tony) Gibbs Jr. para Alex Haley, 1 out. 1963, kmc, caixa 44, pasta 9.
106. Carta de Alex Haley para Tony Gibbs, 11 out. 1963, Anne Romaine Collection, utlsc, série i, caixa 3, pasta 24.
107. Carta de Wolcott Gibbs Jr. para Alex Haley, 24 out. 1963, kmc, caixa 44, pasta 9.
108. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 24 out. 1963, Anne Romaine Collection, utlsc, série i, caixa 3, pasta 1.
109. Carta de Alex Haley para Tony Gibbs, 27 out. 1963, kmc, caixa 44, pasta 9.
110. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, Kenneth McCormick, e Tony Gibbs, 14 nov. 1963, Anne Romaine Collection, utlsc, série i, caixa 3, pasta 24.
111. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 14 nov. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 6.
112. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 18 jun. 1964, p. 17.
113. "America's Gravest Crisis Since the Civil War", Universidade da Califórnia em Berkeley, 11 out. 1963, em Bruce Perry (Org.), op. cit., pp. 59-79.
114. Id., ibid., pp. 66-7.
115. Id., ibid., pp. 72-3.

116. Id., ibid., pp. 78-9.
117. "Malcolm X, Back, Will Speak Friday", Amsterdam News, 19 out. 1963; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 15 nov. 1963, pp. 16-7.
118. "Professor to Direct Black Muslims Here", The Washington Post, 21 out. 1963.
119. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 18 jun. 1964, p. 9.
120. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 15 nov. 1963, p. 18.
121. As obras de George Breitman sobre Malcolm X incluem: George Breitman (Org.), Malcolm X: The Man and His Ideas (Nova York: Pathfinder, 1965); George Breitman (Org.), Malcolm X on Afro-American History (Nova York: Pathfinder, 1967); George Breitman, The Last Year of Malcolm X: The Evolution of a Revolutionary (Nova York: Schocken, 1967); George Breitman (Org.), By Any Means Necessary: Speeches, Interviews, and a Letter by Malcolm X (Nova York: Pathfinder, 1970); e George Breitman (Org.), Malcolm X Speaks: Selected Speeches and Statements (Nova York: Grove, Weidenfield, 1990).
122. A carta convidando Malcolm X para a conferência, datada de 26 de outubro de 1963, é do goal. A carta delineava os objetivos e a filosofia política do goal; também convidava Malcolm a participar do seu conselho consultivo. Talvez o mais importante sobre a carreira de Malcolm X depois da NOIé que o goal oferecia um modelo democrático de organização de protesto que pode ter influenciado a evolução subsequente da Organização da Unidade Afro-Americana (oaau) em 1964. As declarações e os objetivos políticos da OAAU assemelham-se claramente aos do goal. Ver Group on Advanced Leadership (goal) para Malcolm X, 26 de outubro de 1963, MXC-S, caixa 15, pasta 11.
123. "Message to the Grassroots", 10 nov. 1963. In: George Breitman (Org.), op. cit., pp. 3-17.
124. Id., ibid., pp. 9-10.
125. Id., ibid., pp. 12-17.
126. Grace Lee Boggs, "Let's Talk About Malcolm and Martin", palestra realizada no Brecht Forum, Nova York, 4 maio 2007.
127. Malcolm é citado numa carta datada de novembro de 1963, de Alex Haley para Ken McCormick, Anne Romaine Collection, utlsc, série i, caixa 3, pasta 24.
128. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 14 nov. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 6.
129. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 19 nov. 1963, ibid.
130. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
131. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 191.
132. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
133. "Reminiscences of Malcolm X: A Lecture", Oral History Research Office, Universidade Columbia, Nova York. Há uma transcrição incompleta da fala de Malcolm X em MXC-S, caixa 5, pasta 12.
134. Ibid.
135. Ibid.
136. Entrevista com Herman Ferguson, 27 jun. 2003.
137. Entrevista com Herman Ferguson, 24 jun. 2004.
138. Ibid.
139. Entrevista com Herman Ferguson, 27 jun. 2003.

10. "AS GALINHAS VOLTAM PARA O GALINHEIRO"

1. Claude A. Clegg, op. cit., pp. 200-1.
2. Karl Evanzz, op. cit., pp. 271-2.
3. Claude A. Clegg, op. cit., p. 201.

4. "Malcolm X Scores U.S. and Kennedy: Likens Slaying to 'Chickens Coming Home to Roost'", The New York Times, 2 dez. 1963; e entrevista com Herman Ferguson, 27 jun. 2003.
5. Ibid.
6. Ibid.
7. Ibid.
8. Ibid.
9. "Malcolm X Scores U.S. and Kennedy", op. cit.
10. Entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006.
11. Entrevista com Herman Ferguson, 27 jun. 2003.
12. Claude A. Clegg, op. cit., p. 202; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 191-2. Parece que Malcolm continuou a ter acesso à secretária da Mesquita nº 7 até o começo de 1964. Marilyn E.X., secretária de Malcom, escreveu para Frank Quinn do San Francisco Council for Civic Unity em 30 de dezembro de 1963 pedindo cópia de uma entrevista com Malcolm X num programa de tv local, "Cities and Negroes". Ver carta de Marilyn E.X. para Frank Quinn, 30 dez. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
13. "Malcolm X Suspended for jfk Remarks", Amsterdam News, 7 dez. 1963.
14. Ibid.; e "Malcolm X Suspended", Chicago Defender, 5 dez. 1963.
15. "X On the Spot", Newsweek, dez. 1963.
16. Entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006.
17. Entrevista com James 67X Warden, 17 jun. 2003.
18. Ibid.
19. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 164-5. Rickford conjetura que a "persistente lealdade" de Malcolm à NOI"talvez tenha provocado mais brigas em casa".
20. "Malcolm X Expected to Be Replaced", The New York Times, 6 dez. 1963.
21. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 191-2.
22. "Malcolm Answers Jackie Robinson", Chicago Defender, 7 dez. 1963. Ver também "Reject Racist Views in Open Retort to Malcolm", Chicago Defender, 14 dez. 1963.
23. "Malcolm X Maintains Silence", Amsterdam News, 14 dez. 1963.
24. Carta de Malcolm X para Martin Miller, 6 dez. 1963, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
25. "A Summing Up: Louis Lomax Interviews Malcolm X". In: Louis E. Lomax, op. cit., pp. 169-80.
26. Claude A. Clegg, op. cit., p. 203.
27. Karl Evanzz, op. cit., p. 278.
28. Claude A. Clegg, op. cit., pp. 203-5.
29. Id., ibid., pp. 205-6.
30. Id., ibid., pp. 203-7; e Peter Goldman, op. cit., p. 125.
31. Claude A. Clegg, op. cit., p. 207; e Peter Goldman, op. cit., pp. 125-6.
32. Peter Goldman, op. cit., p. 126.
33. Entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006.
34. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 12 fev. 1964.
35. Peter Goldman, op. cit., pp. 127-9.
36. David Remnick, op. cit., p. 168.
37. Fotografia, "Clay Celebrates with Malcolm X", Chicago Defender, 6 fev. 1964.
38. Fotografia, "Malcolm X's Family and Friend", Amsterdam News, 1 fev. 1964.
39. David Remnick, op. cit., pp. 168-9.
40. "Malcolm X in Florida", Amsterdam News, 25 jan. 1964.
41. "Cassius Clay Almost Says He's a Muslim", Amsterdam News, 25 jan. 1964.
42. David Remnick, op. cit., p. 169.
43. Entrevista com James 67X Warden, 24 jul. 2007.
44. "Notebook Separation from NOI", MXC-S, caixa 9, pasta 2.
45. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 192.

46. "Notebook Separation from NOI", MXC-S, caixa 9, pasta 2.
47. Ibid.
48. Claude Lightfoot, "Negro Nationalism and the Black Muslims", Political Affairs, v. 41, n. 7, pp. 3-20, jul. 1962.
49. Melanie McAlister, op. cit., pp. 622-56; e Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 224-5.
50. Melanie McAlister, op. cit., p. 628.
51. Louis E. Lomax, op. cit., pp. 177-80.
52. "Notebook Separation from NOI", MXC-S, caixa 9, pasta 2.
53. David Remnick, op. cit., pp. 170-2.
54. Peter Goldman, op. cit., pp. 128-9.
55. David Remnick, op. cit., pp. 186-8.
56. Id., ibid., pp. 176, 183-200.
57. Id., ibid., pp. 204, 207-8; e Peter Goldman, op. cit., p. 129.
58. David Remnick, op. cit., p. 207.
59. "Clay Talks with Malcolm Here", The New York Times, 2 mar. 1954.
60. Steve Cady, "Clay, on 2-Hour Tour of U.N., Tells of Plans to Visit Mecca", The New York Times, 5 mar. 1964.
61. David Remnick, op. cit., p. 213.
62. "... and to Complete the Report", Chicago Tribune, 2 mar. 1964.
63. "Report Clay, Malcolm X Plan New Organization", Chicago Defender, 2 mar. 1964.
64. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
65. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
66. Ibid.
67. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
68. Ibid.
69. Entrevista com Langston Hughes Savage (também conhecido como Anas Luqman), 6 set. 2008.
70. Ibid.
71. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
72. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
73. Ibid.
74. "Clay Puts Black Muslim X in His Name", The New York Times, 7 mar. 1964.
75. David Remnick, op. cit., p. 214.
76. "Clay to Take Draft Physical", The New York Times, 7 mar. 1964.
77. "Clay Drops Malcolm X", Pittsburgh Courier, 21 mar. 1964.
78. "Order Arrest of Brother Malcolm", Chicago Defender, 21 maio 1964.
79. Malcolm X, "Why I Quit", Amsterdam News, 14 mar. 1964.
80. M. S. Handler, "Malcolm X Splits with Muhammad", The New York Times, 9 mar. 1964; e "Occasional Statements, Open Letters, Declarations and Letters to the Editor, 1962-1964", MXC-S, caixa 5, pasta 18.
81. M. S. Handler, op. cit.
82. Entrevista de William H. George com o promotor público assistente Herbert Stern, 18 de março de 1964, MANY.
83. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 18 jun. 1964, p. 33.
84. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
85. "Malcolm X Charts", Jet, 2 abr. 1964; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 11 mar. 1964.
86. "Telegram to Muhammad" e "Malcolm X: Why I Quit", Amsterdam News, 14 mar. 1964.
87. M. S. Handler, "Malcolm X Sees Rise in Violence", The New York Times, 12 mar. 1964.
88. Ibid.; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 13 mar. 1964; Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 195; e "Occasional Statements", MXC-S, caixa 5, pasta 18.
89. Russell J. Rickford, op. cit., p. 163.

90. Id., ibid., p. 171.

11. UMA REVELAÇÃO NO hajj

1. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 13 mar. 1964.
2. "'Get Guns,' Says Malcolm X", Chicago Defender, 14 mar. 1964; "Top New York Cop Vows Fight Against Malcolm X", Chicago Defender, 17 mar. 1964; "Negroes Seek Ouster", Chicago Defender, 19 mar. 1964; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 26 mar. 1964.
3. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 13 mar. 1964; e Memorando MX FBI , Escritório de Boston, 3 abr. 1964.
4. "Malcolm X Tells of Death Threat", Amsterdam News, 21 mar. 1964.
5. Memorando MX FBI , Escritório de Chicago, 17 mar. 1964; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 13 mar. 1964; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 18 jun. 1964, p. 35.
6. Memorando MX FBI , Escritório de Boston, 3 abr. 1964.
7. Memorando MX FBI , Escritório de Paris, 26 ago. 1964.
8. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 18 jun. 1964, p. 48.
9. "Malcolm X May Form Black National Army", Amsterdam News, 25 mar. 1964; "Malcolm X Says Form a New Party", Chicago Defender, 26 mar. 1964; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 18 jun. 1964, p. 36.
10. Ibid.
11. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 207-8.
12. David J. Garrow, op. cit., p. 319.
13. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
14. "Malcolm X to Organize Mass Voter Registration", Militant, 6 abr. 1964.
15. A teoria da "revolução permanente" de Trótski sugeria que sociedades revolucionárias poderiam "pular" etapas econômicas de desenvolvimento — por exemplo, do feudalismo para o socialismo — contornando o capitalismo. Nos Estados Unidos, isso significava que a vanguarda da revolução socialista não viria do proletariado industrial, mas dos setores mais oprimidos da classe operária e do campesinato. Os negros, nesse caso, seriam uma força importante dentro da vanguarda da revolução socialista americana. O Partido Socialista dos Trabalhadores, aconselhava Trótski, deveria apoiar movimentos que promovessem o nacionalismo negro e demandas por autodeterminação. Ver Manning Marable, Black American Politics: From the Washington Marches to Jesse Jackson (Londres: Verso, 1985), p. 52.
16. Id., ibid.; George Breitman (Org.), op. cit., p. 23; e Robert Terrill, Malcolm X: Inventing Radical Judgment (Lansing: Michigan State University Press, 2004), pp. 121-33.
17. "2,000 Hear Malcolm X in Cleveland", Militant, 13 jun. 1964. Em tom de provocação, Malcolm acenou também com o fantasma da luta armada dos negros dentro dos Estados Unidos. Na convenção proposta para agosto, declarou Malcolm: "Se for necessário formar um exército nacionalista negro, formaremos um exército nacionalista negro."
18. "The Ballot or the Bullet", transcrição, MXC-S, caixa 5, pasta 8.
19. MX FBI , Escritório de Cleveland, 7 abr. 1964; e "Organize Rifle Club in Ohio", Amsterdam News, 11 abr. 1964.
20. James Booker, "Seek to Evict Malcolm X from Home in Queens", Amsterdam News, 31 mar. 1964.
21. Memorando FBI, Arquivo Muslim Mosque, Incorporated (mmi), Escritório de Nova York, 5 abr. 1964; Diários de viagem (Transcrição): Oriente Médio e Oeste da África, abr./maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.

22. George Breitman (Org.), op. cit., pp. 45-57; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 282.
23. "Malcolm X's Detroit Date Sparks Battle of Ministers", Afro-American, 11 abr. 1964.
24. Memorando MX FBI , Escritório de Detroit, 9 abr. 1964; Memorando MX FBI , Escritório de Detroit, 14 abr. 1964; e "Leading Dixiecrat in White House", Chicago Defender, 14 abr. 1964.
25. Diários de viagem, 13-14 abr. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
26. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 326-31; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 204.
27. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 328-31, 336-7; Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 205; e "Malcolm X Gets Religion", Chicago Defender, 14 maio 1964.
28. Diários de viagem, 17-19 abr. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 205.
29. Carta de Malcolm X, Jidá, Arábia Saudita, 20 abr. 1964. In: Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 206; "Malcolm X Gets Religion", Chicago Defender; "Malcolm X Has New Name in Arabia", Amsterdam News, 9 maio 1964; e John L. Esposito, op. cit., pp. 103-4.
30. Diários de viagem, 22-23 abr. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
31. Russell J. Rickford, op. cit., p. 179.
32. Diários de viagem, 22-23 abr. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
33. Diários de viagem, 24 abr. 1964, ibid.
34. Diários de viagem, 25 abr. 1964, ibid.
35. Diários de viagem, 26-27 abr. 1964, ibid.
36. Diários de viagem, 23 abr. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
37. John L. Esposito, op. cit., pp. 217-8. Em 1980, Hafez al-Assad ordenou a morte de qualquer sírio que pertencesse à Irmandade Muçulmana.
38. Diários de viagem, 27-29 abr. 1964, ibid.
39. Diários de viagem, 30 abr. 1964, ibid.; e Itinerário de Malcolm X, 30 abr. 1964, MXC-S, caixa 13, pasta 7.
40. "Negro Moderation Decried by Malcolm X in Lebanon", The New York Times, 2 maio 1964.
41. Diários de viagem, 1 maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
42. Declaração de Abdul Basit Naeem, 5 ago. 1959, BOSS; Diários de viagem, MXC-S, caixa 5, pasta 13; e carta de Malcolm X para Hussein el-Borai, 1 jun. 1964, e 7 jan. 1965, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
43. Ibid.
44. Diários de viagem, 2-3 maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
45. Diários de viagem, 4 maio 1964, ibid.
46. Diários de viagem, 5 maio 1964, ibid.
47. Diários de viagem, 7 maio 1964, ibid.; E. U. Essien-Udom, Black Nationalism: The Search for an Identity in America (Chicago: University of Chicago Press, 1963) apresentou uma crítica favorável à Nação do Islã.
48. Carta de Alice Windom para Christine, maio 1964, Documentos de John Henrik Clarke, Manuscritos, Divisão de Arquivos e Livros Raros, Schomburg Center for Research in Black Culture, caixa 24, pasta 33; Itinerário de Malcolm X, MXC-S, caixa 13, pasta 7; e "Malcolm X Gives Africa Twisted Look", New York Journal American, 25 jul. 1964, que inclui trechos do discurso de Malcolm.
49. Kevin Gaines, African Americans in Ghana. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006, pp. 198-9; e Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., pp. 376-7.
50. Ver Leslie Lacy, "Malcolm X in Ghana". In: John Henrik Clarke (Org.), Malcolm X: The Man and His Times (Trenton, nj: Africa World Press, 1990), pp. 217-25.
51. "Alice Windom". In: Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., pp. 566-7.
52. Carta de Alice Windom para Christine, maio 1964, Documentos de John Henrik Clarke, caixa 24, pasta 33.
53. Diários de viagem, 11 maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
54. Carta de Malcolm X para MMI, 11 maio 1964, MXC-S, caixa 13, pasta 2.
55. "X Is Here", Ghanaian Times, 12 maio 1964; e "Civil Rights Issue in U.S. Is Mislabeled", Ghanaian Times, 13 maio 1964.

56. Alice Windom para Christine, May 1964, Documentos de John Henrik Clarke, caixa 24, pasta 33; Itinerário de Malcolm X, MXC-S, caixa 13, pastas 6-7; e Diários de viagem, 14-16 maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
57. Carta de Alice Windom para Christine, maio 1964, Documentos de John Henrik Clarke, caixa 24, pasta 33.
58. Calvin Smith (Org.), Where To, Black Man?. Chicago: Quadrangle, 1967, pp. 211-20. O texto é a transcrição da palestra de Malcolm na Universidade de Gana. Ver também Manning Marable, African and Caribbean Politics: From Kwame Nkrumah to the Grenada Revolution (Londres: Verso, 1987), pp. 136-43.
59. "African States Must Force U.S. for Racial Equality", Ghanaian Times, 15 maio 1964.
60. Carta de Alice Windom para Christine, maio 1964, Documentos de John Henrik Clarke, caixa 24, pasta 33; Diários de viagem, 15 maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13; e Itinerário de Malcolm X, MXC-S, caixa 13, pastas 6-7.
61. Alice Windom para Christine, maio de 1964, Documentos de John Henrik Clarke, caixa 24, pasta 33; Memorando FBI, Arquivo do Revolutionary Action Movement (RAM), Carta de W. R. Wannall para W. C. Sullivan, 1 out. 1964; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 70. Ver também William Worthy, "The Red Chinese and the American Negro", Esquire, pp. 132, 173-79, out. de 1964.
62. Carta de Alice Windom para Christine, maio 1964, Documentos de John Henrik Clarke, caixa 24, pasta 33.
63. Entre os que acompanhavam Ali estava Herbert Muhammad. Ver "Cassius Without His Lip", Ghanaian Times, 18 maio 1964; "Muhammad Ali Meets His Hero (Nkrumah)", Ghanaian Times, 19 maio 1964; e Lloyd Garrison, "Clay Makes Malcolm Ex-Friend", The New York Times, 18 maio 1964.
64. H. M. Basner, "Malcolm X and the Martyrdom of Rev. Clayton Hewett", Ghanaian Times, 18 maio 1964.
65. Julian Mayfield, "Basner Misses Malcolm X's Point", Ghanaian Times, 19 maio 1964.
66. Leslie A. Lacy, "African Responses to Malcolm X". In: LeRoi Jones e Larry Neal (Orgs.), Black Fire. Nova York: William Morrow, 1968, pp. 32-8.
67. Carta de Malcolm X para MMI, 11 maio 1964, MXC-S, caixa 13, pasta 2.
68. Diários de viagem, 18 maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13.
69. Ibid.
70. Diários de viagem, 19 maio 1964, ibid.; Itinerário de Malcolm X, MXC-S, caixa 13, pasta 7; "Warrant Issued for Malcolm X", Chicago Daily News, 19 maio 1964; "Order Arrest of Brother Malcolm", Chicago Defender, 21 maio 1964; e "Warrant for Malcolm as Speeder to Be Issued", The New York Times, 20 maio 1964. A acusação contra Malcolm era de que ele dirigia a 88 quilômetros por hora num trecho da ponte Triborough, em Nova York, onde a velocidade máxima permitida era de 64 quilômetros por hora, em 6 de março de 1964.
71. Diários de viagem, 21 maio 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 13; Itinerário de Malcolm X, caixa 13, pasta 7; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 90; "Malcolm X Makes It In from Mecca", Chicago Defender, 25 maio 1964; "Malcolm Says He Is Backed Abroad", The New York Times, 22 maio 1964; e '"My Next Move': Malcolm X: An Exclusive Interview", Amsterdam News, 30 maio 1964.
72. "Malcolm Says He Is Backed Abroad", The New York Times, 22 maio 1964.

12. "DEEM UM JEITO EM MALCOLM X"

1. Memorando FBI MMI, Escritório de Nova York, 26 mar. 1964.
2. "Lynn Shifflett in 'Big Sister' Contest", Los Angeles Sentinel, 28 abr. 1955; "Marion DeMan Hosts Teenager Party", Los Angeles Sentinel, 25 ago. 1955; "Jack, Jill Conference First for Teen-Agers", Los Angeles Sentinel, 1 set. 1955; e "Founders Day Noted by Sigma Gamma Rho", Los Angeles Sentinel, 27 dez. 1956.
3. "The Guest Comer", Los Angeles Sentinel, 11 jul. 1957; "College Girl Relates African Experiences", Los

Angeles Sentinel, 13 nov. 1958; "Photo of Shifflett", Los Angeles Sentinel, 30 abr. 1959; "Photo of Shifflett", Los Angeles Sentinel, 22 out. 1959; e "Photo of Shifflett", Los Angeles Sentinel, 6 jul. 1961.

4. Entrevista com Peter Bailey, 4 set. 1968, Divisão de Manuscritos, Centro de Pesquisa Moorland-Spingarn, Biblioteca da Universidade Howard.
5. Entrevista com Peter Bailey, 20 jun. 2003.
6. Entrevista com Peter Bailey, 4 set. 1968.
7. Entrevista com Peter Bailey, 20 jun. 2003.
8. Entrevista com Herman Ferguson, 24 jun. 2004.
9. Ibid.
10. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 199-200.
11. "A Conversation with Ossie Davis", Souls, v. 2, n. 3, pp. 6-16, verão 2000, citação, p. 15. Davis também previu que Malcolm X voltaria a ser "figura central em qualquer iniciativa para unir, reagrupar, nossas forças, e para nos prepararmos para o feroz ataque que certamente cairia sobre nós neste novo século".
12. Ver Von Hugo Washington, An Evaluation of the Play Purlie Victorious and Its Impact on the American Theater Scene, Wayne State University, 1979. Tese de doutorado.
13. Entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
14. Entrevista com Norman 3X Butler (também conhecido como Muhammad Abdul Aziz), 22 dez. 2008.
15. Entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006.
16. Ibid.
17. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 180-1.
18. Id., ibid., p. 182.
19. Ministro Lewis, "Minister Who Knew Him Best Part I, Rips Malcolm's Treachery, Defection", Muhammad Speaks, 8 maio 1964. Ver também ministro Louis, "Fall of a Minister", Muhammad Speaks, 5 jun. 1964.
20. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
21. Entrevista com Herman Ferguson, 24 jul. 2004.
22. Entrevista com Betty Shabazz, 27 jan. 1989, Anne Romaine Collection, utlsc, série i, caixa 3, pasta 24.
23. M. S. Handler, "Malcolm X Pleased by Whites' Attitude on Trip to Mecca", The New York Times, 8 maio 1964.
24. James Booker, "Is Mecca Trip Changing Malcolm?", Amsterdam News, 23 maio 1964.
25. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 11 dez. 1963, kmc, caixa 44, pasta 1.
26. Carta de Alex Haley para Kenneth McCormick, Tony Gibbs, Jr., e Paul Reynolds, 28 dez. 1963, ibid.
27. Alex Haley para Kenneth McCormick, Tony Gibbs, Jr., e Paul Reynolds, 19 jan. 1964, kmc, caixa 44, pasta 2.
28. Carta de Wolcott Gibbs Jr., para Alex Haley, 29 jan. 1964, ibid.
29. Carta de Alex Haley para Ken McCormick, Wolcott Gibbs, Jr., e Paul Reynolds, 28 jan. 1964, ibid.
30. Carta de Paul Reynolds para Tony Gibbs Jr., 7 fev. 1964, ibid.
31. Carta de Alex Haley para Tony Gibbs Jr., 11 fev. 1964, ibid.
32. Carta de Alex Haley para Ken McCormick, Paul Reynolds, e Tony Gibbs Jr., 18 fev. 1964, ibid.
33. Carta de Alex Haley para Ken McCormick e Paul Reynolds, 21 mar. 1964, ibid.
34. Carta de Paul Reynolds para Anthony Gibbs Jr., 30 mar. 1964, ibid.
35. Carta de Anthony Gibbs Jr. para Robert Banker, 7 abr. 1964, ibid.
36. Memorando MX FBI , Escritório de Chicago, 27 maio 1964; e "Malcolm Says He Is Backed Abroad", op. cit.
37. "Goals Changed by Malcolm X", Los Angeles Times, 24 maio 1964; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 10-1, 15, 98-100; Relatório resumido FBI MMI, Escritório de Nova York, 6 nov. 1964, p. 14; e "Photo Standalone", Chicago Defender, 20 maio 1964.
38. "Goals Changed by Malcolm X", Los Angeles Times; e George Breitman (Org.), op. cit., pp. 178-9.
39. Judith Martin, "Gregory Predicts Social Revolution", The Washington Post, 28 abr. 1964.

40. Drew Pearson, "A Comedian Sounds a Warning", Los Angeles Times, 19 maio 1964. Gregory também faz comparações entre Malcolm e a Ku Klux Klan: "A Klan diz aos negros: 'Não se metam com as mulheres brancas. Não morem num bairro branco'. Malcolm X diz a mesma coisa".
41. "Civil Rights Chiefs Form National Unit", The New York Times, 17 abr. 1964.
42. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
43. Ibid.
44. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 231.
45. Jesse Lewis, "Man Who 'Tamed' Malcolm Is Hopeful", The Washington Post, 18 maio 1964.
46. "A Visit from the FBI". In: John Henrik Clarke (Org.), op. cit., pp. 182-204.
47. George Breitman (Org.), op. cit., pp. 64-71.
48. Ibid., pp. 68-9. Malcolm também usou o fórum em busca de potenciais aliados brancos, indicando seu rompimento com o separatismo racial da NOI. "Trabalharemos com qualquer pessoa, qualquer grupo, pouco importa a cor", declarou Malcolm, "desde que estejam genuinamente interessados em tomar as medidas necessárias para acabar com as injustiças de que os negros deste país são vítimas" (p. 70). Ver também Relatório resunimdo MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 78-9.
49. "'My Next Move': Malcolm X", op. cit.
50. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 56; e Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 16 out. 1964.
51. Robert E. Terrill, op. cit., p. 138.
52. Memorando FBI MMI, Escritório da Filadélfia, 3 jun. 1964; Memorando FBI MMI, Escritório da Filadélfia, 9 jun. 1964; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 59; Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 16 out. 1964; e "Schedule", 4-7 jun. 1964, MXC-S, caixa 13, pasta 7.
53. MX FBI , Telegrama de J. Edgar Hoover para Escritório de Nova York, 5 jun. 1964; e "Schedule", 4-7 jun. 1964, MXC-S, caixa 13, pasta 7.
54. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 55.
55. Ibid.
56. Relatório resumido FBI Sharrieff, Escritório de Chicago, 27 ago. 1964.
57. Ibid.
58. Marjorie Lee, Akemi Kochiyama-Sardinha, e Audee Kochiyama-Holman (Orgs.), Passing It On: A Memoir by Yuri Kochiyama. Los Angeles: ucla Asian American Studies Center Press, 2004, pp. 67-70; e "Schedule", 4-7 jun. 1964, MXC-S, caixa 13, pasta 7.
59. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 20-1.
60. Taylor Branch, op. cit., p. 328.
61. Relatório resumido FBI Morris, Escritório de Nova York, 1 mar. 1965; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 3-4, 22.
62. Taylor Branch, op. cit., p. 329.
63. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 9 jun. 1964; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 16, 21; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 331.
64. Memorando FBI, Arquivo da OAAU, Escritório de Nova York, 19 jun. 1964.
65. Entrevista com James 67X Warden, 18 jun. 2003.
66. Entrevista com James 67X Warden, 24 jul. 2007.
67. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 15.
68. Taylor Branch, op. cit., p. 346.
69. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 22-3, 59; e Taylor Branch, op. cit., p. 346.
70. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 16 jun. 1964.
71. MX FBI , Teletipo, Escritório de Nova York, 13 jun. 1964.
72. Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 10 out. 1964; Memorando FBI MMI, Escritório

de Boston, 15 jun. 1964; e FBI MMI, Teletipo, Escritório de Boston, 15 jun. 1964. Os homens que acompanhavam Benjamin eram os ex-membros da NOIAubrey Barnette, Robert Lee Wise, John Thomas, Frank Terrelongo, Goulbourne Busby Jr., Larryn Douglas, e o sobrinho de Malcolm Rodnell Collins, de dezenove anos.

73. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 60.
74. "Malcolm X Death Threat Brings Heavy Court Guard", New York Telegraph and Sun, 1 jun. 1964; "Muslims Deny Fight Going On within Ranks", Chicago Defender, 18 jun. 1964; e MX FBI , Teletipo, Escritório de Nova York, 16 jun. 1964.
75. Transcrição do Julgamento do Tribunal Cível do Condado de Queens, 15-16 jun. 1964.
76. Ibid.
77. Ibid.
78. Ibid.
79. Ibid.
80. Ibid.
81. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 70.
82. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 19 jun. 1964. Os homens presos eram William George, Herbert Dudley, Jesse Ryans, Vincent Woldan, James Vestal, e George Whitney. Ver também FBI MMI, Teletipo, Escritório de Nova York, 17 jun. 1964.
83. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 75.
84. Taylor Branch, op. cit., p. 332.
85. Carta de Marilyn E.X. para Henry Kissinger, 18 jun. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
86. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 4-5.
87. Ibid., p. 4.
88. Carta de Malcolm X para Joseph Iffeorah, 22 jun. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
89. Carta de Malcolm X para Sara Mitchell, 22 jun. 1964, ibid.
90. "Muslim Factions Keep Fighting", Amsterdam News, 27 jun. 1964; e entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006.
91. Entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006. Até hoje, Larry 4X não se arrepende de suas ações: "Tomei a arma dele e espanquei-o com ela. E é bom que saibam que eu não tinha intenção de atirar. Mas definitivamente dei-lhe umas boas pancadas no traseiro com ela".
92. Carta de Malcolm X para Elijah Muhammad, 23 jun. 1964, MXC-S, caixa 13, pasta 1; e "Malcolm X to Elijah: Let's End the Fighting", New York Post, 26 jun. 1964.
93. Entrevista com Herman Ferguson, 24 jun. 2004.
94. "Organization of Afro-American Unity, A Statement of Basic Aims and Objectives". In: John H. Clarke (Org.), op. cit., pp. 335-42; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1964, pp. 25, 29, 76.
95. "Organization of Afro-American Unity, A Statement of Basic Aims and Objectives", op. cit.; Robert E. Terrill, op. cit., pp. 138-9; William W. Sales, From Civil Rights to Black Liberation: Malcolm X and the Organization of Afro-American Unity. Boston: South End, 1994, pp. 104-7; David Herman, "Malcolm X Launches a New Organization", Militant, 13 jul. 1964; e "Program of Organization of Afro-American Unity", Militant, 13 jul. 1964.
96. Carta de Wolcott Gibbs Jr., para Robert Banker, 1 jul. 1964, kmc, caixa 44, pasta 1; e Carta da Doubleday and Company, Inc., para Alex Haley e Malcolm X, às vezes chamado de Malik Shabazz, 8 jul. 1964, kmc, caixa 44, pasta 1. Em meados de julho de 1964, Haley disse ao seu agente literário, Paul Reynolds, que a Autobiografia estava praticamente terminada; seu posfácio poderia ser escrito em menos de uma semana. "Poderá estar pronto... pelo fim do mês." Ver Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 14 jul. 1964, kmc, caixa 44, pasta 1.
97. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 8 jun. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 6.

98. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 21 jun. 1964, ibid.
99. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 21 jun. 1964, ibid.
100. Robert Penn Warren, Who Speaks for the Negro?. Nova York: Random House, 1965, pp. 251-66.
101. Id., ibid., p. 260.
102. Entrevista com Max Stanford (também conhecido como Muhammad Ahmed), 31 jan. 2003.
103. Ibid.
104. Ibid.
105. Ibid.
106. Entrevista com Max Stanford, 28 ago. 2007. Em sua entrevista de 2007, Stanford atribuiu a revelação da má conduta sexual de Elijah Muhammad por Malcolm a um senso de humilhação. Depois do julgamento no Queens, Malcolm justificou seu ataque a Muhammad explicando a Stanford que tinha sido um bobo, e que saíra pelo mundo dizendo que Elijah Muhammad "é um homem santo", quando na verdade Elijah Muhammad andava envolvido com muitas mulheres. "Estava arrasado, totalmente... Sabe que Malcolm foi malandro de rua, manipulador de mulheres, certo? Pois o manipulador foi manipulado."
107. Entrevista com Gerry Fulcher, 3 out. 2007.
108. Ibid.
109. Ibid.
110. "Malcolm X Repeats Call for Negro Unity on Rights", The New York Times, 29 jun. 1964.
111. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 29.
112. FBI OAAU, Teletipo, Escritório de Nova York, 30 jun. 1964.
113. "Malcolm Sending Armed Troops to Mississippi", Chicago Defender, 2 jul. 1964.
114. Memorando MX FBI , Escritório de Chicago, 26 jul. 1964; e Memorando MX FBI , Escritório de Chicago, 23 jul. 1964.
115. "Two Paternity Suits", The New York Times, 4 jul. 1964; "Deny Paternity Suits", Chicago Defender, 6 jul. 1964; e "Ex-Sweetheart of Malcolm X Accuses Elijah", Amsterdam News, 11 jul. 1964. Em 7 de julho, Rosemary deu à luz em Los Angeles outra criança cujo pai era Muhammad.
116. "Malcolm X Flees for His Life", Pittsburgh Courier, 11 jul. 1964; "New York Police Put Guard", The Washington Post, 5 jul. 1964; e John Shabazz, "Muslim Minister Writes to Malcolm", Muhammad Speaks, 3 jul. 1964.
117. Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 16 out. 1964.
118. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 204.
119. Carta de Malcolm X para Hassan Sharrieff, 9 jul. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
120. MX FBI , Teletipo, Escritório de Nova York, 10 jul. 1964; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 10 jul. 1964.
121. "Malcolm X Seeks U.N. Aid", Chicago Defender, 13 jul. 1964; e "Malcolm X to Meet Leaders in Africa", The New York Times, 10 jul. 1964.
122. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 204-5. Goldman via corretamente Malcolm "como uma força contra tumultos no Harlem", não porque a estrutura de poder dos Estados Unidos brancos não merecesse ser alvo de revoltas, mas "porque ele amava demais o Harlem" (p. 204).
123. Ver Diários de viagem (Transcrição): África e Oriente Médio, jul./nov. 1964, 9-11 jul. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
124. Entrevista com Max Stanford, 28 ago. 2007.

13. "NA LUTA PELA DIGNIDADE"

1. "Malcolm X Reports He Now Represents World Muslim Unit", The New York Times, 11 out. 1964.
2. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 105; "Malcolm X in Cairo", The New York Times, 14 jul. 1964; e Diários de viagem (Transcrição): África e Oriente Médio, jul./nov. 1964, 12 jul. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
3. Diários de viagem, 13-17 jul. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
4. Ibid.
5. Discurso na OUA, 17 jul. 1964, MXC-S, caixa 14, pasta 5; e Diários de viagem, 17-21 jul. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
6. "Malcolm X Bids Africans Take Negro Issue to U.N.", The New York Times, 17 jul. 1964; e Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 236-8.
7. "Malcolm X Fails with Africans", Chicago Defender, 27 jul. 1964.
8. M. S. Handler, "Malcolm X Seeks U.N. Negro Debate", The New York Times, 13 ago. 1964.
9. Carta de Malcolm X para Betty Shabazz, 4 ago. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 2.
10. Diários de viagem, 4 ago. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
11. Ibid.
12. "Muhammad's Son to Quit, Says Report", Chicago Defender, 17 ago. 1964.
13. Victor Riesel, "African Intrigues of Malcolm X", Los Angeles Times, 7 ago. 1964.
14. Carta de Malcolm X para Betty Shabazz, 4 ago. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 2.
15. Diários de viagem, 6-7 ago. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
16. Diários de viagem, 11-16 ago. 1964, ibid.
17. Ibid.; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 8 set. 1964; e "The 2nd African Summit Conference", MXC-S, caixa 5, pasta 18.
18. Malcolm X, "The Second African Summit Conference, August 21, 1964". In: John H. Clarke (Org.), op. cit., pp. 294-8.
19. Id., ibid., pp. 299-300.
20. "Racism: The Cancer That Is Destroying America", MXC-S, caixa 5, pasta 10. Fanon apresentou esse argumento em Black Skin, White Masks (Nova York: Grove, 1967).
21. Diários de viagem, 26-29 ago. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
22. Diários de viagem, 20 ago. 1964, ibid.
23. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 57-8, 140; e "Order Eviction of Malcolm X", Amsterdam News, 5 set. 1964.
24. Memorando FBI Goodman, carta de Nicholas Katzenbach para o diretor, set. 1964.
25. Diários de viagem, 12 set. 1964, ibid; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 10 set. 1964; e Anúncio, Chicago Defender, 12 set. 1964.
26. Diários de viagem, 5 set. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
27. Diários de viagem, 15 set. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14. Al-Shukari foi nomeado presidente da olp numa conferência de Jerusalém de 31 de maio a 4 de junho de 1964.
28. Malcolm X, "Zionist Logic", Egyptian Gazette, 17 set. 1964.
29. Manning Marable, African and Caribbean Politics, p. 134.
30. Edward E. Curtis iv, Islam in Black America. Nova York: State University of New York Press, 2002, p. 100.
31. Id., ibid., pp. 104-5; e Antoine Sfier (Org.), The Columbia World Dictionary of lslamism. Nova York: Columbia University Press, 2007, pp. 290-1.
32. Diários de viagem, 16 set. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
33. Diários de viagem, 18-19 set. 1964, ibid.
34. Diários de viagem, 22 set. 1964, ibid.; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 5 out. 1964.
35. Carta de Malcolm X para M. S. Handler, 22 set. 1964, documentos de Alex Haley, Divisão de Manuscritos, Arquivos e Livros Raros, Centro Schomberg de Pesquisa de Cultura Negra, caixa 3, pasta 1; e M. S.

Handler, "Malcolm Rejects Racist Doctrines", The New York Times, 4 out. 1964.
36. Carta de Malcolm X para M. S. Handler, 22 set. 1964, documentos de Alex Haley, caixa 3, pasta 1.
37. Carta de Malcolm X para M. S. Handler, 23 set. 1964, ibid.; e "Malcolm X Reports He Now Represents World Muslim Unit", The New York Times, 11 out. 1964.
38. Diários de viagem, 24-25 set. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14. De acordo com o FBI, Malcolm foi à embaixada dos eua no Kuwait em 29 de setembro de 1964 e obteve um novo atestado médico. Ver Memorando MX FBI , Escritório de Washington, 1 out. 1964.
39. Marian Faye Novak, "Meeting Mr. X", American Heritage, v. 46, n. 1, pp. 36-9, fev./mar. 1995.
40. Carta de Alex Haley para Malcolm X, 14 out. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 6; Diários de viagem, 29 set. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
41. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 16-8.
42. Diários de viagem, 8 out. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
43. Sobre A. M. Babu, ver Carole Boyce Davies (Org.), Encyclopedia of the African Diaspora: Origins, Experiences, and Culture (Santa Barbara: abc-Clio, 2008), p. 139; e John H. Clarke (Org.), op. cit., p. 261.
44. Diários de viagem, 12-13 out. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
45. Diários de viagem, 16-17 out. 1964, ibid.
46. Diários de viagem, 18 out. 1964, ibid.
47. Diários de viagem, 19-20 out. 1964, ibid.
48. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, pp. 22-23.
49. Diários de viagem, 19-20 out. 1964, MXC-S, caixa S, pasta 14.
50. Diários de viagem, 21-22 out. 1964, ibid.
51. Diários de viagem, 24-30 out. 1964, ibid.
52. Diários de viagem, 1 nov. 1964, ibid.
53. Entrevista com Herman Ferguson, 24 jun. 2004.
54. Ibid.
55. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
56. Ibid.
57. Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 16 out. 1964.
58. Ibid.; Memorando FBI OAAU, Escritório de Nova York, 13 jul. 1964.
59. Relatório Resumido FBI MMI, Escritório de NovaYork, 6 nov. 1964, p. 28.
60. Ibid., p. 44.
61. Memorando FBI MMI, Escritório da Filadélfia, 5 ago. 1964.
62. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
63. Ibid.
64. Ibid.
65. Relatório resumido FBI Morris, Escritório de Nova York, 1 mar. 1965.
66. Russell J. Rickford, op. cit., p. 197. O segundo nome de Gamilah era uma homenagem ao mártir congolês Patrice Lumumba, assassinado em 1961 com ajuda da cia.
67. Id., ibid.
68. Id., ibid., pp. 200-1.
69. Relatório resumido FBI Morris, Escritório de Nova York, 1 mar. 1965.
70. Carta de Malcolm para Betty Shabazz, 29 jul. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 2.
71. Carta de Malcolm para Betty Shabazz, 4 ago. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 2.
72. Relatório resumido FBI Shabazz, Escritório de Nova York, 30 ago. 1968; Memorando FBI MMI, Escritório da Filadélfia, 29 set. 1964.
73. Memorando FBI MMI, Escritório de Nova York, 27 ago. 1964.
74. Relatório resumido FBI Morris, Escritório de Nova York, 1 mar. 1965.
75. Diários de viagem, 1-2 nov. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.

76. Diários de viagem, 4 nov. 1964, ibid. Ver Gerald Horne, Race Woman: The Lives of Shirley Graham Du Bois (Nova York: New York University Press, 2000).
77. Diários de viagem, 2-3 nov. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
78. Diários de viagem, 4-5 nov. 1964, ibid.
79. Maya Angelou, A Song Flung Up to Heaven. Nova York: Random House, 2002, p. 3.
80. Diários de viagem, 6 nov. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
81. Diários de viagem, 7 nov. 1964, ibid.
82. Diários de viagem, 8-9 nov. 1964, ibid.
83. Ibid.
84. Diários de viagem, 11 nov. 1964, MXC-S, caixa 5, pasta 14.
85. Diários de viagem, 12-14 nov. 1964, ibid.
86. Diários de viagem, 15 nov. 1964, ibid.
87. Diários de viagem, 16 nov. 1964, ibid.
88. Ver Nicol Davidson, "Alioune Diop and the African Renaissance", African Affairs, v. 78, n. 310, pp. 3-11, jan. 1979.
89. "Malcolm X Accuses U.S. and Tshombe", Los Angeles Times, 25 nov. 1964; "Malcolm X, Back in the U.S., Accuses Johnson on Congo", The New York Times, 25 nov. 1964; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 25 nov. 1964; Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. B; e MX FBI , Teletipo, Escritório de Nova York, 24 nov. 1964.

14. "ESTE HOMEM MERECE MORRER"

1. Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 22 out. 1964.
2. Memorando FBI MMI, Escritório de Nova York, 22 out. 1964.
3. Relatório resumido FBI Morris, Escritório de Nova York, 1 mar. 1965; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 1 dez. 1964.
4. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
5. "The Homecoming Rally of the OAAU". In: George Breitman (Org.), op. cit., pp. 132-56.
6. Id., ibid.
7. Carta de Hajj Malik el-Shabazz para Muhammad Sourour el-Sabban, 30 nov. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
8. Carta de Hajj Malik el-Shabazz para Muhammad Taufik Oweida, 30 nov. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 4;
9. Ibid., pp. 252-3; Memorando MX FBI , Escritório em Londres, 9 dez. 1964; Memorando MX FBI , Escritório de Londres, 11 jan. 1965; e "Cheers for Malcolm X at Oxford", Daily Telegraph, 4 dez. 1964.
10. "Militant Muslim", Manchester Guardian Weekly, 10 dez. 1964.
11. Relatório resumido FBI MMI, Escritório de Nova York, 21 fev. 1965, p. 40; MX FBI , Teletipo, Escritório de Nova York, 6 dez. 1964; e o convite para uma recepção do representante tanzaniano das Nações Unidas, 9 de dezembro de 1964, em Documentos da OAAU, Centro Schomburg de Pesquisa de Cultura Negra.
12. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, p. 236.
13. Carta de Hajj Malik el-Shabazz (Malcolm X) para Walith Mohammed (Wallace Muhammad), 21 dez. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
14. Entrevista com James 67X Warden, 24 jul. 2007.
15. Ibid.
16. "Communication and Reality". In: John H. Clarke (Org.), op. cit., pp. 307-20.
17. William Gálves, Che in Africa: Che Guevara's Congo Diary. Melbourne, Austrália: Ocean, 1999, pp. 27-8.
18. O FBI calculou que em 13 de dezembro de 1964 havia 2 mil pessoas na plateia do Audubon. Ver

Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 8 jan. 1965.

19. "At the Audubon, December 13, 1964". In: George Breitman (Org.), op. cit., pp. 88-104; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 8 jan. 1965.
20. Id., ibid.
21. O melhor estudo das atividades guerrilheiras de Ernesto Che Guevara no Congo em 1965 é o de William Gálvez, Che in Africa, especialmente pp. 29-32, 35-6, 43. Uma excelente biografia é de Jon Lee Anderson, Che Guevara (Nova York: Grove, 1997).
22. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 20 jan. 1965, p. 56.
23. Ver Muhammad Speaks, 25 set. 1964, especialmente capitão Joseph e Jeremiah X, "Biography of a Hypocrite".
24. Edwina X, "Open Invitation: Come to Muhammad's Mosque", Muhammad Speaks, 26 nov. 1964.
25. Louis X, "Boston Minister Tells of Malcolm: Muhammad's Biggest Hypocrite", Muhammad Speaks, 4 dez. 1964.
26. Claude A. Clegg, op. cit., pp. 226, 330; e "Muslims Charged", Amsterdam News, 14 nov. 1964.
27. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
28. "At the Audubon". In: George Breitman (Org.), op. cit., pp. 115-36; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 21 dez. 1964, e 22 dez. 1964; e "Malcolm Favors Mau Mau in U.S.", The New York Times, 21 dez. 1964.
29. Discurso de W. E. B. Du Bois em seu 91º aniversário (21 fev. 1959), de Pequim, apresentou ideias parecidas sobre a China como modelo para os não europeus oprimidos do mundo. Malcolm manteve-se em comunicação com a família Du Bois; na realidade, tinha acabado de escrever para David Du Bois em 15 de dezembro de 1964, insistindo para que abrisse uma filial da OAAU no Egito. Ver Manning Marable, W. E. B. Du Bois, pp. 205-6; e carta de Malcolm X para David Graham, 15 dez. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
30. "At the Audubon". In: George Breitman (Org.), op. cit., pp. 115-36.
31. Reminiscências de James Farmer (1979), em Universidade Columbia, Coleção de Relatos e Pesquisas Orais.
32. Relatório resumido FBI MMI, Escritório de Nova York, 21 maio 1965, p. 27; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 30 dez. 1964.
33. "Convict Muslims in Boston", Amsterdam News, 6 fev. 1965; Taylor Branch, op. cit., p. 549.
34. Memorando MX FBI , [citado] para W. C. Sullivan, 29 dez. 1964; e Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 19 jan. 1965.
35. Memorando MX FBI , Escritório da Filadélfia, 19 jan. 1965.
36. Carta de Hajj Malik el-Shabazz para Akbar Muhammad, 30 dez. 1964, MXC-S, caixa 3, pasta 7.
37. Ibid.
38. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 17 out. 1964, Anne Romaine Collection, utlsc, série i, caixa 3, pasta 24.
39. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 19 nov. 1964, ibid.
40. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 14 fev. 1965, ibid.
41. "To Mississippi Youth". In: George Breitman (Org.), op. cit., pp. 137-46.
42. "Is Malcolm X Clueing In Africans on U.S.?", Militant, 11 jan. 1965.
43. MX FBI , Teletipo, Escritório de Washington, 6 jan. 1965; Memorando MX FBI , Escritório de Washington, carta do diretor para Ottawa, 3 jan. 1965; e "Front Page Challenge with Malcolm X", cbc, 5 jan. 1965 (Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Id98ph7tzb8&feature=related> [parte 1] e <http://www.youtube.com/watch?v=iusthrNcgqq&feature=related> [parte 2]; último acesso em: 5 fev. 2013).
44. "Prospects for Freedom in 1965". In: George Breitman (Org.), op. cit., pp. 147-56.
45. Carta de Malcolm X para Carlos Moore, 15 jan. 1965, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
46. Carta Malcolm X para Maya Make, 15 jan. 1965, ibid.

47. "1,000 in Vigil Defy Cold in Harlem", The New York Times, 18 jan. 1965.
48. Ibid. Malcolm prometeu que em 1965 os negros "não serão controlados... não serão mantidos no curral, não serão refreados de forma alguma".
49. Ibid.
50. Ibid.
51. Entrevista de Malcolm X com Pierre Berton em Toronto, 19 jan. 1965, em David Gallen (Org.), Malcolm X: As They Knew Him (New York: Carroll and Graf, 1992), pp. 179-87.
52. Entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
53. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 201-2, 248.
54. Karl Evanzz, op. cit., p. 315.
55. James Booker, "Malcolm X Speaks", Amsterdam News, 6 fev. 1965.
56. "Malcolm X Was to Testify Here in Suits", Los Angeles Times, 25 fev. 1965.
57. Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 8 set. 1964, pp. 19-20, 37; e Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 250-1.
58. Peter Goldman, op. cit., p. 251; "Malcolm X Had Fear of Death While in L.A.", Los Angeles Times, 23 fev. 1965; Memorando MX FBI , Escritório de Chicago, 29 jan. 1965; MX FBI , Teletipo, Escritório de Chicago, 31 jan. 1965; e Relatório resumido MX FBI , Escritório de Nova York, 8 set. 1964, p. 36.
59. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 17 fev. 1965; Memorando FBI OAAU, Escritório de Chicago, 4 fev. 1965, e 18 fev. 1965; MX FBI , Teletipo, Escritório de Chicago, 31 jan. 1965; Memorando MX FBI , Escritório de Chicago, 4 fev. 1965, e 18 fev. 1965.
60. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 2 fev. 1965; e FBI OAAU, Anexo, Escritório de Nova York, 2 fev. 1965.
61. James Booker, "Malcolm X Speaks", Amsterdam News, 6 fev. 1965; e Steve Clark (Org.), February 1965: The Final Speeches. New York: Pathfinder, 1992, pp. 17-9.
62. "Booker, Malcolm X Speaks", Amsterdam News, 6 fev. 1965; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 9 fev. 1965.
63. Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 20-2.
64. "Stop Demonstrations", Chicago Defender, 6 fev. 1965; Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 23-8; e MX FBI , Teletipo, Escritório de Nova York, 4 fev. 1965. Poucas semanas depois, Malcolm fez uma interpretação bem diferente de sua experiência em Selma. Na palestra de 15 de fevereiro de 1965 no Audubon, ele criticou "meu bom amigo, o justo reverendo dr. Martin [risadas] em Alabama, usando crianças de escola para fazer o que o governo federal deveria fazer... Crianças de escola não deveriam fazer passeatas". Um dos assistentes de King não queria que Malcolm falasse com jovens envolvidos no protesto. "As crianças fazem questão de que eu seja ouvido. Muitos estudantes do SNCC fazem questão de que eu seja ouvido. É minha única oportunidade de falar para eles." Ver Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 138-9.
65. Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 2 fev. 1965; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 8 fev. 1965, e 9 fev. 1965; e Memorando MX FBI , Escritório de Tóquio, 19 fev. 1965.
66. Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 32-3.
67. Id., ibid., p. 33.
68. Id., ibid., pp. 34-41; MX FBI , Cabograma, Escritório de Paris, 11 fev. 1965; Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 10 fev. 1965, e 11 fev. 1965; e "France Bars Malcolm", Chicago Defender, 10 fev. 1965.
69. Carta de Malcolm X para Dean Rusk, 10 fev. 1965, MXC-S, caixa 3, pasta 4.
70. Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 42-4.
71. Id., ibid., pp. 46-65.
72. Id., ibid.
73. "Aid to Malcolm X by bbc Assailed", The New York Times, 14 fev. 1965; "Malcolm X Pays Smethwick Call", The Washington Post, 14 fev. 1965; e "Malcolm X On Tour", New York Herald Tribune, 14 fev. 1965.

74. Gene Sherman, "Malcolm X Stirs Up Resentment in Britain", Los Angeles Times, 14 fev. 1965.
75. Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 69-72.
76. Russell J. Rickford, op. cit., p. 222.
77. Id., ibid.
78. Id., ibid., pp. 222-4; "Malcolm X's Home Is Bombed", Chicago Tribune, 15 fev. 1965; "Three Fire Bombs Hit Home of Malcolm X", Los Angeles Times, 15 fev. 1965; "Malcolm X, Kin Flee Bombing", New York Daily News, 15 fev. 1965; "Who Bombed Malcolm X's Home?", New York Post, 15 fev. 1965; "Malcolm X Denies He Is Bomber", Amsterdam News, 20 fev. 1965; e "Malcolm X Accuses Muslims", The New York Times, 16 fev. 1965.
79. Entrevista com Thomas 15X Johnson, 29 set. 2004. Depois da morte de Johnson's, o pesquisador Abdur-Rahman Muhammad, estudioso de Malcolm X, também confirmou que membros da NOIforam responsáveis por atacar a bomba a casa dos Shabazz.
80. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 222-4.

15. A MORTE CHEGA NA HORA

1. Memorandot MX FBI , carta de W. C. Sullivan para J. F. Bland, 1 fev. 1965; Memorando MX FBI , Escritório de Detroit, 14 fev. 1965 e 17 fev. 1965; e Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 75-107.
2. Reverendo Albert Cleage, "Myths About Malcolm X", International Socialist Review, v. 28, n. 5, p. 33, set./out. 1967.
3. Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 75-107.
4. "Malcolm X's Home Is Bombed", Chicago Tribune; "Three Fire Bombs Hit Home of Malcolm X", Los Angeles Times; e "Malcolm X's Home is Fire-Bombed", The Washington Post, 15 fev. 1965.
5. "Malcolm Accused Muslims of Blaze; They Point to Him", The New York Times, 18 fev. 1965; "Malcolm X Promises Names of Bombers", Los Angeles Sentinel, 18 fev. 1965; "Malcolm X Denies He Is Bomber", Amsterdam News; e "Bottle of Gasoline Found on Dresser in Malcolm X Home", The New York Times, 17 fev. 1965.
6. Bruce Perry (Org.), op. cit., pp. 111-49; "Malcolm Links Klan, Muslims", New York Post, 16 fev. 1965; Relatório resumido FBI Goodman, Escritório de Nova York, 17 fev. 1966; e Memorando MX FBI , Escritório de Nova York, 16 fev. 1965.
7. Bruce Perry (Org.), op. cit., pp. 124-6.
8. "Malcolm X Averts Writ by Moving Out", The New York Times, 19 fev. 1965.
9. James Booker, "Malcolm X Speaks", Amsterdam News, 6 fev. 1965.
10. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 266.
11. Martin Paris, "Negroes Are Willing to Use Terrorism, Says Malcolm X", Columbia Daily Spectator, 19 fev. 1965.
12. Steve Clark (Org.), op. cit., pp. 240-2.
13. Entrevista com Peter Bailey, 4 set. 1968, Divisão de Manuscritos, Centro Moorland-Spingarn de Pesquisa, Biblioteca da Universidade Howard.
14. Roger Abel, The Black Shield. Bloomington, IN: Author House, 2006, pp. 471-2.
15. Russell J. Rickford, op. cit., p. 225; e Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 267-8.
16. Relato de James 67X Warden, 18 jun. 2003; e entrevista com Abdur-Rahman Muhammad, 4 out. 2010.
17. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 268.
18. Id., ibid.
19. Michael Friedly, Malcolm X: The Assassination. Nova York: Carroll and Graf, 1992, p. 104; e notas do

advogado William Kunstler, Arquivo 871-65, MANY.

20. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 250-1.
21. Entrevista com Thomas 15X Johnson, 29 set. 2004.
22. Ibid.
23. Depoimento de Max Stanford, 28 ago. 2007; e entrevista com Abdur-Rahman Muhammad, 4 out. 2010.
24. Sara Mitchell, op. cit., pp. 15-7.
25. Id., ibid., pp. 17-8.
26. Entrevista com James 67X Warden, 1 ago. 2007.
27. Relatório resumido FBI Morris, Escritório de Nova York, 1 mar. 1965.
28. Russell J. Rickford, op. cit., p. 215.
29. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 266.
30. Maya Angelou, op. cit., pp. 8-11, 14.
31. Entrevista com Herman Ferguson, 24 jul. 2004.
32. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 418.
33. Entrevistas com James 67X Warden, 18 jun. 2003 e 1 ago. 2007.
34. John L. Esposito (Org.), op. cit., pp. 27, 120.
35. Entrevista com Gerry Fulcher, 3 out. 2007.
36. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 261-2.
37. Id., ibid., p. 416; e notas do advogado William Kunstler, arquivo 871-65, série I, MANY.
38. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 416-7; e entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
39. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 417-8.
40. Almustafa Shabazz, Departamento de correções de Nova Jersey. Informações podem ser obtidas online no site sobre criminosos de Nova Jersey (<http://www.state.nj.us/corrections/>). Nos anos 1970 e 1980, Bradley adotou o nome de Almustafa Shabazz. Seu sobrenome Shabaaz indica que ele manteve relações com a NOI.
41. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 268.
42. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 226-7.
43. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 269-70.
44. Ibid., p. 269; e entrevista com Peter Goldman, 11 jul. 2004.
45. Entrevista com Peter Bailey, 20 jun. 2003.
46. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 271; e entrevistas com James 67X Warden, 18 jun. 2003 e 1 ago. 2007.
47. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 271.
48. Id., ibid.
49. Sara Mitchell, op. cit., p. 7.
50. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 271; Transcrição do discurso de Benjamin 2X Goodman, pronunciado no salão do Audubon, 21 fev. 1965. Cópia da gravação de áudio em poder do autor.
51. Entrevista de Betty Shabazz no NYPD, 1 mar. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY; e entrevista com Jessie 8X Ryan no NYPD, sem data, Arquivo 871-65, série i, MANY.
52. Transcrição do discurso de Benjamin 2X Goodman. As sucessivas versões apresentadas por Benjamin de seus comentários finais quase não guardam semelhança alguma com o que ele de fato disse em 21 de fevereiro de 1965. Para o jornalista/historiador Peter Goldman, Benjamin contou que tinha apresentado Malcolm com estas comoventes palavras: "Eu lhes apresento... alguém que está disposto a correr risco por vocês... Um homem que daria a vida por vocês". Ver Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 271-3.
53. Id., ibid.
54. Roberts reagiu à comoção na plateia deslocando-se dos fundos para a frente do salão. Ver Peter Goldman,

The Death and Life of Malcolm X, p. 273.

55. Entrevista com Herman Ferguson, 27 jun. 2003.
56. Ibid.
57. Entrevista com John D. Davis no NYPD, 5 mar. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY.
58. Entrevista com Charles 37X Morris no NYPD, sem data, ibid.
59. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 275-7.
60. Entrevista com William H. George na Promotoria Pública de Nova York, 18 mar. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY.
61. Welton Smith, "The 15 Seconds of Murder: Shots, a Bomb, and Despair", New York Herald Tribune, 22 fev. 1965. Outros minuciosos relatos jornalísticos do assassinato de Malcolm incluem: John Mallon, "Gunned Down as He Addresses Rally; 3 Men Wounded", New York Daily News, 22 fev. 1965; Walter Blitz, "Gunmen Kill Malcolm X: Black Nationalist Is Shot at Rally in ny", Chicago Tribune, 22 fev. 1965; "There Are Three Who Will Remember", New York World-Telegram, 22 fev. 1965; e Richard Barr, "Malcolm X Slain: The Reason Why", New York Journal-American, 22 fev. 1965.
62. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 229-30.
63. Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., pp. 471-2.
64. Earl Grant, "The Last Days of Malcolm X", em Steve Clarke (Org.), op. cit., p. 96.
65. Entrevista com Herman Ferguson, 24 jul. 2004.
66. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 278.
67. Benjamin Karim, Peter Skutches e David Gallen, Remembering Malcolm. Nova York: Carroll and Graf, 1992, p. 190.
68. Sara Mitchell, op. cit., p. 20.
69. Entrevista de Abdullah Abdur-Razaaq com o jornalista Gil Noble, Like It Is, abc, 7 jun. 1998, Nova York.
70. Ibid. Nessa entrevista concedida à televisão em 1998, Abdur-Razaaq insistiu: "Não tenho a menor dúvida de que Malcolm foi executado. Ele não foi assassinado. Quando se assassina alguém, leva-se em conta a maneira de fazê-lo e a plateia que assiste. E, quando alguém é executado, existe uma autoridade por trás do crime... Não tenho a menor dúvida de que o FBI, o BOSS do Departamento de Política de Nova York [estavam] mancomunados com aqueles que apertaram o gatilho", declarou James.
71. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 274.
72. Cronologia da investigação, 21 fev. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY.
73. Ibid.
74. Ibid.
75. Entrevista com Willie Harris no NYPD, 21 fev. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY.
76. Entrevista com William Parker no NYPD, 21 fev. 1965, ibid.
77. Earl Grant, op. cit., p. 96.
78. Welton Smith, op. cit.
79. Numa entrevista em 2004, Peter Goldman levantou a pergunta com toda a franqueza: "O que a polícia deveria ter feito?... Deveria ter levado muito a sério a ameaça. Não deveria ter dito à imprensa que o ataque a bomba, por exemplo, tinha sido um golpe publicitário. Deveria ter sido mais agressiva em sua tentativa" de impedir o assassinato. Para Goldman, o FBI foi muito mais responsável por deflagar o assassinato de Malcolm X do que o NYPD, porque "pôs fogo na guerra civil" entre os seguidores de Malcolm e a NOI. Entrevista de Peter Goldman, 12 jul. 2004.
80. Abdur-Razaaq, no programa Like It Is, 7 jul. 1998.
81. Entrevista com James Warden com o promotor público assistente de Nova York, Herbert Ster, e o NYPD, 21 fev. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY.
82. Entrevista de Reuben Francis com Herbert Stern e o NYPD, 21 fev. 1965, ibid.
83. Entrevista com Peter Goldman, 12 jul. 2004.
84. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 271-2.

85. FBI "Relatório de Informante", não identificado, 22 fev. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY. Nota do autor: o FBI mantinha vários arquivos em aberto sobre Malcolm X, Elijah Muhammad e outros líderes da NOIna sede do FBI e em diferentes escritórios nos Estados Unidos. Cada documento, mesmo relevantes recortes de jornal relativos ao assunto, era catalogado separadamente. Nos casos de vários documentos importantes do FBI, editados ou não, que estão disponíveis no arquivo do Promotor Público de Nova York sobre o assassinato de Malcolm X, simplesmente identifiquei cada um por seu conteúdo e data.
86. Jasper Davis Report, Teletipo, Escritório de Nova York, 23 fev. 1964, nos arquivos do Promotor Público, ibid.
87. FBI, Teletipo, Escritório de Nova York, 22 fev. 1965, ibid.
88. Ibid.
89. Teletipo sobre Ronald Timberlake, Escritório de Nova York, 22 fev. 1965, ibid.
90. Entrevista com Ronald Timberlake no NYPD, 22 fev. 1964, ibid.
91. Claude A. Clegg, op. cit., p. 228.
92. Carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 21 fev. 1965; e carta de Alex Haley para Paul Reynolds, 27 fev. 1965, Coleção Anne Romaine, utlsc, série i, caixa 3, pasta 24.
93. Carta de Kenneth McCormick para Alex Haley, 16 mar. 1965; carta de Haley para McCormick, 22 mar. 1965; carta de McCormick para Bob Banker, 7 abr. 1965; e carta de McCormick para Haley e o Espólio de Malcolm X, por vezes chamado de Malik Shabazz, 19 abr. 1965, todos na coleção Anne Romaine, utlsc, série i, caixa 3, pasta 23. No começo de março de 1965, Nelson Doubleday, dono da editora Doubleday and Company, ordenou a seu editor chefe Kenneth McCormick que cancelasse o acordo. Doubleday tinha pago adiantamentos de mais de 15 mil dólares para Haley e Malcolm X. McCormick posteriormente escreveria para Haley dizendo que "o mais difícil foi ligar para Paul Reynolds e pedir-lhe que mostrasse a Autobiografia de Malcolm X a outros editores. Numa decisão política na Doubleday, na qual fui minoria e voto vencido, decidiu-se que não publicaríamos o livro". Ver carta de McCormick para Haley, 16 mar. 1965.
94. Michael Friedly, op. cit., p. 36; e entrevista com Norman 3X Butler, 22 dez. 2008.
95. Karl Evanzz, The Judas Factor: The Plot to Kill Malcolm X. Nova York: Thunder's Mouth, 1992, pp. 282, 303.
96. Entrevista com Thomas 15X Johnson, 8 set. 2004.
97. Louis A. DeCaro, On the Side of My People, pp. 274-5.
98. Maya Angelou, op. cit., pp. 24-5.

16. VIDA DEPOIS DA MORTE

1. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 287.
2. Autópsia de Malcolm X, Dr. Milton Helpern, 22 fev. 1965, Arquivo 871-65, Série i, MANY.
3. Ibid.
4. Entrevista com George Matthews no NYPD, 8 abr. 1965, Arquivo 871-65, Série i, MANY.
5. Entrevista com Sharon 6X Shabazz no salão Audubon, 21 fev. 1965, no filme documentário produzido por Omar Shabazz, Inside Job: Betrayal of the Black Messiah, 19 maio 2010.
6. Michael Friedly, op. cit., pp. 34-7.
7. Entrevista com Sharon 6X Shabazz no NYPD, 27 fev. 1965, Arquivo 871-65, Série i, MANY.
8. Entrevista com Abdur-Rahman Muhammad, 4 nov. 2010.
9. Entrevista com Earl Grant no NYPD, 8 mar. 1965, Arquivo 871-65 Série i, MANY.
10. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 305-7.

11. Entrevista com Linwood X Cathcart no NYPD, 25 mar. 1964, Arquivo 871-65, Série i, MANY.
12. Entrevista com Robert 16X Gray no NYPD, 22 mar. 1965, ibid.
13. Arquivo de Joseph Gravitt, sem data, ibid.
14. Entrevista com Gerry Fulcher, 3 out. 2007.
15. Peter Kihss, "Mosque Fires Stir Fear of Vendetta in Malcolm Case", The New York Times, 24 fev. 1965.
16. Entrevista com Peter Bailey, 4 set. 1968.
17. Philip Benjamin, "Malcolm X Lived in Two Worlds, White and Black, Both Bitter", The New York Times, 22 fev. 1965.
18. "Malcolm X", The New York Times, 22 fev. 1965. A cobertura e os editoriais da imprensa de um lado a outro dos Estados Unidos foram, com raras exceções, parecidos com os do Times. O Los Angeles Times, por exemplo, declarou que "há mais de dez anos, o nome de Malcolm X tem sido quase sinônimo de ódio à raça branca". Mesmo "depois do rompimento" com a Nação, "ele deixou claro que ainda odiava os brancos, a quem chamava de 'demônios brancos'". Ver "Hatred for Whites Obsessed Malcolm X", Los Angeles Times, 22 fev. 1965.
19. "Death and Transfiguration", Time, 5 mar. 1965.
20. "Malcolm X (1925-1965)", Saturday Evening Post, v. 238, n. 6, p. 88, 27 mar. 1965.
21. Jimmy Breslin, "Malcolm X Slain by Gunmen as 400 in Ballroom Watch: Police Rescue Two Suspects", New York Herald Tribune, 22 fev. 1965 (primeira edição impressa em 21 fev. 1965).
22. Id., ibid.
23. Ver George Breitman, Herman Porter e Baxter Smith (Orgs.), The Assassination of Malcolm X. Nova York: Pathfinder, 1976.
24. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 276.
25. Douglas Robinson, "Rights Leaders Decry 'Violence'", The New York Times, 22 fev. 1965.
26. "What They're Saying", Afro-American, 6 mar. 1965.
27. Fred Powledge, "CORE Chief Calls Slaying Political", The New York Times, 24 fev. 1965.
28. David Remnick, op. cit., p. 304.
29. "Muslim Mosque Burns in Harlem; Blast Reported", The New York Times, 23 fev. 1965; Walter Bilitz, "See Fire as Reprisal", Chicago Tribune, 23 fev. 1965; e "nyc Mosque Destroyed in Blast", Chicago Defender, 24 fev. 1965.
30. Entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006.
31. Peter Kihss, op. cit. A mesquita da NOIem São Francisco também foi atacada com bombas incendiárias.
32. Paul L. Montgomery, "Muslims Enraged by 'Sneak Attack'", The New York Times, 24 fev. 1965.
33. Thomas Fitzpatrick, "5,000 Muslims Meet Today in Security Vise", Chicago Tribune, 26 fev. 1965; e Thomas Fitzpatrick, "Heavy Guard Readied for Muslim Chief", Chicago Tribune, 25 fev. 1965.
34. Thomas Fitzpatrick, "Muslim Sect Hears Chief Hit Malcolm", Chicago Tribune, 27 fev. 1965.
35. Id., ibid.; "Muhammad Passes Up Session of Convention", Los Angeles Times, 28 fev. 1965; e Thomas Fitzpatrick, "Elijah's Men Maul Foe, 30, at Sect Rally", Chicago Tribune, 1 mar. 1965. Cerca de 7,500 pessoas compareceram à convenção que durou três dias. Muhammad Ali também subiu ao palco para renovar seus votos de lealdade ao patriarca.
36. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 242-52.
37. Id., ibid., pp. 252-3.
38. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., pp. 461-2; e entrevista com Ossie Davis, 29 jun. 2003.
39. Malcolm X e Alex Haley, op. cit., p. 462; e Russell J. Rickford, op. cit., pp. 254-5.
40. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 308.
41. Entrevista com Larry 4X Prescott, 9 jun. 2006.
42. Entrevista com Max Stanford, 28 ago. 2007.
43. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 255-65.
44. Id., ibid., pp. 268-70.
45. Entrevista com James 67X Warden, 24 jul. 2007 e 1 ago. 2007.

46. Entrevista com Max Stanford, 28 ago. 2007.
47. Memorando FBI Morris Escritório de Nova York, 4 jun. 1965.
48. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 318.
49. Id., ibid., pp. 310, 318-20, 329-33.
50. Robert L. Jenkins, "Cary Thomas". In: Robert L. Jenkins (Org.), op. cit., pp. 531-2.
51. Michael Friedly, op. cit., pp. 42-3; e entrevistas com Cary Thomas no NYPD, 3 mar. 1965 e 12 mar. 1965, Arquivo 871-65, série i, MANY.
52. Entrevista com Norman 3X Butler, 22 dez. 2008.
53. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 335-9, 348-53.
54. Id., ibid., pp. 339-40; e entrevista com Thomas 15X Johnson, 29 set. 2004.
55. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm. X, pp. 339-40.
56. Id., ibid., pp. 333-5.
57. Entrevista com Thomas 15X Johnson, 29 set. 2004.
58. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, pp. 357-9, 373-4.
59. Manning Marable, Living Black History, p. 197; e Frank Kofsky, op. cit., p. 155.
60. Frank Kofsky, op. cit., p. 64.
61. Amiri Baraka (também conhecido como LeRoi Jones), "Jazz Criticism and Its Effect on the Art Form". In: David Baker (Org.), New Perspectives in Jazz. Washington, D.C.: Smithsonian, 1986, p. 66.
62. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 383.
63. Eliot Fremont-Smith, "An Eloquent Testament", The New York Times, 5 nov. 1965.
64. Truman Nelson, "Delinquent's Progress", Nation, 8 nov. 1965, pp. 336-8.
65. Bayard Rustin, "Making His Mark", The Washington Post, 14 nov. 1965.
66. Id., ibid.
67. Eric Pace, "Alex Haley, 70, Author of Roots, Dies", The New York Times, 11 fev. 1992.
68. Ver FBI, Arquivo de Morris.
69. Benjamin Karim, Peter Skutches e David Gallen, op. cit., p. 191.
70. Memorando FBI Goodman, Escritório de Nova York, 27 abr. 1966.
71. Ibid.
72. Entrevista com Langston Hughes Savage, 6 set. 2008.
73. David Remnick, op. cit., p. 240.
74. Id., ibid., pp. 253-6.
75. Sobre a ascensão de Wallace Muhammad ao poder na NOI, ver Clifton E. Marsh, From Black Muslims to Muslims: The Resurrection, Transformation, and Change of the Lost-Found Nation of lslam in America, 1930-1995, 2. ed. (Londres: Scarecrow, 1996), pp. 101-11, 157-71; Claude A. Clegg, op. cit., pp. 98, 162, 181-3, 206-7, 273-4, 282; "Son Will Succeed Elijah Muhammad", Amsterdam News, 1 mar. 1975; "There Is No Power Struggle Among Black Muslims", Amsterdam News, 22 mar. 1975; e "An Interview with Elijah Muhammad's Successor", Amsterdam News, 9 abr. 1975.
76. "New Muslim Leader Invites Contributions from Whites", Amsterdam News, 23 abr. 1975; e "Muslims to Accept White Followers", Amsterdam News, 25 jun. 1975.
77. "W. Deen Mohammed: A Leap of Faith", Chicago Tribune, 20 out. 2002.
78. Clifton E. Marsh, op. cit., pp. 103-6.
79. Id., ibid., pp. 107-10.
80. "Suit Charges Late Muslim Leader's Estate Misused", Jet, 28 mar. 1981.
81. Entrevista com Larry 4X Prescott, 7 nov. 2007.
82. "Muslim Slain in Jersey", Amsterdam News, 8 set. 1973.
83. Karl Evanzz, The Messenger, p. 377.
84. Id., ibid., p. 364.
85. Óbitos de Illinois, Raymond Sharrieff, Índice de Óbitos da Previdência Social dos Estados Unidos, Busca de Família na Internet (<www.familysearch.org>; 19 jun. 2010).

86. Richard Goldstein, "Jabir Herbert Muhammad, Who Managed Muhammad Ali, Dies at 79", The New York Times, 27 ago. 2008.
87. Margaret Ramirez, Manya Brachear e Ron Grossman, "Imam W. Deen Mohammed, 1933-2008", Chicago Tribune, 10 set. 2008; e Patricia Sullivan, "W. D. Mohammed: Changed Muslim Movement in U.S.", The Washington Post, 10 set. 2008.
88. Bill Cunningham e Daniel Golden, "Malcolm: The Boston Years", Boston Globe, 16 fev. 1992.
89. Id., ibid.
90. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 359-61, 364-6, 437-9, 505-13.
91. Emanuel Parker, "Nation Mourns Loss of Betty Shabazz", Los Angeles Sentinel, 26 jun. 1997.
92. Id., ibid.
93. Russell J. Rickford, op. cit., pp. 536-45.
94. Entrevista com Gerry Fulcher, 3 out. 2007.
95. Ibid.
96. Les Matthews, "Malcolm X Killer Talks; Names 4", Amsterdam News, 29 abr. 1978.
97. Charles Kaiser, "2 Held Not Guilty in Malcolm Case", The New York Times, 27 jul. 1978.
98. "Federal Hearings Asked into Malcolm X Murder", The New York Times, 30 abr. 1979.
99. Ibid.; e "Probe Requested in Malcolm Death", Los Angeles Sentinel, 20 jul. 1978.
100. Robert Fleming, "Khalil Islam; Wrongly Convicted of Killing Malcolm X, Dies", Black Star News, 7 ago. 2009.
101. Jennifer Peltz, "Thomas Hagen, Only Man to Admit Role in Malcolm X Assassination, Is Freed on Parole in nyc", Associated Press, 27 abr. 2010.
102. Ver Zak Kondo, Conspiracys: Unraveling the Assassination of Malcolm X. Washington, D.C.: Nubia, 1993.
103. Processo: United States of America v. James Henry Moore and William Bradley, título 18 U.S.C. sessões 2113(d) e (D.N.J. 1699); e "Livingston Bank Is Held Up", The New York Times, 12 abr. 1968.
104. Processo: United States of America v. James Henry Moore, appellant, and William Bradley, 453F 2d 601 (3d Cir. 1971).
105. Processo: United States of America v. William Bradley, Notice of Appearance, 19 jul. 1969.
106. Processo: United States of America v. William Bradley, Order for Dismissal 21 ago. 1970.
107. Peter Goldman, The Death and Life of Malcolm X, p. 428.
108. "Sports Briefs", Amsterdam News, 21 fev. 1981; Collie J. Nicholson, "King Refutes New York Post Claim", Los Angeles Sentinel, 24 jun. 1999; e Newark Athletic Hall of Fame (Disponível em: <http://www.newarkathletichalloffame.org/_fileCabinet/nahfpastInductees.pdf>; último acesso em: 5 fev. 2013). Carolyn Kelly-Shabazz foi formalmente admitida no Hall Atlético da Fama de Newark em 2005.
109. Omar Shabazz, op. cit.
110. Richard Prince, "Malcolm X Scholars Point to a Trig-german", 24 maio 2010, Maynard Institute (Disponível em: <http://mije.org/richardprince/malcolm-x-scholars-id-triggerman>; último acesso em: 5 fev. 2013).
111. Omar Shabazz, op. cit.
112. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007; e entrevista de Mike Wallace com Louis Farrakhan, 60 Minutes, cbs, 29 set. 2009.
113. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.
114. Ibid.
115. "Muslims Name Successor to Malcolm X", Afro-American, 28 ago. 1965.
116. Entrevista com Louis Farrakhan, 9 maio 2005.
117. Entrevista com Louis Farrakhan, 27 dez. 2007.

1. LeRoi Jones, Home: Social Essays. Nova York: William Morrow, 1966, pp. 238-50.
2. "Malcolm X a Harlem Idol on Eve of Murder Trial", The New York Times, 5 dez. 1965.
3. Stokely Carmichael (Kwame Ture) e Ekwueme Michael Thelwell, Ready for Revolution. Nova York: Scribner, 1993, pp. 253, 259. Acrescentou Carmichael: "Era revigorante para jovens africanos ouvir alguém se levantar para descrever tão destemidamente os Estados Unidos reais que os negros conheciam e viviam todos os dias. Em especial num ambiente tão inexoravelmente sensível aos melindres da mesma classe dominante branca responsável por perpetuar a opressão da nossa gente" (p. 261).
4. Entrevista com Ossie Davis, 29 jun. 2003.
5. William Mervin Gumede, Thabo Mbeki and the Battle for the Soul of the ANC. Cidade do Cabo, África do Sul: Zebra Press, 2007, p. 24.
6. Ver Manning Marable, Race, Reform and Rebellion, pp. 238-40.
7. As vendas da Autobiografia de Malcolm X aumentaram 300% de 1989 a 1992, durante a época áurea da música hip-hop. Ver Lewis Lord, Jeannye Thornton e Alejandro Bodipo-Memba, "The Legacy of Malcolm X", U.S. News and World Report, 15 nov. 1992.
8. Paul Lee, "Unseen Unity", Michigan Citizen, 30 set. 2009.
9. Philip Sherwell, "The New Malcolm X?", Sunday Telegraph, 9 abr. 2006.
10. Mark Mazzetti, "Al-Qaeda Offers Obama Insults and a Warning", The New York Times, 20 nov. 2008.
11. James Baldwin, "Malcolm and Martin", Esquire, v. 77, n. 4, pp. 94-7, 195-202, abr. 1972.

Siglas e glossário

AFL-CIO: American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations [Federação Americana do Trabalho e o Congresso de Organizações Industriais]
BOSS: Bureau of Special Services [Escritório de Serviços Especiais]
CORE: Congress of Racial Equality [Congresso de Igualdade Racial]
HAYROU: Harlem Youth Opportunities Unlimited [Oportunidades Ilimitadas para a Juventude do Harlem]
KKK: Ku Klux Klan
MMI: Muslim Mosque, Inc. [Mesquita Muçulmana]
NAACP: National Association for the Advancement of Colored People [Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor]
NOI: Nation of Islam [Nação do Islã]
OAAU: Organization of Afro-American Unity [Organização para a Unidade Afro-Americana]
OUA: Organização da Unidade Africana
RAM: Revolutionary Action Movement [Movimento de Ação Revolucionária]
SCIA: Supreme Council on Islamic Affairs [Conselho Supremo de Assuntos Islâmicos]
SCLC.: Southern Christian Leadership Conference [Conferência Sulista de Liderança Cristã]
SNCC: Student Nonviolent Coordinating Committee [Comitê Não Violento de Coordenação Estudantil]

"A White Man's Heaven Is a Black Man's Hell": Canção composta para a Nação do Islã pelo cantor de calipso e futuro ministro nacional Louis Farrakhan.
As-salaam alaikum: Saudação verbal árabe; o termo "salaam" significa "paz" e a saudação pode ser traduzida como "A paz esteja convosco".
Caaba: Construção cúbica de autoria de Abraão, de acordo com a tradição islâmica, fica dentro da Masjid al-Haram em Meca e é o ponto para o qual todos os muçulmanos dirigem suas preces. A Caaba é contornada durante o hajj, processo chamado de tawaf.
Cinco pilares do Islã: Os cinco deveres de todo muçulmano sunita, incluindo shahada, salat, zakat, sawm e hajj.
Convenção do Dia do Salvador: Reunião anual da NOI, realizada em Chicago, por volta de 26 de fevereiro, em honra do nascimento do fundador, W. D. Fard.
Família real: Nome que se referia à família de Elijah Muhammad, mais especificamente a mulher Clara, as filhas Ethel e Lottie, e os filhos Nathaniel, Herbert, Elijah Jr., Akbar e Wallace. O genro Raymond Sharrieff também era íntimo da família e detinha grande parcela de poder.
Fitna: Do verbo árabe que significa "seduzir, tentar, atrair", fitna pode se referir à tentação que os fiéis devem

enfrentar ou ao período de caos e desordem que precede a salvação. Também pode descrever fragmentação ou guerra civil dentro da comunidade muçulmana.

Fruto do Islã: "Fruto", como é geralmente chamado, é um grupo paralimitar formado apenas de homens da Nação do Islã, encarregado da segurança, e cujos membros são recrutados de várias mesquitas. Os membros se caracterizam pelos distintos uniformes em azul e branco e pelo boné com uma estrela e um crescente ou a sigla foi.

Hajj: O quinto pilar do Islã, o hajj é a maior peregrinação anual do mundo e deve ser empreendida pelo menos uma vez na vida por todos os muçulmanos física ou financeiramente capazes. É realizada entre o sétimo e o 13º dias, durante o 12º mês do calendário islâmico.

História de Yacub: De acordo com a teologia da NOI, o dr. Yacub (também grafado como Yakub) foi um cientista que viveu em Meca em 8400 a.C. Depois que ele e seus seguidores foram exilados numa ilha do Mar Egeu, Yacub buscou vingar-se enxertando o gene negro do Homem Original até que a raça branca fosse criada, bem depois de sua morte com a idade de 152 anos.

Homem original: Expressão usada pela Nação do Islã para afirmar que os negros foram os primeiros seres humanos da Terra e por isso os criadores da civilização humana.

Imã: Líder espiritual ou comunitário muçulmano que dirige as preces nas cerimônias religiosas.

Jihad: Obrigação religiosa que significa "luta", jihad é o esforço para alcançar a perfeição no Islã; também pode se referir a uma guerra santa contra os infiéis. Alguns eruditos sunitas a categorizam como o sexto pilar extraoficial do Islã.

Kafan: Roupa branca limpa em que o corpo é envolto durante um funeral islâmico tradicional.

Legião Negra (Black Legion): Grupo ligado à Ku Klux Klan que também advogava o ódio, era composto de quase 30 mil pessoas e centrava-se em Detroit e outras cidades do centro-oeste. A Legião Negra foi responsável por numerosos crimes contra imigrantes, minorias e suspeitos de serem comunistas; supostamente o grupo foi responsável pela morte do pai de Malcolm X, Earl Little.

Meca: A cidade mais santa do Islã, Meca é vedada aos não muçulmanos e é onde se realizam as festividades do hajj.

Medina: A segunda cidade mais santa do Islã, Medina é onde está sepultado o profeta Maomé, e foi para onde ele migrou de Meca, em 622 d.C.

Muhammad Speaks: Jornal oficial da Nação do Islã, o Muhammad Speaks foi criado por Malcolm X em 1960 como um pequeno panfleto de Nova York; o controle editorial foi rapidamente transferido para Herbert Muhammad, e com o tempo o jornal cresceu a ponto de tornar-se o semanário negro mais amplamente divulgado, com uma circulação estimada entre 600 mil e 900 mil exemplares no começo dos anos 1970.

Nave Mãe: Nave espacial cilíndrica que, segundo a crença, carregava 1500 naves menores para destruir os Estados Unidos e a Inglaterra durante o julgamento, de acordo com a escatologia da NOI.

Orgena: Peça escrita por Louis Farrakhan no fim dos anos 1950, Orgena ("Um negro", escrito de trás para a frente) conta uma história na qual um homem negro é alienado de sua cultura original e escravizado, antes de se tornar cidadão de segunda classe e redescobrir sua herança cultural. A peça foi representada, mais notoriamente, no Carnegie Hall e no Town Hall de Nova York.

Pescar: Converter pessoas para a Nação do Islã.

Poço de Zamzam: Poço localizado dentro da Masjid al-Haram, não muito longe da Caaba. Peregrinos bebem água do poço todo ano durante o hajj ou a umrah.

Salat: Um dos cinco pilares, o salat designa a prece formal, a ser praticada cinco vezes por dia: alvorecer, meio-dia, tarde, pôr do sol e anoitecer.

Sawn: Vocábulo árabe para jejum, significa "abster-se de alimento, bebida e relações sexuais", nos termos da lei islâmica. Praticar o sawn durante o Ramadã é um dos cinco pilares.

Shahada: A declamação da shahada, que significa "testemunho", é o mais importante dos cinco pilares do Islã. A declamação pode ser traduzida como "Só Alá é Deus e Maomé o seu profeta".

Sunismo: Refere-se àqueles que aceitam a Suna, ou as palavras e ações do profeta Maomé; é a maior comunidade muçulmana, abrangendo quase 90% dos muçulmanos do mundo.

Tawaf: Ritual islâmico do hajj e do umrah para demonstrar a união dos fiéis, no qual muçulmanos dão sete voltas em torno da Caaba em sentido anti-horário.

Treinamento de Moças Islâmicas (MGT) e Aula de Civilização Geral: Aula semanal para mulheres dentro da Nação do Islã que enfatizava as prendas domésticas, como cuidar da casa, criar filhos, cozinhar etc. Também oferecia um espaço social para as mulheres do movimento se encontrarem e compartilharem suas opiniões religiosas e políticas.

Tribo de Shabazz: De acordo com a teologia da NOI, a Tribo de Shabazz foi a única sobrevivente de treze tribos que viveram 66 trilhões de anos atrás. Era chefiada por um cientista do mesmo nome, e segundo a crença membros da NOIeram descendentes da tribo que acabaram se fixando na atual Meca.

Ummah: Vocábulo árabe que significa "comunidade" ou "nação", refere-se ao mundo árabe, ou, no Islã, à diáspora de fiéis no mundo inteiro.

Umrah: Peregrinação menor do que o hajj, refere-se a viagens a locais sagrados fora da temporada.

Walaikum salaam: Resposta típica ao As-salaam alaikum; significa "E contigo esteja a paz".

X: Todo membro da Nação do Islã era solicitado a abandonar o sobrenome e substituí-lo por X, que representava o sobrenome ancestral desconhecido, eliminado durante a escravidão. Números precediam o X se mais de um membro de determinada mesquita tivesse o mesmo prenome, na sequência da data de filiação.

Xiismo: Segundo maior ramo do Islã, o xiismo considera Ali (primo e genro de Maomé) e sua linhagem como os legítimos herdeiros do profeta.

Zakat: Outro dos cinco pilares, zakat é a percentagem calculada dos bens ou rendimentos do fiel a ser doada para os necessitados e para a comunidade.